CPAD

7 João a Atos

Comentário Bíblico Beacon

Ralph Earle
Joseph H. Mayfield

CPAD

7 João a Atos

Comentário Bíblico BEACON

Ralph Earle
Joseph H. Mayfield

1. ATOS DOS APÓSTOLOS
2. Para encorajar a fé do homem, Pedro, tomando-o pel
3. Qual foi a reação de Estêvão a estas falsas acusaç
4. O resultado da partida de Paulo de Jerusalém teve
5. TESTEMUNHANDO NO MUNDO GENTÍLICO
6. O texto original retrata a restauração do Tabernác
7. F. Grécia, 17.16—18.17
8. Bispos corresponde a episkopos (de onde vem a pala
9. J. Cesaréia, 24.1—26.32
10. K. A Viagem a Roma, 27.1—28.16.
11. L. Roma, 28.17-31
12. 408Op. cit.,p. 173.
13. APARIÇÕES DE JESUS APÓS A RESSURREIÇÃO
14. COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Comentário Bíblico

EACON

JOAO E ATOS

7

CB4D

LIVRO DOS

ATOS DOS APÓSTOLOS

Ralph Earle

Introdução

A. Importância

0 livro de Atos tem um lugar único no Novo Testamento. Ele estabelece uma conexão lógica entre os Evangelhos e as epístolas. Seria muito mais difícil ler as epístolas de Paulo de modo compreensível sem o histórico fornecido pelo livro de Atos. Dois ou

três exemplos da primeira epístola aos Tessalonicenses podem provar isto. Paulo diz que ele e seu companheiro tinham sido "agravados em Filipos" (1 Ts 2.2). Em Atos 16.19-24, descreve-se este vergonhoso tratamento. Novamente, Paulo escreve: "Pelo que, não podendo esperar mais, de boa mente quisemos deixar-nos ficar sós em Atenas; e enviamos Timóteo... para vos confortar e vos exortar" (1 Ts 3.1-2). Voltando ao livro de Atos, vemos que Timóteo uniu-se ao grupo em Listra, na segunda viagem missionária de Paulo (At

16.1-3). Também podemos ler, no capítulo 17, como Paulo foi forçado a deixar Tessalônica e Beréia, em razão da perseguição dos judeus, e foi a Atenas. Dali, ele enviou Timóteo de volta a Tessalônica. O livro de Atos nos fornece, assim, o contexto histórico das epístolas de Paulo (exceto as pastorais). E a primeira história escrita da Igreja, embora abranja um período de cerca de apenas trinta anos (30—61 ou 62 d.C.).

B. Autoria

A voz universal da Igreja Primitiva declara que o livro de Atos foi escrito por Lucas. Isto é particularmente significativo porque Lucas é mencionado somente três vezes no Novo Testamento. Era comum, nos séculos II e III, atribuir evangelhos apócrifos, o livro de Atos e epístolas aos vários apóstolos, mas não a homens obscuros. Isto já é um argumento forte em favor da autoria de Lucas para o livro de Atos.

As três referências a Lucas estão nas epístolas de Paulo. Em Filemom 24, Paulo inclui Lucas entre os seus "cooperadores". Em Colossenses 4.14, ele o descreve como "Lucas, o médico amado". E, em 2 Timóteo 4.11, ele escreve: "só Lucas está comigo". Estes escritos mostram que Lucas era um companheiro de Paulo, médico, e que somente ele estava com Paulo nos últimos anos da vida do apóstolo — provavelmente como o seu médico.

A evidência externa para a autoria de Lucas é adequada. A respeito do testemunho de Irineu sobre Atos, na última parte do século II, Grant escreve: "Ele não apenas o usou, mas também forneceu a prova

clássica de que o livro foi escrito por Lucas: a informação detalhada nas passagens "nós" (At 16.9-18; 20.5-21.18; 27.1-28.16) prova que ele foi escrito por um companheiro de Paulo, o qual foi com ele a Roma; este companheiro deve ter sido Lucas, na prisão em Roma (Cl 4.14), e posteriormente (2 Tm 4.11).[1]0 Fragmento Muratório (de aprox. 200 d.C.) diz:

Além disso, os atos de todos os apóstolos são escritos em um único livro. Lucas [portanto] os reúne para o excelentíssimo Teófilo, porque os eventos individualmente ocorreram na sua presença — como ele mostra claramente omitindo a paixão de Pedro, como também a partida de Paulo, quando este saiu da cidade [de Roma] em direção à Espanha.[2]

A evidência interna, embora não tão definida, é forte. A justificativa básica é a de Irineu, como observado anteriormente. As passagens "nós" provam que o autor do livro de Atos era um companheiro de Paulo. Existe uma concordância universal entre os estudiosos do Novo Testamento de que estas passagens mostram tal unidade de estilo e de vocabulário com o restante do livro de Atos, o que indica que todo o livro foi claramente escrito pela mesma pessoa. Dos companheiros de Paulo mencionados destacadamente por ele nas suas epístolas, somente dois não aparecem no livro de Atos — Tito e Lucas. Quando se trata de escolher entre estes dois, podemos deixar que a tradição unânime da Igreja Primitiva decida o assunto em favor de Lucas.

Outra evidência interna precisa ser mencionada. Em 1882, Hobart publicou um livro em que afirmou que existe um uso suficiente de linguagem médica no Evangelho de Lucas e no livro de Atos, para provar que o autor destes dois livros era um médico.[3] Harnack, o grande estudioso alemão, apoiou fortemente esta tese. Depois de realizar pessoalmente uma nova investigação sobre o assunto, ele escreveu: "A evidência é de uma força estarrecedora; parece-me que não pode haver dúvida *de que o terceiro Evangelho e o livro de Atos dos Apóstolos foram escritos por um médico"*.[4] Zahn declarou: "W. K. Hobart provou, para a satisfação de quem estivesse aberto à convicção, que o autor do trabalho de Lucas estava familiarizado com

a linguagem técnica da medicina grega e, portanto, era um *médico grego" f* Moffatt opinou que o estudo de Harnack "provou isto muito conclusivamente".[6] A. B. Bruce, escrevendo sobre os Evangelhos Sinóticos em *The Expositor's Greek Testament,* adota a opinião de Hobart nos seus comentários sobre o Evangelho de Lucas.

Na direção contrária a tudo isto, Cadbury afirmou que Hobart estava errado, que não existem evidências de um vocabulário médico técnico no Evangelho de Lucas, nem no livro de Atos. Ele escreveu: "E duvidoso se o interesse de Lucas pelas doenças e pelas curas excede o dos seus companheiros evangelistas ou outros contemporâneos que não eram médicos, pois as palavras que ele partilha com os escritores médicos são amplamente encontradas em outros tipos de literatura grega para podermos supor que eles apontam para qualquer vocabulário específico".[7]

Com todo o respeito que este autor tem pelos estudos do seu antigo professor em Harvard, não é possível concordar com ele na sua afirmação. Embora Hobart se excedesse nas suas declarações, existe um inegável resíduo de evidência de que o autor do terceiro Evangelho e do livro de Atos mostra o ponto de vista de um médico. O autor concordaria com Major, que diz: "Não obstante, existem passagens nos textos de Lucas, que, embora não se possa afirmar que provem, apoiam a hipótese de que o autor era um médico".[8] Semelhantemente, Wikenhauser, depois de observar que "o argumento lingüístico por si mesmo" não prova que "somente um médico poderia ter escrito estes dois livros", ainda assim prossegue dizendo: "Apesar disso, não se deve abandonar a tradição, que ainda pode ser apoiada, pois o autor demonstra familiaridade com a terminologia médica".[9]

C. Local da Escrita

Existe uma tradição de que Lucas escreveu o livro de Atos na Acaia *(i.e.,* na Grécia).[10] Mas parece ser melhor supor que ele o escreveu em Roma, onde conclui a história (At 28.16-31).

D. Data

No século XIX, muitos estudiosos afirmaram que o livro de Atos foi escrito na metade do século II. John Knox propôs esta opinião em anos recentes.[11] Mas ele tem poucos adeptos. Moffatt sustenta uma data aproximadamente ao redor do ano 100.[12] Mais popular é a opinião de Goodspeed[13] e Scott[14] de que o livro de Atos foi escrito aproximadamente no ano 90 d.C. Os dois homens sustentam a autoria de Lucas. Zahn julgou que o ano 75 d.C. seria a melhor data.[15]

Por outro lado, Harnack argumentou fortemente a favor de uma data anterior a 70 d.C., "talvez próxima ao começo da sétima década do século I"[16] *(i.e.*, logo depois do ano 60 d.C.). Torrey opina que o terceiro Evangelho foi escrito aproximadamente no ano 60 d.C., e o livro de Atos logo depois.[17] Parece razoável afirmar que Lucas escreveu o seu Evangelho durante os dois anos da prisão de Paulo em Cesaréia — ou pelo menos nessa ocasião reuniu os seus materiais — e que ele escreveu o livro de Atos enquanto Paulo passava dois anos aprisionado em Roma. Esta é a dedução mais natural com base no fato de que a história termina naquele ponto. Isto fixaria a data do livro ao redor do ano 62 d.C.

E. Propósito

A escola Tuebingen de críticos na Alemanha, na última parte do século XIX, sustentou que o objetivo do livro de Atos era o de reconciliar os grupos de Paulo e de Pedro na igreja, os quais estavam em clima de batalha. Mas esta teoria "tendencial" foi largamente abandonada à luz das últimas pesquisas. Na verdade, Henshaw chega a ponto de dizer: "As investigações agora refutam completamente a teoria".[18]

Normalmente, os estudiosos da atualidade sustentam que o prefácio do Evangelho de Lucas (1.1-4) também se aplica ao livro de Atos. Se este for o caso, o primeiro propósito seria, como já afirmamos aqui, que Teófilo pudesse conhecer "a certeza das coisas" de que já estava "informado". Uma leitura do mesmo livro parece apoiar claramente a afirmação de Clogg de que o objetivo de Lucas era mostrar: "(1) o poder possuído pelos apóstolos por meio do Espírito Santo... (2) a

expansão gradual da igreja, em parte em números, por meio do poder dos apóstolos, em parte em extensão geográfica".[19]

Kirsopp e Silva Lake sugerem um objetivo triplo, que talvez forme uma afirmação mais adequada do caso. Eles afirmam que entre os motivos para escrever o livro estavam: (a) Um desejo de provar a inspiração e a orientação sobrenatural dadas à igreja no dia de Pentecostes... (b) Um desejo de mostrar que os melhores magistrados romanos nunca tomaram nenhuma decisão contra os cristãos... (c) Um desejo puramente histórico de mostrar como a igreja deixou de ser judia e tornou-se grega, porque os judeus rejeitaram a mensagem da salvação, porém os gregos a aceitaram.[20]

F. O texto

Há uma coisa que deve ser dita sobre o texto do livro de Atos. Ele tem características peculiares não encontradas em nenhum outro livro do Novo Testamento.

Quatro tipos de textos do Novo Testamento são normalmente distinguidos pelos estudiosos. O primeiro é o Texto Bizantino, encontrado no volume dos últimos manuscritos. Este foi a base do assim chamado *Textus Receptus* (Texto Recebido) usado pelos tradutores da Versão King James em inglês. A opinião quase universal é que este é o texto grego mais pobre.

O melhor texto é o que Westcott e Hort chamaram de Texto Neutro (não editado). Este nome foi amplamente abandonado na atualidade em favor de uma designação mais exata, a do Texto Alexandrino. Em geral, isto é o que é encontrado nos dois grandes manuscritos do século IV, o Vaticano e o Sinaítico. Somente os manuscritos em papiro de partes do Novo Testamento são mais antigos do que estes. Os tradutores modernos usaram este texto com base nos manuscritos mais antigos.

O terceiro texto é conhecido como o Texto Ocidental. E encontrado no Codex Bezae (designado como D), do século V, e também na antiga versão em Latim da África do Norte.

A quarta família, mais recentemente isolada pelos estudiosos, é chamada de texto Cesareano. Mas ela não é particularmente significativa para o estudo do livro de Atos.

No livro de Atos, o texto Ocidental é caracterizado por longas leituras que não são encontradas no texto Alexandrino. O grande problema que os estudiosos textuais enfrentam é saber qual destas leituras pode ser genuína, se é que alguma realmente o pode. Algumas provavelmente representam tradições autênticas. Mas parece improvável que alguma pertença, na verdade, ao texto original. Uma comparação completa dos textos de Atos de Vaticano e de Bezae, com copiosas observações, poderá ser encontrada no volume III de *Beginnings of Christianity*.

Esboço

I. INTRODUÇÃO

A. Os Quarenta Dias, 1.1-11

B. Os Dez Dias, 1.12-26

II. O TESTEMUNHO EM JERUSALÉM, 2.1—7.60

A. A Pregação por meio de Testemunhos, 2.1-47

B. Testemunhas Realizando um Milagre, 3.1-26

C. Testemunhas Perseguidas, 4.1-22

D. As Testemunhas Orando, 4.23-37

E. Testemunhas Perseguidas, 5.1-42

F. O Avanço das Testemunhas, 6.1-7

G. Testemunhas Enviadas à Morte, 6.8—7.60

III. O TESTEMUNHO NA JUDEIA E SAMARIA, 8.1—12.25

A. Testemunhando em Samaria, 8.1-25

B. Testemunhando ao Eunuco Etíope, 8.26-40

C. A Conversão da Testemunha, 9.1-31

D. Testemunhando na Judéia, 9.32-43

E. Testemunhando aos Gentios, 10.1-11.30

F. Testemunhas Perseguidas, 12.1-25

IV. TESTEMUNHANDO NO MUNDO GENTÍLICO, 13.1—28.31

A. Chipre, 13.1-12

B. AÁsia Menor, 13.13-14.28

C. O Concilio de Jerusalém, 15.1-35

D. Novamente a Ásia Menor, 15.36—16.10

E. AMacedônia, 16.11—17.15

F. Grécia, 17.16—8.17

G. Ásia, 18.18—20.38

H. A Viagem a Jerusalém, 21.1-16

I. Jerusalém, 21.17—23.35

J. Cesaréia, 24.1—26.32

K. A Viagem a Roma, 27.1—28.16

L. Roma, 28.17-31

INTRODUÇÃO

Atos 1.1-26

O primeiro capítulo do livro de Atos é uma introdução. Os "atos" começam verdadeiramente no capítulo 2, quando o Espírito Santo já capacitou os apóstolos e outros para agirem com eficácia. O primeiro capítulo estabelece uma ligação entre os Evangelhos, terminando com a ascensão e o início da história da igreja no Pentecostes.

O conteúdo consiste em uma breve afirmação daquilo que ocorreu nos quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Cristo (1-11), e é a única descrição que temos do que aconteceu durante os dez dias entre este período e o Pentecostes (12-26). Assim, este primeiro capítulo é de grande importância histórica.

A. Os Quarenta Dias, 1.1-11

Embora esteja implícito que Jesus apareceu aos seus discípulos de tempos em tempos durante os quarenta dias (veja o quadro *B*), somente duas dessas aparições são mencionadas aqui. Na primeira (4-5), Jesus ordenou que eles esperassem pelo Espírito Santo prometido. Na segunda (6-9), Ele fez a promessa do poder para testemunhar. [1]

prefácio".[1] Na atualidade, os estudiosos no Novo Testamento geralmente opinam que a intenção do prefácio do Evangelho de Lucas (1.1-4) era a de servir também como o prefácio do livro de Atos.

Lucas se refere imediatamente ao **primeiro tratado** (1). A palavra grega para "primeiro" é *protos,* que no grego clássico era usada para designar o "primeiro" de três ou mais itens. Com base neste fato, alguns julgaram que Lucas pretendia escrever um terceiro volume. Eles opinam que isto talvez ajude a explicar por que o livro de Atos termina tão abruptamente. Mas a maioria dos estudiosos da atualidade concordaria com Lumby, que escreve: "O uso de *protos* como a anterior ou a primeira entre duas coisas não era incomum no grego mais recente".[2] Exemplos disso no Novo Testamento estão em Mateus 21.28; 1 Coríntios 14.30; Hebreus 8.7; 9.15; Apocalipse 21.1. O

uso de “primeiro” em lugar de “anterior” é comum na língua inglesa atual.

A palavra grega para “tratado” é *logos,* que é traduzida como “palavra” em 218 de suas 330 ocorrências no Novo Testamento. Somente aqui ela é traduzida como “tratado”. Mas este uso está confirmado por Xenofontes (século IV a.C.), que se refere a um “livro” de sua obra *Anabasis* como um *logos?* O primeiro tratado é, sem dúvida, o Evangelho de Lucas, que também é dedicado a Teófilo.

O Evangelho de Lucas e o livro de Atos são os dois livros mais longos do Novo Testamento. Juntos, eles totalizam cerca de uma quarta parte do conteúdo total. E provável que os limites destes dois livros fossem definidos pelo fato de que era impraticável elaborar um rolo de papiro com mais de onze metros, aproximadamente. O Evangelho de Lucas e o livro de Atos atingem, cada um deles, cerca de dez metros — um rolo suficientemente incômodo para se carregar!

O nome **Teófilo** (“amigo de Deus”, ou “aquele que ama a Deus”) é encontrado somente aqui e em Lucas 1.3, onde ele é chamado de “excelentíssimo” (ver comentários sobre aquele versículo). Houve alguma especulação quanto ao motivo pelo qual o título é omitido aqui. Blaiklock menciona três possíveis motivos: “um aprofundamento da amizade, o abando do ofício ou a conversão ao cristianismo”.[4] Mas talvez a justificativa mais simples seja a de que Lucas não viu a necessidade de repetir o título.

Lucas diz que no **primeiro tratado** ele escreveu acerca de **tudo que Jesus começou não só a fazer, mas a ensinar.** Muitos dos estudiosos mais recentes negaram que a palavra “começou” tenha qualquer significado, sustentando que se trata meramente de uma palavra auxiliar semita — “começou a fazer” significa um pouco mais que “fez”.[5] Mas F. F. Bruce acertadamente objeta esta opinião. Ele interpreta a frase da mesma maneira como o fazem muitos dos comentaristas mais velhos: “Da mesma maneira como o Evangelho nos conta o que Jesus *começou* a fazer e ensinar, assim também o livro de Atos nos conta o que Ele *continuou* a fazer e ensinar pelo seu

Espírito na vida dos apóstolos, depois da sua ascensão".[6]

A expressão em duas partes — fazer e ensinar — chama a atenção para os dois principais aspectos do ministério de Jesus — as suas *obras* e *palavras.* Ambas tinham em si o poder divino.

Lucas indica que no seu **primeiro tratado,** o Evangelho que leva o seu nome, ele descrevera as palavras e as obras de Cristo **até o dia em que Ele foi recebido em cima** (2). E um fato intrigante que o Evangelho de Lucas, e somente ele, termine com uma descrição da ascensão.

A expressão **ter dado mandamentos** é um particípio em grego, "tendo mandado". É melhor traduzido no singular — "ter dado mandamento" (ASV). Isto se refere à Grande Comissão (Mt 28.18-20), que foi o mandamento final de Cristo para os seus discípulos.

Padecido (3) é usado apenas aqui no Novo Testamento significando o sofrimento e a morte de nosso Senhor. As primeiras versões em inglês apresentam a palavra *paixão* em cerca de meia dúzia de passagens, segundo a Septuaginta, que apresenta *passio* (grego, *pathema,* "sofrimento").[7]

Apresentou (3) é a melhor tradução, em lugar de "mostrou". Literalmente, "Ele se colocou ao lado deles" nas suas aparições depois da sua ressurreição, de tal maneira que eles não poderíam duvidar que fosse Ele (cf. Lc 24.30-31).

Infalíveis provas é uma palavra, "provas" (ASV). Mas existe uma outra mais forte C*tekmerion*), encontrada somente aqui no Novo Testamento. Ela significa "um sinal seguro, uma prova positiva".[8] Thayer define isto como "meio pelo qual algo é certamente e plenamente conhecido; uma evidência indubitável, uma prova".[9] Arndt e Gingrich dizem que significa "uma *prova* convincente, decisiva", e eles assim traduzem a frase: "muitas provas convincentes".[10]

Sendo visto por eles por espaço de quarenta dias (lit., "durante

quarenta dias") significa que Jesus aparecia aos seus seguidores periodicamente durante este período (ver o quadro *B),* como sabemos a partir dos relatos dos Evangelhos. Esta é a única passagem no Novo Testamento onde é mencionada a extensão do seu ministério pós-ressurreição.

O assunto das conversas de Cristo com os discípulos durante esses quarenta dias era o **Reino de Deus.** Esta expressão, freqüentemente encontrada nos Evangelhos, quer dizer o *reinado* ou *a lei* de Deus no coração dos homens. Sem dúvida, Jesus falava sobre a natureza espiritual do Reino. Mas a verdade penetrava muito lentamente. O fato de que os discípulos ainda vislumbravam este Reino como um reino político é demonstrado na sua pergunta no versículo 6: **Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?**

Estando com eles (4) é uma única palavra em grego (*synalizomenos*). Cadbury e Lake adotam uma leitura alternativa, encontrada em Eusébio, *synaulizomenos,* que quer dizer "passar a noite com, hospedar-se com".[11] Esta é evidentemente a base da tradução "estando com eles". Provavelmente, a melhor tradução é aquela encontrada na margem das versões mais atuais em inglês: "comendo com eles". Esta opinião é compartilhada por C. S. C. Williams em sua tradução "compartilhando refeições com eles".[12]

Determinou, em grego, não é a mesma palavra encontrada no versículo 2 (ver os comentários sobre este texto). Abbott-Smith indica que a palavra usada na passagem anterior "aponta mais para o conteúdo do mandamento", ao passo que o termo encontrado aqui é usado "especialmente para as ordens transmitidas por um comandante militar".[13] Os discípulos ainda não estavam adequadamente capacitados para a sua principal ofensiva contra o inimigo. Assim, o seu General ordenou que eles esperassem (lit., "esperar nas redondezas") até serem autorizados pelo Espírito Santo a executarem a sua tarefa.

O mandamento de **que não se ausentassem de Jerusalém** sugere que os discípulos estavam planejando retornar ao seu território natal

na Galiléia. Os governantes judeus de Jerusalém tinham causado a morte do seu Mestre, e naturalmente esperava-se que perseguissem os seus seguidores. Além disso, os anjos no sepulcro vazio tinham avisado, por meio das mulheres, que os discípulos deveriam encontrar o seu Senhor ressuscitado na Galiléia (Mt 28.7; Mc 16.7). Jesus os tinha encontrado ali (cf. Mt 28.16-20; Jo 21.1-14). Portanto, parece completamente lógico que os discípulos retornassem para lá.

Mas o Mestre tinha outros planos para eles. Ele ordenou que esperassem em Jerusalém pela **promessa do Pai,** *i.e.,* a promessa feita pelo Pai (cf. Is 44.2-5; Ez 39.28-29; J1 2.28-29). Esta é uma promessa **que de mim ouvistes** (cf. Lc 24.49; Jo 14.16, 26; 15.26). Rackham observa que "a repentina mudança do estilo direto para o indireto (a expressão **disse ele** não consta no texto grego) é característico do estilo dramático de Lucas".[14]

A afirmação do versículo 5 é intimamente correspondente às palavras de João Batista encontradas em Mateus 3.11; Marcos 1.8 e Lucas 3.16. Da mesma maneira que Jesus repetira o principal texto da pregação de João (cf. Mt 3.2; 4.17), agora Ele também ecoava a antiga declaração de João Batista. Esta forte ênfase no batismo no Espírito Santo como maior e mais essencial do que o batismo nas águas antecipa o impulso central do livro de Atos. Qualquer cristianismo que negligencie o batismo pelo Espírito é incompleto e pré-pentecostal. Na verdade, ainda não se iguala à pregação de João Batista. Sem esse batismo, não teria existido o livro de Atos, e na verdade nem a Igreja de Cristo hoje. Sem o batismo no Espírito Santo como uma experiência pessoal, não existe uma capacitação adequada para uma vida vitoriosa e um serviço eficaz.

A última frase do versículo 5 é, literalmente: "não depois destes muitos dias". Williams comenta: "A ordem curiosa das palavras... pode ser do aramaico (Torrey e Burney) ou possivelmente um latinismo (Blass).[15] Ela provavelmente significa "não muitos dias depois de hoje".[16]

2. A *Promessa* (1.6-11)

Aqui se inicia um novo parágrafo. Isto está indicado claramente no texto grego pelo uso de *hoi men oun* — literalmente: "portanto eles verdadeiramente..." Esta fórmula introdutória aparece nada menos do que oito vezes no livro de Atos,[17] além de cinco vezes em que *men oun* é usado com outro pronome.[18] Esta aparição de Jesus aos discípulos em conexão com a ascensão é provavelmente uma variação da descrição de 4 e 5.

Nesta reunião entre o Mestre e os seus discípulos, eles lhe perguntaram: **Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?** Williams comenta: "Eles esperavam um reino material, porque o Espírito ainda não havia descido sobre eles para dar-lhes uma concepção mais esclarecida sobre os fatos".[19] De maneira similar, Lumby escreve: "A mudança do espírito que estabelece a pergunta neste versículo, para aquele segundo o qual Pedro pregou arrependimento e perdão a todos aqueles a quem o Senhor chamou (At 2.38,39), é uma das grandes evidências do milagre do Pentecostes".[20]

Em certo sentido, não nos surpreende que os discípulos tenham feito essa pergunta. Na ressurreição, Jesus tinha triunfado sobre os seus inimigos. Não era esse o sinal para o estabelecimento do Reino? Além disso, o seu ministério ficara quase inteiramente restrito a Israel. Isto não indicava que as promessas do Antigo Testamento, da glória futura do povo de Deus, deveriam ser cumpridas, agora que o Messias tinha vindo? Ficara conclusivamente provado, pela ressurreição, que Jesus era o Messias.

Mas Cristo lembrou aos seus discípulos que a escolha da época adequada era um segredo pessoal do Pai (cf. Mt 24.36; Mc 13.32). Não lhes cabia conhecer **tempos ou estações** (7). A palavra grega para **tempos** é *chronos,* que significa simplesmente "o tempo no sentido de duração".[21] Mas a palavra para **estações** (*kairos*) significa tempo "no sentido de um período fixo e determinado".[22] Trench diz que as estações são "os períodos críticos que marcam época, pré-ordenados por Deus".[23] F. F. Bruce assim destaca a diferença entre as duas palavras: *"Chronous* refere-se ao tempo que deve transcorrer antes do

estabelecimento final do Reino; *kairous,* aos acontecimentos críticos que acompanham esse estabelecimento".[24] Winn diz que os discípulos não conheciam "a duração do tempo, nem os momentos-chave".[25]

Poder deveria ser "autoridade". A palavra grega não é *dynamis,* como é no versículo 8, mas sim *exousia.* Assim, significa propriamente: "liberdade para exercer a força ou a faculdade interior expressa por *dynamis*", portanto "direito" ou "autoridade".[26] De maneira similar, Cremer chama a atenção para o fato de que *exousia* e *dynamis* são também encontradas em conexão íntima em Tucídides e Plutarco. Ele observa esta diferença: *dynamis* implica a "posse da capacidade de fazer sentir o poder", ao passo que *exousia* "afirma que o movimento livre está garantido para aquela capacidade".[27]

Em Atos 1.8, está o versículo-chave deste livro significativo. Ele mostra, simultaneamente, o *poder* e o *programa* da Igreja de Jesus Cristo. O *poder* é o Espírito Santo. O *programa* é a evangelização do mundo. Para uma pessoa, reivindicar ser cheia do Espírito e apesar disso não estar vitalmente preocupada com as missões do mundo é equivalente a negar a sua profissão de fé. Quando o Espírito Santo enche o coração humano com o seu poder e a sua presença, Ele gera a necessidade de obedecer aos mandamentos de Cristo. O inverso também é verdadeiro: a Grande Comissão não pode ser realizada sem o poder do Espírito.

Este versículo também indica as três principais divisões do livro de Atos: 1. O testemunho em Jerusalém (caps. 1—7); 2. O testemunho em toda a Judéia e Samaria (caps. 8—12); 3. O testemunho no mundo gentio (caps. 13—28). Assim, a Igreja seguiu a definição das suas atividades, dadas pelo próprio Senhor.

A adequação deste esquema ao conteúdo do livro pode ser vista claramente. Todos os eventos registrados nos sete primeiros capítulos aconteceram em Jerusalém, ou nas suas proximidades — a ascensão de Jesus e a escolha de Matias (cap. 1), o Pentecostes e o primeiro sermão de Pedro (cap. 2), a cura do homem coxo e o segundo sermão de Pedro (cap. 3), a primeira perseguição e uma reunião de oração

(cap. 4), a morte de Ananias e Safira e a segunda perseguição (cap. 5), a escolha dos sete e a prisão de Estevão (cap. 6), a defesa e a morte de Estêvão (cap. 7).

Semelhantemente, os capítulos 8 a 12 descrevem a expansão dos testemunhos por toda a Judéia e Samaria. No capítulo 8, Filipe vai em direção ao Norte, até Samaria, e então para o Sul, em direção a Gaza (o Sul da Judéia). No capítulo 9, Saulo é convertido e Pedro evangeliza Lida e Jope (a oeste da Judéia, perto do Mediterrâneo). No capítulo 10, Pedro tem uma visão em Jope e ministra em Cesaréia — ambas na costa do mar Mediterrâneo (Cesaréia era a capital romana da Judéia). No capítulo 11, Pedro se apresenta em Jerusalém e uma igreja é fundada em Antioquia, na Síria (fora da Judéia e Samaria). No capítulo 12, temos a libertação de Pedro (em Jerusalém) e a morte de Herodes (em Cesaréia).

Nos capítulos 13 a 28, encontramos a propagação dos testemunhos do Evangelho pela Ásia Menor, pela Macedônia, pela Grécia, e finalmente em Roma. Para o povo de Jerusalém, isto seria "os confins da terra". Na verdade, esta expressão é usada referindo-se a Roma em um livro apócrifo — *Salmos de Salomão* 8.16 (século I a.C.).

A palavra grega para **poder,** como já foi observado, é *dynamis* (cf. "dinamite", "dínamo"). Isto significa "poder, força".[28] Alford diz que aqui ela significa "*aquele* poder, *especialmente* mencionado em 4.33, relacionado com o ministério de dar o testemunho da ressurreição; mas também com todos os outros poderes espirituais".[29]

A primeira frase desse versículo afirma claramente que o **poder** (a virtude) vem quando o Espírito Santo vem. Isto porque Ele *é* poder. Não existe poder espiritual da parte de Deus, separado da presença do Espírito de Deus. E por isso que todo cristão precisa estar cheio do Espírito.

Ser-me-eis testemunhas é, no melhor texto grego, "minhas testemunhas" (*mou*, em lugar de *moi).* Isto torna o assunto um pouco mais pessoal. O nosso testemunho de Cristo é subjetivo, baseado na experiência, e também objetivo, baseado na observação. A

palavra **testemunhas** (tanto no singular quanto no plural) aparece treze vezes no livro de Atos.

Os apóstolos deveríam ser testemunhas de Cristo, em primeiro lugar, em Jerusalém, tão logo recebessem o Espírito Santo ali (cf. 4). Em seguida, deveríam sair da capital e espalhar-se por toda a Judéia — de Jerusalém, a leste, até o rio Jordão; ao sul, para Hebrom; e a oeste, para o Mediterrâneo. Diretamente ao norte de Jerusalém está Samaria, habitada por povos que eram parcialmente judeus e parcialmente gentios. A antiga cidade de Samaria, capital do Reino do Norte de Israel, fora conquistada pelos assírios em 722 ou 721 a.C. As pessoas de melhor nível foram levadas como cativas e se estabeleceram em regiões a leste da Mesopotâmia. Ao mesmo tempo, as pessoas desses territórios do leste foram levadas a Israel. Esta política era adotada pelos assírios para romper com todo o espírito nacionalista e, dessa forma, evitar revoltas contra o seu poder supremo. Conseqüentemente, os samaritanos eram um tipo de raça mestiça, encarados com desprezo pelos judeus da Judéia e da Galiléia. Mas Jesus ordenou que os seus discípulos judeus os evangelizassem.

O limite final da tarefa era **até aos confins da terra.** Alexander comenta: *"aos* não representa plenamente a preposição grega (*heos*), que só pode ser expressa por formas como *até mesmo, tão longe quanto,* sugerindo a idéia de grande distância".[30]

Esta frase, **até aos confins da terra,** é encontrada na mesma forma em grego, na Septuaginta, em Isaías 48.20; 49.6; 62.11, assim como novamente em Atos 13.47 ("até aos confins da terra"), onde a citação é de Isaías 49.6. Ela enfatiza o fato de que o Evangelho deve ser transmitido às pessoas em todas as partes do mundo.

Winn faz uma observação significativa sobre a mudança de direção que é enfatizada em Atos 1.8. Ele diz: "Israel já não mais esperará que as nações venham até ela, trazendo ofertas a Jerusalém (ver Is 2.3; 45.14; 60.4-7); ao contrário, as testemunhas de Jesus sairão de Jerusalém e irão até às nações". E acrescenta: "Pode uma igreja, que permanece no seu lugar e está satisfeita em ministrar simplesmente àqueles que vêm até ela, afirmar ser fiel ao seu mandamento?"[31]

A ascensão é descrita nos versículos 9-11. Jesus foi elevado da terra às alturas e desapareceu em **uma nuvem** (9). Encontramos uma nuvem mencionada em relação à transfiguração (Mt 17.5; Mc 9.7; Lc 9.34). A nuvem era um símbolo da glória de Deus.

Enquanto os discípulos tinham **os olhos fitos no céu** (10) — o verbo "indica um olhar fixo, imóvel, prolongado"[32]— dois varões, que eram anjos, apareceram vestidos de branco (cf. Mt 28.3; Jo 20.12). Estes visitantes angelicais anunciavam a segunda vinda de Cristo (11), assim como já haviam anunciado o seu nascimento (Mt 1.20; Lc 1.26-35), e a sua ressurreição (Mt 28.5-7; Mc 16.5-7; Lc 24.4-7).

Os anjos se dirigiram aos discípulos como **varões galileus.** Praticamente todos os seguidores de Jesus tinham vindo desta parte norte da Palestina. Para eles, foi feita a promessa de que **esse Jesus** - o texto grego assim afirma - haverí a de vir novamente. Rnowling comenta: "Se a menção a sua pátria, ao norte, lembrou aos discípulos que eles tinham sido anteriormente escolhidos por Cristo, e acerca de tudo o que Ele tinha representado para eles, o nome pessoal **Jesus** lhes asseguraria que o seu Mestre ainda seria um Amigo humano e um Salvador Divino".[33] **Assim como,** ou "exatamente da mesma maneira" (Weymouth), sugere que da mesma maneira que a sua partida foi visível, o seu retorno também o será.

Aqui encontramos "A necessidade desesperada". 1. A necessidade desesperada (1.4);

2. Apreparação detalhada (1.12-14); 3. Os resultados desejados (2.1-4). (Kenneth H. Pearsall)

B. Os Dez Dias, 1.12-26

1. *O Cenáculo* (1.12-14)

Lucas indica aqui que a ascensão aconteceu no **monte chamado das Oliveiras**

(12). Esta forma do nome, encontrada somente aqui no Novo Testamento, vem do latim. O topo do monte das Oliveiras, como é mais comumente chamado, fica distante de Jerusalém à distância do caminho de um sábado — cerca de 800 metros (ver o mapa 2), e a pouco mais de 60 metros acima da área do Templo.

No Evangelho de Lucas (24.50), foi dito que Jesus levou os seus discípulos "fora, até Betânia", para a ascensão. Como Betânia está há pouco mais de três quilômetros de Jerusalém, do lado oposto do monte das Oliveiras, parece haver uma contradição entre os relatos. Mas ao invés de *eis,* "até", os melhores manuscritos gregos apresentam *pros,* que dá suporte à tradução "do lado oposto a Betânia" (ASV). Esta seria uma descrição correta do topo do monte das Oliveiras.

E, **entrando** (13), *i.e.,* quando retornaram a Jerusalém, os discípulos subiram ao cenáculo, onde habitavam os onze apóstolos. Blunt diz: "O *cenáculo* pode ter sido o lugar onde se realizou a última ceia; provavelmente a casa pertencia a Maria, a mãe de João Marcos, pois encontramos a sua casa mencionada em Atos 12.12 descrita como o principal local das reuniões cristãs".[34]

Com exceção de Judas Iscariotes, esta lista dos apóstolos é semelhante àquelas que são encontradas nos Evangelhos Sinóticos (ver a comparação das listas nos comentários sobre Mt 10.2-4). Uma ou duas diferenças adicionais podem ser observadas. Somente nesta lista João aparece imediatamente depois de Pedro (no melhor texto grego — cf. ASV). Isto provavelmente se deve ao fato de que esses dois apóstolos estão intimamente associados diversas vezes nos primeiros capítulos de Atos (3.1; 4.13; 8.14). Adicionalmente, somente aqui Tomé aparece depois de Filipe: "ambos foram trazidos ao primeiro plano na paixão e na ressurreição".[35]

Tanto no seu Evangelho (Lc 6.14-16) quanto aqui, no Livro de Atos, Lucas menciona Simão, o Zelote, em lugar de "Simão, o cananeu". O epíteto de Lucas pode significar simplesmente que Simão era uma pessoa zelosa. Pode também indicar que ele pertencia ao grupo dos zelotes, da Palestina. Os estudiosos freqüentemente argumentam que os zelotes não formavam um grupo até a revolta dos judeus contra

Roma, em 66—70 d.C. Mas Farmer diz que os fariseus, essênios e zelotes "atuavam como grupos de resistência contra as forças de ocupação e os agentes de colaboração" (os saduceus) na época de Jesus.[36]

Ao invés de Tadeu (Mateus e Marcos), Lucas menciona Judas, filho de Tiago, tanto no seu Evangelho quanto aqui. O forte paralelismo entre as quatro listas sugere que esses dois nomes diferentes pertencem à mesma pessoa. E possível que durante algum tempo, depois da morte de Jesus, Judas preferisse ser chamado de Tadeu, devido ao estigma ligado a Judas Iscariotes.

Estes apóstolos (14) perseveravam unanimemente (*homothymadon*) em oração.[37] Lucas usa este advérbio dez vezes no livro de Atos. Ele não aparece em nenhuma outra parte do Novo Testamento, exceto em Romanos 15.6. A palavra se origina de *homos,* "mesmo", e *thymos,* "mente" ou "espírito", e desta maneira significa "com o mesmo espírito ou com o mesmo pensamento".

Perseveravam literalmente significa "continuavam firmemente" — um perifrásti-co imperfeito *(esan proskarterountes*) de um verbo poderoso que se compõe da preposição *pros,* "com", e do adjetivo *karteros,* "forte, firme". É uma palavra favorita de Lucas (seis vezes no livro de Atos)[38] e significa "freqüentar com constância, continuar com firmeza". Robertson afirma: "Eles *'se* prendiam' à oração... até que a resposta chegasse".[39]

No versículo 14 sugere-se a "preparação para o Pentecostes". Os discípulos continuavam em oração e súplicas, (a) até que os seus espíritos estivessem unidos — unanimemente; (b) até que os seus anseios se tornassem um desejo dominante — oração e súplicas; (c) até que a sua consagração se aprofundasse em um comprometimento final e completo com a vontade de Deus (1.4-5); (d) até que a sua fé crescesse e alcançasse o pico da expectativa pelo cumprimento imediato da promessa (2.1-2). (G. B. Williamson)

Também foi dito que havia mulheres no grupo. Como não há nenhum artigo no texto grego, isto provavelmente significa "algumas

mulheres". Acrescentar **e Maria** parece estranho, uma vez que ela era uma mulher. Bruce traduziu **e** (*kai*) como "incluindo", ou "em especial".[40] Ela é destacada com ênfase especial por ter sido a mãe de Jesus.

E surpreendente ler que seus irmãos estavam presentes. Eles não tinham crido nele anteriormente (Jo 5.7). Mas Paulo nos diz que, depois da sua ressurreição, Jesus apareceu a Tiago (1 Co 15.7) — normalmente identificado como o irmão do Senhor e aquele que se tornou o principal líder da Igreja Primitiva em Jerusalém (At 12.17; 15.13; 21.18).

Existem três principais pontos de vista sobre como a palavra "irmãos" deve ser interpretada. No século IV, Epifânio afirmou que eles eram meios-irmãos, filhos de José em um casamento anterior. Esta opinião foi apoiada nos tempos modernos por Westcott e defendida extensivamente por Lightfoot.[41] Helvídio (em aproximadamente 380 d.C.) ensinou que os irmãos eram, na verdade, filhos de Maria e José. Em resposta a isso, Jerônimo (382 ou 383 d.C.) estabeleceu uma nova teoria — a de que eles eram "primos" de Jesus. Esta seria a visão oficial católica romana,[42] que também foi apoiada por comentaristas tão notáveis como Lange e Ellicott. Mas a maioria dos protestantes interpreta a palavra "irmãos" no seu sentido mais natural, como uma referência aos filhos de José e Maria. Esta opinião é totalmente defendida por Mayor.[43]

2. *A Escolha de Matias* (1.15-26)

Somente um episódio é relatado como tendo ocorrido durante os dez dias entre a ascensão e o Pentecostes. Foi a escolha de um décimo segundo apóstolo para ocupar o lugar de Judas Iscariotes.

Pedro (15) novamente assumiu a sua posição de líder do grupo (o seu nome encabeça as quatro listas de apóstolos.) Embora tivesse negado o Senhor três vezes, ele fora perdoado (ver Mc 16.7, "e a Pedro"; Lc 24.34) e reconduzido à sua posição como pastor do rebanho (Jo 21.15-17).

Levantando-se Pedro — uma expressão característica de Lucas encontrada dezessete vezes no seu Evangelho e dezenove vezes no livro de Atos — **no meio dos discípulos.** Os mais antigos manuscritos gregos apresentam a expressão "dos irmãos". Talvez o termo "discípulos" tenha sido introduzido pelos copistas posteriores para evitar qualquer possível confusão com os irmãos de Jesus mencionados no versículo anterior. A expressão "irmãos" era comum nos círculos judaicos, e foi adotada pela igreja apostólica para designar aqueles que faziam parte da comunhão de crentes.

O tamanho do grupo que, no cenáculo, esperava pela vinda do Espírito Santo é mencionado aqui como **quase cento e vinte,** ou seja, dez vezes o grupo dos doze apóstolos. A palavra grega para "multidão" é *ochlos,* que aparece cerca de cento e cinqüenta vezes nos Evangelhos (traduzida como "multidão" e "pessoas" por aproximadamente a mesma quantidade de vezes). Nesta passagem, a versão ASV fala de "uma multidão de pessoas". Tendo em vista o tamanho relativamente pequeno do grupo, talvez "uma assembléia" (RSV) fosse a melhor tradução, embora 120 pessoas em um pequeno lugar de reuniões possa parecer uma multidão. O termo "nomes" (que consta nos textos em inglês) significa "pessoas", e este fato é confirmado pelo uso da palavra grega em papiros contemporâneos *(e.g.,* em um papiro de 13 d.C.)[44]e também na Septuaginta (Nm 1.2, 18, 20; 3.40, 43; etc.).

A conotação de **junta** não é certa. Cadbury e Lake traduzem a expressão grega como "somando" e acrescentam: "Este é um significado costumeiro de *epi to auto* nos papiros".[45] Eles também fazem esta significativa afirmação sobre o número **cento e vinte:** "E notável que *Sanhedr* 1.6 decrete que o número de funcionários (em um Sinédrio) em uma comunidade deva ser de um décimo da população total, e que 120 é o número mínimo que pode constituir um 'pequeno Sinédrio'".[46]

A **Escritura** (16) é uma referência a Salmos 69.25 e 109.8, ambos citados no versículo 20. A frase **que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi** afirma a inspiração divina daqueles salmos, e aparentemente a autoria de Davi.

A afirmação no versículo 17 é um lembrete patético do lugar e do privilégio que Judas Iscariotes tinha perdido. **Contado** é uma forte palavra composta em grego, encontrada somente nesta passagem do Novo Testamento. Judas, na verdade, era contado como um dos doze apóstolos. Também tinha obtido uma **sorte** no **ministério** dos discípulos — a palavra grega significa literalmente "um lote", e é a base da palavra latina *clerici* e da portuguesa "clero". Ele tinha sido escolhido pelo próprio Mestre como um dos seus clérigos ordenados. Contudo, traiu o seu Senhor.

A palavra para **ministério** é *diakonia.* Ela é usada somente uma vez nos Evangelhos, em Lucas 10.40, na ocasião em que Marta "servia". Além de Apocalipse 2.19, ela aparece em outras partes do Novo Testamento somente no livro de Atos (oito vezes) e nas epístolas (vinte e quatro vezes). Ela significa "o ofício e o serviço de um diácono"[47](um servo). Assim, ela significa "serviço" ou "ministério", e implica tanto privilégio quanto responsabilidade.

Pedro declarou que Judas **adquiriu um campo com o galardão da iniquidade**

(18). Mas em Mateus 27.7 está registrado que os príncipes dos sacerdotes compraram o campo. No entanto, como a terra foi comprada com o dinheiro que Judas recebera pela sua traição a Jesus, pode-se dizer, adequadamente, que ele comprou o campo.

Mais difícil é a questão da segunda metade deste versículo. A descrição da morte de Judas parece contradizer aquela encontrada em Mateus 27.5, onde lemos que o traidor enforcou-se devido ao remorso que sentiu. Aqui está dito: **precipitando-se, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram.** A expressão **precipitando-se** significa literalmente "tendo-se inclinado", *i.e.,* "tendo se espatifado". Orígenes sugeriu que as palavras significam "inchaço", "aumento de tamanho", e esta interpretação foi apoiada por alguns estudiosos modernos.[48] Mas a melhor solução parece ser a de Agostinho, que sugeriu que o enforcamento e a queda podem estar combinados. Knowling conclui: "Se a corda arrebentou, ou se um galho cedeu sob o peso de Judas, a narrativa de Lucas pode facilmente

complementar a de Mateus".[49] Isto seria especialmente verdadeiro se Judas tivesse amarrado a corda a uma árvore sobre o profundo precipício do Vale de Hinom. Hackett conta como ele próprio ficou olhando para os rochedos acima e para as pedras de pontas agudas abaixo, observando as árvores sobre o precipício, e "sentiu que a explicação proposta acima é completamente natural".[50]

Outra questão surge no versículo 19, onde foi dito que o campo é chamado na sua própria língua — literalmente, "no seu próprio dialeto" (*dialektos*), que era o aramaico — **Aceldama,** que significa **Campo de Sangue.** A implicação é bastante clara: a razão para esse nome foi a morte sangrenta de Judas. Mas em Mateus 27.6-8, está indicado que o nome foi dado porque o campo foi comprado com "preço de sangue". Knowling sensatamente pergunta: "Por que não pode haver duas razões?"[51] As duas tradições estão igualmente corretas, e podem ter estado em circulação na época em que esses livros foram escritos.

O termo **bispado** (20) corresponde ao grego *episcope,* de onde vem "episcopal", e realmente significa "supervisão". Um *episcopos* era um supervisor. Finalmente, este substantivo, traduzido como "bispo", foi atribuído aos supervisores da igreja. E provável que a melhor tradução aqui seja "ofício" (ASV).

As principais qualificações e funções de um apóstolo estão declaradas nos versículos 21 e 22, pelo menos como entendidas por Pedro. O escolhido para assumir o lugar de Judas deve ser alguém que tenha estado associado com Jesus, desde o seu batismo por João até a sua ascensão. A principal função do apóstolo é ser testemunha da ressurreição.

Dois homens foram indicados para esta posição: José Barsabás, palavra aramaica que significa "filho do sábado", e Matias ("presente de Jeová"). Em seguida, os discípulos oraram pedindo a orientação divina na escolha do candidato correto entre os dois. **E, lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias,** que assumiu o seu lugar com os onze apóstolos (26). "O método empregado pelos judeus era o

de colocar os nomes escritos em pedras dentro de um recipiente e agitá-lo até que uma das pedras caísse".[52] Os apóstolos tinham orado antes das suas indicações e também antes de lançarem sortes? Não sabemos. Mas depois do Pentecostes, não se lê mais que os discípulos tenham lançado sortes. O Espírito Santo, que passou a habitar em cada um, guiava-os.

Seção II

0 TESTEMUNHO EM JERUSALÉM

Atos 2.1—7.60

Como observamos nos comentários sobre Atos 1.8, esta seção descreve o testemunho dos discípulos em Jerusalém e nas suas proximidades. Foi ali que aconteceu o Pentecos-tes — tanto a vinda do Espírito Santo quanto a conversão de três mil pessoas em um único dia. Foi nessa cidade que Pedro pregou e os apóstolos foram perseguidos. Aqui também teve lugar o primeiro martírio cristão, o de Estêvão.

A. A Pregação por meio de Testemunhos, 2.1-47

O poder para a proclamação — foi isto o que o Espírito trouxe. No mesmo dia em que o Espírito Santo desceu sobre eles, os apóstolos começaram a sua pregação, com resultados surpreendentes. Era o método de Deus de transmitir o Evangelho — as Boas Novas daquilo que Cristo realizara pelos homens pecadores na sua morte e ressurreição.

1. *As Testemunhas Recebem o Poder* (2.1-13)

Antes de poder pregar, as testemunhas precisavam ser preparadas. Assim, encontramos neste parágrafo das Escrituras a história de como os discípulos foram cheios do Espírito Santo.

a. Pentecostes (2.1-4). Este é o acontecimento mais importante do livro de Atos. Sem ele, o livro nunca teria sido escrito. Foi este grandioso ato de Deus de derramar o

Espírito Santo sobre os primeiros crentes que precipitou todos os atos dos homens autorizados pelo Espírito, sobre os quais podemos ler na história do início da igreja cristã. Winn sugere que o livro de Atos podería ser chamado de "o livro mais emocionante que já foi escrito".[1]

Cumprindo-se o dia de Pentecostes[2] literalmente significa "quando o dia de Pen-tecostes estava sendo completado". Isto pode se referir ao final das sete semanas que precederam o Pentecostes.[3] Mas como a palavra **dia** está no singular, e uma vez que o dia dos judeus começava no pôr-do-sol, pode-se assumir melhor que a frase indica que, naquela manhã, "o dia de Pentecostes estava se cumprindo".[4] Robertson diz: "Lucas pode querer dizer que o dia de Pentecostes ainda não estava terminado; ainda estava em curso".[5]

Mas o verdadeiro significado da frase é provavelmente mais teológico do que cronológico. Lenski escreve: "Lucas está pensando na promessa do Senhor e de como agora se aproxima o seu cumprimento. A chegada deste dia conclui a medida do tempo que o Senhor contemplava quando Ele fez a promessa".[6] O retrocesso é anterior a isto — até às profecias do Antigo Testamento sobre o derramamento do Espírito Santo, como a referência de Joel 2.28. Todas estas promessas se cumpriríam em Jerusalém, em 30 d.C.

Pentecostes é a palavra grega que significa "cinqüenta". Este nome para a festa é encontrado pela primeira vez nos escritos apócrifos do período intertestamentário, em Tobias 2.1 e em 2 Macabeus 12.32. A designação do Antigo Testamento é Festa das Semanas (Ex 34.22; Dt 16.10), assim chamada porque a festa era celebrada sete semanas depois da Festa das Primícias, que marcava o começo da colheita de cevada (Lv 23.9-16).

Todo homem judeu adulto deveria comparecer a três festas anuais — a Festa dos Pães Asmos (relacionada com a Páscoa), a das Semanas e a dos Tabernáculos (Dt 16.16). Os judeus da Palestina vinham em grande número a Jerusalém para a Páscoa, que comemorava o início da sua vida nacional e também assinalava o início do seu ano religioso. Mas os judeus da dispersão tinham a sua maior celebração

no Pentecostes. Isto se devia ao fato de que a viagem pelo Mediterrâneo era muito mais segura em maio ou junho (Pentecostes) do que em março ou abril (Páscoa).[7] Encontramos um exemplo disto no caso de Paulo. Na sua última viagem a Jerusalém, ele não teve tempo para visitar Efeso, porque "apressava-se... para estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes" (At 20.16). Em uma ocasião anterior, ele tinha escrito aos coríntios: "Ficarei, porém, em Efeso até ao Pentecostes" (1 Co 16.8). Estas são as três únicas passagens do Novo Testamento onde aparece a palavra **Pentecostes.**

Existe uma tradição entre os judeus de que a Festa das Semanas comemorava a entrega da Lei no Sinai. Não se sabe ao certo se esta era a opinião na época de Jesus. Purves observa que não há menção disto no Antigo Testamento, nem em Filo nem em Josefo, e conclui: "Provavelmente foi depois da queda de Jerusalém que se iniciou esta tradição".[8] Dosker é ainda mais específico quando escreve: "Ela originou-se com o grande rabino judeu Maimonides [século XII] e foi copiada pelos escritores cristãos".[9] Mas Foakes-Jackson declara: "Não podemos deixar de recordar a cena da entrega da Lei no monte Sinai, quando Israel se tornou uma comunidade estritamente religiosa, e há razão para supor que o Pentecostes já era a festa comemorativa da entrega da lei".[10] O Pentecostes era o cumprimento de Jeremias 31.33 — "porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração". Aqui há uma completa submissão à vontade de Deus. E simultaneamente a base e o fruto da completa santificação do crente.

Na nova edição revisada da obra de Hasting, em um volume, o *Dictionary of the Bible,* afirma-se que tanto os fariseus quanto os saduceus consideravam o Pentecostes como "a festa que concluía a Páscoa".[11] Este fato tem nuanças teológicas. A crucificação de Cristo, quando Ele se ofereceu como um sacrifício pelo pecado do homem, e a ressurreição, que validou o seu sacrifício como aceito divinamente, seriam incompletas sem o derramamento do Espírito. De certa maneira, a sexta-feira santa e o domingo de Páscoa não seriam senão um prelúdio para o dia de Pentecostes. A crucificação, a ressurreição e a ascensão, juntas, formam o êxodo[12] de Jesus da terra de volta para o

céu, que era a preparação necessária para o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes. Jesus disse: "... vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (Jo 16.7). Quando Maria encontrou pela primeira vez o Cristo ressuscitado, ela abraçou os seus tornozelos, em um abraço que não queria deixá-lo ir (cf. Mt 28.9). Mas Jesus gentilmente a advertiu: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai" (Jo 20.17), *i.e.,* "não se agarre a mim" na carne, que é limitada em tempo e espaço, mas deixe-me ir, para que você possa receber-me no Espírito. Sem dúvida, Maria madalena era uma das "mulheres" (1.14) que estavam esperando no cenáculo. Quando o Espírito Santo encheu o seu coração no dia de Pentecostes, ela teve a presença do seu Senhor ressuscitado consigo durante todo o tempo e em todos os lugares.

No dia de Pentecostes, os discípulos **estavam todos reunidos no mesmo lugar.**

O melhor texto grego diz: "juntos em um lugar" — *homou* ao invés de *homothymadon*. Daí, a força total da última expressão, **reunidos,** não deve ser ressaltada aqui. No entanto, tanto a palavra *homou* (juntos) quanto o contexto sugerem um espírito de unidade. Uma das traduções recentes afirma: "Eles estavam todos harmoniosamente em um lugar" (Berk).

A primeira;parte do versículo 2 diz literalmente: "e, de repente, veio do céu um som (grego *echos*), como de um vento veemente e impetuoso", *i.e.*, como o rugido reverberante de um tornado. Ele encheu toda a casa. Alguns estudiosos sugeriram que o derramamento do Espírito sobre os discípulos pode ter ocorrido no Templo.[13] Mas Lenski provavelmente está correto quando diz: "Se Lucas tivesse em mente uma sala no Templo, ele certamente teria escrito *hieron*".[14]

Este som, como o rugido do vento, serviu como um alerta para todos os que estavam reunidos. Se alguém tinha estado sonolento, agora estaria completamente desperto. Assim, todos eles viram as **línguas repartidas, como que de fogo** (3). O texto grego diz: "línguas como que de fogo distribuindo-se" (ou "sendo distribuídas").[16] Hackett

descreve a cena corretamente quando diz: “A aparição semelhante ao fogo apresentou-se primeiramente em um corpo único, e então repentinamente repartiu-se em todas as direções, para que uma porção pousasse sobre cada um dos presentes”.[16]

A importância desses dois símbolos — o vento e o fogo — é demasiado óbvia para ser perdida. Knowling diz: “O fogo, como o vento, era símbolo da presença divina (Ex 3.2) e do Espírito que purifica e santifica (Ez 1.13, Ml 3.2,3)”.[17] Blaiklock escreve: “O *vento* (2) e o *fogo* (3) eram uma simbologia aceita da operação poderosa e purificadora do Espírito de Deus”.[18] Isto é, quando o Espírito Santo enche o coração do crente, Ele confere tanto o poder quanto a pureza. Ninguém pode ter uma coisa sem ter a outra. Receber o Espírito Santo na sua totalidade é sentir ambas as coisas, simultaneamente.

Qual era o propósito da combinação sobrenatural do som e da visão, do vento e do fogo? E muito instrutiva a comparação com o que teve lugar no monte Sinai, em relação à entrega da Lei. Lemos que “Houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um sonido de buzina mui forte... E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subia como fumaça de um forno, e todo o monte tremia grandemente” (Ex 19.16-18). Uma nova época passava a existir; nascia uma nova era. Era importante que os israelitas percebessem a suprema importância do momento. Eles deveríam estar fortemente conscientes da autoridade divina da Lei que lhes estava sendo entregue.

Assim foi com o Pentecostes. A revelação do Espírito Santo iniciava-se. Os discípulos deveríam estar alertas e ativos para o que estava acontecendo. Os símbolos do vento e do fogo ajudariam-nos a entender o significado daquilo que acontecia.

Mas estas coisas, juntamente com o falar em outras línguas, não eram senão acompanhamentos do Pentecostes; eram acessórios temporários. O tema central era que **todos foram cheios do Espírito Santo** (4). Este foi o grande milagre, que de longe superou os demais.

O fato de que o derramamento do Espírito Santo purificou os corações dos discípulos é indicado claramente pelas palavras de Paulo no Concilio de Jerusalém. Falando das pessoas na casa de Cornélio (cap. 10), ele declarou: "E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé" (At 15.8-9). Essas duas coisas — encher com o Espírito Santo e purificar o coração — estão assim equiparadas (ou, pelo menos, foi afirmado que são simultâneas).

Qual é o significado da afirmação de que os discípulos cheios do Espírito Santo **começaram a falar em outras línguas?** (4). Os versículos seguintes parecem indicar claramente que os discípulos falavam em linguagens articuladas e compreensíveis. O propósito disso parece ter sido a evangelização mais eficaz da multidão de judeus e pro-sélitos, muitos dos quais compreenderíam melhor a mensagem do evangelho na súa **própria língua** (8) do que no grego ou no aramaico normalmente falado.

Os primeiros quatro versículos poderíam se esquematizados assim: Pentecostes — (1) O lugar; (2) O som; (3) A visão; (4) A importância.

b. Perplexidade (2.5-13). O versículo 5 afirma que em Jerusalém **estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu.**

A palavra grega para **habitando,** *katoikountes,* sugere a acomodação em um lugar para ficar. Moulton e Milligan escrevem: "Usado mais tecnicamente, o verbo se refere aos 'residentes' permanentes de uma cidade ou aldeia, assim distinguida daqueles 'residentes como estrangeiros' ou 'peregrinos' *(paroikountes*)",[19] Com base nisto, Lenski diz: "Lucas se preocupa somente com esta classe de judeus que tinham nascido ou sido criados em regiões estrangeiras, mas agora eles estavam definitivamente estabelecidos na Cidade Santa para ali terminar os seus dias".[20] Lumby escreve: "Provavelmente, além dos visitantes que tinham vindo para a festa, muitos judeus religiosos de regiões estrangeiras eram moradores permanentes de Jerusalém, porque era muito desejado pelos judeus poder morrer e ser sepultado

perto da Cidade Santa".[21] Apoiando este último ponto, ele cita esta frase rabínica: "Todo aquele que for sepultado na terra de Israel estará tão bem como se fosse sepultado sob o altar".[22] Assim, a multidão se compunha tanto de residentes em Jerusalém quanto de visitantes para a festa.

Muitos comentaristas afirmam que os **varões religiosos** eram os judeus, e não os gentios. Somente Lucas utiliza esta palavra (*eulabeis*), e nas outras três ocasiões em que o faz (Lc 2.25; At 8.2; 22.12) inquestionavelmente se refere aos judeus.

Correndo aquela voz (6) significa, literalmente, "quando esse som [*phone*] aconteceu". Existe uma diferença de opinião quanto ao que isso significa. Cadbury e Lake comentam: "O som mencionado aqui é *phone,* a voz de oradores inspirados, e não o *echos* do versículo 2".[23] Mas Lechler declara: "Ao contrário, nada, a não ser *echos* no versículo 2 pode significar *phone aute".*[u] Alford pensa que o som era tão alto a ponto de ser ouvido "provavelmente por toda Jerusalém".[25] Mas Bruce dá o que provavelmente parece ser a melhor conclusão: "O último (v. 4) parece mais provável, mas não devemos excluir o anterior (v. 2)".[26] Isto é, a primeira referência é às pessoas ouvindo a pregação inspirada dos apóstolos.

Qualquer que tenha sido o som, ele causou um ajuntamento da multidão. Lucas utiliza *plethos,* "um grande número". Esta é uma palavra favorita nos seus textos, que aparece vinte e cinco vezes no seu Evangelho e em Atos, e somente sete vezes em outras partes do Novo Testamento.

Cada um ouviu os discípulos falando na sua própria língua. A palavra é a mesma usada em 1.19 — *dialektos.* Ela aparece somente no livro de Atos. Em geral, significa linguagem, embora algumas vezes transmita o sentido mais restrito de "dialeto".[27]

Algumas vezes perguntou-se se o milagre foi o fato de eles falarem ou de a multidão os ouvir. Lechler parece plenamente justificado quando comenta a respeito deste último: "Mas sem mencionar que isto é

muito mais difícil de imaginar, transfere-se o milagre daqueles que tinham o Espírito Santo para aqueles que não o tinham; isto é contra a linguagem simples do texto, que nos conta que 'começaram a falar em outras línguas'".[28] •

Os ouvintes reconheciam os que falavam como sendo galileus (7).[29] Como os galileus eram desprezados por terem pouca cultura, era especialmente surpreendente que eles falassem em várias línguas. E os ouvintes os ouviam falando, cada um na sua própria língua (*dialektos*; o mesmo que "língua", v. 6).

Partos e medos, elamitas (9) viviam a leste do rio Tigre. Esses, juntamente com os que habitam na Mesopotâmia constituiríam um grupo geográfico, os da região Tigre-Eufrates. Como um resultado do cativeiro de Israel e de Judá (2 Rs 17.6; 25.11), "havia milhões de judeus nessas regiões".[30]

O nome mais problemático da lista inteira é Judéia. Aqui ela aparece entre a Mesopotâmia e uma lista de cinco nomes que se referem a partes da Ásia Menor. Mas não é aí que se situa a Judéia. Knowling chama a atenção para o fato de que Jerônimo a substituiu por "Síria", e Tertuliano sugeriu "Armênia".[31] Lenski acompanha Zahn, mudando Judéia por "judeus", deixando somente catorze países listados, ao invés de quinze.[32] Mas a melhor explicação é oferecida por Lake e Cadbury. Falando sobre a lista de nove nações, que se inicia com a Mesopotâmia e termina com a Líbia (junto a Cirene), eles dizem: "Se a Judéia for interpretada, no sentido profético, como o país 'do Eufrates até o rio do Egito', isto abrange, em uma ordem razoavelmente metódica, todos os distritos a leste do Mediterrâneo".[33]

A seguir vêm cinco distritos da Asia Menor — Capadócia, Ponto, Asia, Frigia e Panfília (9-10; ver o mapa 3). Com exceção da Frigia, todos são nomes de províncias romanas. A Frigia era um território racial, na sua maioria na província da Asia, mas parcialmente na Galiléia. Como a Frigia é citada em separado, é possível que **Asia** aqui seja "usada no seu sentido popular, como denotando as terras costeiras do

Egeu, e excluindo a Frigia" (cf. comentário sobre 16.6).[34] No Novo Testamento, o termo "Asia" refere-se à província romana do mesmo nome e nunca ao continente asiático, como o conhecemos hoje.

O Egito tinha uma grande população judaica, a qual se diz que chegava a um milhão de pessoas. Cirene era uma cidade litorânea na parte norte da área geral da Líbia, no Norte da África. Josefo cita Estrabão, o famoso geógrafo e historiador grego da época de Cristo, como tendo dito: "Agora esses judeus já chegaram a todas as cidades; e é difícil encontrar um lugar na terra habitável que não tenha admitido esta tribo de homens e não seja possuída por eles; e aconteceu que o Egito e Cirene... imitaram o seu modo de viver, e mantêm grandes grupos desses judeus em uma maneira peculiar".[36]

Forasteiros romanos evidentemente significa "visitantes de Roma", como aparece na maioria das versões modernas (lit., "hóspedes de Roma"). Esta é a décima terceira região mencionada como uma que trazia pessoas à Festa do Pentecostes. Schuerer diz: "Roma era a sede de uma comunidade judaica que chegava a ter milhares de pessoas".[36]

Judeus e prosélitos é interpretado por Bruce [37] e Lenski[38] como referindo-se somente àqueles de Roma. Mas parece melhor aplicar esta dupla divisão ao povo de todas as quinze nações, como é feito talvez pela maioria dos comentaristas recentes.

O termo **prosélitos** (extraído diretamente do grego) é encontrado no Novo Testamento somente em Mateus 23.15 e três vezes no livro de Atos (2.11; 6.5; 13.43). Um prosélito é literalmente "aquele que chegou", e portanto "um estrangeiro". Mas a palavra é geralmente usada em referência aos convertidos a alguma religião (aqui, ao judaísmo). Os judeus de Roma eram particularmente zelosos em buscar conversões (ver os comentários sobre Mt 23.15). Os prosélitos do judaísmo tinham de satisfazer quatro exigências: 1. instrução; 2. circuncisão; 3. batismo; 4. sacrifícios. Kirsopp Lake aparentemente estabeleceu o fato de que havia somente um tipo de prosélitos — aqueles que satisfaziam as exigências e podiam pertencer à sinagoga — e que o uso da expressão "prosélitos

do portão" dos antigos autores deve agora ser abandonado.[39] Naturalmente, depois da destruição do Templo em 70 d.C., já não houve sacrifícios nem pelos judeus nem pelos prosélitos. Parcialmente por causa da inconveniência da circuncisão aos convertidos do sexo masculino, havia mais mulheres do que homens que se tornavam prosélitos.

Cretenses [40] e árabes (11) é interpretado, por muitos comentaristas, como uma idéia posterior. Rnowling diz que "a introdução dos dois nomes sem nenhuma conexão aparente com o restante deve mostrar que não estamos lidando com uma lista artificial, mas sim com um registro genuíno das diferentes nações representadas na Festa".[41] Lake e Cadbury ressaltam: "Os cretenses e os árabes representam os dois extremos do Oeste e do Sudeste que não foram abrangidos pelos nomes anteriores".[42] A ilha de Creta está situada a sudeste da Grécia e a oeste da Palestina (ver o mapa 3). Bruce escreve que "a Arábia, no uso greco-romano, geralmente significava o reino dos árabes nabateus, que na ocasião estava no ápice do seu poder sob Aretas IV (9 a.C.— 40 d.C.).[43] Isto representava o Sul e o Leste da Palestina.

Plumptre sugere que esta lista de quinze nações fornece uma espécie de "visão-de-pássaro mental do império romano", e acrescenta, de acordo com o comentário de Knowling, que a "ausência de algumas nações que esperaríamos encontrar na lista" é uma indicação da autenticidade do registro.[44]

Línguas é a mesma palavra grega *(glossa*) do versículo 4, mas diferente daquela traduzida como "língua" (*dialektos*) no versículo 8. A frase final dos ouvintes maravilhados destaca um contraste com o que aconteceu com a confusão de línguas em Babel (Gn 11.7). As grandezas de Deus incluiríam principalmente a ressurreição de Jesus Cristo dos mortos.

O deslumbramento foi seguido pela perplexidade: **Que quer isto dizer? (12)** A explicação dada por alguns foi a de que os discípulos estavam **cheios de mosto** (vinho novo; 13).[45] A primeira colheita da uva não acontecia antes de agosto, e agora era junho. Assim, alguns

estudiosos afirmaram ter encontrado um erro aqui. Mas Lake e Cadbury escrevem que "o problema é solucionado por Columella... que dá uma receita para impedir que *gleukos* se azede".[46] A expressão pode referir-se ao vinho misturado com mel.[41] Uma tradução melhor é "vinho doce", que é o que significa *gleukos* (cf. "glucose"). O escritor romano, Cato, dá esta receita: "Se você deseja manter o vinho novo doce durante o ano inteiro, coloque-o numa jarra, cubra a tampa com breu, coloque a jarra em um lago de peixes, retire-a depois de trinta dias; você terá vinho doce durante o ano inteiro".[48] Se surgir a pergunta de como os homens poderíam ficar embriagados com suco de uva não fermentado, a resposta pode ser que os que zombavam estavam falando sarcasticamente. Este "vinho doce", se armazenado apropriadamente, pode muito bem ter sido o que Jesus e os seus discípulos bebiam.

2. A *Exposição do Testemunho* **(2.14-36)**

O sermão de Pedro no Dia de Pentecostes é o primeiro de um considerável número de longos sermões no livro de Atos (cf. o sermão curto de Pedro em 1.16-22). Selwyn, no seu excelente comentário sobre a primeira carta de Pedro, destacou inúmeros paralelos entre este sermão e a primeira epístola de Pedro.[49] Embora muitos estudiosos recentes tenham afirmado que os discursos no livro de Atos foram feitos pelo autor do livro e colocados na boca dos seus personagens — de acordo com o costume daquela época[60] — é digno de nota que Macgregor aceite a força da apresentação de Selwyn. Ele também diz que a ausência de idéias teológicas avançadas "nos primeiros discursos de Pedro colabora fortemente para o uso das fontes documentais primitivas".[51] Selwyn faz referência ao "estilo semita áspero e à doutrina primitiva que marcam partes dos discursos de Pedro".[62]

a. A Profecia de Joel **(2.14-21).** Pedro levantou-se com os onze — seus companheiros apóstolos — **levantou a voz e disse-lhes (14).** Temos a impressão de que o falar em • várias línguas tinha terminado e que toda a multidão ouviu quando Pedro fez o seu sermão. **Disse** não é o verbo normal, *lego,* mas um composto forte, *apophthengomai,*

que aparece somente aqui e em **26.25.** Pode ser traduzido como "falou" (ASV) ou "advertiu-os". "A implicação é que o discurso de Pedro é uma manifestação inspirada e que estava em uma linguagem bem articulada".[63] Os três verbos no começo deste versículo sugerem três coisas que todo pregador deveria fazer no púlpito: levantar-se ("endireitar-se"), erguer a voz, e falar.

Varões judeus (em algumas versões, "homens da Judéia") pode ser traduzido como "companheiros judeus".[54] Pedro procurava ganhar a atenção da sua audiência por essa forma cortês e amigável de falar. **Escutai** é, mais exatamente, "dêem ouvidos" (ASV). A palavra grega, encontrada somente aqui no Novo Testamento, é um composto das palavras que significam "dentro" e "orelha". Assim, sugere a idéia de "ligar-se". E isso o que um pregador deseja que a sua audiência faça.

A primeira coisa que Pedro fez foi negar a acusação de embriaguez. Ele chamou a atenção para o fato de que era somente a terceira hora do dia (nove horas da manhã), muito cedo para que alguém estivesse embriagado. "O costume judeu era o de não comer antes dessa hora, que era a hora da oração matinal".[55] Lumby escreve: "Os judeus bebiam vinho somente com carne, e, segundo o costume estabelecido em Êxodo 16.8, eles comiam pão pela manhã e carne à tarde, e assim não bebiam vinho antes das horas finais do dia".[56]

Qual é, então, a explicação? Pedro declarou: **isto é o que foi dito pelo profeta Joel (16).** Estes homens não estavam embriagados; eles estavam cheios do Espírito (cf. Ef 5.18).

Em 2.1-18, encontramos "o significado de Pentecostes". O assunto é a pergunta do versículo 12, **que quer isto dizer?** 1. O que quer dizer este vento impetuoso? O poder sobrenatural agora está disponível para transformar vidas e capacitar e igreja a obedecer a Grande Comissão (2.1-2,1.18); 2. Que querem dizer as línguas repartidas como que de fogo que pousaram sobre cada um deles? Que os seus corações estavam purificados, que eles poderíam ser cheios do Espírito Santo (2.3; 15.8-9); 3. Que quer dizer o falar em outras línguas? Que o Evangelho deve ser transmitido universal e eficazmente (7-8,1618).

(G. B. Williamson)

A citação encontrada nos versículos 17-21 é tomada de Joel 2.28-32. A primeira parte (w. 17-18) foi cumprida no dia de Pentecostes, quando o Espírito foi derramado sobre os discípulos que esperavam. Mas e os versículos 19-20? Estes sinais não foram cumpridos literalmente nesta ocasião.

A chave para a resposta parece ser a frase **últimos dias** (17). Lumby diz: "Na linguagem dos profetas do Antigo Testamento, estas palavras significam a vinda do Messias (cf. Is 2.2; Mq 4.1)".[57] Isto é, os últimos dias são os dias do Messias. Eles se iniciaram com a sua primeira vinda e continuarão durante a sua segunda vinda. Os versículos 1920 referem-se basicamente ao retorno de Cristo no final dessa era. Mas isto já está no quadro negro divino. Winn adequadamente afirma: "O sentido da vida nos últimos dias marca todo o Novo Testamento".[58] Na mesma linha, Bengel escreve: "Todos os dias do Novo Testamento são os últimos dias".[59] Com respeito à frase **do meu Espírito** (genitivo partitivo), ele diz: "No texto de Joel, a expressão é *meu Espírito-,* a expressão de Pedro é *'do* meu Espírito', tendo especial respeito ao Pentecostes, em particular".[60] O cumprimento da profecia de Joel não acabou naquele dia, mas prossegue durante toda esta era.

No pensamento do próprio Joel, provavelmente toda a carne significava toda a nação de Israel, ou seja, todas as classes de israelitas — velhos e jovens, servos e senhores. Mas na mente do Espírito, e como é usada no Novo Testamento, a expressão tem um significado universal.

A frase **e profetizarão** (18) não está no texto de Joel. Ela se repete aqui e no versículo 17 para enfatizar que os servos e as servas, assim como os filhos e as filhas, profetizarão.

Em lugar da palavra **glorioso (20),** citada da Septuaginta, o texto em hebraico de Joel tem uma outra palavra que significa "terrível". Este adjetivo é usado para descrever o dia do Senhor em Joel **2.11,31.**

Nos versículos 16-18, vemos as "possibilidades do Pentecostes". Toda a

carne — o Pentecostes desconsidera qualquer limite. Últimos dias — o Pentecostes ultrapassa a própria história. 1. O Pentecostes preserva a glória do passado (16); 2. O Pentecostes provê a realidade no presente (16); 3. O Pentecostes promete a vitória para o futuro (1718). (G. B. Williamson)

O versículo 21 resume o Evangelho em poucas palavras: **todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.** Em Joel, **Senhor** se referia a Deus Pai, mas aqui é transferido a Cristo. Knowling escreve: "Na sua relação com a divindade do nosso Senhor, este fato é de importância básica, porque não é simplesmente que os primeiros cristãos se dirigiam ao seu Senhor ascendido tantas vezes pelo mesmo nome que é usado para 'Jeová' na LXX — embora certamente seja notável que em 1 Tessalonicenses o nome se aplique a Cristo mais de vinte vezes — mas que eles não hesitavam em referir a Ele os atributos e as profecias que os grandes profetas da nação judaica tinham associado com o nome de Jeová".[61]

Para os israelitas, **salvo** significava "libertado" (cf. J1 2.32). Mas a aplicação que Pedro faz mostra que ele a interpretava como a salvação espiritual por meio da fé no nome de Jesus (cf. 38).

b. Jesus de Nazaré **(2.22-28). Varões judeus** significa, literalmente, "homens, israelitas" (cf. **14).** Como no versículo **14,** Pedro pede para a audiência: **escutai estas palavras (22).** Os versículos **14-21** constituem a introdução para o sermão. Negativamente, o falar em várias línguas não se devia à embriaguez. Positivamente, simbolizava o fato de que o Espírito Santo tinha sido derramado sobre os discípulos que estavam esperando e que, cheios do Espírito, eles iriam pregar o Evangelho por todo o mundo (cf. **1.8).**

O sermão propriamente dito se inicia no versículo 22 e se estende até o 36. Pedro falou a respeito de Jesus: 1. O seu ministério de realização de milagres (22); 2. A sua crucificação (23); 3. A sua ressurreição (24-32); 4. A sua ascensão e exaltação (33-36). Ele o apresenta como Jesus, o Homem, e como Jesus, o Senhor. Este primeiro sermão de Pedro pode ser interpretado como um bom exemplo do conteúdo da pregação apostólica *(kerygma).* O seu tema principal era Jesus — crucificado,

ressuscitado, glorificado. Ele é ao mesmo tempo Salvador e Senhor.

Aprovado (22) significa "confirmado, certificado" (RSV) ou "divinamente certificado" (Berk.). O verbo grego era usado nos papiros daquele período no sentido de "proclamar" uma, indicação a uma função pública.[62] Pedro afirma que os milagres que Jesus realizou eram as suas credenciais divinas, proclamando a indicação de Deus de Cristo como o Messias.

O versículo 22 contém as três palavras usadas para significar milagres nos Evangelhos. **Prodígios** significa literalmente "poderes" (*dynameis*), *i.e.,* "obras poderosas" (ASV). **Maravilhas** (*terata*) é uma palavra menos comum (16 vezes no Novo Testamento, em comparação com 120 vezes de *dynamis).* Ela aparece somente uma vez em Mateus, Marcos e João, mas 9 vezes no livro de Atos. Sempre é traduzida como "maravilha". **Sinais** *{semeia)* é traduzido como "milagre" 23 vezes no Novo Testamento (KJV), em um total de

77 vezes. Mas o seu significado correto é "sinal". A primeira destas três palavras para os milagres de Jesus enfatiza a sua natureza (obras poderosas), a segunda chama a atenção para o efeito produzido, "maravilha", e a terceira ressalta o seu objetivo e importância: aqueles eram "sinais" da divindade de Jesus. A segunda palavra nunca ocorre no Novo Testamento sem a terceira. O significado destes milagres era mais importante do que o aspecto de "maravilhar".

Um dos grandes paradoxos da vida é o fato duplo da soberania divina e da liberdade humana. No versículo 23, estas se unem. Jesus foi "entregue" (ASV) pelo determinado conselho e presciência de Deus. Ao mesmo tempo, foram os homens que o tomaram e crucificaram. Embora a morte de Cristo estivesse no plano divino da redenção, isto de nenhuma maneira diminui a culpa daqueles que o mataram, porque eles agiram de livre e espontânea vontade.

A palavra grega para **presciência** é *prognosis.* Ela é usada somente aqui e em 1 Pedro 1.2. Esta é uma das muitas correspondências entre a primeira epístola de Pedro e os seus sermões no livro de Atos. Uma distinção cuidadosa é feita entre os judeus que tomaram Jesus e os

gentios que o crucificaram. **Pelas mãos de injustos** significa literalmente "pelas mãos de homens sem lei", ou seja, homens que não seguiam a Lei de Moisés. Esta expressão "sem lei" era "freqüentemente usada na literatura judaica em relação aos romanos",[63] e esse é o seu significado aqui.

Mas a crucificação foi revertida pela ressurreição — **ao qual Deus ressuscitou**

(24). O termo **ânsias** pode ser traduzido como "dores" (ASV), pois a palavra grega significa literalmente "dores do parto". É usada no seu sentido literal em 1 Tessalonicenses 5.3. Aqui, como em Mateus 24.8 e Marcos 13.8, ela provavelmente sugere as dores do parto de uma nova era.

Alonga citação dos versículos 25-28 é tomada de Salmos 16.8-11. O salmo aqui é atribuído a Davi, que se alegra de que o Senhor não deixará a sua alma no Hades (ou Seol), o lugar dos mortos.

c. *Jesus, o Senhor* (2.29-36). **Varões irmãos** (29) significa literalmente "homens, irmãos". Pedro iniciou o seu sermão com "Varões judeus" (14). Depois da introdução, ele começou o corpo do sermão com "varões israelitas" (22). Agora, ele diz "varões irmãos" (cf. 1.16; 2.37). Com muito tato, o apóstolo procurava a atenção da sua audiência, que era basicamente judaica.

Pedro toma as palavras de Davi e aplica-as a Cristo. Davi morreu e foi sepultado. Neste ponto, Pedro está certo de que não haverá contradição. **Seja-me lícito dizer-vos livremente** pode ser traduzido como "Eu posso confiantemente dizer a vocês" (NASB). Além disso, entre nós está até hoje a sua sepultura. Ali o corpo — ou pelo menos os ossos — ainda poderia ser encontrado. Não seria a mesma coisa com o corpo de Jesus, o que foi provado pelo sepulcro vazio.

Pedro declarou que Davi escreveu como um **profeta** (30), que acreditou na promessa de Deus de que um dos seus descendentes sentar-se-ia no seu trono.[64] Sendo um **profeta,** ele previu, pelo menos

de certo modo (cf. 1 Pe 1.10-12), a **ressurreição de Cristo** (31) — literalmente, "o Cristo" *(i.e.,* "o Messias").

Então Pedro marcou um ponto: "Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas" (32). Assim, a profecia foi cumprida. A expressão **do que** pode igualmente significar "de quem" ou "da qual". A preferência provavelmente recai sobre "da qual", referindo-se à ressurreição.

A relação íntima da ressurreição (32) e a ascensão (33) também é encontrada em 1 Pedro 3.21-22 — outra evidência da autenticidade dos sermões de Pedro no livro de Atos. **Derramou** é o mesmo verbo que é corretamente traduzido da mesma maneira nos versículos 17 e 18. A imagem não é a de espalhar algo como ao tirar a roupa de alguém, mas como despejar algo de um recipiente. Foi desse derramamento do Espírito que Jesus tão claramente falara aos discípulos: "Se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (Jo 16.7).

A multidão podia ver e ouvir os resultados do derramamento do Espírito sobre os discípulos. Eles podiam ver a mudança nos apóstolos, e podiam ouvir a nova mensagem que estava sendo pregada. A referência também pode ter sido a visão das línguas de fogo e a audição do som como um vento veemente e impetuoso (2-4).

No versículo 34, o apóstolo retoma ao contraste entre Davi e Cristo. Davi não subiu aos céus, *i.e.*, corporeamente. Mas Jesus sim. No Salmo 110 — o capítulo do Antigo Testamento mais frequentemente citado no Novo Testamento, e que os judeus afirmam ser messiânico — Disse o Senhor *[Jeová]* ao meu Senhor [*Adon*]: Assenta-te à minha direita. Este sempre era o lugar especial de honra, da mesma maneira que o convidado de honra se senta hoje à direita do anfitrião. **Ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés** (35) é uma referência ao antigo costume dos vencedores de colocar o pé no pescoço dos vencidos (cf. Js 10.24).

Finalmente, Pedro chega ao clímax do seu sermão: **a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo** (36). O que

chocava os judeus era que Pedro ousava igualar Jesus ao Deus Jeová do Antigo Testamento.[65]

3. *O Testemunho Eficaz* (2.37-47)

Provavelmente, nenhum sermão já pregado jamais teve um efeito maior. Isto se deveu ao recente derramamento do Espírito.

a. O Arrependimento do Povo (2.37-42). Quando o povo ouviu a mensagem de Pedro, eles **compungiram-se em seu coração** (37). O verbo forte (somente aqui no Novo Testamento) significa "perfurar, espetar agudamente, alfinetar, ferir".[66] Esta é uma vivida descrição da obra do Espírito Santo para convencer o coração humano do pecado (cf. Jo 16.8). Em resposta a esta condenação, o povo dizia: Que faremos?

A resposta de Pedro foi simples e específica: **Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado** (38). A palavra grega para "arrepender" (*metanoeo*) significa "modificar o seu pensamento", *i.e.,* modificar a sua atitude em relação a Deus, ao pecado, ao mundo, a si mesmo. Aqui, ela significa que o povo deveria mudar a sua atitude com relação a Jesus. Ao invés de rejeitá-lo, deveríam aceitá-lo como "Senhor e Cristo" (36), ou seja, o seu Messias. Como testemunho público disso, eles deveríam ser batizados em nome de Jesus. **Cada um de vós seja batizado** significa, literalmente, "Que cada um de vós seja batizado". Esta deveria ser a etapa seguinte ao arrependimento, como no ministério de João Batista (Mc 1.4). Mas aqui o batismo deveria ser em nome de Jesus Cristo — um batismo cristão inconfundível. Isto deveria acontecer para perdão dos pecados. A. T. Robertson diz que o significado disso é "com base no perdão dos pecados que eles já tinham recebido".[67] Assim, eles se tornavam aptos a receber o dom do Espírito Santo.

A promessa não era apenas para os judeus de Jerusalém, e para os seus descendentes, mas também a **todos os que estão longe (39),** ou seja, os gentios, definidos também como **tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar.** Esta expressão deve ser interpretada à luz do versículo 21 — "todo aquele que invocar o nome do Senhor será

salvo", ou seja, a promessa é feita a todos aqueles que responderem ao chamado de Deus.

E com muitas outras palavras (40) Pedro testificava ("declarava solenemente") e exortava o povo para que se salvasse daquela geração perversa—literalmente "distorcida" (cf. Dt 32.5; SI 78.8; Fp 2.15).

Os resultados foram espantosos. Quase três mil almas (pessoas) somaram-se ao relativamente pequeno grupo de crentes que tinham sido cheios com o Espírito naquele mesmo dia. Era uma tremenda demonstração do poder do Espírito Santo. Estes novos convertidos perseveravam na doutrina (melhor "ensino", *didache*) dos apóstolos, e na comunhão (*koinonia*). Isto é, havia uma unidade de fé e de espírito. O **partir do pão** provavelmente se refere a uma celebração freqüente da Ceia do Senhor. As orações aconteciam tanto nas casas particulares quanto no Templo (cf. v. 46).

b. O Progresso se Repete (2.43-47). Este último parágrafo do capítulo parece, à primeira vista, descrever uma comunidade de bens na Igreja Primitiva em Jerusalém. Mas o texto grego dá uma impressão um pouco diferente daquela resultante da tradução em português. O tempo imperfeito, que significa uma ação contínua ou repetida, aparece nada menos que oito vezes nestes cinco versículos (43-47). Em 44 e 45, o uso do imperfeito é excessivamente significativo para a exegese correta. Os crentes "tinham tudo em comum" (tradução literal de 446); ou seja, eles deixavam todas as suas posses à disposição da igreja, para que fossem usadas conforme a necessidade.

O versículo 45 pode ser adequadamente parafraseado assim: "E de tempos em tempos eles vendiam as suas posses e os seus bens, e os repartiam entre todos, segundo as necessidades que cada um tinha de tempos em tempos". A implicação é a de que, quando surgiam as necessidades especiais, algum crente, ou alguns crentes, vendiam propriedades e tornavam os resultados da venda disponíveis para solucionar a emergência. A mesma coisa ainda acontece hoje entre os cristãos consagrados.

Os primeiros discípulos — a maioria composta por judeus —

continuavam a adorar diariamente no templo (46). Isto era natural. Posteriormente, a perseguição aos judeus expulsou-os do Templo, e também das sinagogas.

Eles também partiam o pão em casa. O texto grego também podería ser traduzido como "de casa em casa". Não havia edifícios para igrejas no início, e a maioria das reuniões de adoração era conduzida nas casas.

Louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo (47) é uma combinação desejada na igreja de todos os tempos e lugares. O Senhor estava acrescentando diariamente novas pessoas ao número de crentes. Esta era uma igreja em crescimento. A última frase, **aqueles que se haviam de salvar,** é uma tradução completamente injustificável. Não existe aqui nenhuma indicação de predeterminação ou predestinação. O texto grego diz claramente: "todos os dias acrescentava[68] o Senhor à igreja aqueles que estavam sendo salvos". Isto simplesmente afirma que aqueles "que estavam sendo salvos" uniam-se ao crescente grupo de discípulos em Jerusalém.

Este capítulo sugere "o milagre do Pentecostes". 1. As condições do Pentecostes (1). Os discípulos estavam juntos em Jerusalém, em *obediência* ao mandamento de Cristo (1.4), e pela *fé* de que Ele cumpriría a sua promessa (1.5). 2. Os acompanhamentos do Pentecostes (2-3). Estes foram o *som* de um vento tempestuoso e a *visão* das línguas repartidas — ambos símbolos do Espírito Santo. 3. As conseqüências do Pentecostes (3742): *convicção* (37), *conversão* (41), *comunhão* (42).

B. Testemunhas Realizando um Milagre (3.1-26)

1. A *Cura* (3.1-10)

Pedro e João (1) são mencionados juntos desta maneira somente uma vez nos Evangelhos, quando foram enviados por Jesus para preparar a Páscoa para o Mestre e os seus discípulos (Lc 22.8). Durante a noite que se seguiu, eles foram aparentemente os

únicos apóstolos que estavam à noite, na casa do sumo sacerdote, quando Jesus estava sendo julgado ali pelo Sinédrio (Jo 18.15). Eles passaram juntos uma noite na prisão (4.3,13), e constituíram o grupo enviado a Samaria pelos apóstolos de Jerusalém (8.14). É claro que estes apóstolos trabalhavam em íntima colaboração nos primeiros tempos da igreja.

Estes dois apóstolos líderes subiram ao Templo (*hieron*, a área do Templo) à tarde, à hora da oração, que era a nona hora (3 horas da tarde). Josefo diz que, mesmo durante o cerco de Jerusalém pelos romanos (70 d.C.), os sacerdotes "ainda ofereciam os seus sacrifícios no altar duas vezes por dia, pela manhã e aproximadamente à hora nona".[69] Schuerer afirma que o incenso era oferecido no altar de ouro, no Santuário (ou Lugar Santo), antes que a oferta queimada fosse feita no altar de bronze pela manhã e à tarde, "para que a oferta queimada diária fosse, por assim dizer, envolta pela oferta do incenso".[70] Ele acrescenta: "Enquanto isso acontecia, o povo também se reunia no templo, para orar".[71]

Todos os dias um homem, que era coxo desde o seu nascimento, era deixado à porta Formosa do Templo (2). Provavelmente, esta entrada deve ser identificada com a porta de Nicanor, que comunicava o pátio dos gentios com o pátio das mulheres (ver o quadro A). Josefo diz que ela media aproximadamente 22 metros de altura por 18 de largura, e era feita de bronze de Corinto revestido com uma espessa camada de ouro e prata.[72]

Quando o homem coxo viu que Pedro e Paulo entravam no Templo, ele lhes pediu **uma esmola** (3), O tempo imperfeito sugere que ele pode ter estado pedindo repetidamente, embora também possa significar "começou a pedir". Pedir esmolas era e ainda é muito comum em terras orientais.

Fitando os olhos (4) é uma única palavra em grego. E o mesmo verbo que é traduzido como "estar com os olhos fitos no céu" em 1.10. Indica um olhar fixo. Quando Pedro fixou os seus olhos no homem coxo e disse: **Olha para nós,** o homem naturalmente esperou uma

generosa soma de dinheiro (5). Ele ficou desapontado quando ouviu de Pedro: **Não tenho prata nem ouro** (6). No entanto, o apóstolo não parou aí, mas prosseguiu dizendo: **mas o que tenho** ["possuo"], **isso te dou.** Então veio a ordem: **Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda.**[73] Pedro conhecia o poder daquele Nome, e não hesitou em invocá-lo.

- Para encorajar a fé do homem, Pedro, tomando-o pel
- Qual foi a reação de Estêvão a estas falsas acusaç
- O resultado da partida de Paulo de Jerusalém teve
- TESTEMUNHANDO NO MUNDO GENTÍLICO
- O texto original retrata a restauração do Tabernác
- F. Grécia, 17.16—18.17
- Bispos corresponde a episkopos (de onde vem a pala
- J. Cesaréia, 24.1—26.32
- K. A Viagem a Roma, 27.1—28.16.
- L. Roma, 28.17-31
- 408Op. cit.,p. 173.
- APARIÇÕES DE JESUS APÓS A RESSURREIÇÃO
- COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

1

O Mandamento (1.1-5)

Este parágrafo pode ser adequadamente chamado de prefácio ou prólogo ao livro de Atos, embora alguns restrinjam o prólogo aos dois primeiros versículos. Talvez a melhor conclusão seja esta: "O livro de Atos começa com uma transição, e não com um

Para encorajar a fé do homem, Pedro, **tomando-o pela mão direita, o levantou** (7). O poder divino também entrou imediatamente em ação, pois os seus **pés** e **tornozelos** se firmaram. Os substantivos em grego para **pés** e **tornozelos** encontram-se apenas aqui no Novo Testamento. O verbo "firmar-se", além desta passagem, aparece somente no versículo 16 e em 16.5. As três palavras são encontradas com freqüência em textos de autores médicos.[74] Knowling sustenta que a combinação de palavras aqui "foi levada justamente ao ponto da descrição técnica de um médico".[76]

Saltando (8) — o verbo composto grego só é encontrado aqui no Novo Testamento — o homem **pôs-se em pé, e andou.** A sua fé respondeu às palavras de Pedro e ao toque da mão do apóstolo. Este é um exemplo adequado do que acontece com o pecador, que espiritualmente é um aleijado desamparado. Quando ele reage com fé e obediência, como fez este homem, encontra vida nova e poder para ficar em pé e caminhar pelos caminhos da justiça.

Quando o ex-aleijado já podia caminhar, o primeiro lugar para onde se dirigiu foi o Templo. Este era o lugar mais apropriado para louvar a Deus. Um homem que tinha sido incapaz de caminhar durante quarenta anos (cf. 4.22) não deveria ser criticado por estar saltando e louvando a Deus. As suas ações e as palavras eram um testemunho vivo do milagre que acabara de acontecer.

Muitas pessoas estavam no Templo na hora vespertina da oração. Elas viram o homem **andar e louvar a Deus** (9) e o reconheceram como o ex-mendigo que ficava na **Porta Formosa** (10). Mal podendo acreditar no que seus olhos viam, ficaram cheios de pasmo e assombro — *ekstasis* (êxtase), literalmente; "ficaram fora de si". O homem curado era um anúncio ambulante do poder de Deus. As obras de Jesus tinham a sua continuidade pelo poder do Espírito Santo operando através dos discípulos (ver os comentários sobre 1.1). Assim como o milagre da Encarnação possibilitou os milagres do ministério de Jesus, o milagre do Pentecostes possibilitou os milagres da Igreja Primitiva.

Nesta seção, podemos ver um quadro do pecado e da salvação no "Coxo que Caminhou": 1. Desamparo (2); 2. Esperança (3-5); 3. Cura (6-10).

2. *A Multidão* (3.11-16)

A gratidão do homem curado era tão grande que ele se apegou a Pedro e João (11),

i.e., agarrou-se a eles, expressando o seu agradecimento. Enquanto isso, o povo vinha correndo para ver o que havia acontecido. A curiosidade é uma das principais características de uma multidão. Eles reuniram-se no alpendre de Salomão, que era um pórtico, ou um passeio coberto, com colunas, junto ao muro externo (leste) da área do Templo. Hoje, um passeio similar pode ser visto junto ao muro interno (oeste). O pórtico leste era chamado de alpendre de Salomão devido a uma lenda corrente na época, a de que foi construído por Salomão na metade do século X a.C. Josefo escreveu sobre esta colunata leste (ou a sua fundação): "Era uma obra do rei Salomão, que em primeiro lugar construiu todo o Templo".[76] (Ver o quadro A.)

Pedro, respondendo aos olhares maravilhados da multidão, perguntou: **por que vos maravilhais disto?** (12) Os discípulos não tinham realizado este milagre pela sua própria virtude ou santidade, mas pelo **Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó.** Assim, Pedro ligou o novo movimento ao Antigo Testamento.

Alguns se preocuparam com a mudança de **Filho Jesus** para "Servo Jesus" (ASV, NASB), ou "servo Jesus" (RSV, NEB). A palavra grega em questão é *pais.* Arndt e Gingrich observam que o termo era usado em tempos antigos para expressar diversos relaciona-

mentos. Do ponto de vista de idade, significava "rapaz" ou "jovem"; em termos de descendência, "filho"; de posição social, "servo" ou "escravo". Considerando Cristo na sua relação com Deus, eles dizem: "Neste contexto, tem o significado de *servo,* por causa da identificação do 'servo de Deus' em algumas passagens do Antigo Testamento sobre o Messias".[77] Os chamados "cânticos do servo" de Isaías refletem este

uso (cf. Is 42.1; 50.10; 52.13). Com respeito à escolha entre "filho" e "servo" em Atos 3.13,26; 4.27,30, Arndt e Gingrich concluem: "E difícil decidir qual dos significados é o melhor".[78] Mas a maioria dos comentaristas da atualidade, tanto os conservadores quanto os liberais, definitivamente preferem "servo" como a tradução correta nestas passagens. Por exemplo, F. F. Bruce escreve: "Pais deve ser traduzido como 'Servo'... o próprio Senhor observou explicitamente a sua natureza messiânica em termos do servo de Isaías... e da mesma maneira escrevem os autores do Novo Testamento em geral".[79] A palavra *pais* é traduzida dez vezes como "servo" no Novo Testamento da versão KJV, e somente três vezes como "filho" (3.13, 26; Jo 4.51). Aqui, deve ser "Servo".

Este Jesus, o seu Messias, os judeus entregaram a Pilatos. Diante do governador, eles o negaram, quando Pilatos estava determinado a fazer com que fosse solto. Esta afirmação está perfeitamente de acordo com os relatos expressos nos Evangelhos.

O Santo e o Justo são títulos messiânicos (cf. Is 53.11). No apócrifo 1 Enoque 38.2; 53.6, o Messias é chamado de "O Justo". Essa expressão também se encontra diversas vezes em outras partes do Novo Testamento (cf. At 7.52; 22.14; 1 Pe 3.18; 1 Jo 2.1).

O contraste entre os versículos 14 e 15 é surpreendente. O que os judeus fizeram? **Pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida.** Eles mataram a única Fonte de vida e escolheram um perigoso assassino para ser solto no seu meio. De certa maneira, isto é o que todo pecador relutante faz. Rejeita o Autor da vida e escolhe o pecado, a fonte da morte.

Como no seu primeiro sermão (cf. 2.23-24), Pedro enfatizou a morte e a ressurreição de Cristo — **ao qual Deus ressuscitou dos mortos.** Ele acrescentou: **do que nós somos testemunhas.** A afirmação dos apóstolos de que Cristo tinha ressuscitado era negada pelos judeus, portanto ela deveria ser documentada.

O poder do nome de Jesus é destacado no versículo 16. A fé no Nome tinha tornado o aleijado um homem forte e de perfeita saúde. Todo o

povo podia observar isto.

Para os versículos 14 e 15, Alexander Maclaren sugere o seguinte esquema: 1. O paradoxo da escolha fatal do homem; 2. O paradoxo da aparente derrota do Senhor da Vida pela morte; 3. O paradoxo divino triunfante da vida doada, e da morte derrotada, por meio de uma morte.

3. *O Desafio* (3.17-26)

Depois da penetrante acusação de assassinato no versículo **15,** Pedro agora adota um tom gentil e suplicante. Chamando os seus ouvintes de **irmãos,** ele reconhece que foi pela ignorância que eles cometeram este crime horrível. **Eu sei (17)** significa "eu reconheço" (Berk.). Eles não tinham realmente percebido que Jesus era o Messias. O testemunho de Paulo forma um paralelo: "Dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade" **(1** Tm **1.13).** Mas Paulo finalmente aceitou Jesus como o Messias. A maioria dos líderes judeus se recusava a fazer isto, mesmo tendo o testemunho dos apóstolos.

Como Paulo fez posteriormente, pregando aos judeus em Tessalônica **(17.3),** Pedro ressaltou que os profetas do Antigo Testamento haviam predito um Messias sofredor. **Cristo (18)** deve ser traduzido como "o Messias". A morte de Jesus era um obstáculo para que os judeus aceitassem a sua reivindicação messiânica. Era necessário chamar a atenção para os ensinos desta fase do Antigo Testamento, a íim de preparar o caminho para a aceitação de Jesus pelos judeus (cf. Is **52.13-53.12).**

Como no seu primeiro sermão, Pedro pediu o arrependimento. Anteriormente, a solicitação era: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado" (2.38). Agora, é: **Arrependei-vos... e convertei-vos** (19). O último verbo, *epistrepsate,* significa literalmente "voltar" (RSV, ASV) ou "regressar" (NASB). Ele é usado desta maneira na Septuaginta. Estes dois verbos são encontrados juntos em Joel 2.14.

O resultado do arrependimento e do retorno a Deus seria os pecados apagados — cf. o "perdão dos pecados" **(2.38)** — quando virão **os tempos do refrigério** (reavivamento) **pela presença do Senhor.** A palavra grega que significa **refrigério** aparece somente aqui no Novo Testamento, e somente uma vez na Septuaginta (Ex **8.11).** Arndt e Gingrich dizem que ela é usada de forma figurada para falar da época messiânica, e traduzem esta frase como "tempos de descanso".[80] Alford diz que ela significa "a grande época de alegria e repouso, que se entende que seria trazida pela vinda do Messias na sua glória".[81]

Quando os judeus se arrependerem e retornarem a Deus, Ele enviará Jesus Cristo, que **já dantes vos foi pregado** (20). Mas o melhor texto grego apresenta a palavra "designado" (ASV, RSV, NEB, NASB). Jesus é o Messias designado para Israel. Não há outro e os judeus devem aceitá-lo ou ficarão completamente perdidos.

Enquanto isso, durante esta época da igreja, **convém que o céu** o **contenha** (21). Ele ascendeu e está à direita do Pai, intercedendo por nós (2.33-36; Rm 8.34; Hb 7.25). Ele estará ali **até os tempos da restauração de tudo.** Esta frase tem sido combatida ansiosamente pelos universalistas, que afirmam que, no final, toda a humanidade será restaurada à graça de Deus. Mas a expressão é limitada pela frase que a segue: **Dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas.**

O termo traduzido como **restauração** é raro, encontrado somente aqui no Novo Testamento, e não encontrado na Septuaginta. No século II a.C., foi usado para a restauração do santuário de uma deusa, e para o conserto de uma via pública.[82] Josefo fala da "restauração" dos judeus do exílio".[83] Oepke escreve no seu artigo sobre *apokatastasis,* na obra *Theological Dictionary ofthe New Testament,* de Kittel:[84] *"Apokatastasis* não pode significar a conversão de pessoas, mas apenas a reconstituição ou o estabelecimento de coisas". Ele opina que **refrigério** refere-se ao subjetivo, e **restauração** ao lado objetivo da restauração que deve ocorrer. Talvez a melhor tradução seja: "o tempo de estabelecer tudo aquilo de que Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde a antiguidade"

(RSV).

O versículo 22 contém uma citação de Deuteronômio 18.15 (cf. 7.37). E um excelente exemplo daquilo que é chamado de princípio "telescópico" de profecias. Normalmente, uma predição ao Antigo Testamento tem um cumprimento parcial na época do profeta, e a seguir um cumprimento completo em Cristo. Aqui, a primeira aplicação da profecia se dá, inquestionavelmente, com Josué, que sucederia Moisés como o líder dos israelitas. Mas Pedro e Estêvão corretamente aplicam-na a Jesus, o Josué maior. *Jesus* (grego) e *Josué* (hebraico) significam a mesma coisa: "Jeová é salvação". Lumby observa que os judeus "freqüentemente identificavam o profeta de quem Moisés falava com o Messias".[85]

O versículo 23 é provavelmente uma citação livre de Deuteronômio 18.19. A última frase é diferente.

O versículo 24 implica que Samuel foi o primeiro da grande linhagem de profetas. Ele está na divisão do período do reinado de Israel, como o último dos juizes e o primeiro dos profetas. Embora tenha havido, anteriormente, profetas individuais como Moisés, o principal período de profecias teve início com Samuel. Todos os profetas antigos, afirma Pedro, **anunciaram** — mais acertadamente, "falaram a respeito de" (NASB) ou "proclamaram" (RSV) — **estes dias,** ou seja, os dias do Messias.

O apóstolo concluiu o seu sermão de modo gentil e suplicante. Ele recordou os seus ouvintes de que eles eram os **filhos dos profetas** (25), ou seja, herdeiros das promessas feitas por meio dos profetas — e do concerto — *"i.e.,* herdeiros das suas promessas e obrigações".[86] A citação na última parte do versículo é de Gênesis 22.18.

A expressão **primeiro o enviou a vós (26)** concorda com a expressão de Paulo "primeiro do judeu" (Rm **1.16; 2.10).** A vontade de Deus era que a salvação fosse primeiramente disponibilizada aos judeus, e através destes fosse proclamada ao mundo. Esta ordem foi inaugurada no Pentecostes. Esta também é a ordem seguida no livro de Atos. Paulo sempre pregou primeiramente nas sinagogas judaicas,

todas as vezes que as encontrava.

Sobre o termo **ressuscitando,** Lumby diz: "Esta palavra é usada aqui não a respeito da ressurreição de Jesus, mas recordando a promessa de Moisés, citada no versículo 22, de que um profeta seria *levantado*... e enviado ao povo".[87] Talvez uma referência dupla deva ser permitida — tanto à encarnação quanto à ressurreição (cf. 4.2).

Para que... vos abençoasse significa literalmente "abençoando-vos". Como? **Desviando cada um das suas maldades.** Esta é uma ênfase comum no Antigo Testamento, onde a mesma palavra grega que significa "desviar" é usada na Septuaginta *(e.g.,* em Ez 3.19; 18.27; 33.14; Jn 3.10). Esta é a maior bênção de Deus a toda a humanidade: a salvação do pecado. Esta é a principal mensagem tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

C. Testemunhas Perseguidas, 4.1-22

1. *Presos pelos Saduceus* (4.1-4)

No seu primeiro sermão, no dia de Pentecostes, Pedro tinha acusado os judeus de terem matado Jesus, e afirmara a sua ressurreição (2.23-24). Milagrosamente, talvez por causa da resposta de três mil conversões, Pedro foi poupado de qualquer perseguição. Mas quando ele curou um aleijado conhecido, e em um segundo sermão denunciou os judeus ainda mais enfaticamente por terem assassinado o seu Messias, isto já foi demais. A primeira perseguição teve início, e Pedro e João foram levados à prisão.

Os oficiais vieram enquanto Pedro ainda estava pregando. O texto grego diz "estando eles falando". Diversas vezes, no livro de Atos, encontramos o orador sendo interrompido (cf. 7.54; 10.44; 17.32; 22.22).

Sobrevieram os sacerdotes, e o capitão do templo — "o comandante da guarda do Templo" (Weymouth) —, **e os saduceus** (1). Todos eles pertenciam ao grupo dos saduceus. Normalmente, admite-se que os sacerdotes eram saduceus. O capitão do Templo era

um sacerdote. Shuerer escreve: "A este funcionário era confiada a principal superintendência dos arranjos para preservar a ordem dentro do Templo e ao seu redor".[88] Ele era "subordinado somente ao próprio sumo sacerdote".[89]

Os saduceus[90] são mencionados somente 14 vezes no Novo Testamento — sete vezes em Mateus, uma vez em Marcos e em Lucas, e cinco vezes no livro de Atos. Os fariseus são mencionados cem vezes — noventa nos Evangelhos, nove vezes no livro de Atos, e uma vez em Filipenses 3.5.

Doendo-se (2) pode ser traduzido como "exasperados" (NEB), ou "enormemente perturbados" (NASB). O verbo grego (somente aqui e em 16.18) significa "indignar", "estimular".[91] Moulton e Milligan traduzem-no em um papiro como "aborrecer".[92]

O que aborrecia os saduceus era que os apóstolos estavam ensinando e anunciando em Jesus — literalmente, "através do caso de Jesus" (Weymouth) — a ressurreição dos mortos, ou seja, a ressurreição tinha ocorrido no caso de Jesus.

Nos Evangelhos, encontramos os fariseus como os principais oponentes de Cristo. Mas quando Jesus purificou o Templo, Ele provocou a ira dos saduceus ao ameaçar tanto o seu prestígio quanto os seus bolsos. A partir daí, eles se tornaram os principais instigadores que o levaram à morte (ver os comentários sobre Mt 21.15).

Agora, um segundo fator deixa claro o motivo por que os saduceus assumiram a liderança na perseguição aos apóstolos. Este grupo em particular negava qualquer idéia de ressurreição (cf. 23.8). Ter os apóstolos proclamando a doutrina da ressurreição dos mortos e provando-a no caso da ressurreição de Jesus tornava-os "completamente enfurecidos" (Phillips).

Assim, eles prenderam Pedro e João e os encerraram na prisão até o dia seguinte. Já era muito tarde para fazer qualquer outra coisa naquele dia.

Apesar da oposição dos saduceus, **muitos dos que ouviram a palavra** proclamada pelos apóstolos **creram** (4). Isto é, eles aceitaram a verdade da natureza messiânica de Jesus e a ressurreição.

Alguns concluem, a partir da afirmação na segunda metade deste versículo, que mais cinco mil convertidos se somaram nesta ocasião. Entendemos que o texto grego não indica isto. Ele fala em "se tomar". O número total de crentes chegava a cinco mil, a esta altura. Isto incluía os três mil salvos no Pentecostes.

2. *Levados a Juízo Perante o Sinédrio* (4.5-12)

E aconteceu, no dia seguinte, reunirem-se em Jerusalém os seus principais, os anciãos, os escribas — os três grupos que compunham o Sinédrio (5). Não existe uma informação exata sobre onde se realizou essa reunião, exceto que foi em Jerusalém (5-6). Josefo parece indicar que o lugar normal das reuniões do Sinédrio era fora do muro oeste da área do Templo.[93] O Talmude fala que se realizavam dentro. Como Josefo viveu na Palestina enquanto o Templo ainda estava em pé, provavelmente o seu testemunho deva ser preferido ao do Talmude, que foi escrito mais tarde.[94]

A expressão **os principais** constitui, evidentemente, outra designação dos principais dos sacerdotes (cf. Mc 14.53). Aparentemente, eles representavam a influência dominante no Sinédrio. **Anciãos** era o nome geral dos membros daquele grupo respeitável. Os **escribas** eram os professores da Lei. Parece que eram setenta membros, além do sumo sacerdote, que o presidia.[95] Isto honrava a memória de Moisés e dos setenta anciãos de Israel no deserto.

Quatro dos líderes do Sinédrio são mencionados pelo nome. **Anás** é descrito como **o sumo sacerdote** (6). Oficialmente, ele conservou esse cargo aproximadamente entre 6 e 15 d.C. Mas durante os anos seguintes, quando cinco dos seus filhos e um dos seus genros foram sumos sacerdotes, Anás continuou com as rédeas nas mãos. Caifás, seu genro, era na verdade o sumo sacerdote nessa época (18 a 36 d.C.).

Lucas, em outra passagem, usa a expressão "sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes" (Lc 3.2). Provavelmente, a população acreditava que Anás exercia a autoridade do cargo melhor do que Caifás. F. F. Bruce diz, sobre Caifás: "Como sumo sacerdote, ele seria o presidente do Sinédrio, embora possa ter transferido essa função a Anás devido a sua idade, quando este último estivesse presente".[96]

Ao invés de "João", o texto ocidental traz o nome "Jônatas". Caifás foi sucedido em 36 d.C. por Jônatas, filho de Anás, e este pode ser o homem mencionado aqui. Sobre Alexandre, nada sabemos, exceto que ele era da linhagem do sumo sacerdote. Anás era um político astuto, que conhecia as vantagens de manter os membros da sua família em posições de influência.

Quando o Sinédrio estava reunido, Pedro e João foram tirados da prisão e postos... **no meio** (7). Eles se encontraram diante de um semicírculo de rostos zombeteiros. Este era o mesmo grupo que tão recentemente havia condenado o seu Mestre à morte.

Gracejando,[97] os governantes judeus perguntaram: Com que poder ou em nome de quem fizestes isto? Anteriormente, os principais dos sacerdotes tinham perguntado a Jesus com que "autoridade" (*exousia*) Ele havia purificado o Templo e ensinava o povo (Mt 21.23). Mas agora, eles perguntaram aos apóstolos com que poder (*dynameis)* eles tinham curado o homem coxo. Alexander parafraseia a pergunta assim: "No uso de que misterioso poder, e como representantes de quem, ou pela invocação de qual nome, vocês realizaram esta extraordinária cura?"[98]

Pedro (8), uma vez mais, aparece como orador. Antes do Pentecostes, ele normalmente assumia essa função, mas freqüentemente dizia as coisas erradas. Especificamente, ele havia enfraquecido diante da acusação de uma criada e declarado, sob juramento, que não conhecia o seu Senhor. Mas agora ele estava cheio do Espírito Santo. F. F. Bruce diz: "Devemos fazer uma diferença entre este uso do passivo aoristo, que denota um momento especial de inspiração, e o uso do adjetivo *píeres* ('cheio'), que denota o caráter permanente de um

homem que recebeu o Espírito (cf. Estêvão, em 6.5)".[99]

Cheio do Espírito Santo é a frase essencial do livro de Atos, encontrada cinco vezes no livro (cf. 2.4; 4.31; 9.17; 13.9). Em Atos 2.4 e 9.17, ela se refere ao enchimento *inicial* com o Espírito Santo. Em Atos 4.31, ao *recente* derramamento sobre aqueles que precisavam de poder para testemunhar sob a perseguição. Aqui, em Atos 4.8 (como em 13.9), sugere a inspiração instantânea que Jesus prometeu em Mateus 10.19-20. A expressão intimamente relacionada, "cheio do Espírito Santo", aparece três vezes (6.5; 7.55; 11.24). Este é o segredo sobre o qual podemos ler neste livro emocionante. Deus entrou na personalidade humana e liberou o seu poder na vida dos seus servos.

Embora Pedro tivesse se tornado ousado pelo Espírito, ele ainda demonstrava que era o Espírito de Deus que o possuía. De forma cortês, dirigiu-se aos seus juizes como **Principais do povo** e **anciãos de Israel.** As duas designações poderiam ser aplicadas aos membros do Grande Sinédrio de Jerusalém. Aqui não se tratava da fraqueza da bajulação aduladora, mas sim da força da verdadeira cortesia cristã.

Interrogados (9) é um termo forte, usado somente por Lucas e Paulo, e indica uma investigação judicial, podendo ser traduzido como "levados a juízo". A força de hoje é assim esclarecida por Alexander: "Vivemos para ver o dia quando os homens serão chamados a responder pelas suas boas obras?"[100] **Benefício** é uma palavra que, em grego, significa "um ato de bondade". **O modo como** pode ser traduzido como "por quem", e indica a natureza pessoal do verdadeiro poder espiritual.

Pedro não estava hesitante nem tímido ao dar a sua resposta à pergunta dos governantes. Na verdade, ele queria que **todo o povo de Israel** (10) soubesse. Foi **em nome de Jesus Cristo, o Nazareno** que aquele homem enfermo tinha sido curado. Este foi **aquele a quem vós crucificastes** (cf. 2.36), e também **a quem Deus ressuscitou dos mortos.** O prisioneiro em julgamento no Sinédrio tinha se tornado um advogado em defesa de Deus. Pedro enfrentou os juizes da suprema corte de Israel e corajosamente

acusou-os de terem matado o Messias da nação. Foi um momento de tensão. O apóstolo declarou que Jesus era a pedra fundamental divinamente escolhida, mas tinha sido rejeitada — "tratada como nada" — **por vós, os edificadores** (11). Deus enviara o seu Filho para ser a Pedra Principal do templo dos seus verdadeiros adoradores. Os líderes judeus tinham posto esta Pedra de lado, mas ela ainda seria a cabeça de esquina no novo templo, a igreja. Este versículo é uma citação de Salmos 118.22 (cf. Mt 21.42).

Então, Pedro fez uma das afirmações mais significativas que se podem encontrar na primeira parte do livro de Atos. Ele declarou, a respeito de Jesus: **E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos [101] ser salvos** (12). Esta é uma das maiores ênfases do Novo Testamento: a salvação se dá somente por Cristo. A última palavra, **salvos,** é o mesmo verbo grego que é traduzido como "curado" no versículo 9. E *sozo,* usado nos Evangelhos principalmente a respeito de curas físicas, e, nas epístolas, para a salvação espiritual. O seu uso aqui no versículo 9 e no 12 indica a transição. A cura do corpo é um símbolo da cura da alma.

Em 4.1-12, G. B. Williamson encontra "O nome incomparável". 1. O nome de Jesus é salvador (10); 2. Esse nome é único (12); 3. O seu nome é soberano (11).

3. *Ameaçados pelo Sinédrio* (4.13-22)

Os governantes dos judeus espantam-se com o fato de Pedro e João mostrarem tanta **ousadia** (13). A palavra grega é *parresia,* que no grego clássico significava "liberdade de falar abertamente e sinceramente". Abbott-Smith assim a interpreta nesta passagem, assim como em 2 Coríntios 3.12. Na Septuaginta e em Josefo, como também em muitas passagens do Novo Testamento, ela significa "confiança", "ousadia" ou "coragem". Esta pode ser a ênfase principal aqui. No entanto, o significado clássico tradicional é favorecido pela afirmação de que eles eram **homens sem letras e indoutos.** O primeiro adjetivo, *agrammatos* (somente aqui no NT) significa literalmente "iletrados". A. T. Robertson pensa que isto

significa que eles eram "sem treinamento técnico nas escolas rabínicas profissionais".[102] Esta é a opinião da maioria dos comentaristas. Embora o uso principal desta palavra nos papiros contemporâneos seja para designar pessoas iletradas, que não sabiam ler nem escrever, a afirmação de que os governantes foram informados (perceberam) de que os apóstolos eram *agrammatoi* indica que o termo significa "sem treinamento escolástico ou rabínico".[103] F. F. Bruce diz: "O sentido 'iletrado'... pode não ter sido a intenção aqui".[104]

O segundo adjetivo, indouto, é *idiotes.* É traduzido da mesma maneira em 1 Coríntios 14.16, 23-24. A única outra passagem onde a palavra aparece no Novo Testamento é 2 Coríntios 11.6, onde Paulo fala de si mesmo como sendo "rude na palavra" — provavelmente citando o escárnio de alguns "cristãos" coríntios sofisticados. Isto aponta em direção à conotação moderna do termo "idiota". Mas *(contra* Matthew Henry) este provavelmente não é o significado aqui. A palavra origina-se do adjetivo *idios,* "dono de si mesmo". Assim, significa *"uma pessoa privada,* em oposição ao Estado ou a um funcionário".[105] Assim, ela chega a significar "alguém sem conhecimento profissional, sem instrução, sem educação, sem estudo".[106] Este é evidentemente o seu uso aqui. Tyndale, no primeiro Novo Testamento Inglês impresso (1525), traduziu a palavra como "pessoa leiga". Um pouco mais tarde, a Bíblia Cranmer melhorou a expressão traduzindo-a como "homens leigos". Isto se encaixa perfeitamente neste contexto.

Os governadores se maravilharam com o fato de que homens leigos, não educados teologicamente, fossem capazes de falar com tanta liberdade e franqueza. Eles tinham conhecimento — "reconheceram" — de que eles haviam estado com Jesus. Todo este episódio reflete a reação dos líderes judeus em uma época anterior, quando eles exclamaram sobre o Mestre: "Como sabe este letras *[grammata*], não as tendo aprendido?" (Jo 7.15) Isto não significa que ele nunca tivesse aprendido a ler ou escrever, mas que Ele, como Paulo, não tinha sido treinado nas suas escolas de teologia.

Os membros do Sinédrio foram incapazes de negar o poder divino e a autoridade divina dos apóstolos. Pois ali, com eles (14), estava a evidência, na pessoa do aleijado que tinha sido curado.

Confuso e frustrado, o conselho mandou que os apóstolos saíssem enquanto os seus membros conferenciavam sobre qual seria o próximo passo a tomar (15). Eles não podiam negar o sinal notório — lit., "sinal conhecido" — porque toda Jerusalém sabia dele (16). Mas, para evitar que o assunto se divulgasse cada vez mais, sugeriu-se que eles ameaçassem os apóstolos — o melhor texto grego apresenta a situação desta maneira — , a fim de que eles não falassem mais **nesse nome** (17).[107] Então, eles trouxeram de volta os prisioneiros e ordenaram que absolutamente **não falassem, nem ensinassem, no nome de Jesus** (18).

Com divina sabedoria e franqueza direta, Pedro e João pediram que os líderes judeus julgassem se era justo que os apóstolos obedecessem a Deus ou ao Sinédrio (19). Isto expôs os juizes. Obviamente, havia somente uma resposta que poderia ser dada. Então os dois discípulos fizeram uma declaração comovente: **não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido** (20). Este é o testemunho de qualquer pessoa que tenha encontrado a realidade em Jesus Cristo.

Eles ainda os ameaçaram mais (21) é uma única palavra em grego, um verbo composto encontrado somente aqui no Novo Testamento. A idéia é que eles acrescentaram mais ameaças àquelas que já haviam sido feitas. A ameaça é a maneira como algumas pessoas encerram uma discussão quando já não têm uma resposta razoável. Devido ao entusiasmo do povo pelo novo movimento (cf. 2.41; 4.4), os líderes judeus não ousaram punir os apóstolos. **Todos glorificavam a Deus** é uma expressão tipicamente de Lucas, encontrada com freqüência no Evangelho de Lucas e no livro de Atos.

Como um médico, Lucas lembra o fato de que o homem que tinha sido curado **tinha mais de quarenta anos** de idade (22). Isto fazia o milagre (grego, "sinal") ainda mais assombroso. Supostamente, um homem aleijado desde o seu nascimento seria, depois de quarenta anos, um caso absolutamente impossível. Mas o poder de Deus é

ilimitado. Ele também pode salvar um pecador que tenha estado acorrentado nas profundezas da de-pravação durante quarenta anos, embora os sociólogos possam definir o seu caso como sem esperança.

D. As **Testemunhas Orando,** 4.23-37

1. *Coragem* (4.23-31)

A primeira perseguição dos apóstolos foi seguida por uma reunião de oração da igreja. O melhor método de enfrentar a oposição é sempre a oração.

E, soltos eles, foram para os seus (23) não apenas é um registro de um fato, mas também a afirmação de um princípio, que sugere a penetrante pergunta: Quando todas as restrições a amarras exteriores são removidas, que tipo de companhia procuramos?

Pedro e João reportaram ao grupo da igreja tudo o que havia acontecido. A ação dos discípulos não foi de ira nem de desejo de vingança. Em vez disso, eles recorreram à oração. Parece que nesta ocasião todos oraram em conjunto e em voz alta — **unânimes levantaram a voz a Deus** (24). Uma emergência desesperadora exigia medidas desesperadas.

Senhor (24) não é a palavra usual, *kyrios,* mas *despotes,* que foi adotada pelo nosso idioma — normalmente com uma conotação ruim. Alexander diz que nos escritos dos autores clássicos, a palavra "representava qualquer pessoa dotada de poder ou autoridade absolutos".[108] A frase "és Deus" não é encontrada nos manuscritos gregos mais antigos. A leitura correta é "Senhor, tu és o que fizeste... " Aquele que criou o universo é o Senhor soberano.

A citação dos versículos 25 e 26 é de Salmos 2.1-2 (Septuaginta). Ela é introduzida com as palavras: **que disseste pela boca de Davi, teu servo.** Contrariamente à argumentação usual, esta fórmula introdutória não está no texto grego mais antigo. Ali se lê: "Tu que pelo Espírito Santo, pela boca do nosso antepassado Davi, teu servo, disseste" (ASV). Isto afirma a inspiração divina de Davi ao escrever

este salmo. No caso da expressão **seu Ungido** (26) (ASV), lê-se *Messias,* no hebraico, e *Cristo,* na Septuaginta. Os judeus aceitam o segundo salmo como messiânico.

Estes primeiros crentes fizeram uma aplicação à expressão **teu santo Filho Jesus** (27). Talvez esta expressão fosse melhor traduzida como "teu santo Servo Jesus" (ver os comentários sobre 3.13). Foi na ocasião do seu batismo que Jesus foi ungido com o Espírito Santo pelo Pai. O seu ministério provocou oposição, até que finalmente eles se uniram contra Ele, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios — soldados romanos — e o povo de Israel. Isto resume o que é descrito na última parte de cada um dos Evangelhos, embora somente Lucas registre o julgamento diante de Herodes Antipas (Lc 23.612). Mas tudo o que estes inimigos puderam fazer foi o que a mão e o conselho do Senhor tinham anteriormente determinado **que se havia de fazer** (28). Aqui encontramos aquele paradoxo misterioso, mas inevitável, da liberdade humana e da soberania divina.

O que nos surpreende nesta oração daqueles primeiros discípulos é que eles não oraram pedindo proteção, mas sim o poder para prosseguir com a pregação: **concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra** (29). Este ministério de pregação seria, posteriormente, promovido através de um ministério de curas (30).

A sua oração foi literalmente atendida. O lugar onde eles estavam orando **moveu-se** (31), manifestando assim o poder de Deus. E, o que é ainda mais importante, todos foram cheios do Espírito Santo em um novo derramamento da presença divina que iria capacitá-los para a sua tarefa. A conseqüência foi que eles anunciavam — lit., "continuaram anunciando" — com ousadia a Palavra de Deus.

Algumas vezes, diz-se que é possível receber apenas um derramamento do Espírito Santo, porém é possível receber várias novas unções. A passagem diante de nós, no entanto, parece indicar que este uso restrito da expressão "ser cheio do Espírito" não é corroborado pelas Escrituras. Uma pessoa é cheia do Espírito Santo quando o seu coração está purificado de todos os pecados, na

experiência da completa santificação (cf. 15.89). Mas Paulo escreveu aos cristãos efésios: "enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18). Aqui, o verbo "encher" não está no tempo aoristo, mas sim no imperativo presente: "Continuem se enchendo do Espírito", ou "Sejam continuamente cheios do Espírito". Deve haver um enchimento inicial. Mas este deve ser seguido, na vida cristã consagrada, por muitos outros novos enchimentos do Espírito para um serviço especial no Reino.

Esta seção ensina sobre o "poder através da oração": 1. O apelo às Escrituras (2428); 2. O pedido de poder (29-30); 3. O poder para a proclamação (31).

2. *Consagração* (4.32-37)

Os versículos 32 a 35 são paralelos a 2.44-47. O versículo 32 ressalta as duas principais ênfases destes parágrafos: 1. A comunhão na adoração; 2. A parceria da posse.[109]

Com esta unidade espiritual, veio o poder espiritual: **E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição** (33). Embora os saduceus tivessem reagido violentamente à pregação da ressurreição, os apóstolos continuavam a proclamá-la. A doutrina da ressurreição era muito maior na pregação apostólica do que é hoje na pregação moderna. Mas é preciso admitir que a situação era um pouco diferente. Os líderes judeus tinham condenado Jesus à morte. Ele havia morrido em uma cruz romana. Para os judeus, o seu sofrimento e a sua morte provaram que Ele não era o Messias. Era necessário proclamar a sua ressurreição, como uma prova da sua natureza messiânica. Uma vez que os apóstolos estavam pregando primeiramente aos judeus ou aos proséli-tos, a ressurreição era o assunto-chave da sua mensagem. Hoje, a cruz de Cristo pode parecer mais central. Mas ainda é verdade que a crucificação, sem a ressurreição, nos teria deixado sem nenhum Evangelho para pregar. Pois foi a ressurreição de Cristo que validou o seu sacrifício pelos pecados (cf. Rm 4.25).

Uma descrição mais significativa daqueles primeiros crentes é que em todos eles havia abundante graça. Esta divina graça, presente em

quantidade abundante, tornava-os graciosos em atitudes e atos, em palavras e obras.

Falamos da parceria da posse. Como observamos em 2.44-45, a indicação não é a de que toda propriedade privada de bens fosse abolida — como se faz em algumas comunidades religiosas. Mas a sinceridade da consagração dos primeiros cristãos era tal que se poderia dizer: **Não havia, pois, entre eles necessitado algum** (34). Por quê? Porque quando surgisse uma necessidade, alguém venderia algum bem e traria o dinheiro para solucionar a emergência. Isto é o que o texto grego indica, pelo uso do imperfeito aqui, como em 2.44-45. O lembrete do versículo 34 é, literalmente: "porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as [tempo presente — de tempos em tempos, conforme surgisse a necessidade], traziam o preço do que fora vendido". Isto não significa que todos vendiam as suas propriedades ao mesmo tempo e colocavam o dinheiro em um cofre comum. Ao contrário, cada crente conservava a sua propriedade como uma garantia, a ser usada de qualquer modo necessário pela igreja. Esta é a verdadeira administração cristã.

O versículo 35 prossegue neste mesmo padrão, com três imperfeitos. Foi literalmente dito: "e o depositavam [o preço do que fora vendido] aos pés dos apóstolos. E repartia-se [de tempos em tempos] a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha".

O fato de que não havia nenhuma exigência da abolição da propriedade privada é demonstrado conclusivamente por dois fatos no contexto: 1. Barnabé é destacado em menção especial como aquele que vendeu uma propriedade e doou o seu valor à igreja; 2. Pedro disse a Ananias que ele não tinha de vender a sua propriedade, e que, tendo-a vendido, o dinheiro era seu, para usá-lo como desejasse (5.4). A Igreja Primitiva não praticava o comunismo, mas sim a administração genuína e consagrada. Esta ainda é a exigência de Cristo para aqueles que desejam ser seus.

José (36) era um levita de Chipre, uma grande ilha no Mediterrâneo do leste (ver o mapa 3). Os discípulos deram-lhe o nome de Barnabé, uma palavra aramaica *(bar* significa "filho"). A palavra grega, usada

para explicar qual filho, ou filho de quem, significa consolação ou "exortação" (NEB). E difícil escolher entre as duas. Lake e Cadbury dizem: "Abalança parece inclinar-se claramente a favor de 'exortação', pela posição aparente da palavra em 11.23".[110] Mas o próprio Cadbury traduziu o livro de Atos na versão RSV, onde se usa o termo "encorajamento"! Normalmente, admite-se que o significado básico de *paraklesis* é "exortação", e o secundário é "consolação". Talvez a melhor solução para o problema seja a sugerida por Macgregor: "Aqui uma boa tradução é *Filho do Encorajamento,* que inclui as duas idéias".[111]

A expressão "da ilha de Chipre", que consta em algumas versões, também pode ser traduzida como "um nativo de Chipre" (RSV). Pode parecer surpreendente que um levita pudesse ter alguma propriedade, mas Jeremias, que era de uma família sacerdotal, também tinha propriedades (Jr 32.7-14).

E. Testemunhas Perseguidas, 5.1-42

O primeiro capítulo do livro de Atos é um tipo de introdução para os "atos" deste livro. Ela registra a ascensão de Jesus e a indicação de Matias. O segundo capítulo descreve a ativação da igreja no Pentecostes, juntamente com o primeiro sermão de Pedro. O terceiro capítulo fornece a cura do homem coxo e o segundo sermão de Pedro. O quarto capítulo registra a primeira perseguição e a primeira oração pós-pentecostal da igreja. Nesta oração, os crentes estavam pedindo poder, e não proteção (4.29). Agora, entramos no quinto capítulo, que descreve a morte de Ananias e Safira, e a segunda perseguição.

1 .*Antecedentes* (5.1-16)

Houve três antecedentes à primeira perseguição: 1. A cura do coxo (3.1-10); 2. A curiosidade da multidão (3.11); 3. O corajoso desafio de Pedro (3.12-26). Da mesma forma, houve três antecedentes à segunda perseguição: 1. A morte de Ananias (5.1-6); 2. A morte de Safira (5.7-11); 3. Acura dos enfermos (5.12-16).

a. A Morte de Ananias (5.1-6). E difícil entender como podem ter

existido hipócritas na Igreja Primitiva, tão pouco tempo após o Pentecostes. E é difícil ver por que pessoas falsas e egoístas unem-se a uma igreja hoje, causando divisões e desentendimentos. Talvez, diriam os psicólogos, algumas pessoas "pequenas" pensem em "crescer" em uma congregação local e alcançar posições de liderança que nunca viriam a atingir em uma sociedade secular. Assim, elas encontram uma maneira de compensar um sentimento de inferioridade. Também deve ser dito que a igreja freqüentemente oferece uma completa gama de serviços para aqueles que têm capacidades limitadas, e desta forma contribui para o desenvolvimento da personalidade.

Por outro lado, existem pessoas orgulhosas, de posses, que gostam de impressionar a igreja com métodos falsos. Ananias e Safira pertenciam a esta categoria. Eles tinham bons nomes. Ananias, o equivalente do Novo Testamento ao Hananias do Antigo Testamento, significa "aquele a quem Jeová foi gracioso". Mas Ananias não era muito gracioso para Deus. Ele guardou para si parte do que fingiu estar dando à igreja. Safira significa "bonita". Mas ao invés de ser uma pedra de "safira" brilhante, como sugere o seu nome, ela representa a falta de sinceridade, que é muito feia. Klausner registra o fato de que, em junho de 1923, foi desenterrado em Jerusalém um bonito ossuário que trazia o seu nome inscrito em hebraico e em grego. Ele opina que é provável que a referência seja à Safira do capítulo 5 do livro de Atos.[112]

Barnabé tinha recebido um elogio especial pela sua generosidade para com a igreja. Ele vendera um terreno na ilha de Chipre e colocara todo o dinheiro aos pés dos apóstolos (4.36-37). Evidentemente, Ananias e Safira estavam ansiosos por receber um reconhecimento similar. Assim, venderam uma propriedade (1) — uma herdade (3) que possuíam.

Mas, diferentemente de Barnabé, eles retiveram **parte do preço** (2). O verbo pode ser traduzido como "defraudar, desviar". Lake e Cadbury escrevem: "A expressão ocorre com certa freqüência na prosa helenística... e sempre implica: (a) que o roubo é secreto; (b) que parte

de uma quantia maior é usurpada... Deve-se observar, adicionalmente, que o verbo é mais comumente usado referindo-se à usurpação daquilo que é entregue em confiança... do que ao roubo de um indivíduo, por outrem".[113] Aqui é usado adequadamente neste contexto da mordomia cristã. A palavra é usada em Josué 7.1 (Septuaginta), sobre Acã, que "tomou do anátema". E encontrada novamente no versículo 3, e no Novo Testamento somente em Tito 2.10, onde é traduzida como "defraudar".

Guardar para si mesmos o que eles estavam ostensivamente entregando à igreja foi um ato premeditado de Ananias e Safira. O relato diz **sabendo-o também sua mulher** — literalmente, "a sua mulher também sabia, com" o seu marido. Por ser deliberado, o pecado era ainda mais grave.

Pedro provavelmente recebeu um discernimento especial dado pelo Espírito — embora alguns entendam que o relato não descarte a possibilidade de que ele tenha sido informado por algum indivíduo humano sobre o preço da venda da terra. De qualquer forma, ele desafiou Ananias. Por que este membro da igreja tinha permitido que Satanás entrasse no seu coração e fizesse com que ele mentisse ao **Espírito Santo** (3)? No versículo

4, Pedro diz: **Não mentiste aos homens** [ou seja, não somente aos homens] **mas a Deus.** Estas duas frases juntas indicam tanto a personalidade quanto a divindade do Espírito Santo.

Enquanto a terra fosse guardada, sem ser vendida, **não ficava para ti?** (4) **E, vendida, não estava em teu poder** [*exousia*, "autoridade"]? Estas duas perguntas confirmam o que já observamos em conexão com 2.44-45 e 4.32-35: uma comunidade universal de bens nunca foi praticada nem exigida pela Igreja Primitiva.

Quando Ananias ouviu esta revelação da sua tentativa de ludibriar, ele **caiu e expirou** (5). Uma única palavra em grego descreve este fato, *exepsyxen* — literalmente, "expirou". A melhor tradução é "expirou". No Novo Testamento, o verbo aparece somente aqui, no versículo 10 (sobre Safira) e em 12.23 (sobre a morte de Herodes

Agripa I). Hobart diz: "A palavra *ekpsychein* é muito rara e parece estar quase sempre confinada aos autores médicos, e mesmo assim é raramente usada por eles".[114]

Os **jovens** (6) — lit., "os homens mais jovens" (NEB), os que estavam capacitados para aquele trabalho, em contraste com os homens mais velhos — cobriram o morto ou "envolveram-no com panos, cobrindo o seu corpo" (cf. NEB). Este é o costume no Oriente Próximo hoje — **e, transportando-o para fora, o sepultaram.** Era necessário que o morto fosse enterrado no mesmo dia, e também fora dos muros da cidade (exceto no caso de reis).

Este incidente mostra "O Alto Preço da Hipocrisia". 1. O engano (1-2); 2. A descoberta (3-4); 3. A morte (5-6).

b. A Morte de Safira (5.7-11). Passadas três horas da morte tão repentina de Ananias, **entrou... sua mulher** (7) no principal local de reuniões da igreja — talvez o cenáculo (1.13). Ela não tinha sido informada do que acontecera com o seu marido. Pedro dirigiu-se a ela — **e disse** (8) — na Septuaginta e no Novo Testamento este termo freqüentemente significa algo como "perguntou-lhe" (RSV). Talvez a melhor tradução seja a de Phillips: "Diga-me, você vendeu a sua terra por tanto?" A resposta dela foi: **Sim, por tanto.** Obviamente, a quantia mencionada nos dois casos foi a que Ananias tinha apresentado aos apóstolos.

Então Pedro expôs a conspiração da fraude (9) e anunciou que aqueles que estavam acabando de retornar , tendo enterrado o seu marido, também iriam levá-la. Ela imediatamente "expirou" e **os jovens** (10) — uma expressão (um substantivo) diferente daquela do versículo 6, mas referindo-se ao mesmo grupo de pessoas — levaram-na para o seu sepultamento. O versículo 11 é uma ampliação da última frase do versículo

5. "E houve um grande temor em toda a igreja e em todos os que ouviram estas coisas". Tanto a igreja quanto a comunidade ficaram atemorizadas por essa demonstração do julgamento divino.

Houve muita discussão quanto ao fato de a morte de Ananias e Safira ter sido causada de forma natural ou sobrenatural. Em favor de um ato sobrenatural está Knowling, que diz: “Portanto, ele não pode ser encarado como um relato de um acontecimento ao acaso, ou o efeito de um choque súbito causado pela descoberta da culpa nas palavras de Pedro”.[115] A maioria dos comentaristas conservadores mais velhos assume a opinião de que as duas mortes foram julgamentos divinos diretos, atos imediatos de Deus.

Um pouco mais complicada é a opinião de F. F. Bruce, que normalmente é reconhecido como o estudioso do Novo Testamento mais conservador das ilhas britânicas hoje. No primeiro (1949) dos seus três comentários sobre o livro de Atos — um magnífico trabalho sobre o texto grego — ele sugere que Safira "... além da surpresa de ter sido descoberta e da condenação da culpa, sofreu o choque pela morte repentina do seu marido”.[116] Em seu segundo comentário, ele diz que “o choque produzido pelo repentino senso da enormidade de tal crime foi o que causou a morte dela”.[117] Mas no seu terceiro comentário, ele escreve: “Foi um evidente ato de julgamento”.[118]

De qualquer forma, o ponto em que devemos insistir é que, em nenhum lugar, a narrativa afirma que Pedro matou ou amaldiçoou este casal de hipócritas. Ele predisse a morte de Safira no que podería ser descrito como um anúncio do julgamento divino. Mas isto é tudo.

Sobre a gravidade do pecado cometido, Lumby tem a dizer o seguinte: “O pecado de Ananias e Safira mostrou desprezo por Deus, a vaidade e a ambição dos pecadores e uma total desconsideração da corrupção que eles estavam trazendo à sociedade”.[119] Ele acrescenta: “Eles pensaram mais na exibição que estavam fazendo aos pés dos apóstolos do que no pecado perante os olhos de Deus”.[120]

A palavra **igreja (11)** aparece aqui pela primeira vez no texto grego do livro de Atos.[121]0 histórico e o significado da palavra *ecclesia* já foram comentados em relação a Mateus **16.18; 18.17,** os únicos lugares onde ela aparece antes deste ponto no Novo Testamento. Algumas observações adicionais serão feitas aqui.

O substantivo *ecclesia* significa "uma assembléia reunida". Deissmann diz: "Este nome auto-outorgado baseia-se na convicção de que Deus separou do mundo os seus 'santos' em Cristo, e 'chamou-os' ou 'reuniu-os' numa assembléia, que era 'a assembléia de Deus'... porque Deus era aquele que os reunia".[122]

A palavra foi usada pela primeira vez em relação a uma assembléia dos cidadãos livres de uma cidade grega (cf. 19.32,39,41), porque eles tinham sido convocados ("chamados para fora") por um arauto. Schmidt diz: "Naturalmente, isto sugere que, na Bíblia, a referência é a Deus em Cristo citando ou convocando os homens do mundo",[123] mas ele ainda observa: "Foi a Septuaginta que realmente deu a palavra *ecclesia* ao Novo Testamento; depois disso a palavra adquiriu o seu significado específico".[124] F. F. Bruce escreve: "Na LXX, ela é usada com referência à 'congregação' de Israel, a nação em seu aspecto teocrático, organizada como uma comunidade religiosa".[125] Macgregor comenta: "O uso da palavra pelos cristãos certamente implica a afirmação de que eles, e não os judeus, eram o verdadeiro 'povo de Deus'".[126]

c. A *Cura dos Enfermos* (5.12-16). Jesus tinha, no início, dado aos seus apóstolos a autoridade para expulsar demônios e curar os enfermos (Mt 10.1). Agora este poder estava sendo novamente demonstrado, pois **muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo (12).**

Lemos que três mil pessoas foram salvas no dia de Pentecostes (2.41). Um pouco mais tarde o número de "homens" — a palavra grega significa indivíduos do sexo masculino — tinha 'se tornado' cinco mil (4.4). Neste parágrafo, afirma-se que a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, **crescia cada vez mais** (14). Talvez a esta altura já fossem dez mil membros.

O resultado foi que a congregação cristã era grande demais para reunir-se em qualquer sala. Assim, "por consentimento unânime, eles costumavam reunir-se no alpendre de Salomão" (12, Phillips). Uma tradução melhor da última frase seria "Pórtico de Salomão" (NEB). Este era um passeio coberto e com colunas do lado leste da área

to Templo, tal como o que pode ser visto hoje dentro do muro do lado oeste. Estava no pátio dos gentios (ver o quadro *A),* onde dezenas de milhares de pessoas podiam reunir-se ao mesmo tempo. Era chamado de Salomão devido à lenda de que era parte do antigo Templo construído por aquele grande rei (ver os comentários sobre 3.11).

Aqui a referência mostra que os primeiros cristãos ainda não tinham rompido com o costume da adoração no Templo. Provavelmente, eles continuavam a encontrar-se ali para o período de oração da manhã e da tarde (cf. 3.1). Mas eles também ouviam a pregação do Evangelho pelos apóstolos.

Um resultado da morte de Ananias e Safira foi que, **quanto aos outros, ninguém ousava ajuntar-se com eles** (13). Isto se devia ao "temor" que lhes sobreveio (5,11). O medo da perseguição dos judeus pode ter se somado a isto. **Mas o povo tinha-os em grande estima,** isto é, "conferia-lhes grande honra" (RSV). Lumby comenta: "O temor inspirado pelo que tinha acontecido, embora intimidasse aqueles que podiam ter tentado unir-se à comunidade com motivos não tão sinceros, não produziu um sentimento desfavorável entre o povo, mas justamente o contrário".[127]

Crescia (14) significa literalmente "ia crescendo" (tempo imperfeito de uma ação continuada ou repetida). Isto descreve um crescimento firme da igreja. A expressão **a multidão dos que criam... crescia,** também pode ser traduzida, devido à ordem das palavras no texto grego, assim: "os crentes no Senhor" cresciam (NEB, Phillips). A menção específica às mulheres aqui está de acordo com a atenção especial de Lucas ao seu lugar na Igreja Primitiva (cf. 1.14), como também no ministério de Jesus. Elas são freqüentemente mencionadas no Evangelho de Lucas.

De sorte (15) se conecta logicamente com 12a, portanto o material interveniente está adequadamente colocado entre parêntesis. Phillips, na verdade, move 12a para o início de 15, embora não exista evidência nos manuscritos que justifique esta transposição. A população estava trazendo os enfermos (lit., "fracos") para as ruas (lit., "avenidas" ou ruas principais") e colocando-os em leitos e em camilhas. A última

palavra é melhor traduzida como "macas" (RSV) ou "esteiras" (Phillips, NEB). Além destas duas palavras, Lucas usa duas mais para *cama.* Duas das quatro são usadas somente por ele. Hobart observa: "E notável a variedade de palavras empregada por Lucas para se referir às camas dos enfermos".[128]

Os enfermos eram deixados nas ruas principais, para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles. Encontramos uma situação similar em **19.12,** onde os lenços e aventais que tinham tocado o corpo de Paulo eram levados aos enfermos. Eram estas coisas uma evidência de verdadeira fé ou de superstição? É mais fácil fazer a pergunta do que respondê-la. De qualquer forma, Deus parece ter honrado o desejo sincero assim expresso, pois **todos eram curados (16).** Bruce comenta: **"A** sombra de Pedro era eficaz como um meio de poder de cura, como a barra ou orla da veste do Mestre tinha sido".[129] Parece que em todos estes casos a sabedoria divina acomodava-se às limitações dos homens, que tão freqüentemente precisam de símbolos materiais de realidades espirituais.

O relato afirma que "concorria muita gente" (imperfeito de ação contínua) **até —** assim em grego — **das cidades circunvizinhas a Jerusalém.** Como "a" não aparece nos mais antigos manuscritos gregos, a melhor tradução é: "as pessoas também vinham [afluíam, NEB] das cidades vizinhas de Jerusalém" (RSV).

Atormentados é o verbo *ochleo,* encontrado somente aqui no Novo Testamento (no melhor texto grego). Lumby escreve: "Como essa palavra aparece freqüentemente nas palavras dos autores médicos gregos, isto aponta para Lucas, como tendo sido um médico".[130] A palavra vem de *ochlos,* "uma multidão"; assim, significa "estar em um tumulto" e sugere a pressão e a confusão daquele que está possuído pelo demônio. Aqui também pode ser traduzida como "importunados" ou "assediados" (NEB).

2.*Apreensão* (5.17-26)

A segunda perseguição dos apóstolos aconteceu muito próxima à

primeira (4.1-22). Este novo movimento crescia rapidamente e os líderes judeus estavam enormemente perturbados.

a. Presos e Soltos (5.17-21a). Como na perseguição anterior, a oposição veio basicamente dos saduceus (cf. comentários sobre 4.1). O próprio sumo sacerdote liderou o ataque. Ele e seus companheiros saduceus encheram-se de inveja (o texto grego diz "ciúme", cf. ASV, RSV, NEB").[131] Tratava-se do mesmo espírito que motivou a oposição a Jesus, como Pilatos tinha reconhecido (Mt 27.18; Mc 15.10).

Os saduceus prenderam os apóstolos e os colocaram na **prisão pública (18). A** palavra para **prisão** significa literalmente "um lugar onde as pessoas são mantidas". O adjetivo **pública** significa "que pertence ao público".[132] Ele aparece somente no livro de Atos. Nas outras três ocorrências **(16.37; 18.28; 20.20),** é usado adverbialmente no dativo feminino (como nos clássicos), no sentido de: "(a) por consentimento público; (b) publicamente".[133] Uma vez que esta é a forma aqui, Lake e Cadbury traduzem a passagem assim: "colocaram-nos publicamente sob custódia".[134]

Naquela noite, **um anjo do Senhor** (19) abriu as portas da prisão (lit., "casa de custódia") e libertou os apóstolos. Embora *angelos* signifique "mensageiro" (cf. Mt 11.10, Tg 2.25), evidentemente aqui se fala de um ser espiritual, celestial. Mas os apóstolos não estavam livres para fugir e salvar as suas vidas. Ao contrário, eles receberam a ordem de voltar até onde tinham sido presos e dizer ao povo, no templo, **todas as palavras desta vida** (20). Provavelmente, **vida** deveria ter a inicial maiúscula (cf. ASV, RSV). Em aramaico, a língua materna dos apóstolos, a mesma palavra pode ser traduzida como "vida" ou "salvação". Portanto, a expressão "palavras desta vida" podería querer dizer a mensagem do Evangelho.

A comissão dada aos apóstolos requeria coragem. Mas, cheios do Espírito Santo, eles estavam à altura da ocasião. Eles entraram de manhã cedo — lit., "ao romper do dia" — **no templo e ensinavam** (21). Ao fazer isto, estavam seguindo o exemplo do seu Mestre, e também obedecendo a sua ordem.

b. Presos e Retidos (5.21Ò-26). Enquanto isto estava acontecendo, o sumo sacerdote, que atuava como presidente do Sinédrio, convocou o conselho (*synedrion*, Sinédrio) e todos os anciãos — *gerousia* (cf. "geriatria", o estudo da idade avançada"). A palavra **e** *(kaí)* entre estas duas palavras não indica que elas se refiram a dois grupos separados. Ao contrário, ela significa "até mesmo"; o Sinédrio, que é o senado ou o grupo dos anciãos dos filhos de Israel — o seu corpo diretor é composto por anciãos. Lake e Cadbury dizem: "Estas frases significam a mesma coisa".[135]

Quando o conselho estava reunido, ordenou-se que os apóstolos fossem trazidos para julgamento, porém os servos voltaram de mãos vazias. Eles tinham encontrado as portas da prisão trancadas e os guardas em serviço, mas os prisioneiros não estavam lá (23).

Quando[136] **o capitão do templo e os principais dos sacerdotes** (24) ouviram este relato, "ficaram muito perplexos acerca deles" — ou sobre estas palavras, ou sobre os apóstolos — imaginando o que viria a ser aquilo. Foi então que alguém entrou e relatou que os prisioneiros estavam ensinando no Templo (25). Desta vez, o próprio capitão foi com os servidores (a polícia do templo) e os trouxe, não com violência — ou "força" (26). Esta atitude não se deveu a uma mudança em sua opinião, mas porque temiam ser apedrejados pelo povo.

Nos dois parágrafos desta seção **(17-26),** a palavra **prisão** aparece seis vezes, traduzindo três palavras gregas diferentes. Em **18** é *teresis,* um lugar onde as pessoas são mantidas sob guarda. Em **19,22** e **25** é *phylake,* um lugar onde as pessoas são vigiadas sob guarda. Em **21** e **23** é *desmoterion,* um lugar onde as pessoas são mantidas amarradas. Isto é típico da quantidade de termos gregos freqüentemente representados pela mesma palavra nas nossas Bíblias. Neste caso, todas as palavras parecem se referir ao mesmo lugar, de modo que o uso uniforme de prisão talvez seja tão satisfatório quanto a alternância entre "prisão" e "cárcere" (Phillips, NEB).

3. *A Acusação* **(5.27-42)**

Depois que os apóstolos tinham sido presos na noite anterior, e agora novamente presos pela manhã, os líderes da nação começaram a acusação contra eles. Aparentemente, todos os doze apóstolos foram julgados juntos.

a. Acusação e Réplica (5.27-32). Os prisioneiros, presos novamente, foram trazidos perante o **conselho** (27) — o Sinédrio. O sumo sacerdote lembrou[137] que eles tinham recebido a ordem específica[138] de não ensinar **nesse nome** (28), ou seja, no nome de Jesus (cf. 4.18). Então, o sumo sacerdote fez contra eles uma acusação contundente: **eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina** [ou "ensino"] **e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem.** Tinham eles esquecido as suas palavras recentes a Pilatos: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mt 27.25)?

Pedro tinha uma réplica poderosa: **Mais importa obedecer a Deus do que aos homens (29).** Mais uma vez, ele se tornou um advogado naquele processo (cf. **4.8-12). O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus** (30). Isto parece, naturalmente, ser uma referência à ressurreição, e assim foi suposto por muitos dos comentaristas mais antigos. Mas algumas traduções trazem o texto "levantou Jesus", o que poderia ser uma referência a Cristo sendo "enviado ao mundo".[139] Bruce diz: "Provavelmente não à ressurreição, mas à inauguração do seu ministério".[140] A seqüência de idéias apóia esta interpretação, uma vez que **ressuscitou** vem antes de **a quem vós matastes.**

Este Jesus, que o Deus de Israel tinha enviado como o seu Messias, os membros do Sinédrio mataram — *i.e.,* "colocaram sobre Ele mãos violentas" — **suspendendo-o no madeiro.** A palavra grega para **madeiro** literalmente significa "madeira"; por isso, é usada aqui — como também em 10.39; 13.29; G13.13; 1 Pe 2.24 — referindo-se à cruz de madeira em que Cristo foi suspenso. A lei mosaica declarava: "O pendurado é maldito de Deus" (Dt 21.23). Assim, Cristo tornou-se maldição por nós quando levou os nossos pecados sobre a cruz.

Mas esta situação em pouco tempo mudou: **Deus, com a sua destra, o elevou** (31). Provavelmente, a última frase possa ser traduzida

como “à sua mão direita” (RSV), embora a versão NEB esteja de acordo com a KJV. Qualquer tradução dá o sentido correto e representa igualmente bem o dativo grego (sem preposição); ambas as idéias estão corretas histórica e teologicamente (cf. 2.33). Tomado como dativo instrumental, “mão direita”, ou “destra”, é o símbolo do poder de Deus. Tomado como dativo local, representa o lugar de mais alta honra.[141]

Deus elevou Cristo a Príncipe — talvez aqui com o significado de “líder” (cf. 3.15) — e Salvador. Os dois termos gregos são usados na Septuaginta do livro dos Juizes, a fim de designar aqueles que Deus elevou para libertar Israel dos seus inimigos. Isto sugere o papel intencional de Jesus como o Messias. A dificuldade era que os judeus desejavam uma libertação militar e nacional, ao passo que Cristo veio trazer uma libertação espiritual e universal.

Em sua exaltação, Jesus deu a Israel o arrependimento. Uma vez que o arrependimento é obra do homem, esta afirmação parece um pouco surpreendente. Alexander nos dá esta explicação útil: *“dar arrependimento* não é meramente dar o tempo para que ele ocorra... ou o lugar para isso... mas dar a graça do arrependimento, *i.e.,* o poder e a disposição para arrepender-se”.[142]

A palavra grega para “perdão” talvez seja melhor traduzida como “remissão” (ASV), como em 2.38, uma vez que o seu significado literal é “libertação, dispensa”.[143] A referência básica parece ser a remissão da penalidade. No entanto, o termo geral *perdão* é provavelmente mais significativo para a mente moderna (cf. RSV, NEB, NASB).

Os termos **arrependimento** e “remissão dos pecados” também são encontrados juntos em Lucas 24.47. Page destaca o relacionamento dessas palavras com os dois títulos de Jesus: “arrependimento” — a condição que Ele impõe como Príncipe, e a ‘remissão dos pecados’ — a recompensa que Ele oferece como Salvador.[144]

Esta mensagem do Evangelho de arrependimento e de remissão foi pregada em primeiro lugar a Israel. Isto é o que encontramos nos sete primeiros capítulos do livro de Atos. Posteriormente, foi levada aos

samaritanos (cap. 8) e aos gentios (cap. 10). Paulo sempre oferecia o Evangelho primeiramente aos judeus (cf. Rm 1.16) nas suas viagens missionárias. Somente quando estes o rejeitavam é que ele se voltava para os gentios (13.46; 18.6).

Os apóstolos eram[146] **testemunhas acerca destas palavras (32),** como Jesus tinha declarado que eles seriam (Lc **24.48;** Jo **15.27).** O Espírito Santo também o era (cf. Jo **15.26).** Knowling comenta: "Aqui temos também o testemunho em duas partes — o testemunho histórico nascido dos fatos — e o testemunho interior do Espírito Santo, que leva para casa, para os corações dos homens, o significado dos fatos".[146] Também pode haver uma referência ao poder que opera milagres que está dentro dos apóstolos, pelo Espírito, que testemunhava a divina autoridade das suas palavras.

Deus dá o Espírito Santo àqueles que lhe obedecem. Em uma última análise, a obediência — envolvendo a rendição da vontade — é aquele preço adequado, mas invariável, que alguém precisa pagar para ser cheio do Espírito. Comumente se diz que a consagração completa é o pré-requisito para a santificação completa. O passo final para a consagração de alguém, e que realmente a completa, é a auto-entrega.

Os versículos 30 a 32 ressaltam cinco pontos relacionados com a provisão e a aplicação do Evangelho: 1. A encarnação; 2. A crucificação; 3. A exaltação; 4. A justificação; 5. A santificação.

b. Raiva e Razão (5.33-39). Quando os membros do Sinédrio ouviram a resposta dos apóstolos, **se enfureceram.** (33), *i.e.,* "foram tomados de raiva" (RSY). O verbo grego é encontrado somente aqui e em 7.54. Literalmente, ele significa "serrar em duas partes", como encontrado em 1 Crônicas 20.3. Knowling observa: "Aqui não temos a aflição do coração (2.37) que leva à contrição e ao arrependimento, mas a indignação dolorosa e a inveja que dão vazão à tentativa de livrar-se dos apóstolos, como tinham feito com o seu Mestre".[147] Na primeira perseguição, eles simplesmente tinham ameaçado os apóstolos. Agora planejavam a sua morte — deliberaram matá-los.

A palavra **fariseu** é mencionada aqui pela primeira vez no livro de

Atos, embora seja encontrada freqüentemente nos Evangelhos (ver os comentários sobre 4.1).[148] Os fariseus eram, literalmente, os "separados". A origem deste apelido é assim explicada por Bruce: "No conflito precipitado por Antíoco Epifânio (175—163 a.C.), eles deram o seu apoio aos Macabeus na luta pela sua liberdade religiosa, mas, uma vez que esta foi conseguida, eles se conservaram afastados da luta pela independência política, desaprovando fortemente a política egoísta dos últimos asmoneus e a sua assunção ao sumo sacerdócio".[149]

Na época de Cristo, os fariseus eram aparentemente um grupo minoritário no Sinédrio. Mas eles eram mais populares do que os saduceus. Josefo destaca isto quando escreve sobre os saduceus: "Mas eles não são capazes de fazer quase nada por si mesmos, pois quando se tornaram magistrados... aderiram às noções dos fariseus, porque a multidão não os suportaria de outra maneira".[150]

Gamaliel era um descendente do grande Hilel, que ficou famoso pelas suas opiniões liberais e pela sua atitude tolerante. Ele era um **doutor da lei** (lit., "professor da lei"). O fato de que era grandemente reverenciado — **venerado por todo o povo** — é indicado pela seguinte citação do Mishna: "Desde que Rabban Gamaliel, o ancião, morreu, não houve mais respeito pela lei; e a pureza e a abstinência morreram ao mesmo tempo".[151] Gamaliel morreu em 57 ou 58 d.C. Ele foi o professor de Saulo de Tarso (22.3).

Este homem tolerante e benevolente ordenou que os apóstolos fossem levados para fora... **por um pouco** (34), *i.e.,* "levados para fora durante alguns minutos" (Phillips). Então ele advertiu seus colegas a se acautelarem (35) quanto ao que fariam àqueles homens. Ele citou o caso de dois revolucionários contra o governo de Roma, **Teudas** (36) e **Judas** (37). Os dois levantes foram sufocados e os líderes foram mortos.

Dois problemas relativos a tempo se apresentam em relação a este relato, se desejarmos identificar Teudas com um revolucionário do mesmo nome na história secular. Josefo, que viveu no século I e

estava familiarizado com estes eventos, escreve: “Então aconteceu, enquanto Fado era procurador de Judéia, que um certo mágico, cujo nome era

Teudas, persuadiu uma grande parte da população a pegar os seus pertences e segui-lo até o rio Jordão, pois ele lhes disse que era um profeta e que iria, por sua ordem, dividir o rio, e proporcionar-lhes uma passagem segura sobre ele”.[162] Mas ele foi capturado pelo governador e foi decapitado.

O problema é que Fado tornou-se procurador depois de 44 d.C., enquanto essas palavras de Gamaliel provavelmente foram pronunciadas em 30 d.C. A solução óbvia, e aparentemente a única possível, é que tenha havido um revolucionário anterior com o mesmo nome. Knowling está plenamente justificado quando declara: “Não podemos supor que Lucas cometería um erro tão grave, considerando a precisão que lhe era habitual”.[153]

O segundo problema está intimamente conectado ao primeiro. Gamaliel disse: **Depois deste, levantou-se Judas, o galileu** (37). A revolta liderada por Judas ocorreu nos dias do alistamento — ordenado por Quirino, embaixador da Síria em 6 ou 7 d.C. O censo era preparatório para a cobrança de impostos. Josefo descreve assim a revolta: “Um certo galileu, cujo nome era Judas, persuadiu os seus compatriotas a uma revolta, dizendo que eles seriam covardes se continuassem a pagar impostos aos romanos”.[164]

A sensatez em supor que deve ter havido outro Teudas anterior a este Judas ganha considerável apoio de uma maneira geral por parte de Josefo. Ele diz, sobre o período anterior à rebelião de Judas: “Nesta época, havia dez mil outras desordens na Judéia, que eram como tumultos”.[156] Em conexão com o mesmo período, ele acrescenta: “A Judéia estava cheia de usurpações, e quando os muitos grupos de rebeldes conseguiam alguém que os liderasse, ele era proclamado rei imediatamente”.[166] A luz destas afirmações, somadas com o fato bem conhecido de que muitos indivíduos tinham o mesmo nome, parece ser justificável assumir que a referência a Teudas nas palavras de

Gamaliel são a outro rebelde anterior que levara o mesmo nome — um homem cuja revolta ocorreu antes da de Judas em 6 ou 7 d.C.

O conselho de Gamaliel era o de afastar-se daqueles homens e deixá-los em paz (38). **Se este conselho ou esta obra é de homens** — lit., "nasce dos homens", *i.e.,* "de origem humana" (NEB) — **se desfará** (será derrotada). **Mas se** [ela] **é de Deus** (39; "nascida de Deus", como a sua fonte), **não podereis desfazê-la** — o mesmo verbo (,*katalyo).*[m7] **Para que** significa "para que não por acidente ou acaso". O perigo era que eles podiam achar-se também combatendo contra Deus.

c. *Presos e Libertados* (5.40-42). **E concordaram com ele** (40) — lit., "foram persuadidos por ele". Chamando-os (convocando os apóstolos) e **tendo-os açoitado por terem desobedecido a ordem anterior contra falar no nome de Jesus, os deixaram ir** (cf. 4.18). O verbo significa "libertar" ou "soltar".

Os apóstolos não se amedrontavam com as ameaças e ordens do **conselho** (41). Eles deixaram a presença do Sinédrio, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus. O texto grego diz: "por amor ao Nome". Este uso absoluto de "Nome" é similar ao de "Caminho" ou "Seita" em 9.2. Lumby comenta: "Os apóstolos consideram uma glória, aquilo que o mundo consideraria uma vergonha".[158] Semelhantemente, Paulo escreveu aos gálatas: "longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Cl 6.14).

Os apóstolos não mostravam a intenção de obedecer às repetidas ordens do Sinédrio. **Todos os dias, no templo** (42) — para a multidão que se reunia ali no amplo pátio dos gentios — **e nas casas** (ver os comentários sobre 2.46) — não cessavam de "ensinar e de anunciar" (*evangelizomenoi*) a Jesus Cristo — melhor ainda, "a Jesus, como sendo o Cristo" (ASV). Pelo seu nome (41) tinham sofrido, e agora o pregavam. Ele era o verdadeiro Messias.

Isto nos dá uma imagem vivida da Igreja Primitiva. Os apóstolos estavam desempenhando um ministério público no Templo e um ministério privado, ou semi-privado, nas casas de alguns crentes. Isto

aconteceu algum tempo antes que os edifícios das igrejas cristãs fossem construídos.

No versículo 42, podemos ver "A evangelização no poder do Espírito". 1. Os apóstolos cheios do Espírito tinham um único objetivo — ensinar e anunciar Jesus Cristo. 2. Eles trabalhavam de acordo com o plano divino; obedeciam ao mandamento de Deus, "Ide", e iam todos os dias ao trabalho; eles iam às casas e também ao templo. 3. Eram impulsionados por uma paixão motivadora (G. B. Williamson).

F. O Avanço das Testemunhas, 6.1-7

1. *A Indicação dos Sete* (6.1-6)

A palavra **discípulos (1)** aparece aqui pela primeira vez no livro de Atos (ver os comentários sobre 1.15). Ela significa, literalmente, "aprendizes". E usada nos Evangelhos para referir-se aos seguidores de João Batista *(e.g.,* Mt 9.14), dos fariseus *(e.g.,* Mc 2.18), de Moisés (Jo 9.28) e de Jesus *(e.g.,* Lc 6.17). Asua aplicação mais freqüente é em relação aos doze apóstolos. No livro de Atos (vinte e oito vezes), normalmente refere-se aos cristãos em geral. Nas outras partes deste livro, eles são chamados "santos" (9.13), "irmãos" (1.15, em algumas versões; 9.30), "nazarenos" (24.5). Mas **discípulos** é "talvez a palavra mais característica dos cristãos no livro de Atos".[159]

Crescendo o número dos discípulos significa literalmente "enquanto os discípulos se multiplicavam" (particípio presente, indicando um crescimento contínuo). Quanto mais membros uma igreja tem, mais problemas em potencial ela apresentará.
Agora, iniciava-se uma murmuração — o som da palavra grega sugere o zumbir das abelhas — por parte dos gregos. A palavra grega é *hellenistes,* que deveria ser traduzida como "helênicos". Diz-se que esta foi "a primeira aparição desta palavra na literatura grega".[160]
Ela é encontrada somente duas outras vezes no Novo Testamento (9.29; 11.20). Aparentemente, significa pessoas "de língua grega". Bruce escreve: "O contexto irá então determinar mais exatamente que tipo de pessoas de língua grega são elas: aqui, cristãos judeus de língua grega; em 9.29, provavelmente judeus de língua grega

nas sinagogas; em 11.20, provavelmente gentios".[161]

Em contraste com os helênicos, estavam os hebreus. Isto parece querer dizer "judeus de língua hebraica ou aramaica".[162] No Novo Testamento, a palavra aparece novamente somente em 2 Coríntios 11.22, e em Filipenses 3.5. Em ambos os casos, Paulo aplica-a a si mesmo, como um rígido observador da lei — ou possivelmente como um judeu de puro sangue.

A causa desse murmúrio era que as suas viúvas eram desprezadas — "negligenciadas" (somente aqui no NT) — no ministério cotidiano. Com respeito a viúvas, Lake e Cadbury afirmam: "Em geral, o termo 'viúvas' vem a ter um duplo sentido: (a) todas as mulheres que tinham perdido os seus maridos; (b) um número seleto de classe elevada, que era indicado a uma posição definida dentro da organização da igreja como parte do 'clero'" (cf. clérigos).[163] O significado anterior provavelmente aplica-se às viúvas aqui, e o último àquelas de 1 Timóteo 5.9-10.

A palavra grega para ministério é traduzida como "socorro" em 11.29. Esta é, evidentemente, a idéia aqui. Com os fundos que os cristãos tornavam disponíveis (cf. 2.4445; 4.32-37), os pobres e os necessitados eram cuidados no cotidiano com uma doação de alimentos. Knowling faz esta sugestão significativa: "E bem possível que as viúvas helênicas tivessem sido ajudadas anteriormente com o tesouro do Templo, e que essa ajuda tenha cessado, visto que elas se uniram à comunidade cristã".[164]

A palavra *chera,* viúva, aparece nove vezes no Evangelho de Lucas — somente três vezes nos demais Evangelhos juntos — e três vezes no livro de Atos. Ela está de acordo com a ênfase de Lucas sobre as mulheres (ver a introdução do Evangelho de Lucas). Em outras passagens do Novo Testamento, a palavra é encontrada com maior freqüência na primeira carta a Timóteo (oito vezes). Podería ser um dos diversos itens menores que indicam a possibilidade de que Lucas foi o escrevente de Paulo para as epístolas pastorais (cf. 2 Tm 4.11)?

Os doze (2) — uma citação encontrada somente aqui no livro de Atos — convocaram uma reunião da igreja: **a multidão dos discípulos.** Com santificado bom senso, os apóstolos declararam que não era razoável (adequado) que eles deixassem **a palavra de Deus** — ensinassem e anunciassem — e servissem **às mesas.** "Servir" é o verbo *diakoneo.* O substantivo cognato *diakonia* é traduzido como "ministério" no versículo 1. Como "diácono" vem de *diakonos,* os homens aqui escolhidos são freqüentemente mencionados como "os sete diáconos", mas esta designação não lhes é dada no texto. Provavelmente, não havia um cargo técnico como o dos diáconos neste estágio primitivo da igreja.

"Servir às mesas" normalmente é interpretado como servir comida. Mas a palavra *trapeza* era usada para as mesas dos cambistas *{e.g.*, Mt 21.12). Em Atenas, hoje, pode-se ver uma *Trapeza* em cada banco. Também *trapezeites* (somente em Mt 25.27) significa "banqueiro", ou "cambista". Lumby comenta aqui: *"Servir às mesas* significa dirigir a mesa ou o balcão onde o dinheiro era distribuído".[165] E possível que a frase fosse interpretada com o sentido mais amplo de administrar os assuntos financeiros da igreja, da qual uma parte importante era a provisão de comida para os necessitados. Não é provável que os doze apóstolos realmente servissem às mesas de comida, embora tivessem servido pão e peixes, com as próprias mãos, aos cinco mil e aos quatro mil. De qualquer forma, o verbo forte traduzido como **deixemos** (ou "abandonemos") implica que todo o tempo dos doze estava sendo tomado por estes cuidados com as necessidades temporais dos irmãos".[166] Quando ministros ordenados passam a maior parte do tempo cuidando dos assuntos materiais da igreja, a vida espiritual do povo fica prejudicada.

O curso da ação que os apóstolos prescreviam era sábio. Uma divisão de trabalho era a única solução satisfatória. Sete bons homens leigos seriam indicados para cuidar dos assuntos materiais da congregação enquanto os apóstolos perseverariam **na oração e no ministério da palavra (4).**

Praticamente todas as palavras ou frases dos versículos 3 e 4 estão

cheias de significado. O termo **irmãos** é aplicado aqui pela primeira vez aos cristãos como irmãos espirituais em Cristo. Este uso ocorre trinta e quatro vezes no livro de Atos e freqüentemente nas epístolas.

Escolhei literalmente quer dizer "procurar, visitar ou inspecionar, com o objetivo de encontrar as qualificações necessárias".[161] Dentre vós — literalmente "no seu meio" — enfatiza o fato de que deveria haver cuidado na seleção dos encarregados da igreja.

A escolha de sete varões tem sido explicada de várias maneiras. Sugeriu-se que Jerusalém pode ter sido dividida em sete distritos, ou que havia sete congregações cristãs que se reuniam em casas particulares. A razão mais provável é a mais simples — sete era um número sagrado para os judeus, significando perfeição.

As qualificações destes homens deviam ser três: 1. Boa reputação; 2. Cheios do Espírito Santo; 3. Cheios... de sabedoria — "sabedoria prática"[168] ou tato. Essas ainda são as três qualificações principais para os trabalhadores cristãos.

Os sete candidatos deveriam ser escolhidos por toda a congregação. Este procedimento democrático era um primeiro passo importante para neutralizar reclamações. Os apóstolos então constituiríam os homens escolhidos sobre **este importante negócio** — literalmente "necessidade". Mas aqui esta atividade pode ser traduzida como "ofício".[169]

O resultado desta indicação pode ser que os apóstolos poderíam dedicar todo o seu tempo ao trabalho para o qual foram chamados, e para o qual estavam qualificados. Com respeito à oração, Bruce diz: "A adoração regular da igreja é o que isso significa".[170] A realização da adoração pública (oração) e pregação (o ministério da palavra) deviam ser as suas principais tarefas.

A proposta feita pelos apóstolos **contentou a toda a multidão** (5). Eles elegeram — lit., "escolheram por si mesmos" — sete homens do seu meio. O primeiro foi Estêvão. Este é descrito adicionalmente como um homem cheio de fé e do Espírito Santo. Para a sua difícil tarefa de

satisfazer os murmuradores helenistas, ele precisaria do otimismo da fé, da bondade e sabedoria do Espírito. O fato de Estêvão ser destacado com uma menção especial se deve, talvez, ao fato de que este incidente forma um prelúdio para o seu martírio. Estêvão significa "coroa", e ele foi o primeiro cristão a receber a coroa de mártir.

Filipe tornou-se um pregador e evangelista depois da morte de Estêvão (8.5-40; 21.8). Dos demais homens, não se faz outra menção no Novo Testamento. Sobre Prócoro, Lake e Cadbury dizem: "Segundo uma lenda largamente encontrada na arte bizantina, ele era o escriba a quem João ditou o quarto Evangelho".[171] Nicolau é identificado como prosélito de Antioquia. A menção a esta cidade reflete o interesse especial de Lucas no lugar, talvez devido ao fato de que Lucas nasceu ali. A região tem um papel importante na narrativa dos Atos (cf. 11.19-30; 13.1-3; etc.).

O fato de Nicolau ser especificado como um prosélito — gentio convertido ao judaísmo — não implica necessariamente que os outros seis fossem todos judeus. Freqüentemente, ressalta-se que eles podem ter pertencido ao grupo helenista da igreja. Neste caso, eles teriam sido mais aceitáveis para os helênicos que reclamavam e também mais solícitos às necessidades desse grupo minoritário. Era uma manobra de tato.

Depois de os sete homens serem selecionados pela congregação, eles foram **apresentados ante os apóstolos** (6), provavelmente em uma importante reunião que teve a participação de toda a igreja. Os apóstolos, orando, lhes impuseram as mãos. Isto sugere uma ordenação oficial destes homens para o seu ministério especial. O padrão já tinha sido estabelecido pelos judeus.[112]

Ramsay descreve assim a importância deste evento: "Um passo distinto em direção à igreja universalizada foi tomado aqui; já era conhecido que a igreja era maior que a raça judaica pura; e o elemento não judeu era elevado a um posto oficial".[173]

Aqui temos alguma ajuda sobre "como solucionar problemas": 1.

Reconhecer o problema (l-2a); 2. Recusar-se a subordinar o que é essencial (26); 3. Remover as causas de reclamações (3-6); 4. Colher os resultados de uma solução sensata (7).

2. *Cresce o Número de Convertidos* (6.7)

O resultado desta manobra tática que libertou os apóstolos para um ministério espiritual de tempo integral tinha três partes: 1. A palavra de Deus crescia em poder e em publicidade; 2. Multiplicava-se muito o número dos discípulos em Jerusalém, devido tanto às necessidades materiais quanto às espirituais da congregação que estava sendo cuidada adequadamente; 3. O crescimento de grande parte dos sacerdotes que obedecia à fé — Josefo diz que havia vinte mil sacerdotes nessa época.[174] Aqui, o uso da expressão **a fé,** significando o cristianismo, antecipa o seu uso nas epístolas pastorais e mostra que este fator não pode ser usado como um argumento a favor da data posterior daquelas cartas.

Por que a menção especial à conversão de grande número de sacerdotes? Lumby sugere: "Para estes homens, o sacrifício seria maior do que para os israelitas comuns, pois eles sentiam o peso completo do ódio contra os cristãos, e perdiam o seu status e apoio, assim como os seus amigos".[175]

G. **Testemunhas Enviadas à Morte,** 6.8—7.60

1. *A Prisão de Estêvão* (6.8-15)

No versículo 5, Estêvão foi descrito como "cheio de fé e do Espírito Santo". Aqui somos informados de que ele estava cheio de fé e de poder. O poder seria o do Espírito Santo, de modo que estes dois itens são intimamente correspondentes. Mas, ao invés da fé, o melhor texto grego apresenta "graça". Este termo significativo não aparece nunca nos textos de Mateus ou Marcos, e somente quatro vezes no texto de João. No entanto, Lucas utiliza-o oito vezes no seu Evangelho e dezesseis no livro de Atos. Paulo emprega-o mais de cem vezes nas suas treze epístolas. Ele representava uma nota dominante no pensamento religioso e teológico tanto de Lucas quanto de Paulo.

Capacitado com graça e poder, Estêvão fazia prodígios e grandes sinais (milagres). Não sabemos qual a natureza deles, mas podemos perfeitamente supor, com base no ministério dos discípulos, descrito tanto nos Evangelhos quando no livro de Atos, que eles eram principalmente milagres de cura e de expulsão de demônios.

Este gracioso ministério de Estêvão não prosseguiu sem desafios. Logo surgiu a oposição, vinda da **sinagoga** (9). Esta palavra aparece aqui pela primeira vez no livro de Atos.[176] Lucas usa *synagogue* mais freqüentemente do que qualquer outro autor do Novo Testamento — 35 vezes (quinze no seu Evangelho e vinte no livro de Atos) em um total de 57. A palavra, que significa literalmente "uma reunião", é tomada diretamente do grego. Como no caso do termo *igreja,* ela foi primeiramente aplicada à congregação, e mais tarde ao edifício. Nos Evangelhos, ela normalmente se refere ao lugar de adoração. Aqui, designa a congregação.

Existe grande incerteza com respeito a quantas sinagogas são indicadas neste versículo. Os estudiosos disseram: uma, duas, três, quatro e cinco — e todas as hipóteses são possíveis, no que diz respeito ao texto grego. Schuerer "não tinha certeza se a menção se refere a uma ou a cinco congregações",[117] mas finalmente eles se decidiram a favor de cinco.[178] Lechler (*Lange's Commentaryf*[79] e Hackett[180] concordam que havia cinco. Mas, colocando-as juntas, as da Cilícia e da Ásia (províncias da Ásia Menor), poderiamos pensar em *quatro* sinagogas. Page opina que são *três*: 1. A dos Libertos; 2. A dos cireneus e dos alexandrinos; 3. A da Cilícia e da Ásia.[181] Knowling[182] e Plumptre[183] opinam que são *duas.*

Calvin sustenta que havia somente *uma* sinagoga, composta dos Libertos das quatro regiões listadas.[184] Bruce concorda. Ele diz: "Estou propenso a pensar que somente se faz referência a uma sinagoga, freqüentada por homens libertos judeus ou seus descendentes, dos diversos lugares mencionados".[185] Esta pode ser a melhor conclusão. Alexander modifica-a um pouco, ao escrever: "Uma construção diferente, e talvez a mais simples, é conectar *synagogue* somente com o primeiro nome, e entender o resto dos indivíduos como

pertencendo às nações mencionadas".[186]

A respeito do significado de Libertos, lumby diz: "os *Libertinoi* eram provavelmente os descendentes de alguns judeus que tinham sido levados a Roma como cativos por Pompeu (63 a.C.) e tinham sido libertos (*libertini*) pelos seus opressores. Depois do seu retorno a Jerusalém, tinham formado uma congregação e usavam particularmente uma sinagoga".[187]

Os cireneus eram de Cirene, no Norte da África, onde viviam muitos judeus.[188] Os alexandrinos eram da Alexandria, no Egito, somente superada por Roma como a maior metrópole do Império Romano (ver mapa 3). Existem evidências abundantes de dois escritores judeus do século I, Filo e Josefo, de que grande parte da população desta cidade consistia em judeus. Knowling diz: "Segundo Filo, dois dos cinco distritos da cidade... eram chamados de 'os Judaicos', devido ao número de judeus que habitavam neles. Um quarteirão, o Delta, era inteiramente habitado por eles".[189]

Cilícia é de especial interesse, uma vez que é a província natal de Paulo. E perfeita-mente provável que o jovem fariseu Saulo pertencesse a esta sinagoga e disputasse com Estêvão. A Ásia, como sempre no Novo Testamento, refere-se à província romana da Ásia, localizada na extremidade oeste da Ásia Menor (a moderna Turquia).

Disputar é a palavra "usada para referir-se aos capciosos questionamentos dos fariseus (Mc 8.11) e dos escribas (Mc 9.14) a Jesus e aos seus discípulos".[190]

Os oponentes de Estêvão não foram capazes de resistir — a mesma palavra usada para a promessa de Cristo em Lucas **21.15 — à sabedoria e ao Espírito com que falava (10).** A palavra **Espírito** deve ter a inicial maiúscula (cf. ASY, RSV). Era o Espírito Santo quem dava a Estêvão a sabedoria para falar tão eficazmente, de modo que não havia resposta para os seus argumentos.

Como não podiam competir com a argumentação inspirada de Estêvão, os seus oponentes recorreram a meios desonestos para

combatê-lo. Eles **subornaram uns homens** (11). O verbo grego (somente aqui no NT), que significa literalmente "desorganizar", finalmente foi usado no sentido de "instigar". Lake e Cadbury comentam: "Ele se aplica à instigação secreta de pessoas que recebem sugestões sobre o que devem dizer, e é muito parecido com uma tramóia moderna".[191] (Cf. RSV, "instigar secretamente"; Phillips, "corromper".)

As falsas testemunhas acusaram Estêvão de proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus. Esta foi a mesma acusação feita contra Jesus (Mc 14.64) e a mais séria, aos olhos dos judeus.

Os oponentes helênicos de Estêvão **excitaram** (12) — somente aqui no Novo Testamento — **o povo, os anciãos e os escribas** — alguns dos quais talvez fossem ouvintes do debate. **Investindo com ele, o arrebataram** [prenderam] **e o levaram ao conselho** [o Sinédrio], "Prender" (um termo que só é usado por Lucas) é um verbo forte, como "arrebatar". Lumby diz: "as palavras indicam uma boa dose de violência".[192]

Como não tinham nenhuma acusação verdadeira para trazer contra Estêvão, os líderes **apresentaram falsas testemunhas** (13), como haviam feito anteriormente com Jesus (Mc 14.56-57). Provavelmente, com considerável sentimento, elas declararam: Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar e a lei.
Não havia acusação mais grave que pudessem ter feito contra ele. O Templo e a Lei eram as duas coisas tidas como mais sagradas pelos judeus. Falar contra eles era considerado um crime qua merecia a pena capital.

A seguir, eles citaram um exemplo específico da suposta blasfêmia. Eles tinham ouvido Estêvão dizer — assim afirmavam — que **esse Jesus Nazareno há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés nos deu** (14). Assim como os líderes judeus haviam torcido o que Jesus tinha dito sobre o seu corpo ser destruído (Mc 14.58), agora eles também distorceram as palavras de Estêvão — supondo que o que ele tinha dito era similar ao que encontramos em 7.48-50. Como Jesus, no monte das Oliveiras (Mc 13.2), havia predito

a destruição do Templo, talvez seja possível que Estêvão tenha ecoado as palavras do Mestre. Quanto à mudança dos costumes, as suas palavras no capítulo 7 podem ser interpretadas como uma sugestão disso. Assim, ele pode ter dado esta impressão anteriormente, por alguma coisa que tivesse dito.

Qual foi a reação de Estêvão a estas falsas acusações? Não foi ira, mas sim amor. Os membros do Sinédrio **viram o seu rosto como o rosto de um anjo (15).** Esta era uma prova visível do fato de que ele estava "cheio do Espírito Santo" (5). Como o rosto de Moisés brilhava quando ele desceu do monte Sinai, depois de quarenta dias na presença de Deus, e como o rosto de Jesus se transfigurou no monte, também o semblante de Estêvão iluminou-se com a glória do outro mundo. Esta cena retrata vividamente a diferença entre um judaísmo decadente e um cristianismo cheio do Espírito.

2. A *Defesa de Estêvão* (7.1-53)

O que é freqüentemente chamado de apologia de Estêvão — tomando essa palavra no seu sentido original e correto de "defesa" — é, na realidade, uma apresentação positiva dos ensinos cristãos, particularmente como diferenciados dos pensamentos judaicos do século I. Bruce resumiu bem os dois principais argumentos das palavras de Estêvão: "1. Deus não está restrito localmente e não habita edifícios materiais; 2. A nação judaica sempre foi rebelde; da mesma forma que as gerações anteriores se opuseram aos profetas, a partir de Moisés, assim também esta geração matou 'o Justo'".[193]

Lake e Cadbury detalham um pouco mais o assunto. Eles dizem que as três notas recorrentes aqui são: "1. A ausência de um templo ou até mesmo de um país fixo nos dias dos patriarcas; 2. A tendência geral de Israel de rebelar-se contra os seus líderes e guias divinamente indicados; 3. O paralelismo entre o tratamento que os judeus dispensaram a Jesus e o tratamento dos seus antepassados para com José, Moisés e os profetas".[194]

a. Abraão (7.1-8). Estêvão tinha sido falsamente acusado de blasfêmia (6.13). Ele tinha reagido com amor santo, e o seu rosto brilhava como o de um anjo (6.15). Agora, o **sumo sacerdote** (1), agindo como presidente do Sinédrio, exigiu uma resposta: **Porventura,** é **isto assim?** Em outras palavras: "Você disse as coisas que estas testemunhas afirmam que lhe ouviram dizer?" (6.14)

De forma cortês, Estêvão dirigiu-se aos membros do Sinédrio como **varões irmãos** [companheiros judeus] **e pais** (2). Estes "anciãos de Israel" eram considerados os pais que governavam a nação. Os cristãos devem sempre se dirigir aos seus superiores com cortesia.

Uma excelente explicação da frase introdutória, O Deus da glória, é dada por Alexander, que escreve: *"O Deus da glória* não é meramente o glorioso [emaravilhoso] Deus, ou o Deus digno de ser glorificado (SI 29.1; Ap 4.11), porém, mais especificamente, aquele Deus que sensatamente se revelou anteriormente, o que é um sentido notável de *glória...* no Antigo Testamento".[195] Estêvão assim se identificava com a fé religiosa da sua audiência. Alexander acrescenta: "Pela mesma razão, ele chama Abraão de *nosso pai,* professando assim a sua adesão às tradições e associações nacionais a respeito do seu grande fundador".[196]

Este Deus auto-revelado apareceu a Abraão. Mas onde? Não na Terra Santa, em primeiro lugar, mas em um território pagão, na Mesopotâmia — que significa "entre rios" (o Tigre e o Eufrates).

Estêvão declarou que antes que Abraão habitasse em Harã, Deus lhe ordenou que saísse **da sua terra e dentre a sua parentela** (3). Em Gênesis 12.1, este mandamento parece localizar-se em Harã. A aparente contradição é solucionada supondo que o chamado, primeiramente dado em Ur dos caldeus (cf. Gn 15.7; Ne 9.7), foi renovado em Harã.

Estêvão afirmou que Abraão foi para Canaã **depois que seu pai faleceu (4). O** Antigo Testamento diz que: Tera tinha setenta anos de idade quando gerou Abraão (Gn 11.26), Abraão tinha setenta e cinco anos quando deixou Harã (Gn 12.4), e Tera viveu até duzentos e cinco anos de idade (Gn 11.32). Isto indicaria que Tera viveu sessenta anos depois que Abraão saiu de Harã. Como isto pode ser harmonizado com a afirmação de Estêvão? A solução mais simples é supor que Abraão era um filho mais jovem de Tera, citado em primeiro lugar em Gênesis 11.26, em vista de sua grande importância. Assim, aquela passagem significaria que Tera gerou filhos quando tinha setenta anos de idade, mas que Abraão nasceu muito depois. **O**

termo “remover” **(4)** que consta em algumas versões, significa que Deus o levou a outro local (RSV).

A princípio, o patriarca não teve nem sequer **o espaço de um pé** (5) de terra em Canaã, embora mais tarde ele comprasse um terreno para sepultura (Gn 23). Mas Deus prometeu dar a ele, e aos seus descendentes, a posse de toda a terra antes mesmo que ele tivesse um filho. O Senhor também disse a Abraão que a sua descendência (6, prole ou posteridade) seria peregrina (moraria temporariamente) em terra alheia (no Egito). Ali eles seriam levados em escravidão e maltratados por quatrocentos anos. Estêvão estava citando aqui Gênesis 15.13. Em Êxodo 12.40, a frase é mais exata: “O tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos”.

Um problema cronológico surge, no entanto, pelo fato de que Paulo apresenta os “quatrocentos e trinta anos” como o período desde a promessa de Abraão até a entrega da Lei no Sinai (G13.16-17). Isto está de acordo com Êxodo 12.40, como se lê na Septuaginta e no Pentateuco Samaritano: “O tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito *e Canaã* foi de 430 anos”. Isto faria com que os quatro séculos incluíssem tanto o período patriarcal de Canaã quanto o período de escravidão no Egito. Josefo é favorável a esta cronologia e adicionalmente divide o período de 430 anos igualmente entre os dois países. Ele afirma: “Eles deixaram o Egito... 430 anos depois que o nosso antepassado Abraão veio a Canaã, mas somente 215 anos depois que Jacó foi levado ao Egito”.[197] A evidência de Josefo, entretanto, é enfraquecida pelo fato de que em duas outras passagens,[198] ele retrata a permanência no Egito com duração de quatrocentos anos. Este é um dos problemas da história bíblica que ainda permanece insolúvel. Só podemos esperar que futuras descobertas arqueológicas possam esclarecê-lo. Provavelmente a maioria dos arqueólogos da atualidade prefira o total mais curto da cronologia de Paulo, dâ Septuaginta, e do Pentateuco Samaritano.

Deus também prometeu que Ele julgaria (7) a nação do Egito, punindo os egípcios e libertando os israelitas da escravidão. As palavras acrescentadas: **e me servirão neste lugar** não são explícitas na

promessa registrada a Abraão (Gn 15.13-14), mas estão implícitas na afirmação: "a quarta geração tornará para cá" (Gn 15.16; cf. Êx 3.12).

Para Abraão, Deus deu **o pacto da circuncisão** (8), que está registrado em Gênesis 17.21. O ritual era realizado ao oitavo dia depois do nascimento de cada criança do sexo masculino.

Os três grandes patriarcas da nação hebraica foram Abraão, Isaque e Jacó. O termo **patriarcas** — palavra grega para "pais do início" — aqui (8-9) se aplica especificamente aos doze filhos de Jacó. Mas em 2.29 aplica-se a Davi, e em Hebreus 7.4 a Abraão. Estas são as únicas ocorrências desta palavra no Novo Testamento.

O uso da palavra **assim** no versículo 8 parece estranho, mas é explicado por Lake e Cadbury da seguinte forma: "Possivelmente o 'assim' seja enfático e signifique 'embora ainda não houvesse um santuário, todas as condições essenciais para a religião em Israel estavam satisfeitas'".[199]

b. José **(7.9-16).** Foi a **inveja (9),** ou o "ciúme", o que fez com que os irmãos de José o vendessem aos mercadores que o levaram para o Egito. Mas mesmo ali — fora da Terra Santa! — Deus era com ele. Estêvão estava demonstrando que a presença de Deus não estava limitada à Terra Prometida.

Embora José tivesse sido traído pelos seus irmãos e vendido à escravidão, Deus **livrou-o de todas as suas tribulações** (10). Exteriormente, o jovem José chegou ao seu limite quando foi aprisionado por recusar-se a fazer o mal. Mas mesmo como um escravo aprisionado por falsas acusações, ele permaneceu fiel a Deus. Um dia, a situação foi completamente revertida. Faraó... o constituiu governador sobre o Egito e toda a sua casa. Assim, Deus honrou o seu servo fiel.

A história da reconciliação de José com seus irmãos (Gn 45) está aqui resumida em poucas frases (11-13). **Fome** (11) seria a seca e a escassez de alimentos. **Trigo**[200] ainda é chamado de "milho" nas ilhas Britânicas (cf. Phillips). Ele enviou ali nossos pais, ou seja, os filhos de

Jacó.

Depois de José dar-se a conhecer aos seus irmãos, ele mandou chamar Jacó, seu **pai** (14), para vir até ele. No total, a parentela chegava a 75 almas. Em Gênesis 46.27 e Êxodo 1.5, está dito que eram setenta os que foram ao Egito, No entanto, nos dois casos a Septuaginta afirma que eram 75. Estêvão, sendo helênico, naturalmente estava citando o número da Septuaginta. A explicação mais simples desta pequena diferença é dizer que setenta aqui é um número que foi arredondado. Em Deuteronômio 10.22, a Septuaginta concorda com o texto hebraico ao dar setenta como o número daqueles que foram para o Egito. Josefo está de acordo com isto.[201] Cadbury chama a atenção para a reivindicação de que "um fragmento hebraico não publicado, encontrado em aproximadamente 1953 perto do mar Morto, diz em Êxodo 1.5 setenta e cinco, como a LXXeo livro de Atos".[202]

A freqüente menção ao **Egito** (15) neste parágrafo é comentada por Lumby: "Agora, toda a raça que Deus tinha escolhido para si estava no Egito, longe da terra da promessa, e permaneceu ali por um longo período, mas Deus estava com eles no seu exílio, e a sua adoração foi preservada durante o tempo todo".[203]

Ao fechar o seu relato do período patriarcal, Estêvão afirma que os pais (os filhos de Jacó), tendo morrido, **foram transportados para Siquém,** onde foram **depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Hamor** (16). Provavelmente, a frase adicionada, **o pai de Siquém,** deva ser traduzida "em Siquém" (ASV, RSV); o termo **pai** não está na língua original, como indicado pelo itálico na versão KJV em inglês.

Gênesis 50.13 diz que Jacó foi sepultado na cova do campo de Macpela, em Hebrom. Mas a presente passagem pode ser interpretada indicando que somente os filhos de Jacó, e não o seu pai, foram sepultados em Siquém. Somos informados especificamente que José, um dos filhos de Jacó, foi sepultado ali (Js 24.32).

Um problema histórico está envolvido na afirmação de Estêvão de que este sepulcro em Siquém foi comprado por Abraão. O Antigo

Testamento nos diz que Abraão comprou a cova do campo de Macpela, em Hebrom, como sua sepultura (Gn 23.16-17). Foi Jacó quem comprou o terreno em Siquém (Gn 33.19).

Muitos estudiosos sentem que a única explicação plausível é a de que, por um engano de um copista, a palavra **Abraão** foi substituída por "Jacó".[204] Bruce acompanha Lake e Cadbury supondo que os relatos das duas compras, a de Abraão e a de Jacó, foram vistas "telescopicamente" aqui, e afirma: "A visão de telescópio das duas transações neste versículo pode ser comparada com outros exemplos de compressão neste discurso, por exemplo, a aparente visão de telescópio de dois chamados de Abraão no versículo 2, e as duas citações no versículo 7".[205]

Talvez a melhor solução seja aquela que foi dada por Knowling[206] e Plumptre.[207] Eles afirmam que, como Abraão construiu um altar em Siquém quando entrou pela primeira vez na Terra Prometida (Gn 12.6-7), ele pode ter comprado terras ali para uma sepultura. Quando Abraão se moveu mais ao sul, para Hebrom, este lugar pode ter sido perdido e conseqüentemente comprado novamente, mais tarde, por Jacó.

O significado da menção a Siquém aqui é explicado por Lumby da seguinte maneira: "Estêvão insiste em 'Siquém' da mesma maneira como antes ele tinha insistido no 'Egito', para marcar que, nos tempos antigos, outros lugares eram conservados com reverência pelo povo escolhido, e que há muito tempo Deus tinha sido adorado em Siquém, embora na época em que Ele estava falando, o local era a residência dos seus inimigos, os samaritanos".[208]

c. *Moisés* (7.17-43). O discurso de Estêvão consiste principalmente em um rápido apanhado da história do povo escolhido de Deus, e está relacionado a três grandes personagens: 1. Abraão (1-8); 2. José (9-16); 3. Moisés (17-43). Indiscutivelmente, a maior atenção é dada ao último dos três. Este fato se deve à abundância de material — referente à carreira de Moisés — que era relevante à tese principal de Estêvão. Ele tinha demonstrado que Deus visitou Abraão na

Mesopotâmia e que Ele estava com José no Egito. Em outras palavras, a Presença divina não se restringia a assim chamada Terra Santa. Deus está em toda a parte.

Mas no caso de Moisés, havia diversas provas da presença de Deus fora de Canaã. Na verdade, em toda a sua notável carreira, e apesar da grande obra que Ele realizou por Israel, o próprio Moisés nunca entrou na Terra Prometida.

A vida de Moisés é apresentada aqui em quatro aspectos: 1. A infância (17-22); 2. O desafio (23-29); 3. A comissão (30-34); 4. A conquista (35-43). Mesmo no Egito, uma terra pagã, Deus visitou o seu povo, dando-lhes um libertador. Moisés foi milagrosamente preservado, tanto em seu nascimento, quanto em sua infância. Com quarenta anos de idade, ele sentiu o peso da opressão do seu povo. Moisés tentou um movimento para libertá-los, mas isto foi prematuro, e ele ainda não estava preparado para tal tarefa. Ele teve de passar os quarenta anos seguintes esperando e aprendendo, enquanto cuidava de ovelhas do outro lado do deserto. No final deste período, ele recebeu o seu chamado e a sua tarefa na sarça ardente. Então, vieram quarenta anos de conquista — com a vitória sobre os deuses do Egito, a vontade de Faraó, o exército de Faraó, o mar Vermelho, um deserto seco e fatigante, uma nação obstinada e desobediente.

(1) *Infância* (7.17-22). Deus nunca deixa de agir a tempo. O texto grego diz, literalmente: "Aproximando-se, porém, o tempo da promessa" (17). Não era o plano divino que Israel permanecesse no Egito, no meio de um paganismo licencioso e cheio de luxúria (cf. Gn 39.7-20). Assim, Deus permitiu que os israelitas fossem escravizados e maltratados, até que pudessem ficar felizes por deixar o Egito. Então, oitenta anos antes da sua partida, o Senhor produziu o nascimento do libertador. Salvando-o da morte na infância, Deus o preparou para esta tarefa significativa durante quarenta anos de treinamento real no governo, no palácio de Faraó. A isto se seguiram outros quarenta anos de aprendizado paciente e submissão no deserto solitário. Como são sábios os caminhos de Deus! Como o tempo da promessa se aproximava, Deus estava trabalhando.

Esta era a promessa já citada por Estêvão (cf. 7). Os "quatrocentos anos" (6) já estavam quase terminando. Era a hora de colocar as máquinas em funcionamento para o Êxodo.

Ao invés das palavras que Deus tinha jurado a Abraão, o melhor texto grego parece ser "que Deus tinha consentido (ou prometido) a Abraão". Na verdade, o manuscrito mais antigo existente do livro de Atos (Papiro 45, século III) apresenta "prometido", usando um verbo que tem a mesma raiz do substantivo para promessa. No intervalo desses anos, o povo — os israelitas — cresceu e se multiplicou no Egito.

Finalmente, levantou-se outro rei, **que não conhecia a José (18).** A arqueologia nos prestou um grande serviço ao esclarecer o significado deste versículo. Não se tratava simplesmente de outro rei, mas de uma nova dinastia. Agora parece que José era o primeiro ministro do Egito durante o governo dos reis hicsos,[209] no período entre **1710** e **1550** a.C.[210] Albright escreve: "Recentemente descobrimos que os hicsos eram quase completamente semitas.... [e] falavam a mesma língua falada pelos hebreus".[211] E acrescenta: "O Faraó que 'não conhecia a José' deve ter sido um dos reis da Décima Oitava Dinastia".[212]

Agora o quadro fica claro. José foi feito primeiro ministro por um Faraó que pertencia à mesma raça (semita) que ele próprio. Isto também explica por que Jacó e os seus filhos receberam "o melhor da terra" do Egito (Gn 47.6,11), no fértil Delta. Mas a sorte dos israelitas mudou completamente quando uma dinastia nativa egípcia derrubou o governo estrangeiro dos hicsos. Os hebreus seriam odiados por causa da sua antiga associação com os hicsos.

O novo Faraó usou de **astúcia** contra os israelitas **(19).** Este é o significado do verbo composto (somente aqui no NT), cuja verdadeira força é bem expressa por Phillips — "castigou inteligentemente". De modo surpreendente, esta palavra grega é usada com a mesma conexão na Septuaginta sobre Êxodo **1.10,** onde se diz que este Faraó disse aos egípcios, sobre o povo israelita: "usemos sabiamente para

com ele".

Seguindo esta política, Faraó maltratou ("tratou com crueldade", ASV)[213] os israelitas, a ponto de fazê-los enjeitar as suas crianças, ou "de forçá-los a enjeitar seus filhos" (RSV; cf. NEB, Phillips). Lumby, discordando desta interpretação do texto original, diz: "As palavras são mais uma descrição do que o rei egípcio fez na sua tirania (Êx 1.22), do que (como na versão AV) aquilo que os israelitas foram forçados a fazer pelo seu desespero".[214] Rnowling[216] e Lechler[216] concordam com esta opinião, como também a nota de margem da versão ASY. Mas a maioria dos comentaristas apóia as versões tradicionais em inglês neste ponto. A questão é se mesmo sob a pressão dos egípcios, os hebreus expuseram os seus filhos à morte. O texto grego não é completamente claro.

Nesta hora terrível da história de Israel, **nasceu Moisés** (20). Ele era formoso — literalmente "formoso aos olhos de [perante] Deus". Esta é uma maneira tipicamente semita de dizer que ele era "uma criança de notável beleza" (Phillips). A criança foi mantida em casa por três meses (cf. Êx 2.2). Quando ele não podia mais ficar escondido, foi enjeitado (ou exposto; 21). Na verdade, ele foi cuidadosamente colocado em uma pequena "arca de juncos" impermeabilizada com betume (Êx 2.3), e posto junto à borda do rio Nilo. Ali, foi descoberto pela filha de Faraó, que o tomou... e o criou como seu próprio filho. O resultado foi que Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era **poderoso em suas palavras e obras** (22). Esta afirmação foi interpretada por alguns como uma contradição de Êxodo 4.10, onde Moisés diz ser "pesado de língua". Bruce comenta: "... mas a referência [no livro de Atos] pode ser à palavra escrita".[217] Tendo observado esta sugestão e outras, Alexander comenta: "A necessidade de todas estas explicações é removida pela simples observação de que a passagem em Êxodo está relacionada com a fluência, mas esta com a energia e a força do discurso".[218] Knowling concorda com esta opinião.[219]

(2) *Desafio* (7.23-29). A passagem em Êxodo 2.11 identifica este evento como tento ocorrido "sendo Moisés já grande" (cf. Hb 11.24). Estêvão é mais específico; Ele diz: **quando completou a idade de quarenta**

anos (23) — literalmente, "quando completava quarenta anos de vida". Uma tradução correta também seria: "Ele estava se aproximando dos quarenta anos de idade" (NEB). Embora isto não seja afirmado especificamente no Antigo Testamento, a tradição rabínica dividiu a vida de Moisés em três períodos de quarenta anos: 1. No palácio do Faraó; 2. No outro lado do deserto; 3. Conduzindo os filhos de Israel para fora do Egito e pelo deserto. Uma comparação entre as passagens do Antigo Testamento confirma duas destas três divisões. Em Êxodo 7.7 está dito que Moisés tinha oitenta anos quando começou a conduzir os israelitas. Deuteronômio 34.7 registra que ele tinha cento e vinte anos de idade quando morreu. Mas o livro de Atos é o único lugar das Escrituras onde se afirma que ele tinha cerca de quarenta anos quando tentou, pela primeira vez, ajudar os israelitas.

Veio-lhe ao coração ir visitar o seu próprio povo. Lumby comenta: "O mesmo verbo é usado em Lucas 7.16, 'Deus visitou o seu povo', e significa 'supervisionar com bondade' (cf. *episkeptesthai,* Tg 1.27), e este é o sentido antigo do verbo *visitar* em português".[220] De maneira similar, Alexander diz que este verbo "quase que invariavelmente significa (a única exceção é a de 6,3 ['escolhei']) visitar com o objetivo de dar assistência ou alívio".[221] Ele acrescenta: "O sentido mais apropriado neste ponto é o básico, *cuidar,* que implica que Moisés agora teve o objetivo não de simplesmente *ir ver* os seus irmãos, mas de ajudá-los nos seus interesses, tornando-se o seu protetor".[222]

Quando Moisés viu um escravo israelita sendo "tratado injustamente" (Phillips; esta é a representação mais exata do grego) **o defendeu (24). O** verbo encontrado somente aqui no Novo Testamento significa literalmente "desviou". Como sabemos que Moisés encontrou "um varão egípcio que feria a um varão hebreu" (Êx 2.11), o quadro é o de Moisés colocando-se entre os dois homens para defender o escravo. Ele vingou o ofendido — lit., "exausto", e matou o egípcio. O relato do Antigo Testamento indica que Moisés matou o opressor — provavelmente um dos cruéis supervisores de Faraó — pois afirma que ele "escondeu-o na areia" (Êx 2.12).

O versículo 25 (não há correspondente no AT) é literalmente: "Moisés cuidava que seus irmãos entenderíam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam". O uso duplo do termo "would", no caso do idioma inglês, transmite uma impressão equivocada, ao colocar o assunto no futuro.

No dia seguinte... foi por eles visto (26) — ou "apareceu a eles", exatamente a mesma forma de 1 Coríntios 15.5-8. O relato do Antigo Testamento indica que havia "dois varões hebreus" (Êx 2.13) que pelejavam, ou "contendiam". Ele procurou levá-los à paz — literalmente "tentou reconciliá-los [somente aqui no NT] à paz". Ele lhes perguntou (lit.): "Por que vos tratais injustamente?" Aquele **que ofendia** (27) o repeliu, dizendo: "Quem te constituiu príncipe e juiz sobre nós?" É típico da natureza humana que, em uma disputa, a pessoa culpada seja aquela que recusa a reconciliação.

Este israelita mau prosseguiu (28), fazendo uma pergunta que era verdadeiramente alarmante: "Queres tu matar-me, como ontem mataste o egípcio?" Evidentemente, a notícia já havia sido divulgada.

Tomado pelo medo, Moisés fugiu e esteve como estrangeiro — lit., "tornou-se um peregrino" — **na terra de Midiã** (29). Alexander comenta: *"Midiã* é uma espécie de forma intermediária entre a palavra hebraica *Midian* e a grega *Madiam,* o nome de um dos filhos de Abraão com Quetura (Gn 25.2), também aplicado aos seus descendentes, uma tribo nômade que perambulava no deserto entre Moabe, o Sinai e o mar Vermelho".[223] Como em todos os casos deste tipo, a forma "Midiã" do Antigo Testamento deve ser usada aqui.

Nestas terras onde ele era um peregrino, ou um estrangeiro, Moisés se casou e gerou dois filhos (Êx 2.21-22; 18.1-4).

(3) *Tarefa* (7.30-34). **Completados quarenta anos** (30) — lit., "Tendo sido cumpridos quarenta anos" — **apareceu-lhe** — a mesma forma de "foi... visto" (26) — **o anjo[224] do Senhor, no deserto do monte Sinai, numa chama de fogo de um sarçal** (cf. Êx 3.2-10). **Moisés, quando viu isto** (31), **se maravilhou da visão; e, aproximando-se para observar** — lit.,"considerar cuidadosamente"

— **foi-lhe dirigida a voz do Senhor,** assegurando-lhe que era o Deus de seus pais (32) que lhe estava aparecendo. Com temor, Moisés não ousava olhar.

O Senhor disse a Moisés que tirasse as sandálias, porque o lugar em que estava era terra santa (33). Esta terra não era o Templo, nem a Cidade Santa, nem mesmo a Terra Santa. Era Midiã, um território estrangeiro. Ainda assim, Deus declarou que era terra santa. Mais uma vez, Estêvão afirma sua tese principal de que a Presença divina não está restrita a nenhum país ou a nenhuma nação em particular.

Tenho visto (34) é literalmente: "Tendo visto, eu vi". Esta expressão idiomática é mais bem traduzida como "Certamente vi" (cf. Êx 3.7, onde a Septuaginta apresenta esta mesma forma). Deus declarou que Ele tinha visto a aflição (os maus tratos) do seu povo no Egito; Ele ouvira os seus gemidos e descera para livrá-los. A seguir, veio a tarefa: **Agora, pois, vem, e enviar-te-ei ao Egito.** Era chegada a hora de Deus para que Moisés agisse.

(4) A *Conquista* (7.35-43). No texto grego, este está no início de 35,36,37 e 38, assim como na metade de 35 (o *mesmo* é idêntico em grego, com este no início), e enfatiza a importância de Moisés no plano de Deus.

A este Moisés, ao qual haviam negado (35) — literalmente "recusado a reconhecer" — Deus enviou como príncipe e libertador. A palavra grega (somente aqui no NT) não é encontrada em obras de autores seculares. Ela quer dizer, literalmente, "aquele que resgata ou redime". Alexander diz: "Como existe uma alusão evidente ao paralelismo entre Cristo e Moisés, e como a libertação do Egito foi do mesmo tipo da libertação dos pecados, não existe a necessidade de abrandar a expressão para significar uma mera libertação, sem referência a resgate ou a redenção, no seu sentido".[226]

Pela mão significa literalmente "com a mão" — um símbolo de poder comum no Antigo Testamento. O anjo era o próprio Senhor, como indicado em Êxodo 3.4 — "E, vendo o Senhor que se virava para lá a ver, bradou Deus a ele do meio da sarça". Assim, **pela mão do anjo**

significa “com o poder de Deus”.

A relação deste versículo com o argumento de Estêvão pode ser expressa da seguinte maneira: “Deus, diz ele, enviou de volta o Moisés rejeitado para ser um príncipe e libertador, e deixa que eles cheguem à conclusão de que o que Deus havia feito no caso de Moisés, também faria no caso do profeta que Moisés tinha predito como alguém que seria como ele mesmo”.[226] Aconteceria com Cristo exatamente o que aconteceu com Moisés: o patriarca tinha sido rejeitado na sua primeira aparição ao seu povo, mas foi aceito na sua segunda vinda.

Este [em grego, “este aqui”] **os conduziu para fora** da escravidão no Egito, **fazendo** [lit., “depois de ter mostrado”] **prodígios e sinais** (36), como fez Jesus, e que estão registrados nos Evangelhos. Os milagres na terra do Egito seriam as dez pragas; no mar Vermelho seriam a divisão das águas, a libertação do seu povo e a destruição dos seus inimigos. Os registros dos milagres no deserto são encontrados particularmente no livro de Números.

O profeta (37) que Deus levantaria para tomar o lugar de Moisés foi, primeiramente, Josué (Dt 18.15), mas finalmente Jesus (os dois nomes significam a mesma coisa). Esta dupla aplicação — o cumprimento parcial e próximo e o cumprimento distante e completo — é chamado de princípio “telescópico” da profecia (ver os comentários sobre **3.22).**

Moisés esteve **entre a congregação** *[ecclesiai* **no deserto, com o anjo** (38) — a presença de Deus. Foi Deus quem falou com ele no monte Sinai, e com nossos pais. Moisés... **o qual** [singular] **recebeu as palavras de vida** [vivas] **para no-las dar** [“a

vocês” nos dois manuscritos gregos mais antigos].

Ao qual nossos pais não quiseram obedecer (39) é uma frase que possui uma estrutura estranha em inglês (o “to” deferia ser omitido). Antes o rejeitaram (Moisés) e, em seu coração, se tornaram ao Egito (cf. Êx 16.3; Nm 11.4-5; 14.4). “Rejeitar” é o mesmo verbo usado no versículo 27 em algumas versões (outras utilizam “repelir”). Arespeito

do homem no incidente anterior, Alexander diz: "Assim como ele recusou a mediação com o seu próximo, também o povo recusou a sua mediação entre eles e Deus".[227] Este tema principal da rejeição está presente em todo o discurso de Estêvão.

A citação no versículo 40 é de Êxodo 32.1. Eles **fizeram o bezerro** (41) é uma única palavra em grego, encontrada somente aqui e em comentários sobre esta passagem.

Como o povo de Deus rejeitou ao Senhor e ao líder que Ele havia escolhido, o Senhor se afastou (pelejou contra eles, cf. Is 63.10) e os abandonou (cf. Rm 1.24,26,28) **a que servissem ao exército do céu** (42) — a adoração pagã ao sol, à lua e às estrelas (cf. Dt 4.19; 17.3). **O livro dos profetas** provavelmente se refere ao "livro dos Doze" (profetas menores).[228] A citação (42-43) é de Amós 5.25-27.

Existe um problema que surge pelo fato de o texto hebraico e da Septuaginta diferirem consideravelmente. O texto hebraico de Amós 5.26-27 diz: "Levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela, que fizestes para vós mesmos. Por isso, vos desterrarei para além de Damasco" (versão Almeida Revista e Atualizada).[229] A Septuaginta interpretou Sicute como "tabernáculo" e "vosso rei" como "Moloque" (que tem as mesmas consoantes que *melekh,* "rei"). Renfã "é semelhante a *Repa,* outro nome para Seb, o deus egípcio do planeta Saturno".[230]

O que Estêvão está enfatizando é que a idolatria que apareceu de maneira chocante no Sinai tinha se desenvolvido durante o período do reinado, e se transformado em uma intensa adoração de corpos celestes. Por causa disso, o povo de Israel foi levado ao cativeiro.

Em lugar de "além de Damasco" (tanto no texto hebraico quanto no grego de Am 5.27), encontramos a expressão além de Babilônia. Bruce escreve: "Amós estava predizendo o cativeiro sob os assírios, um castigo adequado para aqueles que praticassem a adoração aos astros dos assírios. Estêvão tem mente o cativeiro na Babilônia, algo que não seria estranho para alguém que estivesse falando em Jerusalém".[231]

Alexander conclui que esta alteração "não é um erro nem uma distração, mas se destina a trazer a profecia, sem nenhuma mudança real de significado, ao contato e a estar de acordo com as associações históricas do povo em relação ao exílio na Babilônia".[232]

d. Tabernáculo e Templo (7.44-50). Os judeus da época de Jesus acreditavam que o Templo de Jerusalém era o único lugar em todo o mundo onde se manifestava a Presença divina, Shekinah. Por isso, eles ficaram tão irritados com o relato: "Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar" (6.13). Mas Estêvão agora recorda os membros do Sinédrio que os seus **pais** (44) tinham no deserto o tabernáculo. Este tabernáculo esteve fora da Terra Santa, mas ali a presença de Deus foi revelada pela Shekinah no santuário.

O tabernáculo do Testemunho é o que a Septuaginta apresenta em lugar do hebraico "tabernáculo da congregação", ou, mais exatamente, "a tenda da congregação" (Ex 33.7). Uma tradução melhor talvez fosse "o tabernáculo do testemunho" (ASV) ou "a tenda do Testemunho" (NEB), como o texto hebraico em Êxodo 38.21. A arca é também chamada de "arca do testemunho": ...depois que houveres posto na arca o Testemunho, que eu te darei..." (Êx 25.21). Este testemunho triplo consistia na vara de Arão, que tinha florescido, do vaso com o maná, e as tábuas onde estavam escritos os Dez Mandamentos. Estes seriam os testemunhos perpétuos da autoridade de Deus sobre o seu povo, e também do seu cuidado por eles.

Deus ordenou a Moisés que construísse o Tabernáculo segundo o modelo que Ele lhe tinha mostrado no monte Sinai. A palavra grega para modelo é *typos* (tipo). É a mesma palavra que é traduzida como "figuras" no versículo 43. Bruce observa: "Este *typos* pode estar em contraste com o *typoi* idólatra do versículo 43".[23S]

Este Tabernáculo **o qual nossos pais, recebendo-o também** (45) — lit., "tendo-o por sua vez recebido" (cf. ASV, RSV) — o levaram com Josué (algumas versões mencionam "Jesus"), quando entraram na posse — "quando tomaram posse".[234] As nações seriam os cananeus e

outros habitantes da Palestina. A última frase, **até aos dias de Davi,** pode referir-se à expulsão dos gentios ou às sucessivas gerações que receberam o Tabernáculo. As duas coisas chegaram ao seu final com o reinado de Davi.

Este maior de todos os reis de Israel **achou graça diante de Deus** (46), **e pediu** — literalmente, "pediu para si mesmo" (voz intermediária); "pediu permissão, o que está em perfeito acordo com o desejo de governar e o objetivo da sua vida, tão maravilhosamente expresso no Salmo 132"[235] — **que pudesse achar tabernáculo para o Deus de Jacó.** A palavra que significa **tabernáculo** é diferente da encontrada no versículo 44, embora tenha a mesma raiz. Ela significa simplesmente "um abrigo". Na verdade, Davi desejava construir uma estrutura permanente para a presença de Deus. Mas **Salomão lhe edificou casa** (47); Davi não obteve a permissão para fazê-lo.

Então vem o principal impulso do discurso de Estêvão, o verdadeiro centro do seu argumento: **o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens** (48). Salomão expressou o mesmo pensamento em sua oração de consagração (2 Cr 6.18). A palavra **templos** não aparece nos manuscritos mais antigos, que simplesmente apresentam o plural do adjetivo "feito por mãos de homens". A maioria das versões modernas acrescenta a palavra "casas" (cf. ASV).

A maior parte do versículo 48 deveria estar situada no versículo 47, como se estivesse repetindo aquilo que Salomão afirmara em sua oração, na ocasião em que consagrou o Templo. A última frase do versículo 48, como diz o profeta, deveria, assim, estar colocada com o versículo 49.

Para consolidar o seu argumento, Estêvão citou (49-50) o Antigo Testamento. O significado desta Escritura é descrito assim por Alexander: "O profeta citado é Isaías (66, 1.2), e a passagem é aquela em que ele conclui as duas profecias com uma predição expressa da mudança das revelações, da época em que Jeová já não mais habitaria em templos (v. 1), mas sim nos corações humanos (v. 2); quando o

ritual, embora instituído divinamente, não se mostrasse menos odioso do que a própria idolatria (v. 3), aqueles que ainda se apegassem a ele receberíam a temida justiça (v. 4)".[236]

e. O Réu Transforma-se em Acusador (7.51-53). Parecería, neste ponto, que o discurso de Estêvão foi interrompido, ou pelo menos que ele percebeu uma oposição crescente, pois o seu tom mudou bruscamente. Bruce comenta: "Esta repentina repreensão pode ter sido ocasionada por alguma reação irada contra o que ele acabara de dizer. Está claro que ele estava atacando algumas das crenças mais profundas que aqueles homens tinham em relação ao Templo".[237]

Estêvão acusou os seus ouvintes de serem de **dura cerviz (51)** — *sklerotracheli* (somente aqui no NT, encontrada na LXX, *e.g.* Ex 33.3), sugerindo a imagem de um boi teimoso que se recusa a receber o jugo no seu pescoço — **incircuncisos de coração** — cf. Lv **26.41;** Ez **44.7** — **e ouvido** (cf. Jr **6.10).** A respeito da linguagem utilizada aqui, Lumby escreve: "Assim como o ritual da circuncisão era o sinal da submissão à religião judaica, também a palavra *incircunciso,* na sua exigência mais completa, tornou-se um sinônimo da resistência obstinada ao que Deus tinha revelado, e a frase, no texto, conseqüentemente significa Vocês, que fecharam os seus corações e ouvidos à verdade"'.[238]

Mas a idéia da circuncisão traz consigo uma conotação adicional no Novo Testamento. Paulo fala da verdadeira circuncisão como sendo aquela "do coração" (Rm 2.29). Ele escreve aos colossenses: "No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo" (Cl 2.11). A circuncisão cristã é a purificação do coração de todos os pecados. Este pensamento já tinha sido sugerido por Moisés: "Circuncidai, pois, o prepúcio do vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz" (Dt 10.16) — fazendo a mesma combinação que Estêvão faz aqui. Estas passagens destacam o fato de que a essência do pecado é a rebelião contra a vontade de Deus. Isto deve ser removido do coração na santificação completa. Os líderes da nação eram culpados, como foram os seus pais, de resistirem ao Espírito Santo que

procurava iluminá-los e guiá-los.

Os seus pais tinham perseguido os profetas (52). Eles tinham ido mais longe, e tinham assassinado aqueles que prediziam a vinda do Justo — o Messias (cf. 3.14).

Estas palavras de Estêvão foram um eco daquilo que Jesus já havia dito (cf. Mt 5.12; 23.29-37; Lc 13.34). Mas ele acrescentou que aquilo que Jesus tinha predito aconteceria; os membros do Sinédrio eram os traidores e homicidas do Messias. Este foi o pior pecado dos líderes rebeldes e obstinados da nação judaica.

Mataram refere-se aos pais, que tinham recebido a Lei no Sinai (53). A ordenação dos anjos talvez seja mais bem traduzida assim: "como foi ministrado [organizado] pelos anjos" (ASV). Esta idéia não está explícita no relato do Antigo Testamento, embora esteja sugerida na Septuaginta de Deuteronômio 33.2. Josefo reflete este costume ao escrever: "Nós recebemos de Deus a mais excelente das nossas doutrinas, e a parte mais santa da nossa lei pelos anjos".[239] Paulo faz a melhor correspondência à afirmação de Estêvão quando diz, sobre a lei: "Foi posta pelos anjos na mão de um medianeiro" (G1 3.19). A mesma idéia é sugerida em Hebreus 2.2. Ainda assim, a lei dada deste modo não tinha sido observada.

3. *A Morte de Estêvão* **(7.54-60)**

A medida que os membros do Sinédrio ouviam a denúncia que Estêvão fazia da sua rebelião obstinada, **enfureciam-se em seu coração (54). O** verbo é o mesmo usado em **5.33** (ver os comentários ali). **Rangiam os dentes contra ele** reflete Salmos **35.16.**

Qual foi a reação de Estêvão a esta explosão de ódio? **Estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus** — *"i.e.,* uma manifestação sensível da sua presença".[240] Ele também viu Jesus, que estava à direita de Deus — "a posição de honra e de poder equivalente".[241] Como Jesus normalmente é representado sentado à direita do Pai (Mt 26.64; Ef 1.20; Cl 3.1; Hb 1.3,13; 8.1; 10.12), a maioria dos comentaristas, desde Gregório, o

Grande, assumiram a palavra "estar", nesta passagem, como simplesmente implicando que Jesus levantou-se para assistir e receber o seu primeiro mártir.

Estêvão deu testemunho do que ele estava vendo (56). A expressão **Filho do Homem** ocorre somente aqui no Novo Testamento fora dos Evangelhos. Nos Evangelhos, é um título usado por Jesus para referir-se a si mesmo, aproximadamente oitenta vezes.

A cena que se seguiu é um comentário triste sobre o judaísmo daqueles dias. Os ouvintes de Estêvão gritaram com grande voz, taparam os ouvidos — como para não ouvir mais nenhuma de suas palavras — e **arremeteram unânimes contra ele** (57). Eles o expulsaram da cidade — para que não mais corrompesse o lugar sagrado! — e o apedrejaram (58). A lei exigia que as testemunhas atirassem as primeiras pedras ao criminoso condenado (Dt 17.7). Estas falsas testemunhas (cf. 6.13) depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo. Esta é a primeira menção àquele que iria se tornar o grande apóstolo Paulo. O jovem fariseu nunca se esqueceu da cena que testemunhou naquele dia.

Então apedrejaram a Estêvão (59). Em evocação, tem o particípio singular, indicando Estêvão. Este trecho poderia ser traduzido da seguinte forma: "Ele estava chamando...".[242] Esta oração do primeiro mártir, na hora da morte — **Senhor, não lhes imputes este pecado** (60) foi um eco da oração do Senhor na cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Estêvão tinha o espírito do seu Mestre.

Este incidente destaca o "Triunfo em meio à Tragédia": 1. A vingança humana (54); 2. A visão celestial (55-56); 3. A maldade horrível (57-58); 4. O perdão divino (55-60).

0 TESTEMUNHO NA JUDÉIA E SAMARIA

Atos 8.1—12.25

Esta seção descreve o esforço missionário da igreja "em toda a Judeia

e Samaria" (1.8). O capítulo 8 fala de Filipe em Samaria, e do seu testemunho ao eunuco etíope. O capítulo 9 fala da conversão de Saulo, e de Pedro em Lida e Jope. O capítulo 10 registra a visão de Pedro (em Jope) e a conversão de Cornélio (em Cesaréia). O capítulo 11 descreve a defesa de Pedro e os cristãos em Antioquia. O capítulo 12 conta a libertação de Pedro e a morte de Herodes. Todos os acontecimentos tiveram lugar na Judéia ou em Samaria (exceto em 11.19-30; ver o mapa 1).

A. **Testemunhando em Samaria,** 8.1-25

A pregação do Evangelho em Samaria definiu uma transição da missão judaica para a missão dos gentios. Os samaritanos eram uma raça mestiça, uma mistura de judeus e gentios. Portanto, era lógico que o primeiro passo fora da Judéia devesse ser em Samaria, imediatamente ao norte.

os assassinos (Lc 11, 48; Rm 1, 32; 1 Co 7,12-13) e não meramente consentir ou aprovar o assassinato".[1] **Morte** não é a palavra grega habitual, *thanatos,* mas *anairesis* (somente aqui no NT), que significa "uma destruição, um assassinato, um homicídio".[2] A diferença de *thanatos* (morte) é significativa. O jovem rabino Saulo estava dando a sua aprovação oficial ao assassinato de um mártir inocente.

Naquele dia é o significado exato do original. O uso exato desta frase no Novo Testamento *(e.g.,* Mt 13.1, 22.23) sugere que aqui significa "naquele mesmo dia" do apedrejamento de Estêvão. Parece que este evento deu início à grande perseguição dos crentes em Jerusalém. E apenas a segunda vez que o termo **igreja** (aplicado aos cristãos) é encontrado aqui no livro de Atos (cf. 5.11), mas ele aparece 22 vezes no restante do livro.

O resultado da perseguição foi que todos os discípulos foram dispersos nesta primeira diáspora cristã. A dispersão forçada levou-os às terras da Judéia e de Samaria — como descrito nos capítulos 8 a 12.

A frase **exceto os apóstolos** parece estranha. Pode parecer que os líderes estariam correndo um perigo maior de serem mortos. Duas ou

três explicações podem ser oferecidas. A primeira é que os apóstolos eram todos judeus e tinham a estima geral do "povo" (5.13). Pode ter acontecido que os helênicos, representados por Estêvão, fossem o objeto particular da perseguição. Em segundo lugar, pode-se supor que os apóstolos consideravam como seu dever permanecer em Jerusalém, independentemente das conseqüências.

O corpo de Estêvão foi sepultado por alguns **varões piedosos** (2). Estes eram cristãos ou judeus não cristãos? Meyer pensa que eles eram *"judeus* religiosos que, com a sua consciência piedosa (comp. ii.5) e com unia inclinação secreta ao cristianismo, tiveram a coragem de honrar a inocência daquele que tinha sido apedrejado".[3]
Gloag concorda que provavelmente "os piedosos mencionados aqui eram amigos e admiradores, que não reconheciam abertamente ser cristãos".[4] De qualquer forma, a lei exigia que o criminoso executado fosse sepultado (Dt 21.22-23). Para cumprir a lei, José de Arimatéia e Nicodemos — que não eram discípulos confessos de Jesus — sepultaram o corpo de Cristo. Aqueles que cuidaram do corpo de Estêvão **fizeram sobre ele grande pranto.** A palavra grega para **pranto** (somente aqui no NT) significa literalmente "um golpe na cabeça e no peito". Esta era uma maneira tipicamente oriental de demonstrar grande pesar.

Saulo, mais enfurecido que inibido pela visão da morte de Estêvão, **assolava a igreja** (3). O verbo (somente aqui no NT) é usado na Septuaginta para referir-se a um javali selvagem que devasta uma vinha *{e.g.,* SI 80.13). Não satisfeito em prender as pessoas nos lugares públicos, o zeloso jovem rabino invadia as casas particulares. "Arrastar" é uma "antiga forma de uma palavra que significa "rebocar, puxar violentamente".[5] Saulo estava arrastando furiosamente homens e mulheres à prisão.

Aonde quer que fossem, estes leigos — cf. "exceto os apóstolos" (1) — estavam anunciando a palavra. O verbo *euangelizo* é um outro termo favorito de Lucas. Ele usa-o aproximadamente na metade do total das ocorrências no Novo Testamento. Com o significado de "anunciando novidades jubilosas", é uma palavra que se encaixa

perfeitamente para descrever a pregação do Evangelho, por estes missionários do século I.

Dos sete homens escolhidos para cuidar dos assuntos materiais da igreja (6.1-6), dois representaram papéis importantes. Estêvão tornou-se o primeiro mártir. **Filipe (5)** foi o primeiro a ser chamado de "evangelista" (21.8). Este capítulo conta o início dos seus esforços para evangelizar. .

Ele desceu a **Samaria** (5). Embora Samaria esteja ao norte da Judéia, na mente dos judeus, as pessoas sempre "subiam" a Jerusalém e "desciam" dali para qualquer outro lugar. Samaria era um local lógico para iniciar a missão evangelística do mundo cristão. Como diz Macgregor: "Os samaritanos formaram uma casa no meio do caminho entre o mundo judaico e o mundo gentílico".[2] [3] [4] [5] [6]

Descendo Filipe à cidade de Samaria. No Antigo Testamento, Samaria é o nome da capital do Reino no Norte de Israel, embora às vezes a palavra se refira à nação. Mas, no Novo Testamento, o termo normalmente se refere ao distrito localizado entre a Judéia, ao sul, e a Galiléia, ao norte (ver o mapa 1). A velha cidade de Samaria foi reconstruída por Herodes o Grande, e chamada Sebaste — o equivalente grego ao termo latino "Augusto". Isto ainda se conserva no nome da atual vila Sebastiyeh, que está situada no antigo monte Samaria. Mas Josefo indica que, no século I, Sebaste foi algumas vezes mencionada como Samaria.[7] Assim, não há necessariamente qualquer anacronismo aqui.[8]

Filipe **pregava.** Esta palavra é *kerysso,* "anunciar" ou "proclamar como um arauto", e não *euangelizo* (cf. 4). Para os samaritanos, ele "estava proclamando" (imperfeito de uma ação continua) Cristo — lit., o Cristo; *i.e.*, "o Messias". Os samaritanos, juntamente com os judeus, estavam procurando o Messias que viria (Jo 4.25).

Os ouvintes de Filipe **prestavam atenção (6)** ao que ele anunciava. Eles ouviam as palavras que ele dizia e viam os sinais (trad. literal) que ele realizava. A realização de milagres representou um papel importante no ministério de Jesus e no início da evangelização dos

judeus e samaritanos. Paulo declarou: “Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria” (1 Co 1.22). Quando a pregação do Evangelho penetrou no mundo dos gentios, a realização de milagres passou a ter menos importância.

Estes “sinais” consistiam principalmente em expulsar espíritos imundos (demônios) e curar os enfermos e aflitos (7). Muitos paralíticos e coxos é a tradução literal do grego (cf. Phillips).

O resultado desta manifestação de poder divino foi **grande alegria** naquela cidade (8). Quando Deus nos abençoa, segue-se sempre um período de regozijo.

reflete um ponto de vista pagão ou uma educação hebraica. Uma vez que os samaritanos são uma raça mestiça, é perfeitamente possível que eles tenham misturado conceitos teológicos, e que a resposta para o debate seja “ambas as coisas”.

O povo tinha consideração por este falso mágico (11). O texto grego diz “dar atenção” — exatamente a mesma forma dos versículos 6 e 10. Por **muito tempo** [Simão] **os havia iludido com artes mágicas** — literalmente, “maravilhado-os com sua arte mágica”.

Mas agora eles acreditavam em Filipe (12). Ele lhes pregava (*evangelizava*) acerca do Reino de Deus — como João Batista e Jesus tinham feito. Filipe estava agora também pregando em nome de Jesus Cristo. A salvação só se dá por meio do nome de Jesus Cristo, o “Salvador” (cf. 4.12).

Aqueles que criam se batizavam. Isto mostra que eles não dependiam mais da adesão fiel à lei como meio de salvação, mas que podiam depositar a sua total confiança em Cristo. Os crentes consistiam tanto em homens como mulheres.

Surpreendentemente, até mesmo **o próprio Simão** creu (13). De modo inevitável, surge a questão se isto era fé genuína em Jesus Cristo ou meramente uma concordância mental às verdades do cristianismo. A favor da fé genuína há o fato de que a mesma palavra

é usada no versículo 12. Certamente, Simão mostrou toda a aparência visível de ser um crente sincero, pois foi batizado, e Filipe aceitou sua conversão como sendo sincera. Além do mais, **ele ficou, de contínuo, com Filipe.** O verbo é forte, significando "acompanhar constantemente, continuar firme".[10] **Vendo os sinais** — lit., "sinais e poderes" — que estavam sendo realizados, ele ficou **atônito,** ou "maravilhado".

Sobre a natureza da conversão de Simão, Meyer tem a dizer: "Na verdade ele foi, pela pregação e pelos sinais de Filipe, movido pela fé em Jesus Cristo como o Messias. Mas a sua fé era somente histórica e intelectual, sem ter como resultado uma mudança de vida interior".[11]

4. *O Pentecostes Samaritano* (8.14-17)

Quando os apóstolos... em Jerusalém (14) souberam o que tinha acontecido em Samaria, enviaram Pedro e João para examinarem a situação. Estes dois homens estavam intimamente associados a algumas das primeiras atividades descritas no livro de Atos (cap. 3 —**4).** Mas João não é mencionado novamente no livro.

Quando os dois apóstolos chegaram, oraram pelos samaritanos **para que recebessem o Espírito Santo** (15). Está claro que estes novos convertidos, embora definitivamente salvos pela fé em Jesus Cristo e já batizados (12), não tinham recebido o Espírito Santo. Era necessário que lhes acontecesse a mesma experiência que tiveram os 120 no cenáculo no dia de Pentecostes.

O fato de que, embora convertidos e batizados nas águas, os samaritanos ainda não tinham sido batizados com o Espírito Santo (cf. Mt **3.11)** está ainda ressaltado entre parênteses. Lucas explica por que os apóstolos oraram daquela forma: **Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus (16). O** texto grego sugere que eles continuavam (tempo imperfeito) no estado de ter sido batizados nas águas (particípio perfeito). Eles ainda não tinham experimentado, pessoalmente, o Pentecostes. Aqui com certeza se reflete claramente o entendimento de Lucas de que o dom do Espírito Santo é uma

experiência subseqüente à conversão.

Pedro e João **lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo** (17). Muitos estudiosos sustentam que a referência não é ao recebimento do Espírito Santo em si, mas sim à concessão dos miraculosos dons do Espírito. Mas não é o que a narrativa diz. Ela declara claramente: **receberam o Espírito Santo.** Parece estar implícito que houve algumas manifestações exteriores relacionadas a este fato, através da afirmação, no versículo seguinte, de que Simão estava ciente daquilo que havia acontecido. No entanto, na narrativa não existe nenhuma menção ao falar em línguas.

Knowling objeta contra a interpretação de **Espírito Santo** significando aqui dons especiais do Espírito. Ele diz: "Em um livro tão marcado pela obra do Espírito Santo... é difícil acreditar que Lucas possa querer limitar a expressão *lambanein* [receber] aqui... a qualquer coisa menos do que o derramamento daquele Espírito que passaria a habitar dentro de cada crente, e que torna o cristão o templo de Deus".[12]

Esta passagem do livro de Atos é muito significativa. Os samaritanos foram convertidos a Cristo por meio da pregação de Filipe e, em uma ocasião posterior, foram cheios do Espírito Santo sob o ministério de Pedro e João. Para eles, sem dúvida, o recebimento do Espírito foi um fato subseqüente à conversão.

Pode-se perguntar por que Filipe, que estava cheio do Espírito (cf. 6.3, 5), não pôde concluir este trabalho sem a vinda de Pedro e João. A resposta provavelmente é que era necessário estabelecer a unidade da Igreja de Jesus Cristo, no início, por meio deste ato de autoridade apostólica. Não deveria haver movimentos separados surgindo aqui e ali, mas sim uma Igreja unida, fundada pelos homens que Jesus encarregou desta tarefa.

5. *Simão e a Simonia* (8.18-24)

Simonia — uma palavra derivada deste incidente — significa a compra ou a venda de ofícios eclesiásticos, ou autoridade eclesiástica.

E Simão, vendo que o Espírito Santo era dado pela imposição das mãos dos apóstolos... lhes ofereceu dinheiro (18) para que compartilhassem com ele o poder de derramar ou conceder o Espírito

(19) . Esta mágica era muito melhor do que qualquer coisa que ele possuía! Ele queria manter o seu controle sobre o povo.

Em resposta, Pedro disse a Simão: **O teu dinheiro seja contigo para perdição**

(20) . Isto poderia ser interpretado como uma oração para que o seu dinheiro, que ameaçava trazer-lhe a destruição, pudesse acabar. Knowling diz: "Estas palavras não são uma maldição nem uma imprecação, como é evidente no versículo 22, mas sim uma expressão veemente de horror por parte de Pedro, uma expressão que poderia advertir Simão de que ele estava no caminho da destruição".[13] Após observar outras interpretações, Alexander conclui: "A verdadeira solução parece ser que Pedro falou com uma autoridade divina direta, e também que o pedido deve ser qualificado pela exortação contida no versículo 22".[14] Ele acrescenta: "O pecado e a loucura da oferta do mágico não estão meramente na idéia de subornar a Deus, mas em comprar o que, pela sua própria natureza, só poderia ser uma dádiva gratuita".[15]

Pedro continuou afirmando: **Tu não tens parte nem sorte nesta palavra** (21). **Parte** indica uma divisão ou porção. **Sorte** significa o que é obtido lançando sortes, ou seja, uma parte designada. A palavra grega para **palavra** ou "ministério" é *logos,* que literalmente significa "palavra". Hackett prefere essa tradução e explica o seu significado: "A doutrina ou o Evangelho, que nós pregamos".[16] Este é o sentido transmitido pela versão Siríaca Peshita (século V), onde se lê "em sua fé". Mas *logos* pode significar "o que é falado sobre", e desta forma "assunto, caso, coisa".[17]

Pedro também declarou: **O teu coração não é reto** — lit., "direito", e também, em um sentido moral, "franco"[18] — **diante de Deus.** Isto mostra que se Simão havia passado por uma verdadeira conversão, o

que parece estar implícito no versículo 13, o amor pelo dinheiro agora havia feito com que ele se desviasse. Ele não era mais sincero, e nenhum homem pode ser salvo sem ser sincero.

Mas não era tarde demais para Simão ser perdoado. Pedro o advertiu, dizendo: **Arrepende-te... dessa tua iniquidade e ora** — "pedir, suplicar"[19] — **a Deus,[20] para que, porventura, te seja perdoado o pensamento do teu coração (22). Porventura** parece sugerir uma incerteza quanto à possibilidade de Simão poder ser perdoado. Mas o texto grego diz literalmente "se por isso"; *i.e.,* como um resultado por seu arrependimento. A única incerteza — e era muito real — era se Simão se arrependería. Aparentemente, ele não o fez. Gloag se expressa bem: "Pedro aqui... não expressa dúvida sobre o perdão de Deus, nem a limitação da sua misericórdia; a dúvida se refere ao arrependimento de Simão".[21]

A palavra grega para **pensamento** (somente aqui no NT) origina-se do verbo "continuar". Sendo assim, ela significa um "plano" consciente ou um "projeto",[22] uma "trama".[23]

Pedro continuou descrevendo Simão como estando literalmente em *(eis)* **fel de amargura, e... laço de iniqüidade** (23). Bruce escreve: "No papiro, *eis* é usado desse modo após *einai,* expressa destino".[24] Sugeriu-se que Simão caiu neste estado. Meyer parafraseia a passagem da seguinte forma: "Eu o reconheço como um homem que caiu em amarga animosidade contra o Evangelho, como em fel, e em iniqüidade como em grilhões cingidos".[26] Gloag diz: **"Fel** aqui significa 'veneno', como — de acordo com a opinião dos antigos — o veneno das serpentes que residia em seu fel".[26]

A reação de Simão aos avisos de Pedro não dá evidências de um verdadeiro arrependimento. Ele não estava preocupado com o seu pecado, mas somente com as suas conse-qüências. Pedro o instruiu a orar a Deus na esperança de ser perdoado (22). Agora Simão pede aos apóstolos para orarem (a mesma palavra contida no v. 22) para que nenhuma das coisas mencionadas por Pedro venha sobre ele (24). Não havia no coração de Simão uma tristeza devido ao pecado, mas

somente o temor pela sua própria segurança.

Em Simão, vemos (8.8-13,18-24) "Um candidato inaceitável para o batismo com o Espírito Santo". 1. Simão foi rejeitado porque teve uma concepção errada do preço a ser pago (18, 20); 2. Ele teve um motivo errado para buscar o Espírito Santo (19); 3. Seu coração não era reto aos olhos de Deus (21-23). (G.B. Williamson)

6. *Samaria Evangelizada* (8.25)

Este versículo parece constituir um parágrafo intermediário entre o precedente e o seguinte. **Tendo eles** — provavelmente Pedro e João — **testificado** (testemunhado completamente) **e falado** (no texto grego, simplesmente "falado") **a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém.** A última parte deste versículo tem dois imperfeitos, portanto lê-se literalmente "eles estavam retornando para Jerusalém e estavam evangelizando muitas aldeias de samaritanos". Isto dá a idéia de uma campanha contínua de evangelização durante a prolongada viagem de volta.

O companheiro evangelista de Pedro era o mesmo João que uma vez desejou invocar o fogo do céu para destruir uma aldeia de samaritanos (Lc 9.52-56). Jesus o repreendeu por ter um espírito errado. Mas agora, depois do Pentecostes, ele tinha o Espírito de Cristo. Gloag sabiamente observa: "Agora, ele invocava um tipo diferente de fogo que pudesse descer do céu sobre os samaritanos — o fogo do Espírito Santo".[27]

B. **Testemunhando ao Eunuco Etíope,** 8.26-40

Filipe era um evangelista versátil, cheio do Espírito e guiado pelo Espírito. Ele podia pregar para grandes multidões em um "avivamento que alcançasse uma cidade inteira". Mas ele também podia realizar um trabalho pessoal com um único indivíduo em uma estrada deserta. A eternidade pode revelar que, quanto aos seus resultados finais, a segunda destas atividades era tão fértil quanto a primeira. A lição essencial a ser aprendida é que, quando o Espírito Santo nos impele a levar algum ministério a outros, Ele nos dá

o poder necessário para cumprirmos a missão. Onde Deus guia, Deus provê. Outra lição é que, aos olhos do Senhor, nenhuma tarefa orientada pelo Espírito é pequena. Somente a onisciência divina pode antever os resultados dos poucos momentos de um testemunho dado a uma pessoa cujo coração o Espírito Santo preparou para acolher este testemunho.

1. *Um Peregrino Buscando a Deus* (8.26-31)

No meio das atividades de Filipe na cidade samaritana, com muitos convertidos para cuidar, o anjo — lit., "um anjo" — do Senhor chamou-o para uma nova tarefa. O contexto sugere que esta é uma outra maneira de dizer que o Espírito conduziu-o (cf. 29, 39). A ordem era: **Levanta-te** — tempo aoristo de ação imediata — **e vai** — tempo imperfeito de ação continua, "ir" — **para a banda do sul** (26). No único outro ponto do Novo Testamento em que aparece a palavra grega para **sul,** ela é traduzida como "meio-dia" (22.6). Alguns estudiosos preferem esta tradução. Mas "para a banda do sul" parece ser o significado correto da frase.

Filipe devia ir ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que estava deserto. Gaza estava a cerca de 96 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Era a cidade mais ao sul da Palestina, quase na fronteira do Egito (ver o mapa 1). Nos tempos do Antigo Testamento, era uma das cinco cidades dos filisteus. **Que está deserto** pode referir-se ao caminho; ou seja, "Pegue a estrada deserta", em vez de uma outra rota. Esta é a opinião de Schuerer[28] e Gloag.[29] Mas Lake e Cadbury empregaram a frase à cidade. A antiga Gaza, que estava situada a aproximadamente quatro quilômetros do Mediterrâneo, foi destruída por Alexandre o Grande (332 a.C.) e ainda estava deserta. Poderia muito bem ser chamada deserto de Gaza. A nova Gaza Helênica ficava na costa.[30] Bruce aceita esta interpretação.[31] Em qualquer caso, a missão envolvia diversos dias de viagem. Talvez fossem 56 quilômetros de Samaria a Jerusalém e cerca de 96 quilômetros a mais para Gaza.

Filipe **levantou-se e foi** (27). Os dois verbos estão no tempo aoristo e sugerem obediência imediata, Como ele foi imediatamente, encontrou

um homem. Se tivesse demorado por qualquer razão, Filipe teria perdido seu encontro divino com o eunuco.

Seguindo orientações divinas, Filipe viu um etíope, que tinha ido a Jerusalém para adoração, ou "em peregrinação", e estava agora voltando. Etiópia era o nome de um reino no Nilo, entre a atual Assuã e Khartoum. A maioria dos estudiosos atuais reconhece que a referência aqui não é à Abissínia, hoje conhecida comumente como Etiópia. Entretanto, o *Westminster Dictionary ofthe Bible* afirma que a profecia de Salmos 68.31 — "A Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos" — "foi cumprida com a conversão do eunuco etíope (At 8.26-40) e a introdução do Evangelho na Abissínia".[32]

O viajante que Filipe encontrou era um eunuco,[33] mordomo-mor (ou alto official) de Candace, rainha dos etíopes. A lei mosaica proibia um eunuco de ser membro da congregação do Senhor (Dt 23.1). Mas a proibição parece ter sido suspensa posteriormente (Is 56.3-5). **Mordomo-mor** é *dynastes,* que significa "príncipe". **Candace** era um título, como Faraó. Lake e Cadbury observam: "O título era dado à rainha-mãe, chefe real do governo".[34] O eunuco era superintendente de todos os seus tesouros, portanto, um homem de alto cargo e grande responsabilidade.

Como um homem digno de sua posição, o eunuco tinha um dos melhores meios de transporte da época. **Assentado no seu carro** [uma carruagem], **lia o profeta Isaías** (28). Pergaminhos escritos à mão eram raros e dispendiosos, mas ele era um homem rico e podia tê-los. De acordo com os costumes da época, ele lia em voz alta, pois Filipe o **ouviu** (30). Os rabinos determinavam que a Lei devia ser lida em voz alta por quem estivesse viajando.[35]

Em obediência à voz interior do **Espírito** (29), Filipe correu (30) para emparelhar-se ao carro. Ouvindo o eunuco ler o pergaminho de Isaías, ele perguntou: **Entendes tu o que lês?** — uma questão pertinente em qualquer época. **Entendes** significa literalmente: "Você conhece?" **Que lês** significa literalmente: 'Você conhece novamente". Há um jogo de palavras em grego que não pode ser convertido para o nosso

idioma. Estes dois verbos aparecem juntos em 2 Coríntios 3.2 — "conhecida e lida por todos os homens".

A resposta do eunuco etíope foi quase patética: **Como poderei entender, se alguém me não ensinar?** (31) **Ensinar** é o mesmo verbo usado por Jesus em João 16.13 como "guiar" — "Quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade". Filipe, cheio do Espírito, era capaz de dar orientações sobre as Escrituras.

Ávido por aprender o verdadeiro significado da passagem profética, o eunuco rogou que Filipe subisse à carruagem. **O** verbo **rogou** (*parakaleo*) é muito forte, significando "exigiu" ou "suplicou".[36]

2. *Uma Profecia Incomum* (8.32-33)

A expressão **O lugar da Escritura** (32) pode ser traduzida como "a passagem da Escritura". **Lugar** (*perioche*, somente aqui no NT) é a palavra usada pelos pais da igreja para as lições das Escrituras que são lidas em público. Literalmente significa "uma porção circunscrita, uma seção".[37]

A citação em 32-33 foi copiada quase literalmente da Septuaginta de Isaías 53.7-8, e é uma parte de uma das "Canções do Servo" de Isaías, encontrada em um importante capítulo messiânico do Antigo Testamento. A profecia, **Assim não abriu a sua boca,** foi cumprida quando Jesus "nada respondeu", quando foi falsamente acusado perante Pilatos (Mt 27.12). A frase difícil, **foi tirado o seu julgamento,** provavelmente significa: "lhe negaram justiça" (RSV). Gloag assim a interpreta: "O seu julgamento — o julgamento que lhe era devido — os seus direitos de justiça — lhe foram negados por seus inimigos".[38]

A próxima frase, **quem contará a sua geração?,** tem causado mais dificuldades. Gloag opina que ela significa: Quem deveria "expor a maldade de seus contemporâneos?"[39] Mas Meyer diz que, embora anteriormente sustentasse aquela opinião,[40] ele definitivamente escolheria esta interpretação: "Quão indescritivelmente grande é a multidão daqueles que pertencem a Ele".[41] A frase final, **porque a**

sua vida é tirada da terra, reconhecidamente parece se adequar melhor à primeira destas explicações do que à segunda.

3. *Um Pregador Cheio do Espírito* (8.34-40)

A questão que preocupava o eunuco etíope era: **de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de algum outro?** (34). Lumby escreve: "Alguns dos judeus interpretaram esta passagem como tratando de um profeta sofredor, mas geralmente ela se aplicava à nação sofredora".[42] O eunuco pareceu sentir que ela deveria ser aplicada a um indivíduo. Mas a quem?

Filipe estava à altura das exigências da situação. **Abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus** (35). Esta era a resposta. O Servo sofredor do Senhor, de quem Isaías falara, não era nenhum outro senão Jesus, o Messias escolhido por Deus.

Sem dúvida, a carruagem já havia percorrido uma grande distância enquanto Filipe comentava a passagem de Isaías e revelava Jesus. Finalmente, **chegaram ao pé de alguma água** (36), e o eunuco solicitou o batismo. Talvez Filipe tivesse repetido as palavras de Pedro no dia de Pentecostes: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados..." (2.38).

O versículo 37 é a teologia sólida do Novo testamento, mas é omitido nas versões revisadas porque não está nos melhores e mais antigos manuscritos gregos. Talvez represente uma tradição autêntica, mas tem todo o aspecto de ser uma nota explicativa, adicionada por algum escriba para fornecer uma resposta à questão do versículo 36 e, por fim, encontrar seu caminho dentro do texto.

O eunuco **mandou parar o carro** (38), enquanto ele e Filipe desceram para um lago ou riacho. A água corrente era considerada preferível para o batismo cristão na Igreja Primitiva *(Didache* 7.1).

Quando os dois homens saíram da água, o Espírito do Senhor **arrebatou a Filipe (39).** Ele desapareceu. **O eunuco... jubiloso, continuou o seu caminho,** como todos fazem quando encontram

Cristo como Salvador. Este é um contraste com o jovem governante rico, que "retirou-se triste" (Mt **19.22).**

Filipe se achou — *i.e.,* apareceu — **em Azoto** (40). Esta é a Asdode do Antigo Testamento, uma das cinco cidades dos filisteus. Estava situada cerca de 32 quilômetros ao norte de Gaza, a mais ou menos metade do caminho entre aquela cidade e Jope (ver o mapa 1). Em seu caminho para o norte, pela costa, Filipe anunciava o evangelho em todas as cidades — lit„ "ia evangelizando todas as cidades". Estas incluiríam Lida e Jope, onde os crentes são mencionados logo depois disso (9.32-42). Filipe evangelizou as cidades litorâneas no extremo norte, como Cesaréia, onde o encontramos na próxima vez em que aparece no livro de Atos (21.8). Esta cidade foi construída por Herodes o Grande, e passou a chamar-se Cesaréia Sebaste em honra ao Imperador Augusto de Roma. Concluída em aproximadamente 13 a.C., foi a sede do governo romano na Judéia nos dias de Jesus.

Este capítulo pode ser usado para enfatizar a importância dos "Dois Tipos de Evangelização": evangelização em massa (4-25) e evangelização pessoal (26-40). Sob a primeira, se destacam: 1. O *método* é pregar (5); 2. *Amensagem* é Cristo (5); 3. O *motivo é* que as pessoas sejam salvas e santificadas (12-17). Sob a evangelização pessoal, chamamos a atenção para: 1. A importância da obediência imediata (27, ver comentários); 2. Aoportunidade oferecida (27-29); 3. O lugar da Escritura profética (30-32); 4. Ainterpre-tação da passagem, (34-35); 5. A aplicação à necessidade pessoal (36-39).

C. A **Conversão da Testemunha,** 9.1-31

Sem dúvida, o acontecimento mais importante do livro de Atos foi a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Se isto não tivesse acontecido, o livro nunca teria sido escrito. Alguns sustentam que foi a ressurreição que transformou os discípulos covardes em testemunhas corajosas. Mas não existe evidência disso no Novo Testamento. O que a narrativa sagrada demonstra claramente é que foi o Pentecostes que fez toda a diferença.

Sob alguns aspectos, poderia parecer que o segundo acontecimento

mais importante do livro de Atos foi a conversão de Paulo. Mais da metade do livro (cap. 13—28) trata principalmente das suas atividades. Ele escreveu treze dos 27 livros do Novo Testamento. E difícil imaginar como teria sido o cristianismo do século I se Saulo não tivesse se convertido. Ele se tornou a testemunha mais importante da Igreja Primitiva.

1. *Saulo é Salvo* (9.1-9)

Até este ponto, Saulo foi mencionado apenas de passagem. Ele estava presente no apedrejamento de Estêvão (7.58) e deu a sua aprovação àquele ato infame (8.1), e depois liderou a perseguição à igreja em Jerusalém (8.3).

Agora, chegamos à história da conversão de Saulo, que ocupa a maior parte do capítulo 9. A importância deste acontecimento é evidenciada pelo fato de que ele é narrado novamente, com alguns detalhes, nos capítulos 22 e 26. E o único acontecimento que é descrito três vezes no livro de Atos.

Saulo estava **respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor** (1). O texto grego diz "inspirando". A frase pode provavelmente ser bem traduzida simplesmente como "respirando". O próprio respirar na vida de Paulo estava quente pela ira que ele sentia contra os crentes.

Com a intenção de perseguir os que tinham fugido da perseguição em Jerusalém, Saulo **dirigiu-se ao sumo sacerdote** — Caifás, que ocupou esse posto entre 18 e 36 d.C. **— e pediu-lhe cartas** [*epístolas*] **para as sinagogas de Damasco** (2), para que, caso encontrasse ali alguns daquela seita — literalmente "o Caminho", um dos nomes sérios para o cristianismo — ele os conduzisse presos a Jerusalém. O governo romano tinha dado ao sumo sacerdote a autoridade para exigir o retorno dos judeus que tivessem desrespeitado a lei, para que eles pudessem ser julgados pelo Sinédrio (1 Macabeus 15.15-17).

Damasco é uma das cidades mais antigas do mundo que ainda existe na atualidade. Localizada cerca de 112 quilômetros do Mediterrâneo,

sobre os montes Líbano e Anti-Líbano, é um oásis à beira do deserto. A principal rota de caravanas do Egito para a Mesopotâmia passava por ela, de modo que sempre foi um agitado centro comercial.

Muitos milhares de judeus viviam ali nessa época. Uma seita judaica muito rígida, chamada "Os do concerto de Damasco", é descrita no fragmento Zadoquita. Muitos estudiosos da atualidade relacionam este grupo com a comunidade de Qumram, que se tornou famosa por meio dos Rolos do Mar Morto.

O caminho de Jerusalém a Damasco era longo, aproximadamente 320 quilômetros para o norte, junto ao mar da Galiléia (ver o mapa 1) ou para o leste via Filadélfia (a moderna Amã, ver o mapa 1). Percorrer a pé esta distância levaria pelo menos seis dias inteiros entre dois sábados. Saulo tinha tempo suficiente para pensar. Ele pode perfeitamente ter se lembrado do apedrejamento de Estêvão, cujo rosto **brilhava como o de um anjo** (6.15). Seria possível que Estêvão estivesse certo? Não! Fora com este pensamento! Vamos para Damasco. Esta nova heresia que estava ameaçando a verdadeira religião precisava ser extirpada antes que se espalhasse ainda mais. Aqueles daquela seita (lit., "do caminho") precisavam ser aprisionados.

Mas Deus tinha outros planos para Saulo. Quando ele estava se aproximando de Damasco, algo aconteceu: **subitamente o cercou um resplendor de luz do céu** (3). Isto simbolizou a revelação espiritual que iria invadir a alma do jovem e orgulhoso fariseu. Como se tivesse sido atingido por um raio, ele caiu em terra (4). Ele provavelmente estava a pé, e não a cavalo. Os judeus mais tradicionais eram avessos a andar a cavalo, um modo de transporte que era popular entre os romanos.

Lançado ao chão, Saulo ouviu o seu nome: **Saulo, Saulo, por que me persegues?** Espantado com a acusação, ele perguntou: **Quem és, Senhor?** (5) A respeito de **Senhor,** Bruce diz: "'Senhor', 'meu senhor'; um título de respeito, pois Saulo ainda não sabia quem estava falando com ele".[43] A voz respondeu: **Eu sou Jesus, a quem tu persegues.**[44] Quando Paulo castigava a igreja, ele estava perseguindo o Chefe da

igreja, o próprio Senhor Jesus Cristo. Este é um aviso solene não apenas aos de fora que podem atacar a Igreja, mas também aos membros da Igreja, se deliberadamente agirem contra algum companheiro. Ao fazerem isso, estão agindo contra Cristo.

Saulo recebeu a ordem: **Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer** (6). Uma nova luz viria, quando ele obedecesse à ordem divina.

Os seus companheiros **pararam espantados** (7). Isto não está em conflito com a afirmação de Paulo em 26.14, de que "todos" caíram "por terra". Não tardaria para que os outros homens se levantassem novamente. Gloag opina que a melhor solução é que **pararam espantados** "não se refere à posição mas simplesmente indica que eles estavam sem ação, atingidos pelo pânico, dominados pelo que tinham ouvido e visto".[45] De qualquer forma, o líder do grupo estava cego e continuava prostrado no chão.

O que os seus companheiros não entendiam é que eles estavam ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. Existe uma diferença na forma grega para **ouvindo a voz** (7) e a afirmação anterior de que Saulo "ouviu uma voz" (4). No versículo 4, a palavra "voz" (*phone)* está no acusativo, e parece indicar uma voz inteligível e enfatizar a audição do conteúdo. Mas aqui voz está no genitivo, e parece claro que isto indica "ouvir um som", sem qualquer compreensão do que está sendo dito.

Isto resolve a aparente contradição entre este versículo e a afirmação de Paulo em 22.9 de que seus companheiros "viram, em verdade, a luz... mas não ouviram a voz [acusativo] daquele que falava comigo". Eles ouviram um som, mas somente Saulo pôde identificar as palavras proferidas pela voz.

Uma situação semelhante parece estar descrita em João 12.28-29. Quando uma voz veio do céu, a multidão dos que não criam "dizia que tinha sido um trovão". Alguns, que tinham maior discernimento espiritual, pensaram que um anjo tinha falado. Mas aparentemente, somente Jesus e os seus discípulos compreenderam as palavras.

Quando Saulo finalmente se pôs em pé, descobriu que estava cego. Embora seus olhos estivessem abertos, **não via a ninguém** (8). O próprio Saulo diz: "eu não via por causa do esplendor daquela luz" (22.11). Os seus companheiros, guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco. Gloag observa acertadamente: "Conseqüentemente, Paulo entrou em Damasco de uma maneira completamente diferente daquela que ele tinha imaginado: ao invés de arrastar homens e mulheres e conduzi-los à prisão, ele mesmo é conduzido, humilhado, afligido e cego, o prisioneiro de Jesus Cristo".[46]

2. *Saulo É Cheio do Espírito* (9.10-19a)

Ananias (10) significa "O Senhor é amoroso" ou "graciosamente dado pelo Senhor" — um nome adequado para este discípulo judeu (cristão) de Damasco, que ministrou a graça ao sentenciado Saulo. **O Senhor** — Jesus (cf. 17) — falou com ele em visão; uma maneira freqüente de comunicação da vontade divina tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Quando Ananias ouviu o seu nome, respondeu: Eis-me aqui, Senhor! (lit., "Eu, Senhor"). Assim ele expressou a sua consagração. Ele estava pronto para receber as ordens.

Mas a ordem que veio foi surpreendente. Ele deveria ir **à rua chamada Direita,** e perguntar em casa de Judas **por um homem de Tarso chamado Saulo (11).** Ainda existe uma rua Direita em Damasco, que passa de leste a oeste pelo principal mercado daquela agitada cidade. Hoje, assume-se que a casa de Judas estivesse próxima à extremidade oeste.

A voz acrescentou: **eis que ele está orando.** Isto sugere, o que já podíamos supor, que Saulo passou aqueles três dias sem visão tentando deixar o seu coração e a sua mente em conformidade com a sua experiência estarrecedora na estrada.

O Senhor prosseguiu dizendo a Ananias que Ele já tinha preparado o caminho para a sua visita, dando a Saulo uma visão. Um certo Ananias viria até ele, poria sobre ele a sua mão e faria com que ele

tornasse a ver (12) — lit., "visse novamente". Este aspecto da orientação divina — preparando o coração do mensageiro e também do destinatário — deveria ser um encorajamento constante para despertar a obediência.

Compreensivelmente, Ananias protestou. Ele tinha ouvido de muitas pessoas um relato da perseguição de Saulo aos santos em Jerusalém (13). Isto significa que Ananias não tinha fugido de Jerusalém, mas residia há tempos em Damasco.

A palavra **santos** aparece aqui pela primeira vez no livro de Atos como um nome para os cristãos. Ela é encontrada novamente nos versículos 32, 41 e em 26.10. Paulo usa-a quarenta vezes como uma designação para aqueles que pertencem à Igreja de Jesus Cristo. A palavra grega é o plural de *hagios* (sagrado) e, portanto, significa literalmente "sagrados". Ela enfatiza o fato de que todos os cristãos são separados para Cristo e devem ser purificados da depravação adquirida. A palavra é traduzida como "sagrado" cerca de 165 vezes, e "santos" 61 vezes na versão KJV.

Ananias prosseguiu lembrando ao Senhor que, mesmo em Damasco, Saulo **tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome**

(14). Orar a Jesus era considerado uma ofensa grave pelos judeus, porque a eles isso parecia negar a sua fé no monoteísmo.

Em resposta às objeções de Ananias, o Senhor ainda disse: **Vai** (15). As coisas tinham mudado para Saulo. Agora **este é para mim um vaso escolhido.** Como Cristo o tinha escolhido, Ananias não podia rejeitá-lo. Saulo levaria o nome de Cristo diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. A ordem das palavras aqui pode parecer estranha, mas a missão de pregação de Paulo era basicamente para os gentios e não para os judeus. Os reis a quem Paulo testemunhou foram Herodes Agripa II (cap. 26) e provavelmente Nero (cf. 27.24). Também está indicado que o ministério de Paulo deveria ser um ministério de sofrimento (16).

De forma obediente, **Ananias foi** (17). Entrando na casa onde Paulo estava orando, impôs-lhe as mãos — para que recebesse a sua visão, ou para que recebesse o Espírito Santo. Bruce sabiamente sugere as duas coisas.[47]

Ananias saudou o humilhado fariseu como **irmão Saulo.** Estas palavras, saindo dos lábios de alguém a quem Saulo tinha planejado perseguir, devem ter trazido imenso conforto à sua alma. Ele já estava sendo amado por aqueles a quem odiara.

O cristão mais antigo informou ao seu novo irmão em Cristo que ele tinha sido enviado por aquele mesmo que tinha aparecido a Saulo na estrada. À vista do fato de que *kyrios* (Senhor) é a tradução normal de *Jehovah* (ou Yahweh) na Septuaginta, a expressão **o Senhor Jesus** fornece uma forte afirmação da divindade de Jesus.

Saulo tinha uma necessidade física e, ao mesmo tempo, uma necessidade espiritual ainda mais profunda. Ambas seriam satisfeitas. Ananias vem... **para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo.**

E logo — agora Saulo estava pronto — alguma coisa como umas escamas lhe caíram dos olhos (18). Com isto, ele recuperou a vista — a mesma palavra usada quando Jesus curou o cego — e foi batizado. Agora ele era oficialmente um membro da nova comunidade de cristãos. Pela primeira vez, em três dias, **tendo comido, ficou confortado** (19).

Existem notáveis paralelos entre as visões de Ananias e Saulo neste capítulo, e as de Pedro e Cornélio no capítulo seguinte. Assim Howson as descreve: "A preparação simultânea dos corações de Ananias e Saulo, e a preparação simultânea dos corações de Pedro e Cornélio; as perguntas e a hesitação de Pedro, e as perguntas e a hesitação de Ananias; um duvidando se seria possível vir a ter amizade com os gentios, o outro duvidando se seria possível aproximar-se do inimigo da igreja; a obediência sem vacilação deles, quando a vontade divina se fez claramente conhecida; o estado de espírito no qual tanto o fariseu quanto o centurião se encontravam, cada um deles

esperando para ver o que o Senhor iria lhes dizer — esta íntima analogia não será esquecida por aqueles que lerem com reverência os dois capítulos consecutivos".[48]

A história da conversão de Paulo (1-19) mostra que "o poder divino precisa da cooperação humana". 1. Sob o poder divino, observamos: *a)* a luz (3); *b)* a voz (4-7); c) a cegueira (8-9). 2. Sob a cooperação humana, vemos, a respeito de Ananias: *a)* suas ordens (10-12); *b)* suas objeções (13-16); c) sua obediência (17); *d)* seus objetivos realizados (18).

3. *Saulo Pregando a Cristo* (9.19Ò-22)

Depois da sua conversão, Saulo passou **alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco** (19). Evidentemente, Ananias "o afiançou", e assim ele foi completamente aceito na comunidade cristã.

E logo (20) — a mesma palavra de 18 — Saulo começou a pregar em Damasco. Como devemos harmonizar isto com a sua própria afirmação de que depois da sua conversão ele foi à Arábia (G1 1.15-17)? A solução mais simples é supor que ele começou imediatamente a pregar a sua fé recém encontrada. Quando ele descobriu que precisava estudar algumas das implicações teológicas da sua mensagem, foi para a Arábia para um período de meditação e oração. Esta permanência na Arábia parece encaixar-se em algum lugar depois do versículo 21 e antes do 26.

Saulo pregava nas sinagogas. Como um rabino educado em Jerusalém aos pés de Gamaliel, ele seria mais que bem-vindo em qualquer sinagoga judaica e é convidado a falar. Mas agora ele não estava simplesmente dando uma interpretação rabínica da Lei: ele pregava a Jesus — pregava que este era o Filho de Deus. Como os seus ouvintes devem ter ficado atônitos! Era sabido que Saulo perseguira os cristãos em Jerusalém e que viera a Damasco com o objetivo expresso de extirpar esta nova heresia. Ele viera para prender aqueles do "Caminho" e levá-los acorrentados a Jerusalém para julgamento perante o Sinédrio (21). Agora, ele mesmo estava

pregando esta "heresia"! É difícil imaginar o espanto e a consternação que atingiram essas audiências judaicas quando eles descobriram o que este discípulo de Gamaliel estava lhes pregando. Não é de admirar que se diga: **Todos os que o ouviam estavam atônitos** (21).

Sem dúvida, houve muitas discussões com os escribas nas sinagogas (cf. 6.9). Saulo, porém, **esforçava-se muito mais e confundia os judeus que habitavam em Damasco. Provando** significa, literalmente, "unindo", e aqui significa "deduzindo" ou "demonstrando", ou seja, ele colocou as profecias do Antigo Testamento ao lado do seu cumprimento no ministério de Jesus, e assim demonstrou que **aquele era o Cristo** (22). A principal mensagem de Paulo, como a de Pedro (2.26; 3.13-21) era que Jesus era o Messias. Os judeus não podiam refutar a pregação de Paulo, autorizada pelo Espírito.

4. *Saulo Foge dos Judeus* (9.23-25)

Era inevitável que a vida de Paulo em breve estivesse em perigo. Ele não poderia esperar escapar de ser ameaçado com o mesmo destino do seu Senhor e do mártir Estêvão. Assim, não é surpreendente ler que **tendo passado muitos dias** — incluindo talvez muitos meses passados na Arábia (G11.18) — **os judeus tomaram conselho** — o mesmo verbo usado em Mateus 26.4 — **para o matar** (23). Felizmente, as suas **ciladas** ("tramas", a mesma palavra que aparece na Septuaginta em Et 2.22, em relação ao plano para assassinar o rei) vieram ao conhecimento de Saulo. Enquanto isso, os judeus **guardavam as portas, tanto de dia como de noite, para poderem tirar-lhe a vida** (24).

Mas Saulo conseguiu fugir. Este feito difícil só foi realizado porque **tomando-o de noite os discípulos, o desceram, dentro de um cesto, pelo muro** (25). **Pelo muro** literalmente quer dizer "através do muro". E o próprio Paulo quem nos diz: "fui descido num cesto por uma janela da muralha; e assim escapei das suas mãos" (2 Co 11.33). Hackett diz que logo à esquerda da porta leste de Damasco, ele viu duas ou três janelas no muro, que se abriam para casas na

cidade.[49] Josefo usa a expressão "através do muro" para descrever a fuga dos espias de Jerico.[50] A maneira natural de descer (ou baixar) um homem seria dentro de um cesto atado a uma corda. Este método ainda hoje é usado nas terras bíblicas.

Embora o livro de Atos pareça dizer que os judeus estavam guardando (imperfeito) as portas noite e dia para matar Saulo, ele mesmo escreve: "Em Damasco, o que governava sob o rei Aretas pôs guardas às portas da cidade dos damascenos, para me prenderem" (2 Co 11.32). Até recentemente, os estudiosos afirmavam que Damasco estava sob o domínio romano naquela época. Não se deve interpretar isto como se um etnarca (grego, "governador") como Aretas IV, que tinha sido rei dos árabes nabateus de 9 a.C. até 40

d.C., mantivesse uma guarnição naquela cidade. Mas não foi encontrada em Damasco nenhuma moeda romana do período compreendido entre 34 e 62 d.C. O governo de Damasco pode ter sido entregue aos nabateus neste período.[51] Ou talvez o etnarca fosse "um xeique ou líder da comunidade árabe naquela cidade mista".[52] Provavelmente, os judeus e os nabateus trabalharam juntos na tentativa de evitar a fuga de Saulo.

5. *Saulo Prega em Jerusalém* (9.26-31)

Quando o fugitivo deixou Damasco, ele retornou a **Jerusalém (26).** Ao chegar ali, procurava (tentava) ajuntar-se aos discípulos. Parece que a sua razão para voltar a Jerusalém era que ele queria promover uma reparação pela sua perseguição anterior à igreja, dando agora testemunho em Cristo naquela incubadora de oposição.

O generoso Barnabé, "filho da consolação" (4.36) **tomando-o consigo, o trouxe aos apóstolos** (27). Ele lhes contou da conversão de Saulo e da sua pregação do Evangelho em Damasco. O resultado do apadrinhamento de Barnabé foi que o novo convertido **andava com eles em Jerusalém, entrando e saindo** (28). Ele podia mover-se livremente nos círculos cristãos dali.

Alguns procuraram encontrar uma contradição entre estes dois

versículos e a afirmação do próprio Paulo: “Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro e fiquei com ele quinze dias. E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor” (G1 1.18-19). Mas não há nada no relato do livro de Atos que contradiga a afirmação em Gálatas de que Saulo viu somente dois dos apóstolos. Os outros podem ter estado fora de Jerusalém nesta época.

O antigo adversário dos seguidores cristãos agora **falava ousadamente no nome de Jesus... e disputava também contra os gregos** (29) — “helenistas”, ou judeus de origem grega. Estes eram os mesmos que tinham debatido com Estêvão e finalmente o levaram à morte. Agora eles estavam procurando matar Saulo.

Quando os crentes de Jerusalém souberam disto, eles **o acompanharam até Cesaréia** — o principal porto da Palestina naquela época — **e o enviaram a Tarso** (30), a sua terra natal, a cerca de 480 quilômetros ao norte de Cesaréia. A únicá coisa que sabemos sobre as atividades de Saulo durante os seis ou mais anos seguintes é a sua própria afirmação: “Depois, fui para as partes da Síria e da Cilícia” (G11.21, ver o mapa 3). Com base nisto, parece que ele passou esses anos evangelizando a sua província natal da Sirio-Cilícia. Ramsay refere-se a esses como sendo “dez anos de obras tranqüilas no campo da sinagoga e da sua influência”.[53]

Tarso era a capital da Cilícia. Na época de Paulo, era o terceiro maior centro universitário, depois de Atenas e Alexandria.

1

Filipe em Samaria (8.4-8)

Aqueles que tinham sido dispersos pela perseguição (cf. 1) **iam por toda parte** (4). Uma tradução mais precisa é “passavam de um lugar para outro” (ASV). O verbo grego é um termo favorito de Lucas, que usa-o dez vezes em seu Evangelho e vinte e duas vezes no livro de Atos — de um total de 42 ocorrências. No livro de Atos, é usado para descrever uma atividade missionária da igreja.

2

Filipe e Simão (8.9-13)

3

Havia um triste contraste para esta alegria quase universal. Um certo homem cha

4

mado Simão, tinha iludido a gente de Samaria com sua arte mágica. Ele afirmava ser

5

uma grande personagem. Os habitantes da cidade, desde **o mais pequeno até o maior**

6

(10), acreditavam neste charlatão e diziam: Este é a grande virtude de Deus. O texto

7

grego diz: “Este homem é o poder de Deus, que se chama — Grande” (cf. ASV). Os rabinos

8

algumas vezes se referiam a Deus como “O Poder”. Houve muitas discussões se isto tudo

O resultado da partida de Paulo de Jerusalém teve dois aspectos. Em primeiro lugar, a sua própria vida foi poupada, o que foi uma grande dádiva para o seu próprio século e para todas as gerações futuras. Em segundo lugar, o movimento cristão na Palestina foi aliviado, durante algum tempo, de mais perseguições. Segundo a narrativa, **Assim, pois, as igrejas** — "igreja" (singular no manuscrito mais antigo) — **em toda a Judéia, e Galiléia, e Samaria tinham paz (31)** — as três principais divisões da Palestina naquela época (ver o mapa 1), relacionadas aqui na ordem da sua importância judaica. Esta é a única menção à igreja cristã na Galiléia até a época de Eusébio (séc. IV), um fenômeno estranho, em vista do fato de que Jesus dedicou a maior parte do seu ministério público àquela região.

O registro a seguir afirma que as igrejas na Palestina estavam sendo edificadas — lit., "construídas" — e se multiplicavam. Como Saulo tinha partido, os problemas com os judeus helenistas cessaram e a igreja desfrutou um período de paz e prosperidade.

D. **Testemunhando na Judéia,** 9.32-43

Até agora, todo o capítulo 9 esteve dedicado à conversão de Saulo e a sua carreira subseqüente, talvez por doze anos. Agora a narrativa retorna a Pedro, que é o personagem principal em Atos 1-12. O restante deste capítulo descreve dois incidentes no seu ministério, tendo ambos acontecido na Judéia.

1. *Pedro em Lida* (9.32-35)

E passando Pedro por toda parte — *i.e.,* "viajando por todos os lugares" (Phillips), provavelmente supervisionando a evangelização dos judeus na Judéia — **veio também aos santos que habitavam em Lida** (32). Esta cidade, mencionada somente aqui (32,35,38) no Novo Testamento, estava situada perto da costa, a uma curta distância de Jope, na direção do interior. Ela ficava a aproximadamente 48 quilômetros de Jerusalém (ver o mapa 1).

Ali Pedro achou **certo homem chamado Enéias** (33), que tinha sido

um paralítico por oito anos. O seu caso era, portanto, considerado irremediável.

Mas nenhum caso é irremediável para Deus. Pedro disse ao homem: **Jesus Cristo te dá saúde; levanta-te e faze a tua cama** (34). Ele obedeceu imediatamente e foi curado. Todo o povo de Lida e de Sarona, que era próxima — a planície de Sarona, que se estende desde Lida para o norte, até o monte Carmelo — via agora caminhando aquele que fora um paralítico preso a uma cama. O resultado foi que muitos **se converteram ao Senhor** (35). A igreja continuava a crescer.

2. *Pedro em Jope* (9.36-43)

Jope era o antigo porto marítimo de Jerusalém, embora não tenha uma enseada natural. O seu nome moderno é Jafa, e agora está unida a Tel Aviv — uma cidade judaica nova, construída ao norte.

E havia em Jope uma discípula (no feminino, somente aqui no NT), chamada Tabita (aramaico) ou Dorcas (grego). Dorcas estava cheia de boas obras e esmolas — "abundavam as suas obras de bondade e caridade" (NASB).

E aconteceu, naqueles dias, que, enfermando ela, morreu (37). Em obediência aos costumes da época, tendo-a lavado, depositaram-na em um quarto alto. Fora de Jerusalém, era permitido esperar três dias para o sepultamento.[54]

Como Jope estava a menos de 16 quilômetros de Lida, dois homens foram enviados para pedir a Pedro que viesse sem demora (38). Provavelmente os crentes de Jope tinham ouvido sobre a cura de Enéias em Lida.

Levantando-se Pedro prontamente, **foi com eles** (39). No quarto alto, ele encontrou muitas viúvas que estavam reunidas, chorando pela morte de Dorcas. Elas mostraram a Pedro as túnicas e vestes (em grego, roupas exteriores e íntimas) que Dorcas "fizera" quando viva. Não fica claro se estas viúvas eram as destinatárias dessas roupas ou

se elas trabalhavam na igreja e ajudavam a distribuir as roupas feitas por Dorcas.

Pedro as fez sair do quarto, como o seu Mestre tinha feito na casa de Jairo (Mc **5.40).** Ajoelhando-se, ele **orou (40).** Então disse com muita simplicidade, mas com toda a fé: **Tabita, levanta-te.** A mulher que estava morta abriu os olhos e assentou-se. **Chamando os santos e as viúvas** — é quase certo que as viúvas eram cristãs — **apresentou-lha viva (41).** As notícias deste evento se espalharam **por toda a Jope (42),** e como resultado muitos creram no Senhor. Estes dois milagres de Pedro em Lida e em Jope fizeram aumentar enormemente as adesões à igreja.

Pedro permaneceu em Jope muitos dias, vivendo na casa de Simão, um curtidor (43). Esta profissão era considerada impura pelos judeus, porque ela envolvia a manipulação de animais mortos. Aparentemente, Pedro estava se tornando um pouco mais flexível no seu modo de pensar, ou não teria se hospedado em um lugar como este.

E. Testemunhando aos Gentios, 10.1-11.30

Samaria, como já foi observado (8.5), era uma espécie de local intermediário entre os judeus e os gentios. A execução da comissão de Cristo envolvia em primeiro lugar a evangelização dos judeus em Jerusalém, em seguida a dos samaritanos, e finalmente a dos gentios. Mas todos os acontecimentos registrados neste capítulo tiveram lugar na Judéia. Assim, ainda nos encontramos na segunda parte de Atos 1.8 (ver os comentários sobre este versículo).

1. As Visões (10.1-16)

Duas visões estão registradas nesta seção: a de Cornélio em Cesaréia e a de Pedro em Jope. Nos dois casos, o indivíduo que teve a visão foi preparado para o contato com o outro homem. Deus estava operando nas duas pontas.

a. Cornélio em Cesaréia (10.1-8). **Cesaréia** (1) era o principal porto da

Palestina e a capital do governo romano ali. Herodes, o Grande, tinha construído no lugar da Torre de Strato uma magnífica cidade e um porto deslumbrante, protegido por um extenso que-bra-mar. Apesar da sua importância, a cidade é mencionada no Novo Testamento somente no livro de Atos (quinze vezes).

Cornélio era um nome muito comum no Império Romano. Isto se devia, em parte, ao fato de que, em 82 a.C., Cornélio Sulla libertara dez mil escravos e lhes dera o seu próprio nome.[55] Este Comélio era um centurião — lit., "chefe de cem homens", ou seja, um oficial que tinha cem soldados subordinados a si. Era um centurião da coorte chamada Italiana. Uma coorte normalmente consistia em seiscentos homens — a décima parte de uma legião.

Quatro coisas são ditas a respeito de Cornélio. A primeira, que ele era **piedoso (2).** O adjetivo que significa "religioso" é encontrado (no NT) somente aqui, no versículo 7 e em **2** Pedro **2.9.** Em segundo lugar, ele era **temente a Deus,** com toda a sua casa. Bruce diz que estas duas expressões, "embora não sejam especificamente termos técnicos... geralmente são usadas no livro de Atos para se referirem àqueles gentios que, embora não totalmente prosélitos... se relacionavam com a religião judaica, praticando a sua adoração monoteísta e sem imagens, frequentando a sinagoga, respeitando o sábado e as leis sobre a comida, etc".[56] Algumas vezes, fazia-se referência a essas pessoas como "prosélitos de portão". Mas em um artigo sobre "prosélitos e tementes a Deus", Kirsopp Lake insiste que a expressão "prosélito de portão" deve ser abandonada, por não ter validade histórica. As pessoas eram prosélitos ou não.[57] Gloag concorda com isto, ao escrever: "O único proselitismo que os judeus parecem ter reconhecido era quando os gentios adotavam completamente a lei... pensamos, assim, que não havia, pelo menos na época dos apóstolos, uma classe como os 'prosélitos de portão'".[58] Cornélio não era um prosélito, como mostram as palavras de Pedro no versículo **28.** Um prosélito era considerado como pertencente à congregação dos judeus; este não era o caso de Cornélio.

A terceira coisa que se afirma sobre este homem é que ele **fazia**

muitas esmolas ao povo, *i.e.,* aos judeus. A quarta coisa é que, **de contínuo, orava a Deus.** Ele era um dedicado adorador do Deus verdadeiro. No entanto, não era um membro da comunidade judaica nem da igreja cristã.

Certo dia, Cornélio estava orando (cf. 30) em sua casa, quase à hora nona do dia (três horas da tarde) — a hora da oferta do sacrifício da tarde no Templo, quando os judeus devotos e os tementes a Deus estariam envolvidos na oração (cf. 3.1). Ele **viu... numa visão um anjo de Deus, que se dirigia para ele e chamava o seu nome: Comélio!** (3). O termo **claramente** é a tradução literal (NEB). **Fixando os olhos nele** — melhor "olhando fixamente para ele" (ASV) — **ficou muito atemorizado** (4). Esta é normalmente a reação daqueles que são confrontados por anjos, como observam as Escrituras. Mas o mensageiro celestial falou com palavras que eram ao mesmo tempo uma saudação e um conforto: **As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus. O** nome **memória** — ou memorial — era dado "à porção da oferta de alimentos que o sacerdote deveria queimar sobre o altar, para que fosse uma oferta queimada de cheiro suave ao Senhor (Lv 2.2)".[59] As orações e esmolas de Comélio tinham sido como a sua oferta, e agradaram a Deus.

O anjo instruiu Cornélio, dizendo: **envia homens a Jope e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro** (5). **Simão** era, supostamente, o nome mais comum entre os judeus daquele tempo. Assim, este Simão precisava ser identificado pelo seu sobrenome, Pedro. Na verdade, ele estava hospedado na casa de **Simão, um curtidor** (6), o que tornava a identificação ainda mais necessária. A casa do curtidor ficava junto do mar.[60] Provavelmente, havia duas razões para isto. Uma delas era a sua profissão, que envolvia a manipulação de animais mortos, o que o deixava impuro; assim era exigido que ele morasse fora da cidade. A outra razão era que o seu negócio provavelmente envolvia o uso de água do mar.

Quando o anjo se retirou, Cornélio **chamou dois dos seus criados** (7) — uma única palavra em grego, que significa "aqueles que moram

na casa" — **e a um piedoso soldado dos que estavam ao seu serviço.** A sua própria vida devota tinha influenciado até mesmo os seus criados e soldados. Ele contou a estes três homens de confiança sobre a sua visão, e então **os enviou a Jope** (8). Eles deveriam encontrar Simão Pedro e trazê-lo.

b. Pedro em Jope (10.9-16). **No dia seguinte** — um dia depois que os mensageiros tinham deixado Cesaréia — **eles... estando já perto da cidade** (9), *i.e.,* Jope. Era a hora sexta (o meio-dia) e **subiu Pedro ao terraço para orar.** Esta não era uma das horas regulares de oração. Mas as almas devotas podem perfeitamente estar envolvidas em orações privadas nessa hora (cf. SI 55.17). Este tipo de oração é sempre apropriado.

A distância entre Cesaréia e Jope era de 48 quilômetros. Houve consideráveis divergências de opinião relativas a quando os servos deixaram Cesaréia — se foi no mesmo dia da visão ou na manhã seguinte. Também houve discussões sobre o seu meio de transporte — se foi a pé ou a cavalo — e quanto tempo levaram para fazer a viagem. Os fatos declarados na narrativa são que eles chegaram a Jope aproximadamente ao meio-dia do dia seguinte (9), passaram a noite ali com Pedro e partiram "no dia seguinte" (23), e então, "no dia imediato" (24) chegaram de volta a Cesaréia — provavelmênte no final da tarde. Um dia de viagem a pé normalmente corresponde a 32 quilômetros, assim, a melhor reconstrução parece ser a seguinte: Os criados de Cornélio saíram de Cesaréia na manhã seguinte ao dia da visão, viajaram 32 quilômetros, e pararam para passar a noite. No dia seguinte eles percorreram os 16 quilômetros que faltavam, chegando a Jope aproximadamente ao meio-dia. Depois de passar ali a noite, iniciaram a viagem de volta na manhã seguinte (o terceiro dia depois da visão). Tendo feito uma parada para dormir, eles percorreram os últimos 16 quilômetros no quarto dia. Isto está em perfeito acordo com a afirmação que Cornélio faz a Pedro: "Há quatro dias... diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandecentes" (30-31).

Quando Pedro estava orando no terraço em Jope, **tendo fome** (10), quis comer. Enquanto lhe preparavam a refeição do meio-dia, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos. A palavra grega que foi

traduzida como "êxtase" por algumas versões significa literalmente "ficar fora de si".

Neste transe Pedro **viu o céu aberto** (11) e a aparição de um grande lençol atado pelas quatro pontas, vindo para a terra. Nele havia **de todos os animais quadrúpedes,[61] répteis da terra e aves do céu** (12) — "tudo o que caminha, ou rasteja ou voa" (NEB). Lumby observa: "Freqüentemente, aceita-se o significado do lençol aberto como uma imagem de todo o mundo, e das quatro pontas como as direções nas quais o Evangelho deveria ser levado por todo o mundo".[62]

Uma voz lhe ordenou: **Levanta-te, Pedro! Mata e come** (13). Mas Pedro protestou veementemente: **De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda** (14). O uso de comum (*koinos*) com o sentido de imunda é explicado assim por Lumby: "Todas as pessoas que não eram judias eram vistas como a ralé 'comum', excluída do concerto de Deus... assim, quaisquer costumes destas pessoas, diferentes daqueles do povo escolhido, eram chamados coisas 'comuns', e como essas coisas 'comuns' eram proibidas pela lei, todas as coisas ou ações proibidas ficaram conhecidas como sendo 'comuns'".[63] As leis a respeito dos alimentos puros e impuros são encontradas no capítulo 11 de Levítico.

Uma segunda vez, a voz falou. Desta vez, ela disse: **Não faças tu comum ao que Deus purificou** (15). O significado destas palavras é explicado da seguinte forma por Gloag: "Os judeus consideravam os animais impuros como uma imagem dos gentios, a quem eles chamavam de 'cães'. Mas agora Pedro aprendia que todos os homens estavam no mesmo patamar, aos olhos de Deus".[64] Havia ainda outra implicação: "A diferença entre carnes puras e impuras, a qual correspondia a uma parte tão considerável da lei mosaica foi abolida; assim, uma das grandes barreiras de separação entre os judeus e os gentios foi removida".[65] Isto era necessário tanto para a evangelização do mundo, como para a unidade da Igreja.

E aconteceu isto por três vezes (16). Aparentemente, toda a cena

se repetiu. Alexander comenta: "Esta repetição da revelação, sem dúvida exatamente da mesma forma, pode ter tido a intenção parcial de gravá-la na memória, mas principalmente de impedir a suspeita de que fosse um mero sonho ou imaginação".[66]

Esta seção (1-16) exemplifica a "preparação para a revelação". Se quisermos nos comunicar com o céu, devemos satisfazer as condições cumpridas tanto por Cornélio quanto por Pedro: 1. Eles eram homens devotos (1-4,9); 2. Eles deixavam tudo de lado para orar (9,30); 3. Eles esperavam em Deus até que o ouvissem (3-6,13-15,19-20).

2. *Visitas* (10.17-29)

a. Os Criados em Jope (10.17-23a). **Estando Pedro duvidando entre si** (17), *i.e.,* estava "perplexo" (ASV), quanto ao que seria aquela visão, os criados enviados por Cornélio pararam do lado de fora da porta da casa onde ele estava. Como eram gentios "impuros", eles não pensaram em entrar na casa, mas, chamando, perguntaram se Simão Pedro estava hospedado ali (18). Se a porta estivesse trancada, qualquer visitante teria de chamar do lado de fora. Na verdade, hoje é o costume em terras orientais chamar ao invés de bater.

E, pensando — um composto forte (somente aqui no NT), que significa "ponderando" — **Pedro naquela visão, disse-lhe o Espírito** que três varões[67] o procuravam (19). Pedro recebeu a ordem de ir com eles, **não duvidando** (20). **Duvidando** é um verbo composto que significa "estar com a mente dividida ou hesitar". Aqui, **não duvidando** significa "sem hesitar" (RSV). Deus tinha enviado esses mensageiros, e Pedro devia ir com eles.

De forma obediente, Pedro desceu e conversou com os homens (21). Eles lhe contaram sobre a visão de Cornélio, que tinha sido avisado (22) — ou "instruído, orientado" — a mandar buscar Pedro. **O** apóstolo, **chamando-os para dentro, os recebeu em casa** (23), apesar de serem gentios. A visão de Pedro já estava produzindo resultados.

b. Pedro em Cesaréia (10.23b-29). No dia seguinte, o apóstolo partiu

com os mensageiros de Cornélio. Felizmente para Pedro, foram com ele alguns irmãos de Jope. Quando fosse em breve desafiado por alguns da igreja de Jerusalém, ele precisaria do testemunho destes homens para explicar exatamente o que aconteceu na casa de Cornélio. Deste modo, a presença deles era providencial.

No dia imediato (24) — o quarto dia desde que Gornélio teve a sua visão (ver os comentários sobre o v. 9) — o pequeno grupo chegou a Cesaréia. Além do soldado e dois criados de Cornélio, ali estavam Pedro e "seis irmãos" (cf. 11.12) que o acompanharam. É muito improvável que um grupo de dez homens tivesse ido a cavalo. Evidentemente, eles tinham ido a pé, como era o hábito naquela época. Assim, a viagem de **48** quilômetros lhes teria tomado pelo menos um dia e meio.

Quando chegaram ao seu destino, eles descobriram que Cornélio os esperava. A palavra em grego sugere que "ele continuava esperando ansiosamente por eles". Sem dúvida, ele imaginara que os seus criados passariam a noite em Jope, e assim estariam chegando a Cesaréia logo depois do meio-dia do quarto dia.

Além disso, ele tinha convidado os seus parentes e amigos mais íntimos. O fato de que Gornélio tivesse parentes em Cesaréia implica que ele vivera ali por um longo período, o que também se conclui da afirmação de que ele tinha "bom testemunho de toda a nação dos judeus" (22). O adjetivo **íntimos** significa literalmente "necessário". Somente aqui (no NT) significa "familiar". A idéia parece ser a de que os amigos que são tão íntimos e queridos de alguém são necessários. Cornélio obviamente era um homem que tinha um grande coração.

Quando Padro entrou, **saiu Cornélio a recebê-lo e, prostrando-se a seus pés, o**

adorou (25). Lumby comenta: "Este ato de respeito do oficial romano demonstra fortemente o seu sentimento de que Pedro era um mensageiro de Deus. Tais atos não eram usuais entre os soldados romanos".[68] Embora fosse comum no oriente que os homens se prostrassem aos pés dos seus superiores, "a idéia da prostração era

estranha à mente ocidental, e esse costume não foi introduzido na corte imperial até o reinado de Diocleciano".[69] Alexander diz: "Tendo sido ordenado por um anjo a mandar buscar o apóstolo, com uma promessa de comunicação divina com ele, não é de surpreender que Cornélio tivesse imaginado que ele fosse mais do que um simples homem".[70]

Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem (26). Isto indica que Cornélio tentava dedicar-lhe adoração religiosa, ao que Pedro protestou. Da mesma maneira, um anjo recusou a adoração de João (Ap 19.10).

Enquanto conversavam, os dois homens entraram na casa. Pedro deve ter ficado surpreso ao ver os **muitos que ali se haviam reunido** para ouvi-lo **(27).** Ele os lembrou do fato de que não era lícito para um judeu associar-se com estrangeiros **(28).** Com um fino toque de cortesia, Pedro usou uma palavra rara, que significa literalmente "outra tribo" (somente aqui no NT). Graciosamente, ele evitou o termo ofensivo *ethnoi,* que usualmente transmite a idéia de "pagão".

Pedro tinha sido obrigado a deixar de lado essa proibição judaica, pois, como disse, **Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo** (cf. 15). Para nós, é impossível perceber a tremenda mudança que isto envolvia no pensamento de um judeu devoto daquela época. Toda a sua educação religiosa tinha ensinado que os israelitas eram o povo escolhido de Deus e que o restante da humanidade era impuro e excluído da aliança divina.

Devido à visão no terraço em Jope, Pedro tinha vindo até estes gentios **sem contradizer** (29). Esta é uma única palavra em grego (somente aqui no NT), e significa literalmente "não se pronunciar contra", e assim "sem nem mesmo levantar qualquer objeção" (NASB). Pedro então perguntou por que razão tinham mandado chamá-lo.

3. *Verificação* (10.30-48)

A última parte deste capítulo conta a história da verificação das visões que tiveram Pedro em Jope e Cornélio em Cesaréia. Por meio

do derramamento do Espírito na casa de Cornélio, Deus provou a quem pudesse interessar que os gentios, assim como os judeus, podiam ser os destinatários da sua graça.

a. *Apresentação por Cornélio* (10.30-33). Pedro foi apresentado à audiência por Cornélio, que relatou a sua visão como uma causa para a reunião. Ele disse: **Há quatro dias estava eu em jejum até esta hora, orando em minha casa à hora nona. E eis que diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandecentes** (30-31). A palavra **jejum** não consta do melhor texto grego. Provavelmente, a melhor tradução para a primeira parte seja: "Faz, hoje, quatro dias que, por volta desta hora, estava eu observando em minha casa a hora nona de oração..." Isto parece indicar que Pedro e os seus companheiros chegaram à casa de Cornélio por volta das três horas da tarde, do quarto dia depois da visão.[71]

O relato de Cornélio de que um varão lhe apareceu não entra em conflito com a outra afirmação de que era "um anjo de Deus" (3). Era um anjo sob forma de homem, como também tinha acontecido no sepulcro vazio (Mt 28.5; Mc 16.5).

Os versículos 31 e 32 são um eco dos versículos 4 a 6; Cornélio continuou expressando a sua gratidão pela vinda de Pedro e assegurou-lhe: estavam todos esperando **para ouvir tudo quanto por Deus te é mandado** (33). Pedro tinha um público receptivo, pronto e desejoso para caminhar na luz. Este é o segredo dos resultados que tiveram lugar nesta reunião histórica na casa de Cornélio.

б. A *Pregação de Pedro* (10.34-43). Tendo em vista a sua própria visão, assim como a que foi dada a Cornélio, Pedro foi forçado a concluir: **Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo** (34-35). Cornélio era tão aceito perante Deus quanto qualquer descendente físico de Abraão.

Depois da sua apresentação, Pedro fez um breve resumo do ministério de Jesus (3641). Foi quase um epítome do Evangelho de Marcos, o que

a Igreja Primitiva considerava conter na pregação de Pedro.[72]

O apóstolo começou fazendo referência à Palavra (*logos*) que chegou à nação de Israel por meio da pregação de Jesus (36). Era uma mensagem de paz, mas foi rejeitada. Pedro aproveita para enfatizar a divindade de Jesus: **este é o Senhor de todos.**

Ele diz que os seus ouvintes conhecem esta palavra (*rhema*) (37). Uma vez que *rhema* às vezes é traduzida como "coisa" (5.32; Lc 2.15), a frase aqui pode ser traduzida como "aquilo que aconteceu".[73] Cornélio e seus amigos, como a maioria do povo daquele país, sabiam do ministério de Jesus.

Aquele ministério cobriu toda a Judéia — toda a Palestina. Assim, a Judéia assume o sentido mais amplo, como o país dos judeus. **Começando pela Galiléia...** — literalmente "tendo começado pela Galiléia", que assim está incluída na Judéia. O batismo que João pregou seria o batismo do arrependimento. E com o ministério de João Batista que começa o Evangelho de Marcos.

Foi no batismo de Jesus por João (cf. Lc 4.1,14) que **Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo** (38). Isto resume uma grande parte do Evangelho de Marcos.

Pedro afirma: **Nós** — ele e os seis companheiros de Jope — **somos testemunhas de todas as coisas que fez, tanto na terra da Judéia** [como o v. 37; algumas versões apresentam "dos judeus"] **como em Jerusalém (39),** na parte final do seu ministério. Foi ali que Ele foi pendurado num madeiro (crucificado). No terceiro dia Deus o ressuscitou e **fez que se manifestasse** (40) — tradução literal. Mas isto foi **não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos** (41). Esta afirmação está perfeitamente de acordo com o que é encontrado nos Evangelhos.

O Cristo ressurrecto mandou que os discípulos fossem pregar ao povo

(Mt 28.19) e testificar que Jesus Cristo é o que por Deus **foi constituído juiz dos vivos e dos mortos** (42).

A observação final da mensagem de Pedro foi expressamente evangelizadora: **A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome** (43). No texto grego, a frase **todos os que nele crêem** é colocada no final, como uma ênfase. Este Evangelho de perdão dos pecados por meio da fé em Jesus Cisto é para todos aqueles que crerem, tanto judeus quanto gentios.

c. *O Derramamento do Espírito* (10.44-48). Enquanto Pedro ainda pregava, o Espírito Santo caiu sobre os que estavam ouvindo a Palavra (44). **Dizendo estas palavras** provavelmente deve ser traduzido como "estava falando estas coisas" (*rhemata*).

No Concilio em Jerusalém, Pedro comparou este "Pentecostes dos gentios" ao Pentecostes original do capítulo do livro de Atos. Ele disse: "E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé" (15.8-9). Da mesma forma como Deus tinha purificado os corações dos 120 no cenáculo, quando eles foram cheios do Espírito (2.4), Ele também purificou os corações de Cornélio e seus amigos, quando o Espírito Santo caiu sobre eles. Teólogos da Santidade interpretam esta experiência como sendo a santificação completa.

Os judeus cristãos que tinham acompanhado Pedro a Cesaréia **maravilharam-se** — 'ficaram fora de si com assombro" — **de que o dom do Espírito Santo** — genitivo de aposição, o dom que era o próprio Espírito Santo — **se derramasse também sobre os gentios** (45). Eles **os ouviam falar em línguas** (46), como tinham ouvido os 120 no Dia de Pentecostes.[74]

Apesar dos seus preconceitos judaicos, Pedro sentiu que Deus tinha aceitado plenamente estes gentios no Reino. Então, ele propôs que o batismo cristão lhes fosse ministrado (47). Cornélio e seus amigos foram batizados **em nome do Senhor** (48), *i.e.,* em nome de Jesus.

Esta fórmula era aparentemente usada na Igreja Primitiva, assim como a forma da trindade (Mt 28.19). A ênfase principal aqui está no fato de que era um batismo cristão.

4. *Justificativa* (11.1-18)

O capítulo 10 apresenta a história da visita de Pedro à casa de Cornélio e o derramamento do Espírito de Deus sobre o grupo ali reunido. O capítulo 11 apresenta a justificativa de Pedro para a sua entrada na casa de um gentio, e a sua associação com os "pagãos".

a. Pedro É Criticado (11.1-3). Os rumores do que havia acontecido em Cesaréia chegaram até os apóstolos e **os irmãos que estavam na Judéia** (1). Eles ouviram as espantosas notícias de que também os gentios tinham recebido a Palavra de Deus.

Quando Pedro regressou a Jerusalém, os que eram da circuncisão (2) — os judeus cristãos que enfatizavam a constante observação à Lei — **disputavam com ele.** A sua queixa era: **Entraste em casa de varões incircuncisos e comeste com eles** (3). Para os judeus conservadores, os homens incircuncisos eram impuros, e o contato com eles podería corromper uma pessoa. Mas a transgressão mais grave que Pedro havia cometido foi comer com eles. Isto era uma coisa que nenhum filho sério de Abraão podería fazer.

b. A Explicação de Pedro (11.4-18). Se um homem sabe que tem razão, a sua melhor defesa é uma explicação direta do que fez, e do porquê. Este foi o método seguido por Pedro. Ele começou a fazer-lhes **uma exposição por ordem** (4). Ele contou toda a história aos seus críticos. O fato de que aquilo que tinha acontecido é repetido aqui mostra a grande importância ligada a este evento significativo. Iniciara-se uma nova época — a da evangelização dos gentios.

A narrativa dos versículos 5 a 10 é quase idêntica à de 10.96-16, exceto pelo fato de que o relato de Pedro, aqui, narrado na primeira pessoa, é bem mais vivido. Por exemplo, ele diz sobre o vaso: **descia do céu e vinha até junto de mim** (5). Este é o tipo de toque adicional que poderiamos esperar que ele nos desse.

Pedro contou o fato de que havia **três varões** (11) de Cesaréia que vieram à casa onde estava (cf; 10.7,17), e como o Espírito lhe disse que fosse com eles, **nada duvidando** (12). Foi o Espírito Santo que lhe disse que fosse com aqueles homens até à casa de Cornélio, de modo que ele não teve escolha. Se o povo quisesse criticá-lo por ter ido, teria que discutir com o Espírito sobre o assunto.

Nada duvidando é a mesma coisa que "não duvidando" (10.20), mas o texto grego aqui apresenta a forma ativa do verbo; em 10.20, é a meia-passiva. A diferença foi bem explicada pela adoção de "sem hesitação" em 10.20 e "sem fazer diferença" aqui (RSY). Como uma razão para esta modificação, Lumby sugere: "A visão não tinha lhe dado nenhuma idéia de que haverían uma viagem; agora [10.20] Pedro é informado dela, e assim também, quando chega ao final da viagem, o 'não hesitar' significa 'não fazer distinção entre os judeus e os outros homens'. Desse modo, a visão tornou-se compreensível, pouco a pouco, e a perplexidade foi removida".[75]

Não somente o Espírito lhe ordenou que fosse, mas também **seis irmãos foram** com ele (12). Em 10.23, não sabemos quantos, mas somente que "alguns irmãos" acompanharam Pedro. Pedro teria pensado que os judeus cristãos tradicionais de Jerusalém poderíam criticá-lo? Se isto aconteceu, ele teve muitas testemunhas para corroborar a história que estava contando. Talvez os seis homens tenham acrescentado o seu entusiasmado testemunho a respeito do maravilhoso derramamento do Espírito na casa de Cornélio.

Pedro fez um adendo significativo ao relato de Cornélio a respeito da sua visão (cf. 10.32). Ele mencionou que o centurião havia dito que o anjo lhe ordenara que mandasse buscar a Pedro, **o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa** (14). Adam Clarke interpreta isto como querendo dizer: "Ele anunciará a você toda a doutrina da salvação".[76] O fato de que Pedro interpretou a sua missão como sendo a de dizer a Cornélio como ser salvo está evidente pelo seu discurso na casa do centurião (10.34-43). Ele apresentou os fundamentos elementares da experiência cristã pregando a crucificação, a ressurreição e o julgamento. As suas palavras finais

foram: “A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome” (10.43). O que Pedro estava pregando era o perdão através da fé em Jesus Cristo. Obviamente, ele entendia que era disto que Cornélio e seus amigos precisavam.

Como podemos explicar, então, a afirmação: **E, quando comecei a falar, caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princípio** (15)? Isto é, as pessoas na casa de Cornélio tiveram a mesma experiência que os 120 discípulos no Dia de Pentecostes. Este pode ter sido o primeiro sermão de salvação que abriu os corações para o dom do Espírito Santo, mas certamente não foi o último. Talvez a explicação que está mais de acordo com as Escrituras seja: enquanto Pedro estava apenas começando o seu sermão **(quando comecei a falar)** os seus ouvintes creram, nos seus corações, em Jesus Cristo, e sentiram a conversão evangélica — como aconteceu com John Wesley quando estava em uma reunião em Aldersgate Street, na noite de 24 de maio de 1738. Então, como seus corações estavam completamente abertos para toda a vontade de Deus, aqueles ouvintes que tinham caminhado devotamente à luz do judaísmo (10.2) e agora aceitavam a Cristo foram subitamente cheios do Espírito Santo. Esta reconstrução do que aconteceu não ignora nem suprime quaisquer afirmações do relato bíblico.

Pedro prosseguiu contando aos seus críticos em Jerusalém: **E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo** (16). Esta é uma citação de 1.5. Nos Evangelhos, é João Batista que é mencionado como tendo dito estas palavras, mas o livro de Atos indica que Jesus as repetiu.

Pedro concluiu a sua defesa fazendo uma pergunta que definitivamente silenciou os seus críticos. Ele disse: **Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era, então, eu, para que pudesse resistir a Deus?** (17) Para isto, não havia uma resposta possível. Quando os judeus cristãos ouviram a conclusão de Pedro, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: **Na verdade, até aos**

gentios deu Deus o arrependimento para a vida (18). Para eles, este era um fato surpreendente, que eles foram obrigados a aceitar. Algumas das implicações da salvação dos gentios seriam discutidas mais tarde, no Concilio de Jerusalém (cap. 15), mas uma vitória importante foi conseguida aqui.

5. *Viagens de Evangelização* (11.19-30)

Esta seção fala de dois movimentos da Igreja Primitiva ao longo do mar Mediterrâneo. O primeiro foi rumo ao norte, a partir de Jerusalém para Antioquia, na Síria. O Evangelho foi pregado livremente naquela cidade distante. O segundo foi rumo ao sul, de Antioquia a Jerusalém (ver o mapa 3). O primeiro levou as bênçãos espirituais da salvação àqueles que estavam no Norte. O segundo trouxe bênçãos materiais dos novos convertidos para os irmãos necessitados em Jerusalém. Como se faz menção de Chipre (uma ilha), é bem provável que eles tenham viajado por barco.

a. Rumo ao Norte **(11.19-26).** As palavras iniciais deste parágrafo — **E os que foram dispersos (19)** — são exatamente as mesmas em grego, na frase inicial de **8.4.** Outro ramo da diáspora cristã aqui é tomado e contado. Esta dispersão teve início com a perseguição que sucedeu por causa de Estêvão (cf. **8.1).**

Os cristãos dispersos viajaram para o norte até a **Fenícia** (as cidades de Tiro e Sidom), o Líbano moderno, na costa norte da Palestina (ver o mapa 3), **Chipre** — a maior ilha da extremidade leste do mar Mediterrâneo — e **Antioquia.** Esta cidade, fundada em 300 a.C., tinha se tornado a terceira maior cidade do Império Romano, superada apenas por Roma e Alexandria.[77] Diz-se que as suas muralhas encerravam uma área maior do que as de Roma. A oito quilômetros da cidade, ficava o bosque de Dafne, um importante centro de adoração a Apoio e Artemis [ouArtemisa], Como um resultado parcial disto, Antioquia era famosa pela sua imoralidade. Ainda assim, muitos judeus e prosélitos ali viviam.[78] Eles foram evangelizados em primeiro lugar, pois foi dito que os primeiros missionários não estavam anunciando a ninguém a Palavra senão somente aos judeus. Isto provavelmente aconteceu antes da

experiência de Pedro em Cesaréia.

Felizmente, havia alguns homens de Chipre e Cirene (Norte da África) que eram um pouco mais esclarecidos. Quando eles chegaram a Antioquia, pregaram o Senhor Jesus aos gregos (20). Embora os antigos manuscritos gregos façam uma diferença entre *Hellenas* ("gregos") e *Hellenistas* (helênicos"), o contexto deixa claro que esta nova pregação se dirigia aos gentios. Os evangelizadores — **anunciando** é a palavra *euangelizomenoi* — estavam proclamando as Boas Novas sobre o Senhor Jesus, ou proclamando que Jesus é o Senhor.

Como estavam obedecendo às ordens de Cristo (Mt 28.19), eles viram o cumprimento da sua promessa (1.8) — **a mão do Senhor era com eles** (21), *i.e.,* o seu poder se manifestava no seu ministério. O resultado foi que grande número creu e se converteu ao Senhor. Antioquia em pouco tempo tornou-se o principal centro do cristianismo.

A fama do que estava acontecendo em Antioquia chegou aos ouvidos **da igreja que estava em Jerusalém** (22). Preocupados quanto a esta evangelização dos gentios estar de acordo com a ordem divina, os líderes enviaram Barnabé até Antioquia. Isto pode implicar que ele verificaria o trabalho na Fenícia (19) no seu caminho para o Norte.

A igreja de Jerusalém não poderia ter escolhido alguém melhor do que Barnabé para esta missão. Ele era um verdadeiro "filho da consolação" **(4.36),** onde quer que fosse. Um cristão judeu legalista e preconceituoso certamente teria impedido o maravilhoso movimento do Espírito de Deus em Antioquia. Mas Barnabé o encorajou: **o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, se alegrou e exortou a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor (23).** O generoso Barnabé estava tão integralmente consagrado ao seu Senhor que se alegrava por ver qualquer pessoa — até mesmo um gentio — aceitando a Cristo. Ao invés de criticar o novo movimento, ele lhe deu a sua aprovação e a sua bênção. Ele se alegrou por ver a graça de Deus em operação nesta cidade tão necessitada. O próprio Barnabé era um judeu natural de

Chipre **(4.36),** o que fazia com que ele se harmonizasse perfeitamente com os evangelizadores de

Chipre e Cirene. Ele exortou os novos convertidos, cumprindo assim o significado do seu nome: "filho da exortação" (ver os comentários sobre 4.36).

A descrição de Barnabé é quase tão nobre quanto poderia ser a de qualquer homem: **Porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé (24).** As três coisas aqui afirmadas a respeito de Barnabé formaram os pontos principais de muitos sermões fúnebres. O pastor consagrado sempre fica feliz quando pode dizer essas coisas sobre um membro falecido de sua igreja. O resultado do caráter e do ministério deste bom homem de Deus cheio do Espírito Santo e inspirado pela fé foi que muita gente se uniu ao Senhor. Mas Barnabé precisava de ajuda. A tarefa em Antioquia era excessivamente grande para ele. Esta metrópole cosmopolita de língua grega exigia os serviços tanto de um gigante intelectual quanto de um exortador cheio do Espírito. Assim, Barnabé foi até Tarso, cerca de **200** quilômetros a noroeste de Antioquia para **buscar Saulo (25).** Feliz é o homem que percebe as suas limitações, e que está disposto a trazer um ajudante à altura da situação. O desprendido Barnabé desejava somente o que era melhor para o Reino. Assim, ele foi buscar Saulo, o brilhante e altamente educado jovem rabino judeu que havia se convertido alguns anos antes. Saulo teve um bom início no seu ministério, e depois tinha sido enviado para casa pela igreja de Jerusalém **(9.30),** quando passou a correr um risco de vida.

Achando-o, o conduziu para Antioquia (25). As palavras "buscar" e **achando** sugerem que Barnabé teve de procurar por algum tempo antes de encontrar Saulo. É provável que Saulo estivesse ocupado evangelizando a sua província da Síria e Cilícia, como ele mesmo indica (G1 1.21). Durante todo um ano, Barnabé e Saulo se reuniram naquela igreja e ensinaram muita gente. Deve ter sido um ano de ministério muito frutífero para ambos — o generoso Barnabé exortando e encorajando o povo, e o perspicaz Saulo expondo as Escrituras e exaltando a Cristo. Eles formavam uma equipe maravilhosa.

Uma afirmação muito interessante aparece no final deste versículo: **Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.** Até agora, eles tinham sido designados como "fiéis", "irmãos", "santos", "do Caminho", e, como aqui, "discípulos". Mas como os judeus usavam normalmente as designações "irmãos" e "discípulos", era necessário atribuir um nome mais peculiar que inquestionavelmente indicasse os discípulos de Cristo.

A palavra "cristão" aparece somente duas outras vezes no Novo Testamento. Agripa disse a Paulo: "Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão" (26.28). E Pedro escreveu: "se padece como cristão [sendo perseguido pelo mundo por ter esse nome], não se envergonhe" (1 Pe 4.16). A história da atribuição do nome, tomada em conjunto com este fato, sugere que **cristãos** não foi uma designação escolhida por eles mesmos, mas que lhes foi atribuída por aqueles que estavam fora da igreja. Além disso, é muito improvável que os judeus chamassem os crentes por este nome. Gloag observa: "Não se deve supor que eles dariam esse nome sagrado *Christos* àqueles que eles consideravam hereges e apóstatas".[79] Os judeus os chamavam de "nazarenos" (24.5), uma expressão de desprezo.

Parece claro que a designação **cristãos** foi dada aos discípulos pelos gentios de Antioquia, como Meyer afirma.[80] Sempre se supôs que este termo era usado como uma zombaria. Mas Meyer insiste: "Não há nada que apóie a opinião de que a palavra foi, a princípio, *um título ridículo*".[81] Ao contrário, como os gregos e os romanos normalmente designavam partidos políticos pelos nomes dos fundadores, assim também eles se referiam a este grupo como **cristãos.** Lake e Cadbury observam acertadamente que a palavra "implica que *Christos* já tinha sido adotado pela população gentia como um nome próprio — um hábito ao qual os cristãos surpreendentemente logo se submeteram, como é demonstrado pelo uso da palavra por Paulo".[82] Originalmente, "Cristo" — lit., "o Cristo" — significava "o Messias". Foi um título adicionado ao nome Jesus, "Jesus, o Cristo", quando pregava aos judeus. Mas os gentios

naturalmente o adotaram como um nome próprio.

O fato de que o povo de Antioquia julgou necessário dar um nome ao novo movimento na cidade mostra como este movimento tinha crescido. Ele precisava ser reconhecido e designado. Gloag escreve: "Enquanto o cristianismo estava confinado aos judeus e aos prosélitos, os cristãos não eram distinguidos deles, e eram considerados pelos gentios como uma seita judaica; mas agora o fato de que inúmeros gentios eram recebidos sem circuncisão dentro da igreja era uma prova de que o cristianismo era diferente do judaísmo, e assim os discípulos não mais seriam encarados como os saduceus, fariseus, essênios e outras seitas judaicas".[83]

A história da evangelização de Antioquia ilustra "Quando o Evangelho tem sucesso":

1. Quando é pregado a gente nova (19); 2. Quando é pregado a todas as classes e raças (20-21); 3. Quando é pregado por homens cheios do Espírito (22-26).

b. Rumo ao Sul (11.27-30). Sem dúvida, as notícias do que estava acontecendo em Antioquia continuavam a se espalhar (cf. 22). Como resultado, vieram **profetas de Jerusalém para Antioquia** (27). Entre eles, estava **Agabo** (28), que é mencionado novamente em 21.10. No Novo Testamento, o termo **profetas** pode significar basicamente "pregadores". Mas de vez em quando, algum deles fazia alguma predição. Assim, Agabo dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome em todo o mundo, o que aconteceu no tempo de Cláudio César, que reinou entre 41 e 54 d.C. Lake e Cadbury observam: "A evidência de Suetônio *(Claudius* xix.) e Tácito (*Ann*. xii. 43) mostra que a escassez difundida foi uma característica do reinado de Cláudio".[84] Josefo nos fala de uma fome na Palestina entre 44 a 48 d.C.,[85] a qual provavelmente é a mesma mencionada aqui.

Os discípulos (29) em Antioquia **determinaram mandar** — lit., "conseguiram enviar para um ministério" (*diakonia*) — **cada um conforme o que pudesse, socorro aos irmãos que habitavam na Judéia.** Assim, eles recompensaram com bens materiais muito

necessários os seus irmãos judeus que lhes tinham enviado as bênçãos espirituais do Evangelho.

O alívio foi enviado **por mão de Bamabé e de Saulo** (30). Esta foi uma sábia atitude que uniu mais intimamente a igreja gentílica em Antioquia à igreja judaica em Jerusalém.

F. **Testemunhas Perseguidas,** 12.1-25

1. *Pedro E Aprisionado* (12.1-5)

Sem dúvida, Pedro é o personagem central dos primeiros doze capítulos do livro de Atos, assim como Paulo o é nos capítulos 13 a 28. Foi Pedro quem realizou a escolha do décimo segundo apóstolo para ocupar o lugar de Judas Iscariotes (cap. 1); pregou no Dia

de Pentecostes, quando três mil pessoas se converteram (cap. 2); curou o coxo e fez outro sermão (cap. 3); dirigiu-se ao Sinédrio (cap. 4); desmascarou Ananias e Safira, e agiu como um advogado de defesa perante o Sinédrio (cap. 5). Então, Estêvão tornou-se o personagem central (caps. 6,7), seguido por Filipe (cap. 8). Depois da conversão de Saulo, Pedro novamente vem para o primeiro plano, desta vez em Lida e Jope (cap. 9). A seguir, vem a história da pregação de Pedro aos gentios na casa de Cornélio (cap. 10) e a sua justificativa daquela ação (cap. 11). Finalmente, temos o relato da prisão e da libertação de Pedro (cap. 12). Durante os primeiros quinze anos da história da Igreja (30 a 45 d.C.), Pedro foi a figura dominante. Durante os vinte anos seguintes (45-65 d.C.), Paulo foi o grande líder da evangelização no Império Romano.

A perseguição à Igreja teve início quase que imediatamente depois de Pentecostes. Pedro tinha curado um homem coxo junto à Porta Formosa do Templo, e uma grande multidão tinha testemunhado os resultados. Quando aquele que tinha operado o milagre aproveitou a multidão reunida para pregar a respeito de Jesus, os sacerdotes do Templo o levaram preso (cap. 4). Libertado, em breve ele foi aprisionado novamente, com outros apóstolos (cap. 5). Estêvão foi a próxima vítima, só que desta vez houve uma morte (cap. 7). Este

martírio deu início a uma onda violenta de perseguições aos crentes de Jerusalém (cap. 8). Saulo tentou levar a sua perseguição à igreja que estava em outros lugares, mas ele mesmo se tornou um prisioneiro do Senhor na estrada para Damasco. Agora, Herodes começa o trabalho sangrento de liquidar os líderes da igreja (cap. 12).

Ele é chamado **o rei Herodes (1).** Este era Herodes Agripa **I.** Ele só é mencionado (no NT) neste capítulo. Era neto de Herodes, o Grande, e sobrinho de Herodes Antipas, aquele que matou João Batista.

Com a morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C., seu filho Antipas tornou-se tetrarca da Galiléia e Peréia, governando até 39 d.C. Outro filho, Arquelau, tornou-se etnarca da Judéia (incluindo Samaria e Iduméia), mas foi chamado de volta a Roma em 6 d.C. e deposto. Durante um período de 35 anos, a Judéia foi governada por sete diferentes procuradores (governadores romanos), dos quais o mais conhecido foi Pôncio Pilatos (26-36 d.C.).

Finalmente, por apenas três anos (41-44 d.C.), toda a Palestina foi governada por Herodes Agripa I; o país assim estava unido pela primeira vez desde a morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C. Agripa estava decidido a permanecer nas boas graças dos seus súditos judeus — um fato que levou à perseguição dos cristãos. Sobre ele, Josefo diz: "Ele adorava viver permanentemente em Jerusalém, e era cuidadoso na observância das leis do seu país. Portanto, ele se conservava puro e nenhum dia se passava sem que oferecesse os seus sacrifícios".[86]

A expressão **Por aquele mesmo tempo (1)** refere-se aos últimos acontecimentos descritos no capítulo 11. Herodes Agripa empenhou-se para maltratar — lit., "afligir"[87] — alguns membros da igreja. A primeira coisa que ele fez foi executar **Tiago, irmão de João** (2). Estes dois filhos de Zebedeu tinham pedido os lugares de maior honra, ao lado de Jesus. A resposta do Messias foi: "Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu hei de beber e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?... Na verdade bebereis o meu cálice [sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado]" (Mt 20.22-23). Agora esta profecia, no que diz respeito a Tiago, estava cumprida. Os sofrimentos de João provavelmente se estenderam por um período

de alguns anos. Não há suporte histórico suficiente para a lenda de que João tenha sido martirizado ao mesmo tempo que Tiago. Alexander comenta: "E notável que, até onde sabemos, um desses inseparáveis irmãos tenha sido o primeiro dos apóstolos a morrer, e o outro, o último".[88]

Embora nada tenha sido dito no livro de Atos sobre qualquer atividade de Tiago, o fato de que ele foi o primeiro dos doze apóstolos a ser martirizado sugere que ele era reconhecido como um destacado líder da igreja. Homens neutros e passivos não são perseguidos. Sem dúvida, o fato de Jesus ter escolhido este homem como um membro de seu círculo mais íntimo, composto por três discípulos — que participaram com o Mestre dos episódios da ressurreição da filha de Jairo, do monte da transfiguração e do jardim do Getsêmani — fizeram com que ele fosse considerado em alta estima pelos primeiros crentes em Jerusalém.

Quando Herodes Agripa viu que a execução de Tiago agradara aos judeus, continuou, **mandando prender também a Pedro** (3). Ele pode ter sabido do papel predominante que este apóstolo desempenhou nos anos anteriores do novo movimento. Executá-lo seria desfechar um forte golpe contra a Igreja de Jesus Cristo.

Assim, **havendo-o prendido, o encerrou na prisão, entregando-o a quatro quaternos de soldados** (4) — dezesseis homens. Os romanos dividiam a noite em quatro turnos de vigília de três horas cada. Para cada um desses turnos, um grupo de quatro homens encarregava-se do prisioneiro. A mesma coisa acontecia durante o dia. Afreqüente troca da guarda tinha a finalidade de garantir que ninguém dormisse em serviço.

O rei planejava tirar Pedro da prisão para executá-lo publicamente depois da Páscoa. Esta tradução é um estranho anacronismo. A expressão grega é *to pascha.* Alexander observa: "Não existe uma razão por que não pudesse ser traduzida, aqui, como em todas as outras passagens onde aparece, como o seu equivalente exato, *Páscoa* (significando a Páscoa dos judeus)".[89]

Uma vez que, no seu sentido restrito, os sete dias da Festa dos Pães Asmos seguiam o dia da Páscoa (Ex **12.3-19),** alguns criticaram o relato por dizer: **E eram os dias dos asmos (3)** e mais tarde afirmar que Herodes planejava apresentar Pedro para a execução pública "depois da Páscoa" (4). A solução simples para o problema está no fato de que as duas expressões — "pães asmos" e "páscoa" — eram aplicadas livremente a todo o período de oito dias. O fato de ambas serem usadas alternadamente nesta época é plenamente confirmado por Josefo.[90] Lucas identifica as duas no seu Evangelho (Lc **22.1)** e é completamente razoável supor que ele também o faça aqui. Assim, a passagem significaria que, durante o período geral dos pães asmos, Herodes prendeu Pedro e encerrou-o na prisão, com a intenção de apresentá-lo justamente no final da festa, quando a grande multidão da Páscoa aclamaria Herodes pelo seu zelo pela Lei, ao executar um líder "herege".

Assim Pedro... era guardado na prisão (5); mas a igreja fazia contínua — uma única palavra que significa "fervorosa" (ASV) — **oração por ele** a Deus.

2. *Pedro É Libertado* **(12.6-11)**

Finalmente, no dia seguinte, Herodes ia fazê-lo comparecer (6) — lit., "apresentar diante". Mas nesta mesma noite — exatamente na "última hora" — Deus interveio em resposta às orações.

Estava Pedro dormindo entre dois soldados, ligado com duas cadeias, e os guardas diante da porta guardavam a prisão. Isto indica como ficavam posicionados os quatro soldados de cada "quaterno" (4). Dois deles ficavam acorrentados ao prisioneiro, um de cada lado. Os outros dois ficavam no posto de sentinelas. Lake e Cadbury comentam: "O costume de atar um prisioneiro a um soldado é mencionado por Sêneca".[91] Pedro tinha escapado da prisão uma vez, quando os principais dos sacerdotes o aprisionaram (5.19) e Herodes Agripa não queria correr o mesmo risco desta vez.

De repente, algo mudou a situação. **Eis que sobreveio o anjo** — ou "um anjo" — **do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão** (7). O

anjo tocou o lado de Pedro e lhe disse que se levantasse depressa. Quando ele o fez, caíram-lhe das mãos as cadeias.

Como a palavra grega *angelos* significa "mensageiro", alguns argumentaram que foi um mensageiro humano que libertou Pedro. Mas todo o teor da narrativa é contrário a esta interpretação. A expressão **anjo do Senhor** é exatamente a mesma de Lucas 2.9, onde o significado é claramente o de um visitante celestial (cf. 5.19; 8.26). Além disso, a afirmação de que uma luz resplandeceu na prisão tem correspondência em Lucas 2.9 — "Um anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor". Em terceiro lugar, um mensageiro humano não podería tê-lo libertado das correntes que o prendiam a um guarda de cada lado.

Pedro recebeu a ordem de vestir-se imediatamente e atar as suas sandálias (8). Deus não faz por nós o que podemos fazer por nós mesmos. Em seguida, o anjo disse ao prisioneiro libertado para colocar nas costas a sua capa (manto exterior) e segui-lo. Pedro obedeceu, ainda confuso. Ele pensou que estivesse tendo uma **visão (9).** Não parecia ser possível que isto pudesse ser verdade.

Eles **passaram a primeira e a segunda guarda** (10) — provavelmente as duas sentinelas que estavam de vigia, além dos dois a quem Pedro estava acorrentado. Finalmente, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, ou seja, a porta externa da prisão. Ela **se lhes abriu por si mesma** — uma palavra em grego, *automate;* ou seja, automaticamente. A mesma palavra aparece (no NT) somente em Mc 4.28.

Percorreram uma rua sugere que a prisão estava situada dentro da cidade, e que eles seguiram por uma rua depois de uma intersecção. Neste ponto, já estariam a uma distância segura da prisão. Talvez Pedro estivesse preso na Torre de Antônia, ao norte da área do Templo (ver o mapa 2). Quando já estavam longe da prisão, o anjo se apartou deles. A sua maravilhosa intervenção já não era mais necessária. Pedro agora podia continuar sozinho. E fanatismo esperar que Deus faça por nós o que nós mesmos podemos fazer.

Pedro, tornando a si (11) significa, lit., "voltando a si". Ele tinha estado de alguma maneira fora de si, em êxtase. Agora, estava plenamente consciente do local onde estava. Ele reconheceu que foi o Senhor que, por meio do seu anjo, o tinha libertado da mão de Herodes e de tudo o que o povo dos judeus esperava. Os líderes judeus sem dúvida tinham suposto que a sua morte era certa.

3. *O Relato de Pedro* (12.12-17)

E, considerando ele nisso (12) é uma única palavra em grego, *synidon* (encontrada somente aqui e em 14.6), que significa "ver a visão completa... compreender, entender".[92] Aqui, ela indica o momento em que ele "tinha pensado sobre todas as circunstâncias e decidido qual seria a melhor coisa a fazer".[93] Tendo tomado a sua decisão, ele foi até a casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos. João era um nome judeu comum; Marcos, um nome romano (cf. Marco Aurélio). Esta é a primeira das quatro vezes em que Marcos é mencionado pelo nome no livro de Atos; é provável que ele tenha sido o jovem que fugiu do jardim do Getsêmani (Mc 14.51-52).

Na casa da mãe de João Marcos, muitos estavam reunidos e oravam. A implicação é que o pai de Marcos já tivesse morrido, mas que a sua mãe possuía uma casa suficientemente grande para servir como lugar de reunião para uma congregação cristã em Jerusalém. Também é perfeitamente possível que o grande cenáculo desta casa (um amplo piso superior para convidados) tenha sido o local onde a última Ceia foi celebrada, e onde aconteceu o Pentecostes.

Batendo Pedro à porta do pátio (13) — a porta exterior que dava para a rua — **uma menina chamada Rode** — "Rosa" em grego" — **saiu a escutar,** *i.e.,* ela deveria perguntar quem era e ter certeza de que era um amigo antes de abrir a porta àquela hora da noite. Sem dúvida, os cristãos de Jerusalém tinham ficado cautelosos durante a época em que Saulo estava "entrando pelas casas" para prender os seguidores de Jesus (8.3). Agora que Herodes Agripa iniciara outro período de perseguição, eles deveríam ficar precavidos novamente.

Quando Pedro respondeu, Rode reconheceu a sua voz (14). Ela ficou tão contente que de alegria não abriu a porta, mas, correndo para dentro, anunciou que o próprio Pedro estava à porta. A reação dos discípulos que estavam orando foi: **Estás fora de ti** (15) — perdeste a razão. Quando ela insistiu que Pedro realmente estava ali, eles disseram: **E o seu anjo.** Lumby observa: "A crença judaica era a de que cada homem tinha um anjo da guarda que lhe era designado".[94] Alguns pensam que o próprio Senhor Jesus parecia refletir esta opinião (Mt 18.10). Gloag também afirma: "Esta noção, de que cada indivíduo tem o seu anjo da guarda, foi fortemente sustentada pelos primeiros patriarcas".[96] Ele prossegue, no entanto, afirmando que "a palavra do nosso Salvador pode ter sido interpretada como referindo-se aos anjos em geral, e não que um anjo da guarda em especial esteja ligado a cada indivíduo".[96]

Enquanto isso, Pedro perseverava em bater (16). Quando as pessoas que estavam no interior finalmente abriram a porta e viram que era realmente ele, se espantaram. Onde estava a sua fé? Certamente parece que elas não esperavam que o Senhor atendesse às suas orações. Mas os cristãos do século XXI algumas vezes ficam igualmente surpresos quando os seus pedidos são concedidos.

Pedro acenou com a mão àquelas pessoas que estavam tão animadas — e talvez perigosamente barulhentas — **para que se calassem** (17). Esta é uma única palavra no texto grego, *sigan,* que significa "fazer silêncio". O tempo era precioso. Pedro contou — lit., "expôs" o assunto — como o Senhor o libertara da prisão. Ele concluiu com esta frase: **Anunciai** — uma única palavra, "contar" — **isto a Tiago e aos irmãos.** Este Tiago não era o filho de Zebedeu, que tinha sido morto recentemente (2). Evidentemente, era aquele que Paulo identifica como "Tiago, o irmão do Senhor" (G11.19). Este é o Tiago que agiu como moderador no Concilio de Jerusalém (15.1321) e que era evidentemente considerado o principal pastor da igreja de Jerusalém (cf. 21.18). Esta passagem parece deixar esta posição implícita. Não fica claro se **irmãos** se refere aos líderes da igreja ou simplesmente a outros membros da igreja, não presentes na casa de Maria. Parece óbvio que tanto o "pastor como o povo" deveríam ser

informados da libertação de Pedro.

Então Pedro, saindo, partiu para outro lugar. Não se sabe aonde ele foi. Quaisquer sugestões seriam uma completa especulação. Mas era completamente necessário que o prisioneiro libertado fosse se esconder. Tudo o que sabemos é que ele aparentemente deixou a cidade.

4. Os *Guardas da Prisão São Executados* (12.18-19)

Sendo já dia (trad. literal), **houve não pouco alvoroço** — "agitação" ou "turbulência" — **entre os soldados sobre o que seria feito de Pedro** (18). Havia motivos para que estes guardas estivessem preocupados, como mostra o versículo seguinte.

Herodes procurou Pedro **e o não achou** (19). Conseqüentemente, fez **inquirição** — o verbo indica uma investigação judicial (cf. 4.9) — **aos guardas** — que o estavam vigiando — **e mandou-os justiçar.** Tudo isto é uma única palavra em grego, e significa literalmente "ser levado", ou seja, "ser encaminhado à execução". Lake e Cadbury escrevem: "De acordo com o Código de Justiniano, que sem dúvida representa os costumes romanos, um guarda que permitisse que um prisioneiro escapasse estaria sujeito à mesma penalidade que o prisioneiro teria cumprido".[97]

Então Herodes — talvez desgostoso e preocupado —, partindo da Judéia para Cesaréia, ficou ali. Esta cidade era a sede do governo romano na Palestina.

5. O *Perseguidor É Punido* (12.20-23)

Herodes **estava irritado** (20) — uma palavra forte e rara que significa "ter uma discussão acalorada"[98] — com o povo de **Tiro e Sidom,** as duas principais cidades da antiga Fenícia (o Líbano moderno, ver o mapa 1). Josefo nos conta como Herodes Agripa construiu belos edifícios em Berytus" ou Beirute (a atual capital do Líbano). Esta cidade fica poucos quilômetros ao norte de Tiro e Sidom. Pode ser que a supremacia comercial das duas cidades

estivesse em perigo pelo favor que Herodes estava mostrando à nova cidade.

Tiro e Sidom vieram de comum acordo — em uma missão comum. Tendo assegurado a ajuda amistosa de Blasto, que era o camarista do rei — aquele que estava encarregado dos seus aposentos íntimos, e, conseqüentemente, muito íntimo de Herodes — pediam paz, *i.e.,* o fim das disputas. A razão para a sua preocupação era porque o seu país se abastecia do país do rei. Isto pode ter dois significados. O primeiro, que a Fenícia — um país estreito e montanhoso — era literalmente alimentada pelos grãos e pelas frutas da Galiléia. Em segundo lugar, Tiro e Sidom dependiam do comércio do território de Herodes para ajudar a manter a sua rota e navegação comercial em um elevado patamar. Por essa razão, se Beirute se tornasse uma cidade próspera, eles sofreriam.

Num dia designado (21) é identificado por Josefo como um dia indicado para uma festa em que seriam feitos os votos pela segurança do imperador romano, e no qual Herodes Agripa "exibia espetáculos em honra a César".[100] Ele vestia as vestes reais. Josefo é mais explícito, dizendo: "Ele vestiu um manto todo feito de prata, e de uma textura verdadeiramente deslumbrante, e chegou cedo ao teatro naquela manhã; quando a prata da sua roupa se iluminou pelo reflexo dos raios do sol, brilhou de uma maneira surpreendente, e era tão resplandecente que espalhava o horror àqueles que olhassem fixamente para ele".[101]

Assim vestido, Herodes Agripa estava assentado no tribunal e lhes dirigiu a palavra. Dominado pela sua aparência e pelas suas palavras, e ansioso por cair nas suas boas graças, o povo gritava: **Voz de Deus, e não de homem!** (22). Josefo confirma plenamente, dizendo: "E os seus aduladores gritavam... que ele era um deus, e acrescentavam 'seja misericordioso para conosco; pois embora o tenhamos reverenciado, até hoje, somente como um homem, de agora em diante o faremos como a alguém que é superior à natureza mortal".[102] Este historiador judeu da época acrescenta que o rei "nem os repreendeu nem rejeitou esta bajulação herege".[103]

Herodes tinha assassinado Tiago e pretendido matar Pedro. A retribuição divina para isto, e a aceitação da adoração blasfema decretaram a sua morte. **No mesmo instante, feriu-o o anjo do Senhor, porque não deu glória a Deus; e, comido de bichos, expirou** (23). Uma vez mais, Josefo está de acordo. Ele diz: "Uma dor aguda surgiu no seu ventre e começou de uma maneira muito violenta".[104] Adicionalmente, ele registra que Herodes continuou sofrendo dores durante cinco dias, até que finalmente morreu.[105]

6. *O Progresso da Pregação* (12.24-25)

Apesar de todos os esforços de Satanás para impedir o trabalho da Igreja, a Palavra de Deus **crescia e se multiplicava** (24). Este é o terceiro progresso deste tipo registrado no livro de Atos (cf. 6.7; 9.31). Apesar da oposição, o trabalho progredia.

Quando terminaram o seu ministério, Barnabé e Saulo **voltaram de Jerusalém**

(25). Os dois manuscritos gregos mais antigos, Vaticano e Sinaítico, trazem a expressão "para Jerusalém", mas isto parece não fazer sentido. Os dois homens tinham ido a Jerusalém levando o alívio para a fome (11.29-30). Seria de esperar que eles agora estivessem retornando a Antioquia. Além disso, a casa de João Marcos estava em Jerusalém. Seria natural que ele acompanhasse os homens mais velhos a Antioquia. No início do capítulo seguinte, encontramos estes três homens em Antioquia. Assim, apesar das dificuldades textuais, parece melhor aceitar **de Jerusalém** como a leitura correta.[106] A expressão *"para* Jerusalém" pode ser um engano de algum escriba.[107]

TESTEMUNHANDO NO MUNDO GENTÍLICO

Atos 13.1—28.31

Jesus havia anunciado aos discípulos que eles iriam receber o poder do Espírito Santo e que seriam suas testemunhas *(a)* em Jerusalém, (ò) em toda a Judéia e Samaria e (c) e nos confins da terra (1.8). Temos acompanhado o curso desta expansão desde Jerusalém (caps. 2—7) até toda a Judéia e Samaria (caps. 8—12). O restante do livro de Atos (caps. 13—28) descreve a propagação do Evangelho na extremidade oriental do mundo Mediterrâneo, e em direção ao ocidente até Roma, a capital do império. Pedro havia sido a figura principal dos doze primeiros capítulos deste livro, mas Paulo ocupa o lugar central no resto da história, naquilo que Harnack chamou de "missão e expansão do cristianismo".

A. Chipre, 13.1-12

1. *A Incumbência* (13.1-3).

Literalmente, o versículo 1 diz: "Na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores" (ASV; cf. NEB). No livro de Atos, a palavra **igreja** é usada quase exclusivamente para a congregação local, enquanto as epístolas — principalmente Efésios — se referem muitas vezes a toda a Igreja de Jesus Cristo. No entanto, em Atos ela conserva uma referência aos crentes de Jerusalém (5.11; 8.1,3; 11.22) exceto em duas ocasiões (7.38; 9.31).

A cidade de Antioquia na Síria era a terceira maior cidade do Império Romano (depois de Roma e Alexandria). Era o lugar onde os seguidores de Cristo receberam

pela primeira vez o nome de "cristãos" para diferenciá-los dos crentes judeus das Sinagogas. Portanto, esta seria a localização lógica a partir da qual seria lançada a grande missão voltada aos gentios. A mentalidade tacanha e fortemente judaica de muitos discípulos de

Jerusalém (cf. 15.1; 21.17-25) iria se revelar como um grande empecilho para qualquer movimento de caráter mundial se Jerusalém fosse o seu quartel general. Portanto, Antioquia tornou-se a base principal da evangelização do mundo gentílico. Sua localização (ver o mapa 3), na extremidade norte da Síria, em frente à Ásia Menor e Europa, também era muito favorável. Do ponto de vista psicológico e também geográfico, esta cidade era providencialmente adequada para se tornar um registro do lançamento do ataque ao mundo pagão que estava além do judaísmo. O cristianismo havia deixado de ser uma seita do judaísmo para se transformar em uma religião que conquistaria o mundo.

Foi feita uma referência a **alguns profetas e doutores** da igreja de Antioquia. No Novo Testamento, o termo **profetas** parece ter sido usado principalmente para os "pregadores". A palavra grega *prophetes* (de *prophemi,* "falar", com o sentido de declarar) significa "aquele que age como intérprete ou comunicador da vontade divina",[1] e da mesma maneira ela foi usada pelos profetas do Antigo Testamento *(e.g.,* 3.22-23; 7.37; 8.28). Mas agora, como nas epístolas de Paulo, este termo é aplicado àqueles que pregam o Evangelho.

Os **profetas** eram considerados logo depois dos apóstolos, e os **doutores** ou mestres ocupavam o terceiro lugar (1 Co 12.28). Depois que a função de apóstolo havia terminado, os profetas e os doutores passaram a constituir os dois principais grupos de obreiros da igreja dignos de receber apoio, como mostra claramente o *Didache* (c. 13) do segundo século.

Na língua grega, a partícula *te é* colocada antes da palavra **Barnabé** e com **Manaém.** Este fato levou Ramsay a sugerir que a relação de cinco nomes deveria ser dividida em duas partes, com os três primeiros sendo designados como **profetas** e os dois últimos como **doutores.**[2] Lake e Cadbury duvidam da validade desta distinção.[3] Alexandre acha provável que "as duas palavras sejam termos genéricos específicos aplicados à mesma pessoa, uma denotando sua autoridade divina e a outra a forma específica como ela era exercida".[4] Mas como profetas e doutores são tratados como classes distintas

tanto no Novo Testamento como no *Didache* (ver acima), a interpretação de Ramsay merece alguma consideração.[5]

Barnabé já havia representado um papel menor, porém significativo em Atos. Ele é citado pela primeira vez por causa de sua generosa oferta à igreja (4.36-37). Foi ele quem se tornou o responsável por Saulo perante a desconfiada congregação de Jerusalém (9.27). Quando confrontado com o tremendo desafio de Antioquia, logo no início dos trabalhos que lá se realizaram, Barnabé procurou Saulo, um gigante intelectual e um fervoroso convertido, e o levou a Antioquia como principal mestre da igreja (11.22-26). Ele tinha sido enviado juntamente com Saulo a Jerusalém com uma oferta de alívio para os cristãos que estavam sendo afligidos pela fome (11.30). Sem dúvida, aqui seu nome é mencionado em primeiro lugar por ser o principal líder da igreja de Antioquia.

Simeão era um nome hebreu muito comum. Ele era chamado de **Niger,** que em latim significa "preto". Este homem às vezes é identificado com Simão Cireneu (Mc **15.21),** embora essa identidade não possa ser provada. **Lúcio, cireneu** (ou de Cirene, no Norte da África) pode ter sido o mesmo que é mencionado em Romanos 16.21. Provavelmente, não se trata de Lucas, o autor do livro de Lucas e de Atos. Devemos lembrar que eram os homens de Chipre e da Cirenaica que pregavam livremente aos gentios em Antioquia (11.20).

Manaém está relacionado com **Herodes, o tetrarca** — Herodes Antipas, que reinou na Galiléia e na Peréia (4 a.C. — 39 d.C.). Toda a frase **que fora criado com** está condensada em uma palavra grega *syntrophos.* Ela vem de *syn,* "com", e *trepho,* "criar". Abbott-Smith define: "por certo *alguém foi alimentado* ou *criado como irmão adotivo:* Atos 13.1 EV. De acordo com o uso helenístico, como um termo da corte, *um amigo íntimo de um rei".*[6] Bruce escreve: "O título *syntrophos* era dado aos meninos que tinham a mesma idade dos príncipes e que eram criados junto com eles na corte".[7] Da mesma forma, Bicknell diz: "Manaém era o irmão adotivo, ou mais precisamente, um companheiro de folguedos de Herodes Antipas".[8] Mas, depois de observar que o significado literal de "irmão adotivo" foi

encontrado em um papiro do segundo século, Moulton e Milligan dizem: "Por causa do seu uso disseminado como um título da corte, essa expressão seria melhor entendida como "cortesão" ou "amigo íntimo".[9] Portanto, ao invés de "irmão adotivo, colaço" (ASV, Phillips), esta palavra provavelmente deveria ser traduzida como "membro da corte de" (RSV) ou "companheiro de honra para" (C. K. Williams).

Sobre a combinação dos homens mencionados aqui, Lumby faz este interessante comentário: "Um era cipriota, outro um cireneu, outro era judeu, mas, por causa de seu nome duplo, estava acostumado a se misturar com não judeus. Um deles era a conexão com a casa de Herodes. E Saulo, o apóstolo dos gentios, havia sido nomeado pelo céu — esta relação pode ser de alguma forma considerada típica de "todo o mundo" dentro do qual o Evangelho iria agora se propagar".[10]

Estes líderes, evidentemente, estavam passando por um período especial de serviço ao Senhor. **Servindo** (2) corresponde ao verbo *leitourgeo,* de onde vem a palavra "liturgia". Abbott-Smith define o significado original desta palavra da seguinte maneira: "1. *Na língua clássica, em Atenas, ocupar cargos públicos às sua próprias custas, prestar serviço público ao Estado, portanto, em geral.* 2. *Servir ao Estado, fazer um serviço, servir".*[11] No primeiro século a.C., Diodoro (I. 21) usou este termo para descrever os serviços aos deuses. Na Septuaginta, ele foi empregado para os serviços dos sacerdotes e dos levitas no Tabernáculo e no Templo (cf. Hb 10.11). Somente aqui e em Romanos 15.27 ele foi usado em conexão com os serviços cristãos. Provavelmente, a maioria dos comentaristas afirma que se trata de uma referência ao "ministério em uma adoração organizada".[12] Entretanto, não há uma indicação no texto de que este fosse o caso. Podería ter sido uma reunião de oração do "grupo" de líderes da congregação local. Mais tarde, a igreja usou este termo principalmente com referência ao sacramento da Ceia do Senhor. Mas aqui ele tem um sentido mais geral e pode ser traduzido como "adorando" (Phillips; cf. NEB).

Em relação a este serviço, eles jejuaram. Este exercício só tem valor espiritual se estiver relacionado à oração. Quando alguém está

envolvido no propósito de se dedicar a uma oração intensa e ininterrupta, esta pode ter um valor incalculável. O costume de servir ao Senhor através da oração e do jejum em ocasiões de importantes decisões tem sido praticado pelos santos de todos os séculos.

Portanto, temos aqui cinco líderes fiéis que estavam **servindo ao Senhor e jejuando,** aos quais **o Espírito Santo** falou... Mas não ficamos sabendo como. Provavelmente, através de uma distinta impressão feita em suas mentes, da mesma forma como Ele faz atualmente.

A ordem do Espírito inaugurou uma nova era na expansão do cristianismo. Ele disse: **Apartai-me** — ou melhor, "Separem para mim" — **Barnabé e Saulo para a obra a**

que os tenho chamado. Deus designou os dois melhores homens da congregação para que desempenhassem a tarefa das "missões estrangeiras". Com muita freqüência a igreja tem, de forma egoísta, mantido os homens mais talentosos no trabalho local. Mas a chamada divina é para que aqueles que estiverem mais equipados, e os cristãos mais talentosos, levem avante o maior empreendimento do mundo — a evangelização missionária. Mais uma vez o Espírito precisava falar, e a sua voz precisava ser novamente ouvida e atendida. Nestes dias de agitação internacional, o trabalho das missões mundiais exige o melhor que a igreja puder dar.

Quando a vontade de Deus foi revelada, eles novamente jejuaram e oraram (3). Mas quem seriam **eles?** Normalmente, seriam os cinco homens mencionados acima, como aparentemente se pode entender pela palavra anterior, "eles", no versículo 2. Porém, a probabilidade aqui é que exista uma inadequada mudança no sujeito — uma característica encontrada no Antigo e no Novo Testamento — e que a referência esteja incluindo toda a congregação. Na verdade, o fato mais simples é que os cinco homens não poderíam ter imposto as mãos sobre dois deles mesmos. Parece improvável que os três remanescentes tenham imposto as mãos sobre os dois companheiros que haviam sido chamados sem envolver a igreja toda neste ato. Podemos acreditar, embora não tenha sido declarado, que a

congregação havia sido conjuntamente exortada a um culto especial de jejum e oração. Este era um instante memorável da história da Igreja — a inauguração de um importante programa missionário mundial — e era necessário procurar fervorosamente a orientação e o poder de Deus. Os dois que foram chamados também devem ter recebido a incumbência desta missão especial.

Nesta história da inauguração das missões estrangeiras, não podemos deixar de notar alguma semelhança com o "encontro de oração no monte de feno" na cidade de Williamstown, Massachusetts. Vários alunos do Williams College foram surpreendidos por uma tempestade e procuraram abrigo em um típico monte de feno da Nova Inglaterra. Ao invés de desperdiçar o tempo, ou fazerem alguma coisa pior, eles se envolveram em uma séria discussão sobre a necessidade dos pagãos que nunca tinham ouvido falar do Evangelho. Isto os levou a orar por aqueles milhões de necessitados que eram ignorantes em relação à Palavra de Deus. Mais tarde, alguns destes alunos piedosos vieram a se oferecer para, como primeiros missionários estrangeiros, deixar a costa da América. A partir desta preocupação, surgiu a primeira associação missionária dos Estados Unidos. O empreendimento missionário que nasceu de um encontro de oração em Antioquia estava sendo, a partir de inúmeros outros encontros, reiniciado.

Ao término desta ocasião especial de oração e jejum, eles **os despediram.** Em todas as outras ocorrências no Novo Testamento, essa expressão foi traduzida (KJV) como "libertar". A igreja libertou estes homens de suas obrigações domésticas para que pudessem desempenhar uma obra em outras nações.

Os ensinos dos versículos 1-3 podem ser resumidos sob o tópico "Segredos de um Serviço Bem-sucedido": 1. Esperar em Deus (2); 2. Ouvir a sua voz (2); 3. Obedecer a sua chamada (3); 4. Cooperar nas atividades da igreja (3).

2. *A Vitória* (13.4-12)

Os dois missionários não foram apenas "libertados pela igreja para

este trabalho" (Phillips), mas também foram **enviados pelo Espírito Santo** (4). Esta é a melhor combinação. Ser chamado por Deus e enviado pelo seu Espírito e, ao mesmo tempo, ser ordenado pela igreja e enviado com a sua bênção — é a norma do serviço cristão.

Os missionários literalmente **"desceram" —** à **Selência.** Este era o porto de Antioquia, 25 quilômetros a oeste da cidade e 8 quilômetros ao norte da foz do Rio Orontes, em cujas margens estava situada a cidade de Antioquia. Bruce comenta: "Geralmente, Lucas tem muito cuidado para anotar os portos de partida e chegada"[13] (cf. 14.25-26; 16.11; 18.18). Esta é uma das inúmeras provas existentes neste livro de que ele viajou por muitos lugares.

A partir da Selêucia, eles **navegaram** — literalmente "partiram". Este verbo só é encontrado em Atos (aqui e em 14.26; 20.15; 27.1).

Este é um dos vários termos náuticos usados por Lucas, um experimentado viajante do Mediterrâneo.

Eles navegaram em uma direção sudoeste a **Chipre,** uma grande ilha com cerca de 240 quilômetros de comprimento e 65 de largura. Estava situada a cerca de 100 quilômetros da costa da Síria, porém há 160 quilômetros de distância de Antioquia (ver o mapa 3). Na Antigüidade, esta ilha era conhecida pelos seus ricos depósitos de cobre que representavam um de seus principais produtos de exportação. Esta era também a origem de seu nome; em grego, *kypros* significa "cobre". Barnabé era nativo de Chipre (4.36) e era muito natural que ele desejasse ir para lá.

Os missionários desembarcaram em **Salamina** (5) "a principal cidade de Chipre",[14] e também o porto mais importante da região leste da ilha. Lá eles **anunciavam a palavra de Deus nas Sinagogas dos judeus.** A menção de **sinagogas** (plural) mostra que havia uma considerável colônia de judeus nesta cidade. Muitos deles já tinham ouvido o Evangelho (11.19), mas o trabalho de evangelização tinha apenas começado. Agora ele deveria ser levado para mais longe. Portanto, os missionários **anunciavam** — "estavam declarando" (*katengellon*) — a **palavra de Deus** (cf. 11.19 — "pregando a

palavra").

Não deixa de ser um fenômeno admirável que, desde o início de seu empreendimento missionário, estes pregadores tenham encontrado portas abertas esperando por eles sob a forma das sinagogas dos judeus. Como Barnabé e Saulo eram ambos judeus, eles podiam freqüentar os cultos do sábado e pregar o Evangelho àqueles que lá adoravam.

Os dois missionários tinham também a **João como cooperador** — ou melhor dizendo, "tinham João como ajudante" (ASV). Atualmente nos círculos religiosos, a palavra **cooperador** geralmente significa pastor ou pregador. Aqui a palavra é *hyperetes;* literalmente, "sub-remador". Este termo indica um servo que está subordinado a uma autoridade. João Marcos (cf. 12.12,25) não era o pregador deste grupo, mas aquele que ajudava os dois homens mais velhos.

Depois que Barnabé e Saulo terminaram de anunciar a Palavra de Deus em Salamina, eles fizeram uma viagem missionária por toda a ilha. **Havendo atravessado a ilha** (6) corresponde a uma única palavra grega, *dielthontes*. Ramsay diz que este verbo é "um termo técnico relativo ao progresso missionário através de um distrito"[15] (cf. 15.41). Em vez de **a ilha,** o melhor texto grego diz "toda a ilha". Ramsay acredita que esta afirmação indica terem visitado todas as comunidades judaicas da ilha pregando nas sinagogas.

Os missionários evangelizaram durante a sua caminhada através da ilha, do leste para o oeste, e finalmente chegaram a **Pafos,** que era a sede do governo romano em Chipre. Neste lugar, eles encontraram um **mágico.** A palavra é *magos,* que ocorre no versículo 8 e em outras passagens do Novo Testamento. Em Mateus 2.1,7,16, foi traduzida em algumas versões como "homens sábios" indicando, provavelmente, astrólogos da Média ou da Pérsia. Mas aqui esta palavra tem uma conotação diferente. Bruce escreve: "Como este homem era judeu, a palavra *magos* não foi usada aqui de acordo com seu sentido original ou técnico (ver 8.9), mas no sentido de "mágico".[16] Esta é a tradução correta desta passagem.

Este mágico também foi chamado de **falso profeta,** *i.e.,* alguém que estava "falsamente alegando ter uma inspiração".[17] Jesus havia prevenido sobre o aparecimento de falsos profetas (Mc 13.22).

Pela terceira vez, este homem é identificado como sendo **judeu.** Parece surpreendente que judeus pudessem se dedicar à mágica devido à condenação do Antigo Testamento contra esta prática. Mas existem amplas evidências de que realmente se dedicavam a ela. Josefo menciona um mágico judeu de Chipre.[18] Ele também diz que alguns oficiais romanos ficaram fascinados com outro mágico judeu.[19] Um dos sinais da decadência do judaísmo era que a mágica estava começando a se propagar entre os judeus.

O mágico de Pafos tinha o nome de **Barjesus.** A palavra **Bar** em aramaico corresponde a "filho". Portanto, este homem era chamado "filho de Jesus" (em hebraico, Josué).

Barjesus estava com o **procônsul (7),** ou governador romano do país de Chipre. Críticos do século XIX afirmaram que Lucas havia cometido um erro aqui. Eles insistiam que Chipre era uma província imperial, governada por um "pro-pretor" e não uma província senatorial governada por um procônsul. Portanto, pensaram que Lucas estivesse errado. Porém, descobertas posteriores confirmaram completamente a precisão do apóstolo. Chipre foi transformada em província imperial no ano **27** d.C., porém cinco anos mais tarde ela foi concedida ao senado pelo imperador e assim permaneceu como província senatorial. Como em muitas outras passagens em Atos, a arqueologia confirmou esta precisão de Lucas.[20]

O procônsul chamou Barnabé e Saulo porque **procurava muito ouvir a palavra de Deus.** Ele era um **varão prudente** — "inteligente" ou "compreensivo", que queria conhecer a natureza do ensino que estava sendo propagado em sua província.

Barjesus, o mágico, também era chamado de **Elimas** (8). Quanto à afirmação **porque assim se interpreta o seu nome,** Bruce diz: "O significado não pode ser que Elimas seja a tradução de Barjesus, pois

os dois nomes têm um significado completamente diferente".[21] A versão grega diz: "Elimas, o mágico (pois este é o significado do seu nome)".

O mágico **resistia** — "opunha-se" — aos missionários **procurando apartar** o procônsul **da fé.** Bruce comenta: "Elimas parece ter sido um dos mágicos de estimação que os grandes homens às vezes mantinham em seu séqüito, e ele tinha uma perspicaz suspeita de que se o procônsul prestasse atenção em Barnabé e Saulo, seus próprios serviços provavelmente seriam dispensados".[22]

Saulo (um nome hebraico comum) também tinha o nome de **Paulo** (9) — uma palavra latina (cf. Sérgio Paulo).[23] Uma vez que Paulo havia nascido como cidadão romano (22.27-28), mas de pais judeus (22.3), ele recebeu os dois nomes, o nome hebraico e o nome romano. Como se orgulhava do fato de ser "da tribo de Benjamim" (Fp 3.5) é provável que tenha recebido o nome do primeiro rei de Israel, Saulo, que também pertencia àquela tribo. Naturalmente, ele seria conhecido por este nome nos círculos judaicos. Mas agora que trabalharia principalmente no mundo dos gentios, chamava a si mesmo de Paulo. O fato de estar com Sérgio Paulo também pode ter tido alguma influência. Paulo podia dizer ao governador romano: "Meu nome também é Paulo".

Cheio do Espírito Santo — lit., "tendo sido cheio do Espírito Santo" (exatamente a mesma expressão de 4.8) — representa a tônica do livro de Atos. Este Espírito interior deu a Paulo uma especial inspiração e poder para esta ocasião.

Fixando os olhos é um verbo muito forte em grego. Com exceção de 2 Coríntios 3.7,13, ele foi usado somente por Lucas no Novo Testamento (dez vezes em Atos). Ele vem de um adjetivo que significa "concentrado, atento" e seu significado é "olhar fixamente".[24]

Paulo olhou atentamente o mágico e o acusou de ser **cheio de todo o engano** (10). A melhor tradução seria "falsidade". "A palavra grega significa principalmente 'isca para peixe'; depois 'engano'; e também o

'desejo' ou a 'disposição para enganar'".[26] Paulo também disse que Elimas estava cheio de **toda a malícia** — "insensibilidade, atrevimento e facilidade para praticar o mal, que é o significado original e etimológico da palavra".[26] A palavra **toda** antes do substantivo serve para acentuar a profundidade e a dimensão do mau caráter do mágico.

Paulo também chamou Elimas de **filho do diabo** (caluniador, falso acusador). O mágico era conhecido como Barjesus ("filho de Jesus"), mas na realidade era "filho do diabo". Também era um **inimigo de toda a justiça.** Quando ele cessaria **de perturbar** [a mesma palavra traduzida como "apartar" no v. 8] **os retos caminhos do Senhor** — os caminhos da salvação?

Por causa da sua oposição à verdadeira luz, o mágico ficaria **cego sem ver o sol** por algum tempo (11). Isto sugere que sua cegueira seria apenas temporária. Ele não foi castigado com tanta severidade como Ananias e Safira porque estes pecaram contra uma luz maior e também porque seus atos ameaçaram influenciar prejudicialmente toda a igreja ao estabelecer um exemplo de falsidade. E no mesmo instante, a **escuridão** — o começo de uma obscuridade na visão (esta palavra grega aparece somente aqui no NT) — e as **trevas** (o clímax da cegueira total) **caíram sobre ele. Andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão** — três palavras em grego, que querem dizer literalmente: "Andando [particípio presente de um ato contínuo], ele estava procurando [imperfeito do indicativo de um ato contínuo] algum guia". O retrato é de um cego indefeso tateando em volta, suplicando às pessoas para segurarem a sua mão e guiá-lo até a sua casa. E provável que a maioria dos espectadores tenha ficado com medo de ajudá-lo.

Não é de admirar o efeito que este fato exerceu sobre o procônsul. O procônsul **creu, admirado, na doutrina** [em grego, "ensino"] **do Senhor** (12). **Admirado** é um verbo bastante forte que significa "atingir com pânico ou choque, admirar, assustar".[27] O governador ficou dominado pelo que havia acontecido. Foi a combinação do ensino de Paulo e do castigo de Deus que "atingiu" o procônsul daquela

maneira tão violenta. Lumby comenta: “Ele ficou convencido, pelo milagre e pelas palavras com as quais o fato foi acompanhado, de que os apóstolos eram os mestres do caminho do Senhor que ele estivera procurando em vão em Elimas”.[28] Acreditar no contexto de Atos significa aceitar a Cristo como seu Salvador e, dessa forma, tornar-se cristão.

B.AÁsia Menor, 13.13—14.28.

1. *Antioquia da Pisídia* (13.13-52)

a. A Sinagoga (13.13-15). Aexpressão **Paulo e os que estavam com ele** (13) — lit., “aqueles ao seu redor” — é extremamente significativa. Ela sugere uma nova liderança para este grupo missionário. Até o momento, tinha sido “Barnabé e Saulo”. Mas de agora em diante será “Paulo e Barnabé”.

As duas únicas exceções estão relacionadas com o Concilio de Jerusalém (15.12,25), onde os líderes judeus naturalmente chamariam primeiro Barnabé, e em Listra (14.14), onde Barnabé foi confundido com Júpiter, o maior deus.

O grupo de Paulo partiu de **Pafos.** O verbo significa literalmente “navegou”. Somente Lucas usa este verbo em um sentido náutico (treze vezes em Atos e uma vez em Lc 8.22). Este representa a familiaridade que Lucas tinha com o mar. Os judeus eram conhecidos por serem péssimos marinheiros. Mas Lucas, que foi provavelmente o único escritor não judeu do Novo Testamento, aparentemente gostava muito de viajar em alto mar.

Os missionários chegaram a **Perge da Panfília** (ver o mapa 3). Era uma viagem de cerca de 270 quilômetros até o continente da Ásia Menor. **Perge** estava cerca de 13 quilômetros de distância de Cestrus, e talvez a 8 quilômetros do rio. E provável que tenham desembarcado no principal porto de Atália (cf. 14.25), e caminhado até Perge. **Panfília** era um território que ficava entre os montes Taurus e o mar Mediterrâneo, na região onde agora está situada a Turquia. No ano 43 d.C., ela havia se unido à Lícia (no oeste) para formar uma

província imperial.

Mais uma vez (cf. 5), o nome de João Marcos é mencionado e foi incluída uma noticia triste: **João apartando-se deles voltou para Jerusalém** (13). Não ficamos sabendo a razão, mas ele pode ter sido influenciado por uma combinação de fatores. Pode ter sido uma disfarçada saudade que o levou de volta à casa de sua mãe em Jerusalém. Também é inteiramente possível, e até provável, que ele tenha se ressentido do fato de Paulo assumir a liderança do grupo, como está refletido na frase: **Paulo e os que estavam com ele.** Mas, o Espírito Santo não tinha designado "Barnabé e Saulo" como missionários? (2) Que direito tinha Paulo de usurpar o primeiro lugar? O fato de João Marcos ser primo de Barnabé (Cl 4.10, NEB) poderia levá-lo a ser mais solícito em relação ao seu parente. Talvez o jovem ajudante tivesse entendido que a viagem missionária incluiria apenas Chipre, a terra natal de Barnabé, e ele não estivesse feliz com a ida ao continente.

Outra possibilidade foi sugerida no versículo seguinte. Paulo e Barnabé deixaram as pantanosas terras baixas e subiram a região montanhosa da Galácia. Por quê? Na epístola aos Gálatas, Paulo sugere uma resposta. Ele diz: "Vós sabeis que por causa de uma enfermidade da carne vos preguei o Evangelho a primeira vez" (G14.13, NASB). Sir William Ramsay entende que, na Panfília, o apóstolo pode ter sofrido uma recaída de malária crônica.[29] Lake e Cadbury comentam: "A natureza geralmente infestada de malária da costa e o clima muito mais saudável de Antioquia (1.000 metros acima do nível do mar) torna bastante provável a sugestão de Ramsay de que Paulo havia sofrido de malária em Perge".[30] Podemos imaginar que Paulo falasse com Barnabé sobre a necessidade de sua ida a uma altitude mais elevada. Barnabé, de coração generoso e magnânimo, concordou em ir. Mas seu jovem primo se recusou. Se Paulo tinha entendido os sinais, ele estava indo para casa. Além disso, era muito perigoso subir as montanhas infestadas por ladrões e cortadas por traiçoeiras torrentes de água. Ele não estava disposto a arriscar a sua vida. Portanto, foi para casa.

Depois da partida do seu ajudante, Paulo e Barnabé saíram de **Perge** (14) — literalmente "tendo atravessado Perge" [ver o comentário sobre v. 6] — e **chegaram a Antioquia da Pisídia** (esta expressão está de acordo com o melhor texto grego). Na verdade, "Antioquia não estava em Psídia, mas era perto da Pisídia".[31] Ela foi chamada de Antioquia da Pisídia para ser diferenciada de Antioquia da Síria, de onde tinha vindo o grupo de missionários. Ramsay diz que Antioquia da Pisídia se refere a "uma cidade da Frigia em direção à Pisídia".[32] Bruce escreve: "A Antioquia da Pisídia estava, na verdade, em uma região provavelmente chamada Frigia Galática, e era um centro civil e militar daquela parte da província".[33] Mais tarde, no ano 295 d.C., Antioquia tornou-se uma parte da Pisídia. Anteriormente, ela havia sido transformada em uma colônia romana por Augusto.[34] Desde o início de sua carreira missionária, Paulo seguiu a política de evangelizar nos grandes centros metropolitanos.

Na Antioquia da Pisídia, os dois missionários entraram **na sinagoga, num dia de sábado,** e se sentaram. Fazendo isto, eles estavam seguindo o exemplo deixado pelo Mestre (Lc 4.16). Em relação a esta forma de devoção, Bruce diz: "No primeiro século, o culto da sinagoga consistia (a) do Shema ("Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor), *(b)* da oração do líder, (c) da leitura da Lei (e, no sábado e nos dias festivos, da leitura dos Profetas), (*d*) de um sermão proferido por algum membro capacitado da congregação".[36]

A Lei (15) consistia no Pentateuco, os primeiros cinco livros das Escrituras. No cânon hebraico, os **Profetas** incluem os chamados "profetas antigos" — Josué, Juizes, **1** e 2 Samuel, 1 e 2 Reis — e os "profetas posteriores" — Isaías, Jeremias, Ezequiel e o livro dos Doze (Profetas Menores). O resto do cânon hebraico estava agrupado na terceira divisão chamada de Hagiógrafa ("Escritos Sagrados").

Depois da leitura de determinadas lições da Lei e escritos dos Profetas, foi enviada uma mensagem aos visitantes pelos **principais da sinagoga** — o plural sugere que havia mais de um deles oficiando. Adam Clarke descreve **varões irmãos** como "uma maneira hebraica para dizer 'Vós homens que sois nossos irmãos', *i.e.*, judeus como

nós mesmos".[36]

A mensagem aos missionários era: **Se tendes alguma palavra de consolação para o povo, falai.** A palavra **consolação** pode ser precisamente traduzida como "encorajamento" (Phillips) ou "conforto". Em vista do fato dos judeus chamarem a vinda do Messias de "Consolação de Israel" (cf. Lc 2.25), Clarke diz: "Aqui, a palavra*paraklesis* deve ser entendida com o significado de consolação e isto em referência ao Messias... Paulo mostrou o carinho e a proteção de Deus para com o seu povo, Israel, e a abundante provisão que havia feito para a sua salvação através de Jesus Cristo".[37]

6. O *Sermão* (13.16-41). O primeiro sermão registrado do apóstolo Paulo é surpreendentemente semelhante ao de Estêvão (7.2-53), no sentido de que ambos fazem um resumo histórico da conduta de Deus em relação ao seu povo. No entanto, o discurso de Paulo não é uma absoluta repetição do outro. Enquanto Estêvão começa com Abraão e os patriarcas, Paulo começa com o Êxodo.

Alexander faz a seguinte síntese do conteúdo deste sermão: "Começando com uma breve descrição da antiga história de Israel, como a igreja primitiva ou o povo escolhido, desde a sua primeira vocação até o reinado de Davi (17-22), o apóstolo de repente apresenta Jesus como herdeiro daquele rei e o prometido Salvador (23) citando João Batista como sua testemunha e seu precursor (24-25); em seguida, ele faz a oferta da salvação através de Cristo a ambas as classes de ouvintes (26), descrevendo sua rejeição pelos judeus de Jerusalém (27), sua morte, sepultamento e ressurreição (28-31). Tudo isso representa o cumprimento da promessa de Deus aos antepassados (32) e as profecias específicas, três das quais ele cita, interpreta e aplica a Cristo (33-37), terminando com outra fervorosa oferta de salvação (38-39) e uma solene advertência contra a incredulidade (40-41)".[38]

(1) *De Moisés a João* (13.16-25). Jesus obedecia ao costume dos rabinos judeus de ficar sentado enquanto ensinava o povo (cf. Mt 5.1; Lc 4.10), porém aqui em Antioquia da Pisídia Paulo se levantou (16),

seguindo a maneira dos oradores gregos e romanos. **Pedindo silêncio com a mão** para ganhar a atenção dos presentes (cf. 21.40), ele se dirigiu aos ouvintes como **varões israelitas** — lit. "homens, israelitas", *i.e.,* "companheiros israelitas" — **e os que temeis a Deus.** Os tementes a Deus eram aqueles que adoravam na sinagoga e observavam o sábado. Este termo talvez pudesse incluir os gentios prosélitos (ver os comentários sobre 10.2).

Uma das maiores ênfases do Antigo Testamento está no fato de Deus ter escolhido (17) Abraão e seus descendentes para serem o seu povo da Aliança (cf. Êx 6.1,4,6; 13.14,16). O mesmo verbo grego para **escolheu** é usado repetidamente na Septuaginta para expressar esta idéia *(e.g.,* Dt 7.7; 14.2; SI 33.12; 77.8). Ele **exaltou o povo** tornando-o poderoso e forte. **Com braço poderoso** — expressão hebraica para grande poder — Deus tirou-o do Egito.

Deus **suportou os seus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos** (18) — ou "como um pai cuidadoso ele o conduziu no deserto" (ASV). A diferença entre essas duas traduções é uma questão de apenas uma letra em grego. A versão KJV traduz *etropophoresen,* enquanto a ASV traduz *etrophophoresen* ("nutrir, conduzir como uma ama"). A evidência existente nos manuscritos é tão equilibrada que é quase impossível ter certeza sobre qual seria a mais correta. A tradução da KJV é essencialmente acompanhada pelas versões RSV e NEB. A confusão no texto vai até a Septuaginta de Deuteronômio 1.31, que Paulo está evidentemente citando. Bruce escreve: "A palavra hebraica é *nasa,* que pode significar 'carregar' ou 'suportar', e poderia ser representada pelas duas palavras gregas".[39] Adam Clarke oferece aquela que provavelmente seria a melhor conclusão, quando escreve: "Ambas, quando corretamente entendidas, falam praticamente no mesmo sentido, mas a última [ASV] é mais expressiva e combina melhor com o discurso de Paulo e com a história à qual ele está fazendo uma alusão".[40]

Rapidamente, Paulo analisa a subseqüente história de Israel até à época de Davi. Deus destruiu **sete nações** (19) — heteus, girgaseus, amorreus, cananeus, ferezeus [ou perizeus], heveus e jebuseus (Dt

7.1) — **na terra de Canaã** e **deu-lhes por sorte a terra deles** — "como herança".

E, depois disto, por quase quatrocentos e cinqüenta anos, lhes deu juizes, até ao profeta Samuel (20). Isto apresenta um problema cronológico que se reflete nas diferentes redações dos manuscritos. O melhor texto grego coloca a frase **por quase quatrocentos e cinqüenta anos** no versículo 19, e não no 20. Bruce diz a respeito desta redação: "Ela é a melhor explicação para cobrir os 400 anos de viagem... os 40 anos no deserto e o período que transcorreu desde a entrada em Canaã até à distribuição de terras em Josué 14".[41] O problema na tradução da versão KJV em inglês é que ela não pode ser harmonizada com a declaração em 1 Reis 6.1, de que o quarto ano de Salomão aconteceu 480 anos depois do Êxodo. Isto não poderia ser verdade se o período dos Juizes tivesse 450 anos. Rackham afirma que o período de 450 anos começou com a promessa feita a Abraão de que a sua semente herdaria a terra.[42]

O período dos **juizes** terminou com **o profeta Samuel,** que era considerado pelos judeus o primeiro profeta desde Moisés. Mas, depois de Samuel, continuou a haver profetas em Israel ao longo de todo o Antigo Testamento. Segundo a observação de Lake e Cadbury: "Da mesma forma como consta nos primeiros capítulos de 1 Samuel, ele é a ligação entre os Juizes e os Profetas, e pode ser considerado como qualquer um deles".[43]

Antes da morte de Samuel, os israelitas já tinham pedido **um rei** (21). Então Deus lhes deu **Saul, filho de Quis.** Ele era da **tribo de Benjamim,** assim como o próprio orador (ver os comentários sobre v. 9). A duração do reinado de Saul consta aqui como **quarenta anos,** mas isto não está indicado de forma definitiva no Antigo Testamento. No entanto, foi confirmado por Josefo, que escreve: "Agora Saul, que reinara dezoito anos enquanto Samuel estava vivo, e vinte e dois depois da sua morte, terminou a sua vida desta maneira".[44] Em outra passagem, entretanto, ele diz que Saul reinou durante vinte anos.[45] Mas será que isto não seria um arredondamento do número quanto à duração do seu reino depois da morte de Samuel, que ainda poderia

ser considerado como juiz?

Como Saul desobedeceu, **foi retirado** por Deus (22) da posição de rei (por causa de sua morte prematura), e **Davi** foi estabelecido pelo Senhor em seu lugar. Assim, entendemos que a eleição divina está sujeita à obediência humana. Deus escolheu Saul, mas o rejeitou porque ele desobedeceu. Da mesma forma, Israel seria **retirado** por causa da sua desobediência e a igreja de Jesus Cristo tomaria o lugar de Israel como o povo de Deus.

O **testemunho** divino a respeito de Davi consiste em três citações do Antigo Testamento combinadas em uma só — uma característica comum no Novo Testamento. A frase **Achei a Davi** vem de Salmos 89.20. **Varão conforme o meu coração** vem de 1 Samuel 13.14, e **que executará toda a minha vontade** vem de Isaías 44.28.

Da descendência deste (cf. Rm **1.3) trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus (23).** Esta era a essência da mensagem de Paulo para a qual toda a introdução histórica havia apenas preparado o caminho.

João Batista havia "antes da vinda dele, pregado a todo o povo de Israel o batismo do arrependimento" (lit., 24). A palavra **vinda** provavelmente se refere ao início do ministério público de Jesus. João havia declarado: **Eu não sou o Cristo** (25) — *i.e.,* o Messias. Antes, **após mim vem aquele a quem não sou digno de desatar as sandálias dos pés** (cf. Lc 3.16).

(2) *O Messias crucificado e ressurrecto* (13.26-41). Novamente (cf. 16), Paulo se dirige a ambos; aos judeus — **filhos da geração de Abraão** (26) e-aos gentios tementes a

Deus. **A** eles é **enviada a palavra desta salvação.** Mas os habitantes de Jerusalém e os **seus príncipes** (27), como ignoravam Jesus e as **vozes dos profetas que se lêem**

todos os sábados no culto das sinagogas, haviam **cumprido** aquelas mesmas profecias condenando Jesus à morte. **Embora não**

achassem alguma causa de morte (28), ainda assim convenceram Pilatos a condená-lo à morte. Quando já tinham **cumprido** as profecias do Antigo Testamento a seu respeito (29), eles removeram seu corpo da cruz e o colocaram no sepulcro. Para sermos mais específicos, foi José de Arimatéia que o sepultou (Mt 27.57-60).

Em seguida, vem uma das principais ênfases da pregação apostólica: **Deus o ressuscitou dos mortos** (30). Era necessário que os cristãos primitivos estivessem presentes na ressurreição para comprovar que Jesus era o Messias e o Salvador. Uma vez que a ressurreição de Cristo representa a garantia que temos nele, ela deveria se tornar a parte principal das pregações atuais do Evangelho.

O Cristo ressuscitado... **por muitos dias, foi visto** — na verdade foram quarenta dias (cf. 1.3) — pelos seus discípulos, que vieram **da Galiléia a Jerusalém** (31). Isto está de acordo com os relatos nos Evangelhos e em Atos 1. Aqueles que o viram **são suas testemunhas para com o povo.**

Paulo prosseguiu anunciando **o evangelho** (32; *evangelizometha),* mostrando que a promessa divina aos **pais** foi cumprida por Deus (32) **a nós, seus filhos**[46] ao ressuscitar Jesus. A promessa citada por Paulo é: **Meu filho és tu; hoje te gerei** (SI 2.7). Parece muito natural entender a palavra **ressuscitaria** como uma referência à ressurreição de Jesus "dentre os mortos" (NEB). Porém, muitos e excelentes estudiosos insistem que é a encarnação que está aqui subentendida, enquanto a ressurreição está no versículo 34.[47]

As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei (34) representa o texto hebraico de Isaías 55.3. Mas aqui o texto grego corresponde a uma citação da Septuaginta desta passagem: "Eu vou dar a vocês as bênçãos sagradas e certas que prometi a Davi" (NTLH). Lake e Cadbury comentam: "E importante observar que toda a argumentação está baseada na LXX e irá desaparecer se o discurso não for em grego".[48] A citação no versículo 35 vem de Salmos 16.10. No versículo 36, Paulo argumenta que, como Davi havia morrido, essas passagens devem se aplicar ao Messias. Ele é o Único que não viu

nenhuma corrupção (37).

A conclusão de tudo isto é **que por este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê** (38-39). Este é o ponto sobre o qual Paulo desenvolve intensamente os seus escritos em Gálatas e Romanos. Ele é a essência da sua mensagem aos judeus.

O sermão termina com uma advertência aos ouvintes para que a sua rejeição aos Evangelhos não traga sobre eles a predição profética de Habacuque 1.5.

c. *Corações Famintos* (13.42-43). Os **judeus** saíram da **sinagoga** (42), mas **os gentios** permaneceram para implorar aos missionários que lhes pregassem mais sobre esta verdade **no sábado seguinte.** Seus corações estavam famintos para ouvir mais a respeito de Jesus, o Salvador. **Muitos dos judeus e dos prosélitos religiosos seguiram Paulo e Barnabé** (43). Os apóstolos insistiram para que eles **permanecessem na graça de Deus.**

d. Judeus Invejosos (13.44-47). Este interesse foi provocado pela visita dos dois missionários, de forma que **no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus** (44). Mas **os judeus, vendo a multidão** que havia se reunido para ouvir Paulo e Barnabé, **encheram-se de inveja** (45). Esta era a mesma inveja que havia causado a morte de Jesus. Recusando-se a aceitar a Palavra de Deus, esses líderes religiosos se opunham à pregação dos apóstolos, de modo que, **blasfemando, contradiziam** (falavam contra) **o que Paulo dizia.** Eles sem dúvida blasfemavam o nome de Jesus, como se o Senhor fosse um impostor.

Paulo e Barnabé informaram aos judeus que **era mister** (46) que o Evangelho fosse pregado primeiro a eles (cf. Rm 1.16). Mas, como eles o haviam rejeitado, estavam condenando-se como indignos da vida eterna, e assim Paulo e Barnabé se voltaram **para os gentios.** Este era um fato que, de agora em diante, iria se repetir cidade após cidade — os judeus rejeitando o Evangelho e os gentios aceitando. Tudo isso

era o cumprimento da profecia (47) de Isaías 49.6 — palavras originalmente dirigidas a Israel, mas aplicadas a Cristo em Lucas 2.32. Paulo então afirma que Deus o havia nomeado para ser a **luz dos gentios,** para levar o Evangelho **até aos confins da terra,** *i.e.,* os limites do Império Romano (no caso de Paulo).

e. *Avivamento e Tumulto* (13.48-52). Os gentios se alegraram com estas boas notícias e **glorificavam a palavra do Senhor** (48), que agora lhes seria pregada. Uma observação foi incluída: **creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna.** Adam Clarke enfatiza o fato de o único verbo traduzido como **ordenados** "não incluir nenhuma idéia de uma pré-ordenação ou pré-destinação de qualquer espécie".[49] Ele continua dizendo que a palavra *tasso* "significa *colocar, estabelecer, ordenar, nomear, dispor*; portanto, precisa ser considerada aqui implicando a *disposição* ou *a atitude mental* de várias pessoas da congregação, tais como os *prosélitos religiosos* mencionados no versículo 43, que possuíam uma disposição *diferente* da dos judeus que *falavam contra estas coisas, contradizendo e blasfemando,* no versículo 45".[50] Em outras palavras, os prosélitos "neste bom *estado* e *ordem* de pensamento, creram".[51] Lumby chama a atenção para o uso militar da palavra *tasso, i.e.,* arranjar as tropas em ordem, e diz: "Assim os gentios estavam se organizando, e foram ordenados para a vida eterna. O texto não diz qualquer palavra que nos leve a pensar que daí por diante alguém pudesse mudar de lado".[52] Os judeus e os gentios haviam se ordenado em lados opostos na questão da pregação apostólica, mas isto não definia inalteravelmente o seu destino.

Não só muitos gentios aceitaram Cristo como também **a palavra do Senhor se divulgava** — lit., era "propagada" ou "levada" — **por toda aquela província** (49). A política de Paulo era concentrar-se nas grandes cidades e deixar que o trabalho da evangelização se irradiasse a partir destes centros.

Não contentes em se oporem à pregação dos apóstolos na sinagoga, os **judeus incitaram algumas mulheres religiosas e honestas** (50). A palavra **honestas** (ou de alta posição) significa "ricas". Elas eram

religiosas, *i.e.,* devotas na sinagoga. Elas foram incitadas, juntamente com os **principais da cidade** a perseguir Paulo e Barnabé. Finalmente, eles **lançaram fora** os missionários — lit., os "expulsaram" dos seus **limites** (distrito).

Os apóstolos sacudiram... **contra eles o pó dos pés** (51). Este ato era em obediência à ordem Cristo (cf. Mt 10.14; Mc 6.11; Lc 9.5; 10.11). Os judeus faziam isto muitas vezes quando voltavam do território dos gentios. Portanto, aqui ele pode significar que Paulo e Barnabé consideravam esses judeus que rejeitavam a Cristo como "pagãos".

Expulsos de Antioquia da Pisídia, os dois missionários partiram para **Icônio.** Atualmente, este lugar se chama Konya. Como estava situada na junção de várias estradas, essa cidade sempre foi muito importante. Na época do Novo Testamento, ela se localizava na região da Frigia, que fazia parte da província romana da Galácia.

Apesar de tudo que havia acontecido, **os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo** (52). Esta afirmação é muitas vezes, mas não usualmente, aplicada a Paulo e Barnabé. Mas Alexander sugere: "Os discípulos que foram assim afetados eram sem dúvida os judeus convertidos e os gentios que os missionários haviam deixado para trás em Antioquia e contra quem a perseguição talvez tenha continuado durante algum tempo".[58] Os discípulos **estavam cheios de alegria** precisamente porque **estavam cheios... do Espírito Santo.**

Alexander Maclaren usa este texto (52) como base para o sermão "Cheio do Espírito Santo". 1. Que esta possa ser a experiência de todo cristão; 2. O resultado daquela vida universal e abundante; 3. A maneira pela qual também podemos ser cheios.

2. *Icônio* (14.1-7)

Em Icônio (ver o mapa 3), os dois missionários praticaram a mesma política de Antioquia da Pisídia. Entraram **juntos** na sinagoga (1) significa "da mesma forma" ou "da mesma maneira" (cf. Phillips — "Muitas coisas semelhantes aconteceram em Icônio"). A expressão

sinagoga dos judeus mostra que Lucas está escrevendo para os gentios. Ali, Paulo e Barnabé **falaram de tal modo, que creu uma grande multidão, não só de judeus, mas também de gregos.** Aparentemente, mais judeus foram salvos em Icônio do que em Antioquia da Pisídia.

Aqui, novamente, a oposição partiu dos judeus **incrédulos** (2). Esta palavra pode ser traduzida mais adequadamente como "desobedientes" (ASV). Lumby diz: "Esta palavra é mais forte do que 'incrédulo', pois expressa a descrença que se transforma em rebelião; portanto, ela descreve exatamente o caráter destes judeus que estavam perseguindo Paulo e Barnabé".[54] Ele ainda acrescenta: "É notável através do livro de Atos que a perseguição pareça ter se originado, em cada caso, entre os judeus".[56] Os adversários judeus **incitaram e irritaram, contra os irmãos, os ânimos dos gentios;** eles "envenenaram os seus pensamentos" (NEB).

A fim de combater essa oposição dos judeus (ou apesar dela), os missionários "detiveram-se"[66] **muito tempo** em Icônio, **falando ousadamente acerca do Senhor** [ou *no* Senhor] (3). O termo *no,* que consta em algumas versões, significa literalmente "sobre" (*epi*), no sentido de *fundamentado em.* Uma boa tradução seria "confiando no Senhor" (NEB). Alexander comenta: *"No Senhor,* ou *com Ele, i.e.,* na confiança dele e pela sua autoridade, sendo que as duas idéias são sugeridas pela frase seguinte".[67]

O Senhor **dava testemunho à palavra da sua graça.** Provavelmente, isto quer dizer que o Espírito Santo testemunhava ao coração dos ouvintes que aquilo que os missionários estavam pregando era a verdade. Ele permitiu também que **por suas mãos se fizessem sinais e prodígios.** Os milagres deveriam convencer aqueles que "pediam um sinal" (1 Co 1.22).

O resultado da pregação foi que **dividiu-se a multidão da cidade** (4). Este é o resultado inevitável da proclamação do Evangelho. A apresentação de Cristo provoca uma crise: os homens o aceitam ou o rejeitam. Esta é a explicação das estranhas palavras de Jesus:

"Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas, antes, dissensão" (Lc 12.51).

Portanto, em Icônio **uns eram pelos judeus,** rejeitando o Evangelho, **e outros, pelos apóstolos.** Tanto Paulo como Barnabé são mencionados aqui como **apóstolos.** No início, este termo era aplicado somente aos doze. Mas o próprio Paulo se intitula apóstolo no início de suas treze epístolas. Somente aqui Barnabé também tem esse nome. Alexander sugere: "Paulo e Barnabé são ambos chamados aqui de **apóstolos,** não em um sentido de diferenciação técnica, mas no sentido principal e mais amplo de *missionários,* de ministros que foram enviados para realizar um trabalho especial".[58]

Finalmente, o conflito atingiu um clímax. **Um motim** (5) foi organizado **tanto pelos judeus como pelos gentios.** Provavelmente, esta é uma tradução muito forte deste substantivo, que significa "um impulso violento" ou "um movimento hostil". Lumby comenta: "Esta palavra se refere mais à agitação, insistência, instigação que os judeus estavam aplicando em seus companheiros pagãos, e que provavelmente iria terminar em violência".[59] No próximo versículo, fica implícito que os apóstolos perceberam essa crescente oposição e deixaram a cidade antes que uma verdadeira agressão lhes fosse dirigida.

A intenção dos **gentios,** dos **judeus** e dos seus **principais** era insultá-los — "ultrajar, insultar, tratar com insolência"[60] e apedrejá-los. Isto mostra que a oposição era instigada pelos judeus, pois esta era a forma que os judeus usavam para castigar. Eles provavelmente consideravam estes missionários culpados de blasfêmia em suas pregações a respeito de Jesus.

Quando os apóstolos perceberam o que estava sendo planejado, eles **fugiram[61] para Listra e Derbe** (ver o mapa 3), **cidades da Licaônia** (6) — uma região da província da Galácia. Isto implica que, nesta época, Icônio não pertencia a Licaônia, mas à Frigia. Ramsay destaca o fato de que isto realmente aconteceu apenas entre os anos 37 e 72 d.C.,[62] quando Paulo e Barnabé estiveram nesta área. Mais

uma vez, foi provado que Lucas estava historicamente certo.

De Icônio a Listra, a distância era de aproximadamente 32 quilômetros, ou cerca de um dia de viagem à pé. A localização de Listra foi identificada em 1885 através de uma inscrição onde está declarado que Augusto tinha transformado este local em uma colônia de Roma. **Ali** eles **pregavam o evangelho** (7)—literalmente "estavam evangelizando".

3. *Listra* (14.8-19)

Nesta cidade, os missionários encontraram um homem que tinha sido **coxo** desde o seu nascimento (8), e que nunca tinha andado. Ele **era leso dos pés.** Este adjetivo é geralmente traduzido como "impossível" no Novo Testamento. Somente aqui ele tem a conotação de "fisicamente impotente", um sentido freqüentemente encontrado nos escritos médicos.[63] Do ponto de vista humano, o problema deste homem não tinha cura.

O coxo **ouviu** Paulo falar (9) — lit., "estava ouvindo Paulo quando ele falou". Evidentemente, o homem estava ouvindo cuidadosamente. O pregador, **fixando nele os olhos** — *atenisas,* a mesma forma usada por Pedro quando olhou para o coxo em 3.4 — e vendo que ele "tinha" (lit.) **fé para ser curado,** ordenou em voz alta: **Levanta-te direito** — *orthos,* "reto" — **sobre teus pés** (10). Isto era pedir o impossível. Mas quando o homem *se dispôs* a obedecer, Deus enviou o poder. O indefeso coxo repentinamente **saltou** sobre os pés (tempo aoristo) e "andou", no sentido de andar continuamente (tempo imperfeito do verbo). Como em muitos outros casos nos Evangelhos e em Atos, a fé foi demonstrada em obediência a uma ordem e recompensada com o poder divino.

A costumeira reação popular veio em seguida. Paulo tinha estado falando em grego, língua habitualmente usada em todo o Império Romano. Mas, quando o povo de Listra se agitou, as pessoas passaram a gritar **em língua licaônica (11),** que era a sua língua de origem. Aparentemente, este ponto foi mencionado para explicar por que os apóstolos não perceberam imediatamente o que a multidão estava

dizendo ou falando.

A conclusão que o povo tirou deste milagre foi: "Os deuses estão se tornando como homens, e descendo a nós" (trad. literal). Alexander escreve: "Essa linguagem concorda perfeitamente, não só com a crença geral em tais epifanias ou teofanias — as aparições divinas sob forma humana, encontradas em Homero e nos últimos clássicos — mas também com a superstição local e com as tradições do próprio país onde as palavras foram pronunciadas, *Licaônia,* assim chamada por causa de *Licáon (ou Licaão),* cuja recepção fatal de Júpiter está em uma das fábulas de Ovídio, no primeiro livro de suas Metamorfoses. No oitavo, ele conta a interessante, mas fabulosa, história da visita feita a Filemon e Báucis, na adjacente província da Frigia, por Júpiter e Mercúrio, os mesmos deuses mencionados no versículo seguinte".[64]

De acordo com estes supersticiosos licaônios, **Bamabé** (12) era chamado de **Júpiter** e **Paulo** foi identificado com **Mercúrio,** nomes romanos para os deuses gregos Zeus e Hermes. Paulo foi chamado de **Mercúrio, porque este era o que falava** — lit., "era o que tinha a voz principal" (ou discurso). A crença daquela época era que Hermes era o porta-voz de Zeus. De acordo com um modelo tipicamente oriental, acreditavam que o deus principal só iria se comunicar através de um subordinado. A distinção feita aqui não indica necessariamente qualquer diferença nas aparências. Significa simplesmente que Paulo **era o que falava,** o principal portador da palavra.

O sacerdote de Júpiter (Zeus), cujo templo estava em frente à cidade (13; ASV; cf. RSV, Phillips, NEB), trouxe para a entrada da porta **touros e grinaldas.** As **grinaldas** eram "às vezes colocadas sobre a cabeça das vítimas, e às vezes usadas pelos religiosos para suas decorações nos ritos da religião".[65] Ele trouxe touros e grinaldas **para a entrada** [um lugar público] **e queria com a multidão sacrificar-lhes.** Em relação ao culto a Zeus e Hermes, Bruce escreve: "Das duas inscrições de Sedasa, perto de Listra, que datam aproximadamente do ano 250 d.C., descobertas pelo Prof. W. M. Calder, uma registra a dedicação de uma estátua de Hermes a Zeus

junto com um relógio de sol, por homens com nomes licaônicos, enquanto a outra menciona "sacerdotes de Zeus".[66]

Quando Barnabé e Paulo souberam o que estava acontecendo, eles **rasgaram as suas vestes** (14), horrorizados com a blasfêmia dessa tentativa de adorá-los como deuses — e **saltaram** — o melhor texto grego diz "pularam" — **para o meio da multidão.** Lumby pensa que "saltaram" torna impossível aceitar "portas" (13) como uma referência às portas da cidade, e sim à entrada da casa onde os apóstolos estavam hospedados".[67] Provavelmente, a idéia é que eles correram através dos portões da cidade até o espaço entre eles e o templo de Zeus.

O discurso dos apóstolos aos licaônios (15-17) tem uma notável semelhança com o discurso de Paulo perante o Areópago em Atenas (17.22-31). Em nenhum dos casos foi feita qualquer referência à divina revelação das Escrituras — que a audiência pagã desconhecia —, mas o apelo era à revelação de Deus na natureza. Esta é a primeira ocorrência, em Atos, da pregação do Evangelho a uma audiência totalmente pagã.

De forma cortês, os missionários gritaram: **"Varões** (em grego, "homens") por que fazeis essas coisas?" **(15) Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões;** ou: "Somos apenas seres humanos com sentimentos iguais aos vossos" (Phillips). A principal ênfase para essa audiência pagã era que eles deveríam converter-se **dessas vaidades** (ídolos, lit. "coisas inúteis") **ao Deus vivo.** Ele é o Único que **fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há neles** — uma citação de Êxodo 20.11 (exatamente a mesma de 4.24).

Em sua grande misericórdia e clemência, Deus não destrói os pagãos por causa de suas falsas crenças, mas **nos tempos passados**—lit., "em gerações passadas" **(ASV) — deixou andar todos os povos em seus próprios caminhos (16).** Esta frase tem uma grande semelhança com a afirmação de Paulo em **17.30** — "Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância..." *(i.e.,* "ignorou").

Mas Deus não se deixou a si mesmo **sem testemunho** (17). Sua bondade providencial para com todos os homens — **chuvas e tempos frutíferos** — é uma lembrança constante de seu amor e poder. Os deuses pagãos eram impotentes para trazer a chuva — "Haverá porventura entre as vaidades [cf. **vaidades,** 15] dos gentios alguma que faça chover?" (Jr 14.22).

Mesmo com estes argumentos, eles "com dificuldade" **impediram** — "fizeram cessar" — **que as multidões lhes sacrificassem (18).** Fica difícil controlar o fervor religioso quando este é provocado. Muitas vezes, as pessoas não gostam de ser esclarecidas quando a verdade é conflitante com os seus propósitos e desejos.

Enquanto o povo de Listra estava talvez sofrendo sob o desapontamento de Barnabé e Paulo não serem realmente Zeus e Hermes, **sobrevieram... uns judeus de Antioquia** (19) — há mais de 160 quilômetros de distância — **e de Icônio.** Estes invejosos judeus (cf. 13.45,50; 14.2), mostrando um ódio extremo pelos apóstolos, seguiram os dois à pé por toda aquela distância. Eles convenceram o povo de Listra — talvez atribuindo o milagre da cura a um poder demoníaco (cf. Mt 12.24) — e **apedrejaram a Paulo** (cf. 2 Coríntios 11.25). Depois, **arrastaram** o apóstolo **para fora da cidade, cuidando que estava morto.**

Parece que os fanáticos opositores do cristianismo tinham alcançado o seu objetivo. O maior ressentimento estava evidentemente dirigido contra Paulo, porque ele era o principal orador. .

4. *Derbe e o Retorno* (14.20-28)

a. Organizando Igrejas (14.20-23). No plano divino, a obra da vida de Paulo ainda não havia terminado. Um grupo de discípulos o rodeou (20) — "circundaram-no" *(cyclosanton).* No curto período em que esteve em Listra, ele havia conquistado alguns convertidos e, sem dúvida, entre eles estava o jovem Timóteo (cf. **16.1; 1** Timóteo **1.2).** Eles estavam arriscando a vida ao se colocarem em volta do corpo de Paulo. De repente, para alegria e admiração destes discípulos, Paulo se levantou. Sobre a importância deste verbo,

Lumby escreve: “A palavra *anastas* transmite a impressão de que se tratava de uma ressurreição dos mortos e que a recuperação do apóstolo, e sua imediata exibição de vigor e de coragem para entrar novamente na cidade, fossem o resultado de um milagre”.[68] E acrescenta: “O fato de alguém que fora apedrejado e abandonado como morto por uma multidão selvagem conseguir reviver e caminhar como se nada tivesse acontecido deve ter sido uma prova ainda mais assustadora do supremo poder de Deus, presente entre esses mestres, do que aquele que fora presenciado pelo povo na cura do coxo”.[69]

No dia seguinte — talvez depois de ter passado a noite na casa de Timóteo, onde teve a oportunidade de observar a profunda devoção da mãe e da avó do jovem (2 Tm **1.5)** — Paulo **saiu, com Barnabé, para Derbe.** O fato de ter sido capaz de caminhar uma distância de cerca de 100 quilômetros mostra que estava totalmente recuperado dos efeitos do apedrejamento. Anos mais tarde, pouco antes de sua morte, Paulo lembrou a Timóteo das “perseguições (e) aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou” (2 Tm **3.11).**

Há alguns anos **(1933),** Lake e Cadbury puderam dizer que a localização de **Derbe** “ainda não tinha sido completamente identificada”.[70] Porém, descobertas recentes fixaram sua localização, com grande certeza, cerca de **100** quilômetros a sudeste de Listra.[71]

A evangelização de Derbe está descrita em apenas duas frases: **E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos** (21) — ou "... conquistado muitos adeptos” (ASV). O verbo *matheteuo* vem de *mathetes,* “discípulo”, e seu significado mais adequado é “fazer um discípulo”. Esta tradução (cf. NEB — “ganhou muitos convertidos”) enfatiza o sucesso da missão apostólica em Derbe.

Tendo terminado seu trabalho em Derbe, os missionários voltaram **para as cidades de Listra, Icônio e Antioquia.** Fazendo uma leitura superficial, é possível que não percebamos a tremenda implicação desta frase. Adam Clarke diz muito bem: “Observe a

coragem destes homens! Ignorando a vida que lhes era tão cara, retornaram ao trabalho do Mestre nos mesmos lugares onde haviam sido perseguidos de maneira atroz, e onde, aparentemente, um deles havia sido apedrejado até à morte!"[72]

Tarso, a cidade natal de Paulo, estava a aproximadamente 250 quilômetros de distância, e exatamente no caminho de volta para Antioquia da Síria, de onde haviam sido enviados. Teria sido muito mais simples e seguro tomar a direção oeste para Tarso, gozar ali de um breve repouso e depois retornar a Antioquia da Síria, levando o relatório de sua missão. Eles haviam conquistado muitos convertidos para Cristo e certamente tinham toda razão de voltar para casa. Mas, ao invés disso, Barnabé e Paulo tomaram a direção norte e oeste, encaminhando-se para as garras do ódio e da morte. Por quê? Os dois versículos seguintes nos dão a resposta: eles deviam cuidar dos convertidos que haviam conquistado.

Dois principais ministérios foram descritos aqui. O primeiro (22) era consolar e encorajar. O segundo (23) era organizar — e ambos eram necessários.

Eles começaram **confirmando** — "fortalecendo, estabelecendo" — **o ânimo dos discípulos** (22). Estes novos convertidos deveríam se tornar "firmes e estabelecidos" — o principal significado das palavras — no Senhor. Esse propósito foi alcançado, **exortando-os a permanecer na fé,** o que "parece claramente significar permanecer no 'cristianismo'".[73] A expressão **pois que** também foi traduzida como "e, dizendo", em que *hoti* equivale às aspas que introduzem uma citação direta. A própria vida de Paulo foi um exemplo do fato de que devemos passar por **muitas tribulações** — "lit., por grandes tribulações, o que expressa não só uma quantidade ou número, mas também uma variedade"[74] — para **entrar no Reino de Deus.** Bruce comenta: "O Reino de Deus deve ser entendido aqui no sentido de uma consumação ainda futura (cf. 2 Tm 4.18; 2 Pe 1.11), e não como alguma coisa já realizada".[75] Apalavra **tribulação** significa literalmente "pressão". O plural aqui sugere as pressões que todos os cristãos devem suportar.

O versículo 22 trata de "Como Conservar os Convertidos": 1. Fortalecendo a alma; 2. Exortando à firmeza; 3. Prevenindo sobre as tribulações.

Uma certa dose de organização sempre é necessária para preservar a continuidade de qualquer movimento. Esses primeiros missionários adotaram uma estrutura simples, que lhes era familiar nos círculos judeus, de nomear um grupo de **anciãos (23)** em cada congregação.

A palavra "ordenar" já provocou infindáveis discussões. Uma boa tradução seria "nomeado" (ASV, NEB, etc.). O verbo grego é *cheirotoneo,* que vem de *cheir,* "mão", e *teino,* "esticar"; *i.e.,* "esticar a mão". Seu significado original era "votar esticando a mão",[76] como era feito na *ecclesia* de Atenas, ou assembléia livre de cidadãos eleitores. Aparentemente, esta é a conotação da palavra na única passagem onde ocorre no Novo Testamento (2 Co 8.19). Este termo também foi usado com um sentido mais genérico de "nomear".[77] Ramsay acredita que as congregações dessas cidades da Galácia tinham voz na escolha dos anciãos.[78] A Primeira Epístola de Clemente — escrita aproximadamente no ano 95 d.C. — diz que os apóstolos nomeavam os anciãos. Depois de discutir mais longamente este assunto, Alexander expressa a sua preferência pelo que ele chama de "o verdadeiro significado entre extremos opostos".[79] Ele escreve: "O fato de este verbo expressar tão claramente o que Paulo e Barnabé fizeram significa apenas que eles nomearam ou ordenaram esses anciãos sem determinar a forma da eleição ou a forma da ordenação. No entanto, o uso particular dessa expressão, que originalmente significava o voto de uma assembléia, é suficiente para justificar a nossa suposição de que o método de escolha era o mesmo que foi registrado... em 6.1-6, onde consta explicitamente que o povo escolheu os sete anciãos que foram depois ordenados pelos doze".[80] Parece que esta é a melhor conclusão a que podemos chegar.

Sobre a nomeação dos anciãos, eles oraram **com jejuns,** significando provavelmente um período de jejum em cada igreja. Esta era uma característica idêntica à da separação de Barnabé e Paulo para o desempenho de seu trabalho missionário (13.3). Mais tarde, a

nomeação dos anciãos também era sempre acompanhada pelo jejum. Tais ocasiões de espera no Senhor são certamente apropriadas para a tomada de importantes decisões na igreja.

Como ato final, os apóstolos **os encomendaram** — o verbo significa "depositar" ou "colocar sob a responsabilidade de" — **ao Senhor** (cf. 20.32) **em quem haviam crido** (mais que perfeito), quando os missionários pregaram ali pela primeira vez.

b. Reportando-se à Base Principal (14.24-28). **Passando...por** — *dielthontes,* "pregando em seu caminho" (cf. 13.6) — **Pisídia, dirigiram-se a Panfília** (24), na costa do

Mediterrâneo. Bruce escreve: "Pisídia estava localizada na 'região' mais ao sul da província da Galácia, em frente da fronteira que estava ao norte da Panfília"[81] (ver o mapa 3).

Eles anunciaram **a palavra em Perge** (25) . Já tinham visitado esta cidade anteriormente (cf. 13.13-14), mas a enfermidade de Paulo impediu-os de pregar ali. Depois de evangelizar Perge, **desceram a Atália** — "porto principal da Panfília, agora chamado de Adalia, na foz do rio Catarractes".[82] De lá eles **navegaram** — lit., "partiram por mar" **— para Antioquia** (26). Essa era a Antioquia da Síria, **onde tinham sido recomendados** (ou "confiados") **à graça de Deus para a obra que já haviam cumprido.** Eles podiam dizer honestamente: "Missão cumprida".

Evidentemente, solicitaram uma reunião especial da **igreja** (27). Eles **relataram** à congregação — este verbo significa propriamente "levaram notícia, reportaram"[83] — **quão grandes coisas Deus fizera por eles e como abrira aos gentios a porta da fé.** Isto é, Deus tinha feito com que os gentios também pudessem ser salvos exclusivamente através da fé em Jesus Cristo.

Ali (28), em Antioquia da Síria, eles **ficaram... não pouco tempo** — lit., "passaram um tempo" (ver os comentários sobre 3) — **com os discípulos.** Não existe nenhuma indicação sobre a duração deste período, mas a linguagem implica alguns meses,

talvez aproximadamente um ano.

C. O **Concílio de Jerusalém,** 15.1-35

O primeiro concílio geral da igreja, realizado em Jerusalém, provavelmente no ano 48 d.C., é um dos mais importantes eventos registrados em Atos. A pergunta era: Os gentios cristãos eram obrigados a obedecer à lei dos judeus? Da resposta a esta pergunta dependia, em grande parte, o destino da igreja. Se a resposta fosse "Sim", o cristianismo seria apenas uma outra seita do judaísmo; se "Não", estaria livre para cumprir a missão divinamente ordenada de ser uma religião mundial.

1. O *Cristianismo Farisaico* (15.1-5)

Alguns homens (1) **que tinham descido da Judéia** — a pessoa sempre "desce" de Jerusalém — **ensinavam assim os irmãos** — lit., "estavam ensinando" (RSV) os gentios cristãos em Antioquia — **Se vos não circuncidardes, conforme o uso** [maneira] **de Moisés, não podeis salvar-vos.** Mas havia muitos gentios em Antioquia que gozavam da salvação havia anos e nunca tinham sido circuncidados. Naturalmente, este novo ensino era muito perturbador.

Paulo e Barnabé (2) reconheceram que o ponto principal estava correndo um sério risco, e que isto era muito grave. Se este ensino prevalecesse, seu trabalho entre os gentios, que Deus havia coberto de abundante graça, podería ser destruído. Muitos gentios convertidos iriam preferir renunciar a sua fé a submeter-se a este ritual afrontoso. Por outro lado, aqueles que realmente se submetessem à circuncisão iriam, em vista disso, renunciar a Cristo. Esta era a posição que Paulo assumiu em relação aos convertidos da Galácia na última carta que lhes enviou (G1 5.2).

Portanto, estes dois missionários dos gentios tiveram **não pequena discussão e contenda** — "questionamento" ou "debate" — com estes falsos mestres judeus. Finalmente, a igreja de Antioquia determinou — "nomeou" — **Paulo, Barnabé e alguns dentre eles** — provavelmente incluindo alguém que concordava com os adeptos do

judaísmo — para que ambos os lados ficassem representados — a fim de que **subissem a Jerusalém aos apóstolos e aos anciãos,** para tratar **aquela questão.** Lumby observa: "Pedro, João e Tiago, que agora encontramos em Jerusalém parecem, a partir de outras passagens no NT (G11.18,19, e 2.9), terem sido os apóstolos que continuaram a viver na cidade santa. Eles, junto com os anciãos, aparecem agora como o corpo que governava a igreja recém-nascida".[84] Entretanto, a afirmação de que nas primeiras perseguições em Jerusalém os apóstolos permaneceram nesta cidade (8.1) pode sugerir que os doze que ainda estavam vivos, inclusive Matias, e ainda permaneciam ali.

Estes emissários foram **acompanhados pela igreja** (3). Naquela época, havia um costume cortês dos membros de uma igreja serem "acompanhados"[85] pelos seus respeitados mestres no início de suas viagens (cf. 20.38; 21.16). Os delegados **passaram** — lit. "estavam passando através" de uma jornada missionária (o mesmo verbo de 13.6; 14.24) **— pela Fenícia e por Samaria, contando a conversão dos gentios** (ver o mapa 1). Paulo não se deixava intimidar e continuava a pregar a salvação através da fé em Jesus Cristo, independentemente da lei, embora houvesse muitos adeptos do judaísmo em seu grupo. A palavra **contando** significa literalmente "contar em detalhes". Lumby observa: "O verbo *ekdiegeisthai* implica que ele deu à história todos os detalhes e podemos estar certos de que deu ênfase à maneira pela qual o Espírito de Deus havia garantido esta tarefa, embora todos os convertidos de quem falava não fossem circuncidados".[86]

***** Seu relatório trouxe **grande alegria a todos os irmãos.** Sem dúvida, muitos cristãos da Fenícia e de Samaria eram gentios e ficaram muito contentes com as boas novas.

Quando os emissários chegaram a **Jerusalém** (4), depois de uma viagem de quase quinhentos quilômetros, eles foram **recebidos pela igreja,** particularmente **pelos apóstolos e anciãos, e lhes anunciaram** — "relataram" — **quão grandes coisas Deus tinha feito com eles** (a mesma frase de 14.27; ver os comentários sobre

esta passagem).

Quando Paulo e Barnabé terminaram a descrição de seu trabalho missionário — e contaram o grande número de gentios que havia sido salvo através da simples fé em Jesus Cristo, sem estarem circuncidados — **alguns... da seita dos fariseus que tinham crido se levantaram** (5). O próprio Saulo havia sido um zeloso fariseu, portanto podia entender o que eles estavam sentindo. Mas sua lealdade a Jesus Cristo era tão completa que ele foi capaz de divorciar-se da lei, de uma forma que esses cristãos embebidos de judaísmo evidentemente não conseguiam imitar.

Os cristãos farisaicos afirmaram publicamente que **era mister circuncidá-los —** os gentios convertidos — **e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés.** Bruce diz: "Para aqueles a quem a igreja era apenas mais um partido dentro da congregação judaica, a resposta era bastante simples: os gentios deveríam ser admitidos na congregação da mesma maneira que os prosélitos eram admitidos na comunidade judaica, através da circuncisão e da obediência a toda a lei mosaica".[87] Estes fariseus estavam totalmente imersos pelo Pentateuco, e não tinham lido e entendido suficientemente os profetas. Se tivessem lido e entendido, teriam reconhecido que o ensino de Paulo era uma dedução lógica do ensino dos profetas. Oséias (6.6), Amós (5.21-24) e Miquéias (6.6-8) tinham declarado claramente que Deus preferia mais a justiça ao ritual. Ezequiel (36.25-27) e

Jeremias (31.31-34) haviam demonstrado a natureza espiritual da verdadeira religião: esta é um assunto do coração e não da obediência legal. Mas havia uma escassez de profetas em Israel na época de Jesus, e o legalismo reinava com supremacia.

2. *O Discurso de Pedro* (15.6-11)

Parece que Paulo e Barnabé fizeram seu relato a uma assembléia geral da igreja de Jerusalém — (4), mas quando os adeptos do judaísmo apresentaram sua objeção (5), **congregaram-se... os apóstolos e os anciãos para considerar** — lit., para "estudar" **este assunto** (6). Este era o grupo ao qual a igreja de Antioquia havia

solicitado que a questão fosse levada (2). Um grande número de membros da igreja não teria tempo, nem a capacidade, de analisar adequadamente esta questão e chegar a uma sábia decisão.

Havendo grande contenda (7) — "depois de um longo debate" (NEB) — **levantou-se Pedro.**[88] Em razão de ter ocupado um lugar importante nos primeiros dias da Igreja (At 1-5), podemos presumir que ele ainda era o depositário de uma grande dose de respeito e deferência. Portanto, as pessoas estavam impacientes para ouvir as suas palavras.

Felizmente, por causa da visão que tinha tido na casa em Jope (10.9-16), Pedro estava preparado para ficar do lado certo da questão. Ele lembrou aos ouvintes que **já há muito tempo** — lit. "desde os primeiros dias", portanto "nos diais iniciais" (NEB) — Deus o havia escolhido para ensinar o Evangelho aos gentios. Isto ele havia feito na casa de Cornélio (10.34-48).

Os versículos 8 e 9 estão entre os mais importantes do livro de Atos. Já foi dito muitas vezes que, embora o livro de Atos fale constantemente sobre estar cheio do Espírito Santo, ele nada ensina sobre a santificação — embora a palavra "santificados" ocorra em 20.32 e em 26.18. A resposta a esta objeção pode ser encontrada nesta passagem. Pedro declarou que **Deus, que conhece os corações** (cf. 1.24) **lhes deu testemunho** (8), *i.e.,* ao povo reunido na casa de Cornélio — **dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós** — no Pentecostes (cap. 2); **e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé** (9). Pedro afirmou que aconteceram duas coisas, tanto aos judeus no Pentecostes, como aos gentios em Cesaréia: eles foram cheios do Espírito Santo e seus corações foram purificados. Portanto, podemos afirmar juntamente com Pedro que, quando uma pessoa recebe o Espírito Santo, ela recebe não só o poder (1.8) como também fica purificada do pecado (15.8-9). Esses dois versículos formam uma passagem essencial para a pregação e o ensino de toda a santificação. Quando o Espírito penetra no coração de alguém, Ele irá necessariamente purificá-lo; pois Ele é o Espírito *Santo,* o Espírito

santificador.

Knowling faz uma pertinente observação a respeito de purificar — "limpar", *katharisas* — seus corações. Ele diz: "Aqui ele se apresenta como um contraste à purificação exterior da circuncisão sobre a qual os adeptos do judaísmo estavam insistindo".[89]

O correspondente moderno em nossos dias é encontrado naqueles que colocam muita ênfase na água do batismo e ignoram completamente o batismo no Espírito Santo. A água do batismo é um ato exterior, mas o batismo do Espírito é um ato interior — uma purificação dos pecados do coração através da purga interior feita pelo Espírito santificador. **Dando** e **purificando** aparecem aqui como particípios indefinidos que sugerem mais uma crise do que um processo.

As verdades essenciais da "Completa Santificação" podem ser vistas nesta passagem. 1. Deus conhece o coração humano e tem a preocupação de satisfazer todas as suas mais profundas necessidades (8); 2. Ele tornou o Espírito Santo disponível a todos os cristãos — judeus e gentios —, para satisfazer as necessidades de seu coração (8-9); 3. O dom do Espírito Santo é uma experiência destinada a purificar o coração (9); 4. O dom de Deus e a experiência da purificação podem ser alcançados em certos momentos da vida — são o resultado da fé e foram descritos pelo tempo aoristo **(dando** e **purificando),** sugerindo mais uma crise do que um processo (8-9). (A. F. Harper)

Ao término de seu discurso, Pedro faz este apelo: **Por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo** (10)? "O jugo da Lei" (Torá) era uma expressão conhecida dos rabinos.[90] Lake e Cadbury dizem que a palavra jugo "era geralmente usada pelos escritores judeus no sentido de 'obrigação'".[91]

Pedro declarou, fazendo um contraste com o "suave" jugo de Jesus (Mt 11.29-30), que o jugo da lei era **um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar.** Schuerer documenta esta afirmação quando escreve: "A vida era um tormento contínuo para o homem zeloso que

sentia estar a todo o momento correndo o risco de transgredir a lei; e por depender tanto da forma exterior, ele ficava muitas vezes na incerteza se tinha realmente preenchido todos os requisitos".[92]

Pedro terminou seu discurso declarando que existe apenas um caminho para a salvação, tanto para os judeus como para os gentios (cf. 4.12). Ele disse: **Mas** — em contraste com o insuportável jugo da lei —, **cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também** (11). Isto é, os judeus não poderão ser salvos pela obediência à lei de Moisés, mas somente através da graça de Cristo. Nisto, Pedro estava perfeitamente de acordo com Paulo.

3. *Uma Sessão Conjunta* (15.12)

O discurso de Pedro, em especial essa conclusão, aparentemente deixou o grupo em um silêncio atônito. Lemos: **Então toda a multidão se calou** (ficou em silêncio). **A** menção a uma **multidão** acrescenta um certo problema. Aparentemente, Paulo e Barnabé relataram suas atividades missionárias a uma assembléia especial, composta por apóstolos e anciãos para discutir a questão que havia sido levantada (6). Como aparece essa **multidão** novamente neste quadro?

Não seria impossível aplicar este termo à assembléia dos apóstolos e anciãos[93] como se fosse a mesma palavra usada pelo Sinédrio (23.7). Mas "toda a igreja" foi mencionada em 22. Portanto, seria melhor assumir que os apóstolos e os anciãos haviam convocado a congregação para, juntos, chegarem a uma conclusão. Rackam sugere: "Embora a iniciativa coubesse aos apóstolos, era necessário o consentimento de toda a igreja".[94]

O grupo em assembléia agora **escutava** — "estava ouvindo" — **a Barnabé e a Saulo.** Mais uma vez (cf. 14.14), Barnabé é mencionado em primeiro lugar (como também em 25). Talvez isto tenha ocorrido pelo fato de Barnabé gozar de maior consideração do que Paulo na igreja de Jerusalém, e por Lucas ter se deixado influenciar por este fato na descrição dos acontecimentos.

Paulo e Barnabé **contavam** ["revelavam"] **quão grandes sinais e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios.** Era para isto que a Igreja Primitiva tinha estado orando (4.30), e agora Deus havia respondido as suas orações de forma abundante.

4. *A Conclusão de Tiago* **(15.13-21)**

Quando Barnabé e Paulo tinham se **calado** (13) — o mesmo verbo de "se calou" (12) — Tiago, o irmão de Jesus, que evidentemente era um bispo (pastor chefe) da igreja de Jerusalém, e que agora atuava como moderador do Concilio de Jerusalém, resumiu o assunto e estabeleceu a conclusão. Ele chamou Pedro pelo seu nome hebreu, **Simão** (cf. 2 Pe 1.1), pelo qual ele se tornaria conhecido dos judeus. Tiago percebeu a referência feita por Pedro de que sob seu ministério, **primeiramente, Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome** (14). Agora a nação de Israel não estava mais sozinha como povo de Deus. Os crentes gentios também haviam se tornado o povo do Senhor. Uma pílula demasiadamente amarga para os orgulhosos judeus engolirem, mas esta era a realidade.

Tiago então declarou que os **profetas** apoiavam essa verdade **(15).** Como prova, ele citou **(16-18)** as palavras de Amós **9.11-12.** A citação é da Septuaginta, que é consideravelmente diferente do texto masorético judeu. A expressão **"depois disto" (16)** está no livro de Amós, "naquele dia" (tanto em hebraico como em grego). Esta é, evidentemente, uma referência ao dia do Messias.

A citação no versículo 17 é mais problemática. O texto masorético do Antigo Testamento diz: "Para que eles possam possuir o restante de Edom e de todas as nações que são chamadas pelo meu nome" — uma profecia sobre a restauração do reino de Davi ao seu antigo poder. Aparentemente, os tradutores da Septuaginta adotaram a expressão *yidreshu* (irá procurar) no lugar de *yireshu* (irá possuir), e *adam* (homem) em lugar de *Edom*. O hebraico também faz de **resto** (restante) o objeto, não o sujeito.

Lumby oferece a seguinte solução para o problema:

O texto original retrata a restauração do Tabernáculo com o povo de Davi sendo restaurado junto com ele, como possuidores do restante de Edom e de todos os pagãos. As nações se unirão ao povo do Senhor. A LXX, como uma exposição, fala do "resíduo de homens procurando o tabernáculo restaurado". Tiago deixa ambos bem claros, mostrando que "buscar ao Senhor" deve ser o mesmo que restaurar a casa de Davi, além de toda a humanidade".[95]

Existe uma considerável confusão no texto do versículo 18. Os manuscritos mais antigos dizem simplesmente: "Conhecido desde a eternidade" (ou "desde a criação"). Talvez o melhor que podemos fazer é combinar a última parte do versículo 17 com o breve texto do versículo 18, e traduzir: "Disse o Senhor, que fez estas coisas conhecidas desde a eternidade" (ASV). Foi feita a sugestão de que o versículo 16 se cumpriu através da presença dos judeus na igreja, e o versículo 17 pela presença dos gentios.

Pelo que julgo (19) — lit., "pelo que eu da minha parte julgo" — mostra que Tiago falou com a autoridade de um mediador do concilio. A palavra *ego* é expressa para dar mais ênfase *(ego krino).* A decisão apresentada por Tiago foi: **Não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus.** Os gentios deveríam estar isentos de obedecer à lei judaica. **Não se deve perturbar,** um verbo bastante raro, é um composto duplo que significa, literalmente, "pare de aborrecer".

Erdman sugere que a decisão de Tiago inclui três pontos: 1. Liberdade (19); 2. Pureza (20); 3. Caridade entre judeus e gentios (21).[96]

Somente quatro restrições foram colocadas para os gentios cristãos (20). Eles deveríam se abster **das contaminações dos ídolos,** *i.e.,* das coisas oferecidas aos ídolos (cf. **29; 21.25)** — e **da prostituição, do que é sufocado e do sangue.**

A primeira destas restrições se referia a uma preocupação real da Igreja Primitiva, da qual Paulo tratou em toda a sua extensão (1 Co 8.1-10; 10.19). Os animais eram sacrificados aos deuses pagãos e

depois a sua carne era vendida nos mercados. Alguns entendem que, de acordo com a decisão do concilio, os gentios convertidos eram proibidos de comer esta carne conscientemente, e que Paulo adotou a mesma posição.

A prostituição era um pecado extremamente comum entre os pagãos, e praticado muitas vezes como parte do seu culto. Os judeus se orgulhavam dos seus elevados padrões morais e a igreja, naturalmente, tinha toda razão de fazer esta exigência aos seus membros.

Comer o que era **sufocado** era evidentemente proibido principalmente porque o sangue não era retirado da carne. Portanto, esta exigência estava muito ligada à quarta proibição de comer **sangue.** Este mandamento vem desde o tempo de Noé, quando os homens tiveram a primeira permissão de comer os animais (Gn 9.4), e foi repetido na lei mosaica (Lv 3.17; 7.26; 17.10,14; 19.26).

A íntima ligação entre estas duas últimas proibições pode explicar por que a expressão "coisas sufocadas" foi omitida do Texto Ocidental. Entretanto, deixando isto de lado, o sangue é muitas vezes interpretado com o significado de assassinato. Neste caso, todas as proibições seriam de ordem moral e não cerimonial. Bruce escreve: "A idolatria, a fornicação e o homicídio eram os três pecados capitais aos olhos dos judeus".[97]

Para os cristãos de origem judaica que ainda desejassem adorar na Sinagoga, **Moisés** era pregado **em cada cidade** e era lido todo **sábado nas sinagogas (21).** Aqueles que desejassem poderíam comparecer, e a Lei não seria ofendida. Adam Clarke sugere que o sentido deste versículo pode ser que os judeus convertidos poderíam freqüentar a sinagoga e ouvir a leitura da Lei; desse modo, não seria necessário escrevê-la. Mas os gentios convertidos precisavam destas instruções básicas.[98] Os cristãos de origem gentílica, todavia, deveríam estar isentos de obedecer à lei mosaica. O decreto do Concilio de Jerusalém representava uma verdadeira Proclamação de Emancipação para os gentios que se tornassem membros da igreja.

5. *Decisão Conjunta* (15.22-29)

A decisão de Tiago foi endossada e publicada pelos **apóstolos** e pelos **anciãos, com toda a igreja** (22). Dessa maneira, os decretos foram emitidos com toda autoridade da igreja mãe que estava em Jerusalém. Para uma discussão sobre os **apóstolos** e os **anciãos,** veja os comentários sobre 23.

A expressão "Então agradou" (que consta em algumas versões) é melhor traduzida como **pareceu bem** (ASV). Lumby escreve: "Esta expressão é freqüentemente usada em pronunciamentos oficiais que estão relacionados a decisões de caráter público, ou decretos emitidos por autoridades (cf. Herodes 1.3; Thuc. TV. 118)".[99] Lake e Cadbury dizem: *"Edoxe é o* termo técnico em grego de todos os períodos para 'votar' ou 'passar' uma medida em uma assembléia".[100] Neste texto, eles traduzem esta expressão como "Foi votado".[101]

Aigreja decidiu eleger varões dentre eles e enviá-los com Paulo e Bamabé a Antioquia. Esta foi uma atitude sábia. Ela tendería a "cimentar" a igreja judaica que estava em

Jerusalém com a igreja gentílica que estava em Antioquia. Estes cristãos de Jerusalém que retornaram com Paulo e Barnabé também tirariam a má impressão causada pelos judaizantes que haviam ido anteriormente da Judéia a Antioquia. Desse modo, ter dois homens de Jerusalém junto com dois homens de Antioquia representaria uma frente unida a favor da Igreja Cristã Judaico-Gentílica — algo que era muito necessário, como mostram as epístolas de Paulo.

Então escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, varões distintos entre os irmãos, *i.e.,* 'líderes entre os irmãos" (referindo-se aos cristãos de Jerusalém). Pelo fato de Judas ter sido um nome muito comum naqueles dias, este irmão foi identificado como "Judas, chamado Barsabás". Assim, foi conjecturado que estes dois homens podem ter sido irmãos (*bar* é o termo aramaico para "filho"), pertencendo a uma família proeminente na igreja de Jerusalém. Nada mais se sabe a respeito deste Judas.

O caso de Silas é diferente. Ele foi o principal companheiro de Paulo em sua segunda viagem missionária, e por essa razão o seu nome ocorre freqüentemente nos três capítulos seguintes. Ele também é, sem dúvida, o Silvano mencionado em várias epístolas de Paulo (2 Co 1.19; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1) e em 1 Pedro 5.12.

A expressão **E por intermédio deles escreveram o seguinte** (23), em grego, corresponde simplesmente a "Tendo escrito através de suas mãos". Cada versão em inglês parafraseia esta frase de algum modo, como por exemplo: "E deram-lhes esta carta para que a entregassem" (NEB). Os quatro homens evidentemente atuaram como portadores da carta, e não como estenógrafos. A carta deve ter sido provavelmente composta por Tiago, a pedido da igreja.[102]

Os autores da carta são identificados como **os apóstolos, os anciãos e os irmãos,** mas o manuscrito grego mais antigo diz: "Os apóstolos, e os anciãos, irmãos". Lumby traduziría o texto da seguinte maneira: "Os apóstolos e os irmãos anciãos". Ele comenta: "Até agora, embora toda a igreja estivesse unida, apenas dois conjuntos de pessoas falaram como tendo sido consultadas ou tendo autoridade. Estas são *hoi apostoloi kai hoi presbyteroi* (w. 2,6,22)".[103] Portanto, o decreto foi escrito "em nome destes dois grupos".[104] Isto não exclui a idéia de que a integralidade da igreja pudesse ter votado em concordância com esta decisão (ver os comentários sobre 22).

A carta era dirigida **aos irmãos dentre os gentios** que estavam em **Antioquia, Síria e Cilícia** (ver o mapa 3). Porém, foi enviada apenas aos gentios cristãos, pois entendiam evidentemente que os judeus cristãos continuariam a obedecer à lei. O decreto representava uma concessão especial aos gentios convertidos. Antioquia era a principal cidade da dupla província romana da *Syria et Cilicia.* Mas nesse caso esta cidade foi mencionada especificamente porque a igreja de **Antioquia** havia solicitado uma orientação aos apóstolos e anciãos de Jerusalém.

A palavra **saúde**[105] está escrita em grego no final do versículo, depois da designação dos destinatários, acompanhando sempre a ordem

encontrada em milhares de cartas sob a forma de papiros gregos deste período, e que foram escavadas nas areias ressequidas do Egito. Além disso, todas elas usam as mesmas palavras encontradas aqui, *chairein.* O fato de a epístola de Tiago ter sido escrita pelo mesmo Tiago que compôs esta carta do Concilio de Jerusalém fica bastante comprovado por ser ela a única epístola do Novo Testamento que usa essa forma grega comum, *chairein.* Em outras passagens do Novo Testamento, ela só é encontrada na carta de Cláudio Lísias a Félix (23.26). Paulo, Pedro

e João (2 Jo) substituíram essa palavra por *charis,* "graça", que vem da mesma raiz de *chairein,* mas que transmite uma conotação espiritual e teológica muito mais rica. O significado literal de *chairein* é "regozijar-se, ficar contente".[106]

A carta propriamente dita começa no versículo 24. **Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós[107]... vos perturbaram com palavras e transtornaram a vossa alma** — ou "perturbaram o vosso pensamento" (RSV)[108] — **não lhes tendo nós dado** [to/] **mandamento.** A palavra *tal* (que não aparece na maioria das versões em português) está em itálico nas versões em inglês, indicando que ela não consta no original. Ela distorce o significado da frase. Não é que a igreja de Jerusalém não tivesse dado *tal* mandamento a estes desautorizados adeptos do judaísmo — na verdade ela não tinha dado nenhum mandamento — lit., "não demos mandamento algum". Os supostos emissários de Jerusalém estavam totalmente desautorizados.

A palavra **transtornaram** (*anaskenazo,* usada somente aqui no NT e ausente em toda a Septuaginta) é um termo muito forte. Foi usada no grego clássico para uma "completa remoção dos deuses",[109] e sua aplicação aqui é óbvia: "A devastação produzida nas mentes dos gentios convertidos, através do novo ensino, pode ser comparada a uma absoluta subversão".[110] O perigo era que uma confusão mental pudesse ser acompanhada de uma morte espiritual.

Em vista da maléfica influência que, extra-oficialmente, havia saído

da igreja de Jerusalém, os líderes desta congregação sentiram que era seu dever corrigir a situação. **Pareceu-nos bem** (25) — *edoxe,* a mesma palavra traduzida no versículo 22 em algumas versões como "agradou-nos" — **reunidos concordemente** — *i.e.,* unanimemente **—, eleger alguns varões e enviá-los** — lit. "tendo escolhido homens para enviar-vos" **— com os nossos amados Barnabé e Paulo.** Os líderes de Jerusalém estavam mostrando possuir o espírito cristão ao enviar estes dois missionários aos gentios como seus **amados** representantes. Isto mostra o verdadeiro espírito de *homothymadon, i.e.,* de total acordo.

A palavra **amados,** que aparece apenas aqui em Atos, ocorre freqüentemente nas epístolas de Paulo, Pedro, Tiago e João. Pode ter sido nessa mesma época que Pedro, Tiago e João deram a Paulo e Barnabé as "destras em comunhão" (G1 2.9).[111]

Barnabé e Paulo também foram descritos como **homens que já expuseram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo** (26). Esta descrição havia sido transmitida de forma convincente aos crentes de Jerusalém, quando os dois missionários relataram suas experiências em Chipre e na Ásia Menor. **Já expuseram** significa literalmente "entregaram-se" ou "renderam-se". O principal significado é que haviam dedicado sua vida a Cristo e, ao fazê-lo, haviam arriscado suas próprias vidas em benefício do nome do Senhor.

Os dois homens escolhidos para acompanhar Barnabé e Saulo, como representantes da igreja de Jerusalém, eram **Judas e Silas** (27). **Enviamos** é um tempo perfeito epistolar, afirmando o caso do ponto de vista daqueles que irão ler a carta, e significa "Estamos, portanto, enviando" (NEB), junto com esta carta. Os dois emissários iriam confirmar e explicar verbalmente o que constava da epístola.

Em seguida, vem o âmago da mensagem. **Pareceu bem** — *edoxe,* cf. 22, 25 — **ao Espírito Santo e a nós** (28). Dessa forma, os apóstolos e os anciãos estavam expressando sua convicção da presença da divina autoridade na decisão que haviam tomado. Pedro e João lembraram a promessa de Jesus aos discípulos: "Mas, quando vier aquele

Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade" (Jo 16.13). Eles haviam recebido o Espírito Santo no Pentecostes e agora podiam afirmar ter recebido a orientação divina.

A decisão era **não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias** — as coisas necessárias para evitar ofender seus irmãos judeus em Cristo. Lumby entende dessa maneira: "E enquanto eles (em Jerusalém), seguindo a sugestão do Espírito, estavam deixando de lado seus arraigados preconceitos contra qualquer relação com os gentios, afirmavam que os gentios, por sua vez, deveríam considerar carinhosamente os escrúpulos dos judeus".[112]

As quatro proibições que haviam sido decididas (cf. 20) foram agora confirmadas, mas em uma ordem diferente, e com a frase "contaminações dos ídolos" mudada para **coisas sacrificadas** [ou *oferecidas*] **aos ídolos.** Provavelmente, alguém havia sugerido que este ponto precisava ser mais específico. Se os leitores observassem essas poucas e simples restrições, eles fariam bem. A carta termina com **Bem vos vá** — literalmente: "estejam fortes, ou em boa saúde".[113]

Este incidente mostra a igreja "Evitando uma Crise". Os três estágios eram: 1. Dis-sensão (1-5); 2. Debate (6.12); 3. Decisão (13-29).

6. *Alegria pelo Resultado* (15.30-35)

Tendo os quatro homens se **despedido** (30) — "estando liberados" — **partiram —** lit., "desceram" (de Jerusalém) — **para Antioquia, e ajuntando a multidão —**

(.*synagogontes*) significando aqui "a congregação" —**entregaram a carta.** Bruce diz que este verbo era um termo "técnico em grego, e significava enviar um relatório ou entregar uma carta em mãos".[114]

Quando os cristãos de Antioquia ouviram a leitura da carta, **alegraram-se pela exortação** (ou consolação, 31) e ficaram muito aliviados ao saber que eles, como gentios, não seriam obrigados a obedecer à lei judaica.

Judas e Silas (32) também eram **profetas,** *i.e.*, pregadores. Portanto, **exortaram** — ou "encorajaram" (NASB) — e **confirmaram os irmãos** — lit., "os fortaleceram" (cf. 14.22). Eles ajudaram a tornar a igreja "firme e coesa depois de seu recente abalo e divisão".[116]

Depois que Judas e Silas se detiveram ali por **algum tempo** (33) — lit., "passaram algum tempo" — **os irmãos os deixaram voltar** — a mesma palavra que foi traduzida como "despedido" em 30 — **em paz** — *"i.e.*, com as palavras 'Ide em paz'... ou 'A paz esteja convosco'".[116] A expressão **para os apóstolos** pode ser entendida como "àqueles que os haviam enviado" (*aposteilantos autous* nos manuscritos mais antigos, em lugar de *apostolous*).

O versículo 34 foi omitido nas versões mais recentes porque não foi encontrado na maioria dos manuscritos gregos. Bruce explica muito bem esta questão, quando escreve: "A inserção que contradiz o versículo 33 tinha, sem dúvida, a intenção de explicar por que Silas aparece novamente em Antioquia no versículo 40. Entretanto, como o sentido claro do versículo 33 é que tanto ele como Judas retornaram a Jerusalém, devemos inferir que mais tarde Silas partiu de Jerusalém para Antioquia".[117]

Mas **Paulo e Barnabé** (no melhor texto grego, 35) — retornando à ordem habitual, agora que estavam longe de Jerusalém (cf. 12,25) — **ficaram em Antioquia, ensinando e pregando... a palavra do Senhor.** A igreja de Antioquia foi realmente muito afortunada por gozar do precioso ministério do apóstolo Paulo.

D. Novamente a Ásia Menor, 15.36—16.10

1. *A Separação de Paulo e Barnabé* (15.36-41)

Alguns dias depois (36) — lit., "depois de alguns dias", sugerindo provavelmente um curto período de tempo[118] — **Paulo** sugeriu a **Barnabé** que deveríam visitar novamente as igrejas que haviam fundado em sua primeira viagem missionária. O apóstolo preocupava-se com o bem-estar dos seus convertidos, e havia chegado a hora de

verificar o que estava acontecendo com eles. O termo traduzido como o verbo **visitar** significa em primeiro lugar "inspecionar, examinar" e depois "visitar".[119] Aqui, ele pode transmitir um pouco de seu conceito original de visita de inspeção. Paulo queria fazer uma curta visita aos seus convertidos e ver como estavam.

Barnabé evidentemente deu sua total aprovação a esta idéia, mas **aconselhava que tomassem consigo a João... Marcos** (37). Ao invés de **aconselhava,** o melhor texto grego utiliza "desejou" ou "queria" (cf. "queria", Phillips). **Mas a Paulo parecia razoável que não** [o] **tomassem consigo** (38) — lit., "achou que não seria adequado levar esta pessoa com eles". Ele achava que João Marcos não era digno de acompanhá-los nesta viagem missionária, pois **desde a Panfília se tinha apartado deles e não os acompanhou naquela obra.** Isto implica que Paulo achava que Marcos era preguiçoso ou covarde, ou mesmo ambos. A tarefa era demasiado grande para ser prejudicada pela presença de qualquer pessoa que não estivesse totalmente consagrada ao serviço. Barnabé, evidentemente, insistiu para que João Marcos, seu primo (Cl 4.10, NASB), fosse com eles, pois achava que o jovem merecia uma outra oportunidade. Paulo, com seu extremo zelo e dedicação, não podia entender ou não simpatizava com uma pessoa que se esquivava da responsabilidade. Estes eram homens de forte disposição, como são todos os líderes. Aparentemente, nenhum deles estava disposto a ceder, porque cada um acreditava estar agindo corretamente.

Finalmente, as coisas chegaram a um clímax (39). A frase **Tal contenda houve entre eles** corresponde a apenas duas palavras em grego, *egeneto paroxysmos* — lit., "levantou-se um 'paroxismo'". Mas, o que significa esta palavra? No Novo Testamento, ela ocorre apenas em Hebreus 10.24, onde significa "provocação" — "Vamos nos analisar mutuamente para uma provocação de amor" (trad. literal). Para esta passagem em particular, Abbott-Smith sugere "irritação".[120] Lake e Cadbury traduzem-na como "disputa".[121] Esta palavra é usada duas vezes na Septuaginta (Dt 29.28; Jr 32.37), referindo-se à ira justificada de Deus contra os seus filhos desobedientes.

Talvez o melhor estudo dessa problemática passagem seja encontrado em Alexander. Ele escreve: "Não deve ser ampliada, entretanto, em nada que esteja além de uma repentina e temporária irritação (*aguçada*, de acordo com o principal significado da palavra grega), suficiente para o efeito aqui mencionado, e, podemos acrescentar, com a finalidade de cumprir o propósito divino de multiplicar os trabalhadores e até as missões através de uma dolorosa, porém momentânea, separação entre Paulo e Barnabé".[122]

O fato de esta separação não ser permanente pode ser constatado nas referências posteriores feitas por Paulo a Barnabé em suas epístolas (1 Co 9.6; Cl 4.10). João Marcos também recuperou a confiança de Paulo, que o recomendou à igreja colossense (Cl 4.10), mencionando-o como um de seus "cooperadores" (Fm 24). Finalmente, o apóstolo escreveu a Timóteo em sua última epístola: "Só Lucas está comigo. Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério" (2 Tm 4.11). Por fim, João Marcos foi completamente perdoado.

O resultado dessa discórdia entre Paulo e seus companheiros de vários anos foi que **se apartaram um do outro.** Esta separação dos velhos amigos deve ter causado muita dor. **Barnabé** levou **consigo a Marcos,** seu primo, e **navegou** — lit. "partiram por barco" — para **Chipre.** Este era o seu antigo território de origem, e Barnabé não é mais mencionado no livro de Atos. Segundo a tradição, ele permaneceu em Chipre até a sua morte. E possível que já estivesse envelhecendo, e esta tenha sido a sua última viagem. Também pode ser que não tivesse correspondido aos rigores das longas jornadas de Paulo na Europa. De qualquer maneira, Barnabé merece os mais elevados elogios pela imensa contribuição que fez em benefício da vida da Igreja Primitiva. Embora possuidor de um espírito magnânimo, é possível que Paulo nunca tivesse sido aceito pela igreja de Jerusalém. Também foi Barnabé que salvou Paulo do esquecimento ao levá-lo a Antioquia, de onde o apóstolo iniciou suas viagens missionárias. Mais do que a qualquer outro semelhante, Paulo deve a grandeza de sua carreira a Barnabé. Sua vida e suas obras são o mais eloqüente memorial que esta grande alma poderia

receber. Seu epitáfio diz: Ele "era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé" (11.24). Todas as gerações da igreja precisaram e sempre precisarão de mais homens como Barnabé.

Depois da partida de Barnabé, **Paulo** escolheu **Silas** (40) — sem dúvida uma sábia escolha. Provavelmente, Silas era mais jovem que Barnabé, e foi nominalmente mencionado na carta que Paulo estava levando à igreja de Jerusalém. O fato de ser membro dessa igreja o tornaria mais aceitável aos olhos de alguns judeus nas cidades que Paulo pretendia visitar. Também o fato de Silas ser, como Paulo, um cidadão romano (cf. 16.37) representaria uma enorme vantagem nas viagens para a Macedônia e Grécia.

Paulo partiu sendo **encomendado** — lit. "tendo sido recomendado" (cf. 14.26) — **pelos irmãos à graça de Deus.** A ausência desta observação em relação à partida de Barnabé não significa necessariamente que ele tenha se afastado sem receber a bênção da igreja. Também não podemos excluir totalmente esta possibilidade. Ele pode ter partido um pouco precipitadamente, enquanto Paulo levou algum tempo para escolher Silas e ter um culto de despedida — em parte, talvez, porque tinha um novo companheiro missionário.

Em 37-40 encontramos "Os Erros de um Bom Homem". 1. A imperfeita bondade dos homens; 2. Uma possível maldade escondida em nossas melhores qualidades; 3. As graves questões relacionadas às pequenas faltas (Alexander Maclaren).

Paulo, acompanhado por Silas, **passou pela Síria e Cilícia** (ver o mapa 3) **confirmando as igrejas** (41). Este era um território muito familiar para Paulo, nas proximidades de Tarso. Também era a área onde os adeptos do judaísmo haviam trabalhado bastante. A primeira necessidade era certificar-se de que os gentios convertidos dessa província romana *(Síria et Cilicia*) estavam confirmados (fortalecidos) na fé e estabelecidos em Cristo. Paulo havia evangelizado esta área logo depois de sua conversão (G11.21) e era hora de confirmar o seu trabalho. Não há dúvida de que Paulo e Silas leram para os gentios cristãos a carta do Concilio de Jerusalém, encorajando-os a gozar da sua liberdade em Cristo.

2. *A Escolha de Timóteo* (16.1-5)

Deixando sua cidade natal, Tarso, em direção às montanhas Taurus, e passando através dos famosos Portões da Cilícia (uma passagem com 130 quilômetros de comprimento), Paulo finalmente **chegou a** — "veio a" — **Derbe e Listra** (1). Viajando desta vez por terra, ele se aproximou das cidades do Sul da Galácia, seguindo uma direção oposta à da sua primeira viagem (ver o mapa 3).

Em Listra,[123] ele encontrou um **discípulo** chamado **Timóteo,** que havia sido salvo durante o seu ministério (1 Tm 1.2). Este era filho de uma **judia** que era **crente** — *i.e.,* que havia se convertido ao cristianismo, provavelmente durante a primeira visita de Paulo a esta cidade (14.8-20) — mas seu **pai** era **grego** e, aparentemente, não havia se convertido.

Os **irmãos que estavam em Listra e em Icônio,** davam **bom testemunho** de

Timóteo (2). Como Icônio ficava a aproximadamente 32 quilômetros de distância de Listra, isso indica que o jovem havia deixado uma notável impressão de ser um cristão exemplar. Sua reputação havia excedido os limites de sua própria cidade.

Paulo admirava tanto Timóteo que desejava tê-lo em sua companhia (3). Como todos os judeus desta área sabiam que o pai de Timóteo era grego, Paulo o **circuncidou.** Esse ato não estava em conflito com a sua atitude quanto à circuncisão, como está refletido em Gálatas 2.3 e 5.3, nem com o decreto do Concilio de Jerusalém, porque ambos tratam do caso dos gentios convertidos. Mas Timóteo havia sido criado na religião judaica, por uma mãe e uma avó muito piedosas (2 Tm 1.5; 3.14-15). Evidentemente, seu pai não teria permitido que o menino fosse circuncidado. Aparentemente, seu pai já havia morrido — o tempo do verbo na expressão **mas de pai grego** nos originais deixa isso implícito.[124] Para Timóteo ser recebido nas sinagogas que Paulo pretendia visitar, ele teria de ser circuncidado. "Pois de acordo com o código rabínico, o filho de uma mãe judia era considerado judeu".[126] Dessa forma, a fim de ser considerado um bom judeu, ele precisava

ser circuncidado. "Isso não traria nenhuma ofensa aos gentios e tornaria as obras de Timóteo mais aceitáveis aos judeus".[126] Em uma outra ocasião, Paulo evidentemente recusou que um associado seu, Tito, fosse circuncidado (G1 2.3), mesmo sob forte pressão dos judeus. Mais isto aconteceu porque Tito era um gentio e Paulo estava defendendo seu princípio de libertar os gentios da lei judaica. Neste caso, a atitude do apóstolo era uma extensão de sua própria política: "E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei" (1 Co 9.20). A única questão que importava a Paulo era: O que será melhor para o Reino de Deus?

E, **quando iam passando** (tempo imperfeito) **pelas cidades** (Listra, Icônio, Pisídia, Antioquia) os irmãos **lhes entregavam** (4) — os gentios cristãos — **os decretos** — lit., "dogmas" usados para os decretos imperiais (17.7; Lc 2.1)[127] — **que haviam sido estabelecidos pelos apóstolos e anciãos em Jerusalém.** A expressão **Que haviam sido estabelecidos** quer dizer literalmente "que foram julgados". Esta é a única passagem no Novo Testamento onde o verbo comum *krino* foi traduzido como **estabelecidos.** A luz desse contexto (cap. 15), provavelmente a melhor tradução para a frase seria: "As decisões a que chegaram" (Phillips) ou "Os decretos que foram deliberados".[128]

Aparentemente, a promulgação dos decretos do Concilio de Jerusalém mais ajudou do que prejudicou os trabalhos, pois lemos que: **as igrejas eram confirmadas na fé e cada dia cresciam em número** (5) — lit., "estavam sendo fortalecidas" e "estavam aumentando" (verbos no tempo imperfeito). Este é o quarto relatório resumido sobre o progresso do trabalho missionário (cf. 6.7; 9.31; 12.24).

3. *O Impedimento do Espírito* (16.6-10)

E, passando (6) poderia ser melhor traduzido como: "Depois que atravessaram" (Phillips)[129] — *i.e.,* depois que fizeram a viagem missionária (cf. 8.4; 13.6), esses pregadores do Evangelho continuaram o caminho **pela Frigia e pela província da Galácia**

— e não "pelo país da Frigia e da Galácia" (grego). Provavelmente, Ramsay está certo quando traduz o texto da seguinte forma: "A região da Frigia, da *província* da Galácia".[130] Bruce traduz esta frase como "a região Frigia e Galática", mas interpreta seu significado como "o distrito fronteiriço entre as etnias da Frigia e da Galácia".[131]

Neste ponto, eles **foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar** — lit., "de falar" — **a palavra na Ásia** — a província romana da Ásia, na extremidade oeste da Ásia Menor. A frase literal em grego "tendo sido impedidos" sugere que eles receberam esta ordem quando ainda estavam trabalhando nas cidades do Sul da Galácia. Provavelmente, Paulo planejara dirigir-se em seguida à grande metrópole de Efeso, cidade mais importante da Ásia, pois era sua política evangelizar primeiro nas grandes cidades. Porém, Efeso deveria esperar por uma ocasião posterior. Somente três anos depois, em sua terceira viagem missionária, Paulo permaneceu pregando nesta cidade durante cerca de três anos (cap. 19).

E quando chegaram a Mísia (7) — ou melhor, "quando chegaram do lado oposto a Mísia",[132] a região noroeste da província da Ásia (ver o mapa 3) — eles **intentavam —** "estavam tentando" — **ir para Bitínia** — uma província senatorial no noroeste da Ásia Menor — **mas o Espírito de Jesus[133] não lho permitiu.** O melhor texto grego diz "e o Espírito de Jesus não lhes deu permissão".

Como tinham sido proibidos pelo Espírito — provavelmente por uma forte impressão interior — de pregar o Evangelho a oeste na Ásia ou ao norte na Bitínia, os missionários fizeram a única coisa que lhes havia restado. **Tendo passado por Mísia** (8) — ao invés de pregar através dessa região (contra 8.4; 13.6), porque fazia parte da província da Ásia — eles **desceram a Trôade.** Isto é, seguiram um curso médio a oeste dessa colônia romana localizada na costa. A cidade estava localizada em um "fim de mundo", do outro lado do mar, de frente para a Macedônia, na Europa.

Este incidente proporciona uma valiosa lição sobre a orientação divina. Paulo se sentia, de algum modo, na posição de um homem que

caminha por um corredor. Ele quer entrar nas portas à direita ou à esquerda, mas todas elas trazem um aviso: "Não entre". Portanto, ele continua caminhando, sentindo-se tentado pela frustração. Então se aproxima do que parece ser uma parede em branco. Porém, ao chegar, de repente grandes portas se abrem e ele entra em um grande auditório repleto de pessoas.

Paulo deve ter imaginado por que havia sido proibido pelo Espírito de ir para a esquerda (Ásia) ou para a direita (Bitínia). Mas, ao caminhar em linha reta até o fim da terra, de repente uma grande porta se abriu e ele se encontrou frente a frente com um grande campo a cultivar na Europa. Deus havia fechado as portas menores porque tinha uma tarefa maior reservada para o seu apóstolo. Isto às vezes também acontece em nossa vida.

Nada é mencionado sobre a pregação de Paulo e seu grupo em Trôade. Parece que nesta época o apóstolo estava seguindo em frente, obedecendo a ordens seladas, sem saber o seu destino. Mas logo o selo seria rompido e seu próximo destino seria revelado.

Paulo teve, de noite, uma visão em que viu um homem da Macedônia fazendo-lhe uma súplica: **Passa à Macedônia e ajuda-nos! (9)** Nesta época, a Macedônia era uma província romana, e, apesar de ter dominado a Grécia sob o comando de Felipe, e de suas conquistas no Egito e na Síria sob a brilhante liderança de Alexandre, o Grande, ela foi finalmente conquistada pelos romanos no ano 168 a.C. e transformada em uma província romana em 146 a.C.

Logo depois desta visão, procuramos... — "buscamos", sugerindo a procura de meios de transporte (cf. NEB — "imediatamente iniciamos a procura de passagens"). Certamente deduzindo — ou melhor, **"concluindo"** (ASV) — **que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho** (10) — "para evangelizá-los" [*euangelisasthai*].

Este é o começo da primeira das assim chamadas "seções nós" em Atos, onde a primeira pessoa do plural é substituída pela terceira. Esta seção "nós" se estende através do versículo 17. Se alguém anotar

na Bíblia todas as ocorrências da palavra "nós" e "nos" nos versículos 10-17 irá verificar que elas são bastante numerosas. Depois do versículo 17, termina a ocorrência de "nós" até o retomo de Paulo a Filipos para a sua terceira viagem missionária (20.5). Parece ser uma suposição justificada afirmar que Lucas, o autor de Atos, juntou-se ao grupo de Paulo em Trôade, navegou com os missionários através da Europa e permaneceu em Filipos como o primeiro pastor daquela igreja durante cerca de seis anos até o retorno de Paulo. Depois, ele juntou-se a eles novamente e permaneceu ao lado de Paulo até a ocasião da morte do grande apóstolo (cf. 2 Tm 4.11 — "só Lucas está comigo").

A questão de como estes dois homens se encontraram é bastante curiosa. Será que Paulo ficou doente — novamente com a malária crônica das regiões costeiras (ver os comentários sobre 13.13) e precisou procurar cuidados médicos? Será que foi assim que ele encontrou "Lucas, o médico amado" (Cl 4.14)? A principal escola médica daquela época estava em Tarso, a cidade natal de Paulo, e pode ser que Paulo tenha frequentado a universidade local — a terceira maior universidade, depois de Atenas e Alexandria. Portanto, somos tentados a especular que Paulo e Lucas podem ter se conhecido e depois se reencontrado em Trôade. Lucas, então, teria decidido arriscar a sua sorte na equipe evangelística de Paulo.

Ramsay, na verdade, dá um passo à frente. Ele acha que Lucas era o "homem da Macedônica,[134] embora tenha sugerido que eles "se conheceram acidentalmente quando eram estranhos",[135] talvez quando Paulo procurou os serviços de um médico.[136] Não é impossível que Lucas tenha conhecido Filipos e possa ter insistido com Paulo para ir até lá. Esse pode ter sido o cenário, mas não deve ser entendido como um substituto da clara afirmação (9) de que o chamado para ir à Macedônia foi recebido por Paulo à noite, e sob a forma de uma visão.

Em 16.6-10, sob o tema "A Direção Divina", podemos notar: 1. Deus guia através do controle e da disposição (6-7); 2. Quando obedecemos aos controles, a devida direção irá chegar em seu devido tempo (8-9);

3. Embora possamos ser testados, Deus sempre deixará bem clara a sua vontade àqueles que lhe obedecem (10).

E. AMacedônia, 16.11—17.15

1. *Filipos* (16.11-40).

Esta cidade foi capturada por Filipe da Macedônica, que a fortificou para ser uma fortaleza fronteiriça, e desenvolveu as suas minas de ouro, às quais deu o seu próprio nome. Ela transformou-se em uma colônia romana, significando que seus cidadãos tinham os mesmos direitos e privilégios daqueles que viviam nas terras que faziam parte da Itália. Na época de Paulo, Filipos era uma cidade próspera, mas atualmente é apenas um cemitério. "A decadência de Filipos, agora totalmente deserta, deveu-se em grande parte à malária".[137]

a. *A Conversão de Lídia* (16.11-15). A viagem de **Trôade** até **Neápolis** (ver o mapa 3) é descrita em uma breve sentença, mas com detalhes gráficos. A palavra **navegando,** é um termo náutico usado apenas por Lucas (Lc 8.22 e treze vezes em Atos). **Correndo em caminho direito** (11) — lit., "percorreram um curso reto" — é outro termo náutico encontrado somente aqui e em 21.1. Conybeare e Howson sugerem a seguinte tradução: "Navegaram à frente do vento".[138] O fato de terem seguido este caminho (mais de 220 quilômetros) de **Trôade** até **Neápolis** em dois dias, é prova de que enfrentaram ventos favoráveis. Vindo na direção oposta, enfrentando ventos contrários, eles levaram cinco dias (20.6).

Durante sua viagem, eles pararam uma noite na **Samotrácia,** uma ilha montanhosa com elevações de 5.000 pés, "um grande marco neste canto do Levante".[139] Como o mar Egeu é repleto de formações rochosas que se elevam sobre a superfície da água — ou pior, ficam perto da superfície —, não era seguro navegar à noite naquela época em que não havia bússolas ou mapas.

Ao final do segundo dia, eles chegaram em **Neápolis** (palavra grega para "Cidade Nova"), chamada atualmente de Cavala. Lake e Cadbury dizem: "Cavala é o único porto verdadeiro na costa sul da

Macedônia, com exceção de Salônica, e era muito mais seguro do que este último para os barcos à vela".[140] Por essa razão, era o terminal ocidental de uma movimentada rota, a Via Egnátia, na Europa.

Do porto de Neápolis, os missionários caminharam dezesseis quilômetros sobre as colinas e chegaram à planície de **Filipos** (12). Ela é descrita como **a primeira cidade desta parte da Macedônia e é uma colônia** (gr., *kolonia).* A Macedônia era dividida em quatro distritos administrativos, mas a capital desta região oriental era Anfípolis, e não Filipos. A palavra **primeira** é *prote.* Lake e Cadbury dizem *"Prote...* era um título honorífico dado ou reivindicado por muitas das cidades mais importantes das províncias orientais".[141] Mas eles terminam: "E mais provável que o significado deproíe nesta passagem seja simplesmente o de uma 'cidade principal'".[142]

A palavra grega *kolonia* é uma transliteração da palavra latina *colônia,* que foi adotada na língua portuguesa como **colônia.** Lake e Cadbury apresentam o significado bastante extenso, bem como a importância deste termo: "As colônias romanas eram originalmente povoados habitados por cidadãos romanos em território conquistado, e deveríam funcionar como guarnições militares. Mais tarde, elas foram usadas para atender às necessidades dos soldados veteranos".[143] Os colonos romanos tinham três principais direitos: (a) governo autônomo; *(b)* isenção de impostos; (c) os mesmos privilégios legais daqueles que viviam na Itália.

Levantou-se uma questão sobre o fato de somente a cidade de Filipos ter sido descrita em Atos como **colônia,** enquanto Pisídia, Antioquia, Listra, Trôade, Ptolemaida, Corinto, Siracusa e Putéoli já gozavam desta honra. Ramsay acredita que isto se deva à vontade de Lucas de demonstrar o orgulho que sentia por sua cidade natal.[144] Mas na décima quarta edição (1920) de sua famosa obra *St. Paul the Traveler and the Roman Citizen*, Ramsay finalmente aceita a forte tradição da Igreja Primitiva de que Lucas havia nascido em Antioquia da Síria. Ele explica esta atitude de Lucas nestes termos: "Seu amor por Filipos se devia à longa e bem-sucedida evangelização que ele havia realizado ali".[145] E esta parece ser uma explicação bastante

razoável. A expressão **alguns dias** naturalmente se refere a poucos dias.

No dia de sábado (13) — o sábado judeu —, os missionários saíram **fora das portas** — o melhor texto grego traz o termo "portão" — **para a beira do rio** — o Gangites ou Angites, um afluente do rio Strimon, onde julgavam **haver um lugar para oração** — ou melhor "onde estavam supondo que havia um lugar de oração" (NASB). Aparentemente, eles preferiam um lugar às margens de um rio ou na praia por causa dos ritos de purificação dos judeus. Encontrando algumas mulheres que ali haviam se reunido, Paulo e seus companheiros sentaram-se e conversaram com elas. A menção das mulheres implica que não havia sinagogas em Filipos. A regra tradicional dizia que deveria haver pelo menos dez homens judeus em uma comunidade para que uma sinagoga pudesse ser formada.[146] Como os gentios do sexo masculino eram obrigados a fazer a circuncisão antes de pertencer ao judaísmo, era mais fácil para as mulheres se tornarem prosélitos. Muitas vezes, as mulheres são mais religiosas do que os homens e mais conscientes da necessidade da freqüência aos cultos. O fato de nenhum homem ter sido mencionado aqui sugere que em sua maioria as mulheres atuavam como prosélitos.

Neste grupo, havia **uma certa mulher, chamada Lídia** (14). Ela era uma **vendedora de púrpura** — "vendedora de tecidos de púrpura"[147] (uma única palavra, que só aparece aqui no NT) — da **cidade de Tiatira,** na província da Ásia. Esta cidade era famosa pela sua tintura púrpura obtida de um molusco. O tecido que recebia esta tintura alcançava um elevado valor no mundo da antiguidade. Foi declarado aqui que ela **servia a Deus. O Senhor lhe abriu o coração,** portanto ela prestava cuidadosa atenção às coisas que eram faladas por Paulo.

Depois que foi **batizada** (15) como cristã, ela rogou aos missionários que se hospedassem em sua casa enquanto estivessem em Filipos. E óbvio que se tratava de uma mulher de negócios, com uma grande casa, onde o grupo formado por quatro homens podería ser

acomodado. Os membros da **casa,** batizados com ela, formavam provavelmente seu séqüito de empregados, e nada é mencionado a respeito de ela ter um esposo ou filhos.

A palavra **constrangeu** tem um sentido muito forte. No grego clássico, queria dizer "obrigar à força".[148] Lumby comenta: "A força usada era a força da oração que não aceitaria um 'não'".[149] Meyer apresenta uma sugestão útil dizendo que, aqui, esta palavra está descrevendo "a veemente urgência de um sentimento de gratidão".[150]

Sob o título da narrativa "Paulo em Filipos", Alexander Maclaren mostra no versículo 13:1.0 aparente significado e a real grandeza do trabalho cristão; 2. Alei do crescimento no Reino de Cristo; 3. A simplicidade das forças às quais Deus confia o crescimento do seu reino.

b. A Expulsão de um Demônio (16.16-18). **Indo nós à oração** (16) é uma frase que pode ser traduzida como "quando chegamos ao lugar da oração" (ASV). Provavelmente, se tratava de uma outra viagem ao local de reunião à beira do rio, e **a jovem** devia ser uma "jovem escrava". Moulton e Milligan dizem que a palavra grega que originalmente significava "uma jovem" passou mais tarde a significar, na língua grega, uma 'escrava do sexo feminino'".[161]

Esta escrava que encontrou os missionários a caminho da oração, **tinha espírito de adivinhação** — lit., "um espírito, uma jibóia". Bruce escreve: "As *Pythones* eram inspiradas por Apoio, o deus Pitiã, que consideravam estar personificado em uma serpente (a jibóia) na ilha de Delfos (também chamada Pito)".[152] A jovem **dava grande lucro aos seus senhores** — no "trabalho" ou nos "negócios" — **adivinhando** (palavra usada somente aqui no NT), ou "dizendo a sorte" (NASB).

A jovem possuída pelo demônio seguiu **a Paulo e a nós** (17). Esta frase marca o fim da primeira seção "nós" (10-17). **Seguindo** é um forte nome composto (somente aqui e em Lucas 23.55) que significa "ir

atrás de alguém". Ela "continuava a clamar" (modo imperfeito do verbo): **Estes homens que nos anunciam** — "proclamam"[163] — **o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo.** Devemos nos lembrar dos homens endemoninhados gritando que Jesus era o Messias e o Filho de Deus (Mc 1.24; Lc 4.41).

Paulo estava tão ansioso por conseguir o testemunho desta região quanto o próprio Senhor Jesus. Portanto, fez a mesma coisa que Cristo; expulsou o demônio. Como a jovem escrava continuasse a importunar durante **muitos dias** (18), Paulo ficou perturbado — "cansado" — e ordenou ao espírito: **Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela.** Acura foi imediata e completa: **E, na mesma hora, saiu.** A primeira dificuldade encontrada em Filipos havia sido enfrentada e vencida.

c. *Lançados à Prisão* (16.19-24). Na maioria dos casos de perseguição descritos em Atos, a oposição vinha dos judeus e estava relacionada com a religião. Houve duas exceções, aqui e em Efeso (19.23-41). Nestas duas ocasiões, a oposição foi instigada pelos gentios por razões financeiras.

Quando os senhores da escrava viram que **a esperança do seu lucro estava perdida** (19) — pois a jovem não podia mais adivinhar — eles **prenderam** ("colocaram as mãos" em) **Paulo e Silas e os levaram** — ou melhor, "arrastaram" — **à praça** — a Agora — **à presença dos magistrados. Estava perdida** é uma expressão que literalmente quer dizer "tinha desaparecido", e tem a mesma forma que "saiu" no versículo anterior.

Bruce comenta: O senso de humor de Lucas aparece aqui na escolha da palavra *exelthen* depois do seu uso no versículo 18. Sua "esperança de lucro" era, na verdade, o próprio espírito que havia sido expulso".[164] Como o demônio "tinha saído", sua esperança de lucro havia "desaparecido".

" Autoridades" (conforme algumas versões, 19) é um termo geral (*archontes*), enquanto **magistrados** (20) é uma palavra mais específica (*strategoi*) para se referir aos pretores romanos. Lake e

Cadbury dizem: "Provavelmente, *archontes* era simplesmente um termo genérico que pode ser definido mais claramente pelo termo *strategoi,* que vem a seguir".[156] Havia dois pretores em cada colônia que governavam em conjunto.

As acusações contra Paulo e Silas, apresentadas pelos senhores da escrava, eram muito graves. Primeiramente, eles apelaram para o preconceito racial: estes homens, sendo **judeus.** Depois, indicaram mais duas acusações contra eles. A primeira era: **perturbaram a nossa cidade.** O verbo **perturbaram** é muito forte. Meyer faz a seguinte tradução: "trouxeram desordem a nossa cidade".[156] Uma coisa que o governo de Roma não tolerava era qualquer perturbação da paz da comunidade. *Pax Romana* era a palavra-chave do império.

A segunda acusação era: **nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos** (21) — para fazer contraste com "sendo judeus" (20). O judaísmo havia sido reconhecido pelo governo romano como uma religião legal, mas o mesmo não acontecia com o cristianismo. O novo movimento podia contar com a proteção da lei desde que fosse considerado uma seita dos judeus. Roma era pouco amistosa quando se tratava de novas religiões.

Tirando proveito deste fato, e do sempre presente preconceito racial, os queixosos alcançaram sucesso imediato. **A multidão** (22) — de espectadores — **se levantou unida contra eles** — em uma manifestação espontânea de anti-semitismo. **Os magistrados, rasgando-lhes as vestes...** Ramsay acredita que os magistrados (pretores) rasgaram as próprias vestes "em legal horror",[157] mas provavelmente Alexandre é mais correto, quando diz: "Não as suas próprias, como alguém poderia imaginar, o que estaria totalmente fora do caráter dos romanos, mas aquelas que pertenciam a Paulo e Silas".[158] Depois, **os magistrados... mandaram açoitá-los com varas** (trad. literal).

E havendo-lhes dado muitos açoites, os lançaram na prisão, mandando ao carcereiro que os guardasse com segurança (23),

pois podiam ser perigosos prisioneiros políticos. Com ordens tão severas, o carcereiro **os lançou no cárcere interior** (24) — ou na "prisão mais escondida" — **e lhes segurou os pés no tronco** — lit., "na madeira". Lake e Cadbury escrevem: "Este tronco era aparentemente feito como os troncos tradicionais da cidade, porém tinha mais dois buracos para as pernas, de forma que elas eram forçadas a ficar separadas em uma posição intoleravelmente dolorosa".[159]

d. A Conversão do Carcereiro (16.25-34). O incidente que se segue representa um dos gloriosos memoriais do triunfo do cristianismo no espírito humano. Ao invés de murmurarem e se queixarem porque não podiam dormir por causa das dores, **perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus** (25) — lit., "orando, eles estavam louvando a Deus" (*hymnoun,* "cantando louvores"). Ao orarem, eles sentiam a alegria crescer dentro deles e isto os levava a cantar. A oração sincera sempre leva à glorificação, e a glorificação dispersa a tristeza. Naquele escuro calabouço, uma luz brilhava no coração dos dois missionários. Eles oravam e cantavam bem alto, de modo que **os outros presos os escutavam** — lit., "estavam ouvindo os dois".

E, de repente, sobreveio um tão grande terremoto (26). Deus não podia deixar seus servos sofrendo enquanto cantavam louvores a Ele. Portanto, Ele sacudiu e abriu as portas da prisão, e soltou as cadeias que prendiam as mãos e os pés dos prisioneiros. O **carcereiro** acordou com o terremoto e ficou horrorizado ao ver que as portas da prisão estavam abertas. Imaginando que os prisioneiros tinham fugido, ele **tirou a espada e quis matar-se** — "uma questão de honra militar, ou talvez para evitar o castigo aplicado a um carcereiro que deixa os prisioneiros escaparem"[160] (Cf. **12.19; 27.42).**

Agindo rapidamente, Paulo evitou o suicídio clamando com grande voz: **Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos** (28). O único que realmente estava no comando da situação era Paulo, o homem de Deus, e não o carcereiro. Este último **pediu luz** (29) — em grego "luzes" — **saltou dentro** — "correu" — **e todo trêmulo** —

terrivelmente abalado pelo acontecimento — **se prostrou ante Paulo e Silas,** reconhecendo que o terremoto estava relacionado com eles.

Tirando-os para fora (30) — um manuscrito (D) grego acrescenta: "tendo amarrado os outros" — **disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?** Ele pode ter ouvido as palavras da jovem escrava possuída pelo demônio (cf. 17) e o terremoto levou-o a acreditar que eram verdadeiras.

A reposta dos missionários foi: **Crê no Senhor Jesus Cristo**[161] **e serás salvo, tu e a tua casa** (31). Nada é mencionado sobre o arrependimento, como em 2.37-38, quando responderam à pergunta: "Que faremos?" A razão, provavelmente, é que Paulo percebeu um verdadeiro arrependimento já presente na atitude do carcereiro. Ele estava pronto para crer. Aqui, a palavra **casa** significa "lar" e pode ter incluído os servos deste homem assim como toda a sua família.

O carcereiro e sua família precisavam ser instruídos (32) na **palavra do Senhor,** e foi isto que os missionários começaram a fazer. Talvez Paulo tenha falado com os homens, e Silas, com as mulheres e as crianças.

E... **naquela mesma hora da noite** (33) o carcereiro **lavou-lhes os vergões.** Logo depois, **foi hatizado, ele e todos os seus.** Bruce diz: "A lavagem e o batismo aconteceram antes de serem levados para fora da prisão (v. 30) e antes de serem levados a sua casa (v. 34), provavelmente, em uma fonte que existia no pátio".[162]

Quando o carcereiro trouxe os dois prisioneiros a sua casa, **lhes pôs a mesa** (lit., 34) **e, na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa.** A ameaça do funeral foi substituída por uma ocasião de festa e regozijo.

Em relação aos versículos 30-31, Alexander Maclaren apresenta a "Grande Pergunta". 1. A pergunta que devemos fazer: **O que é necessário que eu faça para me salvar?** (30); 2. A clara resposta: **Crê no Senhor Jesus Cristo** (31); 3. A bênção que todos podemos

receber: **Serás salvo** (31).

e. A Justificação Completa (16.35-40). **Sendo já dia** (35), **os magistrados —** pretores — **mandaram quadrilheiros** — sargentos, lit., "açoitadores". Lumby comenta: "Estes eram os sargentos que atendiam os pretores... provavelmente as mesmas pessoas que, na véspera, haviam açoitado Paulo e Silas, e que agora eram enviadas para livrar-se deles".[163] Também é totalmente possível que os magistrados tivessem ficado tão atemorizados pelo terremoto que decidiram que era melhor não deter os missionários por mais tempo.

A mensagem que os "policiais" (NASB) levavam era: **Soltai aqueles homens.** O carcereiro contou isto a Paulo e disse aos dois antigos prisioneiros: **saí e ide em paz** (36).

Mas Paulo tinha alguma coisa mais em mente. Ele respondeu: **Açoitaram-nos publicamente, e, sem sermos condenados, sendo homens romanos, nos lançaram na prisão, e agora, encobertamente** [secretamente], **nos lançam fora? Não será assim; mas venham eles mesmos e tirem-nos para fora** (37). Superficialmente, isto parece ser uma retaliação pessoal. Mas o que devemos entender é que, neste ponto, Paulo fez um movimento estratégico. Os fundadores da igreja cristã em Filipos haviam sido publicamente acusados de serem criminosos. Sem qualquer semelhança com um tribunal ou com uma condenação legal, eles haviam sido lançados na prisão como pessoas perigosas. Em nome da igreja e da sua reputação, não a dele, Paulo exigiu que os magistrados lhe dessem uma completa justificativa com a finalidade de mostrar a toda a cidade que os fundadores da igreja não eram criminosos nem desordeiros. Se ele estivesse procurando se vingar, deveria ter processado os proprietários da escrava que haviam levantado uma calúnia contra ele e Silas. Mas isto ele não fez.

Quando os magistrados souberam que Paulo e Silas eram cidadãos romanos, **eles temeram** (38), e com toda razão. Como cidadãos romanos, os dois missionários podiam ter apelado ao imperador e os magistrados seriam duramente castigados. "Os cidadãos eram

protegidos contra o açoite"[164] e, em todo caso, não podiam ser retidos antes de uma condenação oficial do tribunal.

A questão sobre a razão por que Paulo e Silas não alegaram a sua cidadania, evitando dessa forma o açoite — como Paulo resolveu fazer mais tarde em Jerusalém (22.2429) — não pode ser respondida com muita segurança. A explicação mais plausível é que havia tal confusão em Agora que eles não conseguiram que suas vozes fossem ouvidas. Todo este incidente parece ter sido o resultado de uma decisão precipitada.

De qualquer maneira, os magistrados vieram e humildemente **dirigiram súplicas** aos missionários, pedindo **que saíssem da cidade** (39). Aqueles homens da cidade já não queriam mais nenhum tumulto, pois suas carreiras já haviam sido ameaçadas pelo acontecido.

Paulo e Silas deixaram a prisão, foram à **casa de Lídia** para ver os **irmãos** (40), *i.e.,* os recém-convertidos, **os confortaram** — ou "os exortaram" — **e depois partiram.** Evidentemente, acharam que seria melhor para a nova igreja que eles deixassem a cidade.

2. *Tessalônica* (17.1-9)

Paulo e seu grupo "puseram-se a caminho" — pela famosa via Egnátia, que ligava Roma ao oriente — através de **Anfípolis e Apolônia,** em direção a **Tessalônica** (1, ver o mapa 3). Esta era uma distância de aproximadamente 160 quilômetros que, para ser percorrida, tomaria boa parte da semana entre os dois sábados. A distância entre Filipos e Anfípolis era de 53 quilômetros, mais 48 quilômetros até Apolônia, e mais 60 quilômetros até Tessalônica — as cidades estavam muito distantes uma da outra para um dia de viagem a pé, portanto, eles devem ter cavalgado. Como Lucas não estava com eles, não temos nenhum detalhe particular dessa viagem.

O costume de Paulo era viajar pelas principais estradas. Bruce, com muita propriedade, observa: "As estradas do Império tornaram-se para Paulo as estradas para o Reino do céu".[165]

Anfípolis — "cidade dos dois lados" — tinha este nome porque era quase totalmente cercada pelo rio Strimon, e estava há aproximadamente cinco quilômetros do mar. Era a capital do primeiro distrito da Macedônia, que incluía Filipos. Não sabemos por que Paulo não parou nem nesta cidade nem em Apolônia para pregar.

Tessalônica era um importante porto do mar Egeu e ainda hoje é um movimentado centro comercial. Era a capital da Macedônia, e sua maior cidade. Ao contrário de Filipos, havia ali uma **sinagoga de judeus,** e isto proporcionou aos missionários um lugar estratégico para iniciar a evangelização daquela comunidade.

a. *Progresso* (17.1-4). Paulo, **como tinha por costume, foi ter com eles** (2) e

freqüentou os cultos da sinagoga **por três sábados** e **disputou** — "discutiu" ou "argumentou" (NEB) — **com eles sobre as Escrituras.** Como os judeus eram estudantes dedicados das Escrituras e gostavam de discutir, Paulo encontrou ali uma oportunidade de ouro.

Dois verbos foram usados para descrever os argumentos dos apóstolos sobre as Escrituras. O primeiro é **expondo** (3), lit., "mostrando detalhadamente". A tarefa básica de um pregador é expor a Bíblia ao entendimento das pessoas. O segundo verbo é **demonstrando,** que significa literalmente "colocar ao lado". Portanto, Paulo estava colocando Escrituras específicas ao lado de seus argumentos para confirmá-los. Para esta passagem, Abbott-Smith sugere o significado de "apresentar, citar como evidência".[166] Paulo estava apresentando passagens das Escrituras judaicas para dar suporte aos seus argumentos.

O ponto principal que o apóstolo tinha em mente era apresentar e provar **que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos.** Até os judeus poderem entender que as suas Escrituras ensinavam sobre um Messias sofredor e ressuscitado, Paulo não podia esperar que fossem aceitar Jesus como seu Messias. Tendo estabelecido o fato de que as Escrituras do Antigo Testamento ensinam que o Messias iria sofrer (SI 22; Is 53), morrer e ressuscitar

(SI 16.10), Paulo não podia provar seu argumento mais importante: **este Jesus, que vos anuncio, dizia ele, é o Cristo.**

Uma típica conseqüência resultou da pregação de Paulo: **alguns deles creram** (4), ou "foram persuadidos" (ASV) e **ajuntaram-se com Paulo e Silas.** O verbo significa literalmente "designar", "designar por sorteio"[167] (cf. Phillips — "lançar a sua sorte"). Alexander explica da seguinte maneira: *Ajuntaram-se com* (ou mais exatamente, foram designados para) *Paulo e Silas,* pela graça divina, como sua porção ou fruto do seu ministério".[168] Além destes judeus que foram persuadidos e "ajuntaram-se" a Paulo e Silas, havia uma grande multidão de **gregos religiosos** — membros da sinagoga judaica — e **não poucas mulheres distintas** — possivelmente "esposas dos líderes". Como os judeus exigiam a circuncisão dos prosélitos e os cristãos não faziam tal exigência dos convertidos, os gentios que freqüentavam a sinagoga eram mais atraídos para a nova religião. O cristianismo oferecia tudo o que atraía estes gentios ao judaísmo — crença em um único Deus, elevados padrões morais, etc. — sem os ofensivos requisitos legais. Isto não quer dizer que o cristianismo não tivesse exigências mais elevadas em termos de uma verdadeira consagração ou sacrifício; no entanto, essas exigências pertenciam principalmente ao reino espiritual.

b. *Perseguição* (17.5-9). Era inevitável que a popularidade dos novos pregadores viesse a provocar a oposição. A situação era a mesma de muitas ocasiões anteriores: "os judeus sentiam inveja".[169] Portanto, **tomaram consigo alguns homens perversos —** "ímpios" ou "sem valor" — **dentre os vadios** — lit., ociosos da Agora (mercado). Lake e Cadbury acreditam que este significado etimológico pode não ter sido usado naquela época. Eles traduzem vadios como "classe inferior".[170] Entretanto, provavelmente seria melhor deixar que o significado original permanecesse (cf. Phillips — "vadios sem princípios, que ficavam no mercado"; NEB — "homens baixos do refugo do populacho"). Bruce vai mais além e sugere o termo "bandidos".[171]

Escolhendo tais pessoas, os opositores judeus haviam ajuntado **o**

povo — lit., "haviam formado uma multidão" ou "formado um populacho" (NASB), e **alvoroçaram a cidade** (cf. mesma palavra usada em 20.10). **Assaltando** — "tendo atacado" (NEB) — **a casa de Jasom** — onde aparentemente os missionários estavam alojados — eles **procuravam** — "estavam procurando" (modo imperfeito do verbo) — **tirá-los para junto do povo.** O termo usado aqui não corresponde à palavra usual para "povo" (*laos*), mas *demos.* Este tem o significado especial de "povo reunido" (cf. 12.22; 19.30,33). Bruce diz: "Como Tessalônica era uma cidade livre, seu corpo de cidadãos *{demos)* desempenhava as funções legislativas e jurídicas".[172] Os judeus pretendiam levar os missionários perante a assembléia da cidade.

Por alguma razão desconhecida, Paulo e seu grupo não estavam nesse momento na casa de Jasom. Portanto, os da multidão **trouxeram** (6) — lit., "arrastaram violentamente" — **Jasom e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade.**

Até recentemente, o termo*politarches* (lit., governantes da cidade; este termo só aparece aqui e no versículo 8) não havia sido encontrado em nenhum texto da literatura grega. Dessa forma, alguns críticos antigos acusaram Lucas de ter inventado esta palavra. Porém, mais uma vez, os escritos de Lucas foram amplamente comprovados pela arqueologia, por ser um historiador que registrou os fatos com precisão. Foram descobertas não menos que dezenove inscrições pertencentes à Macedônia, que contém esta palavra, e que variavam entre o segundo século a.C. e terceiro século d.C. Quatorze destas inscrições eram de propriedade de Tessalônica e cinco delas fazem referência a esta cidade. Na época de Augusto, Tessalônica tinha cinco *politarches* e mais tarde chegou a ter seis. Lake e Cadbury escrevem: "*Politarches* é, principalmente, se não exclusivamente, um título macedônio para os magistrados não romanos de uma cidade".[173] Lucas era um homem muito viajado e um cuidadoso investigador. Ele caminha através da complexa história do primeiro século com passos muito seguros.

A medida do impacto que Paulo e seus associados estavam causando é

revelada pela acusação apresentada contra eles: **Estes que têm alvoroçado o mundo chegaram também aqui.** O termo **mundo** (*oikoumene*) significa o mundo civilizado. **Alvoroçado** é um verbo muito forte (no NT, ele aparece somente aqui, em 21.38 e em G1 5.12). Aqui ele pode significar "incitaram uma sedição". Esta era uma das ofensas mais graves aos olhos do governo romano, e a intenção da acusação era cobri-la de implicações políticas, o que traria a tomada de medidas drásticas. Isto fica mais claro e específico diante do restante da acusação: e **todos estes procedem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei** — "imperador"[174] — **Jesus** (7). Isso nada mais era do que traição. O crime de Jasom foi ter recebido ("abrigado")[175] estes agitadores políticos em sua casa.

Naturalmente, esta acusação alvoroçou **a multidão** (*ochlon*, 8) — e **os principais da cidade** (*politarches*). **Tendo, porém, recebido satisfação de Jasom** (9) e os outros, eles os soltaram. Ramsay sugere que esta pode ter sido uma garantia de que Paulo deixaria a cidade para não mais retornar, e que este teria sido o obstáculo a que o apóstolo se referiu em 1 Tessalonicendes 2.18.[176]

3. *Beréia* (17.10-15)

Por causa de alguma promessa, ou do perigo de tumultos futuros, logo os irmãos enviaram de noite **Paulo e Silas a Beréia** (10). Esta necessidade de escapar da prisão mostra a seriedade da situação. Será que secretamente o jovem Timóteo ficou ainda mais algum tempo? E possível, mas de qualquer maneira ele logo se juntou aos outros dois em Beréia (cf. 14).

Beréia é a moderna cidade de Verria, situada a 80 ou 100 quilômetros a oeste de Tessalônica, e ao sul da via Egnátia (por essa razão, dizia-se naquela época que ela ficava "fora do caminho"). Chegando lá, os missionários foram à sinagoga dos judeus. Mais uma vez, Paulo encontrou um "púlpito" esperando por ele.

Os judeus de Beréia são mencionados como **mais nobres** — ou "de espírito mais generoso" (Phillips) — do que os que estavam em Tessalônica (11). Isto é provado pelo fato de que eles receberam a

palavra — a pregação de Paulo — de bom grado — *prothymia,* "com interesse, boa vontade e presteza".[177] **Examinando cada dia nas Escrituras** — o nosso Antigo Testamento — **se estas coisas eram assim. Examinando** quer dizer literalmente "pesquisando" ou "investigando" (o particípio presente de uma ação contínua).

O resultado desse exame honesto e interessado, feito diariamente nas Escrituras, foi descobrir que as coisas faladas pelos missionários eram exatamente assim. Obedientes à verdade, **muitos deles** — *i.e.,* judeus — **creram** (12). Também havia um número considerável de homens e mulheres gentios que aceitavam a Cristo. A palavra para **classe nobre** no grego antigo significava "rico e influente".[178] **Não poucos** é uma expressão masculina e pode se referir principalmente aos homens, mas o mais provável é que ela e a palavra **gregas** (no feminino) estejam se referindo tanto a homens como a mulheres.

Estes dois versículos (11-12) indicam "O Preço do Aprendizado": 1. A ânsia pelo saber (11); 2. A dedicação ao estudo (11). 3. A aceitação da verdade (12).

Em Beréia, aconteceu o mesmo que na província da Galácia. Da mesma maneira como os judeus de Antioquia da Pisídia e de Icônio seguiram Paulo a Listra, onde lhe trouxeram dissabores **(14.19),** agora os **judeus de Tessalônica (13),** ao ouvirem que a Palavra de Deus também era anunciada por Paulo em Beréia, foram lá e excitaram as multidões. O melhor texto grego traz a frase "atiçaram e incitaram as multidões".

O resultado foi que Paulo precisou abandonar a cidade. **No mesmo instante** (14), **e para proteger sua vida, os irmãos mandaram a Paulo que fosse até** — o melhor texto grego diz "tão longe como" — **ao mar.** Neste caso, Silas e Timóteo ficaram para trás para cuidar dos novos convertidos.

Alguns dos cristãos de Beréia acompanhavam Paulo... **até Atenas** (15, ver o mapa 3). Este era um ato gentil e cortês, especialmente porque a sua vida estava em perigo. Não sabemos se foram por terra ou mar, mas o fato de os acompanhantes terem conduzido Paulo

durante todo o caminho até Atenas leva-nos a acreditar que foram por terra. E provável que tenham retornado do porto, caso o apóstolo tenha embarcado em um navio. Dessa maneira, eles fizeram a longa jornada de mais de 300 quilômetros em direção ao sul. Depois de receberem ordens de Silas e Timóteo para irem a Atenas **o mais depressa possível** (o mais rápido que pudessem), eles retornaram a Beréia.

Parece que Silas e Timóteo se juntaram a Paulo em Atenas, e que o apóstolo enviou Timóteo de volta a Tessalônica (1 Ts 3.1-3) e Silas a Filipos ou Beréia (18.5). Na ocasião em que novamente se juntaram a Paulo, ele estava em Corinto (18.5). Foi lá que o apóstolo escreveu as duas epístolas aos Tessalonicenses.

F. Grécia, 17.16—18.17

1. *Atenas* (17.16-34)

Atenas foi o maior centro de cultura e educação da antiguidade. Bruce diz: "A escultura, a literatura e a oratória de Atenas, nos séculos V e IV a.C., nunca foram ultrapassadas; também na filosofia ela ocupava um lugar de liderança, sendo a terra natal de Sócrates e de Platão, e o lar adotivo de Aristóteles, Epicuro e Zeno".[179] Assim como Roma, Atenas ainda é uma das grandes capitais do mundo.

a. Acusado Publicamente perante oAreópago (17.16-21). Enquanto Paulo esperava que Silas e Timóteo se juntassem a ele em Atenas, **o seu espírito se comovia em si mesmo** (16) — "sentia-se provocado, zangado" — **vendo a cidade tão entregue à idolatria** — ou melhor, "cheia de ídolos" (ASV). Lake e Cadbury escrevem: "A abundância de estátuas em Atenas e, em geral, as evidências da religiosidade dos atenienses eram notáveis aos olhos dos outros visitantes".[180] Tudo isso mostra como era pequena a impressão causada na população até mesmo por seus melhores filósofos, como Sócrates.

Paulo tinha um duplo ministério em Atenas: o primeiro com os judeus, principalmente na sinagoga, e o segundo com os gentios, no mercado. Ele **disputava** (17) — "argumentava", a mesma palavra do versículo 2 (ver os comentários) — **na sinagoga com os judeus e religiosos** — gentios que aceitavam o Deus verdadeiro — **todos os dias, na praça** — a Agora — **com os que se apresentavam** — lit., "com aqueles que estivessem presentes". Dessa forma, ele se adaptou às condições de cada cidade onde ministrava. Como o método preferido de ensinar em Atenas era a discussão "livre para todos" na Agora, Paulo também adotou esta técnica quando estava lá. Ele iria se fazer "tudo para todos" (1 Co 9.22) para levá-los a Cristo. Poucos homens da sua época poderíam ter praticado os dois ministérios que ele tinha agora em Atenas. Para o primeiro (no caso dos judeus), ele fora treinado aos pés de Gamaliel em Jerusalém. Para o segundo (no

caso dos atenienses de espírito filosófico), provavelmente fora educado na grande universidade de Tarso, que só era ultrapassada por Atenas e Alexandria. De forma admirável, Deus havia preparado o seu homem para esse grande ministério. Cheio do Espírito Santo, Paulo foi capaz de receber a Palavra revelada de Deus e a sabedoria dos filósofos gregos e, dessa forma, estabelecer uma situação de harmonia e boa comunicação tanto com judeus como com gentios.

Em suas discussões diárias na Agora, Paulo teve a oportunidade de conhecer alguns filósofos (esta palavra é encontrada somente aqui no NT) — **epicureus e estóicos** (18). Sobre o primeiro, Bruce diz: "Os epicureus tinham este nome por causa de Epicuro (341— 270 a.C.), cujo sistema ético, baseado na teoria atômica de Demócrito, apresentava o prazer (*hedone*) como a principal finalidade da vida, sendo que o maior prazer era ter uma vida de tranqüilidade *iataraxia),* livre da dor, de paixões perturbadoras e de temores supersticiosos".[181]

Sobre os estóicos, ele escreve: "Os estóicos consideravam Zeno (340— 265 a.C.) como seu fundador e receberam este nome por causa da *Stoa Poikile* em Atenas, onde ele ensinava".[182] A crença dos estóicos era panteísta, racionalista e fatalista. Na prática, eles enfatizavam "a supremacia do racional sobre a faculdade emocional do homem, e também sobre a própria auto-suficiência".[183] Assim, eles negavam a essência da verdadeira religião, com a sua dependência de Deus. Estóicos importantes da época romana foram Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Estes epicureus e estóicos contendiam com Paulo — *"i.e.*, se reuniam com eles em discussões, e argumentavam com ele".[184] Alguém perguntou: "Que quer dizer este paroleiro? A expressão **quer dizer** poderia ser melhor traduzida como "o que diria? (ASY), *i.e.:* "O que poderia estar querendo dizer?" Paroleiro quer dizer literalmente "apanhador de sementes". Sobre este termo, Lake e Cadbury escrevem: "Parece que esta palavra foi usada primeiramente para as aves que apanham os grãos, depois passou a designar os homens que recolhiam bugigangas no mercado, depois foi transferida para homens

que eram pesquisadores zelosos e de segunda classe de artigos de segunda mão e, finalmente, para pessoas geralmente inúteis".[185] Phillips oferece uma boa tradução para esta questão: "O que este homem presumido está querendo dizer?"

Esta era a pergunta que alguns faziam a Paulo. E ainda **outros (18)** observavam: **Parece que** é **pregador de deuses estranhos,** ou "divindades estrangeiras". A palavra usada para deuses é *daimonia,* que aparece 52 vezes nos Evangelhos para designar os demônios, e também em outras passagens do Novo Testamento. Na Septuaginta, ela foi usada para divindades pagãs. Trata-se essencialmente de um adjetivo que significa "divino". No grego clássico, ela queria dizer: "O poder divino", e este é o seu significado aqui.

A razão para essa conversa sobre divindades estrangeiras é que Paulo lhes anunciava Jesus e a ressurreição. Alguns comentaristas afirmaram que os atenienses entenderam Jesus e *anastasis* (ressurreição) como se fossem um deus e uma deusa. Mas Lake e Cadbury consideram isso "improvável".[186]

Aqueles que tinham estado discutindo com Paulo na Agora levaram-no até o Areópago

(19) . Estas duas palavras gregas, *Areios pagos* significavam "Colina de Ares" ou Marte. Como o antigo tribunal de Atenas se reunia na Colina de Marte, o próprio tribunal passou a ter o nome desta colina, *Areópago.* A medida que o governo de Atenas se tornava mais democrático, esse aristocrático tribunal perdeu algumas de suas prerrogativas, mas ainda mantinha o direito de julgar casos de homicídio e outros graves crimes morais. Bruce diz: "Ele tinha suprema autoridade sobre assuntos religiosos e parece que nesta época também tinha o poder de nomear oradores públicos e exercer algum controle sobre eles, visando ao interesse da ordem pública".[187] Provavelmente, Paulo foi levado "perante o Tribunal do Areópago" (NEB).

Lake e Cadbury fazem uma observação pertinente sobre este ponto.

Eles escrevem: "De acordo com Atos, portanto, assim como Paulo foi levado perante o *strategoi* de Filipos, o *politarchai* de Tessalônica e o *anthupatos* de Corinto, em Atenas ele também teve de enfrentar o Areópago".[188] Eles acrescentam: "O nome da suprema autoridade local é diferente e preciso em cada caso".[189] Lucas escreve de maneira cuidadosa e correta, como um verdadeiro e confiável historiador.

O pedido apresentado a Paulo era: **Poderemos nós saber que nova doutrina**

("ensinamento") é **essa de que falas?** A versão NASB diz: "Podemos saber o que é este novo ensinamento que você está anunciando?" Paulo estava trazendo **coisas estranhas**

(20) a seus ouvidos e eles queriam uma explicação sobre aquilo que ele falava.

A declaração parentética do versículo 21 era muito própria da vida dos atenienses na época de Paulo, e foi abundantemente corroborada pelos escritores contemporâneos.

b. Discutindo perante o Areópago (17.22-31). **E, estando Paulo no meio do Areópago** (22). A Colina de Marte corresponde à mesma expressão que foi traduzida como "Areópago" no versículo 19 (ver os comentários sobre este texto). Praticamente todos os estudiosos concordam que "Areópago" é a tradução correta dos dois lugares. Lake e Cadbury observam que a expressão no meio "é obviamente mais apropriada a um conselho do que a uma colina".[190] Cadbury, em seu último trabalho, *The Book ofActs in History,* diz que, no primeiro século, o Tribunal do Areópago reunia-se em um pórtico a noroeste da Agora, que era chamado "alternadamente de *Stoa Basileios* e de *Stoa de Zeus Eleutério".*[191] E continuam dizendo: "Devemos deixar em aberto a possibilidade de o conselho reunir-se às vezes na colina do Areópago e não na Agora, mesmo mais tarde, ou de Paulo ter falado na colina, mas não para um grupo oficial".[192]

Cortesmente, Paulo dirigiu-se à audiência como varões atenienses. Mas a declaração inicial que aparece na versão KJV parece ser menos

delicada: **em tudo vos vejo um tanto supersticiosos.** Provavelmente, seria melhor traduzir a última expressão como "acentuadamente religiosos" (ASV) ou "extremamente religiosos" (Phillips, acompanhando Deissmann). A palavra grega usada aqui significa, basicamente, "tementes aos deuses". Lake e Cadbury traduzem-na como "muito supersticiosos", mas deixam o assunto um pouco em aberto.[193] Bruce prefere "muito religiosos".[194] Knowling parece ter razão quando escreve: "E incrível que o apóstolo Paulo tivesse começado suas observações com uma frase calculada, com a finalidade de ofender os seus ouvintes".[196] Certamente o apóstolo não tinha muito respeito por Félix ou Agripa, no entanto começou seus discursos perante estes dois homens com a maior cortesia (24.10; 26.2-3). Paulo não era o tipo de homem que demonstraria desrespeito a uma audiência como aquela que enfrentou em Atenas. Ned Stonehouse encerra a discussão sobre este assunto, dizendo: "Parece ser definitivamente mais satisfatório na presente conexão concluir que Paulo estava ressaltando a religiosidade ao invés da superstição deles".[196]

Paulo continua explicando por que disse isto: **Passando eu** (23) — lit., "enquanto eu estava passando" (pelas ruas) — **e vendo os vossos santuários** — ou "objetos de adoração" — **achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO.** Knowling expressa bem o significado desta frase ao dizer: "Nesta inscrição, Paulo sabiamente reconheceu que havia no coração de Atenas a prova de um profundo e insatisfeito desejo da humanidade por um conhecimento mais íntimo e claro sobre um poder invisível que os homens cultuavam de forma imperfeita e obscura".[197]

Paulo prosseguiu: **Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo** — ou melhor, "honram como desconhecido" (RSV), ligando-o ao desconhecido da inscrição, como faz o idioma grego — **é o que eu vos anuncio. O** apóstolo sentia-se feliz por identificar o Deus desconhecido para essas pessoas, o qual, sem conhecerem, elas procuravam honrar. Esta era uma abordagem inteligente, e estava definitivamente de acordo com a tradução "religiosos", ao invés de "supersticiosos", como consta na declaração inicial de Paulo.

O apóstolo passa a descrever este "deus desconhecido". Ele é **o Deus que fez o mundo** — *cosmos,* "o universo ordenado" — **e tudo que nele há** (24). Ele também é o **Senhor do céu e da terra.** Conseqüentemente, Ele não pode morar **em templos feitos pelas mãos dos homens. Nem tampouco é servido** (lit., em grego) **por mãos de homens, pois Ele é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas (25).**

De um só[198] — lit., "a partir de um", *i.e.*, Adão — Deus **fez toda a geração dos homens**

(26). Dessa forma, Paulo declarou a unidade da raça humana e sugeriu o desagrado de Deus perante todo preconceito racial, seja entre gregos e judeus no século I, ou entre povos brancos e negros no século XXI.

A finalidade de tudo isso era para que buscassem ao Senhor.[199] **Tateando (27)** significa "talvez". Paulo continua a afirmar que Deus não está longe de cada um de nós.

A frase: "Nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (28) é considerada uma citação na RSV. Na opinião de Kirsopp Lake, ela vem de Epimenides.[200] A última frase do versículo, **pois somos também sua geração,** vem do poeta Arato. **A** palavra **sua** se refere a Zeus.

Como somos **geração de Deus** (29) — através da criação — seria tolice pensar que a divindade — "o divino" ou "divinal" — seria semelhante às imagens de ouro ou prata feitas pelos homens.

Os antigos tempos da ignorância, Deus não levou em conta — ou "desconsiderou" (ASV) — mas o Senhor anuncia agora a **todos os homens, em todo lugar, que se arrependam** (30). Paulo está agora chegando a sua conclusão evangelística.

Por que os homens precisam se arrepender? **Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou** (31); *i.e.,* Jesus Cristo. Sobre isso,

Deus deu certeza — ou melhor, "deu provas" — a todos, ressuscitando-o dos mortos. Esta é a parte da mensagem de Páscoa que raramente é anunciada. A ressurreição é a prova dos homens, Deus garante que haverá um dia de julgamento, quando toda humanidade será julgada. Este é um pensamento solene.

c. Aceito por um Areopagita (17.32-34). A menção da ressurreição produziu uma reação imediata: **uns escarneciam** (32), enquanto outros diziam que desejavam ouvir mais, em uma outra vez. Os gregos acreditavam na imortalidade, mas negavam a ressurreição dos corpos. Os judeus acreditavam mais na ressurreição do que na imortalidade; mas a glória do cristianismo é enfatizar as duas verdades. Percebendo que nada mais conseguiría destes céticos gregos, **Paulo saiu do meio deles** (33).

Entretanto, houve alguns que creram (34). Entre eles estava Dionísio, o areopagita. Foi uma grande vitória conquistar um convertido neste seleto grupo de cerca de trinta pessoas. "Pode até haver uma nota de triunfo no epíteto "areopagita", escrito depois dos nomes dos convertidos".[201] Nada mais sabemos a respeito de Dâmaris, porém ela deve ter sido um membro muito conhecido da igreja de Atenas.

2. *Corinto* (18.1-17)

Atenas era o centro da cultura, mas Corinto era o centro do comércio, pois sua situação geográfica tornava isto inevitável. Estava localizada em um estreito istmo que ligava a seção continental da Grécia ao Peloponeso, no Sul (ver o mapa 3). Era perigoso viajar ao redor da extremidade sul da Grécia por causa da enorme quantidade de pequenas e rochosas ilhas que se projetavam do mar, e também porque os ventos constantes vinham do Norte e tendiam a desviar os navios para as costas da África. Corinto tinha um porto oriental, Cencréia, e um porto ocidental, Licaum. Marinheiros e viajantes de todo o Mediterrâneo podiam ser encontrados nas ruas de Corinto. Esta é provavelmente a razão por que Paulo passou um ano e meio nesta grande metrópole. O Evangelho iria se propagar a partir deste centro, para todo o mundo conhecido na época.

Mas essa cidade também era famosa por seu baixo índice de moralidade, e, ser de Corinto, significava ser moralmente corrupto (ou "passar a ser de Corinto era o mesmo que passar a ser corrupto"). Diziam que o templo de Afrodite abrigava mais de mil prostitutas sagradas. Como a imoralidade fazia parte do culto religioso, não é de admirar que a moral fosse deplorável sob todos os aspectos.

Politicamente, Corinto era a capital da província romana da Acaia (Grécia). Fazia parte da política habitual de Paulo fundar uma igreja forte em cada capital provincial, para que a evangelização da província se difundisse a partir desse centro principal.

a. Ministério na Sinagoga (18.1-4). Como em Atenas, Paulo desempenhava um duplo ministério em Corinto — aos judeus e aos gentios. Mas, embora em Atenas eles fossem simultâneos — ele ensinava na sinagoga aos sábados e falava com as pessoas na área do mercado durante a semana — em Corinto uma atividade seguia-se à outra. Paulo ensinou na sinagoga até ser expulso de lá, depois ministrou particularmente aos gentios na casa de um gentio que participava da adoração na sinagoga.

Depois disto, **partiu Paulo de Atenas e chegou a Corinto (1)** — uma distância de cerca de 96 quilômetros. Novamente, não sabemos se ele foi por terra ou por mar. Em Corinto, o apóstolo encontrou **um judeu chamado Áqüila, natural do Ponto** — região nordeste da Ásia Menor (ver o mapa 3) **— que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher** (2). Ela é geralmente chamada de Prisca nas epístolas (Rm 16.3; **1** Co 16.19; 2 Tm 4.19). Parece que, de ambos, ela tinha o caráter mais forte, pois seu nome geralmente precede o do marido.

Lucas nos dá uma explicação da razão por que Áqüila e Priscila haviam deixado a capital do império: Cláudio mandara que todos os judeus saíssem de Roma. Este é provavelmente o decreto mencionado por Suetônio em sua obra *Life ofClaudius* (25.4) — "Ele (Cláudio) expulsou os judeus de Roma porque estes estavam em um estado de permanente tumulto por instigação de um tal "Chrestus" (provavelmente, uma redação errada de "Christus", ou Cristo). Isto

aconteceu no ano 49 d.C., um ano antes da chegada de Paulo a Corinto. Como a conversão de Áqüila e Priscila não foi mencionada aqui, parece que eles já eram cristãos antes de saírem de Roma.

Como Paulo **era do mesmo ofício** (3) — *homotechnon,* "da mesma profissão" — **ficou com eles, e trabalhava; pois tinham por ofício —** *techne,* "profissão, comércio, ofício" — **fazer tendas.** Alguns estudiosos recentes preferem a tradução "coureiros, ou trabalhadores em couro". Lake e Cadbury falam sobre "um tecido de feltro feito de pêlos de cabra"... que era tipicamente um produto da Cilícia, e tinha o nome de *cilicium,* em latim, e *kilikion,* em grego".[202] E prosseguem: "Naturalmente, é muito fácil fazer a conexão de Paulo de Tarso, na Cilícia, com o produto especial de sua própria província. Esta era, possivelmente, a sua verdadeira profissão".[203] Eles ainda acrescentam: "Mas é impossível resistir ao peso do antigo testemunho de que, para os gregos, isto significava um "coureiro".[204] Este autor prefere acompanhar as principais versões inglesas (KJV, ERV, ASV, RSV, NEB) ao indicar que a profissão de Paulo era fazer tendas.

Além de trabalhar neste ofício durante a semana, Paulo **disputava** — "fazia discursos" — **na sinagoga e convencia** — "estava persuadindo", um processo gradual — **a judeus e gregos** (4). Parece que a maioria das sinagogas da Dispersão de Corinto (se não todas), eram freqüentadas por gentios e judeus.

b. O Ministério Sofrendo a Oposição dos Judeus (18.5-6). Quando Silas (a última menção do seu nome em Atos) e Timóteo chegaram da Macedônia (ver os comentários sobre 17.15), Paulo foi **impulsionado pela palavra** (5). **O** melhor texto grego diz "foi preso [ou 'constrangido'] pela palavra". Provavelmente, o significado desta expressão foi corretamente explicado por Phillips: "O apóstolo ficou completamente absorto com a pregação da mensagem". Bruce oferece uma excelente interpretação: "'começou a se dedicar inteiramente à pregação'; talvez os suprimentos levados por Timóteo e Silas de Tessalônica e de Filipos (cf. 2 Co 11.8.; Fp 4.15) o tenham libertado da necessidade do trabalho manual".[206] Sob esta limitação, ele testificou — "anunciou solenemente" — aos judeus que Jesus era o Cristo — que

"o Messias era Jesus".

Quando os judeus resistiram (6) — "colocaram-se contra" ou "se opuseram" — e blasfemaram ou "insultaram" (RSV), provavelmente clamando "anátema Jesus"[206] — Paulo sacudiu as vestes, provavelmente em um sinal de que Deus os havia rejeitado. "Este é um ato figurado de renúncia total".[207]

Depois, Paulo anunciou: **O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo e, desde agora, parto para os gentios.** Aqui a primeira declaração é muito solene (cf. Ez 33.4). Estes judeus deveriam levar a sua própria culpa. Paulo havia cumprido o seu dever e estava limpo *(i.e.,* livre de culpa). A última declaração deste versículo foi feita por Paulo a Barnabé virtualmente da mesma maneira em Antioquia da Pisídia (13.46). A expressão **desde agora** sugere uma política mais decidida, no entanto Paulo continuou a ministrar primeiro nas sinagogas (cf. 19.8). Mas, como ele havia sido "espremido" nas sinagogas, dedicava cada vez mais tempo aos gentios. Em Éfeso, ele ensinou na sinagoga durante três meses, porém dedicou dois anos a uma escola grega (19.8,10). Aos judeus, ele sempre reservava a primeira oportunidade (cf. Rm 1.16 — "primeiro do judeu e também do grego").

c. *O Ministério na Casa de Justo* (18.7-11). Por causa da severa oposição dos líderes da sinagoga, Paulo partiu — lit. "mudou seu lugar"[208] — e entrou **em casa de um homem chamado Tito Justo** (7). Dos dois manuscritos gregos mais antigos, o Sinaítico diz "Tito Justo" (ASV), e o Vaticano diz "Tício Justo". A maioria dos atuais tradutores adota o último nome *(e.g.,* NASB, NEB, Phillips). Bruce escreve: "O nome Tito Justo sugere que este homem era um cidadão romano".[209] Isto daria a Paulo e à nova congregação cristã um bom conceito na cidade, o que era muito importante.

Justo servia a Deus, *i.e.,* era um piedoso gentio que freqüentava a sinagoga dos judeus. Sua casa estava junto da sinagoga. Pode parecer um pouco estranho que Paulo realizasse cultos bem ao lado da sinagoga da qual havia sido praticamente expulso. Porém duas razões

podem tê-lo levado a essa atitude: a primeira seria porque queria estar convenientemente situado onde os gentios piedosos pudessem encontrá-lo facilmente, e a segunda porque a vantagem de estar na casa de um cidadão romano não podia ser ignorada.

O sucesso dessa mudança pode ser visto, em parte, pelo fato de que Crispo... **creu no Senhor com toda a sua casa** (8). A expressão **principal da sinagoga** "não significa que era o chefe da sinagoga, mas um dos homens importantes que tinham o título de *archisynagogue*".[210] Seu ato provavelmente causou enorme sensação na cidade e muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram batizados. Por causa das divisões posteriores do grupo de Corinto, que acompanharam seus líderes humanos, Paulo agradeceu a Deus por não ter batizado ninguém naquela cidade exceto Crispo, este notável convertido, e Gaio (1 Co 1.14). Provavelmente, Gaio é identificado com Justo, o anfitrião de Paulo (Rm 16.23). (Todo cidadão romano tinha três nomes, um nome, um pré-nome e um cognome. Seu nome completo em latim seria Gaio Tício Justo.) Como uma reflexão posterior, Paulo diz que ele também batizou os membros da casa de Estéfanas, mas que não consegue se lembrar de outros (1 Co 1.16). Evidentemente, seus assistentes, Silas e Timóteo, cuidaram de batizar os muitos que estavam se convertendo.

Podemos bem imaginar que os líderes da sinagoga estavam ficando furiosos com o que estava acontecendo bem ao seu lado. Aparentemente, Paulo também estava ficando temeroso com a crescente oposição que poderia ameaçar a sua vida. Talvez tenha decidido que era chegada a hora de se mudar. O apóstolo tinha um espírito naturalmente inquieto, e até então nunca havia permanecido tanto tempo em um só lugar.

Podemos ver que existia algum problema pelo fato de o Senhor ter falado ao seu apóstolo em uma visão que teve à noite, dando-lhe esta mensagem: **Não temas, mas fala e não te cales** (9) — lit., "Pare de ter medo, mas continue falando e não fique em silêncio". O Senhor continuou: "porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade" (10). Ainda

havia muitos para serem convertidos. Bruce observa: "A palavra geralmente usada para o povo judeu [*laos*], para distingui-los dos gentios, foi aqui usada para o novo "povo escolhido".[211]

A visão teve o efeito desejado. Paulo **ficou ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus (11). Ficou ali** quer dizer literalmente "assentou-se", *i.e.,* para ensinar. Knowling muito apropriadamente observa: "Apalpvra pode ter sido intencionalmente usada aqui, ao invés da habitual *menein* [permanecer], para indicar o trabalho silencioso e decidido a respeito do qual o apóstolo recebeu a orientação do Senhor. A visão que tinha acalmado o seu espírito perturbado mostrava que ele deveria fazer a vontade do Senhor"[212] (cf. "determinado" Phillips).

Em 9-10, nosso espírito pode ser fortalecido pela "Palavra do Senhor". 1. Pelo divino consolo: **Não temas... porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal** (9-10); 2. Pela divina comissão: **Fala e não te cales** (9); 3. Pelo cuidado divino: **Tenho muito povo nesta cidade** (10). (A. F. Harper)

d. O Ministério Protegido por Gálio **(18.12-17). Sendo Gálio procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus concordemente contra Paulo e o levaram ao tribunal**

(12). A palavra grega *bema* (tribunal) pode ser vista hoje em dia inscrita na parede deste local que está em ruínas, na antiga cidade de Corinto. Era a designação habitual para o tribunal oficial do governante romano.

Uma inscrição encontrada em Delfos com data aproximada de 52 d.C. refere-se a "Gálio... procônsul da Acaia".[213] Kirsopp Lake pensa que esta evidência mostra que ele se tornou procônsul no verão do ano 51 ou 52 d.C.[214] Como Paulo foi provavelmente levado a sua presença logo depois de ele ter recebido esse título — os judeus naturalmente desejavam tirar vantagem desse novo homem que nada sabia a respeito dos missionários — talvez seja melhor considerar o ano e meio que Paulo passou em Corinto a partir da primavera do ano 50 ou do outono de 51. "Bruce conclui: "Provavelmente, a partir do final do

verão de 50, até o início da primavera de 52".[215]

No passado, alguns críticos afirmaram que, no primeiro século, a Acaia era uma província imperial governada por um pró-pretor, e isto foi assim de 16 a 43 d.C. Mas, a partir de 44, ela havia se tornado uma província senatorial, governada por um procônsul.[216] Mais uma vez, Lucas deu provas de ser um historiador confiável.

A acusação formada contra Paulo, na presença de Gálio, era: **Este persuade** — nos papiros este verbo transmite a idéia de maléfica persuasão,[217] e em Heródoto ele significa "seduz, desencaminha"[218] — **os homens a servir a Deus contra a lei** (13). O que eles queriam dizer era "de forma contrária à lei mosaica", mas eles esperavam que Gálio entendesse como "de forma contrária à lei romana".

Gálio percebeu esta duplicidade de intenções, e quando Paulo estava prestes a fazer a sua defesa **(14),** o procônsul disse aos judeus: **Se houvesse, ó judeus** — exprimindo irritação — **algum agravo** — um caso civil, "uma injúria feita aos outros"[219] — **ou crime enorme** — um caso *criminal,* "crime, vilania" — **com razão vos sofreria** — ou "poderia ser razoavelmente esperado que eu concordasse com vocês" (Phillips).

O procônsul continuou: **Mas, se a questão** (15) — plural, "questões" nos manuscritos mais antigos — é **de palavras, e de nomes,** e **da lei** — lit., "da lei de acordo com vocês" — **vede-o vós mesmos** — a língua grega é enfática: *"vocês mesmos* cuidem disso" — **porque eu não quero ser juiz dessas coisas!** Ramsay faz uma excelente paráfrase da primeira parte deste versículo: "Se elas são questões de palavras, não de fatos, e de nomes, não de coisas, e da sua lei, não da lei romana...".[220]

Como a acusação feita pelos judeus nada tinha a ver com a lei romana, Gálio retirou o caso do tribunal. Como os judeus continuaram a pressioná-lo neste assunto, **expulsou-os** — lit., retirou-os — **do tribunal** (16) — "fê-los sair do tribunal" (NEB).

A menção de **Sóstenes,** chefe da sinagoga **(17)** nos leva a supor que

ele havia sido eleito para tomar o lugar de Crispo, que havia se convertido ao cristianismo. Mas ambos podem ter tido este honorável título simultaneamente (ver os comentários sobre 8). E bastante provável que este seja o mesmo Sóstenes que é mencionado em 1 Coríntios 1.1 como um companheiro de Paulo. Talvez a agressão que sofreu nessa época o tenha influenciado em direção a Cristo. Esta possibilidade está inserida na questão sobre quem foi que agrediu Sóstenes. Ao invés de todos os gregos, o manuscrito mais antigo traz a expressão "eles todos". Como o último "eles" (16) se refere aos judeus, foi sugerido que foram os judeus e não os gregos que agrediram Sóstenes — cheios de ira pelo fato de ele ter perdido o caso ou por ter mostrado alguma simpatia em relação a Paulo. John Wesley traduz o texto da seguinte maneira: "Então eles todos agarraram Sóstenes... e o agrediram", e acrescenta: "Isto parece ter acontecido porque ele lhes deu muito trabalho sem alcançar propósito algum".[221] Muitos estudiosos rejeitam esta idéia apontando-a como demasiadamente forçada. Mas Lake e Cadbury escrevem: "Possivelmente Sóstenes foi agredido pelos dois grupos — pelos judeus por ter administrado mal o seu caso, e pelos gregos com base em princípios gerais"[222] (Cf. NEB — "Então houve um ataque geral a Sóstenes").

A última declaração, **porém, a Gálio nada destas coisas o incomodava,** levou alguns a comentar sobre o "descuidado Gálio". Mas o governador estava apenas cumprindo o seu dever ao se recusar a ter alguma coisa a ver com um caso que não pertencia a um tribunal romano. Gálio era irmão de Sêneca, que o tinha em elevada consideração por seu nobre caráter.

G. ÁSIA, 18.18—20.38

1. *Éfeso* (18.18—19.41) ^

Éfeso era a "maior cidade comercial da Ásia Menor", e a "capital da província da Ásia".[223] Provavelmente, Paulo teria preferido pregar nesta cidade no início de sua segunda viagem missionária (ver os comentários sobre 16.6-8), e mesmo agora ele só podia fazer uma breve visita. Somente depois da terceira viagem é que ele foi capaz

de evangelizar a cidade (cap. 19), sendo que, nesta ocasião, ele permaneceu durante três anos desempenhamdo este ministério.

2. *A Breve Visita de Paulo* (18.18-21). O apóstolo havia ficado em Corinto **muitos dias** (18) — lit., "o número suficiente de dias". Não há nenhuma indicação sobre a duração desta sua permanência. Depois, tendo se despedido dos cristãos — os **irmãos** — ele **navegou para a Síria** — nome genérico para a Síria e a Palestina. Com ele estavam Priscila e Áqüila (observe que o nome dela vem antes). Não está claro se a frase **tendo rapado a cabeça em Cencréia** — o porto oriental de Corinto — **porque tinha voto** está se referindo a Paulo ou a Áqüila. Meyer acredita que este tenha sido um voto de Áquila,[224] mas a maioria dos estudiosos afirma que é o nome de Paulo que está subentendido. Lumby escreve: "Por alguma razão, durante uma enfermidade ou em meio ao seu conflito em Corinto, ele fizera um voto sobre si mesmo semelhante aos votos dos nazireus (Nm 6.1-21)".[225] Como foram usadas as mesmas palavras gregas aqui e em 21.23, Bruce acredita que se tratava de um "voto temporário dos nazireus", cuja duração mínima era de 30 dias".[226] O corte do cabelo marcava o final do voto. Como estes votos geralmente terminavam em Jerusalém, esta pode ter sido a razão da viagem de volta de Paulo na ocasião — oferecer o seu cabelo no templo, como Lumby sugere.

Parando em Éfeso (ver o mapa 3) depois de dois ou três dias de viagem,[227] Paulo deixou ali Priscila e Áqüila (19). Mas ele, entrando na sinagoga, **disputava com os judeus.** A palavra **ele** parece sugerir que Priscila e Áqüila não foram à sinagoga nesta ocasião, o que parece bastante estranho. Alexander considera isto um tipo de parêntesis: "Como se ele tivesse dito: Áqüila e Priscila não foram adiante, deixando Paulo completar sua viagem sozinho, mas somente depois de ter ido à sinagoga, onde se dirigiu aos judeus mostrando como estava longe de ter abandonado o desejo e a esperança da sua salvação".[228]

Paulo foi convidado a permanecer por mais algum tempo, porém **não conveio nisso** (20). Foi sugerido que esta promessa, evidenciada pela cabeça raspada, pode ter impressionado favoravelmente os judeus de

Éfeso, que por isso imploraram que ele ficasse.

O versículo 21 diz literalmente: **Antes se despediu** (o mesmo verbo do versículo 18) **deles, dizendo: Querendo Deus, outra vez voltarei a vósfcf.** 13.13; 16.11] **E partiu de Éfeso.** A expressão "Devo de qualquer maneira observar esta festa que acontecerá em Jerusalém", que ocorre em algumas versões, é uma frase que não consta nos manuscritos mais antigos. **Querendo Deus** corresponde, em latim, a *Deo volente* (se Deus quiser), uma expressão muitas vezes abreviada como D.V.

b. O Retorno de Paulo à Síria (18.22-23). Paulo, chegando a Cesaréia, subiu a Jerusalém e, saudando a igreja, desceu a Antioquia (22, ver o mapa 3). A grande pergunta é: A que igreja ele se refere? Lake e Cadbury estão a favor de Cesaréia: Paulo "subiu" do porto para a cidade.[229] Mas a maioria dos comentaristas prefere Jerusalém. A expressão **desceu a Antioquia** está de acordo com esta interpretação e sugere uma viagem de Jerusalém para Antioquia. Os judeus sempre "subiam" para Jerusalém e "desciam" de lá (cf. 8.5; 15.2).

Depois que Paulo ficou algum tempo — quanto tempo não sabemos — em Antioquia, ele partiu, passando sucessivamente pela província da Galácia e da Frigia, **confirmando a todos os discípulos** (23). Geralmente, esta viagem é considerada o início da terceira viagem missionária de Paulo. Ele seguiu o mesmo caminho pelo qual havia iniciado a segunda viagem, atravessando sem dúvida sua terra natal, Tarso, para alcançar as montanhas através dos Portões da Cilícia. Ele visitou as igrejas que tinha fundado em sua primeira viagem, e as que tinha visitado novamente em outra ocasião em sua segunda viagem. Elas estavam localizadas na região sul da província da Galácia (ver o mapa 3).

A respeito deste parágrafo, Bruce diz: "Nestes dois versículos e em 19.1, está compreendida uma viagem de 2.400 quilômetros. Veja como Lucas consegue rapidamente cobrir este terreno, ao descrever uma viagem em que não acompanhou Paulo".[230]

c. *O Eloqüente Ministério de Apoio* (18.24-28). Antes de iniciar o relato

sobre o longo ministério de Paulo em Efeso, (c.19), ao autor faz um resumo dos recentes acontecimentos naquela cidade para os leitores, e fala particularmente sobre o ministério desempenhado por Apoio.

Quatro coisas são ditas sobre **Apoio (24).** Primeiro, ele era um judeu. Segundo, havia nascido em Alexandria (ver o mapa 3), cidade egípcia fundada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C., a qual recebeu o nome do seu fundador. Durante muito tempo, houve nesta cidade uma grande colônia de judeus que ocupava dois dos seus cinco bairros. Alexandria só perdia para Atenas como um grande centro de cultura e aprendizado. Foi ali que a Septuaginta foi traduzida, e o local onde Filo (um judeu) ficou famoso no primeiro século como um gênio intelectual que combinava a filosofia grega com as Escrituras hebraicas, interpretando as Escrituras alegoricamente.

Em terceiro lugar, Apoio era um varão eloqüente. O significado exato da palavra *logios* ainda é motivo de discussão; no grego clássico e também no moderno, ela corresponde a uma pessoa "culta". Mas no grego "coiné" (ou "koiné"), ela seria "eloqüente". Abbott-Smith prefere esta última interpretação para a passagem,[231] da mesma forma que as versões inglesas padrão.

Em quarto lugar, Apoio era poderoso nas Escrituras. Em grego, esta frase está colocada em último lugar, depois da expressão veio a Éfeso. Isto pode estar enfatizando o fato de que este homem culto e bem treinado veio a Efeso para demonstrar especificamente o seu extraordinário poder de expor as Escrituras.

Este **era instruído** — *katechemenos,* "catequizado", *i.e.,* acostumado com as instruções orais — **no caminho do Senhor (25).** Sobre esta expressão, Alexander escreve: "O caminho do Senhor é uma frase usada em outras passagens apenas em relação ao ministério de João Batista como precursor de nosso Senhor (ver Mt **3.3;** Mc **1.3;** Lc **3.4;** Jo **1.23).** Como o batismo de João está expressamente mencionado na última frase, tem sido sugerido, e não seria de todo impossível, que aqui ele está significando a religião ensinada por João, *i.e.,* a doutrina da vinda de um Messias cujo reino está prestes a se revelar (ver Mt 3.1,2,11,12)".[232] Entretanto, ele observa que a frase é geralmente

aceita significando os Evangelhos, mas é impossível ter certeza sobre o seu significado aqui.

Apoio **ensinava diligentemente** — em grego "precisamente" — **as coisas do Senhor.** Em lugar de **Senhor,** o melhor texto grego diz "Jesus" (cf. ASV). Isto pode dar a impressão de que ele tinha conhecimento da salvação através de Jesus. Mas logo em seguida foi acrescentada uma significativa modificação: **conhecendo somente o batismo de João,** o que dá a entender que ele conhecia e ensinava os fatos da vida e do ministério de Jesus. Sabia ele a respeito da crucificação e da ressurreição? Não sabemos. Mas está claro que ele nada sabia sobre o Pentecostes.

Quando Áquila e Priscila (26) — o melhor texto grego inverte esta ordem (cf. ASV) — ouviram Apoio falar tão corajosamente na Sinagoga, o levaram consigo — provavelmente para sua casa — e lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus — em grego, "mais precisamente". Como não sabemos exatamente qual era o conhecimento anterior de Apoio, não podemos afirmar com certeza o que está implícito nesta declaração. Mas é quase certo que a primeira coisa que este eloqüente pregador precisava saber era a respeito do Espírito Santo. Esta era, provavelmente, a sua grande necessidade.[233]

Quando Apoio quis cruzar (o mar Egeu) até a Acaia (significando Corinto) **o animaram os irmãos e escreveram** (27) — *i.e.*, "encorajaram-no, e escreveram aos discípulos para que o recebessem" (NASB). Os cristãos de Efeso recomendaram Apoio aos cristãos de Corinto.

Quando Apoio chegou a Corinto, aproveitou muito aos que pela graça criam. Ele imediatamente ocupou o lugar de Paulo como líder cristão em Corinto, pelo menos em parte.

Apoio, com seu conhecimento incomum das Escrituras, **com grande veemência convencia** (28) — ou "refutava poderosamente" (ASV) — **publicamente os judeus mostrando** — "provando" — **pelas Escrituras que Jesus era o Cristo** (o Messias).

d. O Ministério de Paulo sobre o Espírito **(19.1-7).** Depois que Apoio partiu de Efeso, Paulo chegou, **tendo passado por** — tendo feito uma viagem missionária através (cf. **13.6) — todas as regiões superiores.** A palavra grega para "superior" não foi encontrada em outros lugares, exceto nos livros médicos (onde é usada para a parte superior do corpo), como admitem Lake e Cadbury.[234] **Regiões superiores** quer dizer "interior" do ponto de vista de Efeso.[235] Paulo simplesmente veio por terra e, chegando a Efeso, encontrou **alguns discípulos (1).**

A identidade destes discípulos é uma das questões mais discutidas do estudo de Atos. A opinião antiga prevalecente, começando com Crisóstomo (séc. IV), dizia que eram discípulos de João Batista. Esta idéia foi expressa por Adam Clarke nos seguintes termos: "É provável que fossem judeus asiáticos que, tendo estado em Jerusalém cerca de 26 anos antes, haviam ouvido as pregações de João e tinham recebido o batismo, acreditando na vinda de Cristo, que João anunciara. Mas parece que até essa ocasião eles não tinham recebido mais nenhum outro ensino sobre a religião cristã".[236] Ele também diz: "Aqueles que não receberam estas bênçãos do Espírito Santo, qualquer que seja a sua profissão, não conhecem nada melhor que o batismo de João: este batismo é bom, excelente em seu gênero, mas ineficaz para a salvação daqueles que vivem sob o meridiano do cristianismo".[237]

Diante desta opinião, podemos colocar a interpretação de Alexander: *"Alguns (i.e.,* uns poucos) *discípulos,* não de Apoio ou de João Batista, mas de Cristo, como é sempre o significado dessa palavra quando usada absolutamente... e assim fica subentendido pela maneira como foi tratada por Paulo".[238] Da mesma forma, Lake e Cadbury falam sobre os discípulos: "Isto quer dizer cristãos, tanto pelo uso de *mathetas* em Atos como pelo contexto".[239] Bruce repete esta opinião e acrescenta um ponto, ao comentar: "Provavelmente, as palavras 'discípulos de Cristo', de acordo com o significado de *mathetes* em outras passagens, foram usadas de forma absoluta; eles haviam sido discípulos de João, portanto deveriam esperar que isto fosse afirmado explicitamente".[240]

A estes discípulos Paulo fez a seguinte pergunta: **Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?** (2, ou "quando vos convertestes")[241] A tradução revisada mantém a primeira frase. Qual está correta? A frase literal grega diz "Recebestes [o] Espírito Santo tendo crido?" A pergunta é a seguinte: Será que o particípio aoristo "tendo acreditado" indica uma ação anterior, ou simultânea ao verbo principal? Os melhores gramáticos da língua grega estão de acordo ao afirmar que o particípio aoristo geralmente indica uma ação anterior. Mas em algumas passagens do NT, ele expressa, sem qualquer dúvida, uma ação simultânea, e a maioria dos estudiosos confirma que isto acontece neste caso. Na verdade, o assunto está resolvido, não com base na gramática científica, mas na pressuposição teológica. Obviamente, em si mesma a pergunta de Paulo não pode ser usada como prova textual a favor ou contra a doutrina de ser cheio do Espírito Santo como uma segunda obra da graça, subseqüente à conversão. Entretanto, toda esta passagem (17) parece claramente semelhante à experiência dos discípulos no dia de Pentecostes.

A resposta desses "discípulos" foi: "Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo". Esta é a tradução correta do grego. Mas em João 7.39, a mesma construção grega foi traduzida da seguinte forma: "O Espírito Santo ainda não fora dado". Talvez, esta seja a melhor tradução aqui (cf. ASV — "Nem sequer ouvimos falar de que o Espírito Santo tenha sido *dado").* Como já foi mencionado muitas vezes, João Batista falava sobre o Espírito Santo (Mt 3.11 e passagens paralelas). Mas o que estes homens claramente não sabiam era que Ele havia sido enviado no Pentecostes. Parece que estes discípulos não tinham estado em contato com a igreja cristã, ou talvez tivessem deixado a Palestina antes do Pentecostes e ficado isolados dos seguidores de Jesus desde essa época.

Ainda resta alguma coisa a ser dita sobre a tradução literal incluída aqui (KJV, RSV, NEB, Phillips). Page insiste que "a única tradução possível do grego é: "Nós nunca ouvimos falar sobre a existência de um Espírito Santo".[242] Bruce sugere uma solução que é fiel ao grego e, no entanto, abre caminho para a interpretação acima, quando escreve: "Provavelmente, a expressão *pneuma hagion* deva ser entendida aqui

em um sentido especial, de o Espírito Santo ter sido enviado no Pentecostes sem uma manifestação exterior".[243]

Paulo manifestou sua surpresa perante a resposta deles, ao fazer uma segunda pergunta: **Em que sois batizados, então?** (3) Eles disseram: **No batismo de João.** Paulo explicou que o batismo de João era o batismo do arrependimento (4), mas que o próprio João Batista havia dito ao povo que cresse no que após ele havia de vir, *i.e.,* em Jesus (Os manuscritos mais antigos omitem aqui a palavra Cristo).

E os que ouviram foram batizados **em nome do Senhor Jesus** (5). Está claro que estes "discípulos" não haviam recebido o batismo cristão antes deste episódio.

Impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam —

lit., "passaram a falar" — **línguas e profetizavam.** Como havia acontecido em Samaria (8.17), o Espírito Santo foi concedido através da imposição de mãos apostólicas. Em relação a passar a falar línguas, Adam Clarke escreve: "Eles receberam o miraculoso dom de falar diversas línguas, e nestas línguas ensinavam ao povo as grandes doutrinas da religião cristã, pois parece que este é o significado da palavra *epropheteuon, profetizavam,* como foi usada acima".[244]

A questão de falar em línguas tem sido um tema de discussão da igreja cristã nos tempos modernos. Ela é mencionada apenas três vezes em Atos, em conexão com o Pen-tecostes original (2.4), com o Pentecostes dos gentios (10.46), e com o Pentecostes efésio (19.6). Em cada uma destas ocasiões, a questão está relacionada com o recebimento do Espírito Santo. Por outro lado, nada é mencionado sobre falar em línguas quando os convertidos samaritanos receberam o Espírito (8.17).

O que deve ser enfatizado é que o relato sobre o Pentecostes original parece indicar claramente que os discípulos começaram a falar cerca

de quinze línguas diferentes no dia de Pentecostes (2.5-11). Como Pedro estabeleceu uma relação muito próxima entre o que aconteceu no Pentecostes e o que aconteceu na casa de Cornélio (15.8-9), seria justo supor que os crentes cheios do Espírito Santo em Cesaréia também passaram a falar línguas inteligíveis. Como Adam Clarke indica (na citação acima), parece que isto também aconteceu em Efeso.

Estes "discípulos" de Efeso representam um bom exemplo de "Andar na Luz": 1. Eles se arrependeram com a pregação de João Batista (3-4); 2. Foram batizados como cristãos sob o ministério de Paulo (5); 3. Foram cheios do Espírito Santo (6).

É nos versículos 5-6, e não na pergunta do versículo 2, que podemos encontrar a prova mais substancial relacionada às duas obras da graça. Aqui o quadro é claro e indiscutível, tal como no capítulo 8. Estes discípulos (2) foram batizados **em nome do Senhor Jesus** (5). Depois disto, **impondo-lhes Paulo as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles** (6). Aqui foram retratadas duas experiências distintas. Aqui existe a prova de que aqueles que creram e passaram a ter a fé cristã ainda precisam ser cheios do Espírito Santo como uma experiência subseqiiente.

Lucas diz que todos os que assim receberam o Espírito eram cerca de **uns doze varões** (7). Parece estranho que a palavra "cerca" tenha sido usada para um número tão pequeno de crentes. Alexander sugere uma boa explicação: "Ele pode ter tido a intenção de evitar a falsa impressão de que todos os irmãos em Efeso... estavam neste estado infantil de ignorância e atraso. Assim, a palavra *todos* pode ser entendida como *todos mencionados,* ou pelo menos".[245]

Esta seção (1-7) pode ser apresentada sob o título da pergunta de Paulo: "Recebestes vós já o Espírito Santo?" 1. Uma minuciosa pergunta para todos os discípulos (1-2); 2. Uma preparação adequada (2-5); 3. Uma segunda bênção aos crentes (5-6). (A. F. Harper)

e. *O Ministério de Paulo na Sinagoga* (19.8-10). Depois do seu encontro com esse pequeno grupo de discípulos, Paulo, entrando na

sinagoga, **falou ousadamente por espaço de três meses** (8). Este foi um período raramente longo para os seus ensinos na sinagoga sem ter sido expulso. Parece que, por alguma razão desconhecida, os judeus de Éfeso eram mais receptivos ao ministério de Paulo do que os judeus de outros lugares.

Mesmo em sua breve visita, eles rogaram que ele "ficasse por mais algum tempo" (18.20). Parece que ele criou uma impressão favorável que, neste caso, durou algumas semanas.

O ensino de Paulo na sinagoga é descrito como disputando e persuadindo-os acerca do Reino de Deus. Sobre estes dois verbos, Alexander escreve: *"Disputando* (ou *discursando) e persuadindo* podem descrever seu ensinamento tanto como doutrinário quanto como prático, didático e exortativo; ou o primeiro termo pode descrever sua pregação e o segundo o seu efeito"[246] (Cf. NEB — "usando argumentos e persuasão").

Paulo não foi agressivo. Era inevitável que a sua corajosa e enérgica pregação provocasse uma crise. Finalmente, alguns (9) se endureceram — "tornaram-se obstinados" ou teimosos — e não obedeceram. Em grego, o verbo é "uma única palavra que pode ser traduzida como *desacreditaram,* indicando não uma simples negação, mas uma recusa positiva. O verbo grego também sugere a idéia de desobediência ou resistência à autoridade".[247] Quando os adversários de Paulo falaram mal do Caminho (lit., em grego; cf. 9.2) perante a multidão — provavelmente a congregação na sinagoga —, ele retirou-se deles. Mais uma vez, os judeus tinham rejeitado o Messias, seu Salvador. Quase invariavelmente, a maioria deles agia assim, e talvez a única exceção tenha acontecido em Beréia (17.11-12).

Mas havia muitos que haviam crido durante este período de três meses. Portanto, Paulo separou os discípulos, *i.e.,* quando saiu da sinagoga ele levou consigo os novos convertidos. Ao invés de discutir na sinagoga (cf. 8), ele estava agora disputando todos os dias na escola de um certo Tirano. Esta escola (em grego *schole*) era um "edifício usado para conferências e outras reuniões".[248] A respeito de

Tirano, um importante manuscrito grego (D) acrescenta: “Da quinta à décima hora” — *i.e.*, das 11 da manhã às 4 da tarde, o período que era dedicado à refeição do meio-dia e ao descanso da tarde. Lake e Cadbury dizem: “Podemos sugerir que o próprio Tirano usava o local para ensinar nas primeiras horas da manhã (Marcial ix. 68, xii. 57, Juvenal vii. 222ss.) até à quinta hora, e que, durante este mesmo período, Paulo se ocupava com o seu próprio trabalho (xx. 34)”.[249] Eles completam: “Marcial iv. 8 indica que a quinta hora era o momento habitual para encerrar o trabalho... Então Paulo podia utilizar o edifício para o desempenho de sua missão”.[250]

Essa pregação no edifício de Tirano continuou pelo **espaço de dois anos** (10). Como aconteceu em Corinto, o ministério de Paulo era dividido em duas partes. Em Corinto, o apóstolo discutiu na sinagoga todo sábado (18.4), durante um desconhecido período de tempo, e ensinou a Palavra de Deus na casa de Justo durante um ano e meio (18.7-11). Em Efeso, ele desempenhou o ministério na sinagoga durante cerca de três meses, e depois passou a pregar no edifício de Tirano durante dois anos. Era uma característica de Paulo levantar cedo e executar a tarefa do dia com as suas mãos — provavelmente junto com Áqüila em sua profissão de fazer tendas para sustentar a si mesmo e aos seus colegas (20.34) — e depois pregar e ensinar durante cinco horas enquanto dispunha do uso do edifício. Evidentemente, ele passava as noites ministrando aos convertidos, pois lembrou aos anciãos de Efeso: "... durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós” (20.31). Paulo foi um dos mais consagrados e abnegados pregadores de todos os tempos. Uma vez, ele disse: “eu tenho trabalhado mais do que eles” (2 Co 11.23, Phillips). Sua vida e sua obra são um desafio a todo ministro da atualidade que foi chamado por Deus.

Como resultado de seu prolongado ministério em Éfeso, todos os que habitavam na Ásia — a província — ouviram a palavra do Senhor,[251] tanto judeus como gregos. A razão desta extensa generalização é que pessoas de todas as províncias vinham ao famoso templo de Diana, em Éfeso (27). Aqueles que se convertiam enquanto visitavam Éfeso levariam o Evangelho para sua comunidade natal. Também é

provável que os companheiros de Paulo, Silas e Timóteo, tenham feito algum trabalho de evangelização nas cidades vizinhas. A afirmação aqui, mais do que qualquer outra no livro de Atos, explica a razão da política de Paulo de concentrar-se na capital das províncias e nas maiores cidades, tornando-as centros de evangelização para toda a região. Isto também demonstra o sucesso deste procedimento.

f. O Ministério de Paulo aos Enfermos (19.11-20). Além de pregar, o apóstolo tinha um ministério de curas: **Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias** — lit., "incomuns" (11). É evidente, pela vida de Cristo e pela descrição feita aqui, que Deus estava interessado tanto no corpo como na alma dos homens. Isto ocorria porque este era um ministério divinamente ordenado, e não alguma coisa que Paulo estivesse tentando fazer.

Alguns dos métodos usados podem parecer um pouco surpreendentes para nós. Do **corpo** de Paulo (12) — não *soma,* mas *chrotos,* que significa "a superfície do corpo, a pele" (um dos termos médicos de Lucas)[252] — eram levados **lenços** — lenços usados na cabeça — **e aventais** (lit., aventais dos trabalhadores). Estas peças de tecido, que Paulo usava no trabalho, não produziam nenhuma cura. Mas Deus se ajustou à demanda humana por alguma coisa tangível, e até o Senhor Jesus usou terra e saliva (Jo 9.6). Estes eram amparos materiais para uma fé frágil demonstrada pelas pessoas (cf. 5.15; Lc 8.44). Deus pode trabalhar com ou sem materiais intermediários. Neste caso, as pessoas não só eram curadas das doenças, como os demônios eram expulsos.

Alguns **ambulantes** — lit. "itinerantes" (Phillips) — **exorcistas judeus** (13) decidiram capitalizar através da situação para ganhar alguma publicidade, e talvez uma recompensa financeira. Portanto, tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: **Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega.** A palavra *orkizo,* esconjurar, tem a mesma raiz de *exorkiston,* exorcistas (somente aqui no NT), que significa literalmente: "aquele que ministra um juramento". Josefo fala sobre um exorcista judeu que expulsava os demônios pronunciando o nome

de Salomão.[263] Um notável paralelo à presente passagem é encontrado em um rolo de papiro sobre mágica, oriundo deste período (agora em Paris), que contém as palavras: "Eu vos esconjuro pelo Deus dos hebreus, Jesus".[254]

A respeito do exorcismo e da mágica descritos aqui, Lake e Cadbury dizem: "(i) Tais práticas estavam especialmente associadas com Éfeso... (ii) Na mágica do mundo da antiguidade, os judeus desempenhavam um importante papel".[265] Quando os homens esquecem a verdadeira religião, eles passam a gravitar em torno de uma absurda superstição.

Um grupo de exorcistas era composto pelos **filhos de Ceva, judeu, principal dos**

sacerdotes (14) — uma palavra que significa "sumo sacerdote". Como somente o sumo sacerdote tinha permissão para entrar no Santos dos Santos no Dia da Expiação e pronunciar o sagrado nome de Jeová, Ceva afirmava ter conhecimentos sobre o nome mágico, esperando dessa forma conquistar um prestígio particular. Seus filhos esconjuraram o demônio a sair de uma pessoa. **O espírito maligno (15)** respondeu (usando as cordas vocais do homem): **Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?** Duas palavras gregas diferentes foram usadas para "conhecer". Alexander sugere esta paráfrase: "Sei quem é Jesus e, em relação a Paulo, eu o conheço muito bem".[256] A pergunta é, literalmente falando, "Mas vós, quem sois?"

O homem possuído pelo demônio saltou sobre eles, assenhoreando-se de dois.[251] Evidentemente, ele rasgou suas roupas, pois eles fugiram daquela casa **nus e feridos** (16). Quando os judeus e os gregos que moravam em Efeso souberam disso, caiu temor sobre todos eles, e **o nome do Senhor Jesus era engrandecido** (17).

Muitas vezes, o medo produz a convicção e cria a sinceridade. Muitos dos novos convertidos **vinham, confessando** (18) — lit., "estavam vindo, confessando e publicando os seus feitos". Lake e Cadbury

afirmam que a palavra grega para **feitos** "tem o sentido técnico de uma Torça mágica', de modo que seu provável significado aqui é que os antigos exorcistas revelaram agora as fórmulas secretas que tinham usado".[268]

Os convertidos que **seguiam artes mágicas** (19) — "termo técnico para mágica"[259] — tendo levado os seus livros, **os queimaram na presença de todos.** Em relação aos livros, Lake e Cadbury dizem: "Os *bibloi* dos mágicos eram, sem dúvida, pergaminhos ou papiros de tamanho relativamente pequeno, com feitiços escritos neles".[260] O valor destes papiros mágicos que foram queimados foi "contado" a cinqüenta mil peças de prata — cerca de US$10.000. Naquela época, as pessoas pagavam um elevado preço para serem enganadas pelos mágicos.

A frase, **a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia** (20) reproduz o quinto dos seis breves relatórios sobre o progresso em Atos (cf. 6.7; 9.31; 12.24; 16.5; 28.31).

g. O Propósito de Paulo no Espírito (19.21-22). O versículo 21 é um resumo do restante do livro de Atos. O plano de Paulo era visitar novamente a Macedônia e a Acaia (cf.

20.1-3), e depois ir a Jerusalém (cap. 21), e finalmente a Roma (cap. 28).

Existe alguma dúvida se a expressão **em espírito** (21) significa o espírito humano de Paulo (KJV, ASV; cf. NEB "resolveu") ou o Espírito Santo (RSV, "no Espírito')". Como acontece freqüentemente, a melhor resposta seria "ambos". Alexander expressa a combinação dessa maneira: *"Em espírito*, *i.e.,* sob a direção divina ou na sua própria mente como foi determinado pelo Espírito Santo".[261]

Por mais que quisesse fazer esta viagem, Paulo sentiu que deveria permanecer na Ásia *(i.e.,* em Efeso) **por algum tempo** (22). E totalmente possível que exatamente nessa época ele estivesse muito preocupado com o desenvolvimento da igreja de Corinto, inclusive com a atitude de alguns de seus membros em relação a sua própria

pessoa. Temeroso de que a sua presença nesse estágio pudesse provocar uma crise indesejável, ele enviou Timóteo e Erasto à Macedônia. Também é totalmente possível que Timóteo tenha ido à Grécia e que esta seja a visita que ele fez a Corinto em nome de Paulo (cf. 1 Co 4.17; 16.10).[262] Não sabemos ao certo se este Erasto é o mesmo que foi mencionado em Romanos 16.23.

h. A Oposição a Paulo (19.23-41). Geralmente, aconteciam duas coisas quando Paulo permanecia muito tempo em uma cidade: primeiro um reavivamento, depois um tumulto — e depois ele abandonava a cidade! Este foi o seu padrão em Antioquia da Pisídia (13.50), Icônio (14.5-6), Listra (14.19-20), Filipos (16.14-23), Tessalônica (17.4-10), Beréia (17.11-14) e Corinto (18.1-18). Aúnica cidade em que Paulo pregou e não sofreu perseguições foi Atenas, onde, na verdade, ele foi despedido da cidade acompanhado do escárnio de seus habitantes (17.32). Provavelmente, Paulo ficou mais ferido pelo escárnio cruel do povo, do que pela violência das multidões das outras cidades.

(1 *)Demétrio o ourives* (19.23-27). Mas o inevitável finalmente aconteceu: **houve um não pequeno alvoroço acerca do Caminho** (23), e a oposição era encabeçada por Demétrio. Na maioria dos lugares, eram os judeus que se opunham a Paulo por causa de supostas razões religiosas. Mas aqui em Efeso, como em Filipos, a oposição partiu dos gentios, e por razões econômicas.

Demétrio (24) era um ourives que fazia, de prata, nichos de Diana (em grego, Ártemis). Nichos eram, literalmente, "santuários". Arqueólogos descobriram imagens de terracota nos templos, mas nenhuma delas era feita de prata.

Isto levou Lake e Cadbury a sugerirem que o que está realmente mencionado aqui são estatuetas de prata da deusa Ártemis, iguais àquelas que foram encontradas.[263] Mas Knowling fez uma sensata observação, dizendo que, por causa de seu tamanho e valor, provavelmente os nichos de prata eram depois derretidos para serem usados como prata.[264] Bruce diz que eles "naturalmente não poderíam sobreviver".[265] O termo *ganho,* que consta em algumas

versões, se refere à mesma palavra que foi traduzida como "obras" em 25, e, provavelmente, a melhor tradução de ambas seja um termo mais comum, "produto". Artífice corresponde a *technitais* (cf. técnicos).

Tendo reunido estes artífices com os "os oficiais de obras semelhantes" (25), Demétrio lembrou que seu meio de vida dependia da fabricação destes objetos sagrados. Mas agora Paulo estava ameaçando seus negócios porque combatia a adoração aos ídolos (26). E não era só isso, também havia o perigo do templo de Diana deixar de ser reverenciado, **vindo a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo veneram a ser destruída**

(27) — ou melhor "seria até destronada da sua magnificência" (NASB). Afrase **que toda a Ásia e o mundo veneram** pode até soar como exagero, mas Lily Ross Taylor escreve: "A seita não era apenas a mais importante da província da Ásia, mas também gozava de tal fama, em todo o mundo grego e romano, que provavelmente nenhuma divindade exceto Apoio de Delfos podería suplantar".[266] Arqueólogos descobriram "mais de trinta lugares onde a reverência a Ártemis de Efeso pode ser atestada".[267] O templo de Diana em Efeso era tão grande e magnífico que era considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo.

2. *A Diana dos Efésios* (19.28-41). O discurso que Demétrio fez aos artífices foi muito inteligente. Primeiro, ele mencionou "as suas carteiras" levantando sua ira por causa do perigo financeiro. Depois, ele acrescentou um apelo religioso. O resultado foi que os seus ouvintes **encheram-se de ira** (28). Com a típica histeria das multidões, eles começaram a clamar: Grande é a Diana dos efésios! Logo **encheu-se de confusão toda a cidade** (29). Cheia deste espírito de revolta, a multidão arrebatou a Gaio e a Aristarco, companheiros de Paulo da Macedônia e correram ao teatro (em grego, *theatron).* Dizem que este teatro, recentemente escavado, podia abrigar 25.000 pessoas.

Paulo queria **apresentar-se ao povo** (30). A palavra grega *demos* (cf. 12.22; 17.5) faz especial referência ao "povo reunido em assembléia"[268]

(cf. NASB, "Paulo queria ir à assembléia"). Moulton e Milligan pensam que, no Novo Testamento, esta palavra "sugere simplesmente uma plebe".[269] E verdade que depois do escrivão da cidade ter acalmado a multidão, ele lembrou que tais coisas deveriam ser tratadas por um **legítimo ajuntamento** (39). Entretanto, também foi dito que ele **despediu o ajuntamento** (41). Parece que, em certo sentido, aquele era um ajuntamento — a palavra grega é usada para uma assembléia de cidadãos eleitores —, embora aquela não fosse uma "assembléia regular" (39, RSV). De qualquer maneira, a multidão ficou tão inflamada que **os discípulos** (30) não permitiram que Paulo entrasse naquele lugar.

Ele também foi prevenido por alguns dos principais da Ásia (31), que eram seus amigos, de que não se apresentasse — ou "que não se aventurasse" (NASB) — no teatro.

A multidão era tão desorganizada que uns... clamavam de uma maneira, outros, de outra, porque o ajuntamento era confuso (32). A palavra para ajuntamento é *ekklesia.* Este capítulo (vv. 32,39,41) é o único lugar no Novo Testamento onde esse termo é usado conforme o sentido original de *"uma assembléia* de cidadãos regularmente convocados" — e aqui este significado só se aplica claramente ao versículo 39. O sentido etimológico da palavra é "convocado". Os eleitores eram convocados da massa de toda a população para governar uma cidade-estado grega. Esta palavra também foi usada pela Septuaginta para a "congregação de Israel". Esses dois usos foram combinados para formar o cenário da *ecclesia* do Novo Testamento que, às vezes, significa a congregação cristã local, e, às vezes, a igreja de Jesus Cristo em sua totalidade.

Sobre o uso da palavra *ekklesia* neste versículo, Bruce faz esta interessante observação: "Provavelmente, Lucas está sendo irônico: de qualquer maneira o escrivão da cidade não considerou isto como uma reunião regular da 'assembléia' — do *Demos* reunido conforme esta faculdade legislativa".[270] Entretanto, existe uma clara evidência de que a *ecclesia* de Efeso não se reuniu no teatro.[271]

Os judeus tentaram impelir **Alexandre** (33). Não sabemos quem ele era, nem a razão pela qual fizeram isto. A sugestão mais plausível é que ele estava tentando apresentar uma defesa em nome dos judeus, declarando que eles não tinham nenhuma conexão com Paulo. Os judeus se opunham tanto à idolatria como aos cristãos e, dessa forma, também estavam sob a ira e o fogo de Demétrio e seus companheiros. A única diferença era o fato de Paulo ser muito mais agressivo em suas pregações, e ter alcançado muito mais sucesso na conquista de convertidos do que os judeus.

Quando Alexandre, acenando com a mão, pediu silêncio e tentou falar ao povo, eles, sabendo que era judeu, abafaram a sua voz. Na verdade, durante duas horas eles gritaram de forma insana: **Grande é a Diana dos efésios!** (34). Aparentemente, esta multidão era tão anti-semítica quanto anticristã. Isto está bem de acordo com a afirmação no versículo 32 de que **os mais deles não sabiam por que causa se tinham ajuntado.** Era uma típica multidão, cuja razão havia sido lançada aos ventos.

Finalmente, a gritaria foi controlada pelo **escrivão da cidade** (35). A palavra grega é *grammateus,* que em outras passagens do Novo Testamento (principalmente nos Evangelhos) foi traduzida como "escriba". Nos papiros, ela quer dizer oficial militar, mas aqui significa "secretário". **Apaziguado** pode ser traduzido como "acalmado" (ASV). É óbvio que este secretário tinha muita autoridade. Bruce escreve: "O 'escrivão da cidade' ou funcionário executivo que publicou os decretos do Demos era efésio, e não um funcionário romano. Mas sendo um funcionário oficial nativo da província, ele estava em contato próximo com as autoridades romanas que iriam considerá-lo responsável por aquele ajuntamento tumultuado e ilegal".[272]

Quando a ordem foi restaurada de forma que ele pôde ser ouvido, o escrivão falou à multidão com um pouco de severidade: **Qual é o homem que não sabe que a cidade dos efésios é a guardadora do templo da grande deusa Diana e da imagem que desceu de Júpiter?** A palavra grega para **guardadora** é *neokoros,* e significa "guardadora do templo", um título honorário da cidade. A

cidade de Efeso é mencionada em uma inscrição como a "Guardiã do Templo de Ártemis".[278]

A frase "a imagem que desceu de Júpiter" é uma única palavra em grego, *diopetes* (somente aqui no NT). Trata-se de um adjetivo que significa "caído do céu". Não há qualquer referência em grego à imagem ou a Júpiter. O objeto que caiu do céu era provavelmente um meteorito que o povo passou a adorar como uma pedra sagrada (cf. RSV).

O escrivão da cidade passou a censurar o povo por ter feito alguma coisa **temerari-amente** (36) ou "precipitadamente", não podendo isto ser contraditado, *i.e.,* eram "fatos indiscutíveis" (Phillips). Os líderes da multidão haviam trazido homens que não eram nem **sacrílegos** (37) — lit., "ladrões do templo" (cf. NASB), mas provavelmente com o sentido aqui de "sacrílegos" — nem blasfemavam da vossa deusa (o melhor texto grego diz "nossa deusa"). **Se Demétrio e... os que estão com ele têm alguma coisa contra alguém, há audiências** (38) — "mantemos dias de funcionamento do tribunal"[274] — **e há procônsules; que se acusem uns aos outros** — ou melhor — "deixem que eles apresentem as acusações uns contra os outros" (NASB). **Mas, se alguma outra coisa demandais** (39) elas serão tratadas por um legítimo ajuntamento. E isto, definitivamente, aquela reunião não era. Ela não havia sido regularmente convocada, mas precipitada por uma ação espontânea popular.

O escrivão da cidade advertiu a multidão sobre a gravidade de seus atos: **Na verdade, até corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição (40) —** lit., "acusados de provocar um tumulto neste dia". Uma das maiores exigências do governo romano aos seus governantes era que mantivessem a paz e a ordem. A revolta era um pecado mortal aos olhos de Roma, e disto o escrivão entendia muito bem, e por isso estava tão preocupado. A palavra **concurso** pode ser traduzida como "comoção" ou "reunião de rebeldes".[275]

Tendo reprovado a atitude do povo, o oficial da cidade **despediu o ajuntamento** (41) — *a ekklesia.* Knowling sugere que provavelmente

seu desejo seria regularizar a reunião a fim de evitar problemas com o procônsul por ter permitido a realização de uma assembléia irregular.[276]

2. *Viagem à Macedônia e à Grécia* (20.1-6)

Depois da tumultuada assembléia no teatro de Efeso, Paulo deixou a cidade. O primeiro versículo do melhor texto grego diz: "Depois que o tumulto havia cessado, Paulo, tendo chamado seus discípulos e os exortado,[277] disse-lhes adeus e partiu para a Macedônia".

E havendo andado (2) — "atravessado" evangelizando (cf. **13.6) — por aquelas terras** — Macedônia — **exortando-os com muitas palavras** — lit., "havia exortado as pessoas com muitos discursos" — **veio à Grécia.** Esta é a única passagem no Novo Testamento onde ocorre a palavra *Hellas,* ou Grécia. Este era o nome popular para Acaia (ver o mapa 3).

Sem dúvida, foi em Corinto que Paulo passou **três meses** (3) — provavelmente no inverno, quando não havia navegação no Mediterrâneo. Na primavera, ele estava pronto para navegar ("lançar-se ao mar") para a Síria (Palestina), quando descobriu que existia uma conspiração contra a sua vida. Os judeus estavam planejando livrar-se dele quando estivesse a bordo, assassinando-o quando ele não pudesse fugir, ou lançando-o secretamente do navio ao mar. Mas quando Paulo soube disso, decidiu seguir o caminho por terra, através da Macedônia, por ser mais seguro.

Vários homens acompanhavam Paulo (4). Evidentemente, esses homens haviam sido escolhidos como representantes das várias igrejas para levar suas contribuições a Jerusalém (cf. 1 Co 16.3). Sópatro, talvez o Sosípatro de Romanos 16.21, era de Beréia, e havia dois homens da Tessalônica: Aristarco (cf. 19.29) e Segundo (que não é mencionado em outra passagem). Depois havia Gaio, de Derbe, que provavelmente conhecia muito bem Timóteo, e que vivia perto de Listra. Da Ásia, para representar Efeso, vieram Tíquico e Trófimo. Estes homens haviam viajado para a Ásia e estavam esperando por Paulo em Trôade (ver o mapa 3; cf. 16.8-11).

No versículo 6, começa a segunda seção dos "nós". Paulo havia deixado Lucas em Filipos logo depois da fundação da igreja, e Lucas provavelmente trabalharia como seu pastor nos anos subseqüentes. Navegamos de Filipos (6) — *i.e.*, de Neápolis há dezesseis quilômetros de distância (cf. 16.11-12). Eles navegaram depois dos dias dos pães asmos,

i.e., da Páscoa, em março ou abril (como a nossa Páscoa), e em cinco dias chegaram a Trôade. Isto mostra que haviam enfrentado ventos contrários. Se fossem em outra direção, teriam percorrido esta distância em dois dias (16.11). Paulo e seu grupo permaneceram em Trôade durante uma semana.

3. *Trôade* (20.7-12)

Este incidente em Trôade é particularmente significativo por ser a primeira indicação de que um culto cristão foi realizado em um domingo. **No primeiro dia da semana** (7) corresponde literalmente a "em um dos sábados" (essencialmente a mesma expressão de Lc 24.1 e Jo 20.1). No Novo Testamento, a palavra "sábados" é geralmente usada para o intervalo entre dois dias de sábado, portanto ela significa "uma semana". Vários estudiosos concordaram que a expressão acima quer dizer "no primeiro dia da semana". Alexander menciona este fato como um "notável exemplo do fato da tradução literal nem sempre ter sido a mais fiel".[278]

Como o sábado judeu começava ao pôr-do-sol, alguns comentaristas interpretaram essa frase com o significado de "na noite de sábado" (NEB).[279] Mas Lake e Cadbury observam que a expressão **no dia seguinte** se refere a um momento depois da reunião da última noite, e concluem: "Parece que o contexto está mostrando que Lucas não obedecia ao costume judeu neste detalhe... pois para ele o dia começava ao amanhecer, ou, pelo menos, nunca ao pôr-do-sol".[280] Bruce concorda com esta observação, e sugere que Lucas estava usando "o conceito romano de meia-noite até meia-noite".[281] Alexander entende que "a prática do primeiro dia da semana, como sendo o dia da ressurreição do Senhor, já havia se tornado uma

tradição, de modo que naquela época fazer a assembléia da igreja com o propósito aqui mencionado era uma questão de tempo".[282]

Ajuntando-se os discípulos — os manuscritos mais antigos dizem "nós" em vez de "os discípulos" — **para partir o pão** — provavelmente para celebrar a Ceia do Senhor, ou pelo menos a Agape (festa do amor). Não se sabe ao certo se a festa do amor e a Ceia do Senhor eram comemoradas juntas ou em separado. Como parece que na noite anterior a sua crucificação, Jesus instituiu a Ceia do Senhor no final da Ultima Ceia, alguns pensam que os cristãos primitivos podem ter celebrado a Ceia do Senhor no final da Agape.

Junto com esse culto, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles. A palavra **falava** é *dialegomai* (cf. "diálogo"), que significa "conversar com, discursar, discutir, argumentar".[283] Ela já ocorreu em 17.2,17; 18.4,19; 19.8-9, e é encontrada em 20.9; 24.12,25. Talvez seu melhor significado aqui seja o primeiro, "conversar com". Lumby diz: "A reunião era aquela onde a argumentação e as conversações eram usadas para esclarecer dúvidas e eliminar as dificuldades que pudessem existir na mente dos cristãos de Trôade".[284] Havia de partir é literalmente "estando prestes a partir". A palavra **falava** (*logos)* às vezes era usada para "discurso".

Havia muitas luzes — lâmpadas — **no cenáculo onde** [eles] — "nós" no melhor texto grego — **estavam juntos** (8). Provavelmente, as lâmpadas no cenáculo contribuíam para torná-lo quente e abafado. Além disso, o lugar estava aparentemente lotado de pessoas, pois **Eutico** (9) estava sentado em uma janela — uma simples abertura na parede. Tudo isso resultou na queda do jovem do terceiro andar, tomado de um sono profundo. Estas duas expressões têm o mesmo verbo, mas em tempos diferentes. O primeiro (tempo presente) sugere um processo gradual e o segundo (aoristo) um clímax final. Rackam expressa essa situação muito bem: "Os tempos gregos retratam exatamente a continuação da luta e o momento da derrota".[285] "Eutico caiu do terceiro andar... e foi levantado morto" (cf. RSV). O texto grego não diz "como morto" (Phillips) ou "como se estivesse morto" (NEB).

Sem se intimidar, Paulo, porém, descendo, inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: **Não vos perturbeis, que a sua alma nele está** (10). Esta descrição levou alguns a dizerem sobre o jovem que "a respiração tinha sido removida dele", e que usando o método atual de ressuscitação boca-a-boca, Paulo lhe restituiu a vida. Mas Lucas, o médico, estava presente e declarou que ele estava morto.

Depois desta breve interrupção, Paulo voltou para o cenáculo do terceiro andar "a passos largos".

Todos ficaram imensamente confortados quando **levaram vivo o jovem** (12) sugerindo que ele tinha morrido. Não está mencionado se ele foi levado de volta para o culto no andar superior,[286] ou se tinha recuperado a consciência pouco antes de Paulo deixar a cidade.[287]

Quando voltou ao cenáculo, Paulo partiu o pão e comeu (11). No versículo 7, está escrito que a congregação havia se reunido para "partir o pão". Parece que somente agora eles realmente encontraram o tempo necessário para celebrar a Ceia do Senhor. Mesmo depois disso, Paulo ainda lhes falou largamente até a alvorada. Evidentemente, ele percebeu que esta seria a sua última oportunidade de ministrar aos cristãos de Trôade. Quando amanheceu o dia, o apóstolo partiu.

4. *Na Costa* (20.13-16)

Lucas, que era um bom marinheiro, acompanhado por todos os membros do grupo (cf. 4), exceto Paulo, subiu **ao navio** (13) — *i.e.,* embarcou no navio (grego). Evidentemente, o resto do grupo havia deixado a cidade antes do apóstolo. Eles navegaram — "lançaram-se ao mar" (cf. 13.13; 16.11; 18.21) — até Assôs, pretendendo encontrar Paulo neste local. Ele havia combinado assim, pois preferia caminhar os trinta quilômetros, ou mais, até Assôs (ver o mapa 3). A viagem por mar era duas vezes mais longa, e contornava o Cabo Lectum. Talvez o motivo de Paulo possa ser explicado pela suposição de que "era um mau marinheiro, por isso enfrentar o mar aberto desde Trôade até Assôs, com um tempestuoso vento noroeste que prevalecia durante cerca de cinco dias em sete, podia ser muito desagradável em um

navio tão pequeno como aquele".[288] Também é possível que Paulo tenha preferido dispor de algum tempo para uma tranqüila meditação enquanto caminhava sozinho.

Os viajantes se encontraram com Paulo em Assôs, onde o receberam (14). Embora não esteja mencionado, é provável que eles tenham ancorado em Assôs para passar a noite.[289] Por causa das inúmeras rochas que se projetavam do mar, não era seguro navegar depois que escurecia. No dia seguinte, depois de navegar em direção ao sul, eles chegaram a Mitilene, a cerca de 50 quilômetros de distância. Esta cidade, a "capital de Lesbos, no lado oriental da ilha, era famosa por ser a terra natal de Safo e de Alceu. Ela foi descrita por Cícero como nobre, por Horário como bela, e por Vitrúvio como magnífica".[290]

Navegando dali — "partindo por mar" — o navio chegou **defronte de Quios** (15) — significando aparentemente um ponto oposto à ilha de Quios, que ficava cerca de oito quilômetros de distância do continente. Poralguma razão, eles escolheram ancorar nesta noite nas proximidades do continente.

No outro dia, eles aportaram em — "atravessaram rumo a" — Samos. Esta ilha, situada a sudoeste de Efeso, era famosa por ser a terra natal de Pitágoras. Esta frase, e a frase **ficando em Trogílio** são encontradas em apenas um único manuscrito uncial grego (D, do século V ou VI) e no Papiro 41 (século VIII ou IX). Embora sejam rejeitadas pela maioria dos estudiosos, Bruce comenta: "uma adição provável por si mesma, e que provavelmente não foi interpolada".[291] Ramsay defende a sua autenticidade, e explica a sua implicação da seguinte maneira: "Quando o vento diminuiu, eles não tinham ido para além do promontório de Trogílio, na entrada do golfo, e lá, como menciona o texto de Bezan, eles passaram a noite".[292] Lake e Cadbury concluem: "Não existe nenhuma razão óbvia para inserir esta afirmação, a não ser que a jornada de Samos a Mileto tenha parecido demasiadamente longa. E possível que este seja o texto verdadeiro".[293]

No dia seguinte, eles chegaram a Mileto. Esse lugar, famoso por ser o

berço de Tales, havia sido anteriormente uma importante cidade comercial da Ásia Menor; mas tinha sido agora ultrapassada por Efeso, que ficava aproximadamente a 50 quilômetros de distância.

Alexander chama a atenção para "uma curiosa circunstância de que a frase **no dia seguinte,** repetida três vezes neste versículo, corresponde a três diferentes frases gregas que significam *o próximo,* ou *seguinte* (dia); o *outro* (dia) e o *contíguo* ou *adjacente* (dia)".[294] Este é um exemplo típico da variedade de expressões gregas usadas para transmitir a mesma idéia.

Paulo **tinha determinado** (16) — "decidido" (NASB) — passar adiante de Éfeso, embora Alexander comente: "ela realmente se encontrava em seu caminho".[295] Mas Lakè e Cadbury indicam que isto não é totalmente correto. Para ir a Éfeso por navio, seria necessário virar em direção a leste para circundar o promontório de Trogílio. Eles afirmam: "O curso natural foi aquele que seguiram, que segue próximo ao norte de Samos e se aproxima da costa em Mileto".[296]

Parece ter havido duas razões que levaram Paulo a evitar Éfeso. A primeira era que estava um pouco fora da sua rota, e a segunda porque tinha receio de que, indo a Éfeso, seria difícil deixar logo a cidade por causa do período de três anos que passou ali como "pastor". Lucas nos dá a razão: **para não gastar tempo na Ásia** (na província da Ásia e particularmente em Éfeso).

Sua pressa era causada pelo fato de querer estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes, que acontecia no final de maio ou no início de junho.

Existe uma característica nestes parágrafos (13-16) que não deve passar desapercebida. Em nenhuma outra passagem, temos um registro diário da viagem repleto de tantos detalhes. Ficamos sabendo onde o navio parou em cada noite para ancorar. Isto está em sensível contraste com algumas partes do livro de Atos, onde as longas viagens por terra ou navio estão resumidas em algumas palavras. Mas Lucas era um experimentado viajante que mantinha um cuidadoso registro.

As seções "nós" são as passagens que descrevem os movimentos do grupo de Paulo com inúmeros detalhes. Mesmo fora dessa seção podemos identificar os trechos em que Lucas está presente. O mesmo fenômeno pode ser encontrado na viagem final a Roma (caps. 27—28).

Um outro fator também pode ter contribuído. A maioria dos lugares mencionados por Lucas nesta viagem de uma semana ao longo da costa estava ligada à literatura grega, alguns até como berço de grandes poetas ou filósofos. Os detalhes dessa seção refletem o fato de que Lucas era muito culto e também muito viajado.

5. *Mileto* (20.17-38) ^

Por mais que Paulo desejasse visitar Éfeso novamente, ele preferiu uma rota mais segura e parou em Mileto. É provável que, em TVôade, ele tenha escolhido um navio que parasse em Mileto, e não em Éfeso, um navio mais veloz que pudesse levá-lo mais rapidamente à Palestina.

a.Uma Advertência Solene (20.17-35). De Mileto, **Paulo mandou a Éfeso,** aproximadamente a 50 quilômetros de distância — **chamar** (17) — um verbo composto que quer dizer "chamar de um lugar para outro"[297] — **os anciãos** — *presbyterous* — **da igreja.** Ele tinha uma importante mensagem para lhes entregar, mas sabia que não tinha tempo para visitar toda a igreja. Como um dia de viagem correspondia normalmente a 32 quilômetros, provavelmente levaria três dias para enviar um mensageiro e trazer os anciãos efésios a Mileto.

Quando chegaram, Paulo abriu seu coração para eles em sua única mensagem registrada aos líderes da igreja, embora existam muitas semelhantes nas epístolas que ele escreveu às igrejas que fundara. Parece que Éfeso havia se tornado o mais importante centro da igreja na última terça parte do primeiro século, suplantando Jerusalém e Antioquia. Paulo, reconhecendo rapidamente a importância estratégica dessa cidade líder da Ásia Menor, ficou preocupado em providenciar para que os anciãos da igreja fossem orientados a preservar uma elevada pureza de doutrina e conduta. O fato de essa política ter dado um resultado positivo ficou comprovado pela posição

que Efeso ocupou nos tempos que se seguiram. O Dr. Cell, da *Boston University School ofTheology,* costumava dizer que, no segundo século, tudo que fosse determinado por Roma e pelas igrejas da Ásia Menor era considerado como da mais alta autoridade pela igreja em geral. A mensagem transmitida pelo apóstolo, mais o ministério de Timóteo (1 Tm 1.3), e também o do apóstolo João depois do ano 70 d.C. ajudaram a tornar Efeso o baluarte da fé (cf. Ap 2.2).

Paulo lembrou aos anciãos efésios como, **desde o primeiro dia** da sua chegada (18) — desde que "colocou os pés" (ASY) — na Ásia (Efeso), ele se portara entre eles durante todo aquele tempo. O apóstolo não era um cristão apenas "dos bons tempos", nem um pregador mercenário. Ele tinha estado no meio deles sempre que precisaram de seu ministério pastoral. Esse é o teste de um bom pastor.

Em tudo isto, ele estava constantemente (tempo presente) **servindo ao Senhor** (19). Aquele que serve às reais necessidades do povo serve melhor ao seu Senhor (cf. Mt 25.3'4-40). O verbo *douleuo* significa literalmente "ser um escravo, estar sujeito a, servir".[298] Paulo era o *doulos,* "servo" de Jesus Cristo, como se intitulou no início de Romanos (1.1). Ele estava servindo ao Senhor com toda a humildade — lit., com "humildade de espírito", palavra favorita das epístolas de Paulo, embora os romanos desprezassem essa atitude.

Ele também servia com muitas lágrimas — tinha bom coração (cf. 1 Ts 2.7-8). Tinha sofrido tentações — ou "provações" (NASB) — que lhe sobrevieram pelas ciladas — "intrigas" — dos judeus. Eles ainda estavam ameaçando o seu caminho, como tinham feito na Galácia em sua primeira viagem, e em Tessalônica e Beréia na segunda.

Paulo então continuou a descrever o seu ministério em Efeso (20-21). **Nada, que útil seja, deixei de vos anunciar** (20). Lumby fala sobre o verbo aqui: *"Hypostello é* aplicado à conclusão de alguma coisa para conservá-la fora da vista ou escondê-la cuidadosamente... portanto, ele tem o sentido metafórico de 'colocar uma capa' naquilo que deve ser declarado".[299] Paulo não temperou a sua pregação para agradar ao gosto das pessoas, mas lhes deu o que precisavam. Este é

um teste de um bom pregador.

Paulo havia anunciado e ensinado em Efeso tanto publicamente como pelas casas. Ele não considerava que havia se isentado de suas responsabilidades quando pregava do púlpito. Isto precisava ser complementado pelo ensino nas casas.

Ele tinha estado ocupado **testificando** (21, um composto de intensidade que significa "anunciando solenemente")[300] **tanto aos judeus como aos gregos** (ele não havia negligenciado nenhum grupo) **a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.** Esta é a combinação evangélica. Temos pecado contra Deus, portanto, nossa atitude em relação a Ele deve ser de arrependimento. Mas só poderemos ser salvos se o arrependimento estiver associado à fé em nosso Senhor Jesus Cristo — aceitando a sua morte redentora em nosso beneficio.

Em seguida, Paulo descreve as condições sob as quais estava fazendo essa viagem (22-24). Ele estava indo a Jerusalém **ligado... pelo espírito** (22). Será que isto significa o espírito humano (KJV) ou o Espírito Santo (RSV)? Como o artifício moderno de usar letras maiúsculas para indicar a Divindade não era usado na língua grega, a questão fica em aberto e deve ser resolvida em harmonia com o contexto. Os bons estudiosos igualmente argumentam a favor dos dois lados. **Pelo espírito** pode, com igual precisão, ser traduzido como "em Espírito". Provavelmente, a única solução satisfatória seria aceitar as duas idéias. Paulo sentiu-se ligado pelo espírito através da compulsão do Espírito Santo.

Ele estava preocupado com o que iria lhe acontecer em Jerusalém, porque o Espírito Santo havia revelado (23) — "testificado solenemente" (cap. 21) — **de cidade em cidade** — provavelmente Corinto, Filipos e Trôade — **dizendo que prisões e tributações**

— um termo mais geral, que foi traduzido em algumas versões como "tribulações" — **me esperam** — ou melhor, "me aguardam".

O texto grego do versículo 24 varia consideravelmente nos diferentes

manuscritos. Talvez a melhor tradução seja encontrada na versão NASB: "Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus". Bruce faz esta adequada observação: "E evidente, comparando este versículo com o próximo, que a pregação desse Evangelho é idêntica à proclamação do Reino".[301]

. O apóstolo tinha a forte impressão de que estas pessoas nunca mais veriam o seu rosto (25). De certa forma, isto cria um problema. "As epístolas pastorais implicam, embora não afirmem explicitamente, uma visita posterior a Éfeso (cf. 1 Tm 1.3; 2 Tm 1.15ss.).[302] Também, quase no final da sua primeira prisão em Roma, Paulo insinuou que tinha esperanças de ser libertado e voltar a visitar a província da Ásia. O texto grego da presente passagem poderia ser interpretado como: "Nem todos os seus ouvintes iriam vê-lo novamente". Mas a forma natural de traduzir seria igual àquela que temos nas versões padrão em inglês. Lumby sabiamente observa: "Seria melhor entender as palavras como a convicção do pensamento do apóstolo naquele momento. Ele estava impressionado com a crença de que nunca mais iria voltar".[303] O fato de o Espírito Santo ter prevenido que a prisão o aguardava em Jerusalém (cf. 23), teria dado razão suficiente para que ele pensasse dessa maneira.

À luz da sua convicção de que essa era a última vez que falava aos anciãos de Éfeso, Paulo disse: **Portanto, no dia de hoje, vos protesto** (26) — lit., testifico-vos — **que estou limpo do sangue de todos.** Por quê? **Porque nunca deixei de vos anunciar**

— *hypesteilamen,* que foi traduzido como "deixei de vos anunciar" tanto aqui como no versículo 20 — **todo o conselho de Deus** (27). Isto significa "todo o plano da salvação, o que Deus oferece e o que Ele pede aos homens".[304] Inclui não só as doutrinas do "arrependimento a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (21), mas também a regeneração e a completa santificação (cf. 1 Ts 5.23). É preciso ter não só os pecados perdoados, mas também o coração purificado de todo o pecado (cf. 1 Jo 1.7), e ser cheio do Espírito Santo. Deixar de pregar

tudo isto é deixar de declarar todo o conselho de Deus.

Como um fiel "superintendente geral" da igreja dos gentios, Paulo exortou os anciãos de Éfeso: "Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos" (28). A ordem aqui é importante. Ninguém pode ministrar adequadamente aos outros se a sua própria alma não tiver sido abençoada com a presença de Deus. A primeira responsabilidade desse alguém é cuidar da sua condição espiritual. Se não fizer isto, e desse modo perder a sua alma, não adiantará tentar apascentar aqueles que Deus confiou aos seus cuidados.

Bispos corresponde a *episkopos* (de onde vem a palavra "episcopal"). Em outras passagens do Novo Testamento (Fp **1.1; 1** Tm 3.2; Tt **1.7; 1** Pe 2.25), ela também foi traduzida como "bispo". Significa, literalmente, "aquele que toma conta" e "superintendente", ou "guardião". O fato de esses homens serem chamados de "anciãos" (*presbyteroi*) em **17** implica que presbíteros e bispos representavam a mesma função na Igreja Apostólica.

A responsabilidade destes líderes era apascentar — lit., "pastorear" — a igreja de Deus. Alguns manuscritos gregos dizem "a igreja do Senhor" (cf. ASV). Aqueles que sentem que a tradução "igreja de Deus" é autêntica (cf. Westcott e Hort, Nestle) acreditam que a mudança para a outra tradução foi feita por causa da implicação de que foi o sangue de Deus que comprou a igreja. Certamente, esta é a impressão que se tem ao ler a versão KJV — "a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue". Bruce, usando a sugestão de Lake e Cadbury, traduz a última frase como, "através do sangue de seu Único [Filho]".[305] A palavra grega para **resgatou** significa essencialmente "adquiriu para si mesmo".

Depois Paulo falou algo triste. Ele sabia que depois da sua partida **lobos cruéis** (29) — "lobos malvados", em contraste com os verdadeiros pastores do rebanho — iriam entrar e não perdoariam o rebanho. Parece que ele está se referindo à vinda dos falsos mestres (cf. Ap 2.6). **Partida** (*aphixis*, palavra usada somente aqui no NT) no grego clássico significava "chegada", mas nos papiros ela, às vezes, significa "partida".

Ainda pior, **dentre vós mesmos (30),** querendo dizer "dentro da igreja", mas talvez sugerindo "do próprio grupo que está à minha frente" — se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos, *i.e.,* os discípulos de Cristo. Phillips insiste na frase **após si,** traduzindo o texto como: "Tentando atrair os discípulos e torná-los seus próprios seguidores". Aparentemente, o apóstolo está se referindo aos adeptos do judaísmo que já estavam trabalhando nessa área geral, como sabemos através da epístola aos gálatas (cf. 1 Tm 4.1-6; 2 Tm 3.1-13). Na província da Ásia, as igrejas também

estavam sendo ameaçadas pelas influências gnósticas, como pode ser verificado em Colossenses e 1 João. O fato de os anciãos de Efeso terem sido beneficiados por esta advertência está implícito em Apocalipse 2.2.

Paulo insistiu com estes líderes: **vigiai (31)** — "estai acordados" ou "estai alertas" — lembrando que por três anos — aproximadamente o tempo da sua estada em Éfeso (cf. **19.8,10,**22) — ele não havia cessado de admoestar — lit., "de colocar na mente", portanto "prevenir, exortar" — **noite e dia... com lágrimas** (cf. **19).** Paulo tinha uma única paixão: servir a Cristo servindo aos outros.

Paulo encomendou estes presbíteros a Deus[306] e à **palavra da sua graça (32). É** como se ele dissesse: "Estou partindo, mas deixo-vos aos cuidados daquele que irá vos ajudar como me ajudou, e que não vos abandonará".[301] Alexander diz: *"Palavra da sua graça* pode significar a doutrina da salvação ou a bondosa palavra da promessa".[308] A frase **que** — ou "quem" — **é poderoso para vos edificar** talvez esteja modificando "Deus" e não "o mundo". Deus é poderoso para vos... dar herança entre todos os santificados. Existe um sentido pelo qual todos os cristãos são santificados; *i.e.,* "separados para Deus" (cf. **1** Co **1.2; 3.1-3).** Em um sentido mais elevado, aqueles que são santificados se consagraram completamente a Deus, submeteram a sua vontade incondicionalmente à vontade de Deus, e purificaram o seu coração de todo pecado, enchendo-se com o Espírito Santo. E privilégio de todo cristão receber uma herança entre os santificados. A palavra grega para **herança** significa literalmente "uma posse que é designada a alguém". **O** cenário bíblico representa os israelitas recebendo a sua herança na terra de Canaã, o que tipifica a vida santificada.

Paulo lembra a estes homens: **De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste** (33). A cobiça pelo dinheiro já destruiu muitos homens, espiritualmente. Mas o apóstolo foi mais além do que simplesmente evitar a cobiça: **Vós mesmos sabeis que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão comigo, estas mãos me serviram** (34). Como em Tessalônica (2 Ts 3.7-12) e Corinto (1 Co

9.11-15; 2 Co 11.7-12; 12.13-16), e também em Efeso, Paulo havia sustentado a sua vida com o trabalho das suas próprias mãos. Ele assim fez para não dar ocasião a nenhuma crítica por parte dos adversários judeus, de que estava pregando para obter vantagens pessoais.

Em todo o seu abnegado serviço, o apóstolo havia dado a estes líderes da igreja um exemplo de que era **necessário auxiliar os enfermos** (35). Sobre a palavra **auxiliar,** Alexander escreve: "'auxiliar' é um verbo grego muito expressivo que, de acordo com sua etimologia, significa originalmente agarrar alguém (ou alguma coisa) que é contrário, como se fosse levantá-lo".[309] Alguns interpretaram a palavra **enfermos** com o significado de pessoas legalistas que têm uma consciência excessivamente escrupulosa (cf. Rm 4.19;

14.1-2,21; 1 Co 8.9-12). Mas aqui o contexto sugere um sentido mais generalizado.

A frase atribuída ao Senhor Jesus de que "mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" não é encontrada nos Evangelhos. Entretanto, ela está perfeitamente de acordo com o espírito e o caráter dos ensinos de Cristo (cf. Lc 6.38). Lake e Cadbury escrevem: "Esse sentimento está de acordo com o sentimento de Jesus nos Evangelhos, e com o interesse de Lucas em dar".[310]

O discurso de Paulo aos anciãos de Efeso pode ser classificado como "Palavras Finais de um Pastor que Estava Deixando sua Congregação". Quatro aspectos principais podem ser notados: 1. Lembrança de: (a) seu intenso cuidado (19,31); (*b)* sua fiel pregação (20-21, 26-27). 2. Uma advertência sobre: *(a)* perseguição (29); (ò) apostasia (30). 3. Exortação: (a) Olhai, prestem atenção (28); (*b*) Esteja alerta (31). 4. Encomendou-os: *(a)* a Deus; (*b*) à palavra da sua graça (32).

b. Uma Triste Despedida (20.36-38). Tendo terminado seu discurso de despedida, Paulo **pôs-se de joelhos e orou com todos eles** (36) — um exemplo adequado para qualquer ocasião de partida. E levantou-se um grande pranto entre todos e, **lançando-se ao pescoço de**

Paulo, o beijavam (37). O verbo **beijavam** é composto, e significa literalmente: "beijar fervorosamente, com muita afeição". A frase também está no tempo imperfeito em algumas versões: "continuaram a beijá-lo fervorosamente". Era difícil deixá-lo partir.

Os anciãos de Efeso se entristeceram muito (38) pelas palavras de Paulo, de que não iriam mais ver o seu rosto. Cheios de cortês bondade, acompanharam-no até ao navio. Esse verbo significa, literalmente, "conduzir" ou "escoltar".

H. A Viagem a Jerusalém, 21.1-16.

O capítulo 20 descreve a viagem de Paulo desde Efeso, atravessando a Macedônia, até a Grécia e depois a sua volta, novamente através da Macedônia, até Filipos (ver o mapa 3). Em Filipos, ele apanhou Lucas, a quem havia deixado ao partir para sua segunda viagem missionária. "Nós" navegamos até Trôade onde o grupo passou uma semana. De lá "nós" navegamos pela costa até Mileto — com a anotação de cada noite em que ancoraram (13-16). O capítulo termina com a descrição da despedida de Paulo aos anciãos de Efeso. Este é um dos poucos discursos de Paulo que foi registrado pelo próprio Lucas.

O capítulo 21 descreve o restante da viagem até Jerusalém, e conta o que aconteceu quando Paulo chegou a esta cidade em sua última visita. Lucas faz parte do grupo, como podemos ver pelo uso da palavra "nós" em toda essa seção. Sua presença também está refletida na continuação deste registro detalhado e quase diário de cada movimento que ele fez. E óbvio que Lucas manteve um registro diário das suas viagens, e aqui ele divide a essência desse seu diário de viagem com os leitores.

1. *Tiro* (21.1-6)

Com relação à frase **separando-nos deles (1),** Bruce escreve: "Continuamos dispostos a preservar a atmosfera de fiel afeição dos versículos anteriores, dando a esta palavra a sua intensidade literal, "dilacerando-nos".[311] Devemos sempre lembrar que os manuscritos gregos não eram divididos em capítulos que fracionam o texto,

como atualmente. Um cuidadoso estudante da Bíblia deve ignorar a separação em capítulos quando eles não coincidem com a unidade de pensamento do autor. O sistema de parágrafos usado nas versões revistas nos ajuda a fazer isto.

Depois da emocionante despedida, o grupo de Paulo navegou — "lançou velas" (cf. 13.13; 16.11; 18.21; 20.3,13) — **e fomos correndo caminho direito** — lit., "tendo percorrido uma linha reta, chegamos". A frase principal (em uma única palavra grega) só é encontrada aqui e em 16.11. Lake e Cadbury dizem: "Isto implica que, como usualmente acontece nesta região no verão, o vento estava soprando na direção noroeste, e isto explica novamente por que foi muito mais fácil para Paulo mandar chamar os anciãos de Efeso do que ir em sua direção".[312] Eles também observam: "Não seria exagero supor que Paulo alcançou Mileto a partir de Trôade, movido por um único "vento", passou a noite seguinte de calmaria com os efésios, e depois continuou aproveitando o vento que soprou a seguir".[313] Geralmente, estes ventos sopravam durante quatro ou cinco dias, e eram seguidos por dois ou três dias de calmaria.[314]

No primeiro dia, o grupo alcançou Cós, que ficava "a cerca de quarenta milhas náuticas de Mileto".[316] Este é o nome da ilha e da sua capital. O mesmo acontece com Rodes (ver o mapa 3), onde eles ancoraram na noite seguinte. Nos dois casos, o nome provavelmente se refere à própria cidade. Na ilha de Cós existia o templo de Esculápio, o deus da cura, com uma escola de medicina anexa. Também supunham que esta era a terra de Hipócrates, o pai da moderna ciência médica. O Juramento de Hipócrates, ainda obrigatório a todos os médicos e cirurgiões, pode ser visto atualmente pendurado nos consultórios dos médicos.

Rodes, a cerca de 130 quilômetros de Cós, era uma cidade famosa pelo Colosso de Rodes, uma gigantesca estátua de bronze com 45 metros de altura, de Apoio, o rei-sol. Antigamente, as pernas da estátua se estendiam sobre a entrada da baia. Uma das sete maravilhas do mundo da antiguidade, ela já estava em ruínas quando Paulo visitou o lugar, tendo sido destruída por um terremoto no ano 224 a.C. Mas a

cidade ainda era uma cidade livre, e um importante porto comercial sob o Império Romano.

No terceiro dia depois de Mileto, o barco alcançou Pátara, que estava a 110 quilômetros de distância de Rodes. Era um porto de mar localizado na costa da Lícia, na extremidade sudoeste da Ásia Menor. **Ali... achando um navio que ia para a Fenícia, embarcamos nele e partimos.** Alexander diz: "A precisão e os detalhes dessa narrativa provam que ela procede de uma testemunha ocular, enquanto a fraseologia náutica mostra que estava familiarizada com o mar".[316]

Um manuscrito grego (D) complica este assunto acrescentando "e Mirra" depois de **Pátara (1).** Isto mostraria que a mudança de um navio costeiro para outro navio em direção à Fenícia ocorreu em Mirra e não em Pátara. A favor desta interpretação está o fato de que "Mirra parece ter sido um grande porto para o tráfico direto através do mar entre as costas da Síria e do Egito".[317] Apesar disso, Ramsay prefere o texto mais comum, tal qual usamos.[318] Aparentemente, Lake e Cadbury também fazem o mesmo,[319] e Bruce não expressa a sua opinião.[320] Não parece haver suficiente justificativa para acrescentar "e Mirra", especialmente porque isto exigiria uma viagem de cerca de oitenta quilômetros por mar, a leste, contra os prevalecentes ventos que vinham da direção nordeste.

A próxima etapa da viagem estava a aproximadamente 650 quilômetros, atravessando o mar até Tiro. Como um cuidadoso redator, Lucas escreve: **E indo já à vista (3)**

— "tendo chegado próximo" (ASV) — **de Chipre, deixando-o à esquerda** — *i.e.,* passando a sudoeste dessa ilha — **navegávamos para a Síria** — nome genérico para toda a área ao longo do Mediterrâneo entre a Ásia Menor e o Egito. Eles ancoraram em Tiro

— principal porto da Fenícia — porque o navio havia de ser descarregado ali — "descarregado da sua carga" (NASB). Como era típico de Lucas, este versículo tem quatro termos náuticos — à vista,

navegávamos, ancoraram (ou chegamos), e descarregado.

Achando (4) — lit., "tendo encontrado" o que implica uma procura —**discípulos, ficamos ali sete dias.** Parece que ninguém do grupo de Paulo conhecia Tiro. Provavelmente, eles sabiam que havia cristãos naquela cidade (cf. 11.19; 15.3), mas não sabiam onde encontrá-los. Devemos lembrar que não havia, nessa época, edifícios para as igrejas, e os cristãos reuniam-se em casas particulares. Provavelmente, a razão para o grupo ter permanecido sete dias foi que este era o prazo necessário para descarregar o navio.

Durante a semana que Paulo passou em Tiro, os crentes, pelo Espírito, diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém. No entanto, ele foi assim mesmo! Será que o apóstolo estava desobedecendo ao Espírito? Alexander nos dá uma boa resposta a esta questão, quando escreve: "Essa não era uma ordem divina para Paulo, mas uma conclusão dos discípulos por causa do fato, que lhes fora revelado, de que Paulo estaria exposto a um sério perigo".[321] Bruce concorda com esta interpretação e conclui: "Não devemos concluir que a continuação dessa viagem era contrária à vontade de Deus: 'foi sob a compulsão do Espírito' (20.22) que ele foi a Jerusalém".[322] De uma coisa podemos ter certeza: Paulo sentiu que a vontade de Deus era que ele continuasse, a despeito do perigo.

Existe atualmente em Tiro uma praia muito linda, de areia macia, com vários quilômetros de extensão, na qual podemos ver caravanas de camelos que estão em viagem. Foi aqui que aconteceu a despedida. Partes dos versículos 5 e 6 dizem, literalmente: "E, postos de joelhos na praia, oramos. E, saudando-nos uns aos outros, subimos ao navio; e eles voltaram para casa". A palavra "no navio" está indicando que se trata do mesmo navio em que eles haviam chegado.

2. *Cesaréia* **(21.7-14)**

E nós... concluída (7) — talvez "continuando"[323] — **a navegação** — "a viagem" — **de Tiro, viemos a Ptolemaida,** a uma distância de cerca de quarenta quilômetros, a meio dia de viagem por barco rumo ao sul. **Ptolemaida** era a antiga Aco (Jz 1.31), atualmente chamada

Acre. Hoje, ela está situada ao longo da Baía de Acre desde Haifa, que agora é o maior porto da costa de Palestina. Em Ptolemaida, o grupo de Paulo **havendo saudado os irmãos,** ficou **com eles um dia.**

Lucas continua a narrativa: **No dia seguinte, partindo**[324] **Paulo e nós... chegamos a Cesaréia** (8) — a uma distância de cerca de 56 quilômetros. Não sabemos se foram por terra ou por mar. Cesaréia tinha superado Ptolemaida como a principal cidade costeira da Palestina, porque Herodes, o Grande, construíra ali um grande porto, erigindo grandiosos edifícios. Naquela época, era a sede do governo romano na Judéia.

Em Cesaréia, Paulo e seu grupo se hospedaram na casa de **Filipe, o evangelista** *(euangelistes,* somente aqui, em Ef 4.11 e 2 Tm 4.5). Ele era **um dos sete** (cf. 6.5) e tinha agido como um evangelista com o eunuco etíope e o povo de Samaria (cap. 8). Evidentemente, ele se destacou tanto neste campo que teve a honra de ser o único homem do Novo Testamento a receber esse título.

Filipe tinha **quatro filhas donzelas, que profetizavam.** Provavelmente, isto simplesmente quer dizer que elas pregavam. Lumby comenta:

A palavra "profecia" chegou a ter, desde aproximadamente o começo do século XVII, somente o único sentido de "predizer o que ainda iria acontecer". Na época da Rainha Elizabeth, "profecias" queria dizer "pregações", e a famosa obra de Jeremy Taylor, *Liberty ofProphesying,* foi escrita para sustentar a liberdade de pregação.[325]

O grupo permaneceu em Cesaréia **muitos dias** (10). Paulo tinha se apressado para chegar a Jerusalém a tempo para o dia de Pentecostes (20.16). Naqueles tempos de horários de navegação incertos, como os barcos dependiam inteiramente da variação dos ventos, alguém precisaria reservar uma grande margem de tempo com relação a qualquer data de chegada. Parece que Paulo teve um progresso melhor do que tinha imaginado, e agora tinha vários dias livres antes do Pentecostes. Aparentemente, ele também preferia passar esses dias em Cesaréia (onde poderia evangelizar os gentios) do que em

Jerusalém, onde muitos judeus se mostrariam pouco amistosos para com ele.

Enquanto Paulo estava em Cesaréia, a capital gentílica da Judéia, **chegou da Judéia (10)** — *i.e.,* Jerusalém, a Judéia judaica — **um profeta, por nome Agabo.** Como este nome não é comum, é perfeitamente possível que este fosse o mesmo Ágabo que anteriormente havia predito a fome sob o governo de Cláudio César (11.28). Ele era um profeta e também previa o futuro.

Agabo **tomou a cinta de Paulo** — um cinto como uma faixa — e ligou os **pés e mãos** de Paulo (11). Então ele pronunciou a predição divinamente inspirada de que Paulo seria preso assim pelos judeus em Jerusalém, e entregue aos gentios (i.e., os governadores romanos). Deve-se observar que Agabo não disse a Paulo que não fosse a Jerusalém. Ele simplesmente o avisou daquilo que lhe aconteceria se fosse para lá.

Quando esta predição foi ouvida, rogaram-lhe, **tanto nós como os que eram daquele lugar, que não subisse a Jerusalém** (12). É evidente que Lucas, juntamente com os outros da Grécia, da Macedônia, da Ásia e da Galácia (cf. 20.4), insistiram em que Paulo não fosse a Jerusalém. A esse pedido, uniram-se os cristãos de Cesaréia. Não há dúvida a respeito do amor que estes crentes gentios sentiam pelo grande apóstolo.

No entanto, Paulo não iria se deter. Ele respondeu: **Que fazeis vós, chorando** (13) — isto mostra o fervor do seu pedido — **e magoando-me o coração?** — ou enfraquecendo o meu propósito. Alexander comenta: *"Magoar* (lit., *esmagar,* estremecer) *meu coração, i.e.,* enfraquecer, até onde vocês podem, a minha coragem, e se esforçarem para sacudir a minha decisão, trabalhando com os meus próprios medos e a minha simpatia com o seu sofrimento".[326] O apóstolo declarou a sua disposição não somente para ser preso, mas também para morrer em Jerusalém **pelo nome do Senhor Jesus.** Este era o nome que ele uma vez havia amaldiçoado em Jerusalém. Agora ele estava pronto a fazer a reparação, morrendo por ele.

Quando os amigos de Paulo viram que ele não seria persuadido a mudar o seu caminho, eles se aquietaram, dizendo: **Faça-se a vontade do Senhor!** (14) Esta sempre deve ser a conclusão a que devem chegar os cristãos consagrados. Afinal, a discussão terminou, esta é a palavra final.

Esta passagem sugere: 1. A preocupação cristã com outros (12); 2. A coragem do cristão (13); 3. A consagração do cristão a Deus (14).

3. *A Viagem a Jerusalém* (21.15-16)

Tendo passado algum tempo em Cesaréia, **havendo feito os... preparativos** (15). E óbvio que o termo "preparativos" tinha, para os tradutores da versão KJV em inglês, um significado diferente daquele que tem para nós, hoje. Naquela época, significava alguma coisa que era carregada; agora, significa algo que carrega outras. E a expressão é uma única palavra em grego, um particípio aoristo que significa literalmente "tendo feito os preparativos". Provavelmente, a idéia seja "tendo arrumado a nossa bagagem" (NEB). Isto feito, **subimos a Jerusalém,** uma viagem difícil de mais de noventa quilômetros (ver o mapa 1), a qual incluía a subida a uma altitude superior a 750 metros. Eram necessários três dias para completar a viagem. Se eles alugassem cavalos, como foi sugerido por Ramsay[327] e Rackham,[328] e apoiado por Bruce ("uma suposição muito razoável"),[329] a viagem provavelmente seria feita em dois dias.

A última possibilidade encontra algum apoio no assim chamado Texto Ocidental (ver a Introdução), no capítulo 16, onde se lê: "E eles nos trouxeram àqueles com quem nos hospedaríamos, e chegamos a uma aldeia, e ali estavam com Mnasom, um cipriota, um dos primeiros discípulos". A idéia geral é sugerida pela tradução da versão RSV: "E foram também conosco alguns discípulos de Cesaréia, levando consigo um certo Mnasom, natural de Chipre, discípulo antigo, com quem havíamos de hospedar-nos". Se alguém objetar que este alojamento deve ter ocorrido em Jerusalém, uma vez que a afirmativa havia sido feita — **subimos a Jerusalém** (15) — deve-se observar que **subimos** está no tempo imperfeito e assim precisa ser traduzido como "estávamos subindo". Isto se encaixa perfeitamente

com a idéia de parar no meio do caminho para pernoitar com Mnasom, que tinha uma casa em uma aldeia na estrada que conduzia a Jerusalém. Isto também está de acordo com a frase de abertura do versículo 17, **logo que chegamos a Jerusalém** (particípio aoristo que indica a chegada final).

Paulo deve ter tido inúmeros amigos em Jerusalém, com quem poderia ter se hospedado. Ele também não precisaria que os discípulos de Cesaréia o guiassem na cidade de Jerusalém, que lhe era tão familiar. "A companhia, por outro lado, era muito natural, se Mnasom vivesse em uma aldeia conhecida por esses discípulos, mas não conhecida por Paulo".[330]

Devemos observar que **discípulo antigo** é traduzido corretamente nas versões recentes. O adjetivo grego é *archaios,* de onde deriva a palavra "arcaico". Ele significa "original, antigo". Rackham opina que ele implica que Mnasom provavelmente foi um dos 120 presentes no Pentecostes[331] (cf. Phillips — "um dos primeiros discípulos").

I. Jerusalém, 21.17—23.35

1. *Paulo Enfrenta Dificuldades* (21.17-40)

O apóstolo tinha sido avisado, em seu caminho para Jerusalém, que a prisão e que alguns problemas esperavam por ele ali (cf. 20.22-24; 21.4,11-12). Assim, não surpreende descobrir que os problemas apareceram logo depois da sua chegada.

a. Paulo Faz um Voto (21.17-26). Paulo e o seu grupo foram bem recebidos pelos **irmãos** (17) em Jerusalém. **Nos receberam de muito boa vontade** é uma ênfase dupla em grego. O verbo é um verbo composto, que significa "aceitar com alegria, dar as boas-vindas, receber".[332] A isto se adicionou o advérbio **de muito boa vontade.**

No dia seguinte, **Paulo entrou... em casa de Tiago** (18). Este era Tiago, o irmão de Jesus, que aparentemente era o bispo ou o principal pastor da igreja de Jerusalém (12.17), e o moderador do Concilio de Jerusalém (15.13-20). **Entrou** é um verbo que raramente aparece no

Novo Testamento. Rackham observa: "A forma incomum deste verbo no texto grego destaca a solenidade da ocasião".[333] A mesma forma é encontrada no versículo 26.

Lucas acrescenta: **e todos os anciãos vieram ali.** Provavelmente estavam ali para receber as ofertas que Paulo e os seus companheiros tinham trazido das igrejas gentílicas da Acaia, da Macedônia, da Ásia e da Galácia para os crentes pobres de Jerusalém (20.4; 1 Co 16.1-4; 2 Co 8.1-22; 9.1-5).

O apóstolo trouxera consigo representantes das igrejas que tinham dado estas ofertas (cf. 1 Co 16.3). Há duas razões para isto. A primeira é que Paulo queria proteger-se contra qualquer acusação de apropriação indevida de fundos. A sua atitude está refletida no que ele escreveu à igreja de Corinto: "Evitando isto: que alguém nos vitupere por essa abundância, que por nós é ministrada; pois zelamos o que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens" (2 Co 8.20-21). Os representantes de todas as igrejas poderíam voltar as suas casas, contando que as ofertas dadas pelas suas igrejas foram verdadeiramente entregues à igreja de Jerusalém. Ter cuidado nunca é demais quando se lida com os fundos da igreja. Não deve haver oportunidade para críticas ou suspeitas.

A segunda razão foi que Paulo queria que os anciãos de Jerusalém vissem e conhecessem estes representantes das suas igrejas missionárias. O apóstolo tinha um objetivo duplo para angariar a generosa oferta para os santos de Jerusalém. Não foi apenas o motivo altruísta de satisfazer as necessidades econômicas dos cristãos atingidos pela pobreza na igreja mãe. O principal na mente de Paulo era o desejo de unir as igrejas judaica e gentílica em uma unidade e uma comunhão mais íntimas. Ele esperava que a oferta de amor dos gentios ajudasse os cristãos judeus a sentir maior bondade em relação a eles. Paulo também desejava que os líderes de Jerusalém sentissem o espírito dos seus convertidos das províncias. Um contato pessoal era essencial para poder realizar isto.

Evidentemente, Lucas era um destes representantes. E pelo menos possível, se não provável, que ele seja aquele a quem Paulo se refere

como "aquele irmão cujo louvor no evangelho está espalhado em todas as igrejas" (2 Co 8.18). Sem dúvida, a própria igreja de Lucas em Filipos estivera entre as mais generosas na doação para estes necessitados (cf. Fp 4.14-16). Um sentido de modéstia deve ter levado Lucas a omitir aqui qualquer referência à apresentação da oferta.[334]

Tendo **saudado** os anciãos (19), Paulo **contou-lhes minuciosamente** — "lhes fez um relato minucioso" (Phillips) — daquilo que **Deus fizera entre os gentios** através do seu ministério. Quando ouviram o relato, os anciãos **glorificaram ao Senhor** (20) — o melhor texto grego diz "glorificaram a Deus". Lake e Cadbury comentam: "A implicação é que eles não estavam simplesmente agradecidos, mas aliviados. Os fatos devem ir além daquilo que foi relatado".[336]

Então os anciãos fizeram uma proposta a Paulo. Não se pode escapar ao sentimento de que estes cristãos judeus legalistas de Jerusalém eram pateticamente limitados em sua atitude. Eles queriam que Paulo, o apóstolo dos gentios, provasse que ainda era um bom judeu! Ele tinha se alegrado durante anos na gloriosa liberdade da salvação pela fé em Jesus Cristo, e havia pregado isto aos gentios. Agora eles queriam que ele se pusesse de acordo com um item da Lei de Moisés, para aplacar os "judaizantes" da igreja. Podemos admirar a sua motivação de querer evitar qualquer risco de ruptura entre os cristãos judeus e gentios, sem apoiar o método que eles queriam utilizar.

Os anciãos começaram chamando a atenção para **quantos milhares** — a palavra grega é *myriades* "miríades" (lit., "dezenas de milhares") — **de judeus há que crêem, e todos são zelosos da lei.** Na última frase estava o problema. A maioria dos judeus convertidos ao cristianismo ainda observava a Lei de Moisés. Nas suas mentes, isto não entrava em conflito com a fé em Cristo para a salvação. Para eles, a lei não era um meio de salvação, mas um modo de vida divinamente ordenado para o povo de Deus.

Estes convertidos judeus tinham sido **informados** (21). O verbo grego é *katecheo,* de onde vem a palavra "catequizar", e que significa instrução oral. Alexander afirma que a palavra "aqui é descritiva, não

uma mera informação ou um rumor, mas uma cuidadosa insistência por parte dos oponentes de Paulo. Os fanáticos cristãos de Jerusalém... não tinham sido simplesmente *informados* mas *ensinados* pelos seus caluniadores aquilo que vem a seguir".[336] Lumby concorda com esta interpretação, e acrescenta: "Conse-qüentemente, podemos entender a grande hostilidade que o apóstolo sentiu, e a sua linguagem forte a respeito destes judaizantes. Os partidários destes homens devem ter trabalhado na preparação para a visita de Paulo, e devem ter envenenado as mentes dos homens contra ele".[337]

A acusação levantada contra Paulo era falsa. Os judeus alegavam que ele estava ensinando **todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés** — lit., ensinando-lhes "uma apostasia em relação a Moisés". A palavra grega *apostasia é* usada em 1 Macabeus 2.15 a respeito daqueles que estavam sendo obrigados a ignorar a lei e oferecer sacrifícios a ídolos. Isto forma um interessante paralelo com o seu uso nesta passagem.

Eles também disseram que Paulo estava ensinando os judeus que eles **não** deveríam **circuncidar os filhos, nem andar segundo o costume da lei.** Não existe evidência no livro de Atos nem nas epístolas de Paulo de que o apóstolo ensinasse quaisquer destas coisas aos judeus. Está claro que ele realmente dizia aos cristãos gentios que eles estavam livres da lei. E ele realmente escreveu aos seus "irmãos": "Vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos" (Rm 7.4). Mas em nenhum lugar está indicado que ele tivesse dito aos judeus que deixassem de observar a lei.

Que faremos, pois? (22) Esta tradução literal significa "Como fica este assunto?" ou "Então o que deve ser feito?" **(NASB). A** frase **é necessário que a multidão se ajunte** talvez não seja uma parte do texto original (cf. **ASV).** De qualquer forma, os cristãos judeus ficariam sabendo que Paulo tinha chegado.

Então os anciãos elaboraram um plano. Eles tinham quatro homens **que fizeram voto** (23). Esta é a mesma palavra (*euche*) que aparece em 18.18, embora seja traduzida como "oração" em Tiago 5.15 (a única

outra passagem do NT onde aparece). Os votos temporários dos nazireus normalmente duravam trinta dias. Foi sugerido que Paulo deveria se santificar — lit., "ser purificado" — com esses quatro homens, e fazer **por eles os gastos** (24) — "lit., *gastar* (*dinheiro*) *com eles,* ou seja, pagar as despesas das suas ofertas e outras formas cerimoniais até a conclusão dos seus votos"[338] — **para que rapem a cabeça.** Lumby comenta: "O raspar da cabeça tinha lugar na conclusão dos votos. Quando as vítimas eram oferecidas, o cabelo era queimado no fogo que estava debaixo do sacrifício da oferta pacífica".[339]

O resultado seria que todos saberíam da falsidade das coisas que eles tinham estado falando a respeito de Paulo — e **que também tu mesmo andas** — um termo militar, que significa "andar em uma fila" ou "manter o ritmo" — **guardando a lei.** A questão que surgiu algumas vezes foi se Paulo podia honestamente submeter-se a esta idéia de que ele observava a lei mosaica. De uma coisa temos certeza: o apóstolo agiu conscientemente, de acordo com o que ele julgava ser o melhor para a causa de Cristo. Uma vez mais, ele seguiu a sua política de ser todas as coisas para todos os homens (ver os comentários sobre 18.18).

Os anciãos concordaram (25) que o problema da prática cristã gentílica já tinha sido resolvido no Concilio de Jerusalém (cap. 15). Somente quatro restrições tinham sido colocadas para os cristãos gentios convertidos, as mesmas especificadas em 15.29, na carta que eles tinham **escrito** — lit., "enviado".

Assim, Paulo, tomando consigo aqueles quatro varões que estavam fazendo votos, e tendo já sido santificado com eles, **entrou,** no dia seguinte (26) — ver comentários sobre "entrou" **(18) — no templo, anunciando serem já cumpridos** — lit., "anunciando a conclusão" — **os dias da purificação; e ficou ali até se oferecer em favor de cada um deles a oferta.** Hackett opina que Paulo permaneceu no Templo até que as ofertas de cada um tivessem sido feitas.[340] Rackham sugere que ele foi ao Templo em quatro dias diferentes, um dia para cada um dos homens.[341] A oferta para a conclusão dos votos

dos nazireus eram um cordeiro, uma cordeira e um carneiro, com as ofertas de alimentos e bebidas apropriadas (Nm 6.13-15). O custo total para estes quatro homens representaria uma soma considerável.

b. Paulo É Preso em meio a um Tumulto (21.27-36). **Quando os sete dias** (27) — de purificação (cf. 26) — **estavam quase a terminar, os judeus da Ásia —** *i.e.,* das redondezas de Éfeso, e desta maneira aptos a reconhecer "Trófimo, de Efeso" (29) — **vendo-o no templo, alvoroçaram** — "provocaram uma confusão" (cf. 19.32) — **todo o povo e lançaram mão dele.** Esta foi uma ação violenta da multidão.

Aqueles que atacaram, gritaram: **Varões israelitas, acudi!** (28). Eles agiam como defensores do caráter sagrado do Templo. Gritavam alto que Paulo era aquele que... **por todas as partes ensina a todos, contra o povo** [os judeus], **e contra a lei, e contra este lugar; e, demais disto, introduziu também no templo os gregos e profanou este santo lugar.**

E claro que isto não era verdade. A base da sua acusação era uma peça de raciocínio ilógico. Eles viram Paulo no Templo. Eles já o tinham visto previamente em uma rua da cidade em companhia de **Trófimo, de Efeso** (29). Eles juntaram estas duas premissas e chegaram à enganosa dedução de que ele deve ter levado este gentio consigo ao Templo. Este é um bom exemplo de como se iniciam alguns falsos rumores.

E alvoroçou-se — "agitou-se" — **toda a cidade** (30) — **e houve grande concurso de povo** —Arndt e Gingrich dizem que o texto grego sugere a formação de um tumulto[342] — **e, pegando Paulo, o arrastaram** (lit., imperfeito) — **para fora do templo,** açoitando-o enquanto o arrastavam (cf. 32) **e logo as portas se fecharam.** Presumimos que isto foi feito pelos sacerdotes e levitas, a fim de evitar a profanação do recinto sagrado pela ação da multidão.

E, procurando (31) — lit., "enquanto procuravam" — **matá-lo, chegou** (lit., "foi até") **o aviso** — a palavra significa *"informação,* especialmente sobre fraudes ou outros crimes"[343] — **ao tribuno** —

chiliarchos, "o *comandante de mil homens,* especificamente um *tribuno militar* romano"[344] — **da coorte** (o encarregado da supervisão do Templo) — **de que Jerusalém estava toda em confusão.** Lake e Cadbury escrevem que "a guarnição em Jerusalém consistia em uma coorte de auxiliares que abrangia — pelo menos oficialmente — 760 homens de infantaria com um destacamento de 240 cavaleiros".[345] Eles acrescentam: "A sede da guarnição era em Antônia, que se comunicava com o Templo por dois lances de escada, e das suas torres de vigia o Templo era supervisionado"[346] (ver o mapa 2).

O tribuno, **tomando logo consigo soldados e centuriões, correu para eles**

(32). Como o texto menciona **centuriões** (o termo centurião refere-se a um oficial encarregado de cem homens), a implicação era de que pelo menos duzentos soldados desceram correndo até o Templo para abafar o tumulto. A Festa de Pentecostes, motivo pelo qual Paulo se apressou a ir a Jerusalém **(20.16),** era a época do ano em que havia em Jerusalém mais judeus de fora da Palestina. Isto acontecia porque a outra festa principal, a Páscoa, acontecia muito cedo para uma navegação confortável no Mediterrâneo. Assim, Pentecostes era a festa favorita dos judeus que viviam fora da Palestina. Havia um grande contingente de homens da província da Ásia, e estes lideraram o ataque a Paulo. Mas quando viram o tribuno e os seus soldados, pararam de agredir o apóstolo.

Uma vez que Paulo estava claramente no centro do tumulto, o tribuno prendeu-o e ordenou que ele fosse ligado com duas cadeias (ou correntes; 33). O tribuno evidentemente pensou que Paulo fosse um criminoso perigoso.

Quando o tribuno perguntou quem poderia ser Paulo e o que ele tinha feito, o povo gritou em meio a tamanho tumulto que ele teve de ordenar que o prisioneiro fosse levado à **fortaleza** (34) — ou ao "quartel" (NASB). Quando chegaram às escadas que levavam ao quartel, os soldados tiveram que carregar Paulo por causa da

violência da multidão (35). O povo o seguia, clamando: **mata-o** (36). Eles estavam determinados a matá-lo.

c. *Paulo Faz um Pedido* (21.37-40). Quando Paulo estava prestes a entrar na fortaleza, disse ao tribuno: **É-me permitido dizer-te alguma coisa? (37)** Evidentemente, ele falou com o tribuno em grego, porque este respondeu com surpresa: **Sabes o grego?** O tribuno pensou que ele fosse **aquele egípcio** (38) que antes destes dias havia feito uma **sedição** (uma revolta) e levado **ao deserto quatro mil salteadores.** Josefo fala desta mesma revolta, mas diz que eram trinta mil.[347] Knowling sugere que poderiam ter sido quatro mil homens armados, mas trinta mil no total.[348] A palavra **salteadores** aqui significa assassinos *(sicarii).* Eles levavam pequenas adagas escondidas e matavam as pessoas em plena luz do dia.

Paulo assegurou ao tribuno que ele não era aquela pessoa. Sem hesitar, ele proclamou a sua origem: **eu sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia** (39). Ele tinha razão em orgulhar-se da sua cidade natal, um dos três centros intelectuais daquela época (depois de Atenas e Alexandria). Paulo pediu permissão para dirigir-se à multidão. Quando o tribuno lhe deu a permissão — **Paulo, pondo-se em pé nas escadas, fez sinal com a mão ao povo** (39, 40). Surpreendentemente, o povo que gritava fez um grande silêncio. Então ele falou-lhes em **língua hebraica** (*dialektos*, "dialeto"). **Hebraica** provavelmente quer dizer aramaica, a língua normalmente falada na Palestina na época de Cristo.

2. *O Discurso de Paulo aos Judeus* (22.1-29)

A conversão de Saulo está registrada em 9.1-18. Aqui Paulo conta esta história (cf. capítulo 26). Aqui existem algumas pequenas diferenças de vocabulário.

a. Seu Nascimento e sua Juventude (22.1-5). **Varões irmãos e pais** significa, simplesmente, "Irmãos e pais" (Moffatt). Foi exatamente assim que Estêvão começou a sua defesa (7.2). **Pais** (cf. 3) seria a referência aos anciãos e professores judeus. Paulo pede: **ouvi agora a**

minha defesa perante vós. A palavra **defesa** é *apologia*. A palavra apologia originalmente significava defesa, e este sentido ainda aparece no termo teológico "apologético". Mas já nos textos de Shakespeare (contemporâneo da versão KJV), apologia tinha assumido o seu sentido atual de "uma explicação oferecida a uma pessoa afetada pelas ações de alguém que não pretendia nenhuma ofensa, acompanhada com a expressão de lamento por qualquer ofensa que possa ter sido feita".[349]

Quando os judeus ouviram Paulo lhes falando na sua própria **língua** ("dialeto") **hebraica** (2) — provavelmente aramaica — ouviram em silêncio. A implicação clara é de que eles esperavam que ele lhes falasse em grego. Provavelmente, a maior parte da multidão não conhecia a sua identidade (cf. 19.32). Sobre o conhecimento geral do apóstolo, Blaiklock faz esta apropriada observação: "Nada indica mais claramente a refinada educação de Paulo e a sua notável habilidade de pensamento do que a sua capacidade de estabelecer um contato imediato e eficiente com qualquer público, e de apresentar a sua mensagem, sem perda de conteúdo, em termos do pensamento e da experiência desse público".[350]

Paulo iniciou a sua defesa identificando-se como um **judeu** (3). A seguir, ele informou o lugar de seu nascimento — **Tarso da Cilícia** — do qual ele tinha, com justiça, muito orgulho (cf. 21.39). Em terceiro lugar, ele foi **criado** — "educado" — **nesta cidade** (Jerusalém) **aos pés de Gamaliel.** Schuerer observa: "Os alunos se sentavam no chão enquanto o professor, que ficava sentado em um lugar elevado, ensinava".[351]

Gamaliel só aparece novamente no Novo Testamento em 5.34, onde é mencionado como uma pessoa moderada e justa. Bruce comenta: "A sua atitude tolerante ali contrasta com o zelo demonstrado pelo seu aluno na perseguição dos cristãos; é completamente incomum que o aluno seja mais extremo ou radical do que o seu mestre".[362]

Aos pés de Gamaliel o jovem Saulo foi **instruído** — lit., "treinado" — **conforme a verdade** — lit., "exatidão" ou "rigidez" — **da lei de**

nossos pais. Os fariseus eram conhecidos por serem extremamente rígidos na sua interpretação e aplicação da lei, ao passo que os saduceus eram considerados negligentes.

Este versículo enfatiza a significativa formação de Paulo. Na sua cidade natal, Tarso, ele tinha sido exposto à cultura, à língua e à educação grega. Em Jerusalém, ele recebeu um treinamento completo sobre as Escrituras do Antigo Testamento, particularmente a Torá (o Pentateuco). Esta combinação o capacitou principalmente a entrar em cidades gregas como Atenas e Corinto com um duplo ministério: primeiramente aos judeus na sinagoga, e a seguir aos gentios, no mercado (Atenas), em uma casa (Corinto) ou em uma sala (Éfeso). Em todas as partes aonde ia, o apóstolo estava bem preparado para entrar em qualquer situação com o Evangelho de Jesus Cristo.

Com tato, Paulo disse aos seus ouvintes que ele tinha sido **zeloso para com Deus**

— lit., "zeloso por Deus" — **como todos vós hoje sois.** Tão fanático tinha sido ele, que tinha **perseguido este Caminho até à morte, prendendo** — "acorrentando" — **e metendo em prisões, tanto homens como mulheres** (4). O orador podia compreender e avaliar a atitude dos seus ouvintes, porque já tinha estado na mesma posição.

A perseguição de Saulo aos cristãos podia ser confirmada pelo **sumo sacerdote** (5)

— Ananias (cf. 23.2), que sem dúvida era um membro do Sinédrio naquela época — e também por **todo o conselho dos anciãos** — lit., os*presbyterion,* que significa o Sinédrio (cf. Lc 22.66). Deste grupo, Saulo tinha **recebido cartas para os irmãos** [os judeus] e **foi a Damasco, para trazer manietados para Jerusalém aqueles que ali estivessem** [os cristãos], **a fim de que fossem castigados.**

b. O seu Nascimento do Alto (22.6-11). **Quase ao meio-dia,** Saulo estava próximo a Damasco, quando **de repente** o **rodeou uma grande luz do céu** (6). Esta significativa introdução a sua conversão está narrada nos três relatos (cf. 9.3; 26.13). Paulo contou a Agripa

que esta luz era mais forte que o sol do meio-dia (26.13). O choque da luz que cegava atirou Saulo ao chão. Enquanto estava ali, atordoado e silencioso, ele ouviu uma voz que perguntava: **Saulo, Saulo, por que me persegues?** (7) Foi sugerido que a doutrina de Paulo da Igreja como o corpo de Cristo (Ef 1.23) pode ter se originado desta experiência. Ao perseguir o corpo, Saulo estava ferindo a Cabeça — **Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues** (8).

Como prova de que a visão não era uma alucinação pessoal, Paulo declarou: **E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz** (9). Isto não é especificamente mencionado nos demais relatos. Para uma solução da aparente contradição entre a última metade deste versículo e 9.7, ver os comentários sobre 9.7-8 e 26.14.

A primeira pergunta de Paulo foi: **Quem és, Senhor?** (8). A segunda foi: **Senhor, que farei?** (10). A primeira resposta foi: **Eu sou Jesus;** a segunda: **Levanta-te e vai.** A primeira enfatiza a aceitação de Cristo; a segunda, a consagração ao seu serviço. Juntas, elas formam um excelente esquema para um sermão: 1. Precisamos saber quem é Jesus: o Filho de Deus e o Salvador; 2. Também precisamos obedecer a Ele como Senhor e Mestre.

Ainda cego por causa do **esplendor daquela luz** (o brilho atordoante que vinha do alto), Saulo foi **levado pela mão... a Damasco** (11). Ele tinha planejado chegar como um vencedor dos cristãos. Ao invés disso, chegou como um servo de Cristo.

c. O *seu Batismo por Ananias* (22.12-16). Esta pessoa é descrita como um **varão piedoso conforme a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que ali moravam** (12). O consenso dos comentaristas é que este Ananias era um judeu. O fato de ele guardar cuidadosamente a lei está indicado pela sua elevada reputação entre os judeus de Damasco. Parece claro que os judeus convertidos ao cristianismo ainda adoravam na sinagoga e observavam as exigências da lei mosaica. O que Paulo queria deixar claro para os seus ouvintes, enquanto falava das escadas da Fortaleza de Antônia, era que um judeu bom e respeitador da lei tinha confirmado a sua conversão a Cristo.

Ananias veio até o homem cego que orava (cf. 9.11) e saudou-o como **Saulo, irmão**

(13). Estas palavras devem ter trazido um imenso conforto para o coração daquele que estava na transição do judaísmo para o cristianismo. Aqui estava um homem que ele tinha vindo para perseguir, chamando-o de **irmão.**

Recobra a vista e **vi** são o mesmo verbo, *anablepo. Blepo* significa "ver" e *a na* tem o significado tanto de "novamente" como de "aqui". A tentativa das versões RSV e NEB de traduzir o verbo da mesma maneira nos dois lugares exige que se acrescente "e vi", e é provavelmente menos satisfatória do que o uso, na versão KJV, de duas expressões diferentes.

Ananias informou Saulo de que Deus escolhera esse antigo perseguidor para que **conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo, e ouças a voz da sua boca** (14) — três infinitivos aoristos no texto grego, referindo-se ao que havia acontecido a caminho de Damasco. O objetivo disto era que o fariseu convertido pudesse **ser sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido** (15). Foi recomendado a Saulo: **Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados** (16). Os dois verbos estão no aoristo médio. Este uso em particular é explicado por Blass-Debrunner como "o médio no sentido de 'permitir que alguém seja...'".[353] O sentido está corretamente indicado na tradução familiar da versão KJV.

Os judeus exigiam que todos os gentios prosélitos ao judaísmo fossem batizados, porque eles eram considerados impuros. Era uma experiência muito humilhante para Saulo, que tinha respeitado rigidamente a lei, admitir a sua impureza diante de Deus, submetendo-se ao batismo cristão.

Este versículo não ensina a regeneração pelo batismo, como alguns afirmaram. Alexander comenta: "O seu corpo seria batizado pelos homens, porém os seus pecados seriam retirados por Deus".[354] E continua: "A identidade, ou até mesmo a união inseparável, destes dois efeitos, está longe de ser afirmada aqui, porque eles são

separados, como coisas conectadas pela relação natural de tipo e anti-tipo, mas perfeitamente distinguíveis, e facilmente separáveis pela experiência".[366]

Invocando o nome do Senhor é, no melhor texto grego, "invocando o seu nome", que provavelmente significa o nome de Jesus.

d. A sua Missão para com os Gentios (22.17-21). O objetivo de todo o seu discurso era "provar que a atividade de Paulo tinha sido divinamente ordenada, e que assim implicava que aqueles que se opusessem a Paulo estariam, na realidade, colocando-se em oposição a Deus".[356] Erdman encontra três passos neste argumento: "1. Por nascimento, educação e experiências anteriores, Paulo estava de perfeito acordo com os seus ouvintes... 2. O poder divino que repentinamente transformou Paulo de um perseguidor em um apóstolo tinha se manifestado por uma visão de Jesus... e, além disso, por um milagre operado nele através de um judeu devoto chamado Ananias... 3. Paulo afirma que a sua relação com os gentios, o seu trabalho com eles, e a sua mensagem a eles, se devem completamente a um propósito divino".[367]

De acordo com isto, ele chamou a atenção para o fato de que, **tornando para Jerusalém, quando** orava no **templo** — isto aconteceu na Terra Santa, na Cidade Santa, e no Templo Sagrado, onde ele estava piedosamente adorando a Deus — **fui arrebatado para fora de mim** (17) — em um transe. A palavra grega é *ekstasis,* de onde se originou "êxtase". Somente no livro de Atos ela tem este significado (cf. 10.10; 11.5, ambas as passagens relacionadas com a visão de Pedro no terraço em Jope). Arndt e Gingrich dizem que ela significa *"transe, êxtase,* um estado produzido por Deus, no qual a consciência é suspensa de forma completa ou parcial".[368]

Neste transe Paulo viu **aquele (18)** — muito obviamente Cristo. Por que isto não está claramente afirmado? Alexander sugere o seguinte: "O nome de Jesus pode ser suprimido porque Paulo não desejava ofender os seus ouvintes com uma repetição desnecessária ou uma

intromissão daquilo em que ele acreditava e eles não, e porque ele estava ainda menos disposto a expor aquele Nome à irreverência e até mesmo à blasfêmia daqueles homens, casos se sentissem ofendidos".[369]

O Mestre disse ao seu servo: **Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém.** Paulo objetou. Ele recordou ao Senhor que ele **lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam** nele (19). Isto mostra a extensão da sua assolação contra a igreja em Jerusalém naqueles primeiros dias (cf. 8.3). Ele também tinha consentido na morte de Estêvão (20) e **guardava as vestes dos que o matavam** (cf. 7.58). A palavra **testemunha** é a tradução literal de "Mártir".

Mas o Senhor respondeu ao seu servo: **Vai, porque hei de enviar-te aos gentios**

de longe (21) — literalmente: "Vá, porque eu mesmo vou enviá-lo em uma missão aos gentios de longe". Lenski comenta: *"Ego* é um termo enfático, que está carregado de autoridade: *Eu* estou fazendo isto, não importa o que você pense".[360] Não era a vontade divina que Paulo fosse morto pelos judeus irritados antes de começar a sua missão para com os gentios.

Como esta visão de Saulo no Templo (17-21) não está registrada em nenhuma outra parte, houve alguma discordância quanto ao fato de que ela realmente tivesse acontecido. Mas parece muito natural supor que ela ocorreu na primeira visita da Saulo a Jerusalém, depois da sua conversão (9.26; G11.18). Esta é a opinião de Lenski[861] e de inúmeros outros comentaristas, inclusive Lake e Cadbury.

O discurso de Paulo aos judeus (3-21) sugere o tema "Antes e depois". *Antes* da sua conversão, Paulo era: 1. um judeu zeloso (3); 2. um perseguidor cruel (4-5); 3. um pecador condenado (6-11). *Depois* da sua conversão, ele foi: 1. uma testemunha comissionada (1415); 2. um pregador destemido (17-20); 3. um missionário designado (21).

e. *O seu Apelo* à *Cidadania* (22.22-29). "A sugestão da pregação aos

gentios foi a gota d'água para a multidão".[362] O relato diz **ouviram-no** — lit., "estavam ouvindo" — **até esta palavra** (22). Então começaram a gritar: **Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva!** A expressão **não convém** está no imperfeito. Robertson escreve: "Os verbos de propriedade, possibilidade, obrigação ou necessidade também são usados no imperfeito quando a obrigação, etc., não foi atingida, não foi cumprida".[363]
Lenski parafraseia assim esta passagem: "Ele não deveria ter tido permissão de viver até agora, deveria ter sido removido da terra há muito tempo".[364]

A multidão agora estava quase em um frenesi. As pessoas estavam **arrojando de si as vestes** — talvez agitando-as por cima das suas cabeças — **e lançando pó para o ar** (23). Então o **tribuno** (*chiliarch,* ou quiliarco) ordenou que Paulo fosse levado até a fortaleza e que o **examinassem[365] com açoites** (24). C. S. C. Williams comenta: "Era costume dos romanos usar o açoitamento bárbaro contra os escravos e estrangeiros para que confessassem a verdade".[366]

Quando o estavam atando com correias (25) é assim interpretado por Thayer: "Quando eles o estavam esticando com as correias, *i.e.,* para receber os golpes das correias (atando-o a uma viga ou a um pilar; porque parece, no capítulo 29, que Paulo já tinha sido atado)".[367] O corpo da vítima era esticado firmemente sobre um pilar baixo, com as suas mãos e os seus pés presos a anéis no chão, enquanto as suas costas eram despidas para receber os açoites. O significado literal do verbo **atar** é "esticar", o que sugere que este é o seu significado aqui. Muitos prisioneiros morriam como resultado do açoitamento romano.

Enquanto isto estava acontecendo, Paulo disse ao centurião que ali estava: **É-vos lícito açoitar um romano** — *i.e.*, um cidadão romano — **sem ser condenado?** Quanto a este privilégio de imunidade da cidadania romana, ver os comentários sobre 16.38.

Assim que ouviu esta pergunta, o centurião apressou-se a ir até o

tribuno para informá-lo que Paulo era um cidadão romano (26). O tribuno veio e pediu ao prisioneiro "uma declaração solene"[368] de que ele era verdadeiramente um cidadão romano. Quando Paulo afirmou que ele o era, o tribuno se tornou aparentemente amigável[369] e observou: **Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão** (28). Paulo respondeu: **Mas eu sou-o** [cidadão] **de nascimento.** Lenski observa: "Durante o império, a cidadania romana era vendida para inflar o Tesouro; Dio Cassius (LX, 17) narra que assim a esposa de Cláudio acumulava dinheiro".[370] É provável que o nome do tribuno fosse Lísias e que ele tivesse adotado o nome adicional de Cláudio (cf. 23.26) quando comprou a sua cidadania (talvez da mulher do imperador Cláudio). O fato de Paulo ser nascido cidadão romano significava que o seu pai ou o seu avô tinham comprado a cidadania, ou talvez que ela tenha sido concedida a algum deles por algum serviço especial ao estado.[371] Ramsay escreve: "Fica claro, do relato anterior, que Pompeu, Júlio César, Antônio e Augusto provavelmente tinham concedido a cidadania romana a um determinado número de importantes homens de Tarso".[372] Isto sugere a possibilidade do pai e/ou do avô de Paulo terem sido cidadãos proeminentes em Tarso.

Pode surgir a pergunta sobre como Paulo poderia ter provado que era um cidadão romano. Aparentemente, não existe evidência de que os cidadãos carregassem algum documento especial para provar isto. Mas Paulo tinha parentes em Jerusalém (cf. 23.16) que poderíam ter comprovado a sua afirmação. Uma vez que uma reivindicação falsa de cidadania romana era punível com a morte,[373] um impostor pensaria melhor antes de dizer que era um cidadão.

Os soldados que estavam prestes a interrogar Paulo sob tortura, imediatamente **se apartaram** dele (29). Também o tribuno temeu pelo seu futuro político, **visto que o tinha ligado.**

3. *Paulo Perante o Sinédrio* (22.30—23.10)

Anteriormente, Paulo tinha levado muitos cristãos perante o Sinédrio, para que fossem julgados pela sua fé em Cristo. Agora era a sua vez

de passar por esta experiência.

a. A Convocação do Sinédrio (22.30). No dia seguinte à prisão de Paulo — e depois de uma noite em segurança na fortaleza romana — o tribuno mandou vir **os principais dos sacerdotes e todo o seu conselho** (o Sinédrio) para uma reunião. Então ele apresentou Paulo diante do grupo. O seu objetivo era descobrir qual era o crime do prisioneiro.

b. Paulo Versus o Sumo Sacerdote (23.1-5). Como um prisioneiro do governo romano, **pondo Paulo os olhos** — o verbo (cf. 3.4, 12; 6.15; 10.4; 13.9; 14.9) significa "olhando intensamente para" — **no conselho** (1), *i.e.,* o Sinédrio, dirigiu-se aos seus membros dizendo: **Varões irmãos** — companheiros judeus, embora não companheiros cristãos. A seguir ele pronunciou a afirmação um pouco espantosa: **até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência.**

O verbo **andado** é *politeuomai,* que significa literalmente "ser um cidadão, viver como um cidadão".[374] Finalmente, a palavra veio a ter o sentido mais geral de "viver, comportar-se, levar a vida".[375]

A declaração da Paulo parece querer dizer que ele sempre tinha sido sincero e consciente, mesmo durante a sua violenta perseguição aos cristãos. Nós temos a afirmação do próprio apóstolo de que ele o fez "ignorantemente, na incredulidade" (1 Tm 1.13). É difícil percebermos quanto o jovem fariseu sentia que era a vontade de Deus que ele extirpasse aquilo que a seu ver era uma perigosa heresia.

No entanto, convém observar que Lenski objeta esta interpretação. Ele afirma que a frase de Paulo está relacionada somente com as acusações feitas contra ele (cf. 21.28). "Ao apelar para a sua consciência a respeito dessas acusações, e nomeando Deus como seu árbitro, Paulo fez o que Lutero fez em Worms".[376]

Alexander julga que a ênfase do verbo é sobre a *cidadania teocrática,* e que **diante de Deus** deve ser traduzida como "para Deus" — "Tenho vivido como um cidadão para Deus". Ele prossegue dizendo:

"Se interpretada assim, a frase "diante de nós" não é uma vaga confissão de ter agido conscientemente, antes ou depois da sua conversão, mas uma afirmação corajosa e definitiva de ter agido teocraticamente, ou seja, como um fiel membro de igreja judaica, da qual eles o consideravam um apóstata".[377] Seguindo a mesma linha de raciocínio, Hervey diz que a frase grega significa "viver em obediência a Deus", e continua dizendo: "Paulo corajosamente afirma a sua submissão constante para com a lei de Deus, como um judeu bom e coerente (Fp 3.6)".[378]

A reação à afirmação de Paulo diante do Sinédrio foi repentina e forte. **O sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam junto dele que o ferissem na boca** (2). Registros seculares mostram que este Ananias era cruel e sanguinário, completamente indigno do seu cargo. Lenski opina que o sumo sacerdote se ressentiu da atitude calma e confiante de Paulo perante o Sinédrio. "Este sujeito, Paulo, deveria ter tremido e lisonjeado, mas, ao invés disso, ousou falar da sua boa consciência e da sua conduta irrepreensível na presença de sua majestade, o sumo sacerdote".[379]

A reação de Paulo foi enérgica: **Deus te ferirá, parede branqueada** — "desbotada" (3). O apóstolo sempre tinha sido criticado por "perder a calma". Mas Lake e Cadbury comentam: "Esta forma de 'maldição preditiva' era considerada correta pelos rabinos com base em Deuteronômio 28.20ss.".[38°] E surpreendente saber que Ananias foi assassinado dez anos mais tarde, em setembro de 66 d.C.

Os ouvintes ficaram horrorizados e disseram: **Injurias o sumo sacerdote de Deus?** (4) O fato de que o sumo sacerdote era considerado o representante especial de Deus (cf. Dt 17.8-13) é precisamente o que torna tão diabólico o ato de Ananias, convocando a predição do julgamento divino. A atitude do povo judeu com relação ao cargo do sumo sacerdote é bem expressa por Josefo, quando ele escreve: "Aquele que não se submeter a ele estará sujeito ao mesmo castigo como se tivesse sido culpado de falta de religiosidade com relação ao próprio Deus".[381]

Em um tom mais conciliatório, Paulo respondeu: **Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote** (5). Lumby resume muito bem os diversos pontos de vista que foram expressos a respeito desta surpreendente afirmação do apóstolo, dizendo: "Alguns pensam que pode ter sido verdade que Paulo, com a visão deficiente de que ele supostamente sofria, não pudesse distinguir que quem falava com ele era o sumo sacerdote; outros opinam que o sumo sacerdote não estava no seu lugar oficial de presidente da corte; ou que devido à ocasião conturbada e à recente chegada de Paulo a Jerusalém ele não tivesse sabido quem era o sumo sacerdote; ou que ele estivesse falando ironicamente, querendo dizer que os atos deste juiz tinham características tão negativas, que ninguém podería ter suposto que ele fosse o sumo sacerdote; ou que ele quis dizer, com *ouk eidein,* que naquele momento não havia pensado no que estava dizendo".[382] Lumby acrescenta: "Está em perfeito acordo com o caráter de Paulo acreditar que nem a sua própria deficiência física nem a falta das formalidades usuais, ou a falta de uma insígnia, fizeram com que ele fosse incapaz de distinguir que aquele que deu a ordem era realmente o sumo sacerdote".[383] Com esta conclusão concordamos veementemente. Não pode ser inoportuno chamar a atenção, neste ponto, à afirmação de Lenski de que esta não era uma reunião regular do Sinédrio, no seu lugar normal de reuniões, mas que o tribuno tinha convocado os membros para que viessem até a fortaleza de Antônia.[384] Se este foi realmente o caso, é compreensível que o apóstolo não soubesse que era o sumo sacerdote.

Mas quando Paulo percebeu que tinha falado desta maneira com o sumo sacerdote, ele verdadeiramente desculpou-se pelo que tinha feito, ou seja, reconheceu que tinha agido mal, de forma inadvertida. Ele citou Êxodo 22.28 — **Não dirás mal do príncipe do teu povo.** Paulo não tinha infringido este mandamento intencionalmente, e sentia muito por tê-lo feito sem querer.

c. *Os Fariseus Versus os Saduceus* (23.6-10). **E Paulo, sabendo** (6) — lit., "quando Paulo veio a saber" — **que uma parte era de saduceus, e outra, de fariseus, clamou no conselho** *synedrion, o* Sinédrio: **Varões irmãos** quer dizer simplesmente "irmãos", **eu** —

lit., "eu mesmo", **sou fariseu, filho de fariseu** — o melhor texto grego apresenta "de fariseus"! E Paulo continuou, dizendo: **No tocante** à **esperança e ressurreição dos mortos sou julgado!**

Alguns questionaram a ética de Paulo ao fazer deste o verdadeiro assunto em questão. Mas Knowling coloca o assunto na sua devida perspectiva, ao escrever: "É possível que os fariseus tivessem atraído a atenção do apóstolo através do seu protesto contra o comportamento de Ananias e da sua aceitação do pedido de desculpas... mas é igualmente provável que, no relato aparentemente resumido de Lucas, o apelo aos fariseus não tenha sido feito em um impulso repentino... mas tenha sido baseado em alguma manifestação de simpatia pelas suas palavras".[385] Ele também sugere: "Será que não podemos dizer que, para os fariseus, ele se tornou como um fariseu para salvar alguns, para levá-los a ver a coroa e o cumprimento da esperança na qual ele e eles eram um, na Pessoa de Jesus Cristo, a Ressurreição e a Vida?"[386] Barnes descreve o apóstolo dirigindo-se particularmente aos fariseus neste ponto: "Irmãos, a doutrina que distingue vocês dos saduceus está em jogo... desta doutrina eu fui advogado... pelo meu zelo em levantar os argumentos para defendê-la... — a ressurreição do Messias — eu fui preso e agora me coloco sob a sua proteção".[387]

Ele obteve o resultado desejado. Os fariseus imediatamente defenderam o caso de Paulo contra os saduceus. **Houve dissensão** [disputa] **entre os fariseus e saduceus** (7).

A principal diferença na fé entre os dois grupos está claramente afirmada no versículo **8. Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus reconhecem uma e outra coisa.** O uso de **uma e outra coisa (ambas,**

no original) para três coisas tem duas possíveis explicações. **Anjo** e **espírito** podem ser supostos como uma referência à mesma coisa. Ou a palavra grega para **ambas** pode ser usada para mais de duas coisas (cf; 19.16). Arndt e Gingrich observam que a palavra *amphoteroi*

algumas vezes significa “tudo, mesmo quando mais de dois elementos estão envolvidos” e traduz esta frase como “reconhecem todas essas coisas”.[388] Moulton e Milligan fornecem evidências dos papiros para este uso.

A diferença afirmada aqui entre a fé dos fariseus e a dos saduceus é abundantemente confirmada por Josefo, o historiador judeu do século I. A respeito dos fariseus, ele escreve: “Eles também acreditam que as almas têm um vigor imortal em si mesmas, e que sob a terra haverá recompensas e punições, de acordo com a vida que elas tiveram, se virtuosa ou pecadora; e as últimas serão detidas em uma prisão eterna, mas as primeiras terão o poder de reviver e viver novamente”.[389] A respeito do que diz Josefo, Schuerer comenta: “O que está representado aqui em um estilo filosófico como a doutrina dos fariseus é meramente a doutrina judaica da retribuição e da ressurreição, já testemunhada no livro de Daniel (Dn 12.2), por toda a literatura judaica posterior e também pelo Novo Testamento, como uma possessão comum do judaísmo genuíno”.[390] Ao fazer este apelo, Paulo estava conseqüentemente colocando-se na corrente da ortodoxia judaica em vigor, como os fariseus bem sabiam.

Sobre os saduceus, Josefo diz: “Eles também removem a fé na duração imortal da alma e nos castigos e nas recompensas no Hades”.[391] E ainda: “A doutrina dos saduceus é esta: as almas morrem com os corpos”.[392]

Quanto ao assunto de **anjo** e **espírito,** Josefo não é específico. Mas Schuerer observa apropriadamente: “Esta afirmação do livro de Atos, embora não confirmada por outros testemunhos, é completamente digna de confiança, e está em completo acordo com a imagem que obtemos sobre os dois grupos em outras passagens”.[393] E acrescenta: “Não é necessária qualquer evidência de que neste assunto os fariseus também representavam a posição geral do judaísmo posterior”.[394]

A confusão aumentou rapidamente. **O** relato diz: **E originou-se um grande clamor** (9) — “protestos em voz alta” — **e, levantando-se os escribas** da parte dos fariseus, que aparentemente compunham a

maioria, **contendiam** ou "discutiam veementemente", dizendo: **Nenhum mal achamos neste homem.** A frase **não resistamos a Deus** não é encontrada nos primeiros manuscritos, e podería ser omitida. Uma tradução moderna apresenta o seguinte texto: "Talvez um anjo ou espírito tenha falado com ele" (NEB). ,

Finalmente a **dissensão** ("disputa", cf. 7) tornou-se tão violenta que o **tribuno** (10), ou "comandante" (NASB), temendo pela vida de Paulo, mandou **descer a soldadesca** — lit., "exército", significando "um destacamento de soldados em serviço"[395] — para levá-lo de volta à fortaleza. Isto parece sugerir que a reunião do Sinédrio estava acontecendo fora desse edifício.

4. *A Vida de Paulo em Perigo* (23.11-35)

O tribuno tinha temido que o seu prisioneiro pudesse ser despedaçado pelas duas facções que discutiam no Sinédrio. Mas agora surgia uma ameaça ainda mais séria à vida de Paulo.

a. Conforto (23.11). Sem dúvida, Paulo ficara profundamente perturbado pelo tumulto e enormemente preocupado pela sua segurança pessoal. Mas antes que as piores notícias chegassem até ele (cf. 16), o Senhor preparou-o para o choque, ministrando-lhe com conforto e confiança. Naquela mesma noite, depois da desagradável experiência perante o conselho, **apresentando-se-lhe o Senhor,** embora com sentido básico provavelmente de que Jesus "apareceu a Paulo" (NEB), não podemos deixar de mencionar a força comum da expressão "estar ao seu lado". Nesta hora de extrema tensão e provação, o Senhor esteve ao lado do seu servo e o fortaleceu.

Para o seu apóstolo perturbado, Jesus disse: **Tem ânimo**[396] — "Tenha coragem!, não tenha medo!"[397] Então foi feita a promessa: **Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma.** Isto representava um duplo consolo. Em primeiro lugar, Paulo teve a certeza divina de que não morrería em Jerusalém. Isto deve ter sido um grande conforto, especialmente em vista da informação que ele em breve iria receber, sobre o complô contra a sua vida. Em segundo lugar, ele agora sabia

que o seu desejo de visitar Roma (cf. 19.21) seria satisfeito.

Este versículo registra como Jesus deu a Paulo: 1. Consolo — **Tem ânimo;** 2. Elogio — **como de mim testificaste em Jerusalém;** 3. Confirmação — **assim importa que testifiques também em Roma.**

Sem dúvida, o apóstolo sentiu-se tentado a pensar que tinha falhado em seu testemunho em Jerusalém, mesmo depois de ter dado o melhor de si para cooperar com os líderes cristãos judeus ali. Na verdade, enquanto estava atendendo o pedido deles é que ele foi cercado e quase morto. Mas o Senhor afirmou que o seu testemunho não tinha sido em vão. Paulo provavelmente também sentiu que o seu propósito em testemunhar em Roma estava fadado ao fracasso. Agora ele tinha recebido a garantia de que o faria. O Senhor sabia que o seu servo precisava imensamente de um apoio moral, e Ele amorosamente o concedeu.

b. A Conspiração (23.12-15). Enquanto o Senhor trabalhava a favor de Paulo, Satanás trabalhava contra ele. Mas o Senhor nunca está atrasado. Ele chegou ao homem que estava na prisão antes que se concluísse o plano contra a sua vida. No entanto, na manhã seguinte, mais de quarenta judeus **fizeram uma conspiração** — (12) lit., "tendo feito uma conspiração" —**juraram** — lit., "fizeram um pronunciamento solene". Eles solenemente fizeram o seguinte juramento: "Que Deus nos amaldiçoe se nós comermos ou bebermos antes de matarmos Paulo". Isto era um fanatismo religioso desesperado, e a vida de Paulo agora corria um sério perigo.

Os conspiradores **foram ter com os principais dos sacerdotes e anciãos** (14). Deve-se observar que os escribas (os fariseus), que compunham o Sinédrio juntamente com os principais dos sacerdotes e os anciãos (cf. Mt 16.21), não são mencionados. Na reunião do conselho no dia anterior, eles tinham se posicionado em defesa de Paulo. Assim, não era seguro que eles soubessem desta conspiração. Lenski sem dúvida retrata a situação corretamente ao escrever: "Concluímos que, no início, alguns dos líderes foram procurados pelos conspiradores, que contavam com aqueles em quem confiavam para

guardar segredo sobre o seu complô".[398] E acrescenta um comentário significativo: "Isto [o complô] é afirmado diretamente, como se estes assassinos soubessem que tipo de homens eram os seus grandes líderes religiosos".[399]

Para estes líderes impiedosos, os homens disseram: **Conjuramo-nos, sob pena de maldição** — literalmente, "com um pronunciamento solene nós fizemos um juramento solene", ou seja, "Nós juramos com completa solenidade". Estes homens então não comeram nada até morrer? Edersheim mostra como era fácil que os sacerdotes absolvessem um homem de um juramento tão radical, assegurando-lhe que nenhuma punição resultaria do seu fracasso em cumprir tal juramento".[400]

Os conspiradores pediram que os principais dos sacerdotes, **com o conselho,** rogassem — "informar, dar a informação"[401] **ao tribuno** (15), pedindo-lhe que trouxesse Paulo novamente no dia seguinte perante o Sinédrio, **como querendo saber mais alguma coisa de seus negócios.** A palavra grega para **saber** (ou inquirir), *diaginoskein,* aparece (no NT) somente aqui e em 24.22. Ela tem claramente o sentido técnico judicial, "determinar". Mas será que ela tem este significado aqui? Arndt e Gingrich pensam que sim. Eles traduzem o sentido da palavra da seguinte forma: "Determinar o seu caso por meio de uma investigação completa".[402] Lenski prefere o significado de "decidir as questões a respeito de Paulo mais exatamente, com a ajuda do quiliarco (tribuno)".[403] Devemos recordar que o tribuno já havia trazido o seu prisioneiro anteriormente perante o Sinédrio, para determinar a exata natureza do crime que lhe estava sendo imputado pelos judeus (22.30). Assim, Lenski está provavelmente correto ao dizer: "A idéia era permitir que o quiliarco (tribuno) soubesse que o Sinédrio agora estava em uma posição melhor do que tinha estado no dia anterior, para conseguir-lhe a informação desejada".[404]

Os quarenta conspiradores planejavam assassinar Paulo quando o apóstolo estivesse passando pela área do templo, a caminho do lugar onde ocorrería a reunião do Sinédrio. Com adagas afiadas escondidas

sob as suas roupas, aquele grupo de homens fanáticos e desesperados podería ter conseguido realizar o seu intento, apesar da presença de um considerável destacamento de soldados. O fato dos principais dos sacerdotes apoiarem tal conspiração, o que podería ter até mesmo colocado em perigo a vida do próprio tribuno, mostra quanto eles estavam determinados a livrar-se de Paulo.

c. O *Quiliarco (tribuno) E Informado* (23.16-22). Um sobrinho do apóstolo ouviu **acerca desta cilada** (16) — lit., "emboscada". Normalmente, supõe-se que ele morasse com os seus pais em Jerusalém. Mas é possível que ele fosse um estudante de teologia, como o seu tio tinha sido em outra época, e que a sua casa estivesse em Tarso. Também tem sido dito com alguma freqüência que provavelmente os pais ricos de Paulo o deserdaram quando ele se tornou um cristão. Tudo isto é perfeitamente possível. Mas, neste caso, o sobrinho estava preocupado com a segurança do seu tio.

Não sabemos como ele obteve esta informação. Edersheim sugere que o jovem era um membro da associação dos fariseus ("Chabura") e assim tomou conhecimento do complô.[405] O sobrinho **entrou na fortaleza** — no quartel — **e o anunciou a Paulo.** Knowling comenta: "Evidentemente, os amigos de Paulo tinham acesso permitido a ele, e entre eles podemos também supor que o próprio Lucas estivesse incluído".[406] Hackett faz uma observação adicional: "Lísias pode ter sido mais indulgente, porque ele estaria assim compensando o seu erro de ter amarrado um cidadão romano".[407]

Paulo pediu a um dos centuriões em serviço que levasse o seu sobrinho até o comandante (17). Este último levou o jovem para um lado, e perguntou o que ele tinha para lhe dizer (19). Quando ouviu a informação sobre a conspiração jurada (20-21), o quiliarco (tribuno) permitiu que o seu informante saísse com a instrução de não dizer nada a ninguém (22). **Dizer** é um verbo composto em grego, que significa "divulgar". **Contado** é o mesmo verbo que é traduzido como "saber" em 15 (ver os comentários); em 24.1; 25.2,15 ele é traduzido como "informado".

d. Os Centuriões São Convocados (23.23-25). O tribuno percebeu que a situação era verdadeiramente séria. Assim, convocou dois centuriões e ordenou que eles deixassem preparados duzentos soldados de infantaria, setenta de cavalaria e duzentos lanceiros para partirem às nove horas daquela noite para Cesaréia. Naquela época primitiva, sem iluminação de rua, seria seguro partir àquela hora, porque tudo estaria escuro e tranqüilo.

A palavra traduzida como **lanceiros** não é encontrada em nenhuma outra parte da literatura grega até o século VI. Arndt e Gingrich, no seu léxico mais recente, dizem: "Uma palavra de significado incerto, um termo técnico militar segundo Joannes Lydus... um soldado com arma leve, talvez *arqueiro* ou *atirador de funda".*[408] Knowling entende que esta palavra, *dexiolabous* "provavelmente deriva de *dexios* e *lambano,* agarrar as armas com a mão direita, e assim aqui se refere àqueles que levavam a sua arma leve, uma lança, na mão direita".[409] Schuerer concluiu: "A única coisa de que podemos ter certeza é que este termo designava uma classe especial de soldados com armas leves (atiradores de lanças ou de fundas)".[410] Quem desejar um amplo debate sobre o tema poderá encontrá-lo na obra de Meyer.[411] Bruce fornece aquilo que é provavelmente o melhor resumo do assunto: "A escolta se compunha de infantaria pesada, cavalaria e tropas com armas leves... todas constituintes do exército romano".[412]

Os centuriões também deveríam providenciar **cavalgaduras** (24) — "animais", ou seja, cavalos ou mulas — para **Paulo,** e provavelmente os soldados imediatamente responsáveis por ele, para que o levassem **a salvo ao governador Félix.** Tendo dado estas ordens, o tribuno escreveu **uma carta** ao seu superior (25). **Que continha isto** — lit., quer dizer "que tinha esta forma" (*typon*), o que significa "estas palavras" — "não simplesmente esta forma ou conteúdo".[413]

e. *O Comunicado ao Governador* (23.26-30). A carta começava com o nome de quem a enviava, como era o costume naqueles dias. **Cláudio Lísias** (26) provavelmente adotou o primeiro desses dois nomes quando se tomou um cidadão romano (ver o comentário sobre 22.28).

Depois de fornecer o seu próprio nome, sem nenhum título, Lísias, de forma cortês, dirige a sua carta **a Félix, potentíssimo governador,** ou "Excelentíssimo Governador Félix" (NEB). **Governador** é *hegemon,* que literalmente significa "líder". No Novo Testamento, esta palavra é usada principalmente para os procuradores romanos da Judéia.

Aparentemente, **Félix** tinha se tornado o governador da Judéia em 52 d.C. Ele era um governador cruel e mau. O historiador romano Tácito, brincando com o fato de que Félix tinha sido escravo, escreveu sobre ele: "Antônio Félix, permitindo-se todo tipo de barbáries e luxúrias, exercia o poder de um rei com o espírito de um escravo".[414]

Saúde é *chairein* (ver o comentário sobre 15.23). Esta era a palavra usual nas cartas seculares em papiros daquela época.

Como era de esperar, Lísias coloca-se da maneira mais favorável possível em sua carta ao governador. E verdade que ele resgatou Paulo da multidão que estava prestes a linchá-lo (27). Mas ele torce a verdade quando acrescenta: tendo sido **informado de que era romano.** O relato (21.31-40; 22.24-29) claramente indica que ele não conheceu a cidadania de Paulo até algum tempo depois que o tinha prendido. Mas a história soa melhor assim.

Lísias prossegue dizendo como levou o seu prisioneiro perante o Sinédrio em um esforço para determinar o seu crime (28). Mas logo descobriu que era um assunto relacionado à religião judaica, e não à lei romana (29). Quando soube da conspiração contra a vida de Paulo, imediatamente enviou o prisioneiro ao governador, e informou aos seus acusadores que fizessem quaisquer outras reclamações diretamente ao procurador. Assim, Lísias livrou-se de um problema muito desagradável e protegeu-se da possibilidade de ter problemas com o caso de Paulo.

f. A Escolta a Cesaréia (23.31-35). Obedecendo à ordem do tribuno, os soldados tomaram Paulo e o **trouxeram de noite a Antipátride** (31, ver o mapa 1). Lake e Cadbury encontram uma dificuldade aqui. Depois de observar que um dia de marcha para uma legião romana

era "tradicionalmente fixado como uma distância de aproximadamente 38 quilômetros", eles acrescentam: "Os ajudantes, carregando armas mais leves, de alguma maneira poderíam ir mais rápido, mas 64 quilômetros, da distância de Antipátride a Jerusalém, é uma marcha noturna impossível para a infantaria, e muito dura para a cavalaria".[415] No entanto, eles admitem que "não se conhece ao certo a localização de Antipátride".[416]

Existem duas soluções possíveis. Afirma-se que a infantaria, **no dia seguinte** (32) deixou que a cavalaria levasse o prisioneiro pelo resto do caminho até Cesaréia. Eles **tornaram à fortaleza,** *i.e.,* ao seu quartel em Jerusalém. Mas não se afirma a que hora do dia isto aconteceu. Podería ter sido ao meio-dia ou à tarde. Alguns estudiosos ressaltam **de noite** significando que a viagem se realizou somente à noite e que pode ter durado duas noites.[417] **O** próprio Hackett permitiu que a frase **de noite** fosse interpretada aplicando-se somente à maior parte da viagem, e acrescentou: "Seria correto falar da viagem, em termos gerais, como tendo se realizada à noite, embora deva ter tomado duas ou três horas do dia seguinte".[418] Hervey opina que eles poderíam tê-la feito em uma noite, uma vez que chegariam a Gophna (a três horas de marcha, partindo de Jerusalém) à meia-noite, e estariam descendo a colina pelo resto do caminho até a planície de Sarom, na qual se localizava Antipátride.[419]

Quando a escolta de cavalaria chegou a **Cesaréia** (a **96** quilômetros de Jerusalém), a carta e o prisioneiro foram apresentados **ao governador (33).** Tendo lido a carta, Félix perguntou de que província era Paulo. Quando soube que era da **Cilícia (34),** declarou: **Ouvir-te-ei quando também aqui vierem os teus acusadores (35).** Lake e Cadbury comentam o verbo composto que é traduzido como **ouvirei.** "Aparentemente era um termo legal para "farei uma audiência", e era assim usado pelos historiadores helênicos, em inscrições e em papiros, e é apropriadamente empregado aqui".[420]

Então o governador ordenou que **guardassem** Paulo — "vigiado" — **no pretório de Herodes** — que era a sala de julgamento. Este era o

palácio construído em Cesaréia por Herodes, o Grande. Quando os Herodes foram sucedidos na Judéia pelos procuradores romanos, o palácio tornou-se a residência do governador e a sede do governo romano. Paulo foi provavelmente colocado em algum tipo de sala da guarda no *praitorion,* mas desta vez o apóstolo não foi preso em uma masmorra.

J. Cesaréia, 24.1—26.32

Depois de uma semana muito agitada em Jerusalém, pressionado pelos cristãos e perseguido pelos judeus, Paulo passou dois anos tranqüilos na prisão em Cesaréia, seguidos por dois anos de prisão em Roma. E tentador imaginar se o grande apóstolo teria cometido um erro ao se recusar a atender as advertências dos profetas (20.22-24; 21.4,1011) e os apelos dos amigos (20.12-14). Se não tivesse ido a Jerusalém, ele podería ter escapado da perseguição e da prisão que ali sofreu. Supostamente, teria tido a possibilidade de passar os quatro anos seguintes pregando, e não na prisão.

Mas talvez o Senhor considerasse que o seu zeloso apóstolo estivesse se dedicando além dos limites de suas forças, e precisasse de um descanso. Será que a observação de Paulo ao sumo sacerdote (23.3) teria revelado um homem cujos nervos estavam exaustos devido a uma agenda repleta de compromissos ligados à divulgação do Evangelho, às viagens e ao cuidado constante com as igrejas que ele tinha fundado (cf. 2 Co 11.28)? Nada mais justo do que fazer esta pergunta. Pois Paulo, embora cheio do Espírito, era perfeitamente humano.

A nossa decisão quanto à atitude do apóstolo — se agiu corretamente ou não ao ir a Jerusalém — depende, de alguma maneira, de como traduzimos a expressão em 20.22 — "ligado pelo espírito" (KJV, ASV) ou "constrangido em espírito" (RSV) — cf. "sob a força impulsionadora do Espírito" (Moffatt); "o Espírito me obriga a ir até lá" (Goodspeed); "compelido pelo Espírito" (Phillips); "forçado pelo Espírito" (Berk.); "sob o impulso do Espírito" (NEB). E óbvio que a maioria dos tradutores modernos[421] assume esta passagem como sendo o testemunho de Paulo de que o Espírito Santo o estava dirigindo para ir a Jerusalém, independentemente das conseqüências que haviam sido preditas. E provavelmente faremos bem deixando as coisas assim.

Uma coisa devemos ter sempre em mente: destes quatro anos de

inatividade física forçada, e conseqüente oportunidade para meditação tranqüila, surgiram os escritos mais ricos de Paulo. Se ele não tivesse sido aprisionado — pelo Espírito, como também pelo governo romano — não teríamos hoje as suas epístolas da prisão, com os seus profundos pensamentos e verdades espirituais. Foi por causa desta experiência que Paulo pôde escrever, "sou o prisioneiro de Jesus Cristo" (Ef 3.1), não apenas o prisioneiro de Roma. Como prisioneiro de Jesus Cristo, ele era mantido sob o controle do Espírito, em um relacionamento ainda mais íntimo com o seu Senhor do que em qualquer ocasião anterior. Assim, ele foi capaz de realizar o seu serviço mais perfeito.

1. *Paulo perante Félix* (24.1-27)

Em Cesaréia, Paulo aparece em três principais ocasiões: perante Félix (cap. 24), perante Festo (cap. 25) e perante Agripa (cap. 26). Este homem, que tinha a reputação de virar o mundo de cabeça para baixo (cf. 17.6), não podia ser ignorado. Agora ele era trazido perante "governadores e reis" (Mt 10.16) em nome de Cristo, e por amor a Cristo.

Foakes-Jackson faz a seguinte observação a respeito deste incidente: "O relato do julgamento perante Félix é um relato modelo. Mesmo resumidos, os discursos da acusação e da defesa incluem os pontos necessários e não deixam nada a desejar".[422]

a. A Apresentação da Acusação (24.1-9). Como historiador, Lucas gostava da cronologia. Assim, aqui ele começa o relato dizendo **cinco dias depois** (1). Mas existe uma diferença de opinião sobre como estes deveriam ser computados. Knowling diz: "Mais provavelmente, os cinco dias devem ser contados a partir da chegada de Paulo a Cesaréia, e não da sua prisão em Jerusalém, nem da sua saída de Jerusalém a caminho de Cesaréia".[423] Lake e Cadbury concordam,[424] assim como muitos outros. Hackett entende que este significa o quinto dia depois que Paulo deixou Jerusalém. Ele escreve: "A fuga da conspiração dos judeus está mais próxima à mente aqui depois do que foi narrado; e, além disso, de acordo com o uso romano, um caso assim referido deveria ser julgado no terceiro dia, ou tão cedo quanto fosse

possível".[425]

O sumo sacerdote, Ananias, desceu de Jerusalém, acompanhado por alguns **anciãos e um certo Tértulo, orador.** A palavra grega para **orador** significava, originalmente, alguém que falava em público (o grego sugere "retórico"). Mas ela veio a ser usada como sinônimo de "advogado" (Phillips) ou "procurador" (NASB). Não se sabe ao certo se **Tértulo** era judeu,[426] romano, ou grego. "Nos versículos 3,4 e 6, ele fala de si mesmo e de seus clientes como "nós", mas no versículo 2 ele fala de 'este povo', e no versículo 5, de 'os judeus'".[427] A referência a "nossa lei" (6) e a linguagem do versículo 7 certamente implicam que Tértulo era um judeu. Mas a última frase do versículo 6, todo o versículo 7, e a primeira frase do versículo 8 são omitidas nos primeiros e melhores manuscritos. Assim, estas passagens não podem ser usadas como evidências. Os costumes daquela época suportam a idéia de que o advogado fosse um gentio. Knowling diz: "Tértulo, aparentemente, fazia parte do grupo de defensores contratados, frequentemente empregados nas províncias por aqueles que não tinham conhecimento da lei romana".[428] O julgamento foi provavelmente conduzido em grego.

O termo compareceram (ou apresentaram, conforme algumas versões) aparece novamente em 25.2,15. Knowling diz: "O verbo parece ser usado nestas passagens como um tipo de termo técnico que indica apresentar uma informação formal perante um juiz".[429] E usado desta maneira pelo contemporâneo Josefo.[430]

Tértulo iniciou o seu discurso com uma eloqüente bajulação (2-3), que é ainda mais ofensiva por ser completamente falsa. Félix era odiado, não apreciado, pelos judeus. A história da sua vida pode ser tudo, menos digna de elogios. Nascidos como escravos, ele e a sua mãe aparentemente foram libertos por Antônia, a mãe do imperador Cláudio. O seu irmão tornou-se um grande favorito de Cláudio e, como resultado, Félix foi feito procurador da Judéia. Ele governava com mão pesada. Lumby escreve: "O caráter de Félix, segundo historiadores romanos e também judeus, é o de um governador mesquinho e devasso, e nem mesmo os tempos turbulentos em que ele

viveu são suficientes para desculpar a severidade da sua conduta".[431]0 único grão de verdade no que Tértulo disse foi a referência a **tanta paz.** Félix realmente extinguiu os grupos de ladrões da Judéia. Mas mesmo nisto ele agiu com excesso. Knowling comenta: "A sua severidade e crueldade eram tão grandes que ele somente adicionava lenha à fogueira da ira e das incitações para motins, Josefo, *Ant.,* xx., 8, 6 *B.J.,* ii., 13, 6, embora não hesitasse em empregar o Sicarii para livrar-se de Jônatas, o sumo sacerdote, que insistia em que ele fosse mais digno do seu cargo".[432] Schuerer chega a dizer: "O final do governo deste homem constitui provavelmente o momento-chave do drama que tinha se iniciado em 44 d.C. e que atingiu o seu ponto máximo durante os conflitos sangrentos de 70 d.C."[433] Durante a administração de outros procuradores, ocorreram levantes esporádicos contra Roma, mas "sob Félix a rebelião se tornou permanente".[434]

Muitos e louváveis serviços (2) é uma única palavra em grego, e literalmente quer dizer "reformas". A expressão é traduzida adequadamente como "reformas estão sendo executadas" (NASB/ NTLH).

A linguagem aqui está de acordo com os costumes daquela época. **Para que te não detenha muito** (4) é uma expressão que pode ser traduzida como "para não tomar muito do seu tempo" (NEB). Sobre **eqüidade** — "bondade, graça"[435] — Lake e Cadbury dizem: "A palavra *epieikeia* é muito freqüente nos papiros em expressões complementares nos apelos aos oficiais".[436] **Por pouco tempo** ("umas poucas palavras", em algumas versões) é um advérbio que significa "brevemente".

A seguir vem a primeira acusação: **Temos achado que este homem é uma peste**

(5). A última expressão é uma única palavra em grego, e significa literalmente "pestilência", assumindo o significado de "peste" quando se refere a uma pessoa.[437]

A segunda acusação era a de que Paulo era um **promotor de sedições** — "alguém que insufla os levantes" — **entre todos os judeus, por todo o mundo** (*oikoumene*, a terra habitada). Era exatamente isto o que o apóstolo não estava fazendo. Ao invés de agitar o povo e fazer com que se revoltasse contra o governo romano — que é o que implica esta falsa acusação — ele estava ensinando que os cristãos deveriam se sujeitar à autoridade governamental (cf. Rm 13.1-7).

A terceira acusação era a de que Paulo era **o principal defensor da seita dos nazarenos.** A palavra para **principal defensor,** *protostates* (somente aqui no NT) é usada "adequadamente com referência aos soldados, *aquele que vem em primeiro lugar, alguém que está na linha de frente* (Tucídides, Xenofonte); como conseqüência, metaforicamente, um líder".[438] **Seita** é *hairesis,* de onde vem a palavra "heresia". Mas no Novo Testamento, como também em Josefo, esta palavra significa uma seita ou grupo. É usada para se referir aos fariseus (15.5) e aos saduceus (5.17); Os judeus consideravam que o cristianismo era apenas uma outra seita dentro do judaísmo, porém uma seita perigosa.

Esta é a única passagem no Novo Testamento onde a expressão **os nazarenos** é usada como uma designação para os cristãos. Em outras partes, a palavra aparece no singular, principalmente na expressão "Jesus, o Nazareno" (lit., "Jesus de Nazaré"). Provavelmente, **nazarenos** aqui significa simplesmente "seguidores do Nazareno". Em uma observação especial em "Names for Christians and Christianity in Acts", Cadbury escreve: "O contexto do livro de Atos permite que suponhamos que se tratava de um termo de censura".[439] Concordando com isto, Knowling diz: "'O discípulo não está acima do Mestre', e o termo se aplica como uma expressão de desprezo aos seguidores de Jesus, como tinha acontecido com o próprio Jesus".[440] Outros nomes usados para designar os cristãos no livro de Atos são discípulos, irmãos, santos, crentes, cristãos, a igreja, a comunhão C*koinonia*) e aqueles do "Caminho".

A quarta acusação era que Paulo havia **intentado** — lit., "tentado" ou

"feito uma tentativa de" — **também profanar o templo** (6). E interessante observar que os judeus não o acusaram de realmente ter feito isto, mas de tentar fazê-lo. Anteriormente, os judeus da província da Ásia tinham acusado o apóstolo de ter trazido ao Templo um gentio de Efeso, chamado Trófimo (21.28-29). Mas esta falsa acusação se baseava no raciocínio ridículo de que, como eles tinham visto Trófimo com Paulo em uma das ruas da cidade, e como agora viam Paulo no Templo, conseqüentemente ele deveria ter trazido este gentio para dentro do recinto sagrado — um bom exemplo de como chegar à conclusão errada a partir de duas premissas verdadeiras. Mas aparentemente os líderes judeus admitiam que não havia evidências sólidas que corroborassem esta acusação, e assim eles a modificaram perante a corte.

E importante perceber que o assunto da entrada de um gentio além do assim chamado Pátio dos Gentios (ver o quadro *A)* era extremamente sério. Normalmente, os judeus não tinham a permissão dos romanos para levar ninguém à morte. "Mas uma lei dos judeus, a de que nenhum gentio deveria ter permissão para entrar na corte interior do templo, era reconhecida pelas autoridades romanas, e qualquer pessoa que a transgredisse era punida com a morte, mesmo que fosse um cidadão romano".[441] Assim, Paulo não estava isento. Mas se a acusação de 21.28 fosse verdadeira (não o era), seria Trófimo, e não Paulo, quem deveria ser morto.

Como já foi observado (ver os comentários sobre o v. 1), a última frase do versículo 6, todo o versículo 7 e a primeira parte do versículo 8 são omitidas na maioria dos melhores manuscritos gregos. Macgregor escreve: "E necessário, no entanto, admitir que a leitura ocidental mais longa melhora o sentido, e muitos estudiosos a defendem como sendo genuína".[442] Nenhum estudioso competente iria afirmar dogmaticamente que esta passagem pertence ou não ao Novo Testamento. Mas a preponderância das evidências é contrária à sua colocação aqui.

Tértulo estava confiante de que quando Félix examinasse Paulo (8) — **dele** no singular no texto grego — ele julgaria verdadeiras as

acusações contra ele. E **também os judeus o acusavam** (9) — lit., "acompanhavam o ataque", **dizendo** — lit., "afirmando" — **serem estas coisas assim.** Parece que um caso forte tinha sido construído contra Paulo.

b. A Apresentação da Defesa (24.10-21). O advogado da acusação tinha apresentado o seu caso, e agora a oportunidade era dada para que a defesa respondesse. Paulo não tinha advogado, então ele fez autodefesa.

Em contraste com a excessiva adulação de Tértulo, Paulo fez uma introdução cortês, mas contida. Ele estava sinceramente agradecido por estar sendo julgado perante um oficial — **que vai para muitos anos que desta nação és juiz (10),** e assim estaria familiarizado com os costumes judeus. Josefo indica que Félix sucedeu Cumano como governador em 52 d.C.[443] Mas Tácito afirma que "a Galiléia era governada por Cumano e Samaria por Félix".[444] Bruce comenta: "Podemos concluir, comparando os dois relatos, que Cumano foi o procurador da Judéia entre 48 e 52, enquanto Félix ocupava uma posição subordinada em Samaria. Quando Cumano caiu em desgraça em 52, Félix foi promovido à procuradoria de toda a província, uma honra sem precedentes para um escravo liberto".[445] Uma vez que o julgamento de Paulo aconteceu em 56 (ou possivelmente em 57), Félix já estava vivendo na Palestina por cerca de oito ou nove anos. Posteriormente, o apóstolo (cap. 25) se encontraria em desvantagem perante Festo, que tinha acabado de chegar de Roma e não estava acostumado com os hábitos dos judeus.

Respondo por mim (*apologeomai*) significa literalmente: "faço a minha defesa". Este é um termo judicial técnico.

Pois bem podes saber (11) quer dizer "como podes verificar" (RSV). Félix podería "facilmente verificar o fato" (Phillips) de que somente doze dias tinham se passado desde que Paulo subiu até Jerusalém para adorar. Isto significaria que ele tinha passado somente cerca de uma semana em Jerusalém (ver os comentários sobre o v. 1). O significado desta referência cronológica é assim explicado por

Knowling: "A curta duração do período permitiría que Félix obtivesse o conhecimento exato dos eventos que tinham acontecido, e o apóstolo também pode estar indicando que o tempo foi muito curto para incitar uma multidão a um levante".[446] Lumby contabiliza assim os **doze dias:** "O dia da chegada de Paulo; o encontro com Tiago no segundo dia; cinco dias podem ser atribuídos à vida no Templo durante os votos; então a audiência perante o conselho, no dia seguinte à conspiração. No décimo dia, Paulo chegou a Cesaréia e no décimo terceiro dia (o que deixa cinco dias, 14.1, como os judeus contam a partir da conspiração até a audiência em Cesaréia) Paulo está diante de Félix".[447]

Paulo prosseguiu com uma negação completa da acusação de que ele era "promotor de sedições" (cf. 5). O versículo 12 tem uma seqüência de palavras incomum. Uma boa tradução é: "E não me acharam no templo falando com alguém, nem amotinando o povo nas sinagogas, nem na cidade". Foram os judeus antagonistas que incitaram a multidão (cf. 21.27). O prisioneiro desafiou os seus acusadores a **provar** as acusações contra ele (13).

Uma coisa Paulo confessou: **conforme aquele Caminho, a que chamam seita**

(14) — em algumas versões, "heresia"; ver a mesma palavra no versículo 5 — **assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas** — lit., "todas as coisas que estão de acordo com a lei e que foram escritas pelos profetas". O que Paulo quer dizer é que era ele, e não os seus acusadores judeus, que era fiel às Escrituras hebraicas. Como diz Maclaren: "Ele afirma que eles não acreditam nem na lei nem nos profetas, caso contrário também seriam nazarenos".[448] Além disso, ele sustentou a esperança da **ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos** (15). Esta era uma crença que ele partilhava com os fariseus, embora eles acreditassem mais fortemente na ressurreição dos justos do que na dos injustos.

A seguir, Paulo fez uma poderosa afirmação: **por isso, procuro**

sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens (16). Alexander escreve: *"Procuro ter (eu mesmo)* — um verbo que denota originalmente algum tipo de trabalho pesado; mais tarde, aplicado especialmente ao treinamento dos atletas e então à disciplina moral, especialmente àquela do tipo mais severo".[449] E acrescenta: "Aqui, a expressão denota não somente a prática constante e habitual, mas um esforço metódico e sistemático".[450]

Os gregos talvez tenham sido os primeiros a desenvolver um conceito de **consciência.** A palavra em português se origina do latim *con (cum*), que significa "com", e *seio* "saber". Portanto, significa "saber com" — "propriamente 'co-conhecimento', uma segunda consciência reflexiva que um homem tem juntamente com a sua consciência original de um ato".[451] A palavra grega *syneidesis* tem exatamente o mesmo sentido que a latina *conscientia* — "co-conhecimento". Primeiramente significava "consciência". Thorton-Duesbery afirma que a idéia moderna de uma consciência moral não é encontrada na filosofia grega clássica, mas aparece "quando os judeus e os gregos se encontram e trocam idéias nos três últimos séculos antes de Cristo".[452]

Sobre a expressão **sem ofensa,** Alexander faz este comentário auxiliar: "Em grego esta é uma única palavra, que sugere duas idéias, *sem estar ofendido e sem ofender,* ou seja, uma consciência que não está ferida por nenhuma transgressão, nem permite que eu seja o meio de ferir aos demais".[453] Paulo procurava evitar ofender e também ser ofendido. E interessante observar que, além do seu uso aqui no discurso de Paulo diante de Félix, este adjetivo só é encontrado no Novo Testamento nas epístolas de Paulo (1 Co 10.32; Fp 1.10).

No texto grego, **sempre** vem bem ao final da frase. Knowling diz que a palavra é "enfática aqui no final da sentença, implicando que o objetivo da vida do apóstolo iria libertá-lo da suspeita que aquelas acusações tinham feito cair sobre ele".[454] Além disso, **sempre** é, no grego, uma expressão, "durante tudo/toda", e significa não apenas

"em todos os tempos" — que é o seu sentido moderno — mas "de todas as maneiras", lit., "em meio a tudo". Paulo novamente insiste (cf. 23.1) que ele era e sempre tinha sido um judeu consciente e coerente.

O ponto seguinte na defesa do apóstolo foi: **Ora, muitos anos depois, vim trazer à minha nação esmolas e ofertas** (17). Ele não tinha estado em Jerusalém durante quatro ou cinco anos — supondo que a "igreja" (18.22) signifique a igreja de Jerusalém, como 18.21 implica definitivamente. E quando ele finalmente retornou, não foi por motivos egoístas nem maldosos. Ele tinha vindo para trazer **esmolas** a sua **nação** — aos cristãos judeus em Jerusalém. Este é o único lugar do livro de Atos onde se faz uma referência específica a esta oferta que Paulo reunira das igrejas gentias de Acaia, da Macedônia, da Ásia e da Galácia (Rm 15.25-26; 1 Co 16.1-4; 2 Co

8.1-4). Bruce expressa claramente as razões pelas quais o apóstolo fez isso, quando escreve: "Paulo tomou isso muito a sério; não apenas aos seus olhos era uma retribuição, até certo ponto, da dívida espiritual que as igrejas gentílicas tinham para com aquela de onde se originou o Evangelho, mas uma maneira de conciliar os extremistas judaizantes na igreja de Jerusalém, e assim consolidar os judeus e os gentios na igreja em um único corpo, fazendo com que cada grupo se sentisse dependente do outro, e agradecido ao outro".[455]

Sobre **ofertas,** Lumby diz: "Estes eram os sacrifícios ligados ao voto que ele tinha assumido. Eles precisavam ser oferecidos no Templo".[456]

O fato de que, em grego, **esmolas** esteja no início do versículo e **ofertas** no final apóia esta interpretação de que as duas palavras não se referem à mesma coisa. Isto é bem transmitido nas traduções literais das versões KJY e ASV, mas está muito suavizado na RSV. A idéia correta é a dada pela NEB: "Depois de uma ausência de muitos anos, voltei para trazer esmolas em dinheiro para a minha nação e para fazer ofertas".

Paulo prosseguiu: **Nisto** (18) — o texto grego sugere que isto foi quando ele estava oferecendo os seus sacrifícios (cf. Phillips, "foi durante estas atividades" — **uns certos judeus da Ásia — me**

acharam já santificado — particípio presente de *hagnizo,* "purificado cerimonialmente" — **no templo, não em ajuntamentos, nem com alvoroços** — "não contaminando o templo com a minha presença, nem reunindo uma multidão ou incitando um levante".[457] Maclaren diz: "Eles o chamaram de 'nazareno'; ele estava no Templo como um 'judeu ortodoxo'". Seria provável que, estando ali realizando tais atividades, ele as tivesse profanado?"[458]

No texto grego, a frase **uns certos judeus da Ásia** aparece no início do versículo 19, e não no 18 (cf. Phillips, "não havia multidão e nem havia perturbação até que chegaram estes judeus da Ásia"). Foram os judeus que incitaram um tumulto, e não Paulo. Um travessão (—) seguindo a palavra **Ásia** (ASV, RSV) representa a força do texto grego. Lumby encontra a implicação para isto: "Paulo estava prestes a falar destes judeus da Ásia, mas ele se examina e decide não dizer nenhuma palavra contra eles, somente que deveriam estar ali para explicar a ofensa pela qual ele estava sendo acusado".[459] **Os quais convinha que estivessem presentes perante ti e me acusassem, se alguma coisa contra mim tivessem** (19). Este foi um dos pontos legais mais fortes que Paulo marcou no seu julgamento perante Félix. Por que os acusadores não trouxeram as suas testemunhas para provar a acusação? Não seria isto uma confissão tácita de que as acusações eram infundadas?

Então o apóstolo desafiou os judeus que estavam ali a citarem um único crime de que o julgassem culpado enquanto, dizia ele, **compareci perante o conselho** (20), **a não ser estas palavras que, estando entre eles, clamei: hoje, sou julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos!** (21) Se ele fosse realmente culpado, por que o Sinédrio não o teria condenado? Por que Tértulo e os acusadores saduceus não disseram a Félix o que havia realmente acontecido naquela reunião do Sinédrio? Como observa Maclaren: "Os fariseus no Conselho o tinham absolvido quando ouviram a sua profissão de fé na ressurreição. Este era o seu verdadeiro crime, não a traição contra Roma nem a profanação do Templo".[460]

Algumas vezes, tem-se dito que neste versículo Paulo confessou que

ele teria cometido um engano ao dizer o que disse no Sinédrio. Por exemplo, Farrar escreve: "Na observação de Paulo perante o tribunal de Félix I, parece-me ver — embora ninguém o tenha notado — um certo sentido de arrependimento quanto ao método com o qual ele se livrou de um perigo iminente".[461] Inúmeros autores seguiram a sugestão de Farrar. Mas Lake e Cadbury declaram: "O significado é que se os judeus falassem a verdade, precisariam admitir que não tinham um caso sólido contra ele, exceto a diferença teológica, o que aos olhos de Félix não seria nada".[462] Bruce concorda com isto quando escreve: "Ele não se culpa... simplesmente insiste que a única acusação válida que pode ser feita contra si é teológica".[463] Foi isto que Lísias escreveu em sua carta (23.29).

A defesa de Paulo perante Félix é um modelo que os cristãos devem seguir hoje em dia, quando acusados falsamente ou perseguidos de qualquer maneira pelo mundo. Paulo foi 1. Justo (10); 2. Factual (11); 3. Firme (12); 4. Vigoroso (13); 5. Positivo (14-15).

c. *Adiando o Julgamento* (24.22-27). Félix,[464] "conhecendo mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho" (RSV) **lhes pôs dilação** (22). Arndt e Gingrich observam que este verbo é um termo técnico legal que significa "adiar" um julgamento.[465] Félix afirmou que quando Lísias viesse de Jerusalém o caso seria encerrado. Mas Maclaren chama a atenção para o fato de que Lísias não tinha dito nada sobre descer de Jerusalém, e comenta sobre o adiamento do governador: "A pronta execução de qualquer obrigação é a única segurança. A indulgência dada a Paulo, no seu leve confinamento, somente mostrou quão claramente Félix sabia estar agindo mal, mas os pequenos alívios não remediam uma grande injustiça".[466]

O procurador entregou o seu prisioneiro aos cuidados de um centurião, com ordens de que ele fosse tratado **com brandura** (23) — *anesin,* "alguma liberdade"[467] — **e que a ninguém dos seus proibisse servi-lo ou vir ter com ele.** Entre estes que poderíam ministrar as necessidades de Paulo, deixando-o tão confortável quanto possível, estava Filipe, o evangelista, e as suas quatro filhas donzelas que profetizavam (21.8). Também pode-se

supor certamente que Lucas com freqüência visitasse o seu querido amigo, e sem dúvida atuava como o seu médico pessoal.

Depois de alguns dias, veio **Félix com sua mulher Drusila, que era judia** (24). Existe uma história por trás desta simples referência. Félix casou-se três vezes, em três famílias reais. Drusila era a filha de Herodes Agripa I (12.1) e irmã de Herodes Agripa II (25.13). Quando ela tinha dezesseis anos de idade — alguns dizem catorze — casou-se com o rei de Emesa. Schuerer assim descreve o que aconteceu: "Pouco tempo depois do seu casamento, Félix viu a bela rainha, sentiu-se inflamado pela paixão, e determinado a possuí-la. Com a ajuda de um mágico de Chipre, chamado Simão, ela foi obrigada a se casar com ele".[468]

Provavelmente para satisfazer a curiosidade da sua esposa judia, Félix, acompanhado por Drusila, **mandou chamar a Paulo e ouviu-o acerca da fé em Cristo. O** mais antigo manuscrito grego acrescenta "Jesus" depois de **Cristo.** Lumby destaca o significado disto: "O que Paulo podia demonstrar não era somente uma fé no Cristo, cuja vinda todos os judeus esperavam, mas uma fé de que Jesus de Nazaré era o Messias que eles tinham esperado durante tanto tempo".[469]

Paulo tratou **da justiça** (25) — os princípios da justiça e as práticas na vida cotidiana — **e da temperança** — "autocontrole" — **e do Juízo** — lit., "o julgamento" — **vindouro.** Enquanto o apóstolo falava, Félix ficou "espavorido" (Phillips), e disse a Paulo: **Por agora, vai-te, e, em tendo oportunidade, te chamarei.**

Foi dito com frequência que esta **oportunidade** — uma única palavra em grego, significando "tempo" ou "ocasião" — nunca surgiu. Mas este ponto de vista está em contradição com a afirmação de que ele **muitas vezes, o mandava chamar e falava com ele** (26). Paulo teve muitas outras oportunidades de falar com Félix sobre assuntos morais e espirituais. Mas sem dúvida é verdade que Félix não se arrependeu das suas maldades.

A descrição de Félix no versículo 25 destaca a idéia do "Adiamento, o

Ladrão das Almas": 1. Ele foi fielmente avisado; 2. Estremecia com convicção; 3. Desperdiçou a oportunidade de ser salvo.

A principal razão pela qual Félix manteve Paulo na prisão foi porque ele esperava, **ao mesmo tempo, que Paulo lhe desse dinheiro.** Assim, o apóstolo foi detido em custódia injustamente durante **dois anos** (27), até que **Félix teve por sucessor a Pórcio Festo,** ou seja, até que "Félix foi sucedido por Pórcio Festo" (NASB). Mesmo nesta ocasião, **querendo Félix comprazer aos judeus** — lit., para fazer aos judeus um favor pelo qual esperaria um retorno"[470] — **deixou a Paulo preso. O** fato de que os governadores romanos algumas vezes recebiam subornos para a libertação de prisioneiros é evidenciado por Josefo. Ele conta como albino, o sucessor de Festo, "permitiu as relações daqueles que estavam na prisão por roubo... para redimi-los com dinheiro, e nenhum deles permaneceu na prisão como malfeitor, exceto aqueles que não lhe deram nada".[471]

Evidentemente, Félix estava motivado por dois desejos: o de garantir um suborno por parte de Paulo, e o de ficar em uma situação favorável com os judeus. Mas ele fracassou nos dois objetivos. Uma delegação de judeus levou acusações contra Félix perante o imperador em Roma. Assim, ele não obteve nada como retribuição pelo seu chocante erro judicial ao lidar com o caso de Paulo.

Pórcio Festo evidentemente tinha um caráter melhor do que o do seu predecessor, embora não se saiba muito sobre ele. Na verdade, Knowling afirma: "Não sabemos nada sobre ele, exceto as informações do Novo Testamento e de Josefo".[472] Schuerer o descreve como "um homem que, embora disposto a agir com justiça, encontrava-se completamente incapaz de desfazer o engano resultante dos equívocos do seu antecessor".[473]

2. *Paulo Perante Festo* (25.1-22)

Paulo era, por justiça, responsabilidade de Félix. Mas aquele governador tinha fracassado em cumprir a sua obrigação, e agora Festo era deixado com um prisioneiro cujo destino cabia a ele decidir.

a. A Acusação contra Paulo (25.1-5). **Entrando, pois, Festo na província** pode ser interpretado como "quando Festo assumiu o seu cargo como governador" (cf. NEB) ou "quando Festo assumiu a província" que iria governar. "Mas a questão é apenas de importância lingüística, pois neste caso não existe uma diferença real entre o cargo de Festo e o distrito no qual ele atuaria. Quando assumisse um deles, também estaria assumindo o outro".[474]

Ainda existe uma discussão quanto à ocasião exata em que Festo se tornou procurador da Judéia. Os autores mais antigos normalmente fixavam esta data em 60 d.C. Kirsopp Lake[475] foi para o outro extremo, como também o fez Harnack,[476] colocando o início da administração de Festo no ano 56 d.C. (Lake inclusive admitiría 55). Uma data entre estes pontos de vista opostos seria provavelmente melhor. No seu famoso artigo sobre a Cronologia do Antigo Testamento, no *Dictionary ofthe Bible* de Hastings,

C. H. Turner mantém a data de 58 d.C., o que fixa a chegada de Paulo em Roma na primavera de 59 d.C.[477] Bruce sugere "58 ou 59" como a época em que Festo se tornou procurador.[478] G. B. Caird, no seu artigo sobre a Cronologia do Antigo Testamento, na obra *The Interpreter's Dictionary ofthe Bible,* prefere 59 d.C.[479] Mas o ano 58 d.C. nos parece ser o mais razoável.

De acordo com a maneira judaica de calcular o tempo, **subiu dali a três dias de Cesaréia a Jerusalém** pode significar que ele chegou a Cesaréia em um dia, passou ali o dia seguinte e então subiu a colina até Jerusalém no terceiro dia (ver o mapa 1). O importante é que ele não perdeu tempo em fazer uma visita à capital judaica depois de chegar à sede romana em Cesaréia.

E o sumo sacerdote e os principais dos judeus compareceram — sobre o significado deste verbo, ver os comentários sobre 24.1 — **perante ele contra Paulo** (2). Este era o principal assunto que eles tinham em mente. Eles **lhe rogaram, pedindo como favor, contra ele, que o fizesse vir a Jerusalém** (2-3) — lit., "eles estavam pedindo, como um favor contra ele, para que fosse convocado

a comparecer em Jerusalém". O uso do imperfeito "pedindo" sugere que eles eram insistentes e persistentes. A versão NASB apresenta: "faziam-lhe uma solicitação, pedindo uma concessão, em detrimento de Paulo".

Mas eles estavam **armando ciladas para o matarem no caminho,** lit., "fazendo emboscadas para matá-lo no caminho". É provável que os quarenta conspiradores originais, tendo sido anteriormente privados da sua presa, estivessem determinados a apanhá-lo desta vez.

Felizmente para Paulo, Festo negou-se a atender o pedido. Ele afirmou categoricamente que o prisioneiro "estava guardado" (lit.) em Cesaréia, para onde ele planejava retornar em breve (4). E acrescentou: **Os que, pois... dentre vós têm poder desçam comigo** (5). Isto dá a impressão de que os anciãos dos judeus que fossem capazes de fazer a viagem deveríam ir com ele. Mas isto não é o que diz o texto grego. Na verdade, é "aqueles que têm o poder entre vocês",[480] ou "os homens influentes" (NASB). Josefo usa este termo para designar "os principais" dos judeus.[481] Estes poderíam acusar Paulo, se houvesse algum **crime** — lit., "alguma coisa fora de lugar" ou "imprópria" — nele.

b. A Acusação de Paulo (25.6-12). Festo permaneceu em Jerusalém **mais de dez dias** (6). Mas o melhor texto grego diz: "não mais de oito ou dez dias", o que faz mais sentido. No dia seguinte à sua chegada a Cesaréia, ele se sentou **no tribunal** — "assumiu o seu lugar" ou **"assentando-se"** — e **mandou que trouxessem Paulo** a sua presença.

Sobre o significado de **tribunal,** Schuerer escreve: "Sentar-se sobre o *sella* era uma formalidade necessária ao juiz, sem a qual a decisão não teria efeito legal".[482]

Quando o prisioneiro foi trazido, os judeus de Jerusalém **o rodearam** (7) — o melhor texto grego adicionou "o", tornando a cena mais vivida — **trazendo contra Paulo muitas e graves** — lit., "pesadas" **acusações, que não podiam provar.** Enquanto isto, Paulo, **em sua defesa** (8) — lit., "estava se defendendo" — fazia a afirmação

direta: **Eu não pequei em coisa alguma contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César** — lit., "não cometi nenhum pecado". Ele não era culpado de infringir as leis dos judeus nem as dos romanos. Portanto, não existia uma acusação verdadeira contra ele. O caso deveria ter sido encerrado.

Mas **Festo** queria **comprazer aos judeus** (9). Esta expressão, em grego, é quase a mesma que foi usada no caso de Félix: "Querendo Félix comprazer aos judeus" (24.27). Estes governadores romanos eram basicamente políticos preocupados com os seus próprios interesses. Assim, Festo perguntou ao prisioneiro se ele desejava ir a Jerusalém e ser julgado ali.

Paulo já tinha tido suficientes mentiras dos judeus e adiamentos dos romanos. Ele tinha uma rota de fuga aberta para si, e aproveitou-a. Ele não pretendia deixar que Festo o atirasse aos lobos que estavam esperando para devorá-lo. Assim, agarrou-se firmemente aos seus direitos de cidadão romano. Seria interessante saber como o governador, agindo como juiz, sentiu-se quando o seu prisioneiro declarou, firmemente e talvez rispidamente: **Estou perante o tribunal de César** — lit., "encontro-me [enfático no texto grego] perante o tribunal de julgamento de César". "Paulo quer dizer que ele é um cidadão romano perante um tribunal romano".[483] Aqui **convém que seja julgado,** e não em Jerusalém. **Não fiz agravo algum aos judeus, como tu muito bem sabes** (10). Lenski afirma: "Festo se enganou com este homem. Aqui está um homem que olha para ele diretamente nos olhos e não tem medo do seu julgamento injusto".[484] O governador recuou? Se não o fez, deveria tê-lo feito. Ele sabia que Cesaréia era o lugar adequado para julgar o caso de Paulo. E também sabia perfeitamente (*epiginosko*) que o seu prisioneiro era inocente. O apóstolo lembrou-o destas coisas bruscamente. Uma vez mais, Lenski comenta: "Festo teve de receber estas censuras em corte aberta. Podemos imaginar como os judeus olharam para ele e apreciaram os seus méritos quando ele ouviu estes simples fatos ditos por Paulo".[485]

O apóstolo não tinha medo da morte. Se culpado de algum crime digno de morte, ele não se recusava a morrer (11). Mas sendo todas as

acusações falsas, **ninguém me pode entregar a eles.** Como estas palavras devem ter atingido Festo! Nelas, Paulo revelava que sabia qual era o objetivo do governador. Festo estava ficando rapidamente propenso a atender a exigência dos judeus. Para Paulo, isto quase certamente significaria a morte. Mas **ninguém,** nem mesmo o procurador romano, poderia entregar este cidadão romano à multidão judaica. Paulo posicionou-se sem meias palavras.

Ele concluiu o seu desafio com a declaração: **apelo para César.** Schuerer diz: "Nos primeiros tempos do império, parece que um cidadão romano acusado de algum crime que fosse punível com a morte tinha o importante privilégio de apelar ao imperador... no início do julgamento ou em qualquer ocasião subseqüente do mesmo, pedindo que a investigação fosse realizada em Roma e que o julgamento fosse proferido pelo próprio imperador".[486]

Festo... **tendo falado com o conselho** (12) — não *synedrion,* o Sinédrio, mas *symboulion.* O seu primeiro significado é "conselho", e então "concilio". Bruce escreve: "Eram os assessores do governador, em cujos conselhos ele sempre podería confiar, embora a decisão estivesse somente nas suas mãos".[487] Depois de falar com eles, Festo voltou-se para Paulo e disse: **Apelaste para César? Para César irás.** Bruce comenta: "Se interpretarmos o apelo de Paulo da maneira usual, como um apelo à pessoa do imperador, podemos concluir que ele não foi feito tanto em nome da sua segurança pessoal, mas sim por um desejo de obter o reconhecimento das igrejas pelo império, praticando um *religio licita* distinto do judaísmo".[488]

c. **O** *Apelo a Agripa* **(25.13-22).** "Depois de alguns dias" (grego lit.), **o rei Agripa e Berenice vieram a Cesaréia, a saudar Festo (13),** *i.e.,* "oferecer os seus respeitos" a ele. Este **Agripa** era Herodes Agripa II, filho de Herodes Agripa I **(12.1),** que era neto de Herodes, o Grande (Mt **2.1).** Era o irmão de **Berenice,** e também de Drusila (24.24).

Herodes Agripa tinha somente dezessete anos de idade quando seu pai morreu em 44 d.C. Por causa disto, não recebeu o reino do seu pai,

mas ficou em Roma como um favorito do imperador Cláudio. Finalmente, em 50 d.C., ele recebeu o pequeno reino de Caleis, que posteriormente trocou por um território maior.

A sua irmã **Berenice** tinha sido esposa do seu tio, o rei de Caleis. Quando ele morreu, em 48 d.C., ela passou a viver com seu irmão, Agripa. Schuerer diz que "logo ela tinha o homem fraco completamente aprisionado nas tramas da sua rede, de modo que, a respeito dela, mae de duas crianças, as piores histórias corriam. Quando o escândalo tornou-se público, Berenice, para eliminar as oportunidades de quaisquer comentários maldosos, decidiu casar-se com Polemon da Cilícia".[489] Este casamento não durou muito tempo, e ela em breve estava de volta à casa do seu irmão, onde "pareceu ter retomado as suas antigas relações com ele. Pelo menos, posteriormente, era isto o que se dizia em Roma".[490]

O imperador Cláudio tinha dado a Herodes Agripa II o direito de indicar os sumos sacerdotes judeus e de supervisionar o Templo. Assim, Festo estava particularmente feliz por vê-lo nesta ocasião. O primeiro julgamento no seu novo domínio tinha terminado de modo embaraçoso para o governador, com o prisioneiro apelando para César. Como Rackham diz, "A chegada de Agripa foi uma sorte para Festo".[491] Por outro lado, Agripa estava "plenamente familiarizado com os costumes judaicos e a sua teologia"; e era "completamente romano nos seus gostos e nas suas simpatias".[492]

Assim, depois de **muitos dias** de festejos (14), Festo mencionou o caso de Paulo ao rei. Os judeus tinham pedido que o governador proferisse de uma vez a **sentença** — palavra forte que significa "condenação" (somente aqui no NT) — **contra ele** (15).

O versículo 16 expressa bem os altos princípios da justiça romana, que fizeram dela o principal fundamento da jurisprudência moderna. Mas infelizmente até mesmo o melhor dos sistemas se rompe devido à fragilidade do fator humano. O Novo Testamento dá um eloqüente testemunho do fato de que a justiça romana freqüentemente falhava e se tornava uma farsa. "Pilatos 'entregou Jesus' aos judeus; Félix

esperava um suborno de

Paulo e o deixou na prisão para obter uma opinião favorável dos judeus; o mesmo Festo, embora convencido da inocência do apóstolo, manteve-o na prisão, também para agradar aos judeus — um motivo que ele naturalmente omite do relato que faz a Agripa".[493]

Entregar (16) significa literalmente "entregar espontaneamente" ou "fazer um presente" (ver o parágrafo anterior). **A morte** não está nos manuscritos mais antigos. **Possa,** lit., "tenha lugar", pode ser traduzido como "dando a este a oportunidade" (ASY). **Acusação** é uma única palavra em grego, e significa exatamente isso. A última frase inteira significa literalmente "receba um lugar para a defesa (*apologia*) a respeito da acusação".

O modo optativo é raro no Novo Testamento, e completamente ausente no grego moderno, embora relativamente comum no clássico. Mas aparece duas vezes no versículo 16, e uma vez no 20. Isto deve estar de acordo com a cultura e a educação do governador. Festo narrou aAgripa como ele tinha prontamente — **sem fazer dilação alguma** (cf. 6) — levado Paulo a julgamento (17). Mas ao invés da acusação que Festo teria esperado ouvir em uma corte romana (18), os acusadores levantaram **algumas questões acerca de sua superstição** (19)—*deisidaimonias.* Este substantivo tem relação com o adjetivo traduzido como "um tanto supersticiosos" em 17.22 (ver os comentários ali). Originalmente, significava "temor dos deuses". Liddell e Scott primeiramente dão este significado, e a seguir "superstição".[494] Os melhores léxicos gregos do Novo Testamento (Thayer, Abbott-Smith, Arndt e Gingrich) dão três significados: (a) um bom significado, "temor dos deuses" ou "piedade"; (b) um mau significado, "superstição"; e (c) um significado objetivo, "religião" — com exemplos literários dos três usos. Cremer fornece somente esta definição: *"temente aos deuses,* usualmente em um sentido de condenação ou de desprezo = *superstição".*[495] Mas Moulton e Milligan escrevem: "E com este sentido geral de 'religião', sem qualquer indicação de ser certo ou errado, que o termo deve ser interpretado".[496] De acordo com isto, porém de alguma maneira um

pouco mais específica, temos a conclusão de Thayer: "Festo, na presença do rei judeu Agripa, usa a palavra ambígua e cuidadosamente, em Atos 25.19, sobre a religião judaica, para deixar o seu próprio julgamento sobre esta verdade em suspenso".[497] Esta parece ser uma explicação sensata do assunto.

Festo disse que havia questões também sobre **um tal Jesus, defunto, que Paulo afirmava viver.** Rackham observa que estas palavras "representam com exatidão a idéia que um romano teria sobre o Senhor".[498] Os gregos (e os romanos) zombavam da idéia de uma ressurreição (cf. 17.32). Se Cristo tinha morrido, somente um tolo iria dizer que Ele estava vivo.

"Estando... perplexo acerca da inquirição desta causa" (20), Festo perguntou a Paulo se ele desejava ir até Jerusalém e ser julgado ali. Mas o prisioneiro **apelou para que fosse reservado** (21)—"mantido em custódia" — **ao conhecimento** — grego, *diagnosis,* "decisão", um termo legal — **de Augusto** ("o mais venerável", um título adotado por Otávio César e copiado pelos seus sucessores). O governador tinha então ordenado que ele fosse mantido sob custódia até que pudesse "enviá-lo" (assim consta no melhor texto grego) **a César** — outro título para o imperador (cf. Czar, Kaiser).

Em resposta a este discurso de Festo, Agripa disse: **Bem quisera eu ouvir também esse homem** (22). A expressão **quisera** não é uma tradução adequada. Burton escreve: "Em Atos 25.22, o uso do imperfeito *eboulomen* em lugar de um presente suaviza o pedido, por razões de polidez, e pode ser bem traduzido como *eu gostaria*".[499] Festo respondeu que haveria uma audiência no dia seguinte.

3. *Paulo Perante Agripa* (25.23—26.32)

Muitos comentaristas chamam a atenção para o quadro dramático mostrado pelo autor aqui. Por exemplo, Winn escreve: "Este é o último grande discurso do livro de Atos, e Lucas deseja que ele seja o clímax. Ele retrata a cena cuidadosamente".[500] Rackham observa: "E uma das mais perfeitas passagens do livro de Atos, adornada com palavras raras (treze das quais só são encontradas aqui no NT) e com

um estilo elaborado, para não dizer com grande eloqüência".[501]

a. A Apresentação de Festo (25.23-27). **Agripa** e **Berenice** vieram **com muito aparato** (23). A palavra grega é *phantasia,* que significa "exibição, aparência exibicionista, pompa".[502] Bruce comenta: o termo "*fantasia* ainda é usado no árabe da Palestina para referir-se a uma procissão".[503]

O casal real entrou **no auditório** — uma palavra grega equivalente à latina *auditorium,* lugar da audiência — **com os tribunos** — havia cinco *quiliarcos* ou tribunos (cf. 21.31) estacionados em Cesaréia, cada um deles encarregado de uma coorte — **e varões principais da cidade,** cuja maioria, se não a totalidade, seria de gentios.[604]

O contraste entre Agripa e Paulo é vividamente indicado no versículo 23. Poderiamos falar de "potentado e prisioneiro": 1. Agripa veio, Paulo foi trazido; 2. Agripa entrou com grande pompa, Paulo entrou acorrentado; 3. Agripa entrou acompanhado por Berenice, Paulo permanecia sozinho. Mas havia ainda outro aspecto: 1. Agripa era um escravo do pecado, ao passo que Paulo era um homem livre em Cristo; 2. Agripa estava acompanhado por uma mulher pecadora, ao passo que Paulo estava acompanhado pelo seu Senhor invisível; 3. O contraste seria ainda mais agudo no julgamento final.

Depois que Paulo tinha sido trazido, Festo apresentou-o à multidão. A respeito do prisioneiro, a frase **toda a multidão dos judeus** (24) — deve ser interpretada com o sentido político, oficial de "povo"[505] — **tem falado** — "tem feito pedidos" — ao governador, **tanto em Jerusalém como** em Cesaréia, **clamando que não convém que** Paulo **viva mais.** Eles estavam desesperados para conseguir a sua morte.

Mas quando Festo interrogou o prisioneiro, ele não achou **nenhuma coisa digna de morte** (25). Paulo tinha apelado para Augusto, e Festo tinha **determinado** — "decidido" — enviá-lo a Roma. Alexander comenta: "Foi porque Festo, embora convencido da sua inocência, ao invés de dar o julgamento a seu favor, com fraqueza e

irracionalmente pediu-lhe que se submetesse a um novo julgamento — perante outro tribunal, ainda mais preconceituoso... — que Paulo sentiu-se obrigado a obter a libertação de ambos, através de uma afirmação dos seus direitos civis".[506]

O dilema no qual Festo se encontrava era que, a respeito de Paulo, não tinha **coisa alguma certa** que escrevesse ao seu **senhor** (26). O título **meu senhor** era usado para o imperador, e aplicado a Nero (54—68 d.C.). Esse título tinha sido recusado por Augusto e Tibério, mas foi aceito por Calígula (37—41).[507] Deissman observa, a respeito do uso de **senhor** (*kyrios*) nos papiros e inscrições gregos, que na época de Nero "o número de exemplos de modo repentino cresce tremendamente".[508] Esta é uma evidência indireta da precisão do relato de Lucas aqui.

Como Festo não sabia o que escrever ao imperador, ele tinha trazido Paulo para ser **interrogado.** A palavra grega é *anakrisis.* Thayer assim a define: *"Uma investigação-,* como um termo legal entre os gregos, a investigação preliminar realizada com o objetivo de' reunir evidências para a informação dos juizes... parece ser o sentido da palavra em Atos 25.26".[509] Lumby diz: "Assim Festo utiliza o termo técnico no seu sentido adequado".[610] Por outro lado, Rackham escreve: "Esta investigação preliminar não era uma audiência legal, mas sim informal".[511] Esta parece ser a interpretação correta do caso. Aparentemente Paulo só poderia ser julgado perante César.

Festo sentiu a ironia da sua situação. Obviamente era **contra a razão enviar um preso** (27) sem indicar quaisquer acusações contra ele. O governador esperava que Agripa pudesse ser capaz de lhe esclarecer o assunto.

b. A Apologia de Paulo (26.1-23). Quando Agripa concedeu ao prisioneiro a permissão para se defender — lit., "falar em seu próprio nome" — Paulo estendeu **a mão** em saudação ao rei e **em sua defesa...** ou "fez a sua defesa". Este é o verbo *apologeomai,* relativo ao substantivo *apologia.*

(1) *Introdução* (26.2-3). O apóstolo começou, como sempre, com uma introdução cortês. Ao rei ele disse: **Tenho-me por venturoso** (2). **O** adjetivo é *makarios,* "bem-aventurado" (Mt 5.3-12). O verbo é *hegeomai,* que, no grego clássico, significava "considerar".[512] Moulton diz que o uso aqui é "um dos toques literários característicos do discurso perante Agripa".[513] Parece claro que Paulo tinha um elevado nível cultural. O prisioneiro se considerava bem-aventurado por ser capaz de **defender-se** (*apologeisthai*, o mesmo verbo do versículo anterior).

Paulo estava especialmente feliz porque Agripa tinha **conhecimento de todos os costumes e questões** — "disputas" ou "controvérsias" — **que há entre os judeus** (3)

Esta caracterização de Agripa encontra suporte documental em uma afirmação de Schuerer: "A tradição rabínica fala de questões pertinentes à lei que foram propostas por ministros de Agripa ou pelo próprio rei ao famoso escriba Rabi Elieser".[514] Schuerer ainda acrescenta: "O judaísmo era realmente um assunto de convicção de coração com Agripa, como tinha sido com o seu pai".[516]

(2) *A Exposição do Tema* (26.4-8). O primeiro ponto que Paulo mencionou foi que todos os judeus conheciam a sua vida pregressa **em Jerusalém** (4). Eles sabiam, embora não estivessem dispostos a reconhecê-lo, que ele tinha vivido como **fariseu** de acordo com **a mais severa** (mais rígida) **seita,** ou grupo (ver os comentários sobre 5.17) do judaísmo (5).

A seguir Paulo afirmou claramente o assunto. Ele não era culpado de profanar o Templo, nem de insurreição contra Roma. Ao invés disso, estava sendo... **julgado pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais (6). Servindo a Deus continuamente** (7) significa literalmente "adorando com zelo ou fervor". Em um sentido geral, a referência aqui é à esperança messiânica, como indicado pelo versículo 7. Mas o versículo 8 sugere que ela inclui a ressurreição. Knowling assim explica:
"Uma esperança não meramente da ressurreição dos mortos, mas do

Reino do Messias, com o qual está relacionada a ressurreição, pois o contexto aponta para a esperança nacional de Israel".[516] Alexander insiste em uma interpretação mais limitada, e escreve: "A esperança descrita neste versículo não pode ser aquela de uma ressurreição geral, que é somente parcialmente revelada no Antigo Testamento, e não era sustentada por todos os judeus desta época".[517] Ele prossegue: "A única esperança que corresponde a essa descrição, como antiga, nacional e ainda intensa, é a esperança no Messias, como prometido aos patriarcas, prognosticada na lei, predita pelos profetas e ainda ardentemente esperada pelo povo".[518] Mas parece que o versículo 8 exige que façamos a inclusão da ressurreição de Jesus como prova de que Ele realmente era o Messias e não um impostor.

Doze tribos (7) é uma única palavra em grego. Knowling comenta: "A expressão era cheia de esperança, e indicava uma reunião nacional sob o Messias".[519] Bruce adequadamente observa: "Paulo não sabe nada sobre a ficção das dez tribos 'perdidas'".[520] O prisioneiro expressa a sua surpresa de que, em nome da sua esperança,[521] sustentada pela comunidade de Israel, ele deva ser **acusado pelos judeus** — lit., "por judeus", entre todos!

O versículo 8 é literalmente: "Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?" No texto grego, "que" significa "se, Ele realmente o faz". Knowling diz que esta pergunta deve ser interpretada "em relação à grande verdade à qual todo o discurso tem a intenção de conduzir, o versículo 23, *i.e.,* que Jesus, embora crucificado, ressuscitou, que Ele neste momento era uma pessoa viva e que pela sua ressurreição tinha provado ser o Messias, o cumpridor da esperança de Israel".[522]

(3) *O Zeloso Fariseu* (26.9-11). **Eu** (9) é enfático em grego — lit., "eu verdadeiramente". Bruce exibe a força disto: "Embora eu fosse um fariseu, e desta forma, teoricamente, acreditasse na ressurreição dos mortos, ainda assim julguei-a inacreditável neste caso particular e julguei que fosse o meu dever opor-me a tal heresia".[523]

Paulo aqui descreve com mais detalhes do que em qualquer outra

passagem a sua campanha de perseguição contra os cristãos. Com a autorização dos sumos sacerdotes ele tinha aprisionado **muitos dos santos** (10). **Quando os matavam,** como no caso de Estevão, **eu dava contra eles o meu voto,** ou melhor, "atirava meu voto contra eles".[524] O substantivo grego significa literalmente "uma pedra pequena" ou "pedregulho", algumas vezes usado como um amuleto (ver Ap 2.17). Mas também era "usado nas votações, nos júris e em outros lugares, uma pedra negra para a condenação, e uma branca para a absolvição".[525]

A última frase do versículo 10 é freqüentemente interpretada indicando que Paulo era um membro do Sinédrio e, portanto, um homem casado. Mas Hackett observa que a palavra grega "significava também opinião, consentimento e acompanhava vários verbos, como *colocar* e *atirar,* significando pensar, julgar, sancionar, com uma alusão figurativa ao ato de votar".[526] Bruce escreve: "A frase pode ser usada oficialmente ou não... e não pode significar uma *prova* de que Paulo era um membro do Sinédrio".[527] Lenski vai ainda mais adiante: "O registro mostra tantos contatos de Paulo com o Sinédrio que, se ele tivesse sido um dos seus membros, este fato teria sido afirmado indubitavelmente".[528] A afirmação moderada de Bruce é provavelmente a melhor que se pode fazer.

Paulo prosseguiu dizendo que ele tinha castigado os cristãos... **por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar** (11). Mas o tempo imperfeito aqui quer dizer: "Eu tentava obrigá-los". Bruce acertadamente declara: "Ele não diz que teve sucesso em fazê-los blasfemar, como algumas versões implicam".[529]

Enfurecido demasiadamente contra os seguidores de Jesus, Saulo **até nas cidades** (lit., "de fora") **estranhas os** perseguia — a palavra grega também significa "procurava" (cf. Phillips, "caçava"). O significado aqui é "cidades estrangeiras".

(4) *O Cristão Convertido* (26.12-18). Esta é a terceira vez que a conversão de Paulo é descrita (cf. 9.1-9; 22.6-16). Este fato já é suficiente para provar a sua importância no livro de Atos. **Principais**

dos sacerdotes (12) significa ex-sacerdotes e filhos do sumo sacerdote.

O versículo 13 corresponde muito proximamente a 22.6, mas é um pouco mais vivido. Somente aqui (14) se afirma que os companheiros de Paulo, assim como ele, caíram no chão. Ali ele ouviu uma voz que lhe falava **em língua hebraica...** ou seja, no dialeto aramaico. **Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões** — ou aguilhada — era um provérbio comum no grego clássico, mas não foi encontrado em aramaico. A imagem é a de um boi teimoso dando coices contra o aguilhão, e desta maneira só conseguindo se machucar. O aguilhão do boi era uma vareta pontiaguda, ou um pedaço de madeira com uma extremidade metálica pontiaguda, com a qual um homem podia cutucar o seu boi para que andasse.

No seu valioso livro, *The Origin ofPauVs Religion,* Machen assume a posição de que não houve preparação psicológica para o momento dramático da conversão de Saulo. Ele sustenta especificamente que a referência às aguilhadas aqui não significa que o jovem fariseu estivesse plenamente consciente da sua luta contra Deus, ou que ele tivesse quaisquer dúvidas sobre a justiça dos seus atos ao perseguir os cristãos.[530]

A imagem verdadeira parece, na opinião deste autor, ter sido um pouco diferente. Saulo estava chutando os aguilhões de: 1. uma consciência humana decente, que todas as vezes deve ter-lhe dito que este cruel tratamento aos cristãos era errado; 2. as vidas devotas dos cristãos, que não deixariam de impressioná-lo; 3. o rosto de Estevão (6.15) e a sua oração pelo perdão dos seus perseguidores (7.54-60). E razoável acreditar que a memória desta cena o perseguiu durante toda a sua viagem até Damasco.

Para uma discussão complementar sobre a conversão de Saulo, ver os comentários sobre **9.1-9** e **22.6-16.** E significativo que Paulo sempre voltasse a este ponto como sendo o grande momento decisivo da sua vida, e a fonte da sua autoridade para falar como alguém que tinha sido "capturado" por Cristo. Esta também foi a fonte da sua inabalável convicção de que **Jesus (15)** era realmente o Messias, o

Filho de Deus.

Tão certo estava o jovem Saulo da sua convicção de que Jesus de Nazaré era um impostor, e de que os seus seguidores eram perigosos hereges, que ele tinha se dedicado incansavelmente à perseguição aos cristãos. Ele tinha sufocado todos os problemas de consciência e as lembranças de Estêvão como sendo ilusões do demônio, que estavam tentando desviá-lo da sua tarefa, atribuída por Deus, de preservar a fé no judaísmo, a verdadeira religião. Finalmente, foi necessário o clímax de uma crise de uma luz do céu e da voz audível de Jesus para mostrar a Saulo que ele estava equivocado. Quando ele realmente se convenceu (naquela experiência na estrada para Damasco) de que Jesus era o Cristo, ele o aceitou como seu Senhor e Salvador, e nunca mais se desviou dele. O apóstolo seguiu com tanto vigor e dedicação na sua propagação do cristianismo quanto tinha agido anteriormente na perseguição a este.

Em 13-19, podemos ver claramente indicadas algumas experiências básicas da "conversão cristã". 1. Cristo toma a iniciativa e envia um poder de convencimento (13); 2. Existe uma consciência de um encontro pessoal com Deus (14); 3. O desejo sincero de conhecer a vontade de Deus traz a segurança interior do objetivo da salvação — dada por Deus — para a vida de uma pessoa (15-18); 4. A obediência à vontade conhecida de Deus traz a vida de bênçãos (19). (A. F. Harper)

A seguir vem a comissão de Cristo para Paulo. Foi-lhe dito, **levanta-te e põe-te sobre teus pés** (16). Abrilhante luz do céu o derrubara, cego, no chão. Mas agora que ele estava humilde e ansioso por ouvir a voz do desprezado nazareno, foi-lhe dito que se levantasse. Existe uma hora para abaixar o rosto perante Cristo e receber as ordens que Ele tem para nós. Deus deseja servos humildes e submissos que serão, simultaneamente, corajosos e ousados para fazer a sua vontade.

Cristo disse a Paulo: **te apareci** com este único objetivo: **para te pôr por ministro** — ou "servo", lit., "sob o remo" **e testemunha** (*martyra*). A palavra **Livrando-te** (17) pode ser traduzida como "resgatando". Lake e Cadbury dizem: *"Exairoumenos* tem este significado em todo o trabalho de Lucas e normalmente na LXX, e

em textos gregos similares".[531] Deus prometeu resgatar o seu servo **deste povo e dos gentios.** Como eram adequadas estas palavras a Paulo exatamente agora! Novamente, Lake e Cadbury comentam: *"Laos* **[povo]** é uma expressão idiomática no sentido de 'os judeus' como *ta ethne[*lit., 'as nações'] o é para os gentios".[632]

A última frase do versículo 17 — **a quem agora te envio** — pode indicar que a missão de Paulo era dedicada, em particular, aos gentios,[533] embora Bengel opine (com base no v. 20) que o termo **quem** se refere tanto aos judeus quanto aos gentios.[534] Outros comentaristas concordam com ele.[635] Lechler ainda vai mais adiante, dizendo: "A missão de Paulo se refere, basicamente, a Israel *(ho laos,* v. 17); os gentios são mencionados somente em segundo lugar: é precisamente desta maneira que Paulo se expressa nas suas epístolas".[536] Esta opinião é corroborada por passagens como Romanos 1.16, como também pela prática regular do apóstolo de pregar em primeiro lugar aos judeus nas sinagogas, onde quer que estivesse.

Envio é o verbo *apostello,* um cognato do substantivo *apostolos.* Paulo foi o apóstolo de Cristo, tanto para os judeus quanto para os gentios. O seu ministério era o seguinte: **Para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim** (18). Bengel observa: "Nesta passagem, existe uma nobre descrição de todo o processo da conversão".[537] Mas também inclui a santificação.

O versículo 18 fornece um material excelente para um sermão textual: 1. A salvação abre os olhos espirituais daqueles que estiveram cegos pelo pecado; 2. A conversão é voltar-se da escuridão do pecado para a luz da presença de Deus; 3. A salvação traz a pessoa do poder (grego, "autoridade") de Satanás para a liberdade que Deus dá; 4. O perdão dos pecados vem para aqueles que se voltam de Satanás para Deus; 5. Aqueles que são perdoados podem receber uma herança entre os santificados.

Deve-se enfatizar que a santificação vem por meio da fé em Cristo e não das nossas próprias obras. Uma pessoa não se torna santificada lutando e debatendo-se, mas, sim, rendendo-se a Cristo. Portanto, é uma experiência instantânea. Quando alguém se rende completamente, será santificado completamente. John Wesley escreveu: "Eu creio que esta perfeição sempre ocorre na alma por meio de um simples ato de fé; conseqüen-temente, em um instante"; e acrescentou "mas eu creio em um trabalho gradual, tanto precedendo quanto seguindo este instante".[538]

Sorte entre os santificados é a mesma idéia de 20.32 (ali se fala em "herança"). No texto grego, uma palavra diferente é usada para **sorte.** Em 20.32 é *kleromonia,* que significa uma herança obtida pela sorte *(i.e.,* alguém lançando sortes). Mas aqui é simplesmente *kleros,* Esta palavra significava a "sorte" que era lançada, e depois passou a significar o que se obtinha lançando a sorte. A diferença entre estas duas palavras gregas é assim esclarecida por Lenski: "Uma herança espera por quem a vai possuir, uma parte é imediatamente dele".[539] A santificação completa pode ser a posse atual daqueles que irão aceitá-la pela fé.

Como o verbo *hagiazo* aparece no livro de Atos somente aqui e em 20.32[540] — e o substantivo grego para "santidade" ou "santificação" (*hagiasmos*, *hagiotes, hagiosyne*) não aparece — este seria um bom ponto para discutir o significado do verbo. Ele vem do adjetivo *hagios,* "sagrado", e assim significa *"tornar sagrado, consagrar, santificar...*

1. *dedicar, separar, colocar à parte para Deus... 2. purificar,* conformar em caráter a tal dedicação".[541]

Em seu artigo sobre *hagiazo* no monumental *Theological Dictionary of the New Testament,* Procksch diz: "O verbo *hagiazo* pertence quase que exclusivamente ao grego bíblico ou ao grego influenciado pela Bíblia".[542] Ele também declara: "A santificação não é uma ação moral por parte do homem, mas um estado efetivado divinamente".[543]

Cremer diz que *hagiazo* significa "Estabelecer uma relação com Deus

em resposta a sua santidade".[544] Ele também afirma que "santificar significa fazer de qualquer coisa um participante — cada qual segundo a sua medida — da santidade de Deus, da pureza de Deus, como reveladas no seu amor que elege".[545]

A forma exata de **santificados** nas duas passagens do livro de Atos é *hegiasmenois* (plural dativo do particípio perfeito passivo). Thayer escreve: "Em geral, os cristãos são chamados *hegiasmenoi,* como aqueles que, libertados da impureza dos pecados, foram trazidos para perto de Deus pela sua fé e santidade (At 20.32; 26.18)".[546]

No seu sentido mais amplo, o termo **santificados** inclui todos os cristãos como separados para Deus. Mas também é verdade que o termo tem um uso mais limitado e específico, aplicado àqueles que realizaram uma rendição completa das suas vontades à vontade de Deus, foram crucificados com Cristo (cf. Rm 6.6; G12.20), e foram cheios com o Espírito Santo (cf. 15.8-9).

O versículo 18 é uma das passagens mais significativas desta parte do livro de Atos. Laddescreve: "Este versículo, que é o resumo da mensagem de Paulo, é muito similar a Colossenses 1.12-14".[547]

Em 26.13-18, vemos "O Propósito de Deus para Paulo". 1. Era ativo (16a); 2. Era progressivo (166); 3. Era eficaz (17-18). (G. B. Williamson)

(5) *O Cristão Consagrado* (26.19-23). O versículo 19 é uma das grandes declarações de consagração obediente: **Não fui** (lit., "não fiquei") **desobediente à visão celestial.** Apesar dos perigos e dificuldades óbvios que ele teve de enfrentar para realizar essa tarefa, Paulo nunca esmoreceu em sua fiel obediência à visão e ao chamado que Deus lhe fez.

O jovem Saulo começou o seu ministério exatamente na cidade onde (ou em cuja proximidade) recebeu a sua conversão e o seu chamado. Ele pregou em **Damasco (20),** principalmente aos judeus **(9.19-22),** e a seguir em **Jerusalém,** onde entrou em conflito com os helenistas **(9.26-29).**

Em seu discurso diante de Agripa, Paulo diz que ele também pregou **por toda a terra** — grego, "região" — **da Judéia.** Não existe uma menção específica a isto no capítulo 9 do livro de Atos, embora a afirmação "as igrejas em toda a Judéia... tinham paz" (9.31) pareça implicar isso. Mas o verdadeiro problema está em Gálatas 1.22. Ali o apóstolo diz que, quando deixou Jerusalém em direção à Síria e à Cilícia, ele "não era conhecido de vista das igrejas da Judéia, que estavam em Cristo".

Como resolver esta aparente contradição? A respeito de 26.20, Alexander diz: "Se isto está relacionado com o começo do seu ministério, não estaria de acordo com a sua afirmáçáo em Gálatas 1.22. Mas aqui ele reúne todo o seu ministério entre os judeus, antes de seguir a outra parte significativa da sua comissão às nações, ou seja, às outras nações; os gentios".[648] Hervey destaca o fato de que Paulo teria tido a oportunidade de pregar largamente na Judéia na assim chamada "visita da fome" (11.27-30) e no seu caminho para o Concilio de Jerusalém (15.1-3). Ele acrescenta: "Assim, aqui não existe nenhuma contradição entre a afirmação deste versículo e aquela de Gálatas 1.22".[549]

Primeiramente aos judeus, e depois aos gentios, Paulo **anunciou**— lit., "estava anunciando" ou "declarando" — **que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento.** Charles Kingsley Williams traduz desta maneira: "Levei a minha mensagem de que eles deveríam se arrepender e se voltar a Deus, e viver de uma maneira que correspondesse a tal arrependimento". Estas três ênfases na mensagem de Paulo poderíam ser, perfeitamente, usadas como três pontos principais de um sermão. Sobre o significado de **emendar,** ver os comentários sobre Mateus 3.2 (BBC, VI, 42-43). No texto grego, **arrependimento** leva o artigo definido. Significa "aquele arrependimento", ou "tal arrependimento" (Williams). **Dignas** significa "de acordo com" ou "digno(a) de".

Foi **por causa disto** (21) — de dizer tanto aos judeus quanto aos gentios que eles precisavam se arrepender — que os judeus tinham

cercado Paulo no Templo e tentado matá-lo. Mas ele tinha alcançado **socorro de Deus** (22). A palavra grega para **socorro** sugere a idéia de "ajuda" ou "assistência" dada por uma pessoa aliada.[650] Com Deus ao seu lado, ele tinha sido capaz de permanecer (gr.) — **até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes** — como ao rei Agripa. Ele esteve **dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer.** Paulo sempre insistiu que nada do que disse era contrário às Escrituras judaicas (o nosso AT), e assim deveria ter a aceitação dos judeus. O seu Evangelho era, simplesmente, o cumprimento das profecias do Antigo Testamento. **Os profetas e Moisés** — ou, mais usualmente, "Moisés e os profetas" (cf. Lc 24.27; Jo 1.45) — era uma expressão usada pelos judeus para representar todo o Antigo Testamento.

Um interessante paralelo moderno para a posição de Paulo aqui é o caso de John Wesley. Quando acusado de pregar uma doutrina nova e estranha, ele sustentou enfaticamente que não estava ensinando nada contrário aos 39 artigos da Igreja da Inglaterra.[561] Quando desafiado pelo Bispo Gibson de Londres quanto ao que queria dizer com perfeição, Wesley lhe disse exatamente o que pregava. A resposta do bispo foi: "Sr. Wesley, se isto é tudo o que o senhor quer dizer, publique para todo o mundo".[552]

O que Moisés e os profetas disseram que deveria acontecer? A resposta de Paulo mostra o centro da sua mensagem do Evangelho: **Que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo —**

aos judeus (cf. 17) — **e aos gentios** (23). Particularmente na pregação aos judeus, a principal ênfase de Paulo era que o Antigo Testamento ensina sobre um Messias sofredor e ressuscitado (cf. 17.13).

c. *Reação e Resposta* (26.24-29). Para Festo, um romano, toda esta conversa sobre os sofrimentos e a ressurreição do Messias parecia um pouco sem sentido (cf. 17.32). Subitamente, ele interrompeu o orador. **Em alta voz** ele disse: **Estás louco, Paulo!** — "estás delirando"

(Goodspeed) — **As muitas letras te fazem delirar!** (24) — lit., "estão levando [você] à loucura". Este substantivo vem do verbo traduzido como "estás fora de si". O significado talvez seja mais bem traduzido por Charles B. Williams: "Você está ficando louco, Paulo! Os seus grandes conhecimentos estão levando-o à loucura".

A relação entre os dois significados para "louco" aparecem no verbo grego aqui. *Mainomai* primeiramente significava "irar-se, ficar furioso" e mais tarde "delirar, enlouquecer".[653] A linha divisória entre "irar-se" e "delirar' é, às vezes, difícil de delimitar.

Sobre este versículo, Lake e Cadbury comentam: "Paulo tinha estado falando com Agripa como um judeu conversando com outro, e naturalmente o romano Festo pensou que alguém que tivesse estas expectativas escatológicas deveria estar louco... muitas pessoas eruditas têm a mesma opinião sobre a escatologia hoje, mas a história está contrária a estas e a Festo... Além disso [a esperança escatológica], era essencial no cristianismo de Paulo, como no cristianismo de Jesus".[554]

De forma cortês, porém firme, Paulo respondeu: **Não deliro, ó potentíssimo Festo! Antes, digo palavras de verdade e de um são juízo** (25). Então, em uma transição do rude e ignorante Festo para o bem informado Agripa, Paulo prosseguiu: **Porque o rei, diante de quem falo com ousadia** (26) — ou "ousadamente"[555] — **sabe estas coisas.** Em outras palavras, "ele me ouvirá, mesmo que você não me ouça; ele sabe do que estou falando" — **porque isto não se fez em qualquer canto,** mas abertamente.

Então Paulo voltou-se para aquele diante de quem lhe tinha sido pedido que se defendesse. Dirigindo-se a ele com simplicidade, mas diretamente, ele perguntou: **Crês tu nos profetas, ó rei Agripa?** (27) Quando o rei hesitou em responder, o prisioneiro respondeu por ele: **bem sei que crês.** Provavelmente isto significa que Agripa dava consentimento mental à verdade das Sagradas Escrituras, uma vez que ele tinha um pouco de sangue judeu nas suas veias.

A única resposta do rei foi: **Por pouco me queres persuadir a que**

me faça cristão! (28) Este tem sido o texto de centenas de sermões, e também a base do tão conhecido convite do hino "Quase persuadido". Mas o significado exato das palavras tem sido assunto de uma discussão interminável. Agripa estava sendo sério ou sarcástico? Se tivéssemos ouvido o seu tom de voz, e visto a expressão do seu rosto, provavelmente teríamos a resposta. Como isto não é possível, somente podemos examinar cuidadosamente o texto à luz do seu contexto.

Um problema é o fato de que o texto grego parece um pouco ambíguo. Literalmente, é: "Falta pouco para que você me convença a ser [ou 'fazer de mim'] um cristão". Depois de consideráveis discussões, Alexander conclui: "A idéia, então, é: 'você me convenceu um pouco (ou até certo ponto) a tornar-me um cristão', *i.e.,* eu começo a sentir a força dos seus argumentos persuasivos, e se continuar lhe ouvindo não sei qual poderá ser o resultado".[666] Brown dá uma interpretação similar.[567]

Mas esta não é a opinião da maioria dos comentaristas da atualidade. Alford coloca o caso corretamente quando diz: "A maioria dos comentaristas antigos... assume as palavras como implicando algum efeito na mente de Agripa, e faladas com fervor: mas acho que isto pouco possível, filológica ou exegeticamente".[568] Hackett escreve: "Agripa parece ter se comovido pelo modo fervoroso do apóstolo, mas tenta esconder esta sua emoção por trás de um gracejo".[569] Lechler diz: "E verdadeiramente possível que por, um momento, uma impressão séria tenha sido causada no rei, mas ele imediatamente responde em termos irônicos.[580] Lumby comenta: "'Com pouco esforço' ou 'em pouco tempo' ('por pouco'), implica que o rei desprezava a tentativa que estava sendo feita de convencê-lo, e zombava da linguagem de Paulo, que assumiu tão prontamente e com tanta certeza que Agripa estivesse de acordo com ele".[661] Também pode ser que Agripa estivesse embaraçado pela presença de gentios importantes, quando Paulo lhe fez o apelo judeu. Maclaren escreve: "As suas palavras irônicas não são uma confissão de ter sido 'quase persuadido', mas um sarcasmo".[562]

Poderiamos citar muitas outras opiniões semelhantes, mas estas serão suficientes. Lenski apresenta uma posição de certa maneira intermediária, que pode ter algum valor. Ele rejeita a tradução "por pouco" como sendo impossível. Mas não acredita que Agripa tenha falado ironicamente ou com desprezo. A sua conclusão é a seguinte: "Agripa imagina que seja capaz de enxergar por trás do plano de Paulo, e com um ar de superioridade que deseja impressionar o público, ele permite que Paulo saiba que ele está vendo o que existe por trás do seu plano de operação".[563] Em outras palavras, o rei não estava falando sarcasticamente, mas estava rejeitando firmemente a abordagem evangelística do apóstolo.

Naturalmente, não há dúvida do sincero fervor contido na resposta de Paulo (29). **Prouvera a Deus,** ou "eu oraria" é o "uso clássico do optativo para expressar uma afirmação suavizada, o optativo 'potencial'".[564] Bruce acrescenta: "Toda a sentença é expressa de maneira muito elegante".[666] Paulo possuía a educação e a cultura para usar o melhor grego, e certamente usou-o neste tipo de audiência.

Por pouco ou por muito pode significar "'com poucas palavras ou com muitas', 'com facilidade ou com dificuldade'".[666] No texto grego, esta frase dupla é colocada antes de **não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo,** e esta deve ser a ordem na tradução. O sentido da tradução é: "Peço a Deus que, quer seja em um período curto quer longo [margem, 'com pouco ou com muito'], não apenas você, mas também todos os que me ouvem hoje, possam tornar-se como hoje sou, exceto por estas correntes" (NASB, cf. ASV). Com relação a esta última frase, Maclaren faz esta pertinente pergunta: "Festo estremeceu com a menção às cadeias, que não deveríam estar nos seus pulsos?"[567]

d. A Justificação de Paulo **(26.30-32).** Agripa não tinha o desejo de prolongar uma situação que estava se tornando desagradável para ele. Assim, ele **se levantou (30).** Lenski escreve: "Agripa tinha sentido o toque de Paulo em seu coração, e escapou deste estranho e inesperado poder. Era a sua hora de graça, mas ele preferiu retirar-se

e deixar a salvação para trás de si".[668]

O grupo se levantou e saiu, seguindo uma ordem hierárquica. Em primeiro lugar **o rei,** depois **o governador,** então **Berenice** e então os demais. Era uma ocasião de estado e o protocolo deveria ser observado.

Na consulta que se seguiu, todos concordaram que Paulo era inocente de qualquer crime **(31).** Finalmente, Agripa deu o veredicto de absolvição: **Bem podia soltar-se este homem, se não honvera apelado para César (32).** Paulo estava plenamente justificado. Na verdade, Festo foi julgado culpado, porque tinha se recusado a libertar um prisioneiro que sabia ser inocente. Perante o julgamento da sua própria consciência, como também perante a audiência daquele dia, ele permaneceu condenado pelo seu crime.

K. A Viagem a Roma, 27.1—28.16.

Os dois últimos capítulos do livro de Atos estão repletos de termos náuticos, muitos dos quais não são encontrados em nenhuma outra passagem. Em seu livro, *Luke the Historian in the Light of Research,*[569] A. T. Robertson dedica um capítulo inteiro aos "termos náuticos encontrados no capítulo 27 do livro de Atos". James Smith, um notável iatista escocês e uma autoridade em navios antigos, interessou-se pelo assunto. Ele comparou cuidadosamente a narrativa de Lucas com o seu amplo conhecimento do Mediterrâneo —passou o inverno de 1844—45 em Malta — e escreveu um livro sobre a viagem de Paulo. Ele diz: "Lucas, pelo seu uso preciso de termos náuticos, dá grande exatidão a esta linguagem, e expressa em uma única palavra, o que normalmente exigiría diversas".[5™]

Foakes-Jackson caracteriza este relato da viagem de Paulo como "entre as mais belas peças de escrita descritiva do Novo Testamento".[571] Macgregor a chama de "Aparte mais dramática do texto de todo o livro".[572]

1. *De Cesaréia a Malta* (27.1-44)

O grupo partiu de Cesaréia com a intenção de ir diretamente a Roma. Mas uma severa tempestade impediu-os de fazê-lo, e assim passaram o inverno na ilha de Malta.

a. De Cesaréia a Creta (27.1-8). A expressão **Como se determinou** [ou como se "decidiu"] **que havíamos de navegar para a Itália** — traz Lucas de volta ao cenário. A última menção a "nós" foi feita em 21.18, quando Paulo e seus companheiros chegaram a Jerusalém. O que Lucas esteve fazendo nos dois anos intermediários, enquanto Paulo era prisioneiro em Cesaréia? A resposta é que ele provavelmente esteve coletando informações para escrever o seu Evangelho. Pode ser que nesta época, tivesse tido um encontro com a idosa mãe de Jesus, o único ser humano que podería lhe fornecer algumas das informações encontradas nos dois primeiros capítulos do

Evangelho de Lucas.

Sempre se observa que a narrativa do livro de Atos é mais vivida e detalhada quando Lucas está incluído. Isto certamente é verdade a respeito deste capítulo, que só podería ter sido escrito por uma testemunha ocular.

Navegar — lit., "partir em barco" — é o primeiro termo náutico encontrado neste relato da viagem. A palavra grega só aparece no livro de Atos (cf. 13.4; 14.26; 20.15).

O termo Eles, subentendido em algumas versões, é uma referência indefinida a Festo e aos seus soldados — **entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião por nome Júlio.** Como um cidadão romano que tinha apelado a César, Paulo tinha uma condição especial. "Com toda a probabilidade, os demais tinham sido condenados à morte, e estavam indo atender à perpétua demanda de Roma, que exigia das províncias vítimas humanas para divertir o populacho através de sua morte na arena".[573]

Júlio era **um centurião da Coorte Augusta.** Esta expressão criou uma discussão considerável. Em um artigo intitulado "The Roman Army" [O exército romanol, T. R. S. Broughton identifica-o como "um auxiliar Sírio da Coorte Augusta"[574] que estava estacionada na Palestina no século I. Diversos comentaristas sugeriram que a referência é a um serviço especial (*frumentarii*), subordinado diretamente ao imperador. Com respeito a esta questão, Blaiklock escreve: "Os *frumentarii,* ou agentes especiais do imperador enviados ao estrangeiro em tarefas de inspeção, parecem ter sido uma invenção posterior; mas a informação está longe de ser completa, e aqueles que interpretam a *Coorte Augusta* como um grupo de tropas destacado das formações regulares para alguns serviços especiais podem estar corretos".[575] Esta é a melhor conclusão a que se pode chegar. Como diz Broughton, "a questão deve ser deixada em aberto".[576]

Embarcando (2) — lit., "tendo embarcado" — **nós em um navio adramitino —** em um porto na costa oeste da Ásia Menor, ao sul de Trôade (ver o mapa 3) — **partimos navegando** ou "navegamos".

Este é outro termo náutico, encontrado seis vezes na narrativa desta viagem a Roma (27.2,4,12,21; 28.10-11), e significa "lançar ao mar" (cf. 13.13).

Estando conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica. Como pode ser explicado que Aristarco e Lucas tivessem permissão de acompanhar um prisioneiro imperial? Moe sugere: "O governador deve ter dado a Lucas e a Aristarco uma permissão especial para acompanhar a viagem, e isto provavelmente com base em que eles deveríam estar ali como servos do apóstolo".[577] A expressão **conosco,** no entanto, parece sugerir uma condição diferente para Lucas. Será que ele estaria atendendo Paulo como seu médico pessoal, como parece ter feito mais tarde, na última vez que o apóstolo foi preso? (2 Tm 4.11 — "só Lucas está comigo"). **Aristarco** parece ter sido um dos amigos particularmente fiéis que Paulo teve (cf. 20.4) e estava com o apóstolo durante a sua primeira prisão em Roma (Cl 4.10; Fm 24).

No dia seguinte à sua partida de Cesaréia, eles chegaram **a Sidom** (3). Este verbo (.*katago)* significa literalmente "ser trazido". Somente Lucas o usa como um termo náutico, com o sentido de "ser trazido à terra" (cf. 28.12; Lc 5.11). Assim, uma boa tradução seria "atingir" (a maioria das versões recentes) ou "chegar à terra" (Berk.). Sidom ficava a aproximadamente 112 quilômetros ao norte de Cesaréia. Os fortes ventos oeste daquela estação do ano tinham impulsionado o grupo com boa velocidade.

Júlio, tratando — ou "tratou" — **Paulo humanamente.** Em nenhuma outra passagem do Novo Testamento, o verbo grego tem este sentido, mas o significado ficou claro nos papiros daquela época.[578] **Humanamente** é um advérbio, *philanthropos,* que significa "com gentileza", "de forma humana". E surpreendente observar que todos os centuriões romanos mencionados no Novo Testamento sejam apresentados sob uma luz favorável (cf. Mt 8.5-13; 27.54; At 10.1-4). Assim, aqui Júlio tratou Paulo com gentileza e **lhe permitiu ir** visitar os seus **amigos** na cidade, **para que cuidassem dele** — lit., "para obter cuidados". Aparentemente, o navio ficou no porto por um ou dois dias carregando ou descarregando.

E **partindo** (4) — "indo ao mar" — em Sidom, o navio navegou abaixo — a sotavento **— de Chipre,** ou seja, para o leste e o norte daquela ilha, entre ela e a terra firme. Arota mais curta podería ter sido para o oeste, pelo mar aberto (ver o mapa 3). Barclay comenta: "O vento dominante daquela época do ano era o vento oeste e eles somente poderíam chegar a Mirra deslizando sob Chipre, e então seguindo uma rota em zigue-zague até à costa".[579] Isto é o que é chamado de "manobrar" contra o vento. Eles adotaram este procedimento **porque os ventos eram contrários.**

Eles atravessaram **o mar** (5) — lit., "navegaram através do mar", lit., "das profundezas" — da **Cilícia e Panfília.** Assim, eles seguiam rumo oeste, contra o vento. O texto ocidental (ver a Introdução) diz que eles navegaram "por quinze dias", o que pode ter de fato ocorrido.[680] Finalmente, chegaram a **Mirra, na Lícia.** (ver o mapa 3).

Achando ali o centurião um navio de Alexandria, que navegava para a Itália (6). Uma olhada no mapa mostrará que para um navio seguir da Alexandria (Egito) até a Itália, pelo caminho de Mirra significava viajar por dois lados de um triângulo (viajando para o norte e depois para o oeste). Arota direta seria seguir pela hipotenusa, quase a noroeste para a Itália. Em seu excelente artigo "Roads and Travei [inNT]", Sir William Ramsay descreve assim a situação:

A viagem de Alexandria a Roma era um percurso muito mais difícil e tedioso do que a de Roma a Alexandria, devido à ocorrência predominante de ventos oeste no Mediterrâneo durante o verão. Os navios tinham de socorrer-se mutuamente devido às incertas brisas da costa. Era inseguro manter um curso muito ao sul devido aos grandes bancos de areia movediça, Sirte, das costas africanas. Mesmo que os ventos permitissem, os navios não poderíam se aventurar de Alexandria em um curso que os deixasse próximos à costa de Cirene, para que o vento não pudesse desviá-los do norte e levá-los ao sul (At 27.17). Eles eram obrigados a adotar um curso norte, tentando ir tanto para o oeste, tanto quanto o vento permitisse. Assim poderíam chegar à costa da Lícia... mas seria considerado como

absolutamente certo que eles nunca deveríam tentar cruzar o mar da costa egípcia diretamente para a Itália ou Sicília.[581]

Agora o quadro fica claro. Como os ventos dominantes eram do oeste, era impossível navegar diretamente para a Itália. Os navios deviam ir para o norte, tentando ir tanto para o oeste quanto possível. Algumas vezes, eles viam a extremidade oeste de Chipre. Mas os ventos fortes do oeste fizeram com que fosse necessário que o navio de Paulo navegasse a sotavento de Chipre e manobrando contra o vento na costa da Ásia Menor para Mirra. A seguir o navio seguiría para oeste, para Creta, fazendo uso dos ventos norte da costa que pudessem estar soprando.

O **navio de Alexandria** seria carregado com trigo. Winn observa: "Os cereais egípcios eram a matéria prima da dieta de Roma, e o seu transporte ininterrupto era tão importante para a vida da cidade que o próprio governo possuía e operava uma frota de navios de grãos".[582]

O centurião colocou seus prisioneiros a bordo do navio de Alexandria. A mudança de embarcação ocorreu porque a primeira iria em breve seguir para o norte, em direção ao seu porto de Adraimtio, enquanto o centurião e os seus prisioneiros tinham de continuar para o oeste. Mas os ventos contrários ainda impediam o seu progresso — eles navegavam vagarosamente (7). Esta é uma única palavra em grego, encontrada somente aqui no Novo Testamento. James Smith lista sete compostos de *pleo* que são usados somente por Lucas em um sentido náutico.[583] Depois de navegar vagarosamente por **muitos dias,** manobrando contra o vento oeste, **...havendo chegado apenas defronte de Cnido** — ou "com dificuldade chegaram a Cnido" (NASB). Eles tinham chegado a uma distância de cerca de duzentos quilômetros de Mirra. **Cnido** (ver o mapa 3) ficava no canto sudoeste da Ásia Menor, e formava a linha divisória entre as costas oeste e sul.

Até este ponto, o navio estaria consideravelmente protegido dos ventos noroeste. Mas quando ele passou por Cnido e seguiu para o mar aberto, sofreu todo o seu impacto. Isto fica sugerido pela

expressão **não nos permitindo o vento ir mais adiante** (trad. literal). Esta sentença se relaciona com a posterior, e não com a anterior. O significado deste versículo é: "E quando tínhamos navegado vagarosamente durante muitos dias, e com dificuldade chegamos a Cnido, uma vez que o vento não nos permitia ir mais adiante, navegamos abaixo de Creta, junto de Salmona" (NASB). O caminho mais curto para a Itália está ao norte de Creta (ver o mapa 3), mas aparentemente um vento noroeste obrigou este navio a navegar para o leste, para o sul de Creta. Smith fornece uma documentação adequada para a afirmação de que "este é precisamente o vento que pode ter sido esperado naqueles mares perto do final do verão".[684] Com um vento noroeste soprando fortemente, o "único curso do navio seria passar a sotavento de Creta, em direção a Salmona... que é a extremidade oriental daquela ilha".[685]

E a narrativa prossegue: **E, costeando-a dificilmente** — "com dificuldade", **chegamos a um lugar chamado Bons Portos** (8). Arndt e Gingrich dizem que a palavra grega **costeando** é um termo técnico náutico que significa "navegar margeando a costa".[586] Esta é a tradução na versão NASB. Uma vez que o significado de "passar margeando a costa" (RSV, Phillips) é o de conservar-se próximo à costa por razões de segurança, a versão NEB apresenta a expressão "abraçando a costa".

A respeito deste porto aqui mencionado, Smith escreve: "Bons Portos é o último porto antes de chegar a Cabo Matala, o porto mais distante a que um navio antigo podería chegar com os ventos noroeste".[587] Assim, eles foram quase forçados a se instalar ali.

. Embora **Bons Portos** "não seja mencionado por nenhum escritor antigo",[588] existe uma baía na costa sul de Creta que ainda leva um nome quase exatamente igual à expressão grega utilizada aqui. As ruínas de **Laséia,** a cerca de onze quilômetros a leste de Bons Portos, foram identificadas com razoável segurança em 1856.

b. Uma Decisão Perigosa **(27.9-12). O** navio permaneceu em Bons Portos por **muito tempo (9).** Hackett interpreta a expressão: "A esta

altura muito tempo tinha sido perdido" (NEB) como incluindo "desde o embarque em Cesaréia".[689] Ele escreve: "Ao sair da Palestina, eles esperavam chegar à Itália antes da chegada da estação das chuvas, e teriam cumprido o seu objetivo, não fosse pelos atrasos imprevistos".[690] Entretanto, Knowling diz: "não a partir do início da viagem... mas desde que eles permaneceram à mercê do clima".[591] Este é também o ponto de vista de Ramsay.[592] Concordando com James Smith, ele afirma que um navio não podería passar em segurança por Cabo Matala, a quase dez quilômetros a oeste de Bons Portos, enquanto soprasse o vento noroeste.

Devido ao atraso, era **já perigosa a navegação, pois também o jejum já tinha passado.** A referência aqui é ao grande Dia da Expiação anual, o único jejum prescrito na lei Mosaica (Lv 16.29-31). Como os judeus utilizavam um calendário lunar, e não solar, a data desta festa anual tem lugar em setembro ou outubro. Em 59 d.C., a data defendida por Ramsay para esta viagem, a festa ocorreu aproximadamente no dia 5 de outubro. Em 58 d.C., o Dia da Expiação foi aproximadamente quinze de setembro.[593] A respeito das condições para a navegação nesta época do ano, Ramsay escreve: "A estação perigosa para a navegação durava de 14 de setembro a 11 de novembro, quando toda a navegação em mar aberto era interrompida",[694] e continua: "O navio chegou a Bons Portos no final de setembro, e ali ficou detido por uma série de ventos desfavoráveis até depois de 5 de outubro".[595] Ele opina que a viagem original começou em Cesaréia aproximadamente em 17 de agosto.[596] Isto está de acordo com a observação de Hackett de que, naquela época (por volta de 1850), a estação náutica ativa em Alexandria começava perto do primeiro dia de agosto. Ele escreve: "A cheia do Nilo está tão avançada nesta época que a produção do interior pode ser trazida até aquela cidade, onde é embarcada imediatamente e enviada para diferentes partes da Europa".[597]

Sobre a data da viagem de Paulo a Roma, este autor sempre preferiu a conclusão de C. H. Turner, no seu monumental artigo intitulado "Chronology of the New Testament", no *Dictionary ofthe Bible,* de Hastings — de que Paulo chegou em Roma na primavera de 59 d.C. e,

portanto, teria deixado Cesaréia em 58 d.C.[598] Esta é a opinião de Moe, no seu elucidativo trabalho sobre a vida de Paulo.[599]

G. Ogg, em seu artigo "Chronology ofthe New Testament", fixa a partida de Paulo de Cesaréia em 61 d.C., e a sua primeira prisão em Roma em 62—64.[600] Mas isto, de qualquer maneira, seria muito tarde. A maioria dos estudiosos americanos do Novo Testamento na atualidade fixa os dois anos de Paulo na prisão em Roma em 59 a 61, ou 60—62 d.C.

Favorável a 60—62 d.C. está G. B. Caird, no seu artigo "Chronology of the New Testament", em *The Interpreters Dictionary ofthe Bible.*™*1* Ele fixa o julgamento de Paulo diante de Festo em 59 d.C., e a sua chegada a Roma no ano 60. F. F. Bruce defende fortemente o ano 59 d.C. como sendo a época da viagem de Cesaréia a Malta (com a chegada de Paulo a Roma no ano 60). Ele afirma que a distância até a ilha de Cauda (16) era de apenas cerca de 80 a 96 quilômetros, e outros catorze dias os levaram até Malta (27), onde passaram três meses. E conclui: "Os mares estavam proibidos pelo menos até o começo de fevereiro... os três meses passados em Malta, portanto, devem ter sido (aproximadamente) novembro, dezembro e janeiro; eles devem ter deixado Bons Portos não muito tempo antes da metade de outubro, e este cálculo está coerente com a data do jejum em 59 d.C. (5 de outubro), mas não em algum dos anos vizinhos entre 57 e 62, quando o jejum ocorreu mais cedo".[602]

Bruce pode ter razão. Cadbury acrescentou um item que apóia esta data em seu recente trabalho, *The Book ofActs in History*. Depois de observar que "uma nova cunhagem de moedas judaicas teve início no quinto ano do governo de Nero, que se deu antes de outubro de 59 d.C.", ele pergunta: "Não é provável que isto se devesse à chegada de um novo procurador?"[603] Caso isto seja assim, 59 d.C. é o ano da ascensão de Festo, e a época em que Paulo partiu para Roma. O melhor que podemos fazer é fixar 58 ou 59 como a data dos capítulos 25 e 27 do livro de Atos, e 59—61 ou 60—62 para os dois anos de prisão de Paulo em Roma (28.30).

Paulo **os admoestava** (9). Mas a quem? Alexander comenta: *"Paulo admoestava* (ou *exortava*) é um verbo grego usado somente neste capítulo (ver os comentários sobre o v. 22), mas originalmente significava elogiar, e mais tarde recomendar, aconselhar, especialmente em público, como um orador das assembléias gregas".[604] Ele acrescenta: "Portanto, é provável que esta exortação fosse dirigida a todo o grupo e não meramente aos chefes e oficiais".[605]

Paulo advertiu: **A navegação há de ser incômoda e com muito dano, não só para o navio e a carga, mas também para a nossa vida** (10). Mais tarde, o apóstolo recebeu uma revelação divina de que não seria perdida nenhuma vida (24), e assim aconteceu. Isto sugere que o termo **vejo,** neste versículo, refere-se a uma intuição ou observação humana, e não a uma inspiração divina.

Infelizmente, ao invés de aceitar o conselho de Paulo, **o centurião cria mais no piloto e no mestre (11).** A palavra grega para **piloto** significa "timoneiro", conforme confirmado por escritores desde Homero e a Septuaginta até inscrições e papiros contemporâneos, juntamente com Filo e Josefo.[606] A tradução de **mestre** como "proprietário do navio" (somente aqui no NT) é confirmada por Arndt e Gingrich, que, entretanto, acrescentam: "Mas também significa *capitão,* uma vez que o mestre de um navio em serviço era chamado *naukleros",*[mi] Ramsay acredita fortemente que "capitão", e não "proprietário", é a tradução correta aqui, uma vez que "o navio pertencia à frota da Alexandria no serviço Imperial".[608] Ele também afirma que "o centurião... é representado como sendo o superior, o que implica que o barco era um barco do governo, e o centurião tinha o posto mais alto a bordo".[609]

Bons Portos não era um lugar **cômodo** (12) — lit., "não bem situado" ou "não adequado" (NASB) — **para invernar.** Bruce comenta: **"E** protegido por pequenas ilhas, mas não um bom porto para o inverno, porque tem uma abertura de quase 180 graus".[610]

Assim, **os mais deles** — ou "a maioria" — **foram de parecer** que se deixasse este lugar inadequado e se tentasse chegar a **Fenice** (Fênix), 64 quilômetros a oeste. Lake e Cadbury observam que "de maneira diferente de outros nomes de lugares nesta seção, Fênix é mencionada

por geógrafos antigos e sem muita variação de grafia".[611]

O porto de Fênix **olha para a banda do vento da África e do Coro.** Talvez nenhuma expressão no livro de Atos tenha um significado tão incerto. O texto grego significa literalmente "olhando para o vento sudoeste e para o noroeste". Um exame das versões irá destacar a confusão em que os tradutores se encontram. Contrariamente à versão KJV, a ASV, a RSV e a NASB apresentam "olhando (ou de frente para) o nordeste e o sudeste". Mas as duas últimas têm o comentário à margem "ou *sudoeste e noroeste",* que é a leitura das versões Phillips e NEB. Obviamente, ambas não podem estar corretas. Qual é a certa?

Os dois substantivos em grego são *lips* e *choros.* Em um artigo intitulado "The Winds" [os ventos], Lake e Cadbury escrevem: "Na LXX, *lips* geralmente significa sul, mas nos papiros — que são mais importantes para os nossos objetivos — essa palavra invariavelmente significa oeste".[612] Sobre *choros,* eles dizem: "Esta palavra não parece ser encontrada em nenhum lugar no texto grego".[613] E um latinismo. Depois de citar uma passagem de Plínio (em latim), concluem: "Assim, em Atos 27.12, *kata liba* significa oeste com uma tendência de apontar ao sul, e *kata choron* deve significar oeste com uma tendência ao norte".[614] Isto estaria de acordo com as versões KJV e NEB, a favor de um porto que estivesse de frente para o oeste. Eles também fazem uma interessante observação sobre a linguagem aqui utilizada: "A combinação de palavras gregas e latinas na descrição que Lucas faz da tempestade e do porto de Fênix sugere a possibilidade de que ele estivesse influenciado pelo linguajar misturado dos marinheiros, em parte de Alexandria e em parte italianos".[616] Os primeiros falavam grego, os últimos, latim. Isto pode explicar a estranha expressão dupla (uma palavra em grego, outra em latim) usada aqui para descrever o porto de Fênix.

Diante de todas estas evidências, pode surgir a pergunta sobre como as versões ASV, RSV e NASB vieram a adotar uma tradução que apresenta o porto de frente para o leste. A resposta está na interpretação que James Smith faz desta passagem. Ele assume que a

preposição *kata* significa "na mesma direção que", e prossegue: "Se eu estou correto, *bleponta kata liba* não significa, como em geral se supõe, que está aberto para o ponto *de* onde sopra aquele vento (*Libs*), mas para o ponto para onde ele sopra — *i.e.,* não está aberto para o sudoeste, mas para o nordeste".[616]

Na localização que se aceita para Fênix, existe um promontório que se projeta a uma distância considerável da costa. No lado leste, está o porto de Lutro, que Smith identifica como sendo Fênix. No lado oeste está Phineka. A similaridade deste nome moderno com Fênix, assim como o significado mais natural das palavras gregas, parecer favorecer a identificação com Phineka, que tem o porto de frente para o oeste.[617]

c. *A Tempestade* (27.13-20). **Soprando o vento sul brandamente** (13) — o verbo grego significa literalmente "soprar por baixo", e assim "soprar suavemente".[618] **Fazer vela** significa literalmente "levantar as velas". Arndt e Gingrich dizem que nesta passagem o verbo pode ter o sentido náutico de "levantar âncora"[619] (cf. ASV, NASB).

Tendo levantado âncora, **foram de muito perto costeando Creta. Costear** é o mesmo verbo usado no versículo 8. **De perto** é, literalmente, "mais perto". Afrase é mais bem traduzida como "começaram a navegar acompanhando de perto a costa de Creta" (NASB), desta forma sentindo-se seguros.

Mas quando tinham percorrido cerca de 5 ou 6 quilômetros rumo oeste, eles passaram por Cabo Matala e se encontraram desprotegidos pelo lado norte. Repentinamente, foram atingidos por um **pé de vento** — em grego, um tufão — chamado **Euroaquilão** (14). Este é outra combinação de grego e latim: *euros,* palavra grega que significa vento leste, e *aquilo,* palavra latina para o vento norte. Assim, ele significa do "Nordeste" (Goodspeed).

A frase **soprando o vento sul brandamente** tem uma aplicação significativa em sermões. Quando os jovens são atraídos para fora do porto seguro que são o lar, a igreja e os padrões do Novo Testamento, pelos suaves ventos dos sedutores prazeres modernos, eles podem ser

atingidos por furacões enfurecidos e encontrar os seus frágeis navios levados furiosamente pelos mares da vida, para naufragar em algum lugar nas costas do tempo. Com base nesta passagem, poderiamos perfeitamente dizer: "Esteja atento àqueles ventos do sul que sopram suavemente".

Sendo o navio arrebatado (15) — um verbo composto forte que significa "violentamente aprisionado" ou "aprisionado e levado" — **e não podendo navegar contra o vento.** O verbo significa literalmente "encarar", e aqui é usado como um termo náutico, com o sentido de "combater o vento".[620] Então, **nos deixamos ir à toa** — lit., "tendo desistido, estávamos sendo levados". Ou seja, eles não tinham nenhum poder contra o vento. Smith resume estes dois versículos da seguinte maneira: "O navio foi 'tomado' *(synarpasthentos*) em um tufão (*anemos typhonikos*) que soprava com tanta violência que eles não podiam lutar contra ele, mas foram forçados... a correr diante dele, pois este é o significado evidente da expressão *epidontes epherometha* — 'entregando o navio a ele, éramos levados por ele'".[621]

E correndo abaixo (16) — ou seja, "ao abrigo de" — **de uma pequena ilha chamada Cauda** — hoje chamada Gaudo em grego, e Gozzo em italiano, cerca de 40 quilômetros a sudoeste de Bons Portos — **apenas pudemos ganhar o batei,** *i.e.,* "mal conseguimos controlar o batei".[622] Aqui se trata do pequeno escaler que é rebocado pelo barco. Mas agora ele estava sem dúvida cheio de água e talvez chocando-se perigosamente contra a popa. A palavra **nós** (subentendida em português) pode sugerir que Lucas ajudou a trazê-lo a bordo.

Quando finalmente conseguiram colocar o batei sobre o convés, **usaram de todos os meios** (17). Este "provavelmente é um termo náutico técnico... *eles usaram suportes* (talvez cabos)".[623] Em uma passagem paralela intrigante, Aristóteles (séc. IV a.C.) usa a palavra em relação a uma tempestade no mar. Ele diz: "Assim, quando em perigo no mar, as pessoas podem sentir-se confiantes quanto ao que irá acontecer... porque a sua experiência lhes dá os meios para lidar

com ela”[624] — lit., “ter os meios”.

O significado exato de **cingindo o navio** é incerto. Alguns sustentaram que foram esticadas cordas desde a proa até a popa. Mas parece muito mais provável que cordas (ou cabos) fossem passadas por sobre a proa, passadas por baixo do casco e amarradas firmemente transversalmente no convés. James Smith fornece a seguinte citação do *Falconer’s Marine Dictionary:* “Amarrar um batei... é passar quatro ou cinco voltas de uma corda longa, como um cabo, ao redor do casco de um batei, para firmá-lo no meio de uma grande tempestade... quando se percebe que ele não é forte o suficiente para resistir aos violentos apelos do mar; no entanto, este expediente raramente é colocado em prática”.[625] Smith também cita a descrição de Sir George Black de ter amarrado o seu batei desta maneira quando ele estava fazendo água, no seu retorno de uma viagem ao ártico em 1837.[626]

Cadbury aceita esta opinião como sendo a mais provável. Ele comenta: “colocavam-se pranchas longitudinalmente sob o casco do batei, e uma corda era passada sob a quilha e amarrada na amurada em lados opostos, ou no convés, e atada fortemente por torcedura ou com um molinete, e assim as pranchas seriam mantidas firmes da mesma maneira que um arco mantém firmes as tábuas de um barril”.[627]

Ramsay ressaltou o perigo especial que este navio enfrentou. Ele escreve: “Um navio antigo com uma vela imensa estava exposto a um perigo extremo com tal rajada de vento; a tensão da grande vela no único mastro era muito mais do que o casco poderia suportar, e o navio estaria exposto a um risco que as embarcações modernas já não temem, o de afundar em mar aberto”.[628] Os navios mais modernos tinham três mastros, para distribuir a tensão.

Lucas prossegue: **temendo darem à costa na Sirte** — areias movediças — **amainadas as velas, assim foram à toa.** A palavra grega para areias movediças é *Syrtis.* Aqui, se refere aos bancos de areia da costa da África, a oeste de Cirene (ver o mapa 3). Eram chamadas de Sirte Maior para diferenciá-las de Sirte Menor, mais a

leste. Lake e

Cadbury observam: "Tinham aproximadamente três vezes a extensão que eles já tinham navegado (*i.e.*, desde Cnido) e se depositavam a sotavento com o vento que vinha do nordeste, de modo que o perigo era sério".[629]

Dar significa literalmente "cair de". Aqui (como também nos w. 26 e 29) é um "termo náutico técnico", que significa "sair do curso".[630]

A frase **Amainadas as velas** é traduzida com mais exatidão como "diminuindo a marcha" (RSV). O verbo é o mesmo usado no versículo 30, referindo-se a baixar o batei ao mar. A respeito deste substantivo, Smith escreve: *"Skeuos,* que eu traduzi como 'marcha', quando aplicada a um navio significa acessórios de diversos tipos, tais como mastros, velas, cordame, âncoras e cabos, etc."[631] Este substantivo, *skeuos,* é traduzido como "embarcação" em dezenove das 23 vezes em que aparece no Novo Testamento (incluindo 9.15; 10.11,16; 11.5). Somente aqui, é traduzido como "velas". A expressão pode significar "baixar a vela" (NEB). Smith opina que "marcha" não se "refere ao mastro, mas à verga com a vela presa a ela".[632] Para usar o leme efetivamente para seguir para o oeste, para evitar serem levados para o sudoeste aos bancos de areia da África, eles precisavam ter uma pequena vela aberta durante a tempestade. Ramsay descreve assim a situação: "... Deixar a vela levantada apenas o suficiente para manter o barco navegando com o vento, e abaixar tudo o que pudesse ser abaixado".[633]

Agora eles estavam à mercê do mar, **à toa** (lit., "levados") pela tempestade. Smith fez um cálculo muito cuidadoso da distância entre Cauda e Malta (cerca de 760 quilômetros), considerou o período de navegação (13,5 dias, cf. v. 27), e chegou à conclusão de que eles navegaram a uma velocidade de cerca de 2,4 quilômetros por hora. Dois capitães da marinha Real, ambos posicionados no Mediterrâneo, separadamente concordaram que esta seria a velocidade média de um navio levado por uma severa tempestade. Desta forma, a exatidão de Lucas nesta narrativa foi

surpreendentemente confirmada.[634]

Uma boa tradução para o versículo 18 é: "No dia seguinte quando estavam sendo violentamente arremessados pela tempestade, começaram a jogar a carga ao mar" (NASB). Mas deixaram algum trigo na parte inferior do navio para dar estabilidade (cf. 38). **Ao terceiro dia, nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio** (19). O melhor texto grego traz o termo "eles" ao invés de **nós.** Quanto ao significado de **armação,** Smith diz: "Suponho que o significado seja o da verga grande; um imenso mastro, provavelmente tão comprido quanto o navio, que exigiría a união dos esforços dos passageiros e dos tripulantes para ser lançado ao mar".[635]

O versículo 20 descreve a situação a bordo do navio, quando o estado de ânimo ficou todo o tempo "baixo". **Não aparecendo, havia já muitos dias, nem sol nem estrelas.** Deve-se lembrar que naqueles dias não havia bússola, e os marinheiros dependiam totalmente da navegação pelos astros. Sem o sol durante o dia ou as estrelas à noite, estavam perdidos. É provável, também, que o navio estivesse fazendo água. **Caindo sobre nós uma não pequena tempestade,** não é de surpreender que **fugiu-nos toda a esperança de nos salvarmos** — lit., "a nossa esperança estava sendo totalmente levada".

d. A Certeza (27.21-26). Durante os dias duros da tempestade, havia **já muito que se não comia** (21). A palavra grega é *asitia,* que é formada de *a* (negação) e *sitos,* "trigo" (como no v. 38). Então, ela significa literalmente "ausência de trigo". A palavra parece irônica à luz do fato de que era um navio que transportava trigo.

Smith cita diversas descrições de um navio em uma tempestade para dar suporte a sua conclusão de que a comida teria sido estragada ou as instalações para preparo de comida estariam avariadas, com o navio fazendo água.[636] Uma explicação mais provável é a de Arndt e Gingrich: *"Quase ninguém queria comer* devido à ansiedade ou a alguma enfermidade".[637] Tanto o substantivo *asitia* quanto o adjetivo *asitos* ("jejuando"), no versículo 33, aparecem somente aqui. Eles são

"muito empregados na linguagem médica... o substantivo freqüentemente quer dizer 'falta de apetite'".[638]

Deve-se observar que praticamente todos os comentaristas e tradutores recentes interpretam a viagem sem comida como aplicando-se a todo o grupo. Não se tratava de um jejum religioso exclusivo de Paulo, como pode ser entendido a partir da versão KJV.

Agora, Paulo lembra os seus companheiros de sofrimentos que eles deviam ter-lhe dado ouvidos quando ele foi contrário à saída de Bons Portos. A palavra grega para **ouvido** significa literalmente "obedecido". Arndt e Gingrich traduzem a frase como: "Vocês deveriam ter seguido o meu conselho e não ter partido"[639] (cf. NASB). Se eles tivessem permanecido em Bons Portos, como ele tinha aconselhado (cf. 9-10, RSV, NASB), teriam evitado **este incômodo** — "dano" ou "avaria" — **e esta perdição.**

Paulo prosseguiu: **Mas, agora, vos admoesto** — "aconselho" ou "insisto"[640] — **a que tenhais bom ânimo** (22) — "que se animem" ou "que continuem com coragem". Embora o navio estivesse condenado, não haveria perda de vidas — "não se perderá a vida de nenhum de vós".[641]

Qual era a base da certeza confiante de Paulo? **Esta mesma noite** (23) — *i.e.,* "a noite passada" — havia estado com ele **o anjo de Deus** — melhor "um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo" (NASB). Este anjo lhe disse: "Paulo, não temas!" **Importa que sejas apresentado a César** (24) — Deus assim tinha ordenado — e ele não deixaria de chegar vivo a Roma.

Como um favor especial, **Deus te deu** — o verbo significa "graciosamente te deu" ou "te deu como um presente"[642] — **todos quantos navegam contigo.** Parece evidente que Paulo tinha orado não somente por si mesmo, mas por todos os que estavam a bordo. Lumby afirma: "Em meio a tanta dificuldade, embora não tenha sido feita nenhuma menção a esse fato, não devemos duvidar que em seu desespero o apóstolo orou ao Senhor, e a resposta graciosa

foi a concessão de que todos seriam salvos".[643]

Com base nesta revelação divina, Paulo exortou os seus ouvintes a terem coragem — **porque creio em Deus** (25). A fé se afirma mais significativamente diante das piores circunstâncias. Aparentemente, o anjo também o tinha informado de que era **necessário** que fossem **dar numa ilha** (26).

Nesta passagem, existem algumas observações dignas de menção que podem ser reunidas sob o título "Ouvindo a Deus na Tempestade". 1. Deus pode ser encontrado por aqueles que o servem (21-23); 2. Ouvir traz a confiança e a força pessoal (24); 3. Ouvir a Deus traz a certeza e a coragem e as refletem naqueles que estão a nossa volta (22,25). (A. F. Harper)

e. Aproximando-se da Terra Firme (27.27-32). Na **décima quarta noite** (27), depois da saída de Bons Portos, eles estavam sendo **impelidos de uma e outra banda no mar Adriático** — melhor "à deriva no mar Adriático" (RSV) — porque estavam evidentemente sendo levados pelo vento na mesma direção durante todo o tempo. Sobre

Adriático, Knowling escreve: "não no sentido restrito do Adriático, o Golfo de Veneza, ou como atualmente nos referimos ao 'Adriático', mas incluindo todo o mar que está entre Malta, a Itália, a Grécia e Creta; Lucas provavelmente usou o termo como era coloquialmente utilizado pelos marinheiros, no seu sentido mais amplo".[644]

Lá pela meia-noite, suspeitaram — ou "começaram a sentir" (NASB) — **os marinheiros que estavam próximos de alguma terra** — lit., "que algum tipo de terra se aproximava". Smith observa: "Lucas aqui usa a linguagem gráfica dos homens do mar, para quem o navio é o assunto principal, enquanto é a terra que sobe e afunda, se aproxima e recua".[646] Ramsay acompanha Smith, julgando que eles ouviram as ondas que arrebentavam, quando passaram pelo ponto rochoso de Koura a caminho da Baía de São Paulo, o lugar tradicional do naufrágio.[646]

Lançando o prumo, os marinheiros (28) — trad. literal — **acharam vinte braças.** Uma braça equivale a 1,80 metros, assim a água tinha 36 metros de profundidade neste ponto. Tornando a lançar o prumo, acharam somente **quinze braças** (27 metros). Smith verificou cuidadosamente o provável curso do navio condenado de Paulo, e descobriu que o intervalo de tempo decorrido entre as duas medidas deveria ter sido de aproximadamente meia hora.[647]

Percebendo que eles estavam se aproximando rapidamente da costa rochosa, **lançaram da popa quatro âncoras** (29). Normalmente, um barco deveria ser ancorado preferivelmente pela proa. Mas esta era uma situação peculiar. O barco estava sendo levado pelo vento. Ancorar pela proa deixaria o barco oscilando e ele não podería ser manejado adequadamente (cf. 39). Quando tudo o que era possível tinha sido feito para a segurança do barco, aqueles que estavam a bordo **desejaram** — lit., "oraram para" — que viesse o dia.

Mas os membros da tripulação decidiram abandonar o navio (30). Eles baixaram o batei ao mar, **como que** — "com o pretexto de" ou "com a desculpa de" — querendo lançar as âncoras pela proa.

O homem mais importante a bordo era Paulo. Ele percebeu os planos de fuga dos marinheiros e disse ao centurião e aos soldados que eles estariam todos perdidos, a menos que os marinheiros permanecessem com o navio (31). A esta altura, o centurião e provavelmente os soldados também já teriam percebido que Paulo era o homem a quem deveríam dar ouvidos. Então os soldados cortaram os cabos que sustentavam o batei, que se afastou (32). A partir de então, a tripulação e os passageiros estariam juntos, a despeito do que pudesse acontecer.

f. Um Exemplo de Coragem (27.33-38). Aesta altura, já era quase dia. Provavelmente não havia ninguém dormindo: estavam todos no convés. Paulo sabia que todos precisariam ter coragem e forças para as árduas horas que estavam por vir. Então **Paulo exortava a todos a que comessem alguma coisa** (algum alimento, 33). Ele os lembrou de que não tinham comido nada durante catorze dias.

E continuou: **Portanto, exorto-vos** (34) — o verbo significa "suplicar" ou "incentivar" (a mesma palavra usada no v. 33) — **a que comais alguma coisa, pois** é **para**[648] **a vossa saúde** — lit., "salvação", e assim "segurança" ou "preservação". Ele lhes lembrou: **Nem um cabelo cairá da cabeça de qualquer de vós.** Esta era uma antiga expressão proverbial comum para descrever uma libertação ou um resgate total (cf. 1 Sm 14.45; 2 Sm 14.11; 1 Rs 1.52; Mt 10.30; Lc 21.18).

Então Paulo deu o exemplo. **Tomando o pão, deu graças a Deus na presença de todos e, partindo-o, começou a comer** (35). Não parece ser necessário interpretar esta refeição como sacramental. **Pão** significa literalmente "pãozinho", do tamanho de um biscoito pequeno.

Com o incentivo e o exemplo de Paulo, **tendo já todos bom ânimo, puseram-se**

também a comer (36). Mais tarde, isto seria comprovado como importante, devido à inesperada dificuldade de ter de nadar até à costa.

Durante todo o tempo destas severas provações, o apóstolo tinha se mostrado "um exemplo para todos os cristãos" de três maneiras: 1. Coragem em meio ao perigo (21-22);

2. Confiança em Deus (23-25); 3. Comando ou autoridade em meio à crise (31-36).

Afirma-se que o navio tinha 276 pessoas a bordo (37). Lumby escreve: "O motivo de mencionar o número foi provavelmente a expectativa de ir à costa e por isso era necessário que fossem todos informados, inclusive o capitão, a respeito da tripulação, e o centurião, de que dentre todos os seus prisioneiros e soldados nenhum deveria escapar ou ser dado como desaparecido".[649] Ele acrescenta: "A menção ao número a esta altura da história é uma das muitas características muito naturais da narrativa".[650]

Ao invés de 276, o manuscrito grego mais antigo (Vaticano) e a versão

Sahidica apresentam "aproximadamente setenta e seis". Westcott e Hort, que conferiram maior autenticidade ao manuscrito Vaticano, adotaram a última leitura. Lake e Cadbury também a escolhem para a sua tradução, embora admitam: "Mas não há nada de impossível em um número maior".[651] Bruce diz que a leitura do manuscrito Vaticano deve "provavelmente ser rejeitada" a favor da outra, que é "muito melhor confirmada".[652] E verdade que Lucas gosta de usar a expressão "aproximadamente" (*hos*) antes de números redondos. Mas "aproximadamente setenta e seis" não parece razoável.

Como justificativa para a possibilidade do número maior, muitos comentaristas chamam a atenção para o relato que Josefo faz da sua viagem a Roma em um navio com aproximadamente seiscentas pessoas a bordo. A passagem também apresenta alguma correspondência com o naufrágio de Paulo. "Portanto cheguei a Roma, embora houvesse um grande número de dificuldades no mar; pois o nosso navio afundou no Mar Adriático, e nós, que estávamos nele, nadamos durante a noite para salvar a nossa vida. Quando, depois da primeira luz do dia, e avistando um navio de Cirene, eu, e alguns outros, oitenta no total, pela providência de Deus, precedemos os demais e fomos recolhidos pelo outro navio".[653]

Quando aqueles que estavam no navio de Paulo já estavam **refeitos com a comida** (38) — lit., "estavam satisfeitos" — **aliviaram o navio, lançando** o seu carregamento de **trigo ao mar.** A razão para isto é óbvia. Eles queriam que o navio se mantivesse na superfície para alcançar um ponto que fosse o mais próximo possível da praia, de forma que assim pudessem estar a uma distância da costa que fosse facilmente percorrida a nado.

g. O Naufrágio e o Salvamento (27.39-40). Quando nasceu o dia, todos os olhos estavam ansiosamente fitos na praia. Mas ninguém "reconheceu" (39) a terra. No entanto, **enxergaram** — lit., "perceberam" ou "observaram" — **uma enseada que tinha praia** — melhor "uma baía onde havia uma praia". Lumby comenta: "A palavra *aigialos é* usada para significar uma praia de areia que permitia que um navio aportasse nela sem o perigo de ficar imediatamente

destruído".[954] **Consultaram-se** — lit., "estavam resolvendo" ou "decidindo" — **sobre se deveríam encalhar nela o navio.**

Levantando as âncoras (40) pode provavelmente ser "desamarrando... as âncoras".[656] A expressão **deixaram-no ir ao mar** deve estar ligada à frase anterior. As duas juntas poderíam ser corretamente lidas como: "Desprendendo as âncoras, abandona-ram-nas no mar". Ao mesmo tempo, **largando também as amarras do leme** — ou "afrouxaram os controles do leme" (NEB). Lake e Cadbury comentam: "Os navios antigos tinham um leme, ou melhor, uma espécie de remo de leme em cada lado".[956] A seguir, eles **alçaram a vela maior ao vento.** Algumas versões recentes apresentam o termo "traquete". Lake e Cadbury escrevem: "A palavra não é conhecida em outros textos gregos, exceto em lexicógrafos, provavelmente dependentes desta passagem".[657] Mas Smith parece ter demonstrado satisfatoriamente que *artemon* era o "traquete" do navio.[658] Tendo concluído todos estes preparativos, **dirigiram-se para a praia.**

Dando, porém, num lugar de dois mares — onde as ondas do mar encontraram a corrente entre a praia e uma minúscula ilha próxima à praia — **encalharam ali o navio** (41). Smith descreve vividamente a provável identificação deste lugar, chamando a atenção para a exatidão da narrativa de Lucas.[659] Ele observa: "As rochas de Malta se desintegram em partículas extremamente pequenas de areia e argila, que, quando sob as correntes ou alguma agitação da superfície, formam um depósito de argila viscosa".[660] Ele diz que um navio grande se aproximaria até uma posição que tivesse aproximadamente 5,5 metros de profundidade, que é exatamente a profundidade onde se encontra esta argila, não agitada pelas águas superficiais. Ele conclui: "Portanto, um navio, impelido pela força de um vento até uma enseada com um fundo como o que foi apresentado, atingiría o fundo de lama que se transformava em argila pegajosa, na qual a parte dianteira iria se fixar e seria firmemente presa, enquanto a sua traseira ficaria exposta à força das ondas".[661]

E exatamente isto o que está descrito no texto de Lucas. Ramsay

ressalta: “Um dos serviços mais completos que já foi prestado ao estudo do Novo Testamento é a prova de James Smith de que todas estas circunstâncias estão reunidas na Baía de São Paulo”.[662]

As palavras **das ondas (41)** não são encontradas na maioria dos manuscritos mais antigos. Ramsay observa acertadamente: “No versículo **41,** ‘a força’ é a expressão usada por uma pessoa em pé na praia que observa as ondas estraçalhando o navio: ele não precisa especificar o tipo de força”.[663] E acrescenta: “O escriba mais humilde pode incluir *kymaton* (‘das ondas’) aqui, e muitos deles teriam feito isto”[664] (cf. itálicos nas versões ASV e NASB).

A idéia dos soldados foi que matassem os presos para que nenhum fugisse, escapando a nado (42). Mas o centurião, querendo salvar a Paulo, lhes estorvou

— “impediu” — **este intento** (43). Ele ordenou que aqueles que pudessem nadar se lançassem primeiro ao mar e se salvassem seguindo até a terra. Outros deveríam fazê-lo em tábuas, e outros **em coisas do navio** (44). Os que tivessem ido nadando estariam na praia para ajudar que estes extraviados chegassem em segurança à terra. O resultado foi que **todos chegaram à terra, a salvo** — melhor “todos chegaram à terra em segurança” (NEB). Foi somente por causa da corajosa liderança de Paulo, sob a orientação de Deus, que esta viagem agonizante chegou a um final satisfatório. O centurião teve o bom-senso e a justiça de salvar a vida do seu prisioneiro, que foi essencial para salvar todos os que estavam a bordo.

Um esboço sugerido para este capítulo pode ser intitulado “AAdvertência aos Imprudentes”: 1. A falsa sedução (13); 2. A furiosa tempestade (14-38); 3. O fatídico naufrágio (39-44).

2. *O Inverno em Malta* (28.1-10)

Depois dos horrores de duas semanas no mar tempestuoso, a terra firme deve ter parecido muito confortante para os que sobreviveram ao navio. Não haverían mais navegação durante diversos meses, porque a prática era proibida no inverno.

a. O Milagre da Preservação (28.1-6). **Havendo escapado** (1) — lit., "tendo chegado em segurança" — eles (o melhor texto grego diz "nós") — **então, souberam que a ilha se chamava Malta** (ver o mapa 3), que nessa época pertencia à província da Sicília.

Os bárbaros (2) — esta é literalmente a mesma expressão traduzida como "bárbaros" no versículo 4. Como eram um povo civilizado, talvez "os nativos" (Phillips) seja uma tradução mais adequada. Lucas, por ser grego, reflete o ponto de vista grego. Assim como os judeus chamavam de "gentios" todos os estrangeiros, também os gregos aplicavam o epíteto "bárbaros" a todos aqueles que não falavam grego. Alford diz que este "é um termo que tem o significado muito próximo da nossa palavra *nativos*, quando em referência a qualquer lugar novo ou pouco conhecido".[666] Os habitantes de Malta falavam um dialeto fenício.

Os nativos trataram os sobreviventes do naufrágio com **não pouca humanidade,** lit. "com humanidade incomum" (*philanthropia*, somente aqui e em Tt 3.4). **Acendendo uma grande fogueira,** receberam junto a ela os refugiados, por causa da chuva e do frio. Isto implica que o vento nordeste ainda estava soprando.

Paulo juntou-se às pessoas reunidas ao redor da fogueira. Quando ele colocou um punhado de vides, (um feixe de gravetos) no fogo, repentinamente **uma víbora... lhe acometeu a mão** (3). Alguns fizeram objeções, dizendo que agora não existem mais víboras em Malta. Smith faz um comentário bastante sensato: "Sobre esta questão, simplesmente observo que ninguém que tenha estudado as mudanças que as operações do homem produzem na fauna de qualquer país, ficaria surpreso por saber que uma espécie particular de répteis tenha desaparecido, como aquela de Malta".[666]

Com base em informações do grande Professor Agassiz, de Cambridge, Hackett diz que as víboras ficam apáticas no clima frio, e que esta evidentemente estava despertada pelo **calor** (grego, *therme*), criado através da madeira na fogueira. As víboras espreitam em regiões rochosas, como parece ser esta região. Hackett prossegue: "Elas também estão acostumadas a se arremessar aos seus inimigos,

algumas vezes se deslocando por vários metros com um único salto. E assim, esta que aqui é mencionada podería ter alcançado a mão de Paulo, porque ele estava próximo ao fogo".[667] Lake e Cadbury dizem que **acometeu-lhe a mão** significa que a serpente o picou.[668] O verbo **acometer** "era empregado por todos os escritores médicos".[669]

Os nativos observaram **a víbora (***therion*) — lit., "animal selvagem" — pendurada na mão de Paulo (4). Hobart escreve: "Lucas usa esta palavra exatamente da mesma maneira que os autores médicos, que a empregavam para se referir às serpentes venenosas, e em particular às víboras (*echidna)".*[m]

Os habitantes da ilha consideraram que Paulo deveria ser um **homicida,** pois embora tivesse **escapado do mar,** ele finalmente fôra pego pela **Justiça** — lit., vingado pela justiça. Provavelmente julgavam que fosse uma deusa, a "Justiça" (NASB).

Naturalmente, os presentes esperavam ver Paulo **cair morto** (6). Mas depois de passado um considerável tempo, e vendo que ele obviamente estava incólume, **mudando de parecer, diziam que era um deus.** Lake e Cadbury chamam a atenção para a alternância entre os tempos aoristo e imperfeito neste versículo, e assim o traduzem: "Mas esperaram, antecipando que ele fosse inchar ou cair de repente; mas quando já tinham esperado um longo tempo e viram que nada errado acontecia com ele, mudaram de idéia e começaram a dizer que Paulo era um deus".[671] Lembramo-nos da mesma reação por parte do povo de Listra (14.11).

Uma característica intrigante deste parágrafo é o uso abundante de termos médicos, pois a cena é narrada através dos olhos de Lucas, o médico. Hamack diz: "Toda a seção, 28.3-6, tem o colorido dos matizes médicos".[672]

b. Milagres de Cura **(28.7-10). Próximo daquele mesmo lugar (7)** — melhor "nas proximidades daquele lugar" — **havia umas herdades** — "terras" ou "propriedades" — **que pertenciam ao**

principal da ilha. A palavra grega para **principal** *éprotos,* "primeiro". Lake e Cadbury escrevem: "A descoberta de duas inscrições que usam a palavra para denotar um oficial de Malta dá cor à sugestão de que este é o nome de um representante do governo romano na ilha (que pertencia à província da Sicília), ou algum oficial nativo".[673] Eles acrescentam: "Sendo assim, a palavra no livro de Atos é outro exemplo da nomenclatura local correta comparável aos politarcos em Tessalônica".[674]

O nome do oficial era **Públio.** Ele **nos recebeu** — "nos deu as boas-vindas" — **e hospedou** — "acolheu" — **benignamente** — grego, *philophronos,* que significa "gentilmente, com amizade" — **por três dias.** "Talvez a sugestão seja que depois destes três dias eles foram para a cidade no interior da ilha".[875]

O pai de Públio estava acamado com **febres** (8) — plural em grego, talvez sugerindo "ataques intermitentes de febre"[678] — e **disenteria** (em grego, *dysenterion).* **Paulo... havendo orado, pôs as mãos sobre ele e o curou.**

O resultado foi que **vieram** — "estavam vindo" (imperfeito) — **também ter com ele os demais** — lit., "o resto das pessoas da ilha" — **que na ilha** (9) **tinham enfermidades** — lit., "fraquezas" ou "debilidades", e portanto "doenças" — **e sararam** — "foram curados" (NASB). Esta é uma palavra diferente para **sarar** no versículo 8. Aqui é *therapeuo,* a base de muitos termos médicos e psicológicos.

Barclay faz uma observação apropriada neste ponto. Ele observa que, embora Paulo tivesse o dom de curar, ele mesmo teve de suportar "o espinho na carne". Barclay diz: "ele curava outras pessoas, embora não pudesse curar a si mesmo. Como o seu Mestre em outro sentido, "salvou outros quando não pôde salvar-se a si mesmo".[677] Ele também dá um exemplo interessante: "Beethoven, por exemplo, deu ao mundo uma música imortal, enquanto ele mesmo, sendo surdo, nunca ouviu".[678] Isto é criatividade sem egoísmo.

Como um agradecimento pelo ministério de cura de Paulo, as pessoas

de Malta, diz Lucas, **nos distinguiram também com muitas honras (10).** Lumby comenta: "Sem dúvida, estavam incluídos presentes como dinheiro e coisas que seriam necessárias para os viajantes que tinham perdido tudo no naufrágio".[679] Quando o grupo partiu, **nos proveram das coisas necessárias,** ou seja, forneceram ao grupo amplas provisões para o restante da viagem até à Itália. As quase trezentas pessoas no grupo tinham uma dívida muito grande para com Paulo, que, sob a orientação de Deus, tinha tornado tudo isto possível — a sua própria sobrevivência e agora as provisões para as suas necessidades.

3. *De Malta a Roma* (28.11-16)

O tempo passado na ilha de Malta foi **três meses (11),** provavelmente novembro, dezembro e janeiro. Durante esta época, não havia navegação no Mediterrâneo. Plínio, em seu livro *Natural History* (ii. 47), diz que a navegação começou no dia 7 de fevereiro, com a chegada da primavera.[680] Outro autor romano, Vegécio, declara que os mares estavam fechados de **11** de novembro até 5 de março, e eram perigosos desde **14** de setembro.[681] E óbvio que havia alguma divergência de opinião sobre a duração exata da estação de navegação. Mas todos concordam que durante novembro, dezembro e janeiro não era seguro aventurar-se no Mediterrâneo. Josefo fala de mensageiros enviados de Roma à Palestina que "foram surpreendidos por uma tempestade e ficaram detidos no mar durante três meses".[682]

Ao final de três meses em Malta, Lucas diz: **partimos** — "embarcamos num navio" (NASB) — **num navio de Alexandria** — outro navio que levava trigo do Egito à Itália, como aquele que tinha naufragado (cf. 27.6) — **que invernara na ilha** — provavelmente no porto principal de Valetta. **O qual tinha por insígnia Castor e Pólux.** Estas são somente duas palavras em grego. A primeira é um adjetivo que significa "marcado com um sinal", aqui usado como um substantivo", "figura de proa".[683] A segunda é *Dioskouroi,* que significa "Os irmãos gêmeos". Assim, uma possível tradução é: "Que tinha os irmãos gêmeos como sua figura de proa" (NASB). A

referência é aos dois filhos de Zeus, Castor e Pólux. Estes deuses gêmeos "eram objeto favorito de adoração dos marinheiros, que a eles pediam ajuda em ocasiões de tempestade".[684] Aparentemente, as imagens eram esculpidas de cada lado da proa do navio; **Castor** de um lado e **Pólux** do outro.

Aparentemente, o navio partiu de Malta em fevereiro. Ramsay sugere: "Como o outono era normalmente tempestuoso, é provável que o tempo mais agradável tivesse começado mais cedo".[686] Evidentemente, um constante vento sul começou a soprar, pois eles navegaram quase que diretamente para o norte até **Siracusa** (ver o mapa 3) — "Há não mais de um dia de viagem de Malta"[686] (cerca de oitenta milhas náuticas). **Siracusa** (12), na costa leste da Sicília, era o principal porto e a principal cidade daquela ilha. Ali eles permaneceram durante **três dias,** supostamente porque o vento favorável tinha cessado.

De Siracusa, eles prosseguiram **costeando** (13)[687] — "fizeram uma curva" (RSV) ou "deram a volta" (Phillips) — e chegaram a **Régio.** Esta era uma cidade na extremidade sul da Itália, cerca de onze quilômetros do outro lado do estreito de Messina, na Sicília. Parece que, depois de esperar em vão durante três dias em Siracusa, que o vento sul soprasse novamente, finalmente partiram e tomaram um vento nordeste, fazendo uma viagem mais longa até Régio.

Mas ali foram favorecidos. **Soprando, um dia depois** — de um atraso adicional em Régio — **um vento do sul, chegamos no segundo dia a Putéoli,** "tendo percorrido uma distância de cerca de quase 180 milhas náuticas em menos de dois dias".[688] Navegando a favor do vento, desfrutavam um tempo excelente. Smith escreve: "Putéoli era então, como é agora, a parte mais abrigada da baía de Nápoles. Era o principal porto do sul da Itália e... um grande empório para os navios de trigo de Alexandria".[689]

Em Putéoli... **achando alguns irmãos** (14). Isto foi provavelmente um grande conforto para Paulo, Lucas e Aristarco, que provavelmente não tinham visto outros cristãos em seis meses. O centurião

graciosamente permitiu que Paulo passasse uma semana com esses crentes. Em lugar de **nos rogaram** — lit., "imploraram" (a palavra também pode significar "confortaram") — alguns manuscritos apresentam: "Estavam confortados, porque ficamos".

E **depois nos dirigimos a Roma** é literalmente "e assim chegamos a Roma" (NASB). O texto parece um pouco estranho, quando comparado a "logo que chegamos a Roma" **(16).** Ramsay opina que **Roma** significa todo o distrito em **14,** mas a cidade propriamente dita em **16.**[690] Mas Lake e Cadbury rejeitam esta teoria por causa da expressão **de lá** (de Roma), no versículo **15.** Eles sugerem uma interpretação mais simples e satisfatória: "Portanto o provável significado é simplesmente: 'E de Putéoli fomos diretamente a Roma'".[691] E acrescentam: "Depois desta afirmação geral, na qual *houtos* **[depois]** enfatiza o cumprimento da profecia, o autor prossegue dando detalhes deste último estágio da viagem".[692]

Sobre a frase "Logo que chegamos a Roma", Knowling faz esta pertinente observação: "Existe um tipo de triunfo nas palavras. Como um imperador que lutou e venceu uma batalha naval, Paulo entrou naquela cidade imperial; ele nunca tinha estado mais perto da sua coroa; Roma o recebeu atado é viu-o coroado e proclamado vencedor".[693]

As palavras **e depois nos dirigimos a Roma** poderíam ser a base de um sermão sobre "o preço da obediência", onde poderiamos observar: 1. O panorama (19-21; cf. Rm 1.15); 2. A promessa (23.11); 3. O preço (em Jerusalém, em Cesaréia e no mar). Mas finalmente **chegamos a Roma** (16). Definitivamente, independentemente dos problemas no caminho, todas as almas obedientes atingem o destino indicado por Deus. Isto se aplica tanto aos objetivos nesta vida como em relação à nossa morada eterna.

A distância entre Putéoli e Roma era de aproximadamente 224 quilômetros, uma jornada razoavelmente longa para aqueles dias. Mas alguns dos irmãos (15) em Roma, tendo sabido da chegada de Paulo à Itália, lhes **saíram ao encontro à Praça de Apio,** a 69

quilômetros de Roma na antiga via Apia. Outros cristãos juntaram-se ao grupo em **Três Vendas,** a 53 quilômetros de Roma.

A respeito de **encontro** — lit., "para um encontro" — Bruce escreve: *"Apantesis* parece ser um tipo de termo técnico para a recepção oficial de um dignitário recém-chegado por uma delegação que saía da cidade para encontrá-lo e escoltá-lo; portanto, existe um profundo significado no uso desta palavra para descrever a recepção oferecida a Paulo pela igreja romana".[694]

Paulo, vendo os cristãos que tinham vindo encontrá-lo, **deu graças a Deus e tomou ânimo.** O apóstolo pode ter imaginado que tipo de recepção ele teria por parte da igreja romana. Se ele tivesse alimentado quaisquer dúvidas ou medos, teriam sido rapidamente dissipados pela calorosa recepção que lhe foi dada. A presença destes crentes amistosos deve ter trazido grande conforto para o apóstolo.

Logo que chegamos a Roma (16) — mais apropriadamente "quando entramos em Roma" (NASB) — **o centurião entregou os presos ao general dos exércitos.** Provavelmente era o comandante da guarda pretoriana. Como um favor especial para o seu extraordinário prisioneiro, a **Paulo se lhe permitiu morar por sua conta, com o soldado que o guardava.** Podemos ter certeza de que o centurião tinha recomendações sobre Paulo. A carta que Festo enviou também indicaria que Paulo não era um criminoso perigoso.

O último **nós** (subentendido aqui) do livro aparece aqui. Lake e Cadbury observam: "O versículo 16 encerra as 'seções — nós', e o autor adiciona um parágrafo de conclusão, resumindo os dois anos seguintes, que Paulo passou em Roma".[695]

L. Roma, 28.17-31

1. *A Reunião com os Líderes Judeus* (28.17-22)

Três dias depois (17) — provavelmente passados em visitas dos cristãos que tinham vindo para vê-lo — **Paulo convocou os principais dos judeus.** Cláudio tinha decretado o desterro de todos os judeus de Roma (18.2), mas está claro que muitos tinham retornado. O apóstolo estava dando continuidade, mesmo em Roma, a sua política de ministrar primeiramente aos judeus.

A estes líderes judeus locais, ele disse que embora não tivesse **feito nada contra o povo ou contra os ritos paternos,** ainda assim acabou sendo... **entregue nas mãos dos romanos.** Quando **examinado** por eles, ele poderia ter sido libertado **(18),** mas quando os judeus pareciam determinados a vê-lo morto, ele tinha apelado a César (19). Então ele acrescentou: **não tendo, contudo, de que acusar a minha nação.** O que ele evidentemente quer dizer é que estava completamente na defensiva nos seus julgamentos perante Félix e Festo; ele não trouxe acusações contra aqueles que o tinham acusado. Os judeus ainda eram o seu povo.

Paulo então anunciou a razão pela qual tinha desejado falar com eles: **porque pela esperança de Israel estou com esta cadeia (20).** Esta era a esperança messiânica e a fé na ressurreição (cf. **23.6; 26.6-8).**

Em resposta, os líderes judeus de Roma disseram que eles não tinham recebido nenhuma carta de Jerusalém a respeito dele, nem alguma informação de alguém da Judéia contra ele (21). Isto parece um pouco surpreendente, devido aos dois anos que Paulo passou na prisão em Cesaréia. Bruce faz uma sugestão útil: "A lei romana era severa contra os acusadores malsucedidos; é provável, portanto, que eles tenham abafado o caso".[696]

Os judeus queriam ouvir Paulo falar por si mesmo (22). Tudo o que

eles sabiam era que **quanto a esta seita** (*hairesis*; cf. 5.17; 15.5; 24.5,14) **notório nos** é **que em toda parte se fala contra ela.**

2. *A Rejeição de Jesus* (28.23-29)

Foi definido um dia em que Paulo pudesse explicar a sua posição religiosa (23). No dia indicado, **muitos** foram ter com ele à **pousada,** ou "como seus convidados" (NEB). A eles, **declarava** — "explicava" — **com bom testemunho** — lit., "confirmava com o seu testemunho"[697] — **o Reino de Deus.** Ele tinha um conhecimento original do Reino em seu próprio coração.

Desde pela manhã até à tarde, Paulo discursou e procurou **persuadi-los à fé de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas.** Esta deve ter sido uma exposição magnífica, superada apenas por aquela que o próprio Senhor Jesus fez aos discípulos a caminho de Emaús (Lc 24.27).

Como sempre, a resposta foi mesclada: **alguns criam** — lit., "foram persuadidos" — **no que se dizia, mas outros não criam** (24). Mesmo na atualidade, o pregador do Evangelho passa pela mesma reação dupla por parte dos seus ouvintes. Maclaren nos lembra que "cada um de nós pertence a uma ou a outra dessas duas classes",[698] e prossegue: "O mesmo fogo derrete a cera e endurece a argila; a mesma luz é alegria para os olhos sadios e agonia para os enfermos; a mesma palavra tem sabor de vida para a vida, e sabor de morte para a morte; o mesmo Cristo existe para a queda e para a ressurreição dos homens, e é para alguns a fundação segura sobre a qual eles constroem com segurança — mas para outros a pedra sobre a qual eles tropeçam e se machucam, e que, quando cai sobre eles, os reduz a pó".[699]

Quando os judeus começaram a discutir entre si, Paulo lhes disse **esta palavra: Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías** (25). Este é um dos muitos testemunhos que o Novo Testamento dá sobre a inspiração e autoridade divinas do Antigo Testamento.

A citação dos versículos 26 e 27 é de Isaías 6.9-10. Paulo já a tinha

usado em Romanos 11.8. De maneira semelhante, Jesus aplicou-a aos judeus que o rejeitaram (Mt 13.1315; ver BBC, VI, 132-33).

A seguir, Paulo repetiu uma declaração que ele tinha feito, em essência, em duas ocasiões anteriores (cf. 13.46; 18.6). Ele disse: **Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus** é **enviada aos gentios, e eles a ouvirão** (28). Bruce comenta: "Assim, enquanto o livro de Atos registra a expansão do Evangelho entre os gentios, também registra progressivamente a rejeição dele pela maior parte da nação judaica".[100]

O versículo 29 não está presente nos manuscritos gregos mais antigos. Por essa razão, ele também tem sido omitido por várias versões atuais (ERV, ASV, RSV, NEB, NASB).

3. *Dois Anos em Roma* (28.30-31)

Por que o livro de Atos termina com a menção de Paulo passando dois anos na prisão em Roma? A dedução mais natural é que ele foi libertado no final dos **dois anos inteiros** (30). Alguns pensam que ele pode ter sido absolvido. Por exemplo, Ramsay escreve: "O fato de que ele foi absolvido é uma exigência, tanto por parte das evidências em Atos... quanto por outras razões bem fundamentadas e propostas por outros".[701] No entanto, em um artigo posterior, Ramsay adotou a opinião de Lake,[702] fornecida a seguir. Lake sugere que os acusadores judeus deixaram de aparecer, e assim Paulo foi libertado. Ele especula — não há um conhecimento seguro sobre este ponto — que dois anos pudessem ser o limite legal para manter um prisioneiro à espera de julgamento.[703] Bruce conclui: "Depois de dois anos, o caso provavelmente prescrevia".[704] De acordo com isto, Winn diz: "Não é improvável que o caso tenha prescrito por falta de acusação".[706]

Durante estes dois anos, **Paulo ficou na sua própria habitação que alugara.** Lake e Cadbury preferem a expressão "às suas próprias custas" (cf. RSV, NEB). Eles dizem: "Não existem evidências de que *misthoma* signifique 'uma casa alugada' (AV)".[70G]

Paulo **recebia todos quantos vinham vê-lo, pregando** (30-31) — "proclamando" — **o Reino de Deus e ensinando as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo.**

Assim, o seu ministério era uma combinação de pregação e de ensino. Ele fazia isto **com toda a liberdade.** O substantivo grego *parresia* é uma palavra interessante (cf. 4.13,29,31), e significa: "1. *Falar abertamente, franqueza, objetividade* no falar, que não esconde nada e não ignora nada... 2. 'Abertura' algumas vezes leva à *abertura ao público,* diante de quem ocorre o falar e o agir... 3. *Coragem, confiança, ousadia, destemor,* especialmente na presença de pessoas de nível elevado".[707]

Sem impedimento algum é uma única palavra em grego, um advérbio que significa "sem nenhum obstáculo".[708] Arndt e Gingrich traduziram as duas últimas frases como "bastante abertamente e sem obstáculos".[709] Este foi o triunfo final de Paulo no livro de Atos. Ele tinha se erguido corajosamente diante de Félix, de Festo e de Agripa, testemunhando destemidamente a favor de seu Senhor. Agora, como um prisioneiro romano, ainda pregava o Evangelho eterno. Ele não tinha a liberdade de sair, mas ministrava a todos aqueles que vinham a ele.

Desta cena final do livro de Atos, dois pontos significativos são sugeridos por Alexander Maclaren: 1. Os caminhos inesperados e nem sempre bem-vindos de Deus para realizar os nossos desejos, e os seus propósitos. Paulo desejou durante um longo tempo pregar em Roma (Rm 15.23), mas ele não teria escolhido esta maneira de ir até lá — como um prisioneiro acorrentado. "A fúria judaica, os ardis do estado e a permanência da lei romana, dois anos em uma prisão, uma viagem em meio a uma tempestade, um naufrágio, acabaram por conduzi-lo ao seu objetivo tão desejado, por tanto tempo". 2. A equivocada estimativa de grandeza do mundo. Maclaren escreve: "Quem era o maior homem em Roma naquela época? Não o César, mas o pobre prisioneiro judeu".[710]

Como o propósito de Lucas era descrever a divulgação do Evangelho,

desde Jerusalém até Roma, ele termina com um breve resumo do ministério de Paulo nesta cidade imperial. Não conhecemos o motivo por que ele interrompe o livro aqui. Qualquer resposta seria somente especulação.

Alguns opinam que Lucas pretendia escrever um terceiro volume. Mas isto é duvidoso. Outros opinam que Paulo foi executado. Mas isto não combina facilmente com o silêncio de Lucas a esse respeito. A conclusão mais natural é que Paulo foi libertado e Lucas simplesmente terminou a história.

Notas

INTRODUÇÃO

Robert M. Grant, *A Historical Introduction to the New Testament* (Nova York: Harper & Row, 1963), pp. 141-42.

[2]"Muratorian Canon", *The New Schaff-Herzog Encyclopedia ofReligious Knowledge.* Ed. Samuel

M. Jackson, VIII (Grand Rapids: Baker Book House, 1950 reimpressão]), 56.

[3]W. K. Hobart, *The Medicai Language of St. Luke* (Grand Rapids: Baker Book House, 1954 reimpressão]).

[4]Adolph Harnack, *Luke the Physician.* Trad. J. R. Wilkinson (Londres: Williams & Norgate, 1907), p. 198.

Theodor Zahn, *Introduction to the New Testament.* Trad. John Trout, *et al.* (Grand Rapids: Kregal Publications, 1953 reimpressão]), III, 146.

[6]James Moffatt, *An Introduction to the Literature ofthe New Testament* (terceira edição; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1918), p. 298.

[7]Henry J. Cadbury, *The Making ofLuke-Acts* (Nova Iorque: Macmillan Co., 1927), p. 358.

[8]H. D. A. Major, T. W. Manson e C. J. Wright, *The Mission and Message of Jesus* (Nova York: E. P. Dutton & Co., 1938), p. 253.

[9]Alfred Wikenhauser, *New Testament Introduction.* Trad. Joseph Cunningham (Nova York: Herder & Herder, 1958), p. 209.

[10]*Ibid.,* p. 342.

[u]John Knox, *Marcion and the New Testament* (Chicago: University of Chicago Press, 1942), p. 121.

[12]Op. *cit.*, p. 312.

[13]Edgar J. Goodspeed, *An Introduction to the New Testament* (Chicago: University of Chicago Press, 1937), p. 196.

[14]E. F. Scott, *The Literature ofthe New Testament* (Nova York: Columbia University Press, 1936), p. 94.

[u]*Op. cit.,* III, 159.

[16]Adolph Harnack, *The Acts of the Apostles.* Trad. J. R. Wilkinson (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1909), p. 297. Cf. também a obra do mesmo autor, *The Date ofthe Synoptic Gospels.* Trad. J. R. Wilkinson (Nova York: G. P. PutnanTs Sons, 1911), p. 99.

[17]C. C. Torrey, *The Composition and Date ofActs* (Cambridge: Harvard University Press, 1916), p. 68.

[18]T. Henshaw, *New Testament Literature* (Londres: GeorgeAllen e Unwin, 1952), p. 185.

[19]F. B. Clogg, *An Introduction to the New Testament* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1937), p. 247.

[20]Kirsopp Lake e Silva Lak*e, An Introduction to the New Testament* (Nova York: Harper & Brothers, 1937), p. 66.

SEÇAOI

'Albert C. Winn, "The Acts of the Apostles", *The Laymans Bible Commentary,* ed. Balmer H. Kelly, XX (Richmond, Virgínia: John Knox Press, 1960), 19.

[2]J. Rawson Lumby, *The Acts ofthe Apostles* ("Cambridge Greek Testament"; Cambridge: University Press, 1885), p. 80.

[3]Ibid.

[4]E. M. Blaiklock, *The Acts ofthe Apostles* (The Tyndale New Testament Commentaries": Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959), p. 49.

[5]Ver Kirsopp Lake e Henry J. Cadbury em *The Beginnings ofChristianity,* Parte I, The Acts of the Apostles, ed. F. J. Foakes Jackson e Kirsopp Lake, IV (Londres: Macmillan & Co., 1933), 3. A partir deste ponto, mencionado como *Beginnings.*

[6]F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles* (Chicago: Inter-Varsity Christian Fellowship, 1952), p. 66.

[7]David H. Wheaton, "Passion", *Baker s Dictionary ofTheology,* ed. E. F. Harrison (Grand Rapids: Baker Book House, 1960), p. 395. Ver também Alan Richardson (ed.), *A Theological Word Book ofthe Bible* (Londres: SCM Press, 1950), p. 163.

[8]G. Abbott-Smith, A *Manual Greek Lexicon ofthe New Testament* (2 ed.: Edinburgh: T. & T. Clark, 1923), p. 441.

[9]Joseph H. Thayer, A *Greek-English Lexicon of the New Testament* (edição corrigida: Nova York: Americam Book Co., 1889), p. 617.

[10]W. F. Arndt e F. W. Gingrich, A *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 1957), p. 815.

[n]*Beginnings,* IV, 5.

[12]C. S. C. Williams, A *Commentary on the Acts of the Apostles* ("Harper's New Testament Commentaries"; Nova York: Harper & Brothers, 1957), p. 54. Para uma completa defesa desta opinião, cf. C. R. Bowen, *Studies in the New Testament,* ed. R. J. Hutcheson (Chicago: University of Chicago Press, 1936), pp. 89-109.

[13]*Op. cit.,* p. 156.

[14]R. B. Rackham, *The Acts ofthe Apostles* (8 ed.; "Westminster Commentaries"; Londres: Methuen & Co., 1919), p. 5.

[15]*Op. cit.,* p. 55.

[16]F. Blass eA. Debrunner, A *Greek Grammar ofthe New Testament and Other Early Christian Literature,* trad. e rev. por Robert W. Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), p. 120.

[17]At 1.6; 2.41; 5.41; 8.4, 25; 11.19; 15.3,30.

[ls]At 1.18; 9.31; 11.5; 13.4; 16.5.

[ls]*Op. cit.,* p. 56.

[20]*Op. cit.,* p. 83.

[21] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 226.

[2]Y *bid.*

[23]R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 reimpressão), p. 211.

[2i]*Op. cit,* p. 70.

[25]0p. *cit.,* p. 22.

[26]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 161.

[27]Hermann Cremer, *Biblico-Theological Lexicon ofNew Testament Greek,* trad. William Urwick (Edinburgh: T. & T. Clark, 1878), pp. 236-37.

[28]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 206.

[z9]Henry Alford, *The Greek Testament,* rev. E. F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1958), II, 4.

[30]Joseph A. Alexander, *Commentary on the Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1956 reimpressão), p. 12.

[31]Op. *cit.,* p. 22.

[3Z]R. J. Knowling, "The Acts of the Apostles", *The Expositor's Greek Testament,* ed. W. R. Nicoll (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., n.d.), II, 57.

[33]*Ibid.,* p. 58.

[34]A. W. F. Blunt, *The Acts ofthe Apostles* ("The Clarendon Bible"; Oxford: Clarendon Press, 1923), p. 133.

[35]Rackham, *op. cit.*, p. 9.

[36]W. R. Farmer, *Maccabees, Zealots and Josephus* (Nova York: Columbia University Press, 1956), p. 189.

[37]**E súplicas** não aparece nos mais antigos manuscritos gregos.

[38]Também usada por Paulo (Rm 12.12; 13.6; Cl 4.2) e Marcos (3.9).

[39]A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament,* III (Nova York: Richard R. Smith, 1930), 14.

[i3]*Op. cit.,* p. 74.

[41]J. B. Lightfoot, *St. PauTs Epistle to the Galatians* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.), pp. 88-128. '

[42]Ver também os comentários sobre Mt 13.55.

[43]Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. James* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 reimpressão), pp. v-lxv. Ver também Samuel Andrews, *The Life ofOur Lord upon the Earth* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 reimpressão), pp. 111-123.

[44]J. H. Moulton e George Milligan, *The Vocabulary ofthe Greek Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), p. 451.

[i5]*Beginnings,* IV, 12.

[i3]*Ibid.*

[47]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 107.

[48]Ver *Beginnings,* V, 22-30.

[49]EGT, II, 65.

[50]H. B. Hackett, A *Commentary on the Acts ofthe Apostles* (ed. rev.; Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1882), p. 37, n.3.

[51]EGT, II, 65.

'"Beginnings, IV, 57.

SEÇAO II

[l]*Op. cit.,* p. 15.

[z]O verbo grego só é usado por Lucas, aqui e em Lc 2.22; 9.51.

[3]Também Hackett, *op. cit.,* p. 41; *Beginnings,* IV, 16; Bruce, *op. cit.,* p. 81. [4]Também Knowling, EGT, II, 71.

'Op. cit., III, 20.

[6]R. C. H. Lenski, ***The Interpretation oftheActs oftheApostles*** (Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1944), p. 56.

[7]0s judeus têm um calendário lunar — todos os meses se iniciam na lua nova. Por isso, a nossa Páscoa (datada pela Páscoa deles) varia entre março e abril em nosso calendário solar.

[S]G. T. Purves, "Pentecost", ***A Dictionary ofthe Bible,*** ed. James Hastings, III (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1900), 742.

[9]Henry E. Dosker, "Pentecost", ***The International Standard Bible Encyclopedia,*** ed. James Orr (ed. rev., Chicago: Howard-Severance Co., 1929), IV, 2318.

[10]F. J. Foakes-Jackson, ***The Acts of the Apostles*** ("The Moffatt New Testament Commentary"; Nova York: Harper & Brothers, 1931), p. 10.

"A. W. F. Blunt, "Pentecost, Feast of', rev. D. R. Jones, ***Dictionary ofthe Bible,*** ed. James Hastings (ed. rev.; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1963), p. 748.

[12]Em grego, ***êxodos,*** "saída, partida", Lc 9.31 (traduzido como "morte" na versão KJV).

[13]Por exemplo, Bruce, ***op. cit.,*** p. 81. .

[u]***Op. cit.,*** p. 58.

[15]A forma grega do partieípio pode ser média ou passiva. Robertson (III, 21) é favorável à forma média — "distribuindo-se".

[w]***Op. cit.,*** p. 42.

[17]EGT, II, 72.

[w]***Op. cit.***, p. 54.

[19]VGT, p. 338.

[20]Op. ***cit.,*** p. 64.

[n]***0p. cit.,*** p. 94.

[12]***Ibid.***

[2']***Beginnings,*** TV, 18.

[24]G. V. Lechler, "Acts" (Exegesis), ***Commentary on the Holy Scriptures,*** ed. J. P. Lange, (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.), p. 33.

[s]***Op. cit.,*** II, 17-18.

[26]0p. ***cit.,*** p. 83.

[27]Henry G. Liddell e Robert Scott, ***A Greek-English Lexicon,*** rev. Henry S. Jones (Oxford: Clarendon Press, 1940), p. 401.

[28]0p. ***cit***., pp. 48-49.

[29]0 fato de os galileus poderem ser reconhecidos pelo seu sotaque distinto é indicado em Mt 26.73; Mc 14.70; Lc 22.59.

[30]Bruce, ***op. cit.,*** p. 84.

[31]EGT, II, 75.

[32]0p. ***cit.,*** p. 66.

S3Beginnings, IV, 19. Blunt *(op. cit.,* p. 138) diz: "Esta pode ser uma referência à Palestina e à Síria de língua aramaica, uma vez que a lista é mais de línguas do que de áreas".

34EGT, II, 75. *36Ant.* XIV. 7.2.

36Emil Schuercr, A *History ofthe Jewish People in the Time of Jesus Christ* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1885), II, ii, 232.

37F. F. Bruce, *Commentary on the Book ofActs* ("The New International Commentary on the New Testament"; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), p. 63. Deste ponto em diante mencionado como NIC.

mOp. cit, p. 67.

^*Beginnings,* V, 77-88.

40E estranho, mas a versão KJV traduz a mesma palavra grega, no texto em inglês, como "Cretas" aqui, e como "Cretanos" em Tt 1.12. A forma correta é "Cretenses".

41EGT, II, 76. *i2Beginnings,* IV, 19.

43Acfs, p. 86.

t4E. H. Plumptre, "The Acts of the Apostles", *Commentary on the Whole Bible,* ed. C. J. Ellicott (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), VII, 9.

""Cheios" significa literalmente "com o tanque cheio" (Robertson, *op. cit.,* III, 25). *i6Beginnings,* IV, 20.

"Ibid.

48Citado em Bruce, *Acts,* NIC, p. 65, n. 37.

49E. G. Selwyn, *The First Epistle ofPeter* (2. ed.; Londres: Macmillan

& Co., 1947), pp. 33-34. "Veja Cadbury, *op. cit.,* pp. 184-90.

[51]G. H. C. Macgregor, "The Acts of the Apostles" (Exegesis), *The Interpreters Bible,* ed. G. A. Buttrick, *et al.,* IX (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1954), 41.

[52]0p. cit., p. 33.

[63]Beginnings, IV, 21.

[M]Ibid.

[5]Tbid.

[m]Op. cit., p. 100.

[5]Tbid.

[m]Op. cit., p. 33.

[59] J ohn Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament,* trad. A. R. Fausset, 5 vols (4. ed.; Edinburgh: T. & T. Clark, 1860), II, 527.

[60]Ibid., pp. 527-28.

[61]EGT, II, 81.

[62]VGT, p. 60.

[63]Beginnings, IV, 23.

[64] A expressão "Levantaria o Cristo" não aparece nos mais antigos manuscritos gregos, embora o significado esteja claramente implicado pelo contexto.

[65]A Septuaginta usa *kyrios* (Senhor) para o Yahweh hebraico (Jeová).

[66]Robertson, *op. cit.,* III, 34. *[m]Ibid.,* III, 36.

[68]A expressão “a igreja” não consta nos mais antigos manuscritos gregos, embora este seja o significado óbvio da frase.

[m]*Ant.* XIV, 4.3. [n]*Op. cit.,* II, i, 290. [n]*Ibid.*

[n]*War* V. v. 3.

[73]As palavras “levanta-te e”... não constam nos manuscritos gregos mais antigos. Algumas das traduções mais recentes, portanto, apresentam um imperativo forte, por exemplo: “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno — anda!” (NASB).

[74]Hobart, *op. cit.,* pp. 34-36.

[75]EGT, II, 106.

™*Ant.* XX. 9. 7.

[77]0p. *cit.,* p. 609. [n]*Ibid.,* p. 610.

[79]Acís, pp. 107-8. [m]*Op. cit.,* p. 63. [ai]*Op. cit.,* 11,37.

[82]VGT, p. 63. [m]*Ant.* XI. 3. 8.

[84](Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), I, 391. [m]*Op. cit,* p. 116. [m]*Ihid.,* p. 117. [w]*Ibid.*

[m]*Op. cit.,* II, i, 258. [w]*Ibid.,* p. 259.

“Para a origem deste grupo, ver os comentários sobre Mt 3.7.

“Robertson, *Word Pictures,* III, 49.

[92]VGT, p. 153. [m]*War* V. 4. 2.

[94]Veja *Beginnings,* V, 474.

[S5]*Ibid.,* I, 34. [m]*Acts,* p. 119.

[97]Isto é demonstrado pelo fato de que "vós", ou "vocês", está no final da sentença em grego — "pessoas como vocês" (Bruce, *Acts,* p. 120).

[98]J. A. Alexander, *Commentary on the Acts ofthe Apostles* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1956. Reimpressão]), p. 137.

"NIC, p. 99, n. 16. ***[m]0p. cit.,*** p. 138.

[101]Sobre a palavra grega para "devamos", Lumby diz: ***"Dei*** implica a necessidade de procurar a nossa salvação neste nome, se nós quisermos encontrá-la" (***op. cit.***, p. 126).

"[a]Word pictures, III, 52.

[103]Alexander, ***op. cit.,*** p. 146. ***[m]Acts,*** p. 122.

[105]Abbott-Smith, ***op. cit.,*** p. 213. ***[loe]Ibid.***

[107]Se surgir a pergunta sobre como esta conversação (16-17) ficou conhecida, a resposta simples é que o jovem fariseu, Saulo, pode muito bem ter estado presente nas sessões do Sinédrio (cf. Schuerer, ***op. cit.,*** II, i, 193ss.).

[im]Op. cit., p. 165.

[109]Adolph Deissmann demonstrou que multidão significa "comunidade" ***(Bible Studies,*** trad. por A. Grieve [Edinburgh: T. & T. Clark, 1901], pp. 232-33).

[im]Beginnings, IV, 49.

[m]G. H. C. Macgregor, "The Acts of the Apostles" (Exegese), ***The lnterpreter's Bible,*** ed. G. A. Buttrick, ***et al,*** IX (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1954), 73.

[U2]Joseph Klausner, ***From Jesus to Paul,*** trad. do hebraico por W. F. Stinespring (Nova York: Macmillan Co., 1943), pp. 289-90.

[m]Beginnings, IV, 50.

[ÍU]Op. cit., p. 37.

[116]EGT, II, 142. *[m]Acts,* p. 134.

[U7]F. F. Bruce, "The Acts of the Apostles", ***The New Bible Commentary,*** ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 905. Mencionado como NBC.

[118]NIC, p. 114.

[U9]Op. cit., p. 134. *[m]Ibid.,* p. 135.

[121]Veja a nota de rodapé sobre 2.47.

[122]Adolph Deissmann, ***Light from theAncientEast,*** trad. por L. R. M. Strachan (Nova York: George

H. Doran Co., 1927), p. 112.

[m]Karl Ludwig Schmidt, "The Church", ***Bible Key Words,*** trad. por J. R. Coates (Nova York: Harper & Brothers, 1951), p. 24.

[m]Ibid., p. 25.

[125]Acís, p. 136.

[126]IB, IX, 79.

[w]Op. cit., p. 140.

[us]Op. cit., p. 116.

[129]NIC, p. 118. *[l30]Op. cit.,* p. 141.

[m]A palavra grega é *zelos,* de onde vem a palavra "zelo". Mas em dez das suas dezessete aparições no Novo Testamento ela claramente leva a conotação negativa de "ciúme" ou "inveja".

[132]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 104.

™*Ibid.*

[1M]Beginnings, IV, 15.

[l33]Ibid. Gerousia aparece somente aqui no Novo Testamento.

[136]0 sumo sacerdote não é mencionado aqui nos antigos manuscritos gregos, embora as palavras sejam autênticas no versículo 17.

[13,]A questão no início de 28 pode também ser traduzida como uma declaração (cf. ASV, RSV, NEB).

[138]A ordem específica: Não vos admoestamos nós expressamente... pode significar "fazer uma injunção" (VGT, p. 480).

[139]Hackett, *op. cit.,* p. 81. *[m]Acts,* p. 143.

[141]Alexander *{op. cit.,* p. 228) faz esta combinação, quando comenta: *"Com a sua destra,* exercendo o seu poder, e *pela sua destra, i.e.,* na extensão do poder e da dignidade ligados a ela".

[m]Ibid., p. 229.

[143]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 70.

[144]T. E. Page, *Acts of the Apostles* (Londres: Macmillan & Co., 1887), p. 114.

[14B]A palavra seu, que aparece em algumas versões, não consta no melhor texto grego.

[146]EGT, II, 155. *[ul]Ibid.*

[148]Para a origem da palavra, ver os comentários sobre Mt 3.7 (BBC, VI, 46-47).

[U3]*Acts,* p. 145. [m]*Ant.* XVIII. 1. 4.

[161]Schuerer, *op. cit.,* II, i, 364.

[1S2]*Ant.* XX. 5. 1.

[153]EGT, II, 158. [m]*War* II. 8. 1. [m]*Ant.* XVII. 10. 4.

[1M]*Ibid.*

[157]0 primeiro se é *ean* com o subjuntivo; o segundo se é *ei* com o indicativo. Isto mostra que Lucas aceitava a segunda condição como verdadeira. No entanto, é provável que Gamaliel falasse em aramaico, onde esta distinção não existe necessariamente.

[m]*Op. cit.,* p. 150. [im]*Beginnings,* V, 376.

[160]Bruce, *Acts,* p. 151. [m]*Ibid.*

[m]*Ibld.*

[m]*Beginnings,* IV, 64.

[164]EGT, II, 166. [vr]*'0p. cit.,* p. 153. [m]*Ibid.*

[167]Alexander, *op. cit.,* p. 243.

[16S]EGT, II, 169. [l69]VGT, p. 691. [im]*Acts,* p. 152. [m]*Beginnings,* IV, 65.

[172]VejaNm 27.18; Dt 34.9.

[173]W. M. Ramsay, *St. Paul the traveler and the Roman Citizen* (Grand Rapids: Baker Book House, 1949. Reimpressão]), p. 375.

[m]*Agains Apion,* II, 8.

[175]0p. *cit.*, p. 155.

[176]Para a origem da palavra, ver os comentários sobre Mt 4.23 (BBC, VI, 62-63).

111 Op. cit., II, i, 49. *[m]Ibid.,* II, ii, 57, n. 44.

™*Op. cit.,* p. 109. *[im]Op. cit.,* p. 87. *[m]Op. cit.,* p. 118.

[182]EGT, II, 174. *[m]Op. cit.,* p. 35.

[184]John Calvin, *Commentary upon the Acts of the Apostles,* ed. Henry Beveridge (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949 [reimpressão]), I, 241.

[v]~Acts p. 156.

[m]Op. cit., p. 250.

[m]Op. cit., p. 155.

[188]Veja o comentário sobre 2.10.

[189]EGT, II, 175.

[190]Lumby, op. *cit.,* p. 156.

[m]Beginnings, IV, 68-69.

[m]Op. cit., p. 157.

[193]Acís, p. 161.

[194]J*Beginnings,* IV, 70.

[m]Op. cit, p. 256.

[m]Ibid.

[m]Ant. II. 15. 2.

[im]Ant. II. 9.1; *War* V. 9. 4.

"Beginnings, IV, 72.

[2m]Sitia (pl.) era usada em geral para "alimentos" ou "provisões". *[m]Ant.* II. 7.4; VI. 5. 6.

[202]Henry J. Cadbury, *The Book ofActs in History* (Nova York: Harper & Brothers, 1955), p. 108, n. 36.

[W3]0p. cit., p. 164.

[204]Por exemplo, Hackett, *op. cit.,* p. 95; Lumby, *op. cit.,* p. 165.

[205]Bruce, *Acts,* p. 166.

[206]EGT, II, 185.

[207]Op. cit., pp. 39-40.

[2m]Op. cit., p. 165.

[209]G. Ernest Wright e Floyd V. Filson (eds.), *Westminster Historical Atlas to the Bible* (Filadélfia: Westminster Press, 1945), p. 28.

[m]Ibid. (ed. rev., 1965), p. 15.

[2U]W. F. Albright, "The Old Testament and Archaeology", *Old Testament Commentary,* ed. H. C. Alleman e E. E. Flack (Filadélfia: Muhlenberg Press, 1948), p. 141.

[212]Ibid.

[213]A mesma palavra é encontrada em Ex 1.11 (LXX) — "afligir".

[2U]Op. cit., p. 166.

[215]EGT, II, 186.

[216]0p. cií., p. 119.

[211] ***Acts,*** p. 168. [m]***Op. cit.,*** p. 274.

[219]EGT, II, 187. [m]***Op. cit.,*** p. 167.

[221]***0p. cit,*** p. 274. [m]***Ibid.,*** pp. 274-75.

[223]***0p. cit.,*** p. 280.

[224]A expressão do Senhor não aparece nas traduções recentes porque não consta no melhor texto grego. A ausência da expressão não questiona, de maneira alguma, o caráter deste visitante divino. Os fatos estão claros no relato do Antigo Testamento (Ex 3.1-22) e no versículo 31.

[225]0p. ***cit.,*** p. 284.

[226]Lumby, ***op. cit.,*** p. 168. [m]***Op. cit.,*** p. 288.

[228]Também ***Beginnings,*** IV, 79-80; Bruce, ***Acts,*** p. 173.

[2i9]***Beginnings,*** IV, 79.

[230]Bruce, ***Acts,*** p. 174.

[2n]*Ibld.*

[m]*0p. cit.,* p. 293.

[ɑ3]*Acts,* p. 175.

™*Ibid.*

[235]Alexander, *op. cit,* p. 296. [m]*Ibid*., p. 298.

[237]Acís, pp. 176-77. No entanto, deve-se observar que alguns (por exemplo, Alexander, *op. cit.,* p. 300) têm objeções contra esta idéia de uma interrupção.

[m]*Op. cit.,* p. 172.

[2m]*Ant.* XV. 5. 3.

[240]Alexander, *op. cit.,* p. 307. [m]*Ibid.*

[242]A palavra Deus (que aparece em algumas versões em inglês, como por exemplo na AV, BBE, NKJV) não aparece nos textos gregos, como indicado pelos itálicos na versão KJV, NKJV, AV. A oração Senhor Jesus, recebe o meu espírito é um paralelo surpreendentemente à oração contida em Lucas 23.46.

SEÇAOIII

'Alexander, *op. cit.,* p. 314.

'Ibid.

[3]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 20.

**Op. cit.,* p. 166.

[5]Paton J. Gloag, A *Criticai and Exegetical Commentary on the Acts of the Apostles* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1870), I, 274.

[6]Meyer, *op. cit.,* p. 318.

[7]IB, IX, 108.

[8]*Ant.* XX. 6. 2.

[9]Alguns manuscritos gregos, na verdade, trazem "uma cidade da Samaria". Mas a melhor evidência favorece a expressão "a cidade de Samania".

"Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 385. [n]*Op. cit.,* p. 169. [l2]EGT, II, 216.

[13]*Ibid.,* p. 218. [u]*Op. cit.,* p. 334. [m]*Ibid.*

[16]*Op. cit.,* p. 111.

"Abbott- Smith, *op. cit.,* p. 271.

[K]*lbid.,* p. 186. [n]*Ibid.,* p. 101.

[20]O melhor texto grego apresenta a expressão "o Senhor".

[21]Op. *cit.,* p. 292.

[22]Meyer, *op. cit.,* p. 172.

[23]*Beginnings,* IV, 94.

[M]*Acts,* p. 188.

'"Op. cit, p. 172.

[23]*0p. cit.,* p. 293.

[21]*0p. cit.,* p. 297.

[23] *Op. cit.,* II, i, 71.

[29]*0p. cit.,* pp. 300-302. [m]*Beginnings,* IV, 95.

[31]Acís, p. 190.

[32]WDB, p. 173.

[33]Sobre o significado de eunuco, ver os comentários sobre Mt 19.12.

[3i]*Beginnings,* IV, 96.

"Ibid.

[36]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 340.

[31]*Ibid.,* p. 356.

[33]*0p. cit.,* p. 306.

"'Ibid. Também Lumby, *op. cit.,* p. 186.

[40]Op. *cit.,* p. 177. *nbid.* p. 176. [i2]*0p. cit.,* p. 187.

[43]Acís, p. 198.

[44]A última frase do versículo 5 — **Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões** — e a primeira metade do 6 — **E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? E disse-lhe o Senhor** — não estão exatamente neste ponto no texto grego. As palavras aparentemente foram traduzidas por Erasmo da Vulgata Latina (EGT, II, 232). "Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões" é autêntico em 26.14. A frase "Senhor, que farei?" é encontrada no texto grego em 22.10, mas alguns entendem que ela não pertence a este versículo. Estes fatos são verídicos e fiéis à conversão de Saulo, mas obtêm a sua autenticidade a partir de outros registros deste acontecimento.

[45]0p. *cit.,* p. 323.

[43]*Ibid.,* p. 325.

[47]Acís, p. 202.

[48]W. J. Conybeare e J. S. Howson, *The Life and Epistles ofSt. Paul* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1894), I, 93.

[i3]*Op. cit.,* p. 123, n. 2. [m]*Ant.* V. 1. 2.

[51]Cadbury, ***The Book ofActs in History,*** p. 20. [ô2]***Ibid.***

[m]***Op. cit.,*** p. 47.

"EGT, II, 247.

[55]Lumby, ***op. cit.,*** p. 208.

[56]Acís, p. 215.

'"Beginnings, V, 74-96.

[58]0p. ***cit.,*** p. 363.

[59]Lumby, ***op. cit.,*** pp. 209-10.

[60]O restante do versículo — Ele te dirá o que deves fazer — não aparece nos manuscritos gregos mais antigos e, portanto, não tem sido incluído nas traduções mais recentes.

"Animais selvagens não aparece no melhor texto grego.

[62]0p. cit., p. 211.

****Tbid.,*** p. 212. ***[u]Op. cit.,*** p. 369. ***[e5]Ibid.***

[e6]Op. cit., p. 396.

[67]0 manuscrito grego mais antigo do NT, Vaticanus (séc. IV), diz "dois". Se esta leitura (adotada por Nestle) for correta, ela se refere aos dois criados, e neste caso o soldado atuava como guarda.

[6i]Op. cit., p. 215.

[69]Rackham, ***op. cit.,*** p. 154. ***[n]Op. cit.,*** pp. 401-2.

[71]0 assim chamado texto ocidental diz "há três dias" (cf. Phillips), mas isto parece estar baseado em uma má interpretação do tempo envolvido nas viagens de ida e de volta (ver os comentários sobre 9).

[72]Ver a Introdução a "Marcos", BBC, VI, 264-66.

^'Beginnings, IV, 120.

[74]Para as implicações históricas e teológicas disto, ver os comentários sobre 19.6. ***[w]Op. cit.,*** p. 214. ***[ie]Op. cit.,*** p.769.

[77]Josefo, ***War*** III. 2. 4.

[7]***Tbid.*** VII. 3. 3.

[19]***Op. cit.,*** I, 403. [m]***Op. cit.,*** p. 223.

[81]7***bid.***

[S2]***Beginnings,*** IV, 130.

[B3]***Op. cit.,*** I, 404.

[M]*Beginnings,* IV, 131. [m]*Ant.* III. 15.3; XXII. 2. 5. [m]*Ant.* XIX. 7. 3.

[87]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 227.

[88]Oj0. *cit.,* p. 443. [m]*0p. cit.,* p. 445.

[90]Ver os comentários sobre Mt 26.17 (BBC, VI, 233).

"'Beginnings, IV, 135.

[92]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 427.

[93]Lumby, *op. cit.,* p. 232.

[%i]*Op. cit.,* p. 233.

[S5]*0p. cit.,* I, 420.

[96]*Ibid.*

"Beginnmgs, IV, 139.

[98]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 210.

"Ant. XIX. 7. 5. [m]*Ant.* XIX. 8. 2.

[in]*Ibid.*

[m]*Ibid.*

[m]*Ibid.*

[1M]*Ibid.*

'""*Ibid.*

[106]Esta é encontrada no texto de Nestle e na nova edição da British and Foreign Bible Society (1958). [107]Bruce, *Acts,* p. 252.

SEÇAOIV

[1] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 390.

[2]*0p. cit.,* p. 65.

[3] *Beginnings,* IV, 141.

[4] *Op. cit.,* p. 464.

[5] Veja Charles W. Carter e Ralph Earle, *The Acts ofthe Apostles* ("*Evangélical Commentary on the*

Bible"; Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959), pp. 173-74.

[6] *Op. cit.,* p. 434.

[7] *Acts,* p. 253.

[8] E. J. Bricknell, "The Acts of the Apostles", A *New Commentary on Holy Scripture,* ed. Charles

Gore, H. L. Goudge andAlfred Guillaume (New York: Macmillan Co, 1928), p. 353.

[9] V.G.T, p. 615.

[10] *Op. cit.,* p. 239.

[11] ***Op. cit.,*** p. 266.

[12] Bicknell, ***op. cit.,*** p. 353. Cf. também Alexander, ***op. cit.,*** p. 466.

[13] ***Op. cit.,*** p. 254.

[14] ***Beginnings,*** IV, 143.

[15] ***Op. cit.,*** p. 384.

[16] ***Acts.*** p. 256.

[17] Alexander, ***op. cit.*** pp. 469-70.

[18] ***Ant.*** XX. 7.2.

[19] ***Ant.*** VIII. 2.5.

[20] Veja A. T. Robertson, ***Luke the Historiem in theLight of Research*** (New York: Charles Scribner's

Sons, 1920), pp. 179-82.

[21] ***Acts,*** p. 257.

[22] ***Ibid.***

[23] Paulo e Paulus são o mesmo nome nos textos originais em grego.

[24] Abbott-Smith, ***op. cit.,*** p. 67.

[25] Alexander, ***op. cit.,*** p. 474.

[2S]Ibid.

[27] Abbott-Smith, ***op. cit.,*** p. 141.

[28] ***Op. cit.,*** p. 243.

[29] ***Op. cit.,*** pp. 91-97.

[30] ***Beginnings,*** IV, 148.

[31]***Ibid.***

[32] ***Op. cit.*** p. 174.

[33] ***Acts,*** p. 260.

[34] Listra, Filipos e Corinto também eram colônias romanas.

[35] ***Acts,*** p. 260.

[36] ***Op. cit.,*** p. 783.

[37] ***Ibid,*** p. 784.

[38] ***Op. cit.,*** p. 481.

[39] ***Acts,*** p. 263.

[40] ***Op. cit.,*** p. 784.

[41] ***Acts,*** p. 264.

[42] ***Op. cit.,*** p. 211.

[43] ***Beginnings,*** IV, 151.

[44] ***Ant.*** VI. 14.9.

[45] Aní. X. 8.4.

[46] Aqui existe um complicado problema textual (veja Carter e Earle, ***op., cit.,*** p. 188). Mas a versão

KJV parece ter aplicado o significado correto (cf. RSV).

[i7]*Acts,* p. 269 (veja também Carter e Earle, *op. cit.,* p. 188).

48 *Beginnings,* IV, 156.

49 *Op. cit.,* I. 790.

56 O termo *Abode* nas versões em inglês significa literalmente "remover" ou "consumir".

57 *Op. cit.,* pp. 509-10

58 Ibid, p. 510.

59 *Op. cit.,* p. 257.

60 Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 453.

61 O verbo composto significa "fugir em busca de refúgio".

62 Op. *cit.,* pp. 110-11.

63 Hobart, *op. cit.,* p. 46.

64 Op *cit.,* p. 516.

65 Lumby, op. *cit.* p. 261.

66 *Acts,* p. 281.

67 *Op.cit.,* p. 261.

68 Op. *cit.,* p. 264.

69 *Ibid.*

70 *Beginnings,* IV, 163.

[71]IDB, III, 195; I, 826.

[72] Op. *cit.,* p. 796.

[73] *Beginnings,* IV, 167.

[74] Alexander, *op. cit.,* p. 526. [w] *Acts,* p. 286.

[76] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 481.

[77] Ibid.

[78] Op. *cit.,* p. 122.

[79] Op. *cit.,* p. 527.

[80] *Ibid.*

[81] *Acts,* p. 286.

[82] *Beginnings,* IV, 168.

[83] Abbott-Smith, op. *cit.,* p. 28. [M]*Op. cit.,* p. 270.

[85]Um significado dado por Abbott-Smith (p. 382) para o verbo aqui. [m]***Op.*** cif.,p. 271.

[87]Acís, p. 287.

[88]Esta é a única passagem em Atos na qual Pedro é mencionado após os primeiros doze capítulos, onde o seu nome ocorre 57 vezes.

[89]EGT, II, 319.

"Ibid., p. 320.

"Beginninga, IV, 173-74.

[9z]Op. crí., II, ii, 124.

^***Beginnings,*** IV, 172.

"***Op. cit.,*** p. 249. [m]***Op. cit.***, p. 277.

[96]Charles R. Erdman, ***TheActs*** (Philadelphia: Westminster Press, 1919), p. 113.

'"***Acls,*** p. 299.

"***Op. cit.,*** p. 803.

[S3]***Op. cit.,*** p. 280. [m]***Beginnings,*** IV, 178. [im]***Ibid.***

[102]Bengel, ***op. cit.***

[103]***Op. cit.,*** p. 281. [m]***lbid.***

[105]Algumas traduções trazem o termo ***enviar*** em itálico, o que significa que ela não consta no texto original. Ela deve ser omitida.

[106]Abbott-Smith, ***op. cit.,*** p. 477.

[107]Sair (***exelthontes***) não consta nos manuscritos gregos mais antigos.

[108]As palavras que foram acrescentadas em algumas versões, "Vós tendes que ser circuncidados e obedecer à lei", não constam nos manuscritos mais antigos.

[109]Lumby, ***op. cit.***, p. 282. [m]***Ibid.***

[U1]A questão muito debatida de Gálatas 2.1-10 referir-se ao Concilio de Jerusalém (At 15) ou à assim chamada Visita da Fome (At 11.27-30) pertence ao comentário sobre Gálatas, portanto não será discutida aqui. Esse autor prefere a identificação com Atos 15 (contra Bruce, ***Acts,*** p. 38).

[m]***Op. cit.,*** pp. 282-83.

[113]Somente aqui no melhor texto do Novo Testamento. [m]***Acts,*** p.

304. [ll5]Rackham, ***op. cit.,*** p. 257.

[116]Bruce, Acís, p. 305.

[m]Ibid.

[118]Hackett, ***op. cit.,*** p. 179.

[U9]Abbott-Smith, ***op. cit.,*** p. 173. ***[m]Ibid,*** p. 347. ***[ni]Begirmings,*** IV, 183.

[122]0p. cit., p. 560.

[123]0s melhores manuscritos gregos dizem: "a Derbe e a Listra", sugerindo que a palavra ali significa Listra. Isto é confirmado pela repetição da palavra Listra no versículo seguinte.

[124]Bruce, ***Acts,*** p. 308.

[126]Lumby, ***op. cit.,*** p. 287. ***[m]Ibid.***

[127]A palavra grega ***dogma é*** derivada do verbo ***dokeo,*** usado em 15.28 ("pareceu bem"). Seu primeiro significado como "opinião" (de ***dokeo,*** "eu penso") veio a ser usado em decretos públicos e regulamentos.

[12°]Beginnings, IV, 185 (cf. NASB).

[129]0 melhor texto grego usa o indicativo e não o particípio "depois que atravessaram".

[130]Op. cit., p. 194.

[13i]Acts, p. 309.

[m]Beginnings, IV, 186 (cf. RSV).

[I33]Somente aqui no NT. ***[lu]Op. cit.,*** p. 203. ***[m]Ibid.***

[m]Ibid, p. 205. ***[m]Beginnings,*** IV, 187. ***[m]Op. cit.*** p. 246. ***[im]Beginnings,*** IV, 186. ***[lVi]Ibid.*** p. 187. ***[m]Beginnings,*** IV, 188. ***[m]Ibid.***

[U3]***Ibid,*** p. 190. [lu]***Op. cit.,*** p. 206. [lu]***Ibid.*** (14. ed), p. 38.

[146]Bruce, ***Acts,*** p. 314.

[147]Abbott-Smith, ***op. cit.,*** p. 374. [liS]***Ibid.,*** p. 337. [ug]***Op. cit.,*** p. 291. [m]***Op. cit.,*** p. 312.

[151]VGT, p. 474.

™*Acts,* p. 315.

[153]0 melhor texto grego diz "vos".

™*Acts,* p. 316. [lb&]*Beginnings,* IV, 195. [im]*Op. cit.,* p. 314. [m]*Op. cit.,* p. 219. [im]*Op. cit.,* p. 581. [m]*Beginnings,* IV, 196. [m]*Ibid,* p. 198.

[161]A palavra "Cristo" foi omitida nos manuscritos mais antigos.

[W2]*Acts,* p. 321. [m]*Op. cit.,* p. 297. [m]*Beginnings,* IV, 200.

[165]Acís, p. 324. [m]*Op. cit.,* p. 343.

[167]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 385. [m]*Op. cit.,* p. 598.

[169]A frase "que não criam", que ocorre em algumas versões, foi omitida nos melhores manuscritos, embora a verdade contida na frase seja óbvia.

[m]*Beginnings,* IV, 204.

[m]*Acts,* p. 326.

[m]*Ibid.*

[m]*Beginnings,* IV, 205. [lu]*Ibid.* p. 206. [ll5]*lbid.* p. 205. [m]*Op. cit.* pp. 230-31.

[177]Abbott-Smith, *op. cit.* p. 381.

[m]*Ibid,* p. 190.

[m]*Acts,* p. 331.

[im]*Beginnings,* IV, 209.

[m]*Acts,* p. 332.

[m]*Ibid.*

[m]*Ibid.*

[184]Lumby, *op. cit.,* p. 307. [im]*Beginnings,* IV, 211. [m]*Ibid,* p. 212.

[187]Acís, p. 333. [ws]***Beginnings,*** IV, 213.

[™]***Ibid.***

[m]***Ibid,*** p. 214.

[m]***0p. cit.,*** p. 57, n. 43.

[im]***Ibid.***

[‘“]***Beginmngs,*** IV, 214. [m]***Acts,*** p. 335.

[195]EGT, II, 370.

[m]***Paul Before the Areopagus*** (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957), p. 17. [197]EGT, II, 372.

[138]A palavra “sangue”, que ocorre em algumas versões, não consta nos manuscritos mais antigos. [199]0s manuscritos mais antigos dizem “Deus” em lugar de Senhor. [m]***Beginnings,*** V, 250.

[‘‘‘‘]***Beginnings,*** IV, 219.

[™]***Beginnings,*** IV, 223.

[m]***Ibid.***

[m]Ibid.

[m]Acts, p. 344.

[206]Rackham, ***op. cit.,*** p. 325.

[207]Lumby, ***op. cit.,*** p. 319.

[208]Ramsay, ***op. cit.,*** p. 255. ***[m]Acts,*** p. 345.

™Beginnings, IV, 225.

[211]Acís, p. 346.

[212]EGT, II, 389.

[2l']Beginnings, V, 461.

[214]Ibid., p. 464. G. B. Caird ("Chronology of the NT", IDB, I, 604) diz que "a óbvia interpretação da inscrição de Delfos é que o mandato de Gálio na Acaia se estendeu de julho de 51 a junho de 52".

[215]Acís, p. 346.

[216]Ramsay, ***op. cit.,*** p. 258.

[217]Moulton e Milligan, VGT, p. 37.

[218]Liddell e Scott, ***op. cit.,*** 1,115.

[219]Rackham, ***op. cit., p.*** 331.

™Op. cit., p. 257.

[221]John Wesley, ***Explanatory Notes upon the New Testament*** (Londres: Epworth Press, 1954 [reimpressão]), p. 469.

[222]Beginnings, IV, 228.

[223]Bruce, ***Acts,*** p. 349. ***[m]0p. cit.,*** pp. 352-53. ***[m]0p. cit.,*** p. 324.

[2m]Acts, p. 349.

[227]Knowling, ***op. cit.,*** p. 393. ***[m]0p. cit.,*** p. 640.

[2W]Beginnings, IV, 230. ***[m]Acts,*** p. 350. ***[m]Op. cit.,*** p. 270. ***[m]Op. cit.,*** p. 644.

[23s]Kackham, ***op. cit.***, p. 343.

[2u]Beginnings, IV, 237. ***[m]Ibid.,*** p. 236. ***[m]Op. cit.,*** p. 841.

[237]Ibid.

[m]Op. cit., p. 648. ***[m]Beginnings,*** IV, 237. ***[m]Acts,*** p. 353.

[241]Alexander, ***op. cit,*** p. 648.

[242]T. E. Page, ***Acts ofthe Apostles*** (Londres: Macmillan and Co., 1886), p. 203.

[243]Acís, p. 354.

[M]Op. cit., p. 842.

™Op. cit., p. 653. ***[m]Op. cit.,*** pp. 53-54 ***[m]lbid,,*** p. 654.

[2iS]Beginnings, IV, 239.

[2m]Ibid. ,

[m]Ibid.

[251]A palavra “Jesus” não consta, neste texto, nos manuscritos gregos mais antigos.

[252]Hobart, ***op. cit.,*** p. 242.

[253]Ant., VII. 2.5.

[254]Deissmann, LAE, p. 252. [m]***Beginnings,*** IV, 240. [m]***Op. cit.,*** p. 659.

[267]A versão ASV, acompanhando o melhor texto grego, diz “ambos”. Mas a palavra grega para “ambos” às vezes significa “todos”.

[258]*Beginnings,* IV, 242.

[259]Adolph Deissmann, *Bible Studies,* trad. por A. Grieve (Edinburgh: T. & T. Clark, 1901), p. 223, n. 5.

[260]*Beginnings*, IV, 243.

™*Op.cit.,* p.663.

[262]Rackham, *op. cit.,* p. 362. [m]*Beginnings,* IV, 245-46.

[264]EGT, II, 411. [ms]*Acts,* p. 363. [m]*Beginnings,* V, 251. [ml]*Ibid.,* IV, 247.

[268]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 104.

[269]VGT, p. 144. [m]*Acts,* p. 366.

[271]Deissmann, LAE, pp. 121- 22.

™*Acts,* p. 367.

[2,8]*Beginnings,* IV, 250.

™Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 7. [m]*Ibid.* p. 435.

[276]EGT, II, 419.

[277]Este item não consta nos manuscritos mais antigos, e também na versão KJV, que está baseada neles.

™*Op. cit,* p. 689.

[279]Também Rackham, *op. cit.,* p. 377. [m]*Beginnings,* IV, 255.

Z81NIC, p. 408, n. 25. *miOp. cit.,* p. 689.

283Abbott-Smith, *op. cit,* p. 108. *mOp. cit.,* p. 354. *mOp. cit,* p. 380, n.5 286Lumby, *op. cit.,* p. 355.

287Bruce, *Acts,* p. 374.

288Beginnings, IV, 257-58.

289Contra, Lumby, *op. cit.,* p. 356.

290Alexander, *op. cit.,* p. 698.

mAcls, p. 375. , .

™*Op.cit ,* p.294. *mBeginnings,* IV, 258.

™*0p. cit.,* p. 699. *mIbid.*

mBeginnings, IV, 259.

297Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 287. *mIbid,* p. 122. *m0p. cit*, p. 359.

300Abbott-Smith, *op. cit,* p. 109. *miActs,* p. 379.

W2Ibid., p. 380. *mOp. cit,* p. 361. *mIbid.*

305Acís, p. 381.

306Nestle diz "Senhor" (Vaticano, século IV; cf. Phillips).

S07Lumby *op. cit.,* p. 364. *mOp. cit.,* p. 715.

309Op. *cit.,* p. 717. *mBeginnings,* IV, 264.

311Acís, p. 384. *mBeginnings,* IV, 264.

™*Ibid.*

[m]*Ibid.*

[315]Knowling, EGT, II, 441. [m]*Op. cit.,* p. 720.

[317]Ramsay, *op. cit,* p. 298. [m]*Ibid,* p. 299. [m]*Beginnings,* IV, 264-65.

[320]Acís, p. 384.

™*Op. cit.,* p. 722. [m]*Acts,* p. 385.

[S23]Bruce, *Acts,* p. 386.

[324]A expressão que com ele estávamos não aparece nos manuscritos mais antigos.

[w]*Op.cit.,p.m.*

[m]*Op. cit,* p. 729.

[m]*Op. cit.,* p. 302.

[mf]*Op. cit.,* p. 413.

[m]*Acts,* p. 389.

[330]Prederick Blass, *Philosoply ofthe Gospels* (Londres: Macmillan Co., 1898), p. 130.

“"Op. cit., p. 413.

[332]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 49.

[m]*0p. cit.,* p. 414.

[mi]*Ibid.*

™*Beginnings,* IV, 270. [m]*Op. cit.,* p. 736. [m]*Op. cit.,* p. 375.

[338]Alexander, *op. cit.,* p. 739.

[339]0p. *cit.*, p. 376. [m]*Op. cit.,* p. 251.

[U1]*0p. cit.,* p. 415.

"[a]Op. cit., p. 793.

[343]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 467,

MÍ'Beginnings, IV, 275. [u,]*lbid.*

[347]War II. 13. 5; Arai. XX. 8.6.

[348]EGT, II, 454.

[m]*Oxford English Dictionary* (Oxford: Clarendon Press, 1933), I, 389. [m]*Op. cit.,* p. 173.

"[A]Op. cit., II, i, 326. [x,2]*Acts,* p. 400. [m]*0p. cit,* p. 166.

[SM]*0p. cit,* p. 764.

'[m]Ibid.

[356]Erdman, *op. cit.,* p. 148. [w]*Ibid.*

[m]*0p. cit.,* p. 244.

™*0p.át.,* p. 766. [sm]*0p. cit.,* p. 913. [mr]*Ibid.,* p. 910.

[3e2]*Beginnings,* IV, 281.

[363]A. T. Kobertson, *A Grammar ofthe Greek New Testament in the Light ofHistorical Research* (5. ed., Nova York: Harper & Brothers, n.d.), p. 886.

[M]*Op. cit.,* p. 915.

[3S5]Arndt e Gingrich (p. 64) dizem que o verbo raro é um termo técnico jurídico e que, com a frase modificadora aqui, significa "*conceder uma audiência e usar tortura* (sob a forma de açoite), *ao mesmo tempo".*

[366]0p. *cit.,* pp, 245-46. [m]*0p. cit.,* p. 552.

[368]Blaiklock, *op. cit.,* p. 174.

[369]C. S. C. Williams (p. 246) chama a atenção para o fato de que o texto ocidental "sugere uma observação cínica feita pelo tribuno: 'Eu sei com que soma obtive esta cidadania', querendo dizer 'Até mesmo uma pessoa não respeitável como você pode obter isso hoje em dia', mas a resposta de Paulo sugere que o texto alexandrino está correto".

[370]0p. *cit.,* p. 919.

[m]*Ibid.,* **p.** 688 (sobre 16.37).

[372]W. M. Ramsay, *The Cities ofSt. Paul* (Nova York: A. C. Armstrong, 1908), p. 198. [sn]*Ibid.*

[37]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 371.

[S75]Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 693.

[376]0p. *cit.,* p. 928.

[377]*Op. cit,* p. 781.

[378]A. C. Hervey, "The Acts of the Apostles" (Exposição), *The Pulpit Commentary,* ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Exell (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 [reimpressão]), II, 211.

[m]*Op. cit,* p. 929. [m]*Beginnings,* IV, 287. [sai]*Against Apion,* II. 24. [m]*Op. cit.,* p. 395. [m]*Ibid.,* pp. 395-96.

[384]0p. *cit.,* pp. 924-29.

[385]EGT, II, 466-67. [m]*Ibid.,* p. 467.

[3S7]Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Baker Book House, 1949 [reimpressão]), p. 323.

[m]*Op. cit,,* p. 47.

[m]*Ant.* XVIII. 1.3.

[m]*Op. cit.,* II, ii, 13.

[391]War II. 8. 14.

[m]*Ant.* XVIII. 1. 4

[393]0p. cií., II, ii. 14.

[m]*Ibid.*

[3%]*Beginnings,* IV, 290.

[396]0 nome **Paulo** é omitido nos primeiros manuscritos, mas este sentido de um ministério muito pessoal do Espírito Santo é um fato bastante comprovado na experiência cristã.

[397]Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 352.

[m]*Op.cit.,* p. 943.

[sm]*Ibid.*

[400]Alfred Edersheim, *Sketches ofJewish Social Life in the Days ofChrist* (Londres: Religious Tract Society, 1876), p. 229.

[401]Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 257.

[m]*Ibid.*, p. 181.

[m]*Op. cit.,* pp. 943-44.

[v,i]*Ibid.,* p. 944.

[m]*Op. cit.,* p. 227.

^EGT, II, 471. [iW]*Op. cit.,* p. 266.

[408]Op. *cit.,p.* 173.

[409]EGT, II, 472. [m]*Op. cit.,* I, ii, 56.

[lll]H. A. W. Meyer, *Criticai and Exegetical Handbook on The Acts ofthe Apostles,* trad. por Paton Gloag (Nova York: Funk & Wagnalls, 1883), pp. 433-34.

"[2]Acts, p. 416.

[413]Lenski, *op. cit.,* p. 950.

[iU]Histories V, 9, na obra de Comelius Tacitus, *The Annals and the Histories* (Chicago: Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952), p. 297. Tácito também diz que, como Félix tinha um irmão que era o favorito do imperador, ele "pensava que podia fazer qualquer maldade com impunidade, por ser respaldado por aquele poder" *Annals* XII. 54; *op. cit.,* p. 122).

[ils]Beginnings, IV, 293.

"('Ibid., p. 295. .

[417]Hackett, *op. cit.,* p. 269. [m]*Ibid.*

[m]*Op. cit.,* II, 215-16. [m]*Beginnings,* IV, 296.

[421]NASB, "ligado em espírito", é uma exceção. [m]*Op. cit.,* p. 213.

[423]EGT, II, 476. [m]*Beginnings,* IV, 296. [m]*Op. cit.,* p. 270.

[42S]Também Bruce, *Acts,* p. 321.

[427]Beginnings, IV, 297.

[428]EGT, II, 476.

^*Ibid.,* pp. 476-77.

[m]*Ant.* XIV. 10. 8.

[431]*0p. cit.,* p. 402.

[4S2]EGT, II, 477.

[433]*0p. cit.,* I, ii, 174.

[434]*lbid.,* p. 175.

[435]Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 292.

[436]*Beginnings,* IV, 298.

[437]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 272. [m]*Ibid.,* p. 392.

[439]*Beginnings,* V, 386.

[440]EGT, II, 478.

"Schuerer, *op. cit.,* I, ii, 74. Ver também Josefo, *War* VI. 2. 4.

[442]IB, IX, 309.

[m]*War* II. 12. 8; *Ant.* XX. 7.1.

[444]*Annals,* XII, 54 *(op. cit.,* p. 122).

[445]Acís, p. 416.

[M6]EGT, II, 481.

[447]*Op. cit.,* p. 410.

[448]Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture: TheActs* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 [reimpressão]), II, 283.

[m]*Op. cit.,* p. 827.

™*lbid.*

[451]J. P. Thomton-Duesbery, "Conscience", *A Theological Word Book ofthe Bible,* ed. Alan Richardson (Londres: SCM Press, 1950), p. 52.

[4i]*Tbid.*

[m]*O*$_P$*. cit.,* p. 827.

[454]EGT, II, 484.

[455]*Acts,* p. 425. [iX]*Op. cit.,* p. 142.

[457]David Brown, "Acts-Romans", *A Commentary Criticai, Experimental and Practical on the Old and New Testaments,* de Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 [reimpressão]), VI, 167.

[433]*Op. cit.,* p. 284.

™*Op. cit.,* p. 412.

™*Op. cit.,* II, 285.

[46t]F. W. Farrar, *The Life and Work of St. Paul* (Nova York: E. P. Dutton Co., 1896), p. 543.

[462]*Beginnings,* IV, 304. [m]*Acts,* p. 426.

[464]**0** manuscrito mais antigo omite a frase **havendo ouvido estas coisas.**

[465]0p. *cit.,* p. 50. [im]*Op.cit.,* 11,285.

[467]Arndt e Gingrich *op. cit.,* p. 64. No artigo sobre esta palavra, no *Theological Dictionary ofthe New Testament,* editado por G. Kittel e

traduzido por G. W. Bromiley (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), Bultmann escreve: *"Anesis,* no seu sentido estrito, aparece em At 24.23 como 'mitigação', *i.e.,* da prisão... em outras partes é encontrada somente com o sentido metafórico de 'revigoramento' ou 'descanso'" (I, 367).

[468]0p. *cit.,* I, ii, 176-77. [im]*Op. cit.,* p. 414.

[470]Knowling, EGT, II, 490. [in]*War* II. 14.1.

[472]EGT, II, 489. [m]*Op. cit.,* I, ii, 184. [m]*Beginnings,* IV, 306.

™*Ibid,,* V, 471.

™*Acts ofthe Apostles,* p. 7, n. 1.

[477]HDB, I, 425.

[478]Acfs, pp. 428-29.

[479]IDB, I, 605.

[480]Lenski, *op. cit.,* p. 990. "Os representantes do Sinédrio, investidos de autoridade". [m]*War* I. 12. 5.

[462]0p. *cit.,* I, ii, 15, n.8.

[488]Robertson, *Word Pictures,* III, 430. [m]*Op. cit.,* p. 966. [m]*Ihid.,* p. 997. [im]*Op. cit.,* II, ii. 59.

[487]Acís, p. 432. [m]*Ibid.,* p. 433. [m]*Op. cit,* II, ii, 195.

"[M]*Ibid.,* pp. 195-96.

""*Op. cit.,* p. 456. [m]*lbid.*

[m]*Ibid,,* p.460.

""*Op. cit.,* I, 375. [m]*Op. cit,* p. 172.

[496]VGT, p. 139.

[497]Op. *cit.,* p. 127.

[m]*0p. cit.,* p. 460.

[499]Ernest D. Burton, *Syntax of the Moods and Tenses in New Testament Greek* (2. ed., Chicago: University Press of Chicago, 1893), p. 16.

[mo]*Op. cit.,* p. 125. [m]*Op. cit,* p. 462.

[502]Thayer, *op. cit.,* p. 649. [m]*Acts,* p. 437. [m]*Ibid.*

[505]Deissmann, *Bible Studies,* p. 232. [hm]*Op. cit.,* p. 865.

[507]Knowling, EGT, II, 499.

[508]LAE, p. 353.

™*Op. cit.,* p. 39.

[510]Op. *cit.,* p. 423. [m]*Op. cit.,* p. 462.

[512]Blass e Debrunner, *op. cit.,* p. 176 (#341).

[513]James Hope Moulton,Â *Grammar ofNew Testament Greek,* I (3. ed.; Edinburgh: T. & T. Clark, 1908), 148.

[514]0p. *cit.*, II, ii, 197.

™*Ibid.*

[51S]EGT, II, 502.

[511] *Op. cit.,* p. 874.

[518]*Ibid.*

[519]EGT, II, 502.

™*Acts,* p. 442.

[521]0 nome Agripa não consta nos manuscritos mais antigos.

[522]EGT, II, 503. [m]'*Acts,* p. 442.

[524]Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 901.

™*Ibid.*

™*Op. cit.,* p. 284.

™*Acts,* p. 443. [m]*Op. cit.,* p. 1033.

[529]Acís, p. 443.

[530]J. Gresham Machen, *The Origin ofPauVs Religion* (Nova York: Macmillan Co., 1921), pp. 60-62. {'"*Beginnings,* IV, 319.

™*Ibid.*

[533]Lumby, *op. cit.,* p. 429.

[534]John Albert Bengel, *Gnomon ofthe new Testament,* trad. Andrew R. Fausset (4. ed., Edinburgh: T. & T. Clark, 1860), II, 717.

[635]Por exemplo, Lenski (p. 1040), Alexander (p. 880), Knowling (p. 507), Alford (II, 280).

[536]0p. *cit.,* p. 443.

:>r'*Op. cit.,* p. 717.

[538]John Wesley, *Works* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.), XI, 446.

™*Op. cit.,* p. 1041.

[540]De um total de 29 vezes no Novo Testamento.

[541]Abbott-Smith, *op. cit.,* pp. 4-5.

M2Theological Dictionary ofthe New Testament, ed. Gerhard Kittel, traduzido e editado por G. W. Bromiley, I (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), III.

[64]7òid.p. 112. *suOp. cit.,* p. 53.

™*Ibid.,* p. 54.

[546]0p. *cit.,* p. 6.

[547]George E. Ladd, "The Acts ofthe Apostles", *Wycliffe Bible Commentary,* ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1962), p. 1173.

mOp. cit., pp. 882-83.

[549]Qp. *cit.,* II, 267.

[560]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 171.

[551]Cf. Wesley, *Works,* VIII, 55-56.

™*Ibid.,* XI, 374.

[553]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 275. *mBeginnings,* IV, 321.

[555]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 347.

[566]0p. *cit.,* p. 891.

[557]Op. cit., pp. 175-76.

[558]0p. *cit.,* II, 283. *rmOp. cit.,* p. 289.

[Ym]*Op. cit.,* p. 444. [xl]*Op. cit.,* p. 433.

[562]0p. ctí.,p.326. [m%]*Op.cit.,* p. 1057.

[564]Bruce, *Acts,* p. 449.

[5S5]*Ibid.*

™*Ibid.*

[667]0p. *cit.,* II, 327.

[m]*0p. cit.,* p. 1059.

[569]Nova York: Charles Scribner's Sons, 1920.

[570]James Smith, *The Voyage and Shipwreck ofSt. Paul* (4. ed., Londres: Longmans, Green, and Co., 1880), p. 61, n. 1.

[5n]*Op. cit,* p. 227.

[572]IB, IX, 331.

[573]Ramsay, SPT, p. 314. [m]*Beginnings,* V. 443-44. [m]*Op. cit,* p. 189.

™*Beginnings,* V, 444.

[577]01af Moe, *The Apostle Paul,* traduzido por L. A. Vigness (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1950), p. 441.

[5715]VGT, p. 690.

[579]William Barclay, *The Acts of the Apostles* ("The Daily Study Bible"; Filadélfia: Westminster Press, 1953), p. 199.

[580]*Beginnings,* III, 241. .

[581]HDB, V, 379-80. [m]*Op. cit,* p. 128.

[583]0p. *cit,* p. 28.

*Wòi**Ibid.,* p. 76. *[m]Ibid.,* p. 77.

[5m]op. cit., p. 625.

[587]0p. *cit,* p. 77.

™*[a]Beginnings,* IV, 328.

[589]0p. *cit.,* p. 295.

[594]SPT, p. 322.

™*Ibid.*

[m]Ibid., p. 321.

[597]0p. *cit.,* p. 294.

[598]HDB, I, 424.

[599]0p. *cit.,* p. 18.

"Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962, p. 227.

[601]Ed. G. A. Buttrick (Nova York: Abingdon Press, 1962), I, 607.

[602]Acís, pp. 455-56.

[m]0p. cit., p. 10.

,[VM]Op. cit., p. 906. *[ws]Ibid.*

[606]Arndt e Gingrich, *op. cit,* p. 457. [607]Ibid., p. 536.

[608]SPT, p. 324. *[m]Tbid.,* p. 323.

[610]Acís, p. 454. *[sll]Beginnings,* V, 329. *[a]Tbid.,* V, 342-43. *[ei]Tbid.,* p.

343. [eu]*Ibid.* [m]*Ibid.*

[m]*Op. cit.,* p. 88. [fi17]Também Bruce, *Acts,* p. 457. [618]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 42. [m]*Op. cit.,* p. 23.

[620]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 42. [m]*Op. cit*., pp. 98-99.

[622]Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 654.

[62S]*Ibid.* p. 144.

[624]Aristóteles, *Rhetoric* II. 5 *(The Works of Aristotle.i*Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1952], II, 629).

[625]0p. *cit.,* p. 108. [m]*Ibid.,* p. 109. [eãl]*Beginnings,* V, 348.

[828]SPT, p. 328.

[<ai]*Beginnings,* IV, 333.

[630]Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 243. [m]*Op. cit.,* p. 111.

[6S2]*Ibid.,* p. 112.

[633]SPT, p. 329.

[634]Smith, *op. cit.,* pp. 124-28.

[™]*Ibid.* p. 116. [m]*Ibid.* pp. 117-19.

[637]*Op. cit.,* p. 115.

[638]EGT, II, 527.

[689]*Op. cit.*, p. 644.

[m]*Ibid.,* p. 621. [m]*lbid.,* p. 88.

[642]Bruce, *Acts,* p. 462.

[U3]*0p. cit.,* p. 441.

[644]EGT, II, 529.

[Ub]*0p. cit.,* p. 120, n.l.

[M6]SPT, pp. 334-35.

[M1]*0p. cit,* p. 131.

[648]Bruce *(Acts,* p. 465) comenta: "Este uso de*pros* com o genitivo é literário, e é a única vez em que aparece no Novo Testamento". Blass e Debrunner (*op. cit.,* p. 125) dizem que significa "para", e assim "no interesse de, para a vantagem de".

[649]0p. *cit,* p. 444.

™*Ibid,*

[mi]*Beginnings,* IV, 336.

[6b2]*Acts,* p. 466.

[653]Josefo *Life* 3.

[654]0p. *cit.*, p. 445.

[655]Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 651.

[6b6]*Beginnings,* IV, 338. [mi]*lbid.*

[m]*Op. cit.,* pp. 136-41.

,[m]*Ibid.,* pp. 142-43. [m]*Ibid.,p.* 144. [mi]*Ibid.*

[662]SPT, p. 341.

™*lbid.*

[m,]*Ibid.*

[m5]*0p. cit,* II, 301. [m]*Op. cit,* p. 151.

[mi]*Op. cit.,* p. 314. .

[668]*Beginnings,* IV, 341.

[ÍJ,B]Hobart, *op. cit.*, p. 288. [m]*Ibid.,*p. 51. [en]*Beginnings,* IV, 342. [mí]*Luke the Physician,* p. 179. [lm]*Beginnings,* IV, 342. [m]*Ibid.*

[m]*lbid.* .

[676]EGT, II, 541.

[677]0p. *cit.,* p. 208.

[en]*Ibid.*

™*Op. cit.,* p. 450. [m]*Beginnings,* IV, 343. [m]*Ibid.*

™*War* II. 10. 5.

[683]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 343.

^*Beginnings,* IV, 343.

•*SPT, p. 345.

[686]Smith, *op. cit.,* p. 156.

[B87]A maioria dos manuscritos traz o termo *perielthontes,* que significa literalmente "estando por ali". Os manuscritos Vaticano e Sinaítico (do séc. IV) trazem *perielontes.* Sobre o último, Bruce escreve: "Parece ser um termo náutico, cujo significado não conseguimos determinar" (*Acts,* p. 474). Mas o sentido geral da afirmação parece bem representado nas traduções recentes.

[e88]Smith, *op. cit.,* pp. 156-57. Uma milha náutica corresponde a aproximadamente 6.080 pés. [m]*Ibid.*, p. 157.

[690]SPT, p. 347. [mi]*Beginnings,* IV, 345. [m2]*Ibid.*

[693]EGT, II, 544.

[694]Acís, p. 475.

[695]*Beginnings,* IV, 345. [m]*Acts,* p. 477.

[697]Thayer, *op. cit.,* p. 140. [m]*0p. cit.,* II, 380-81. [m3]*lbid.*, p. 381.

[700]Acís, p. 479.

[701]SPT, p. 360.

[702]*Beginnings,* V, 326. [im]*lbuL,* p. 330. [m]*Acts,* p. 480. [m]*Op. cit.,* p. 194.

"^Beginnings, IV, 348.

[707]Amdt e Gingrich, *op. cit.,* pp. 635-36. [m]*Ibid.,* p. 33. [m]*Ibid.,<p.* 636.

[710]Maclaren, *op. cit.,* p. 384.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Alexander, Joseph A. *Commentary on theActs oftheApostles.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1956 (reimpressão). '

Alford, Henry. The GreekTestament. Revisado por Everett F.Harrison. Chicago: Moody Press, 1958.

Barnes, Albert. *Notes on the New Testament.* Grand Rapids: Baker Book House, 1949 (reimpressão).

Bengel, John Albert. Gnomon of the New Testament. Traduzido por Andrew R. Fausset. Quarta edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1860.

Bicknell: E. J. "The Acts of the Apostles." *A New Commentary on Holy*

Scripture. Editado por Charles Gore, H. L. Goudge, e Alfred Guillaume. New York: Macmillan Co., 1928.

Blaiklock, E. M. *TheActs oftheApostles.* "The Tyndale New Testament Commentaries." Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

Blunt, A. W. F. *The Acts of Apostles.* "The Clarendon Bible." Oxford: Clarendon Press, 1923.

Brown, David. "Acts-Romans." A Commentary Criticai, Experimental and Practical on the Old and New Testaments. De Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing CO., 1948 (reimpressão).

Bruce, F. F. *The Acts of the Apostles:* The Greek Text with Introduction and Commentary. Chicago: Inter-Varsity. Christian Fellowship, 1952 (lst Am. ed.). Citado em Atos.

_. "The Acts of the Apostles." *The New Bible Commentary.* Editado por F. Davidson. Grand

Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953. Cited como NBC.

_. *Commentary on the Book of. Acts.* "The New International Commentary on the New

Testament." Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954. Citado como NIC.

Calvin, John. *Commentary upon the Acts of the Apostles.* Editado por Henry Beveridge. 2 vols. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949 (reimpressão).

Carter, Charles W., e Earle, Ralph. *The Acts ofthe Apostles.* "Evangelical

Commentary on the Bible." Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959.

Erdman, Charles R. *TheActs.* Philadelphia: Westminster Press, 1919.

Foakes-Jackson, F. J. *The Acts ofthe Apostles.* "The Moffatt New Testament Commentary." New York: Harper & Brothers, n.d.

Gloag, Paton J. A *Criticai and Exegetical Commentary on theActs oftheApostles.* 2 vols. Edinburgh: T. & T. Clark, 1870.

Hackett, H. B. A *Commentary on the Acts ofthe Apostles.* Edição revisada. Philadelphia: American Baptist Publication Society, 1882.

Hekvey, A. C. "The Acts of the Apostles" (Exposition). *The Pulpit Commentary.* Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. EXELL. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reimpressão).

Jàckson, F. J. Foakes, e LAKE, Kirsopp. *The Beginnings of Christianity.* Parte I: *TheActs ofthe Apostles,* Vol. IV. Londres: Macmillan & Co., 1933.

Knowling, R. J. "The Acts of the Apostles." *The Expositors Greek Testament.* Editado por W. R. Nicoll. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d.

Ladd, George E. "The Acts of the Apostles." *Wycliffe Bible Commentary.* Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

Leckler, G. V. "Acts" (Exegesis). *Commentary on the Holy Scriptures.* Editado por J. P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Lenski, R. C. H. *The Interpretation ofthe Acts ofthe Apostles.* Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1944.

Lumby, J. Rawson. *The Acts ofthe Apostles.* "Cambridge Greek Testament." Cambridge: University Press, 1885.

Macgregor, G. H. C. "The Acts of the Apostles" (Exegesis). *The Interpreter's Bible.* Editado por G. A. Buttrick, Vol. IX. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1954.

Maclaren, Alexander. Expositions of Holy Scripture: The Acts. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 (reimpressão).

Meyer, H. A. W. Criticai and Exegetical Handbook to the Acts of the Apostles. Traduzido da quarta edição em Alemão da obra de Paton Gloag. Revisado e editado por W. P. Dickson. Edição Americana William Ormiston. New York: Funk & Wagnalls, 1883.

Page, T. E. *Acts of the Apostles.* Londres: Macmillan and Co., 1886.

Plumptre, E. H. "The Acts of the Apostles." *Commentary on the Whole Bible.* Editado por Charles John Ellicott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Rackham, R. B. *The Acts of the Apostles.* 18ª edição. "Westminster Commentaries." Londres: Methuen & Co., 1919.

Robertson, A. T. *Word. Pictures in the New Testament,* Vol. III. New York: Richard R. Smith, 1930.

Wesley, John. *Explanatory Notes upon the New Testament.* Londres: Epworth Press, 1954 (reimpressão).

Williams, C. S. C. *A Commentary on the Acts of the Apostles.* "Harper's New Testament Commentaries." New York: Harper & Brothers, 1957.

Winn, Albert C. "The Acts ofthe Apostles." *The Layman's Bible Commentary.* Editado por Balmer

H. Kelly, Vol. XX. Richmond, Va.: John Knox Press, 1960.

II. OUTROS LIVROS

Abbott-Smith, G. â *Manual Greek Lexicon ofthe New Testament. 2-* edição.

Edinburgh: T. & T. Clark, 1923. .

Andrews, Samuel. *The Life of OurLord upon the Earth.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 (reimpressão).

Arndt, W. F., e Gingrich, F. W. A *Greek-English Lexicon ofthe New Testament and Other Early Christian Literature.* Chicago: University of Chicago Press, 1957. '

Blass, Frederick. *Philology ofthe Gospels.* Londres: Macmillan Co., 1898.

Blass, F., e Debrunner. *A Greek Grammar ofthe New Testament and Other Early Christian Literature.* Traduzido e revisado por Rorert W. Funk. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

Bowen, C. R. *Studies in the New Testament.* Editado por R. J. Hutcheson. Chicago: University of Chicago Press, 1936.

Burton, Ernest D. *Syntax ofthe Moods and Tenses in New Testament Greek.* 2S edição. Chicago: University of Chicago Press, 1893.

Cadbury, Henry, Jr. *The Book ofActs in History.* New York: Harper & Brothers, 1955.

_. *The Making ofLuke-Acts.* New York: Macmillan Co., 1927.

Clogg, F. B. *An Introduction to the New Testament.* New York: Charles Scribner's Sons, 1937.

Conybeare, W. J., e Howson, J. S. The Life and Epistles of St. Paul. New York: Charles Scribner's Sons, 1894.

Cremer, Hermann. *Biblico-Theological Lexicon ofNew Testament Greek.* Traduzido por William Urwick. Edinburgh: T. & T. Clark, 1878.

Deissmann, Adolph. *Bible Sudies.* Traduzido por Alexander. Grieve. Edinburgh: T. &. T. Clark, 1901.

_. *Light from the Ancient East.* Traduzido por L. R. M. Strachan, New York: George H. Doran

Co., 1927.

Farmer, W. R. Maccabees, Zealots, and Josephus. New York: Columbia University Press, 1956.

Farrar, F. W. The Life and Work of St. Paul. New York: E. P. Dutton Co., 1896.

Goodspeed, Edgar J. *An Introduction to the New Testament.* Chicago: University of Chicago Press, 1937.

Grant, Robert M. A *Historical Introduction to the New Testament.* New York: Harper & Row, 1963.

Harnack, Adolph. *TheActs ofthe Apostles.* Traduzido por J. R. Wilkinson. New York: G. P. Putnam's Sons, 1909.

__. The Date of the Acts and of the Synoptic Gospels. Traduzido por J. R. Wilkinson. New York:

G. P. Putnam's Sons, 1911.

_. *Luke the Physician.* Traduzido por J. R. Wilkinson. Londres: Williams & Norgate, 1907.

Henshaw, T. *New Testament Literature.* Londres: George Allen & Unwin, 1952.

Hobart, W. K. *The Medicai Language of St. Luke.* Grand Rapids: Baker Book House, 1954 (reimpressão).

Kittel, Gerhard (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament.* Traduzido e editado por Geoffrey W. Bromiley, Vol. I. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.

Knox, John. *Marcion and the New Testament.* Chicago: University of

Chicago Press, 1942.

Lake, Kirsopp, e Lake, Silva. *An Introduction to the New Testament.* New York: Harper & Brothers, 1937.

Liddell, Henry G., e Scott, Robert. *A Greek-English Lexicon.* Revisado por Henry S. Jones. Oxford: Clarendon Press, 1940.)

Lightfoot, J. B. *St. PauVs Epistle to the Galatians.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Major, H. D. A., Manson, T. W., e Wright, C. J. The Mission and Message of Jesus. New York: E. P. Dutton & Co., 1938.

Major, Joseph B. *The Epistle of St. James.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 (reimpressão)

Moe, Olaf. *The Apostle Paul.* Traduzido por L. A. Vigness. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1950.

Moffat, James. An Introduction to the Literature of the New Testament. 3[8] edição. New York: Charles Scribner's Sons, 1918.

Moulton, James Hope. *A Grammar ofNew Testament Greek,* Vol. I, "Prologomena." 3® edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1908.

Moulton, James Hope, e Milligan, George. The Vocabulary of the Greek Testament Ilustrated from the Papyri and Other Non-literary Sonrces. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949. .

Ramsay, W. M. *The Cities ofSt. Paul.* New York: A. C. Armstrong & Son, 1908.

_. *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen.* Grand Rapids: Baker Book House, 1949

(reimpressão).

Robertson, A. T. *A Grammar ofthe Greek New Testament in the Light*

ofHistorical Research. 5® edição. New York: Harper & Brothers, s.d.

_. *Luke the Historian in the Light of Research.* New York: Charles Scribner's Sons, 1920.

Schuerer, Emil. *A History ofthe Jewish People in the Time of Jesus Christ.* Edinburgh: T. & T. Clark, 1885.

Scott, E. F. *The Literature ofthe New Testament.* New York: Columbia University Press, 1936.

Selwyn, E. G. *The First Epistle ofPeter.* 2® edição. Londres: Macmillan & Co., 1947.

Smith, James. The Voyage and Shipwreck of St. Paul. 4® edição. Londres: Longmans, Green, and Co., 1880.

Stonehouse, Ned. *Paul Before the Areopagus.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.

Thayer, Joseph H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament.* Edição corrigida. New York: American Book Co., 1889.

Torrey, C. C. *The Composition and Date ofActs.* Cambridge: Harvard University Press, 1916.

Wesley, John. *Works.* 14 vols. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Wikenhauser, Alfred. New Testament Introduction. Traduzido por Joseph Cunningham. New York: Herder & Herder, 1958. -

Zahn, Theodor. *Introduction to the New Testament*, Traduzido por John Trout, *et al.* 3 vols. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 (reimpressão).

III. ARTIGOS

Blunt, A. W. F. "Pentecost, Feast of." Revisado por D. R. Jones.

Dictionary ofthe Bible. Editado por James Hastings. Edição revisada por F. C. Grant e H. H. Rowley. New York: Charles Scribner's Sons, 1963.

Dosker, Henry E. "Pentecost." *The International Standard Bible Encyclopedia.* Editado por James Orr. Edição revisada. Chicago: Howard-Severance Co., 1929.

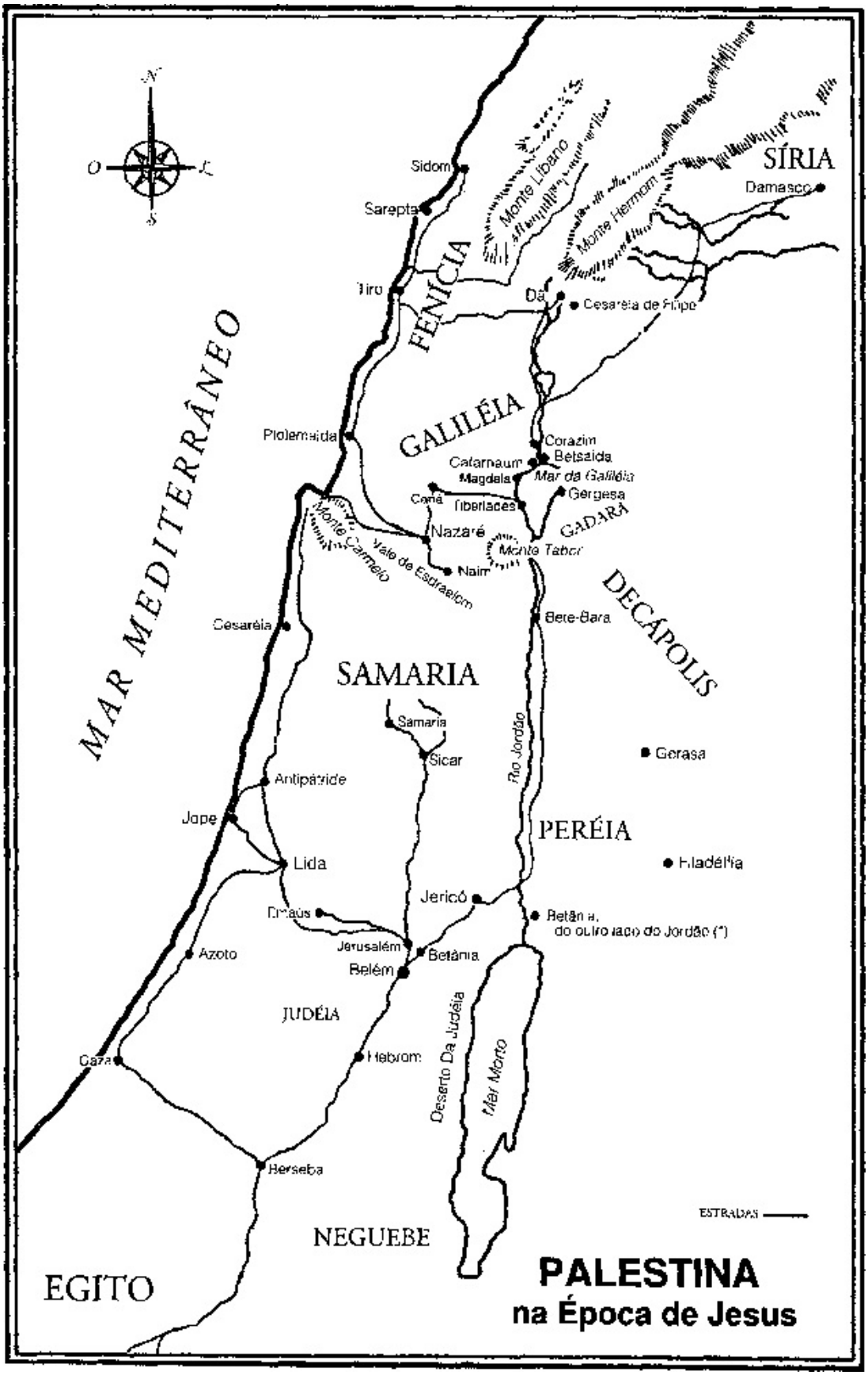
Purves, G. T. "Pentecost." A *Dictionary of the Bible.* Editado por James Hastings, Vol. III. New York: Charles Scribner's Sons, 1900.

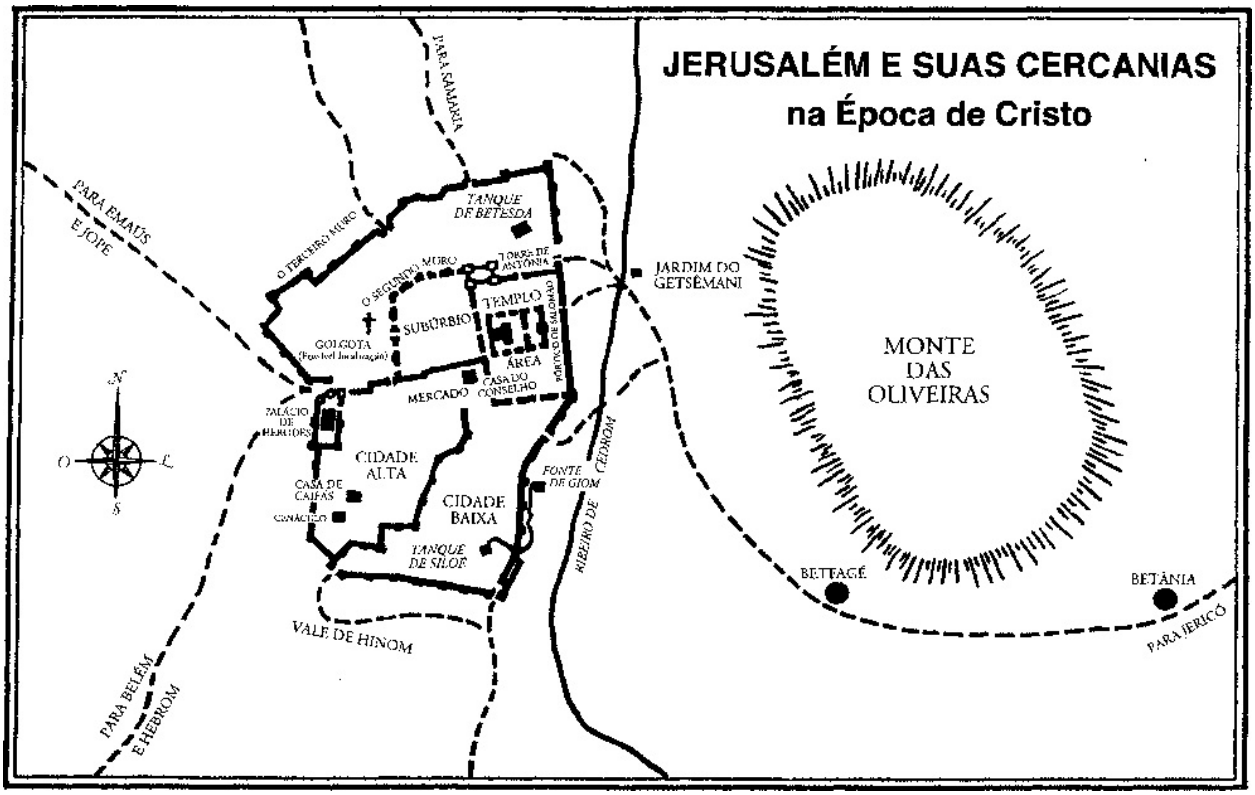
Ramsay, W. M. "Roads and Travei (in NT)." *A Dictionary ofthe Bible.* Editado por James Hastings. New York: Charles Scribner's Sons, 1904.

Taylor, F. J. "Passion." ATheological Word Book ofthe Bible. Editado por Alan Richardson. Londres: SCM Press, 1950.

Wheaton, David H. "Passion." *Baker's Dictionary of Theology.* Editado por Everett F. Harrison .Grand Rapids: Baker Book House, 1960.

Mapa 1


N
O
L
S
Sidom
Sarepta
Tiro
Monte Líbano
Monte Hermom
SÍRIA
Damasco
FENÍCIA
Dã
Cesaréia de Filipe
MAR MEDITERRÂNEO
Ptolemaida
GALILÉIA
Corazim
Betsaida
Cafarnaum
Magdala
Mar da Galiléia
Gergesa
Caná
Tiberíades
Nazaré
GADARA
Monte Carmelo
Vale de Esdraelom
Monte Tabor
Naim
DECÁPOLIS
Cesaréia
Bete-Bara
SAMARIA
Samaria
Sicar
Rio Jordão
Gerasa
Antipátride
Jope
PERÉIA
Filadélfia
Lida
Jericó
Emaús
Betânia, do outro lado do Jordão (*)
Jerusalém
Betânia
Azoto
Belém
JUDÉIA
Deserto Da Judéia
Mar Morto
Gaza
Hebrom
Berseba
ESTRADAS
NEGUEBE
EGITO
PALESTINA
na Época de Jesus

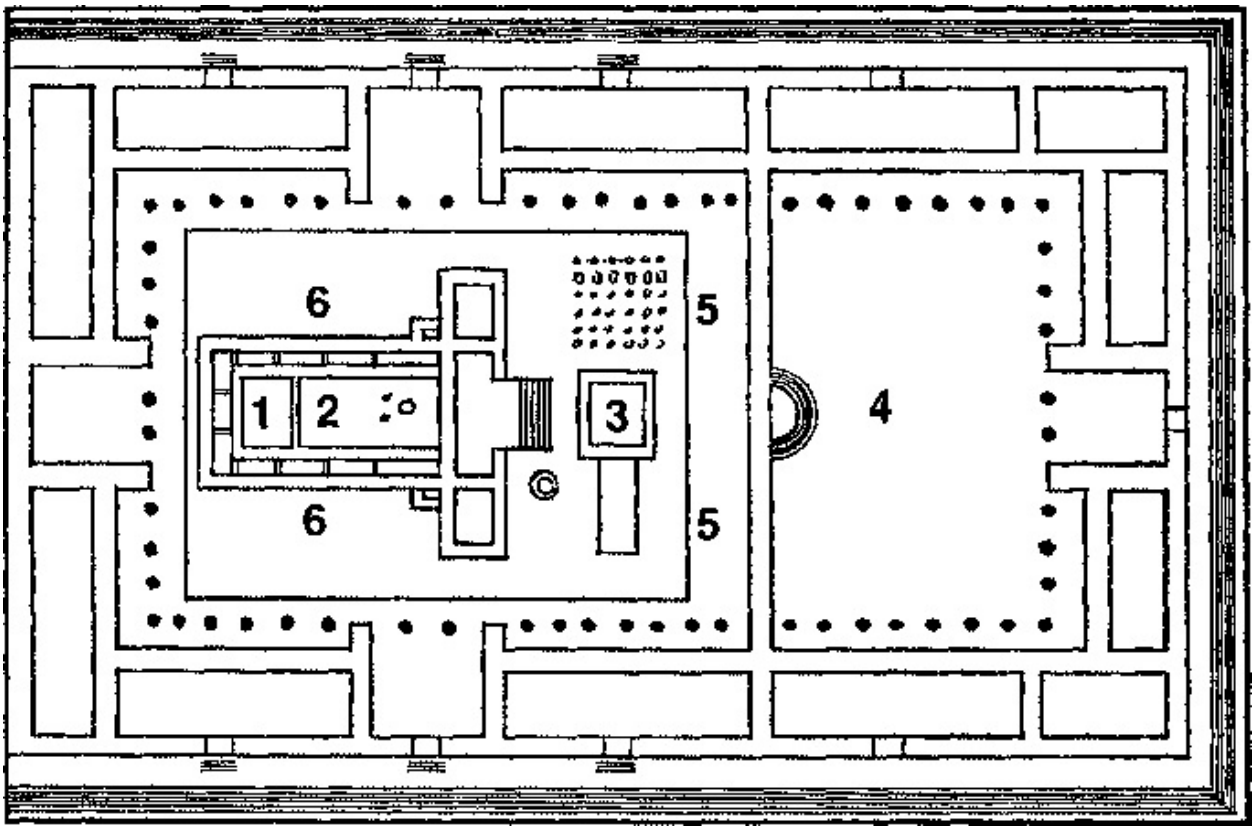

JERUSALÉM E SUAS CERCANIAS
na Época de Cristo
PARA SAMARIA
PARA EMAÚS E JOPE
TANQUE DE BETESDA
O TERCEIRO MURO
O SEGUNDO MURO
TORRE DE ANTÔNIA
JARDIM DO GETSÊMANI
SUBÚRBIO
TEMPLO
GÓLGOTA (Possível localização)
ÁREA
PÓRTICO DE SALOMÃO
CASA DO CONSELHO
MERCADO
MONTE DAS OLIVEIRAS
PALÁCIO DE HERODES
CIDADE ALTA
CASA DE CAIFÁS
CONVÍCIO
CIDADE BAIXA
FONTE DE GIOM
RIBEIRO DE CEDRON
TANQUE DE SILOÉ
VALE DE HINOM
BETFAGÉ
BETÂNIA
PARA JERICÓ
PARA BELÉM E HEBROM
N
O
L
S

Mapa 2


O MUNDO MEDITERRÂNEO
na Época de Paulo
EUROPA
Mar Negro
ITÁLIA
Mar Adriático
Roma
Três Vendas
Praça De Ápio
Putéoli
MACEDÔNIA
Filipos
Anfípolis
Neápolis
Tessalônica
Beréia
Apolônia
TRÁCIA
Trôade
Adramítio
BITÍNIA
PONTO
GALÁCIA
Assôs
Pérgamo
Tiatira
Mitilene
ÁSIA
Sardes
CAPADÓCIA
Nicópolis
ACAIA
Mar Egeu
Filadélfia
Antioquia
Esmirna
Quios
Éfeso
Hierápolis
Colossos
PÍSIDIA
Icônio
Listra
Derbe
Laodicéia
SAMOS
Mileto
CILÍCIA
Tarso
PANFÍLIA
Perge
PATMOS
Cnido
Rodes
Pátara
Mira
RODES
Selêucia
Antioquia
SICÍLIA
Régio
Siracusa
Corinto
Cencréia
Atenas
MALTA
Fenice
CRETA
Cabo Salmona
Lasséa
Bons Portos
Salamina
SÍRIA
Pafos
CHIPRE
MAR MEDITERRÂNEO
Sidom
Damasco
Tiro
Ptolemaida
Casaréia
Samaria
Jope
Jericó
Jerusalém
Gaza
Cirene
LÍBIA
Alexandria
N
O
L
S

Mapa 3

Templo de Herodes

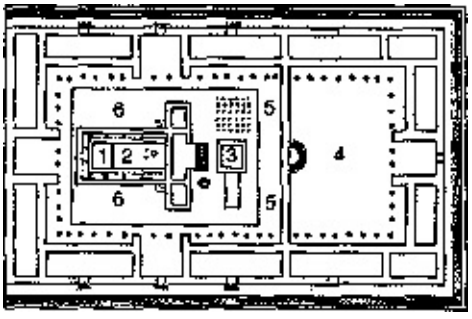


cÁ°

Torre de Antônia

Ó Ò

1. Santo dos Santos



Átrio dos Gentios

2. Lugar Santo

3. Altar da Oferta Queimada

4. Átrio das Mulheres

5. Átrio de Israelitas

6. Átrio dos Sacerdotes

M*<*tM*<*itt*41«**{ •{ •«*«< .'*i • •***•:• *4 * ♦ « * «

<«<«»**•* *|« | ‘ » 4 « * I» «1 * t «***•

APARIÇÕES DE JESUS APÓS A RESSURREIÇÃO

(1) A MARIA MADALENA

(Marcos 16.9-11; João 20.11-18)

(2) A OUTRAS MULHERES

(Mateus 28.9-10; Lucas 24.9-11)

(3) A DOIS DISCÍPULOS no CAMINHO DE EMAÚS

(Marcos 16.12-13; Lucas 24.13-35)

(4) A SIMÃO PEDRO

(Lucas 24.33-35; 1 Coríntios 15.5)

(5) Aos DISCÍPULOS (na ausência de Tomé)

(Marcos 16.14; Lucas 24.36-48; João 20.19-25)

(6) A TOMÉ e OUTROS DISCÍPULOS

(João 20.26-31; 1 Coríntios 15.5)

(7) A SETE DISCÍPULOS no MAR DA GALILÉIA

(João 21.1-23)

(8) A MAIS DE QUINHENTAS PESSOAS

(1 Coríntios 15.6)

(9) A TIAGO

(1 Coríntios 15.7)

(10) Aos ONZE (A Grande Comissão)

(Mateus 28.16-20; Marcos 16.15-18)

(11) Aos DISCÍPULOS no MONTE DAS OLIVEIRAS

(Marcos 16.19-20; Lucas 24.50-53; Atos 1.9-12)

(12) Ao APÓSTOLO PAULO

(1 Coríntios 15.8)

Autores deste volume

JOSEPH H. MAYFIELD

Vice-presidente de Residência no Campus, professor de Filosofia e Novo Testamento Grego, Northwest Nazarene College, Nampa, Idaho. A.B., Pasadena College; M.A., University of Southern Califórnia; D.D., Pasadena College. Curso de graduação na Columbia University e na Claremont Graduate School.

RALPH EARLE

Professor de Novo Testamento, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. A-B., Eastern Nazarene College; M.A., Boston University; B-D., Th.D., Gordon Divinity School, Títulos de pós-doutorado foram obtidos nas universidades de Harvard e Edinburgh.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Em Dez Volumes

Volume I. Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio

Volume II. Josué; Juizes; Rute; 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; 1 e 2 Crônicas; Esdras; Neemias; Ester Volume III. Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cantares de Salomão Volume IV. Isaías; Jeremias; Lamentações de Jeremias; Ezequiel; Daniel

Volume V. Oséias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu; Zacarias; Malaquias

Volume VI. Mateus; Marcos; Lucas

Volume VII. João; Atos

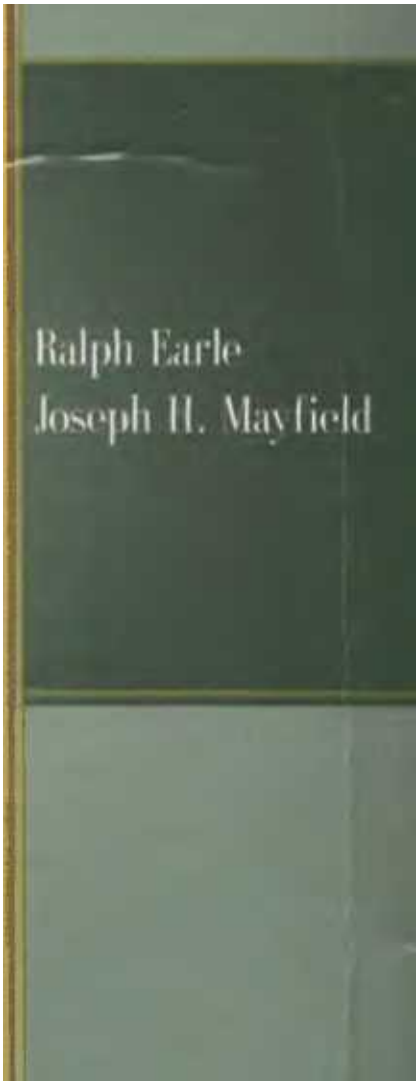
Volume VIII. Romanos; 1 e 2 Coríntios

Volume IX. Gálatas; Efésios; Filipenses; Còlossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito; Filemom

Volume X. Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas; Apocalipse

0 *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.


7
João a Atos
Comentário Bíblico
Beacon



Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0691-X

9 788526 306912

Referência / Comentário